

senhor TEMPESTADE

ELE PERDEU TUDO O QUE ELA SEMPRE QUIS



LUCY FOSTER



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

senhor TEMPESTADE

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Lucy Foster

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Leila Maia

Capa: Bruna Cristina

Diagramação Digital: April Kroes

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Dedicatória](#)

[Epigrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

PERIGOSAS ACHERON

Dedicatória

A todo coração ferido, que possa encontrar o seu sol depois de cada tempestade. Ele estará lá, e voltará a brilhar. Confie!

Epigrafe

É preciso que eu suporte duas ou três larvas
se quiser conhecer as borboletas.

*O Pequeno Príncipe - Antoine de Saint-
Exupéry*

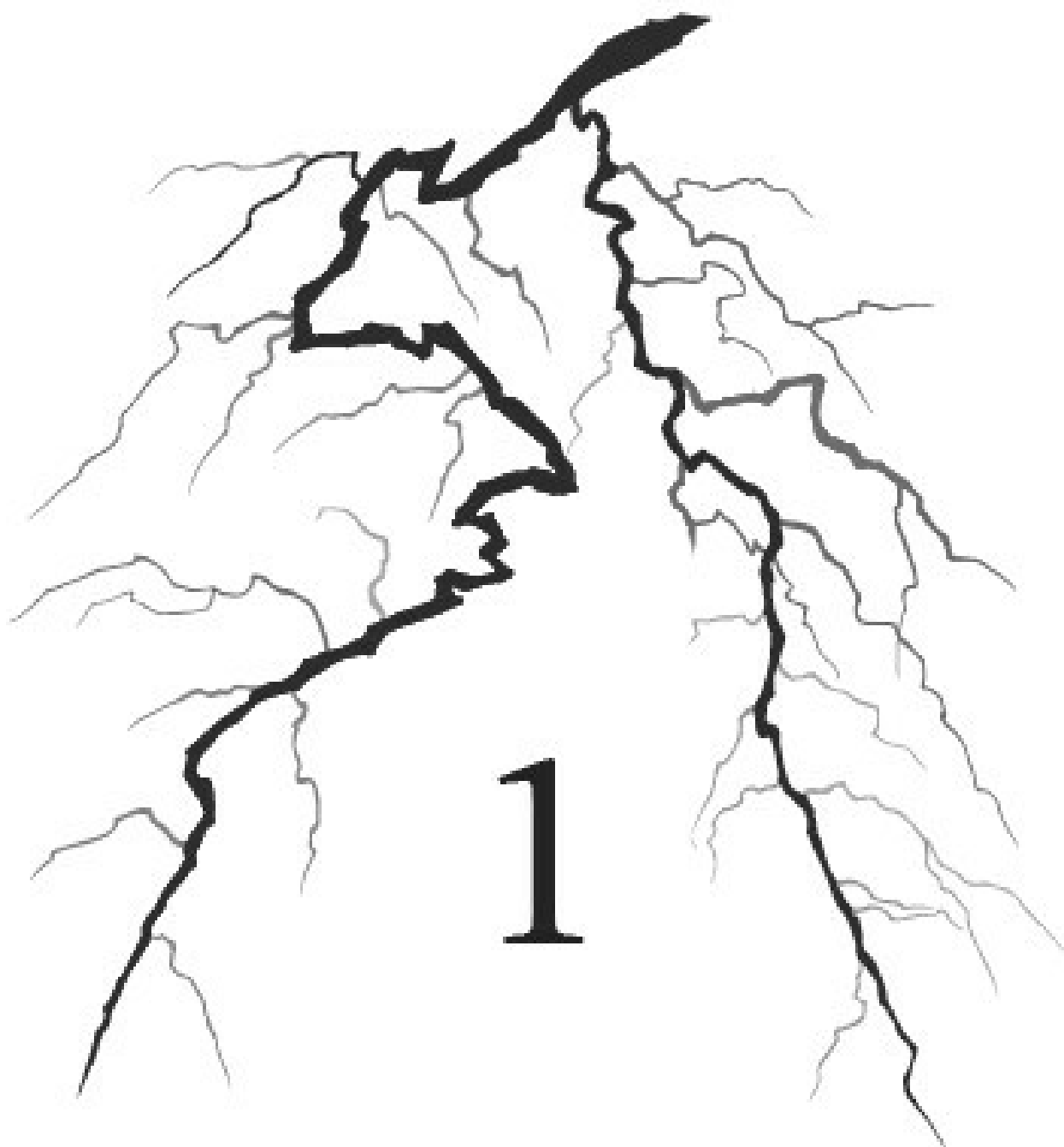
Prólogo

A nossa passagem pela terra deve ser como a escrita de um livro, um daqueles roteiros onde existe um começo, um meio, um ápice e um final. O roteirista que escreveu a minha é um filho da puta, devo dizer logo, antes de mais nada. Só sendo mesmo muito filho da puta pra me dedicar um capítulo como esse. A única dúvida que eu tenho agora é se estou vivendo o ápice ou o final.

Se o ápice traz uma avalanche de sentimentos, e o final traz... o fim, bem, devo estar nessa parte. Porque a avalanche de sentimentos já passou e agora eu sinto somente um imenso vazio. Gostaria muito de sentir outras coisas. Raiva.

Tristeza. Revolta, talvez? Mas o buraco que se instalou em meu peito parece ter criado morada permanente.

Esse sou eu, Gael Prieto, e hoje é o pior dia da minha vida. O dia em que eu perdi tudo.



Sinto os primeiros pingos da chuva que vinha ameaçando desabar batendo em meu rosto, mas nem isso me fez diminuir o passo ou sequer

pensar em parar de andar. Já venho caminhando há tanto tempo que deveria, a esse ponto, estar sentindo alguma coisa além do insuportável vazio em meu peito. Mas não sinto nada, nem cansaço, nem câimbras. Sinto frio, mas não posso dizer que isso, talvez, esteja relacionado com a temperatura do dia. É um frio interno, que vem de dentro. Cadavérico.

“Sinto muito, senhor Prieto. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance.”

Continuo ouvindo a voz do médico sendo alternada pela voz de meu pai, que me telefonara horas antes pedindo que eu fosse ao hospital.

“Gael, filho, é a Mel. Você precisa correr.”

Como pode tudo desandar em tão pouco tempo?

A chuva aumenta, as ruas estão vazias e logo vai amanhecer. Eu não tenho ideia de que horas são, sequer sei onde estou agora, tudo o que eu vejo é um borrão. Quero somente continuar andando, sem rumo, até desabar de exaustão.

Tomara que eu morra no processo.

O toque insuportável do celular me faz

PERIGOSAS ACHERON

parar, não antes de sentir uma pontada no peito. Esse toque foi ela quem escolheu. A “Marcha Imperial” de Star Wars, o que sempre me tirava algumas risadas (internas, as vezes) quando soava em meio a alguma reunião.

— Vou parecer infantil, Sofi. Imagina eu entrando no tribunal pra defender um cliente grande, e essa música começa a tocar?

— Pois é. Imagina?? ‘Oh, meu Deus, vamos ter que derrotar o Darth Vader!’ A não ser que o promotor seja o Luke Skywalker, meu amor, isso vai soar ameaçador o bastante!

Fecho os olhos, enquanto seguro o aparelho, com tanta força que poderia esmagá-lo se isso fosse um filme. A vontade que eu tenho é de jogá-lo longe, desde que saí daquele hospital, sem rumo e sem um pingo de sanidade, que ele vem tocando insistentemente. Olho para a tela iluminada e vejo que tenho 47 ligações não atendidas, mas não tenho a menor intenção de checar quem me ligou. Não importa mais. Nada me importa mais.

Estou prestes a voltar o aparelho pro bolso da calça quando o som de uma freada me chama a atenção, e vejo o carro prata estacionar ao meu

PERIGOSAS ACHERON

lado. Suspiro, nervoso comigo mesmo por não ter imaginado que eles usariam o rastreador do meu celular até me encontrar.

— Gael! Até que enfim te achei!

A voz de Pedro chega até a mim, mas mantenho o corpo reto, olhos no horizonte, sem me importar com a chuva torrencial que desaba na minha cabeça. Ele parece não se importar com ela também, porque ouço quando a porta do carro bate e escuto seus passos em minha direção.

— Mano... vamos pra casa.

— Pedro – respiro com dificuldade, mal consigo reconhecer a voz que sai da minha garganta – me deixa em paz, por favor. Eu só quero ficar em paz.

— Está todo mundo preocupado contigo, cara. Vamos pra casa.

“Casa”. Essa palavra me trouxe alento nos últimos anos. Era pra onde eu sempre queria voltar. Um trabalho mais longo, uma reunião chata, um convite pra uma “esticadinha” e tudo o que eu conseguia pensar era “não vejo a hora de chegar em casa”. Era lá que eu tinha tudo o que eu precisava.

Meu porto seguro.

Ouvir que tenho que voltar pra casa agora parece um machado afiado terminando de arrebentar o que não tem mais conserto.

— Eu não tenho mais casa, Pedro. Você sabe disso.

Sinto sua mão em meu ombro, em um apoio silencioso. O que ele diria, afinal. O que se diz a alguém em minha posição? O que supostamente se diz a alguém que tinha tudo, e por conta de sua estupidez, perdeu? Nada, não se diz nada.

Se eu estivesse sentindo algo além desse vazio insuportável, o sentimento seria ódio. De certa forma é até bom que esteja sendo assim, eu certamente descontaria nele, e meu amigo não merece servir de para-raios da minha desgraça. Pedro é meu amigo de infância, vizinho, colega de escola, parceiro de faculdade, padrinho de casamento. Esteve ao meu lado em todos os momentos de minha vida. Absolutamente todos, os bons, os ruins... e agora os trágicos. Sei que se eu explodir aqui e descontar tudo em cima dele, vai aguentar porque é meu parceiro. Mas ele merece? Definitivamente não.

PERIGOSAS ACHERON

— Vem comigo, Gael. Sai dessa chuva, vamos até minha casa então, mas... só vem.

Conheço meu amigo, sei que ele não vai sair do meu pé se eu for com ele. Não vai sair do meu pé se eu ficar também. Somos iguais nesse ponto, eu nunca o abandonaria, e por isso mesmo não posso ficar bravo com ele, mas, nesse exato momento, eu não quero companhia.

Se eu pudesse ter um desejo atendido agora, seria morrer. Esse seria um começo. Mas, como já disse, o roteirista da minha vida é um carrasco.

Pela primeira vez desde que parei de caminhar presto atenção onde estou. Andei tanto que me encontro em outro bairro, próximo a uma estação de metrô. O dia está clareando, já tenho como me livrar dessa perseguição.

— Obrigado por vir atrás de mim, Pedro. Mas eu quero mesmo ficar sozinho.

— Eu não vou te deixar sozinho, Gael. Não quando eu sei que está se culpando por algo que não foi de sua responsabilidade.

“A culpa vai ser toda sua, Gael! Toda sua!”

A frase que vai me assombrar pro resto da
PERIGOSAS ACHERON

minha vida ecoa e responde dentro de mim. E pela primeira vez em horas eu sinto algo. Aquela queimação no peito se juntando ao vazio insuportável que venho carregando desde que ouvi a notícia naquela sala de espera do hospital. Raiva, eu consigo bem identificar. Ela chega queimando, abrindo espaço, arrasando tudo o que encontra pela frente. Me viro pra encarar meu amigo de frente, aproximando meu rosto do dele, em uma clara ameaça. Ele me conhece há tempo suficiente pra entender.

— Você vai! — Digo enquanto bato com o dedo indicador em seu peito — Eu não quero a sua companhia, Pedro. Eu não mereço companhia, nem sua e nem de ninguém. Eu acabei com tudo. Me deixa em paz, não me obrigue a socar a sua cara.

O som do celular se estilhaçando, quando eu o atiro num muro próximo, se une ao suspiro resignado que Pedro solta. Ainda consigo ouvi-lo me chamando, mas tudo o que eu quero nesse momento é distância. Só quero mesmo ficar sozinho, e tentar lidar com essa culpa que está me rasgando nesse momento. Desço as escadas que dão acesso à estação do metrô, ensopado,

enfurecido, arrasado. Vou andando rápido, apesar de ainda ser muito cedo as pessoas já estão saindo pra trabalhar, o vai-e-vem dessa cidade começa cedo. Escuto algumas pessoas reclamarem quando esbarro nelas. Compreensível, estou ensopado feito um porco e eles estão indo pro trabalho. Eu meio que faço isso de propósito, quem sabe ganho um soco na cara, uma surra, uma punição qualquer.

Eu mereço uma punição. Não é justo ficar tudo como está.

Faço todo o trajeto, da catraca até a plataforma, dessa mesma forma arrogante. Meio que culpando todo mundo pelo que aconteceu. Mas no fundo eu sei, essas pessoas não têm culpa. Eu tenho. Chego na plataforma esperando o trem, e esses pensamentos sombrios começam a passar pela minha cabeça. Seria muito simples se eu simplesmente pulasse nos trilhos quando o trem estivesse chegando. Seria rápido e indolor.

Será que foi rápido e indolor pra ela também?

Eu não sou um cara religioso. Mas vou te dizer que se eu fosse, a essa altura eu já teria mandado os céus pro inferno. Nunca fui. Mas

PERIGOSAS ACHERON

lembro bem das lições que aprendi no catecismo, como bom filho de italiano. Uma dessas lições era que, bem, se eu acabasse com a minha vida, eu iria direto pro inferno, porque Deus não se compadece dos suicidas. Parece dramático, não? A pessoa já tem uma vida de merda, quer somente dar um fim nisso tudo, e no final nem ir para um lugar melhor ela consegue.

Eu não mereço ir a um lugar melhor. Mas ela, eu tenho certeza, foi. Se existe um paraíso, é lá que ela está. E eu preciso pedir perdão a ela, então não posso ir a um lugar diferente. Eu não mereço seu perdão, mas preciso pedir.

Foi minha culpa, ela me avisou.

“A culpa vai ser toda sua, Gael!” Isso segue feito um mantra na minha cabeça e, lentamente, eu vou alcançando o final da plataforma, vendo o trem se aproximar no horizonte. As pessoas à minha volta sumindo, desaparecendo, como se eu estivesse em um túnel e a única coisa que eu visse, no final dele, era o trem chegando e eu acabando com tudo. Dando fim nessa agonia, nesse vazio sem fim.

Um sentimento desesperador se apossa do

PERIGOSAS ACHERON

meu peito. Eu não sei mais quem eu sou. Não sei mais o que me reserva daqui pra frente. É isso? É assim que vai ser daqui pra frente? Olho ao redor, procurando respostas, alguém que talvez possa me falar alguma coisa. A plataforma está cheia, ninguém está dando a mínima pros meus problemas porque, provavelmente, cada um tem o seu para se preocupar. Vejo uma senhora carregando sacolas que parece estar tão cansada que eu poderia apostar que ela está voltando pra casa, depois de uma noite inteira no batente, e não saindo pra mais um dia de trabalho. Um homem todo empertigado, de terno e gravata, com fones de ouvido e totalmente alheio ao que acontece a sua volta. Uma moça com uma criança no colo se posiciona ao meu lado, a garotinha sonolenta parece pesada demais, mas, ainda assim, a mulher a acalenta, no aguardo do trem. Será que eles, assim como eu, já perderam tudo também?

“Tudo sua culpa!”

Eu poderia acabar com tudo agora mesmo. Não sei se vou aguentar ficar ouvindo a voz dela me culpando por anos a fio. Mas o quão justo seria? Confiar na justiça, em outros advogados que, assim

PERIGOSAS NACIONAIS

como eu, vão continuar facilitando a vida da escória da sociedade. Não, isso não seria justo. Eu vou cair, uma hora eu vou pagar por isso, mas eles irão pagar antes. Eu vou fazer com que isso aconteça.

O trem finalmente para na plataforma e eu entro, sem saber ainda para onde eu vou e o que eu vou fazer. A única coisa que eu tenho em mente é que eu vou acabar com a vida dos Kyriacos.

Todos eles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Alguns meses atrás

PERIGOSAS ACHERON

Aperto a mão de Carlos Vieira logo após receber o veredicto do juiz. Mais um caso vencido, mais um degrau rumo ao meu objetivo. Nos últimos anos tenho me dedicado a ser o melhor advogado criminalista da cidade e, olha só, venho tendo sucesso. Dos últimos quatorze clientes, os poucos que chegaram a ir a julgamento receberam absolvição.

Se eles eram culpados? Bem, pouco me importa. O meu trabalho sempre foi não os deixar serem condenados. Se eu consigo cumprir o meu papel, sinal que o promotor é incompetente.

Antes que pense mal de mim, eu não sou corrupto. Tampouco mau caráter. As pessoas tendem a pensar muito mal dos advogados, principalmente os criminalistas, dependendo a quem eles defendem.

“Absolvido.” É a única palavra que envio por mensagem pra Márcio, meu – por hora – chefe, dono do renomado “Santos Neto Advocacia.” Trabalho em seu escritório há dez anos, desde meu segundo período na faculdade. Comecei como todo advogado, estagiário quando o sócio majoritário

ainda era o Dr. Neto. O homem era um tubarão e, exatamente por causa dele, o escritório começou a chamar atenção — e conseguiu uma cartela excelente de clientes. Aprendi muito com ele. Não, melhor dizendo, aprendi *tudo* com ele e, assim que consegui minha OAB, fui seguindo seus passos e galgando degraus.

Mas isso já fazem dez anos. Gosto muito do meu emprego, da posição que eu conquistei mas, depois de tantos anos, passei a querer uma posição melhor. Estava na hora de ter a minha própria banca.

Posso dizer que o sexto-sentido do meu chefe apitou. Parece que estou ouvindo sua voz anasalada, quando me chamou pra “tomar um café” em sua sala, três meses atrás. Eu não tinha ideia do que ele realmente queria.

— Gael, você deve saber que nosso escritório sempre esteve em posse da família Santos. Mas eu acho que temos credibilidade o bastante no mercado pra procurar por outras oportunidades, ainda mais em minha situação atual.

Marcos sempre fora um idealista. Trabalhou por anos na defensoria pública, advogando por PERIGOSAS ACHERON

aqueles que não podiam pagar. Quando seu pai, Dr. Neto, caiu doente há alguns anos atrás, ele se exonerou do cargo público e assumiu o escritório da família. Mas o pobre tem somente uma filha, Júlia, que não tem o menor interesse em Direito. Está cursando faculdade de jornalismo, ignorando todos os apelos de seu pai sobre o legado da família. Ele também não tem irmãos, e com o falecimento de seu pai há pouco menos de um ano, se tornou inútil o lema de manter o grande escritório preso ao seu nome.

— Entendo — respondi, cauteloso, sem tentar adivinhar o motivo da conversa — e você precisa de minha ajuda pra alguma coisa?

Lembro de como ele ergueu a sobrancelha direita, sinal típico que ele fazia quando mentalmente chamava alguém de filho da puta. Acho que ele pensava que eu sabia qual era o assunto sendo tratado ali. Eu não sabia, mas se soubesse, bem... faria questão que ele me dissesse com todas as letras.

— Você cresceu muito nos últimos anos, Gael. Nesses meses que se passaram, tem sido implacável. Não perdeu nenhum grande caso,

mesmo os mais controversos.

Eu sou advogado de defesa, e não juiz. É sempre isso que me vem a mente quando alguém me pergunta se eu vou mesmo defender tamanho salafrário. Na minha cabeça, quanto mais complicado o caso, mais eu me empenho em resolvê-lo.

— Controverso ou não, é o meu trabalho.

Claro que em minha mão já caíram casos que foram impossíveis de defender. E em todos eles, me esforcei ao máximo para o meu cliente pegar uma pena mínima. Eu tenho defendido alguns peixes grandes, e, quanto maior o peixe, maior o pagamento.

— Exatamente por isso que a sua fama vem crescendo. Outros escritórios já começaram a falar de você, sei que já te procuraram para ser associado. Será questão de tempo até que alguém venha te propor sociedade.

Sofia, minha esposa, já havia me dito que, com todas as minhas recentes vitórias, eu começaria a chamar atenção da comunidade jurídica. E que seria uma boa ideia eu montar o

meu próprio escritório. Mas, depois de dez anos, seria como começar do zero. E zero não é um número que me agrada.

— E você não quer que eu vá trabalhar pra concorrência.

— Obviamente. Por isso te chamei aqui. Quero te propor sociedade em meu escritório, Gael...

Isso soou como música para os meus ouvidos, mas o tom utilizado e as reticências no final da frase me deram a certeza de que haveriam condições. Obviamente, não seria assim tão fácil.

— ... Mas?

— Você vai precisar escolher melhor quem você defende.

Ah, sim. Obvio.

Assim que assumiu o escritório, Marcos sempre deixou claro que não eram todos os clientes que nos procuravam que deveríamos atender. Mesmo respeitando a presunção de inocência e o direito à ampla defesa de todas as pessoas, ele queria manter sua reputação jurídica. E, por isso, várias vezes fui liberado para trabalhar como

PERIGOSAS ACHERON

advogado associado, cumprindo a minha função sem envolver o nome do escritório.

Só que isso mudaria, obviamente. Ele foi extremamente sincero ao dizer que, se eu quisesse ter meu nome “na parede”, como sócio, eu teria que abrir mão de vários desses clientes. A começar pelos Kyriacos.

Nicolas Kyriacos é um empresário do ramo de construção civil que administra a holding Kyriacos Co. S.A, um gigante no ramo. Multimilionário, o velho possui um império em terras tupiniquins. É casado com Agnes, uma socialite esnobe e tem três filhos: Dimitrius, Adrian e Idylla. Não cheguei a conhecer a filha mais nova dele, mas seus dois filhos mais velhos já foram responsáveis por alguns milhares de reais na minha conta bancária. Extorsão, agressão, roubo... de vez em quando aparecia alguma estripulia que a gente conseguia contornar. Mas a última de Dimitrius me obrigou a concordar com Marcos e abrir mão de atendê-los. Ele estava sendo acusado de estupro, por uma garota que mal tinha completado dezessete anos.

Pra ser muito sincero, eu não achava que ele

seria incapaz de cometer tal barbaridade. “Dimi,” como era chamado pelo pai, era um moleque machista ao extremo, um mimado babaca que não sabia ouvir não e achava que seu dinheiro podia comprar qualquer um. Pela forma depreciativa com que falava sobre as mulheres em geral, espantoso mesmo foi saber que essa havia sido a primeira denuncia do tipo que ele recebia.

Quando o pedido de defesa chegou até nós, a primeira coisa que Marcos me perguntou foi: “acha que ele é inocente?” Claro que eu não sou pago pra achar, sou pago pra provar, mas a pose de reizinho do mundo que ele me lançou me fez ter a certeza de que ele tinha estuprado a garota. Então, se eu quisesse – e eu queria – a sociedade no escritório, não poderia aceitar. Porque ele seria condenado, e o pai dele não é do tipo que aceita isso.

E tinha também Sofia. Ouvi um sermão de horas quando disse a ela que eu até poderia livrá-lo dessa acusação, mas estava me sentindo mal por ser pai de uma menina.



— Então quer dizer que se você fosse pai de um garoto, tudo bem ele ser um estuprador, Gael? Você vai realmente me decepcionar desse jeito?

A forma como ela me olhou, horrorizada e decepcionada, foi como um soco no estômago. Sofia é meu primeiro e único amor, minha razão de viver, dona de toda a minha vida. Estou acostumado a receber nada além de amor vindo de seus lindos olhos verdes e ver decepção ali, direcionada a mim, era muito difícil.

— Não é isso meu amor. Eu só não consigo imaginar o que eu faria com um sujeito desses que ousasse tocar em minha filha dessa forma.

Eu tentava procurar a melhor forma de explicar meu ponto de vista sem entrar em uma discussão, e sem que ela achasse que eu era um crápula.

— Gael, você pode se sentir mal independente de ser pai de menina. Inclusive,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

independente de ser pai. Não precisa ter um filho para se indignar contra isso. Eu sei que você é competente, mais do que qualquer um nesse mundo eu sei do que você é capaz quando assume um caso. Merda, vimos os resultados, você não perdeu um caso sequer! Mas...

A sua voz chegou a ficar dois tons acima do normal, e eu sequer sabia como lidar com isso. Sempre evitávamos discussões. A gente nunca brigava. Nunca.

— Eu concordo com o Marcos, meu amor. Nem todo mundo merece absolvição. Alguns precisam pagar pelos seus crimes.



Dispensar Nicolas Kyriacos não foi uma das tarefas mais fáceis. O homem não levou em consideração nada do que eu disse, ofereceu ainda mais dinheiro do que eu costumava cobrar – e olha que nunca foi pouco – e chegou a me ameaçar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Doutor Gael, eu não estou pedindo nenhum absurdo. Apenas que continue prestando os serviços pelos quais o senhor recebe, e muito bem. Não sou uma pessoa muito paciente, principalmente se envolve a segurança da minha família. Espero que saiba que caso esse... contratempo jurídico cause qualquer problema que seja, eu não serei amigável com aqueles que permitirem isso.

Obviamente eu expliquei, da melhor forma possível, que o jeito mais eficaz de se manter longe de contratempos jurídicos é andando dentro da lei. O homem ficou possesso, não está muito acostumado a ter gente negando suas vontades. Contratou um dos escritórios de advocacia mais caros da cidade para representá-los. Inútil dizer que esse escritório vive tentando tirar nossos melhores clientes e, com isso, marcaram um gol de placa.

Só de pensar os milhares de reais que vão entrar na conta deles ao invés de entrar na minha...

Pense grande, Gael. Pense grande!

Agora estou aqui, com mais uma vitória no bolso, prestes a receber a minha tão sonhada sociedade.

PERIGOSAS ACHERON

“Santos Neto & Prieto Advocacia”

Fecho o botão do meu terno caro e sigo pra fora da, agora vazia, sala do tribunal. O dia está ensolarado, não demora muito a chegada da primavera e logo começa a melhor época do ano, onde eu posso tirar uns dias de folga e seguir pro litoral com minhas meninas. Ergo o braço vendo as horas, tenho exatamente quarenta minutos pra chegar até o colégio da Mel.

Melissa. Minha Mel.

Minha garotinha acabou de completar cinco anos e é o ar que eu respiro. Inteligente, talentosa, amorosa, companheira, e, o melhor, a cara da mãe. Claro que eu não posso dizer que sou um sujeito, digamos, mal-apessoado, mas Sofia é a mulher mais linda que existe.

A primeira vez que a vi, ainda no primeiro período da faculdade, senti como se todo o ar fugisse do meu peito. Aquele maldito clichê de filme romântico, onde tudo para ao seu redor ou se move em câmera lenta? *Check¹*.

Estava saindo da minha aula de Ciências Políticas quando a vi, acompanhada por mais duas

amigas, flutuando pelo corredor. Seu andar era tão gracioso e com tanta leveza que eu não consegui prestar atenção em mais nada. Devo ter ficado com uma cara de imbecil daquelas, o suficiente para lhe chamar a atenção. E ser sortudo o bastante para que ela não dispensasse meu convite desajeitado pra um suco na lanchonete.

Logo em nosso primeiro encontro, ali mesmo na cantina da faculdade, eu descobri que ela cursava História da Arte. Que tinha um irmão mais velho. Que adorava viajar. Que fizera balé por anos. Que optara por não seguir carreira, mas que ainda dançava sempre que tinha vontade – e isso explicava o corpo maravilhoso que ela tinha, e a leveza no andar. Que conversava sobre tudo, desde as obras expostas no Louvre até o resultado da partida de futebol do último final de semana. Que ela podia ser doce como uma fada e xingar feito um marinheiro. Que tinha os cabelos loiros como os raios de sol da alvorada, um par de olhos verdes brilhantes como duas esmeraldas, um perfume de pêssego que me fez questionar porque nunca gostei de uma fruta que cheirasse tão bem, e um sorriso que tomou meu coração de assalto logo na primeira mostra. Sim, você acertou, foi paixão à primeira

PERIGOSAS ACHERON

vista.

— Estou apaixonado... — sua gargalhada tomou conta de todo o espaço, tão alta que algumas pessoas sentadas ao redor param pra nos olhar.

— Não seja bobo. Acabou de me conhecer!

— Eu sei. E tenho a sensação de que fiquei esse tempo todo te esperando. Com a vida em suspenso, só aguardando aquele encontro no corredor.

Dizer que estava apaixonado virou uma brincadeira entre nós, é o nosso “eu te amo”. Ela me fez prometer que ia repetir isso a ela o resto de nossas vidas, e aprender a nunca mais cantar universitárias em lanchonetes. Prometi, e nos casamos dois anos depois. Mel chegou quando tínhamos completado cinco anos juntos, e eu não podia querer vida mais perfeita.

“*Estou apaixonado,*” digito no celular assim que sento atrás do volante em meu sedan.

“*Aprontou alguma coisa? Porque você já me disse isso pela manhã. Andou espiando alguma bunda gorda no trabalho, meu amor?*”

Meu sorriso é automático. Ainda que soe
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como ciúmes, sei que não é. Não temos ciúmes um do outro, porque não temos olhos pra mais ninguém.

Nunca senti ciúmes, aliás... é uma das coisas que mais gosto de pegar no pé do Pedro, ciumento de carteirinha.

“Sem bundas gordas. Só estou com saudades, estava lembrando da gente. Daquela lanchonete na faculdade...”

“Aquele suco de laranja danado me deu um advogado de presente. Te amo...”

“Te amo mais..”

“Já foi buscar a Mel?”

“Estou saindo daqui agora.”

“Tudo bem. Matamos as saudades mais tarde, te vejo a noite, gatão!”

Não muito tempo depois estou estacionando em frente ao colégio, a tempo de ver minha garotinha vindo saltitante, o cabelo loiro preso em uma trança, o sorriso iluminando seu rosto ao me ver e os braços abertos esperando que eu a pegue no colo e a jogue pra cima, como faço todos os

PERIGOSAS ACHERON

dias.

Tão entretido que sequer presto atenção na van preta insulfilmada², estacionada do outro lado da rua.



— Mas você acha mesmo necessário ter um porte de armas, Gael?

Sofia segue temperando a salada na ilha da cozinha, enquanto eu ponho a mesa do jantar. Ela

PERIGOSAS NACIONAIS

tenta dar um ar de naturalidade para a pergunta, mas eu conheço essa loira como ninguém. Essa voz tremida que ela tenta disfarçar não me deixa dúvidas que está preocupada.

— É uma segurança a mais, meu amor. Você sabe... – dou a volta na bancada da cozinha, alcançando e abraço seu corpo por trás, erguendo seu cabelo, deixando sua nuca exposta e depositando um beijo ali, notando os pelinhos arrepiarem instantaneamente – e você não deveria se preocupar com isso.

— Eu nunca vou “não me preocupar” com você, Gael – seus braços chegam ao meu pescoço tão rápido quanto seu corpo se vira, ficando de frente num encaixe perfeito – Não gosto de saber que você está saindo armado por aí, e nem que você *precisa* disso.

— Não preciso – falo baixinho em seu ouvido, aumentando o aperto em sua cintura – até hoje não precisei, mas Marcos sugeriu que eu tivesse porte. Isso não quer dizer que vou ficar brincando de cowboy por aí, meu amor.

— Eu sei – ela suspira, ruidosa – eu só...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entendo seu cuidado e sua preocupação. Sofi nunca foi a maior fã da profissão que eu escolhi, sempre me deu apoio em tudo o que eu quis, em todas as minhas decisões, mas sempre deixando claro que, por ela, eu ia cuidar de previdência social. Sinto seu coração disparado, sua respiração irregular, sua apreensão.

Eu não sei como é o relacionamento dos outros. Não sei como cada cara que eu conheço trata a sua mulher. Mas aqui, nessa casa, Sofia reina. Ela pede e eu faço, não importa o que seja. Ela me pede o mundo e eu vou atrás, sempre foi assim e sempre vai ser. Por isso, sequer a deixo terminar de falar. A levanto no colo, colocando-a sentada no balcão da cozinha. Seu gritinho fofo me faz rir, e tudo o que eu quero é tirar essa sombra de preocupação dos seus olhos. Seguro sua cabeça entre minhas mãos, fazendo com que ela não desvie seus olhos dos meus, de uma forma com que ela saiba que eu estou sendo o mais sincero possível.

— Vai ficar mais tranquila se eu deixar a arma trancada? Se eu nunca sair com ela? Faço qualquer coisa que você me disser, só me peça, sabe disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus dedos passeiam pelos meus cabelos úmidos, tirando os fios já compridos da minha testa, enquanto ela mesma traz a sua ao meu encontro. Ficamos assim, parados, de olhos fechados, nossas testas grudadas, curtindo o momento.

— Não precisa, eu estou sendo boba. Claro que ia preferir que você fosse, sei lá, um bibliotecário e não um criminalista fodão, mas aí eu teria que lidar com outros perigos...

— Perigos? Que perigos um bibliotecário poderia sofrer?

— Ele? Nenhum... Eu é que teria que lidar com aquele monte de adolescentes cheias de hormônios da juventude de olho no meu homem.

— Coitadinhas. Todas derretidas por um bibliotecário arruinado por ter olhos somente pra uma única mulher.

Beijar Sofi me arrebatava toda vez. Seus lábios macios, seu sabor e, principalmente, a forma apaixonada como retribui cada um dos meus beijos é sempre a minha maior realização. O mundo ao redor sempre para quando tenho ela em meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

braços, e não sei o que seria de mim se um dia isso me fosse tirado. Não sou nada sem ela aqui comigo.

— Que bonito, hein?! – A vizinha fina nos alcança, fazendo com que nossos sorrisos se abram antes mesmo que nossos lábios estejam separados – sentada na mesa, mamãe?

Mel esta parada na nossa frente, um pijama cheio de estrelinhas coloridas, mãos na cintura e a pantufa de unicórnio batendo no chão. Poderia parecer muito irritada, não fosse o sorrisinho maroto iluminando seu rosto.

— Oh não! – Solto, teatral, fazendo Mel gargalhar – Fomos pegos, mamãe e agora?

— Me aguarde mais tarde – é a resposta, baixinha, ao pé do meu ouvido, que Sofia dá antes de descer da bancada em um salto e voltar a preparar a salada. Safada, mal sabe o que cada uma de suas promessas me causam.

— Vamos lá, Melzinha, sentar na mesa pra comer!

Ergo minha moleca nos braços e, imitando o vôo de um avião, sigo com ela até a mesa onde o jantar vai ser servido, enquanto ela se delicia numa

PERIGOSAS ACHERON

gargalhada estrondosa.

— Quero ver você continuar com essa aviação toda daqui a uns meses, quando nossa família estiver maior, senhor piloto!

Meu coração falha uma batida por um instante, enquanto eu, congelado na cadeira, observo Sofia se aproximando da mesa, um sorriso no rosto, os olhos brilhando. Ela não falaria isso se não... se não...

— Você... — mal consigo falar, meus olhos vagueiam entre seu rosto, sua barriga lisinha, e a travessa de algo que ela traz nas mãos que no momento não tem a menor importância.

— Uhum... fiz o teste hoje cedo, estava estranhando meu atraso, sabe como sou regulada. Um mês e meio.

Um bebê. Vamos ter um bebê. Eu, ela, Mel e um bebê. Quando conheci Sofia, anos atrás, foi exatamente o que idealizei. Pode parecer loucura, e talvez até seja, mas assim como me apaixonei à primeira vista, também visualizei a família que queria, com ela, logo no primeiro dia. Uma menina parecida com ela, e um menino parecido comigo. E

PERIGOSAS NACIONAIS

agora terei a família que idealizei lá atrás. Continuo paralisado no lugar, sem conseguir conter as lágrimas que descem pelo meu rosto, enquanto ela sorri, sabendo que me deu tudo o que eu mais quis na vida: uma família feliz.

Horas depois estamos embolados nos lençóis do nosso quarto, depois de termos feito “amorzinho de comemoração”, como ela sempre chama nossos arroubos pós-boas notícias. Sofi está deitada em meu peito, enquanto meus dedos fazem um sobe e desce preguiçoso na linha de sua coluna.

Pensava que ela já tinha dormido, quando, de repente, ela começa a rir.

— Que foi?

— Tô pensando aqui. Pepê vai enlouquecer quando souber.

Sorrio instantaneamente. Ele vai, com certeza. E vai *me* enlouquecer no processo.

— Está preparada pro show de lamento até a gente dizer o que ele quer ouvir?

— Estava pensando em encher o saco dele um pouco, e só dizer mais à frente. — ela diz, rindo.

PERIGOSAS ACHERON

E eu, claro, rio junto com ela mas já sabendo que não vou conseguir fazer isso. Não com Pepê.

Quando soube que Sofia estava grávida de Melissa, ele comemorou quase mais do que eu. Feliz por nós, claro, mas empolgado com o fato de que seria padrinho do nosso filho. O que ele não sabia é que Sofi tinha um acordo com o irmão, que eles compartilhavam desde pequenos: um seria padrinho do primeiro filho do outro.

Mateus é um cara legal. A gente se dá muito bem, então eu, claro, não vi o menor problema nisso. Como Pepê já era meu padrinho de casamento, não pensei que ele ficaria tão chateado.

“Jura mesmo? Vai escolher uma pessoa que você conheceu agora?”

Lembrá-lo que Mateus era irmão de Sofia foi meio inútil, ainda mais quando ele tinha um acervo de argumentos vindos diretos da quinta-série.

“Espero que você se lembre quem foi que te passou aquela cola de Matemática quando você resolveu tomar o seu primeiro porre aos doze, um

dia antes da prova.”

A coisa não melhorou muito quando Mateus resolveu ir embora do país. Ele havia recebido uma proposta irrecusável pra trabalhar em Washington e, obvio, aceitou, se mudando antes mesmo de Mel completar um ano.

“Bela escolha, Gael. O sujeito que vai batizar sua filha pensa que trabalhar ao lado do Obama é mais importante do que estar presente, como *eu*, que sequer sou nada dela, estou.”

— Não sei se consigo segurar, Sofi. Se eu insinuar que outra pessoa pode ser padrinho desse bebê, é capaz de você ver ele chorar.

— Pedro devia se arrumar na vida, e ter um bebê. Ele vai ser um pai ótimo!

Isso é algo que eu sempre digo a ele, e uma opção que ele descarta, totalmente. Pedro nunca está sozinho, a ponto de mim mesmo me perder as vezes ao ser apresentado à nova namorada da vez. Mas casamento não é algo que ele pareça querer. Como se estivesse esperando alguém.

— Quem sabe... — me aconchego a ela, afundando o rosto em seu pescoço, ainda úmido de

suor.

— Eu ia perguntar se você ficou feliz com a notícia, mas você ainda está com a mesma cara de bobo da hora do jantar.

— Espertinha... você sabe bem que eu não ficaria nada além de feliz. Já tínhamos falado sobre isso, eu só não sabia que já tinha parado com a pílula.

— Eu não quis contar. Um de nós ansioso é o suficiente. Aparentemente, a sua mira é muito boa. Não precisou mais que um mês pra colocar um bebezinho aqui dentro.

A forma como ela diz “bebezinho” mexe comigo. Se na minha vida profissional sou visto como duro, insensível, e as vezes até grosseiro, aqui dentro de casa sou um babão apaixonado. Me viro rapidamente, a deitando de barriga pra cima, e indo em direção ao ventre onde meu... bebezinho agora cresce, tranquilo, seguro e amado.

— Meu bebezinho... — deixo um beijo em sua barriga e encosto meu rosto pra conversar melhor com esse pedacinho de mim, já tão amado — Oi, filhinho! Sou eu, papai. Estou tão feliz em saber

PERIGOSAS NACIONAIS

que você está aí dentro, sabe? Só não estou gostando muito dessa coisa de esperar, esse tanto de meses para ver você é absurdo. Vou torcer pro tempo passar bem rápido e também pra vida ser muito bacana contigo e, assim como sua irmãzinha, nascer a cara da sua mãe.

— Não escuta ele, bebê. — Sofia sussurra, divertida — Você tem que parecer com o papai.

— Xiu, me deixa falar em paz com meu moleque...

— Moleque? Como você sabe que é um moleque?

Arrumo meu corpo, indo parar em cima dela novamente. Linda, corada, um sorriso no rosto, olhos brilhando. Minha, toda minha.

— Não sei como, eu só sei. É um moleque, e vai ser lindo como você, porque não estou nesse mundo pra fazer filho feio, você sabe...

— Eu amo você, Gael.

— Não mais que eu. Amo você, Sofi.

PERIGOSAS ACHERON



O barulho insistente do celular vibrando em minha mesa de cabeceira acaba me despertando, e estranho ainda estar tudo escuro. Estreito os olhos pro relógio, vendo que ainda passa pouco das quatro da manhã. Sabe como diz o velho ditado: “ligações telefônicas a essa hora nunca trazem coisas boas.” Tomando cuidado pra não despertar Sofia, pego o aparelho e me levanto, não sem antes checar o número no identificador de chamadas, e sentir um arrepio na espinha depois de fazê-lo.

— Marcos... aconteceu alguma coisa? — pergunto ao chegar à sala de estar.

— Desculpa ligar a essa hora, Gael. Acabei de ver no plantão de notícias... a filha de Nicolas Kyriacos foi assassinada.

Fecho meus olhos e busco apoio no encosto da poltrona que está pouco atrás de mim. Não deveria ser nenhuma surpresa, obviamente, depois de tanta merda que essa família aprontara —

PERIGOSAS NACIONAIS

impunemente, minha consciência começa a berrar — era claro que, alguma hora, isso traria consequências. Pena que estourou em cima de quem não tinha nada a ver com isso. Idylla ainda era uma menina, se não me engano sequer tinha completado dezoito anos... pobre garota!

— Como aconteceu? — É a única coisa que meu cérebro consegue mandar pros meus lábios nesse momento.

— Emboscada. Ela estava com o irmão, Adrian. Ele está hospitalizado, mas a menina... morreu na hora.

— Caramba, Marcos! Você acha que foi retaliação de algum... de...

Minha cabeça roda, pensando em todas as pessoas que eles prejudicaram. Tento puxar pela memória se teria alguém perigoso o bastante pra chegar a esse extremo, mas não consigo chegar a nenhuma conclusão. Ao menos não a essa hora da madrugada.

— Gael, não vá por aí, meu amigo. Sempre te falei que os Kyriacos não são santos. Se foi retaliação, foi por culpa total e exclusiva deles. Das

PERIGOSAS ACHERON

ações deles.

— Mas porque a menina? Até onde sabemos, ela nunca esteve envolvida em nada...

— Estava com o irmão. Que pode não ser um pedaço de merda como o mais velho, mas teve seu nome envolvido em algumas coisas também. Dano colateral, pode-se dizer.

— Merda... – nunca fui de acreditar em sexto sentido, não sou mesmo um cara irracional, mas essa notícia me traz um mal-estar, uma sensação ruim de que Nicolas Kyriacos virá babando pra cima de mim.

— Eu não te liguei pensando em te tirar o sono, Gael – a voz de Marcos corta meus pensamentos, viajei tão longe que havia até esquecido que ele ainda estava do outro lado da linha – Mas é bom saber que, talvez amanhã cedo, a imprensa te procure. Afinal de contas, você representou os Kyriacos por muito tempo.

— Acha que devemos ligar pra eles?

— Eu ligo amanhã, em nome do escritório. Acho prudente você não ligar por enquanto. Deixe-o lamber suas feridas.

Desligo o telefone e me sento na varanda, olhando a noite ainda escura, a iluminação pública clareando um pouco a rua vazia onde nosso prédio fica localizado. Sofia e eu crescemos nesse bairro e morar nessa rua sempre foi seu sonho, dizia que sempre quis morar numa rua “chique.” Obviamente, chique está bem longe do que é esse lugar, mas os sobrados e o prédio antigo onde moramos tem um certo charme. Conseguir comprar um apartamento nesse prédio foi um dos muitos sonhos da minha mulher que eu gosto de saber que pude realizar.

Meu celular vibra novamente, dessa vez um número restrito. O arrepio na espinha volta novamente. Atendo de forma profissional, citando meu sobrenome.

— Eu avisei, doutor. Nêmesis chegará até você...

— Quem está falando?

Não obtenho resposta, mas não preciso saber de “quem” é esse recado. Nicolas foi bem claro em nossa última conversa, o que me leva a crer que o assassinato da menina Kyriacos está diretamente ligado a acusação sobre seu irmão

PERIGOSAS NACIONAIS

Dimitrius. Aquele pedaço de merda.

“Espero que saiba que, caso esse... contratempo jurídico cause qualquer problema que seja pra minha família, eu não serei amigável com aqueles que permitiram isso.”

Corro meus olhos pelo cômodo escuro, angustiado. O ideal seria sair da cidade por um tempo com minhas meninas, até ter certeza que Nicolas não fará nada extremo direcionado a mim. Pensar que não posso estar aqui pra ver meu garoto nascer, ver minha menina crescer e conquistar o mundo, envelhecer ao lado da minha mulher, me deixa doente. Isso tudo é angustiante demais.

Ao mesmo tempo, penso na sociedade com Marcos. Ainda temos muito o que acertar e nossa sociedade em si, só será formalizada em Janeiro. Se eu sair da cidade agora, posso colocar tudo a perder, e eu trabalhei tanto pra conquistar isso que não posso permitir que eles estraguem tudo.

Ainda estou perdido em pensamentos quando sinto a mão suave de Sofia em meus cabelos. Estava tão absorto que mal ouvi ela se aproximando.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

— Tudo bem... – pego sua mão e trago pra um beijo, dividido entre contar a ela o que aconteceu ou preservá-la. Considerando sua preocupação na hora do jantar, e seu estado recente, prefiro não dizer nada por enquanto. Ao menos enquanto não tenha certeza que esse cão ladra, mas não morde – Não aconteceu nada.

— Não tenho lá muita certeza que está me dizendo a verdade, e sabe que eu te conheço bem, Gael. Mas por enquanto, vou aceitar essa resposta.

Por enquanto me basta. Aperto minha garota em um abraço, torcendo pra que essa sensação ruim seja somente excesso de cuidado.



— Eu acho que você precisa de uma sala maior agora... — ouço a mãe de Sofia falando enquanto analisa o meu escritório. Já reclamou da secretária, da localização, da marca do computador,

do tamanho da sala. Procurando me manter em silêncio a fim de evitar um embate, olho pra minha mulher, linda com sua barriga de cinco meses já visível, parada na porta com um sorriso maroto no rosto.

— O tamanho da sala nunca me impediu de ser bom no que eu faço, Madalena. Está de bom tamanho.

— Você precisa ser mais ambicioso Gael. Você é dono agora, merece lugar de destaque. A não ser que não seja tão dono assim...

— Mamãe... — Sofia interrompe, sabendo que uma resposta malcriada não demora a chegar — você já viu o escritório. Vamos voltar para a recepção, vieram todos aqui pra prestigiar o Gael, não pra ele ficar aqui trancado na sala conosco enquanto todo mundo esta lá fora.

Com seu jeito doce de lidar até com as piores pessoas — e sim, estou incluindo minha insuportável sogra na lista — Sofia sai abraçada com a mãe, a distraíndo com uma tagarelice sobre a mais nova fofoca da vizinhança, fazendo com que a mulher me esqueça.

Temporariamente.

Eu nunca me dei bem com a mãe dela. Nunca. Sofia tinha um pretendente, filho de um renomado cirurgião. Era herdeiro de nome, reputação e fortuna e, por isso, merecedor de toda sua torcida. Já eu era apenas um borra botas sonhando em ser um grande advogado, nunca páreo pro grande herdeiro, não merecedor da joia que ela possuía. O irmão de Sofia, Mateus, e seu pai, o saudoso “seu Tonho”, reconheciam meu valor e, principalmente, o amor que eu tenho por ela. Isso me livrou de muitos aborrecimentos, mas desde que perdemos seu Tonho e meu cunhado se mudou pros Estados Unidos que a diaba se sentiu livre pra destilar seu veneno sempre que possível.

Eu amo Sofia, mas não tenho sangue de barata. Ainda bem que ela me conhece o bastante pra sempre manter a mãe longe de mim.

Menos hoje. Hoje não teria como mantê-la afastada.

Marcos resolveu fazer uma festa de apresentação antecipada da nova sociedade. Então, além de Sofia e Mel, meus pais, minha irmã Jordie e meu amigo Pedro, eu não poderia deixar de

PERIGOSAS ACHERON

convidar Madalena. Gostando ou não, ela é... família.

Consegue ouvir o desgosto? Pois é...

Alguns de nossos melhores clientes foram chamados também, e o escritório está tomado pelo ruído de conversas, uma tentando sobrepor-se a outra. Conforme vou passando, recebo apertos de mãos e tapinhas nas costas, alguns reconheço que são sinceros, outros são somente meras formalidades.

Esse nosso meio é cheio disso.

— Tá numa animação que só, hein, mano?
— Pedro se aproxima com dois copos na mão, me cedendo um enquanto escora o ombro na parede ao meu lado. Eu tinha prometido não beber hoje, mas não sou Hercules.

— Não tinha a menor intenção de fazer uma festa com tanta gente. A minha vontade era comemorar em casa, só com nossa família.

— Mas você sabe que, pro escritório, é importante fazer essa social, não sabe?

Balanço a cabeça, sem nenhuma empolgação.

— Ainda está com a pulga atrás da orelha por causa daquele grego? – Automaticamente me viro, procurando Sofia. Suspiro aliviado ao ver que ela está do outro lado da sala, portanto, incapaz de ouvir.

— Caralho, Pedro. – repreendo, baixo, tentando não chamar a atenção – Não quero Sofia ouvindo a respeito disso.

— Eu já te falei que não concordo. Você mal dorme desde que aquele sujeito veio te procurar. Se está se sentindo ameaçado, seria justo ela saber, mano...

Dois dias após o enterro da filha, Nicolas apareceu aqui no escritório. Transtornado, o que eu poderia entender, me culpava pelo assassinato da filha. Pelo que a policia apurou, o segurança particular de Dimitrius havia estuprado a garota e matou o irmão dela, que saíra em sua defesa. Seu novo advogado não fora muito eficaz em descreditar todas as evidências, fazendo com que o nome do grego fosse parar nos jornais. A manchete era clara: “Filho de multimilionário estupra menor de idade, e segurança assume a culpa em seu lugar.” Como Dimitrius não foi preso, e a família é

sempre conhecida por “dar seu jeito,” o pai da garota resolveu fazer justiça com as próprias mãos. Infelizmente errou o alvo, matando Idylla e deixando Adrian em coma.

— Se tivesse feito o seu trabalho, doutor Prieto, o nome dos Kyriacos nunca teria parado nos jornais e, a essa hora, minha filha estaria viva. E isso tudo porque? Por um nome na parede? Sua ascensão social custou a vida da minha pequena!

Eu consigo entender a dor e o desespero do homem. Não consigo imaginar o que seria de mim se um dia me tirassem minha Mel. Apesar da minha fama, não sou um porco insensível só que nem por isso o deixaria me culpar por algo que não tinha nada a ver comigo.

— Senhor Nicolas, eu realmente sinto muito. Não vou dizer que sei como o senhor se sente, porque está longe de mim imaginar tamanha dor. Mas eu não posso deixar de reafirmar que não tenho nenhuma responsabilidade no que aconteceu com sua filha.

— Vai me dizer que foi uma fatalidade?

— Não. Vou lhe dizer que foi um

assassinato. Que o responsável direto está sob custódia da justiça. E que eu não tenho nada a ver com isso.

O homem continuou argumentando que eu havia recusado a lhes defender. Típico de gente que não sabe ouvir não, e que acha que o dinheiro compra tudo. Mas que não pensaria duas vezes em recusar um defensor que não fosse aliado aos seus ideais.

Novamente a minha consciência incomoda, essa bastarda. Ele nunca me recusou, pelo contrário, quem o recusou fui eu e só o fiz porque queria a sociedade. Isso me torna o que? Aliado aos ideais dele?

Tentei jogar a culpa pra cima do seu advogado atual, afinal de contas quem não fez o trabalho direito foi ele. Insinuei que era com ele, com seu advogado, que essa conversa deveria estar sendo feita.

— Impossível lidar com aquele incompetente. A essa hora sua viúva deveria estar chorando sua morte.

Eu sei que deveria ter chamado a polícia

PERIGOSAS NACIONAIS

assim que ele pronunciou isso. Mas eu também sabia que o velho era esperto, ele estava me testando. Por tê-lo defendido, tinha conhecimento de muita sujeira dele e, de repente, vendo que eu não representava nenhum risco a ele, me deixaria em paz.

— Eu acho bom o senhor ir embora, senhor Nicolas. Estamos indo por um caminho que não é bom pro senhor.

— Eu te implorei, Prieto. Implorei pra cuidar do caso do meu filho. Você se recusou. Mas, não se preocupe, não vou te fazer implorar. Você não vai precisar implorar.

Sinto o cotovelo de Pedro me atingindo levemente nas costelas e percebo que divaguei, novamente. Desde aquele dia venho tentando entender o que o velho quis dizer com “não precisar implorar.”

— Ela tá grávida, Pedro. O que eu menos preciso agora é dela preocupada comigo.

— Essa parte eu entendo. Mas tem a outra parte, que eu lembro bem. Uma que fala “na saúde e na doença, na pobreza e na riqueza, na confusão e

PERIGOSAS ACHERON

na quietude...”

— Não existe essa parte, Pepê. — interrompo, antes que ele se empolgue um pouco mais.

— Não é porque o padre não disse, que não é válido. Se Sofia souber que você não contou a ela sobre essas ameaças, ela vai ficar puta. E você não sabe o que é ter uma Sofia puta, mas eu já tive o desprazer.

— Pensei que isso já estava resolvido entre vocês, cara.

— E está. Mas nem por isso eu esqueci, ué.

Pedro encolhe os ombros, e coloca as mãos no bolso da calça, claramente encabulado, lembrando da confusão ocorrida entre ele e minha mulher. Há uns dois anos atrás uma das muitas namoradas que ele teve se alojou em seu apartamento, alegando que tinha sido despejada e precisava de um local temporário para ficar. O problema todo é que o temporário da menina estava durando demais, e a convivência entre eles passou a ser difícil. Pedro é namorador mas aguentar a rotina de um relacionamento parecido com casamento

estava acabando com ele.

Convidei Pedro a passar uns dias em minha casa, enquanto a menina não saia da dele. E isso acabou enlouquecendo Sofia. Meu amigo é a pessoa mais cheia de energia que eu conheço e, ao se juntar com Mel, a casa pegava fogo. Diariamente. As sete da manhã.

A coisa desandou quando Sofia deixou Mel aos cuidados de Pedro e, ao voltar pra casa, uma das parede estava toda pintada. A diabinha havia convencido o tio a fazer um mural, e quando ela chegou em casa encontrou os dois todos sujos de guache. A parede da sala estava repleta de rabiscos que pareciam mais desenhos rupestres.

Pensei que Sofia ia fazê-lo engolir as tintas, os pincéis, e tudo o mais que estivesse à sua frente. Pepê ouviu tudo sem retrucar, fez suas malas e voltou a sua casa. Fui obrigado a acionar a justiça e obrigar a garota a deixar o apartamento, mas o que realmente me preocupava era a relação de meu melhor amigo e minha esposa nunca mais ser a mesma.

Felizmente, ela fez ele assinar o “painel” que fizeram em nossa sala, que continua lá até hoje,
PERIGOSAS ACHERON

dividindo espaço com um bonito aparador cheio de fotos.

— Ninguém esquece, Pepê. Aquele painel faz sucesso até hoje...

Meu amigo sorri, orgulhoso do feito, e volta novamente ao assunto que eu tento esquecer.

— E aquela viagem que você tinha pensado em fazer, desistiu?

Tinha programado fazer uma viagem à Disney com as duas, antes do bebê nascer. Mel ainda não conhecia e depois ia ficar mais complicado pra irmos, ao menos até nosso bebê estar andando. No mínimo.

— Tive que adiar. Tem toda a burocracia aqui do, alguns casos pra serem finalizados. Não da para sair do país agora. Fora que não posso ficar fugindo, né?

— Fugindo de quem? – Ouço a voz potente de meu pai atrás de mim e congelo. Quero matar Pedro com o olhar, pois ele vive trazendo esse assunto à tona nos horários mais impróprios e o bestão arregala os olhos, em um pedido mudo de desculpas.

— Fugindo do trabalho, padrinho. Seu filho nem bem firmou sociedade e já está pensando em tirar férias.

Sinto um alívio imediato ao ver que meu amigo consertou sua própria burrada, e me viro pra encarar meu pai. Sua expressão é meio desconfiada, e, inferno, eu sempre tive muito trabalho em conseguir enganar esse velho italiano. Mas se ele desconfiou de alguma coisa, preferiu não dizer.

— Eu já acho que esse moleque tinha que ter viajado antes de começar essa sociedade. Logo nasce seu bambino³, e aí meu filho, adeus férias!

Um burburinho próximo da porta de entrada chama nossa atenção, me fazendo estranhar toda a movimentação ao redor. Congelo ao notar que o barulho vinha da reação dos presentes à chegada de Nicolas e Dimitrius Kyriacos. Corro os olhos ao redor, procurando por Sofia, mas não consigo vê-la em canto algum.

— Vou procurá-la – Pedro me alerta, saindo em busca da minha mulher, enquanto eu vou até Nicolas, com meu pai muito confuso atrás de mim.

— Gael, filho...

— Agora não, papai. Por favor...

É dividido entre apreensão e curiosidade que me aproximo, notando que todas as pessoas têm seus olhos em direção a algum lugar no chão. Eles também têm um sorriso no rosto, o que não faz muito sentido, visto a companhia. Vejo Dimitrius abaixado, seu corpo apoiado em um dos joelhos flexionados e, de repente, as pessoas explodem em uma gargalhada.

— Motociclista? É mesmo? E você não tem medo?

Existem coisas que você não espera nunca. Ouvir sua filha de cinco anos conversando com um tipo qualquer de gângster é uma dessas. A voz doce de Melissa respondendo à pergunta divertida do grego arranca mais risadas.

— Não senhor, papai me disse que eu sou corajosa e posso fazer o que eu quiser... — seu olhar se ilumina ao me ver atrás de seu “novo amigo,” e um sorriso imenso se abre em minha recepção — PAPAI! Vem conhecer meus amigos!

Rapidamente pego Mel no colo, me virando em direção a Nicolas, que olha de mim pra minha

PERIGOSAS NACIONAIS

filha de uma forma perturbadora. Não sei exatamente o que ele pensa no momento, talvez se lembrando de sua própria menina quando tinha essa idade. Dizem que eles eram realmente muito apegados. Dimitrius, por outro lado, se levanta sem tirar os olhos dela.

— Linda sua filha, Prieto. Ela estava nos contando como quer ser motociclista. E piloto de avião. E motorista de caminhão.

— E *circista*!!! – A garotinha se empolga, me fazendo tirar os olhos dos recém-chegados.

— Circista? O que é isso, filha?

— Ah, papai. Lembra que a gente foi no circo? E tinha aquela moça pendurada de cabeça pra baixo, láaaa no alto, balançando pra lá e pra cá e dando saltos no ar?

— Aaaah! Trapezista, filha...

— Isso! Vou ser trapezista também!

A gargalhada é geral, é engraçado só de ver a cara que Mel faz em meus braços, a mão na cintura e a cabecinha meio de lado, fazendo charme.

PERIGOSAS ACHERON

— Vai ser trapezista e o pai dela vai ser o trapézio, até parar de inventar moda...

Sofia se aproxima, sorrindo e iluminando tudo ao seu redor. Instintivamente, eu a trago pra perto, passando meu braço em sua cintura, em uma atitude protetora. Por um segundo não tenho olhos pra mais nada além dela.

— Que bela família, doutor Prieto – a voz cínica de Nicolas quebra a magia do momento, me fazendo lembrar *quem* ele é, mas sem ainda saber *o que* ele faz aqui.

— Obrigado, senhor Kyriacos – sinto quando Sofia tenciona o corpo ao simples mencionar do sobrenome, e lamento meu ato falho. – Eu não sabia que viria.

— Não fomos convidados. Mas levando em conta que nos atendeu por tantos anos, resolvi com meu filho passar por aqui e lhe desejar muita sorte.

— Ah sim... – Dimitrius ainda fica entretido, mexendo na trança de Melissa – muita sorte.

A vontade que eu tenho de expulsar os dois daqui cresce a cada instante, mas, infelizmente, é

necessário um pouco de sangue frio. Tenho a impressão que eles decidiram ficar com esse joguinho de nervos comigo. Agradeço e me afasto, levando minha mulher e filha junto comigo, procurando ficar afastado de Pedro porque, nesse momento, tudo o que eu não preciso é dele fazendo perguntas e suposições sobre a visita dos gregos.

— Você ainda atende eles, Gael? — Sofia pergunta num tom baixo, mas que, conhecendo-a como eu conheço, não permite qualquer coisa que não seja uma resposta.

E uma resposta sincera.

— Não, Sofi. Também me surpreendi com a visita.

Pensei que o convite pudesse ter sido feito por Marcos, afinal de contas ele fez questão de fazer uma ligação de condolências depois do enterro de sua filha, mas uma troca de olhares foi o bastante pra eu saber que ele estava tão confuso quanto eu.

Decidi ignorar a visita ilustre e manter minha família próxima, já que não tinha mais necessidade de fazer sala a ninguém. Meus pais

estavam em uma conversa animada com Pedro, minha irmã já havia se retirado – eu sequer tinha visto ela sair – e eu estava, covardemente, evitando o olhar inquisidor de Sofia e todas as perguntas silenciosas que ela me faria, e que eu não vou conseguir responder com mentiras.

Passo o restante do tempo irritado por não conseguir relaxar um minuto sequer, apesar de tentar. Fico reunido em um canto, conversando amenidades ou simplesmente ouvindo as velhas piadas de sempre, meu pai fazendo questão de implicar com Pedro como sempre fez desde que éramos crianças. Mas sempre me lembrando que o velho grego estava aqui, sem ser convidado, como um aviso de que eu não conseguiria tirá-lo da minha vista com tanta facilidade.

Ainda tive que lidar com Melissa, sempre tão expansiva, que acabou não entendendo a minha ordem de ficar sentada num sofá ao invés de sair tagarelando escritório afora, conversando com todo mundo. Reclamou, chorou magoada quando chamei sua atenção, até que dormiu com a cabeça deitada no colo de minha mãe.

Quando finalmente consegui me distrair um

pouco, entre uma palhaçada e outra que Pepê fazia, voltei a ficar irritado ao ver a minha adorável sogra em uma conversa animada com Dimitrius. Os dois estavam em um canto da sala, tomando um drinque, e ela ria, divertida, dando tapinhas no rosto dele. A coisa piorou quando ela, alfinetando como de costume, soltou no ar o quão sortuda seria a mulher que se casasse com um homem tão fino, educado, bonito e rico. Não via a hora de encontra-la a sós, e poder falar algo sobre os predicados do caro grego.

— Acha que já podemos ir embora? — Sofia se aproxima, aproveitando que a roda de piadas da vez havia se dissipado com a saída de Pedro — Mel está no quinto sono ali no colo de sua mãe, e eu estou cansada.

— Claro — a trago pra um abraço, me entretendo um pouco ao analisar seu rosto lindo. Meus dedos percorrem suas bochechas, seu queixo, sua boca bonita — desculpe, amor, já devíamos ter ido embora.

Franzo o cenho, estranhando quando ela não responde, me afastando, apenas acenando com a cabeça e indo em direção a minha mãe pra se despedir.

— Sogra, já vamos. Passou da nossa hora de estar na rua.

Ergo Mel nos braços, que somente se estica um pouco e logo já está dormindo novamente, enquanto minha mãe envolve Sofia em um abraço apertado. Sempre me emociono em ver como as duas se dão bem.

— Tchau, meu amor. E, me diga, vai até em casa amanhã? Precisamos acertar os preparativos para a viagem.

— Viagem? – Estranho, pois não me lembro de meus pais terem comentado que estavam indo viajar.

— Sim, Gael. Marquei com sua mãe e vou com Mel até a casa do litoral, no final de semana.

— Ah. Você marcou.

Não consigo deixar de transparecer um certo descontentamento. E um estranhamento, também, afinal de contas nunca fizemos planos pelas costas um do outro. Aparentemente para tudo existe uma primeira vez, mas mantenho a observação, por enquanto, somente pra mim.

Os olhares trocados entre uns e outros deixa
PERIGOSAS ACHERON

claro que o clima pesou, mas Sofia se mantém alheia a isso. Ajeitando a bolsa no ombro, se despede de meus pais e de Pedro, mencionando estar tudo bem. Ainda tenho que ver ela trocando algumas palavras com sua mãe antes de seguir até a porta de saída, sem sequer olhar pra trás.

Me despeço de todos, confuso e aborrecido, e sigo com Mel no colo até o carro. Em silêncio ela abre a porta de trás, e se senta, colocando a cabeça de nossa garotinha em seu colo.

— Vai aí atrás? — pergunto, sentindo um aperto no peito.

— Mel está dormindo, não dá pra deixá-la dormindo solta no banco.

— Não seria a primeira vez...

— O fato de sermos descuidados uma vez não quer dizer que isso tenha que se repetir sempre.

Seu tom de voz denuncia que isso não tem nada a ver com o fato de Mel dormir no banco de trás. Confuso, sento atrás do volante, exasperado, colocando a chave no contato e tentando iniciar uma conversa, sem sucesso. Durante todo o percurso eu busco seu olhar pelo retrovisor mas ela

PERIGOSAS NACIONAIS

não retribui uma vez sequer, mantendo seu olhar longe. Ao chegar em casa, percebo que ficamos o tempo todo em silêncio, e pela primeira vez eu entendo quando as pessoas dizem que as vezes o silêncio grita.

E ele está gritando agora que eu estou muito ferrado.

PERIGOSAS ACHERON



Continuo sentado na varanda, enquanto vejo o dia amanhecer. Me sinto completamente perdido, depois de uma noite infernal. Em dez anos juntos, eu e Sofia nunca tínhamos discutido. Nunca.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sempre procurávamos resolver tudo antes da coisa sair do controle, antes de ficarmos chateados ou magoados um com o outro. E, por isso, eu não sei como lidar com o que está acontecendo aqui agora.

Eu estava muito chateado com o fato dela ter marcado de viajar somente com Mel, e, principalmente, por não ter me falado nada. Me senti deixado de lado, ignorado, sem importância. Mas, mesmo assim, tentei puxar assunto durante a vinda pra casa, em vão. Sofia deitou a cabeça no banco, fechando os olhos, e seguiu alheia até eu estacionar o carro em nossa vaga. Em silêncio, desceu do carro com Mel nos braços e seguiu pra dentro, me deixando puto no meio do estacionamento.

Tentei puxar pela memória algo que eu tivesse feito que a aborreceu durante a recepção, mas não consegui me lembrar de nada. Estava tudo bem até... eu falar o nome dos gregos perto dela. Ou, segundo ela, “seu amigo estuprador, que pagou um segurança pra assumir a culpa em seu lugar.” E, por mais que eu dissesse que não tinha culpa da visita do homem, e menos culpa ainda dos atos daquele canalha juvenil, Sofia seguiu furiosa, ora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me ignorando, ora querendo me matar.

Fico repassando nossa briga, como se fosse algum filme ruim cujo canal eu não conseguia trocar.

— Mentiu pra mim...

— Não menti pra você, Sofi. Eu não atendo mais os Kyriacos. Também não os convidei.

— E eles apareceram lá assim, do nada? O grande Gael Prieto é realmente excepcional, até mesmo a pior escória da sociedade tem que parar pra reverenciar o suprasumo da advocacia.

Ouvi-la falando com tanto desdém de mim, de minha profissão, foi como tomar um soco potente no meio da cara. Essa Sofia, essa mulher que me olha com desprezo, não é a mesma mulher com quem convivo há tanto tempo.

— Não sei exatamente o que te deu, Sofia, mas não fale comigo nesse tom. Eu nunca desrespeitei você.

— Não levar em conta a minha opinião é uma forma de desrespeito. Espero que você saiba disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nossa discussão sem sentido durou um bom tempo. E cada vez que Sofia abria a boca, era uma dor diferente que me causava. Ora desdenhando de minha profissão, ora insinuando que eu não dava importância a ela ou a minha família, ora achando que o dinheiro era o que me movia. Fiquei devastado quando ela me disse que dormiria com Melissa em seu quarto, e que no outro dia iria para a casa de minha mãe, e de lá direto a casa da praia. Sem mim.

Desde que nos conhecemos ficamos exatamente sete noites separados. As sete primeiras. Uma semana depois daquele encontro na lanchonete, já dormíamos juntos todas as noites, na pequena cama de solteiro da república que ela dividia com duas amigas. Seis meses depois estávamos morando juntos, e depois de dez anos casados, nunca ficamos uma noite sequer separados. Quando eu tinha que viajar a trabalho, ela sempre ia comigo. Quando Melissa nasceu, eu paguei o dobro na maternidade somente pra poder ficar no mesmo quarto que ela. Então, você deve imaginar o quão devastador foi vê-la entrando no quarto de nossa filha e fechando a porta, me deixando de fora.

PERIGOSAS ACHERON

Ouçó um barulho atrás de mim e me viro, meus olhos procurando os dela, querendo acabar com essa rusga sem sentido. Torcendo pra que essa noite insone tenha trazido alguma calma e que nós possamos, finalmente, conversar.

— Sofi... — me levanto, indo até ela, implorando com o olhar pra que não me rechace novamente. Sinto falta dela, de seu sorriso, seu abraço, seu beijo. Merda, do cheiro dela.

— Dormiu aí na varanda?

— Não dormi. Sabe que não durmo sem você. — Estico minhas mãos até alcançar as dela, seus braços esticados ao longo do corpo, rendidos. Prendo meu dedo mindinho no dela, esse simples toque faz meu corpo receber uma descarga de energia. — Desculpa.

— Porque você está se desculpando?

— Por qualquer coisa que você ache que eu tenha que me desculpar. — Fico esperando um sorriso, uma palavra, qualquer coisa que encerre esse dia absurdo, mas nada — Por favor, Sofi. Eu amo você, não briga mais comigo, por favor...

— Não quero brigar, Gael. Mas eu ouvi...

eu ouvi quando o grego velho disse ao filho dele que faria você pegar pela morte da menina. E eu fico puta porque te avisei tanto...

Queria arrancar a língua do velho Kyriacos. Fazer com que ele nunca mais pudesse falar um “A”, principalmente perto da minha mulher. A trago pra um abraço, tentando mostrar a ela que tudo estava bem. Obviamente eu não tinha essa certeza, afinal de contas o velho estava me provocando. Ele podia até não fazer nada contra mim, mas ele iria continuar nessa guerra estúpida de nervos. Eu não me importava em duelar com ele, se necessário, usaria as mesmas armas se preciso. Mas eu não podia viver assim, brigando com ela, cada vez que ele resolvesse fazer alguma coisa.

— Ele não vai fazer nada, meu amor. — Falo baixinho em seu ouvido, a trazendo mais pra perto, e ela aperta um pouco mais seus braços em volta da minha cintura — O velho está perturbado ainda, de luto. Quer culpar alguém, quer encher o saco. Você não tem que se preocupar com isso, já te falei.

Algo que eu disse a irrita, porque seu corpo enrijece e ela me solta, como se levasse um choque. Me sinto numa montanha russa de emoções,

querendo gritar que eu não sei lidar com isso. Nunca precisei lidar com isso, Sofia foi minha desde o primeiro olhar, nunca tive que lutar pra tê-la comigo. Sou novamente afastado, e ela segue em direção a cozinha, passos firmes. Vejo quando ela começa a separar algumas coisas em uma bolsa térmica, e me lembro da viagem. Tenho vontade de segurá-la pelos ombros e chacoalhar até sua razão voltar, não consigo entender o porque dessa briga infantil.

— Sofi, você sabe que essa briga não tem sentido nenhum? Porque você está discutindo comigo por causa de um velho bandido que eu nem tenho mais associação? Em dez anos nunca discutimos e agora isso? Essa briga infantil? Sem motivo algum?

— Você disse bem, ele é um bandido, Gael. Sempre disse pra você que dinheiro não era tudo nessa vida e que você não precisaria aceitar tudo quando era caso que aparecia em sua mesa. Mas você nunca se importou com o que eu pensava. Pingando dinheiro na sua conta, era o bastante, não era? Então vou te falar: se acontecer alguma coisa, porque um dia você resolveu defender esse

PERIGOSAS NACIONAIS

bandido, a culpa vai ser toda sua, Gael! Toda sua!

Ainda tento argumentar, chamar-lhe a razão, mostrar que ele apareceu na festa exatamente por esse motivo, mas nada faz com que ela volte a falar direito comigo. Ainda tive que ouvir que Mel acordou a noite, chorando, magoada por eu ter brigado com ela na festa, ou seja... as duas mulheres da minha vida estavam putas comigo. De volta à varanda, vejo quando ela sai um tempo depois, levando Mel com ela. Não falou comigo, não se despediu, só arrumou uma bolsa térmica, uma mochila com roupas, e fechou a porta atrás de si, sem olhar pra trás.

“Estou apaixonado,” ainda digo, dessa vez pra sala vazia. Era nosso mantra diário, eu dizia todos os dias, mas hoje ela não ouviu.

Que dia infernal!



Eram quatro da tarde quando eu finalmente
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentei atrás da minha mesa no escritório, quase aceitando a sugestão da minha secretária de colocar um vasinho de arruda na sala. Segundo ela, era bom pra mau-olhado. Discuti com um cliente, bateram no meu carro no estacionamento do fórum, derrubaram café no meu terno novo. E Sofia não respondeu uma mensagem sequer que eu mandei. Nenhuma. E não estou sabendo lidar com isso.

Sinto o telefone vibrar no bolso e penso se, finalmente, vou ter notícias dela. Saco o aparelho, sorrindo, mas o sorriso vacila um pouco ao ver o número do meu pai piscando na tela. Amo esse italiano, mas não era bem sua cara barbada que eu queria ver me chamando nesse momento.

— *Ciao, babbo!*⁴ O que manda?

— Gael, filho, é a Mel. Você precisa correr.

Meu coração pára de bater por um minuto, e eu não consigo respirar. Por sorte estou sentado, ou teria caído no chão.

— Como assim, pai? O que tem a Mel?

— No pronto socorro perto de casa. Corre, filho...

PERIGOSAS ACHERON

Mal consigo pensar direito, somente desligo o telefone e saio correndo porta afora, chamando a atenção do escritório inteiro mas sem parar pra falar com ninguém. Desço as escadas já buscando meu carro, não tenho ideia de como vou conseguir chegar ao hospital tremendo como estou, apavorado por pensar que minha menina está no pronto socorro.

Encontro Pedro parado em frente ao meu carro, o celular no ouvido falando com alguém, enquanto os olhos ansiosos procuram por mim. Entendo que meu pai o acionou, imaginando que eu não teria condições de chegar até lá sozinho.

— Pedro, o que aconteceu? — grito, antes mesmo de me aproximar totalmente.

Estranho quando ele não responde, apenas esticando a mão e tomando as chaves do carro, seguindo direto pra trás do volante. Sento ao seu lado, batendo a porta com força e logo o carro está em movimento, o trajeto sendo feito tão rápido que mal pisco e ele está estacionando em frente ao hospital. E, se eu posso ser completamente sincero aqui, não sei se quero mais que Pedro me adiante o que está acontecendo. Desde que nos encontramos

em frente ao escritório que ele sequer me olha nos olhos. Coisa boa não deve ser.

Não espero ele manobrar o carro, desço correndo e sigo desesperado pelos corredores em direção à sala de espera da emergência. Conheço bem o caminho, em minha profissão já tive que aparecer aqui algumas vezes. Com a sensação de ter o coração saindo pela garganta, sem mal conseguir enxergar direito as pessoas ao redor, entro na sala de espera lotada. Olho em volta, localizando meu pai conversando com uma das atendentes no balcão. Minha mãe está sentada em um dos bancos, aos prantos, sendo consolada por Jordie e... não vejo Sofi. Sinto quando Pedro se aproxima, e me viro pra ele, apavorado.

— O que aconteceu?

— Senhor Gael Prieto? — Uma voz desconhecida chama nossa atenção e, finalmente, minha família nota que estou aqui. Minha mãe passa a chorar ainda mais alto e eu fico perdido sem saber com quem falar. — Posso falar com o senhor?

Volto minha atenção ao homem atrás de mim. A primeira coisa que eu noto é um distintivo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da policia civil pendurado em uma corrente em seu pescoço. Investigador Samuel Alves, DHPP. Divisão de Homicídios.

— Onde está minha mulher?

— Filho... – meu pai se aproxima, mas não consigo enxergar nada. Só consigo ver o policial na minha frente, um policial da divisão de homicídios.

— ONDE ESTÁ MINHA MULHER?

Começo a me descontrolar, quando meu pai me segura pelos ombros, fazendo com que olhe pra ele. E então ele começa o relato mais surreal que eu poderia ouvir.

Sofia saiu pela manhã e foi direto à casa de meus pais, chateada comigo e fazendo planos para a viagem. Recebeu mensagens minhas o tempo todo pedindo perdão, e isso, aparentemente, foi amolecendo suas convicções. Ainda tinha o fato de Melissa estar chateada comigo então, depois de comentar algo sobre me fazer engolir o WhatsApp, decidiu voltar pra casa com nossa filha, e me esperar. Ela inclusive iria antes passar no shopping e comprar umas *coisinhas*, a fim de não ficar muito tempo sozinha em casa, pensando merda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu pai garantira que ela queria consertar as coisas, dizia estar estressada, culpava os hormônios da gravidez pelo rompante.

Após se despedir de minha mãe, sentou no banco de trás do carro, ajeitando Melissa no assento infantil, e foi quando um carro emparelhou com o dela, abrindo fogo. Tudo aconteceu muito rápido, segundo ele, mas ela ainda teve o instinto de se jogar em cima de Mel, a protegendo com seu corpo, mas não fora o suficiente, e por isso nossa filha estava nesse momento na sala de cirurgia. Seu corpo havia protegido Mel de todas as balas, menos uma. Uma única bala, que atingira seu crânio.

Ouçó tudo em silêncio, como se ouvisse alguém contando sobre algo distante, e quando volto a mim, meu pai e Pedro estão ao meu lado, apreensivos. Como se esperassem eu fazer uma grande cena.

— Melissa está em cirurgia, isso que você está me dizendo?

— Sim, filho. Estamos esperando notícias.

— Tudo bem... – olho em volta, a procurando – E Sofia? Está em cirurgia também?

PERIGOSAS ACHERON

— Filho... Sofia não resistiu.

A frase chega até mim, eu a ouço, mas não compreendo. “Sofia não resistiu.” O que isso quer dizer? Subitamente me sinto perdido, ele quer dizer que minha mulher morreu? E meu filho? Quero gritar todas essas perguntas, elas chegam até minha garganta, mas nada sai. Sinto um zunido em meus ouvidos, um aperto no peito, minhas pernas mal conseguem suportar o peso do meu corpo.

Busco apoio na parede atrás de mim, tentando entender a situação ao meu redor. Buscando por ar, que subitamente passa a me faltar.

Minha Sofia não resistiu.

— Kyriacos...

Menciono o nome dele, recortes de memória aparecendo em minha mente como flashes dolorosos. Sofia me sorrindo na lanchonete da faculdade. “Você não vai precisar implorar.” Nossa primeira noite juntos. “Nêmesis chegará até você.” Ela entrando vestida de noiva em nosso casamento. “Não serei amigável.” Seu sorriso lindo. “Sofia não resistiu.”

O investigador tenta falar comigo, talvez

pela menção ao grego bastardo, mas meu pai pede que ele me dê um tempo. Não pede gentilmente, obviamente, o velho carcamano sabe marcar presença quando necessário. Meu ouvido ainda zune e eu ainda consigo ouvir o choro de minha mãe, sem parar, abafado pelo abraço de minha irmã.

— Família de Melissa Prieto?

Forço minhas pernas a ficarem firmes, minha filha precisa de mim. Sigo até o médico, que parece um tanto cansado e... não. Não estou muito bem pra análises agora.

— Como está minha filha?

— Sinto muito, senhor Prieto. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance.

“A culpa vai ser toda sua, Gael! Toda sua!”

Sinto um frio insuportável tomar conta de mim, como se minha vida tivesse saído e deixasse somente um corpo oco. Não presto atenção a mais nada ao meu redor, sei que as pessoas falam comigo mas já não ouço mais. Não consigo falar, só me viro e saio do hospital, sem tomar conhecimento do inferno que deixei pra trás. Me

PERIGOSAS NACIONAIS

sentindo vazio. Morto em vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Quatro anos depois

PERIGOSAS ACHERON

Jeremias bate impaciente na porta do estoque, e tenho pra mim que ele faz de propósito a fim de me irritar. Esse português babaca merecia um soco na cara e se eu não o conhecesse desde moleque, faria isso agora mesmo.

Bem, também tem o fato de ele ser meu patrão e eu precisar desse dinheiro pra comer. Tirando isso, eu totalmente o faria.

— Gael! Tem gente te procurando aqui!

Solto os sacos de cimento que estou tentando organizar desde cedo, e sigo até a frente da loja, encontrando minha irmã olhando em volta, rodeada de latas de tinta e canos de pvc como se estivesse em algum planeta distante.

— Jordie.

— Mano! — Ela vem até mim pronta pra me dar um abraço mas desiste com uma careta, ao ver que estou cheio de cimento — Andou brigando com alguém, ou só resolveu fazer uma estátua de si mesmo?

Em outra época, quando eu era mais leve e sociável, eu acharia graça da tentativa de piada. Sei

que ela faz isso pra melhorar o clima sempre que me encontra, mas não peço por isso e também não encorajo. Apenas suspiro fundo, em resposta.

— O que quer, Jordie? Estou ocupado, sabe disso. Horário de trabalho... — falo apontando pro português, que bate com os dedos indicador e médio na testa, em um cumprimento desajeitado. Canso de falar pra ele não bancar o garotão, mas é inútil.

— Eu vim te ver. Faz tempo, sabe? — Dá de ombros como se fosse suficiente — E também preciso de ajuda. Da sua ajuda.

— O que aconteceu?

— Estou com problemas na escola. Precisava de um conselho jurídico.

— Não. — A resposta sai rápida e seca, sequer titubeio.

Sei o que está pensando. O que custa ajudar a irmã, homem das cavernas? Mas eu não advogo mais. Não desde aquele dia...

Tenho consciência de que tudo aconteceu por minha culpa. Por culpa das minhas escolhas tortas. Primeiro, eu fui ambicioso. Depois eu fui PERIGOSAS ACHERON

ingênuo. E por fim, burro mesmo. Por conta das minhas escolhas, tinha perdido tudo na vida.

— Gael, por favor...

— Eu não advogo mais, Jordie. Você sabe disso, eu não sei porque ainda vem atrás de mim quando precisa de um advogado.

— Eu só preciso de um conselho. Só isso... A Mirela, lembra dela? – Suspiro, entediado, mas aceno com a cabeça. Claro que lembro dessa biscate, era a secretaria pessoal da minha irmã e foi bater em minha casa um dia, toda oferecida – Ela pediu as contas, disse que tinha recebido uma proposta melhor. Agora recebi uma notificação, ela denunciou a escola pro ministério do trabalho.

— Bem, piorou, porque eu nunca cuidei de nada na área trabalhista. Mas porque a preocupação? Não estava tudo certo?

— Não sei, Gael! Você sabe como as coisas estão difíceis...

Tem algo que você precisa saber: a minha irmã não é a pessoa mais organizada do mundo. Nem perto disso.

Quando era menina, decidiu que teria uma
PERIGOSAS ACHERON

escolinha infantil quando crescesse. “Ah que lindo, Jordie, você vai ser professora?”, perguntariam os incautos. “Não, Deus me livre! Quero só ter uma escolinha mesmo. Adoro crianças. Dos outros.” Ela hoje é adulta e TEM uma escolinha infantil. Mas se enrola tanto com a parte administrativa do lugar que eu tenho pra mim que ela devia aproveitar algumas aulas de matemática no lugar.

A olho com carinho, ela parece a mesma menina birrenta de sempre. Braços cruzados, a boca em formato de bico, só falta mesmo bater os pés no chão, fazendo manha.

Não me custaria, na verdade, ir até lá. Apesar de não ser minha área, posso indicar algum conhecido, ainda sobraram alguns, do próprio escritório do Marcos, mesmo. Mas ainda é tão doloroso voltar a qualquer coisa da minha vida antiga. Seria como ressuscitar o velho Gael, e esse morreu há quatro anos atrás.

— Vou ver o que posso fazer, Jo, mas não prometo nada.

Mesmo a minha falta de promessa parece significar muito, pois o sorriso que ela abre é enorme, com mais dentes que eu possa – ou queira

PERIGOSAS ACHERON

— contar.

— Obrigada! Obrigada! Você tirou um peso dos meus ombros!

Não consigo acompanhar a animação da minha irmã. Até porque sei onde isso vai nos levar: a um convite pra visitar nossos pais.

— Gael, você podia aproveitar que estou aqui e vir comigo até em casa. Mamãe sempre faz aquele frango que você adora às quartas-feiras.

Não disse? É *batata*, uma explosãozinha de felicidade e um convite até a porta do inferno.

Oh, não. O inferno não é teoricamente a casa deles. Mas eles nunca se mudaram, e eu não consigo pisar no local onde... onde elas... bem, dizer que não piso onde elas morreram é inútil. É o mínimo, certo? Mas eu mal consigo pisar nos locais onde elas viveram! Não volto pro apartamento desde aquela manhã. O escritório onde teve a maldita recepção não viu minha cara nem pra rescisão de contrato. Os pertences de Melissa tiveram que ser entregues a minha irmã, porque passar em frente ao colégio onde ela estudou é doloroso. Imagina então estar no local onde elas

foram emboscadas?

Passo...

— Hoje não vai dar, Jo. Tenho muita coisa a fazer aqui. Mas a gente marca pra ir outro dia, tudo bem?

Minha irmã olha ao redor, talvez se perguntando que tanto de coisa eu teria pra fazer em um pequeno depósito de material de construção. Assim como praticamente todo mundo que me conhece, ela também não se conforma que eu esteja trabalhando aqui, e vive arrumando uma forma de me levar a minha vida anterior. Sei bem como a mente dela trabalha, poderia apostar que aquela cabeça está bolando alguma teoria maluca pra me tirar daqui. Mas antes mesmo dela ter chances de fazer isso, Joaquim grita do balcão que eu tenho que terminar a arrumação do estoque.

Lembra quando eu disse que só não socava a cara dele por ser conhecido de infância e meu patrão? Bem, não fui muito justo com ele. Joaquim é um português bonachão, conhecido do meu pai, que tem esse depósito há anos. Um negócio simples, pequeno, que esteve sempre no mesmo local e que serve bem a vizinhança. E quando eu

PERIGOSAS ACHERON

estava no fundo do poço, sem saber o que fazer da minha vida, ele me estendeu a mão. Não podia me pagar muito pelo serviço mensal, mas eu ao menos teria um salário e um teto pra viver, já que eu moro na casa anexa ao estabelecimento. Um local simples, pequeno, e sem lembranças.

Além de patrão, Joaquim se tornou também meu “protetor”, ou algo do tipo. Por muito tempo eu me afastei de todo mundo. Incluindo minha família, eles apareciam querendo me ver e eu sempre virava as costas, mal fazendo questão de tratá-los bem. O velho português foi me fazendo entender que eles se preocupavam comigo e por isso vinham até aqui, e quando eu não me sentisse bem, bastava contar com sua ajuda. Ele me mandava trabalhar, e eu me afastaria sem grosserias.

“Arrumar o estoque” é o novo “salvo pelo gongo”.

Dou de ombros, já me despedindo da minha irmã, e seguindo pro estoque. O galpão anexo, hoje, é um local um pouco mais organizado graças a mim. Quando cheguei aqui pra trabalhar, no primeiro dia, tive uma grande dificuldade em

entender como ele conseguia sequer achar alguma coisa em meio à bagunça que isso estava. O galpão não é muito grande então, a fim de caber tudo, tinha que estar organizado. Não era muito difícil, mas como o português ficava aqui praticamente sozinho, não conseguiria mesmo. Compreensível.

Em um final de semana, juntamente com Felipe, o atendente que também trabalha aqui, e Jonas, nosso motorista, erguemos um mezanino, acessível por uma pequena escada de ferro. Nele, hoje, armazenamos as caixas com material de ferragem, elétrica e hidráulica, ferramentas, pintura, pisos e acabamentos. Tudo acondicionado em prateleiras, separado por sessão, facilitando a vida do estoquista. No caso, eu.

Na parte de baixo do mezanino ficam os materiais maiores. Portas e janelas, gabinetes, caixas d'água, pias, louças de banheiro, latas de tinta e sacos de cimento. E é por conta desse último que estou quebrando a cabeça, recebemos um carregamento que não cabe no pequeno espaço e passei a manhã tentando organizar de uma forma que não atrapalhe.

— Gael, sei que não gosta quando eu falo,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas você precisa parar de afastar sua família, meu querido.

Ouçó a voz do português nas minhas costas, depois de anos vivendo no país ele ainda tem o sotaque amistoso.

— Você tem razão. Não gosto quando você fala.

Sigo empilhando os sacos, sem me virar em sua direção, mas isso não parece demovê-lo de continuar me importunando.

— Eles se preocupam com você, Gael. Gostam de saber que está bem, mesmo que você não compreenda. Eu sempre estou aqui e vou botá-los pra correr, sabe disso, mas seria bom eu não *precisar* mais fazer isso.

Não quero discutir com ele. Joaquim foi um porto seguro que encontrei quando tudo o que eu mais queria era parar de respirar. Ele me encontrou dormindo num banco de praça, depois de brigar com Pedro e sair da casa dele, em plena madrugada. Minha cabeça estava uma bagunça, fazia uma semana que tudo tinha acontecido e eu queria somente dormir e não acordar nunca mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Só que vivendo com Pepê, isso seria impossível. Dormir, aliás, era impossível, quanto mais o fazer pra sempre.

O velho português, que já sabia o que tinha acontecido com elas, me ouviu e me acolheu. Sem julgamentos, sem forçar a barra, sem tentar me convencer a mudar de ideia. Se hoje eu tenho um emprego e uma casa, é por causa desse velho. Que continua falando...

— E pelo que eu ouvi, sua irmã está com problemas. Imagina como você vai se sentir se ela perder a escola por algo que você podia ter ajudado?

Duvido muito que ela perca a escola por conta de problemas trabalhistas. A não ser que ela tenha feito uma merda tão grande que a multa seja mais do que ela pode pagar.

— Merda... — solto um suspiro alto, soltando o último o saco no chão, e sinto quando Joaquim bate no meu ombro.

— Você é um bom rapaz, Gael. Não duvido que vá fazer a coisa certa. Precisa parar de afastar as pessoas que gostam de você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sim, eu faço isso. Afasto todo mundo. Acho uma forma bem eficaz de protege-las de desgraças, diga-se de passagem. Se eu mantenho as pessoas afastadas, elas não podem ser afetadas pela minha burrice. O único que nunca respeitou esse meu exílio auto imposto foi Pedro. Nunca se importou se eu gritasse, se eu o xingasse, de bater à porta na sua cara incontáveis vezes, ele sempre voltava.

Lembro de uma noite em que ele veio até minha nova casa, pouco depois de eu me mudar. Andava inconformado que eu não quis continuar dividindo seu apartamento, tinha dito que nunca mais apareceria na minha frente e que eu morreria sozinho, como eu bem queria. Sua promessa não durou muito, naquela mesma noite ele bateu em minha porta, preocupado com minha mãe, que havia sido internada com uma nova crise de hipertensão.

Sim, minha velha se culpava, tanto quanto eu. Na cabeça dela, Sofia e Melissa nunca teriam morrido se ela não a tivesse convencido em ir até sua casa e ficar tanto tempo lá jogando conversa fora até mudar de ideia sobre a viagem. Não foi culpa da minha velha, obviamente, mas ela não via

PERIGOSAS ACHERON

dessa forma.

Saber que minha mãe estava no hospital foi difícil mas nem isso me fez querer sair de casa. Briguei, xinguei, fechei a porta e deixei Pedro pro lado de fora enquanto o mundo desabava em forma de água do lado de fora. Encontrei ele horas depois sentado na soleira da minha porta, ensopado, teimoso feito uma mula.

“Não vou pra canto nenhum, mano...”

Eu fiquei muito tempo entregue. Entregue à tristeza, entregue à depressão, entregue à raiva. Vivi intensamente todos os estágios do luto. Hoje eu só vivo um dia após o outro, só esperando o dia que vou olhar pra cara daquele velho maldito e ser a última coisa que ele vai ver na vida.

No final do dia, me despeço de Joaquim dizendo que vou chegar mais tarde no dia seguinte, e recebo um sorriso de volta.

Se todo patrão fosse como esse português, das duas uma: ou todo mundo trabalharia mais satisfeito, ou todo estabelecimento iria à falência.



“Escola de Educação Infantil São Prieto”

Estaciono meu velho Ford em frente a simpática escola de minha irmã, já podendo ouvir a gritaria infantil. Fecho os olhos, buscando equilíbrio e colocando na minha cabeça que vim aqui pra ajudar. Desço do carro e sigo pelo pequeno portão de ferro, olhando ao redor e lembrando de quando viemos aqui pela primeira vez, eu e Sofia. O sonho da minha irmã era ter Melissa estudando aqui, minha mulher não era muito favorável a ideia de ter sua filha estudando na escola da família, não queria que ela fosse vista como favorecida ou algo do tipo, e eu havia prometido a Jordie que tentaria convencê-la. Cada passo dentro dessa escola era como lembrar da voz suave de Sofia inventando os argumentos mais estapafúrdios pra negar nosso pedido.

“Tem bastante árvores, né? Você vive ensinando a Melissa a ficar pendurada por aí, ela

vai acabar se arrebentando...”

O corredor arborizado terminava em uma porta grande, oval, que dava direto na recepção. A sala de minha irmã ficava à direita, a biblioteca mais ao fundo.

“A biblioteca é grande, mas, não sei... reparou que tinham alguns títulos ali que nem servem pra idade dessas crianças? Do jeito que a Melissa lê tudo, até bula de remédio...”

Meus olhos correm em volta do pequeno local, notando que continua do mesmo jeito de sempre. O estreito balcão oval branco aparece logo em frente, contrastando com a grande parede vermelha de fundo. Um quadro de avisos traz, bem no meio, letras coloridas montando a frase “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. Sorrio, cínico, pensando o quão boa é minha ideia de nunca mais cativar ninguém.

Me encosto no balcão, que se encontra vazio, sem querer invadir o espaço à procura de minha irmã, tentando localizar uma campainha ou algo do tipo que possa chamar a atenção da recepcionista. Meus olhos acabam parando em uma pequena cadeirinha verde, bem no canto, ao lado da

PERIGOSAS ACHERON

cadeira giratória. A dor chega a ser insuportável, tanto que mal consigo respirar direito. Lembro bem dessa cadeirinha, meu pai havia trazido pra cá, ela seria “o troninho da princesa”, um lugarzinho onde Mel poderia ficar sentada, na biblioteca, quando viesse visitar a escola da tia.

Ver essa cadeirinha vazia num canto qualquer da recepção, combinado com as vozes das crianças chegando até mim, é como um tsunami de coisas ruins. Aperto o balcão com tanta força que sinto dor nas juntas dos dedos. Não devia ter vindo aqui. Não devia ter vindo aqui.

— Posso ajudar senhor?

Abro os olhos, puxando o ar pelo nariz de uma forma que chego a sentir ardência nas vias respiratórias. Me viro em direção à voz suave e me deparo com um par de olhos castanhos me olhando com curiosidade.

Sua expressão tem tanta doçura que eu me perco um minuto, em meio a essa bagunça de sentimentos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia, Bárbara!

Ouçó a voz de minha patroa logo atrás de mim e acabo deixando cair a pilha de livros que levava até a biblioteca. Ugh, hoje é outro daqueles dias.

— Bom dia, Jordie. Desculpe por isso. — Estico os lábios numa tentativa meio desajeitada de sorriso, torcendo pra que ela não decida, finalmente, que hoje é o dia em que ela me demite.

Ando acumulando funções aqui na escola — e, lamentavelmente, não ando acumulando salários também, o que seria excelente. Fui contratada há três anos como recepcionista, mas desde que Mirela pediu as contas tenho ajudado Jordie na administração também. É meio puxado, dependendo do dia chega a ser enlouquecedor, mas vale a pena. Sou muito grata por ela ter me contratado sem ter nenhuma experiência e ainda ter dado uma bolsa de estudos pro meu filho — coisa que a escola não costuma oferecer.

Esse tipo de gentileza, você sabe, mãe não esquece.

PERIGOSAS NACIONAIS

O problema todo é que tenho estado completamente atrapalhada. Tenho certeza que meu tico-e-teco andam falhando, tanta coisa na cabeça a ser resolvida começou a interferir no meu trabalho.

Segunda-feira cheguei atrasada. Uma hora e quarenta minutos de atraso, em início de bimestre, é um pouco além do aceitável. Felizmente Jordie sabe que eu moro um pouco longe do trabalho e os ônibus estavam em greve. Eu poderia ter pego um táxi, mas lembra que eu disse que não acumulava salários? Então...

Terça-feira fui esquentar o meu almoço no micro-ondas da cozinha dos funcionários e, não me pergunte como, o maldito explodiu. Começou a soltar uma fumacinha e antes mesmo de eu conseguir chegar até o fio da tomada, fez aquele barulho enorme de explosão, derrubando toda a energia do prédio. Seu Claudio, o segurança, disse que o aparelho já estava velho e devia estar em curto. Mas sabe como é, foi na minha mão que explodiu. Acho que vou fazer uma novena, seja lá como se faz isso, pedindo pra que a fortuna gasta com isso não seja descontada do meu salário.

Ontem foi quarta-feira. Tive um início de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

manhã daqueles: ônibus lotado, filho reclamando, sacola quebrando a alça e derrubando todo o conteúdo no meio da avenida. Mas achei que estaria imune a minha recente onda de azar, já que havia chego no horário, tão adiantada que conseguira até arrumar meu cabelo e passar um batom antes de atender a primeira cliente. Que era nada além do que a mulher mais chata de todas as chatas do mais chato universo existente: Filipa Batista. Atendi a mulher com o maior cuidado pra não fazer absolutamente nada errado, quando minha mente viajou de repente, pensando que eu teria que fazer supermercado, e tentando lembrar quantas contas de luz eu tinha em atraso. Duas? Ou três? Acho que três.

— Prontinho, dona Felipa. — Entrego o cartão de débito em sua mão, acompanhado do comprovante de pagamento da mensalidade — Tudo certinho, tenha um bom dia.

A mulher tinha ido pagar a mensalidade da escola. Que não é barata, imagina, mil e trezentos reais por quatro horinhas de aula? E exatamente por não ser barata, muitos dos pais que mantinham seus filhos naquela escola se achavam os donos do

PERIGOSAS ACHERON

mundo. Como dona Filipa. Eu sabia bem como era esse tipo de gente, havia convivido demais com eles pra saber que o melhor a se fazer é ser gentil e invisível.

Mas não dá pra ser invisível quando, ao invés de cobrar mil e trezentos você viaja pensando em três contas de luz em atraso e cobra três mil e trezentos. A mulher voltou naquela tarde soltando fogo pelas ventas e Jordie, que tinha estado tão animada o dia inteiro, passou um bom tempo tentando convencer a mulher que eu havia cometido um erro honesto e não tinha tentado roubá-la.

Tive vontade de perguntar porque ela também não prestou atenção no valor que eu havia digitado, antes de confirmar a senha, mas eu já estava no lucro... Já diria Aristóteles: *O homem prudente não diz tudo quanto pensa.*

Hoje é quinta-feira, meu dia apenas começou, mas, por favor, por favorzinho, seja um bom dia!



— Bárbara, está tudo bem com o Bruno?

Existem algumas regras que não deveriam nunca ser quebradas. Alguém perguntar de supetão, pra uma mãe, se está tudo bem com seu filho, é uma delas.

Quase cai da escada, enquanto arrumava alguns livros na biblioteca, quando Carol – a professora do meu filho, Bruno – colocou a cabeça pra dentro, soltando essa pergunta.

— Porque? – Desço, meio atrapalhada, tentando não derrubar nada – Alguém ligou pra cá?

— Calma. Ninguém ligou. – Ela segura meu braço ao tentar passar por ela, já imaginando o quanto eu teria que correr para chegar rápido até em casa. Claro que preciso levar em conta que, de ônibus, levo mais de uma hora. – Só que sem ele a sala fica mais quietinha que o normal.

“Mais quietinha que o normal”. Devo dizer

PERIGOSAS NACIONAIS

que meu filho é meio furacão. Deixa qualquer um meio maluco com tamanha energia.

— Não me assusta, Carol. – Coloco a mão no peito, tentando acalmar o coração – Ele teve febre ontem a noite. Acabei deixando-o com uma vizinha, ela tinha prometido me ligar caso a febre voltasse.

— Você precisa arrumar uma babá pra ficar com ele nessas ocasiões. Nunca se sabe, criança é imprevisível.

Criança é imprevisível e eu sou uma quebrada. Seria excelente ter uma babá. Como seria excelente morar numa casa mais perto do trabalho. Ou ter dinheiro sobrando para fazer supermercado. Ou não ter três contas de luz atrasadas, correndo o risco de chegar a noite no escuro. Ou não ter um locatário irritante que resolveu aumentar seu aluguel.

Estou xingando Éder mentalmente desde ontem a noite, quando ele apareceu em casa ignorando toda a minha já conhecida ladainha sobre ganhar pouco e ter um filho pra sustentar, avisando que o aluguel seria reajustado.

PERIGOSAS ACHERON

-

— *Senhor Éder, por favor. Eu nunca atrasei um mês sequer, será que não merecia um pouco de consideração?*

— *Eu não consigo pagar minhas contas com consideração, Bárbara.*

— *Bem, eu não conseguirei sequer pagar as minhas sem isso... – solto um muxoxo pra mim mesma, tentando pensar em mais algum argumento que consiga amolecer o coração peludo desse homem – O senhor não pode aumentar daqui a uns meses? Uns seis meses, talvez?*

Até lá eu poderia barganhar um aumento de salário com Jordie, e, quem sabe, ter colocado minhas contas em dia.

— *E como eu vou explicar pros outros inquilinos que eu não aumentei o seu aluguel e aumentei o deles, sendo que você não é nada minha?*

— *Eles lá precisam saber??*

— *Ah, eles iriam saber. Eu poderia contra-argumentar que com família é diferente, caso tivéssemos alguma relação mais próxima, consegue*

entender o que eu quero dizer?

-

Eu conseguia. Ah, eu conseguia. Conseguia imaginar minha mão indo parar na cara desse safado, também.

Aguento as investidas de Éder desde que me mudei, dois anos antes. O babacão deve ter pensado que, por ser mãe solteira e morar sozinha, eu era fácil como ficar dura logo no primeiro dia de pagamento. Um dos primeiros gastos que tive aqui nessa casa foi ser obrigada a mudar todas as fechaduras das portas, depois de flagrar o safado abrindo minha casa com sua própria chave. Dizia ele que tinha encontrado um molho de chaves em casa e estava testando, checando se eram cópias.

Sim, eu sei, ando dando sopa pro azar. Um dia te conto minha saga até chegar nessa casa. Mas já adianto que moro ali porque minha vizinha, Lola, é minha única amiga no mundo todo. Só posso contar com ela, e mesmo assim, nem é sempre. Não posso me dar ao luxo de perder isso por causa de um babaca qualquer.

— Vou procurar uma babá, Carol — é a

única coisa que consigo responder. Ser gentil, invisível e as vezes fingir-se de louca.

Eu fui obrigada a me forjar dessa forma. Não é uma tarefa fácil, principalmente quando você gosta de gente. Gosta das pessoas, gosta de se enturmar, de fazer amizades, conhecer gente nova, saber experiências novas. E eu sou assim, sabe? Eu gosto de ouvir histórias, saber o dia a dia das pessoas. Saber como elas se sentem depois de cada conquista. Sou o tipo de pessoa que, quando acompanho a luta de alguém, gosto de vibrar junto depois de cada vitória. Gosto, mas não faço. Não mais.

Tive que aprender a ser invisível, tive que aprender a ser solitária, a não me abrir, não trazer ninguém pra dentro dos meus problemas. O mundo é uma rede e você não sabe quem essas pessoas conhecem, com quem se relacionam, onde podem te levar. Na dúvida, ainda que difícil, o melhor é se fechar.

Ser fechada e solitária é muito doloroso, mas, no meu caso, se tornou extremamente necessário.

Volto à recepção, que deixei sozinha

PERIGOSAS ACHERON

enquanto vinha guardar os livros antes da próxima aula, torcendo pra não ter deixado ninguém esperando. Mas, quinta-feira, lembra? Ainda não é meu dia de sorte. Vejo um homem parado no balcão, o olhar perdido em algum ponto dentro da recepção. Ele é meio desleixado, o cabelo liso e bem escuro não vê um corte há um bom tempo. A barba cerrada também precisava ser aparada, qual é a desses homens hoje em dia que gostam de parecer lenhadores? Esse tanto de pêlo na cara, Deus me livre...

Ele continua olhando fixo em um ponto qualquer, acompanho seu olhar e penso ser a cadeirinha de leitura que criança nenhuma senta porque Jordie não permite, e de repente o homem parece sentir dor. Ele segura a beirada do balcão com tanta força que os nós dos dedos dele ficam brancos, os olhos tão apertados e o rosto retorcido... será estômago? Coitado do moço...

Acho melhor chamar sua atenção, oferecer uma água, uma cadeira pra sentar. Ele é tão alto que, se desmaiar de dor aqui na recepção, será preciso umas três pessoas para erguê-lo.

— Posso ajudar, senhor?

PERIGOSAS NACIONAIS

Lentamente ele abre os olhos e puxa o ar, com tanta força que um touro ficaria com inveja. Mas quando ele me olha...

Eu nunca vi coisa igual. Ele tem o par de olhos mais lindos que eu já vi na vida! Azuis, no mesmo tom das águas da minha praia preferida em Ilhabela. Ele parece tão triste, e tão atormentado, e seu olhar tem tanta força que eu preciso desviar o meu.

Desviar meu olhar e conter essa revoadada que, subitamente, passei a sentir no meu estômago.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

— Senhor, eu posso ajudar?

Tento novamente, estranhando minha voz sair tão trêmula. O homem não se mexe, seus lábios formam uma linha fina, ele franze as sobrancelhas enquanto seus olhos me analisam de uma forma, eu diria, não muito gentil.

— Quem é você?

Oh minha nossa... a voz dele é grossa, rouca. Meio rude, mas se for levar em conta que ele deve estar sentindo dor, acho compreensível.

— Meu nome é Bárbara, senhor. Posso ajudar em alguma coisa? Está se sentindo bem? Quer uma água, precisa se sentar?

— Você trabalha aqui?

Aceno com a cabeça, já achando meio idiota esse questionamento todo. Se eu estou do lado de dentro do balcão, oferecendo ajuda, alguma coisa deve significar. Tento dar mais um dos meus sorrisos genéricos, que eu já jurei não fazer mais por me deixar com cara de tonta, enquanto aguardo o homem dizer o que precisa. Oferecer simpatia em momentos esquisitos é o que eu faço de melhor

nessa vida.

— E deixou a recepção sozinha? Você ganha pra ficar aqui ou sua função é sair passeando pelo colégio como se estivesse em seu horário de almoço?

Mas...

Sabe aqueles momentos em que você se vê num filme? Não precisa nem ser romântico, um filme qualquer, imagina a cena... Você é o protagonista, o dia está ensolarado. Você caminha por uma rua tranquila, arborizada. A trilha sonora é sua música favorita e você sai, no ritmo da música, olhando os pássaros voando, brincando com os cachorros, acenando pros vizinhos, quando de repente você tropeça e cai de cara no chão?

Pois é. Essa sou eu, caindo de cara no chão com a grosseria do homem. E, deixa eu te contar uma coisa: sou ótima em oferecer simpatia. Mas sou melhor ainda em devolver grosseria gratuita.

— Não sei se isso seria da conta do senhor, agora, eu vou precisar repetir mais uma vez no que posso ajudar, ou devo procurar um gravador pra ficar repetindo a pergunta até que o senhor decida

responder?

— Não é à toa que Jordie está com problemas. Olha o nível dos funcionários que ela contrata.

Sinto o fogo do inferno subir pro meu rosto, ao ouvir esse homem falar de mim dessa forma.

— Desculpe, mas quem você pensa que é pra falar assim? Por acaso me conhece? Eu lamento muito se está tendo um péssimo dia, mas, honestamente, deveria aprender a não descontar em cima dos outros. Ninguém tem nada a ver com seus problemas!

Eu devo ter falado um pouquinho mais alto do que deveria, porque logo Carol estava entrando na recepção, atraída pela discussão.

— Mas o que está acontecendo... Oh, olá Gael, quanto tempo!

— Carol, pode por favor chamar a Jordie pra mim? Porque se depender da... recepcionista de vocês, vou ficar aqui até amanhã e não tenho tempo.

— Não estaria esperando se tivesse me respondido da primeira vez que eu perguntei... —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cruzo os braços, num claro desafio. Minha bolsa já está bem cheia, não estou a fim de levar esse desaforo pra casa não.

— Você não tem a menor condição de lidar com público, garota.

— E você não tem a menor condição de lidar com gente. Seu grosseirão, mal-educado!

— Bárbara! – Carol parece chocada com minha explosão, mas não me contenho e continuo falando sem parar.

— Deve viver sozinho no meio do mato, esse bicho. Quem vai querer ficar perto disso?

— BÁRBARA!

O grito de Jordie me faz calar imediatamente. Só então me lembro que estamos na recepção do colégio, e noto que tem uma reunião de funcionários no corredor interno prestando atenção na confusão, uma Carol branca feito cera e um grosseirão muito irritado na minha frente.

— Desculpe, Jordie. Esse... senhor me tirou do sério.

— O que aconteceu aqui? – Ela pergunta

PERIGOSAS ACHERON

diretamente pra mim. Olho em volta e todo mundo sumiu, obviamente devem saber como ela fica quando está nervosa.

Filtro, filtro, por favor, não me abandone.

— Estava guardando uns livros na biblioteca e quando voltei, esse senhor estava aqui parado. Meio que discordamos da forma como eu trabalho, foi isso.

— Discordamos totalmente – o grosseirão complementa – Ela fala com as pessoas como se tivesse falando com os alunos de sua escola.

— Com educação? Ah, desculpa, não deve saber o que é isso. O que foi, senhor tempestade, está tendo um mal dia? Um dos seus raios de estimação te picou na bunda? Quem morreu pra te deixar nesse mal humor dos infernos?

Assim que a frase sai da minha boca eu me arrependo, porque a expressão que o pobre homem faz é de cortar o coração. Durou pouco, mas foi como se um punhal o tivesse acertado. Não tive tempo de me desculpar, no entanto, logo estava sendo arrastada pelo braço, por minha chefe, pra dentro de sua sala.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você perdeu o juízo, Bárbara?

— Desculpa, Jordie, eu... perdi a cabeça. Mas é que aquele homem...

— Aquele homem é meu irmão! – Minha cabeça gira por um instante e eu fecho os olhos. Eu estou muito ferrada... mesmo! – E ele passou por coisas que você sequer imagina e eu não vou permitir que você fale com ele desse jeito, entendeu?

“Ele passou por coisas que você nem imagina”. Esse é o tipo de justificativa que me tira do prumo sempre. A pessoa sofre e, pronto, lá vem um excelente motivo pra ser um escroto profissional.

O meu pai dizia que eu tinha um problema muito sério, chamado “empatia”. Sim, ele achava isso um problema mas para mim sempre foi essencial, desde que eu era pequena. Eu simplesmente não consigo agir como se as outras pessoas não existissem, como se não tivessem sentimento. Por isso essa história de agir feito um cavalo porque teve problemas me deixa sempre furiosa.

PERIGOSAS ACHERON

— E porque ele teve uma vida difícil, ou sei lá o que aconteceu, dá a ele o direito de tratar as pessoas como lixo?

— Não te chamei aqui pra você ficar argumentando comigo, Bárbara. Pega suas coisas e pode ir, você está demitida.

Quinta-Feira. Eu ainda tinha Sexta-Feira para fazer merda.

— Jordie...

Eu poderia implorar. Eu deveria ter implorado, na verdade. Mas eu passo a minha vida implorando. De uns anos pra cá, implorar é tudo o que eu faço.

“Só mais uma chance.” “Só mais um dia.” “Por favor.” “Chega.” “Me deixa em paz.”

Eu cansei.

— Seu irmão passou por coisas que eu, realmente, não imagino, Jordie. Mas você não sabe nada da minha vida também. Não sabe por tudo o que eu passei, o que eu tive que aguentar, as coisas que tive que engolir. Sabe qual é o problema de vocês que tem dinheiro? Acham que o mundo gira em torno do umbigo de vocês. Têm problemas e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acham que todo mundo tem que se curvar, em prostração, porque estão sofrendo. Acredite em mim: vocês não detêm o gene do sofrimento. Eu passei por muita merda nessa vida também e nunca, em dia algum, eu tratei alguém com a grosseria gratuita que seu irmão me tratou. E se não aceitar esse tipo de coisa é estar errado, bom, eu não quero mesmo estar certa.

Ergo meu queixo da forma mais altiva e orgulhosa que eu consigo, e saio da sala, pela porta que se manteve aberta. Pela expressão do grosseirão, ele ouviu o que eu disse pra irmã dele, mas dane-se também. Pego minha bolsa e dou a volta no balcão, puta da vida, e a imagem do rosto do homem atingido por algo que eu falei minutos antes vem na minha mente.

Eu posso ser atrapalhada, posso não ser santa, posso até não levar desaforo pra casa. Mas odeio saber que contribui, de alguma forma, pro mau dia de alguém.

— Sobre o que eu falei, senhor... me desculpe. Não tive a intenção de magoar.

PERIGOSAS ACHERON



Mal consigo pensar quando dou sinal pro ônibus. Embarco rapidamente, assim que o motorista abre a porta e me sento, ainda nos bancos dianteiros, tentando conter o choro que está a ponto de desabar. Eu não choro, prometi a mim mesma que não ia chorar mais.

O problema é que agora estou muito ferrada. Preciso arrumar um emprego, rápido, porque as contas não vão esperar o meu acerto chegar. Principalmente as atrasadas, que estavam de olho no meu vale mensal, que chegaria amanhã.

Eu sou muito burra, mesmo. O que eu tinha que bater de frente com minha chefe? Era só pedir desculpas... abro a bolsa, procurando meu aparelho celular, querendo telefonar pra Lola, e estranho ele não estar no compartimento que sempre o deixo. Começo a tirar tudo de dentro: case de óculos, carteira, agenda de dividas, guarda chuva, bolsinha de moedas, chave da porta... viro a bolsa em cima

PERIGOSAS NACIONAIS

do banco, fazendo o maior espetáculo e chamando a atenção de todo mundo, que já está curioso tentando ver o que mais pode sair de dentro da minha bolsa. Papel de bala, xuxinha de cabelo, caneta... até que me lembro que deixei o infeliz aparelho carregando em baixo do balcão da recepção.

Poderia gritar de frustração. Mas não vou. Me recuso.

Guardo todos meus pertences dentro da bolsa, tomando cuidado pra não cometer mais nenhuma estupidez e deixar algo importante no banco. Checo uma, duas, três vezes se minha carteira está dentro da bolsa antes de fechar o zíper e suspiro, olhando pra fora da janela.

Meu coração parece que vai sair pela boca. Mas o que...

Dou um pulo do banco, ficando em pé, e olho a placa atrás do cobrador, buscando ver qual ônibus eu tinha pego. Era uma linha que eu tinha o costume de usar sempre, passava em frente a minha casa. Eu não posso, de forma nenhuma, chegar até meu antigo bairro.

PERIGOSAS ACHERON

Como eu posso ter me distraído tanto?

Aperto o botão, dando sinal pro ônibus parar, e ainda tenho que esperar ele fazer uma curva e rodar mais uns metros, até me deixar em uma esquina vazia. Desembarco rapidamente e procuro alguém em volta, que possa me dizer onde eu pego um ônibus que vai me deixar ao menos próximo de onde eu preciso ir. Ninguém.

Ando alguns metros adiante, vendo se ali perto tem alguma avenida, ou algum comércio onde eu possa pedir informação, até que encontro outro ponto de ônibus, em frente a um muro alto coberto de hera. Decido ficar ali mesmo, talvez por causa do muro. Quando era criança lembro de pedir ao meu pai pra ter uma casa de muro alto, só porque queria ter essas plantas enfeitando-a.

Crianças são incríveis.

Um trovão alto ressoa no céu, hoje definitivamente não é o meu dia. Perdida, num ponto sem cobertura, sem aparelho celular. Antes que eu possa terminar de soletrar a palavra A Z A R, a chuva despenca em cima da minha cabeça.

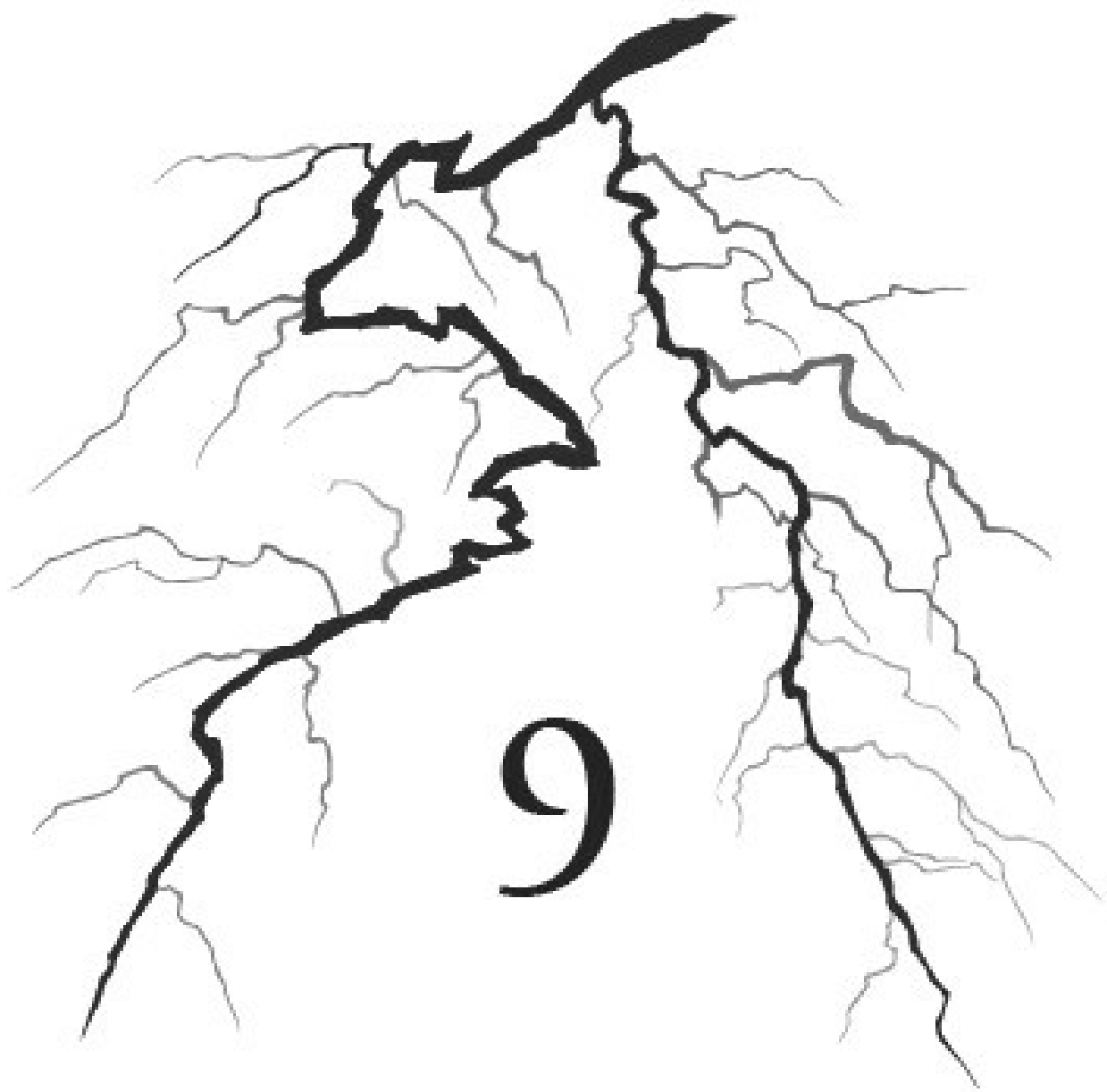
— AH, QUAL É???

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não vou chorar. Eu não vou chorar. Eu não vou chorar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Gael

PERIGOSAS ACHERON

Vejo a garota saindo de queixo erguido, depois de me dar uma lição, mesmo sem querer.

“Vocês não são detentores dos genes do sofrimento.”

Quem é essa garota? Fui um poço de grosseria com a menina, e ela não tinha me feito nada a não ser, ter sido gentil comigo. Porque diabos ela me irritou tanto?

— Gael... — minha irmã segura minha mão, enquanto eu acompanho a recepcionista saindo pelo portão, dividido entre ir atrás dela me desculpar ou ficar aqui e resolver o problema da minha irmã — Desculpe por isso. Pelo que ela disse.

— Eu provoquei. Não precisava ter demitido a menina por causa disso.

Jordie dá de ombros como se realmente não tivesse outra escolha. Entre mim e qualquer outra pessoa, ela vai sempre ficar do meu lado, mesmo que eu esteja errado. Ela já era assim, protetora, e depois de tudo o que aconteceu o seu cuidado passou a ser irritante.

Volto a olhar pro portão, agora vazio, ainda

confuso com tudo o que aconteceu. A minha vida mudou muito nos últimos anos e eu também mudei demais. Não sou mais um cara simpático, e tampouco um cara que se importa. Me afastei de todo mundo por isso, pra não ter que me importar, não ter que cuidar de nada, e nem de ninguém.

Se importar é sofrer, e já tive a minha cota. Sabe como é...

E exatamente por isso é estranho ter ficado tão incomodado com o discurso da menina. Subitamente me pego querendo saber que tipo de sofrimento que ela passou, que problemas ela tem. Me sentindo ridiculamente curioso. Me importando, como o antigo Gael faria.

— Aquilo tudo que ela falou... sobre, você sabe, ter problemas... o que ela quis dizer com aquilo?

— Não sei. Ela trabalha aqui há um tempo, mas a gente não sabe nada da vida pessoal dela. Ela nunca sai com a gente, nunca fala da sua família.

Sigo Jordie até sua sala, ainda inconformado com toda a irritação gratuita que eu senti. Talvez seja porque eu estava me lembrando

de Sofia e Melissa, hoje foi a primeira vez em quatro anos que eu estive em um lugar com lembranças tão vívidas delas duas.

É, pode ser isso. Estar perto dessas lembranças me faz chegar perto de um Gael que já não mais existe.

Minha irmã continua explicando sua situação envolvendo a ex-funcionária, e eu não consigo me concentrar em nada do que ela fala. Já seria difícil em uma situação normal, pela minha total falta de interesse em advocacia, mas hoje eu só consigo ver aquela menina furiosa, saindo daqui de queixo erguido depois de ter sido humilhada por mim, me pedindo desculpas.

“Eu passei por muita merda nessa vida e nunca, em dia algum, eu tratei alguém com a grosseria gratuita que seu irmão me tratou.”

— Jordie, não vou poder te ajudar. Vou fazer o seguinte – saco o celular do meu bolso, e procuro na agenda o telefone do Gustavo – vou te passar pra um conhecido, que trabalhou comigo. Ele é ótimo nessas coisas e vai saber o que fazer.

Minha irmã parece decepcionada, mas não

PERIGOSAS NACIONAIS

argumenta. Quando chegamos na recepção, encontramos Carol com um aparelho celular na mão.

— Ela deixou o telefone aqui, coitada...



O mundo parece desabar em forma de chuva, e essas tempestades nunca me trazem boas memórias. Há um tempo atrás, acelerar o carro quando o tempo estava chuvoso desse jeito era um bom exercício, eu vivia desafiando a dona vida, queria saber até quando ela ia me aturar. Até o dia em que eu, por muito pouco, não atropelei um rapaz. Eu poderia ter tirado a vida de alguém nessa minha loucura, podia ter destruído a vida de uma família como a minha fora destruída, e depois disso, nunca mais me atrevi dessa forma.

Sigo agora lentamente pelas ruas, o meu antigo bairro, tomando cuidado e não acabar entrando sem querer na rua em que morava. Por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muitas vezes me peguei dirigindo sem rumo, automaticamente guiando em direção ao meu apartamento. Foi terrível a primeira vez, olhar aquela sacada fechada, e saber que nunca mais chegaria em casa e, já do carro, ter a certeza que ela estaria ali me esperando. Sei que deveria vender esse apartamento e dar fim em tudo, mas nem isso eu consigo.

Vejo um vulto na calçada, mais adiante, e mal consigo acreditar ao reconhecer a recepcionista atrevida. Ensopada, abraçada com sua bolsa, encostada no muro. Quando menos espero, me vejo parando o carro, e descendo o vidro do lado do passageiro.

— O que está fazendo em baixo dessa chuva?

Seu olhar é ferino, e novamente vejo quando o queixo atrevido se levanta. O queixo dessa infeliz tem um furinho, que o deixa ainda mais bonitinho.

— Tomando banho, senhor. Incomodo aqui também, ou posso ficar à vontade?

Não consigo reprimir um sorriso, porque sei

PERIGOSAS ACHERON

que mereci essa e ela não pensou duas vezes em jogar isso pra cima de mim. Garota atrevida...

Me estico um pouco mais até alcançar o trinco da porta, e a abro, em um convite que ela não parece estar muito a fim de aceitar.

— Está chovendo muito. Entre, por favor, eu te deixo em algum lugar coberto.

A princípio sua intenção é realmente ignorar mas outro trovão alto faz com que ela dê um pulinho, e rapidamente tenho uma garota muito ensopada sentada no banco do meu carro.

— Desculpe. Estou molhando seu carro inteiro...

— Não se preocupe com isso...

Chega a ser curioso pensar que há um tempo atrás eu ficaria realmente puto em ver alguém entrando nesse estado no meu carro, molhando tudo. Era uma época em que eu me preocupava demais com esse tipo de bobagem.

Eu era um cara bacana, sei que era. Cheio de amigos, alegre, animado... mas também preocupado demais com um monte de besteiras. Com status social, ou com a forma como as outras

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas me viam, com o que pensavam de mim. Reputação, essa idiotice gigantesca.

Hoje em dia eu só quero mesmo ser deixado em paz.

— Porque ficou nesse ponto descoberto? Mais pra baixo, dois pontos depois, tem um daqueles novos, com banco e cobertura...

A menina parece envergonhada demais, mal consegue tirar os olhos do chão. Continuo olhando, subitamente interessado no que possa estar passando nessa mente arisca, até que, em um suspiro resignado, ela decide responder.

— Peguei o ônibus errado. Não prestei atenção e entrei no primeiro que passou. Vim parar aqui e não conheço o bairro...

— Certo... — balanço a cabeça, de certa forma compadecido com a situação. Ela saiu tão alvoroçada da escola que mal prestou atenção no que estava fazendo — E onde você mora?

— Na Vila Progresso.

— Tão longe assim? — Me espanto, e vejo quando ela dá de ombros, ainda sem olhar pra mim.

PERIGOSAS ACHERON

— É onde posso pagar.

Coloco o carro em movimento e a menina segue olhando a calçada, talvez pensando que eu vou deixa-la no ponto que indiquei. E eu deveria, claro, mas não consigo. De certa forma, fui eu quem criei essa situação toda e nada mais justo que a levar até em casa. Demora um pouquinho até ela perceber que estou pegando o caminho de volta.

— O que... onde estamos indo?

— Vila Progresso. Não é lá que você mora?

— Sim, mas não precisa me levar até lá. Eu não quero incomodar.

Aproveito que o farol está vermelho e olho em sua direção, vendo que a garota de queixo atrevido agora retribui o olhar.

— Bárbara, é seu nome, não? – Ela acena com a cabeça – Não incomoda. Olha só, me desculpe por toda aquela cena na escola. Eu fui... eu SOU um babaca. Qualquer coisa que você tenha me dito lá, muito provavelmente não mentiu.

Ela tenta me interromper, mas eu continuo falando, conforme o farol abre passagem.

— Eu não lido bem com pessoas. Não tem nada a ver com você, o problema sou eu. Você foi educada comigo, e eu te causei um problema enorme. Me desculpe.

— Acho que começamos com o pé esquerdo. Que, no meu caso, é uma constante. Era uma questão de tempo até eu fazer uma merda gigantesca e ser demitida.

— Eu vou falar com minha irmã sobre isso. Só não sei como ela vai poder te ligar, você deixou seu telefone no trabalho.

— Acredita nisso? Pego o ônibus errado, cai o mundo na minha cabeça e sequer tenho um telefone?

Sorrio, ou quase isso, sem acreditar que essa menina está aqui fazendo piada de si mesma depois de ter passado por poucas e boas hoje.

— E nem é sexta-feira treze...

— Minha mãe diria que eu preciso de um vasinho de arruda.

Fecho os olhos, lembrando daquele dia infernal, onde tudo dava errado e minha secretaria sugeriu que eu colocasse um vaso de arruda em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cima da mesa, pra espantar o mal olhado.

— Não adianta de nada. Se bobear, até piora.

Se ela percebeu minha mudança de humor, não falou nada. Seguimos em silencio ate o bairro onde ela mora, um local simples, de periferia. Ela indica o endereço correto e, cerca de uma hora e meia depois, estaciono o carro em frente a sua casa.

A construção é bem simples, inacabada. Podiam ao menos ter passado uma massa corrida e uma demão de tinta nas paredes pelo lado de fora. O espaço entre as paredes da casa e o muro baixo é minúsculo, deixando apenas um estreito corredor. A estatura do muro me permite ver uma única janela de madeira, com os vidros fechados. O portão baixo leva direto a uma varanda externa, acessada por poucos degraus, muito pequena. A porta da frente está aberta e uma moça negra, com um olhar curioso, está parada de braços cruzados nos observando.

— Entregue. Quase deu tempo de você se secar.

— Daria, se eu tivesse um pouco menos

PERIGOSAS ACHERON

ensopada.

Olho ao redor, analisando o local onde ela mora, vendo as casas vizinhas, subitamente interessado em saber um pouco mais sobre a moça valente e sua rotina. Ela entende errado a minha inspeção, entrando em modo defensivo.

— É bem simples o bairro aqui, moço. Não é mesmo chique como o que vocês moram.

“Chique.” Quando eu vou poder ter uma conversa com alguém sem sentir meu coração sendo arrancado do peito?

— Não estava olhando nesse sentido. Eu nunca tinha vindo aqui, só isso. — Aponto pra moça curiosa que ainda nos observa da porta entreaberta — É sua amiga?

O sorriso aberto ao falar da amiga mostra que ela a tem em alta conta.

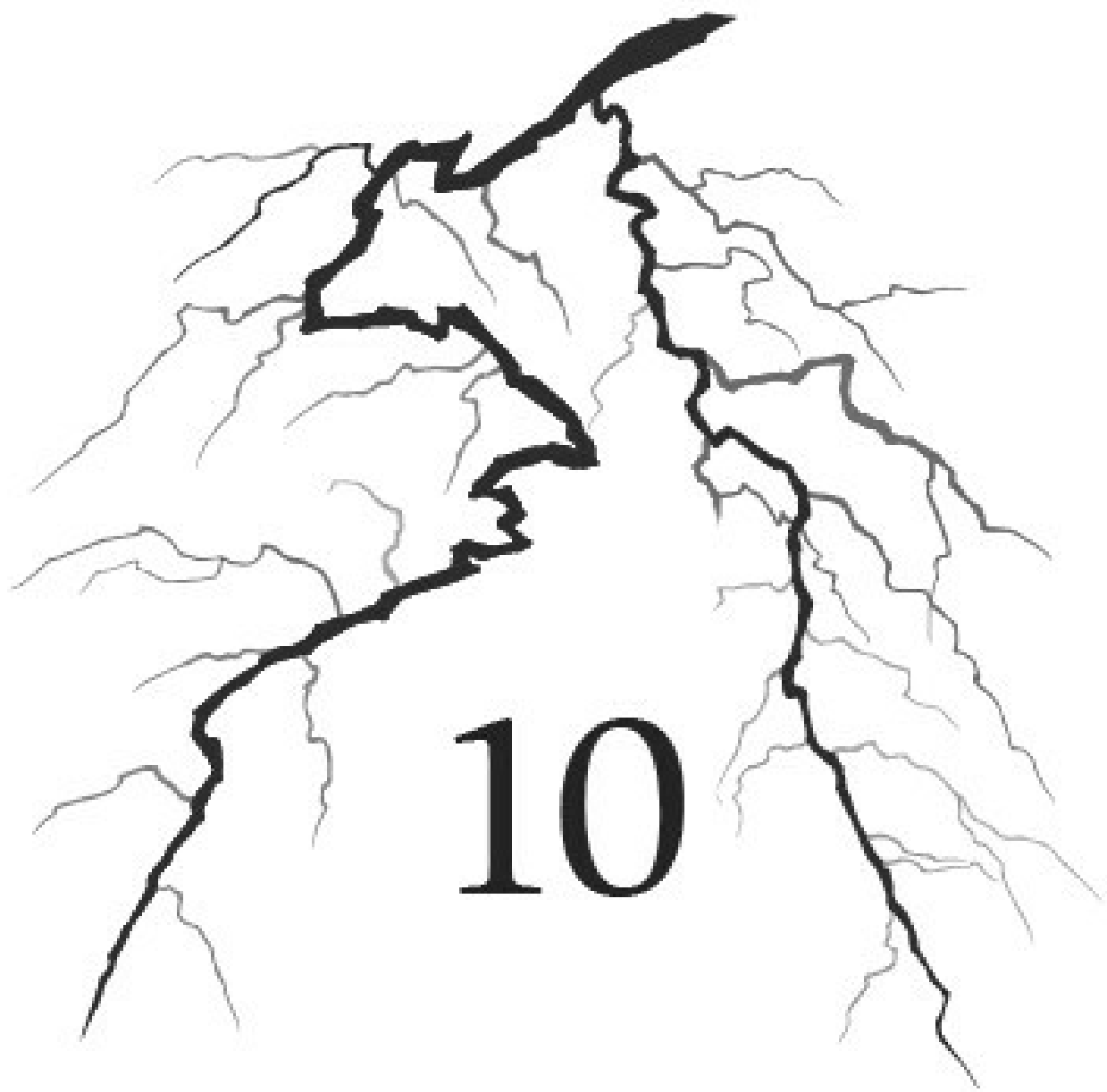
— Lola. A melhor amiga do mundo. Ela mora ali naquela casa bonita de muro chapiscado — sigo com o olhar até onde ela está apontando e sorrio com o gosto simples dela — mas ficou em casa hoje com o Bruno, ele estava doente.

— Bruno?

— Meu filho... vem, entra, vamos tomar um café, vem conhecer ele – ela mal me dá tempo de declinar o convite e sai abrindo a porta e falando sem parar com a amiga, que continua me olhando curiosa. Em um minuto estou vendo Bárbara me fazendo sinal com a mão para que me aproxime, no outro estou fechando a porta do carro e ultrapassando o portão, em direção a sua casa.

Praticamente no automático.

PERIGOSAS NACIONAIS



10

Babi

PERIGOSAS ACHERON

O moço, cujo nome não consigo lembrar por nada desse mundo e estou morrendo de vergonha de perguntar, sobe os três degraus que separam o portão da pequena varanda na entrada da minha casa, de forma vacilante. Não sei se foi uma boa ideia ter convidado ele a entrar, mas quando vi o convite já tinha saído.

Eu devia ter chutado a sua bunda, isso sim, afinal de contas fui demitida por causa dele, mas alguma coisa me impediu de fazer isso. Talvez o seu perfume amadeirado, que contrasta totalmente com as roupas simples que ele veste. Talvez o rosto másculo escondido atrás dessa barba desgrenhada e esse cabelo mal cortado. Talvez o corpo musculoso que consigo perceber mesmo em baixo das roupas largas. Talvez a altura, porque, nossa, ele é muito alto... quando endireita o corpo, porque na maioria das vezes ele parece carregar no mundo em cima dos ombros curvados. Ou talvez, quase com certeza, aquele par de olhos tristes. Papai dizia que os olhos são as janelas da alma, e a desse moço sofre. Sofre demais.

Vejo quando Lola sai e fecha o portão,

PERIGOSAS NACIONAIS

deixando um sorrisinho safado escapar e tenho certeza que mais tarde ela aparece aqui em casa a fim de saber mais detalhes.

— Você pode sentar, moço, e não repara não. Vou aqui dentro dar uma olhadinha no meu filho, tá?

Não espero sua resposta e sigo pro único quarto da casa, esticando o pescoço e vendo que Bruno dorme a sono solto. Suspiro aliviada, noite passada foi bem difícil, pior ainda por que estava completamente desprevenida, sem dinheiro e sem antitérmicos. Passo a mão em sua testa, conferindo sua temperatura, e podia chorar de alegria ao sentir ele bem fresquinho.

Nenhuma mãe aguenta ver o filho doente. Se tivéssemos esse poder, trocaríamos de lugar com eles toda santa vez.

Bruno foi minha tábua de salvação. Não fosse por ele, nem sei se hoje estaria aqui. Sã, ao menos, tenho certeza que não. Tudo o que sou, e tudo o que tenho, é por ele. Não ia suportar perder meu bebê.

Não gosto sequer de pensar nisso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olho ao redor, o pequeno cômodo simples que tem praticamente toda a nossa vida acumulada. Uma cama de casal, um armário de três portas, uma cômoda com quatro gavetas. Tão pouca coisa que contêm meu tudo. A mente viaja anos atrás, quando eu era somente uma garota, meus doze, treze anos de idade fazendo planos infinitos pra quando eu tivesse a idade que eu tenho hoje. Naquela época, aos vinte e três, eu seria uma mulher realizada. Teria feito odontologia, possuiria meu próprio consultório, seria viajada, cheia de amigos, baladeira. Tinha até uma agenda com roteiro programado, queria fazer meus mochilões pelo mundo, trazendo poeira do mundo todo pra minha formação pessoal. Conhecer gente e aprender com elas, era o que eu mais queria.

Nunca imaginei terminar numa casinha alugada da Vila Progresso, dependendo de vizinhos para cuidar do meu filho doente porque sequer podia faltar ao trabalho. As voltas que a vida dá.

Abano a cabeça, espantando os pensamentos ruins, e me levanto, indo trocar de roupa, que ainda está molhada. Descarto o jeans, visto rapidamente uma bermuda e volto pra sala,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vendo que o irmão de Jordie continua sentado no pequeno sofá de dois lugares, que agora parece menor ainda.

Que homem grande. Ele não é grande, no sentido de musculoso, não. Mas ele é bem alto, tem ombros largos, pernas compridas e...

— Gael.

— Oi? – Me surpreendo quando vejo ele me olhando, sério, e chego a pensar que ele confundiu o nome do meu filho.

— Meu nome é Gael. Você estava me chamando de moço.

Gael é um nome que combina bem demais com esses olhos lindos. Nem bem termino de pensar isso, sinto as bochechas pegando fogo e torço pra que não tenha falado em voz alta. Porque, acreditem, esse é mais um dos meus costumes estranhos.

— Gael. O Senhor Tempestade. – Brinco, tentando disfarçar os pensamentos e um brilho divertido passa em seu olhar, mas some tão rápido que mal consigo registrar direito como ele fica sem esse ar triste e miserável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É assim que me chama quando está puta comigo?

— Não. Quando eu estou puta eu chamo de outras coisas que não são muito simpáticas pra repetir na sua cara. — Estico minha mão, tentando ser no mínimo educada — Vamos fazer isso direito. Muito prazer, o meu nome é Bárbara, mas os meus amigos me chamam de Babi.

— Babi — ele repete, parecendo experimentar meu apelido nos lábios — Não ouvi te chamarem assim na escola.

— É porque só amigos me chamam assim e lá ninguém é... — automaticamente levo as mãos à boca, lembrando que o homem é irmão da Jordie. Preciso controlar esse maldito filtro.

— Entendi. — ele acena a cabeça, rapidamente — Seu filho está melhor?

Agradeço mentalmente, aliviada, por ele não ter se ofendido. Eu geralmente me dou bem ao conversar amenidades com as pessoas, já acostumada a só falar o básico e sem entregar muito da minha vida pessoal ou a forma que eu penso. Tive que aprender, caso quisesse ficar em

PERIGOSAS ACHERON

segurança. Mas esse homem me confunde, me atrapalha, me faz meter os pés pelas mãos e falar mais que a boca. Me viro, indo em direção à cozinha, enquanto mantenho o diálogo.

— Está sim. Ele teve que ficar em casa hoje, por sorte Lola estava de folga. Vou fazer um café, se quiser ficar aqui na cozinha conversando...

Paro no meio do caminho, fechando os olhos e maldizendo minha estupidez. *Ficar na cozinha conversando, Babi?* Entro rapidamente no local, torcendo pra que Lola tenha deixado ao menos um pouco organizado e, aliviada, vejo que a única coisa fora de lugar é a leiteira dentro da pia. Pego uma caneca, encho de água e levo ao fogo pra ferver, enquanto preparo o coador de pano e o pó. Quando me volto em direção à porta, vejo Gael encostado no batente, braços cruzados, tomando conta praticamente do espaço inteiro.

Grande. Muito grande.

— Onde seu filho fica enquanto você esta trabalhando?

— Fica lá na escolinha mesmo. Ele tem uma bolsa...

Eu não tinha me tocado ainda que, sem o emprego na escola, Bruno tinha perdido também a bolsa de estudo. E sem uma escolinha onde deixá-lo eu não tinha como procurar um novo emprego. Viro de costas, rapidamente, mexendo no coador de café pra disfarçar minha preocupação e, principalmente, não deixar que as lágrimas que se formaram em meus olhos caíam pelo meu rosto.

Não vou chorar. Não vou chorar.

Já de posse do meu controle, me viro novamente e posso ver ele digitando algo no telefone, com uma desenvoltura impressionante. Está aí algo que eu invejo, quem consegue digitar maravilhas no celular. Eu devo ter o dedo gordo, porque demoro mais tempo corrigindo o que escrevo do que propriamente digitando.

Me perco um minuto apreciando-o novamente, até que noto um brilho em sua mão esquerda. Claro. Obviamente o Senhor Tempestade não seria solteiro, e pela grossura da aliança, a Senhora Tormenta deve ser bem ciumenta. Até rimou. Desgraça.

Ainda tento puxar algum assunto aleatório, afinal de contas chamei o homem pra “conversar na PERIGOSAS ACHERON

cozinha,” mas nada rende. Eu nem consigo imaginar o porque dele ter aceito a xícara de café, se claramente é antissocial.

— Mamãe?

Viramos juntos em direção a porta e Bruno vem, cauteloso, trazendo sua fraldinha na mão, observando nosso grande e alto visitante.

— Oi querido! Sente-se melhor? – Me abaixo pra ficar da altura dele, e ele corre se aconchegando em meu abraço, como faz todos os dias ao acordar. Sorrio ao ver o olhar desconfiado que ele dedica ao nosso visitante – Diga oi ao senhor Gael.

Um “oi” baixinho sai da garganta do meu filho, outro “oi” ainda mais tímido vem em resposta, e chega a ser engraçado ver esse homenzarrão cheio de dedos com um menino que mal tem um metro de altura.

Tenho duas coisas pra falar sobre meu filho Bruno. Primeira: ele é muito lindo. Segunda: ele é a cara do pai dele. Isso poderia ser excelente, não fosse o fato de eu não querer ver seu pai nem pintado de ouro, e tampouco querer que o pai dele

saiba de sua existência. Imaginar isso me tira o sono, sempre.

Prestes a completar quatro anos, Bruno ainda tem aquele ar de bebê, mas anda cada dia mais esperto e falante. Quando ele pega alguém como alvo de suas conversas, difícil é fazê-lo parar de falar. Pobre Gael. Assim que o garoto ouviu sua voz, pulou no colo do homem e não parou de tagarelar um segundo.

— Você é muito *grandão*, sabia?

— Grandão, filho... — corrijo, e recebo um olhar de esguelha como se houvesse um duplo sentido no que eu falei, e, claro, coro na mesma hora, desviando o olhar. Esse homem me tira do prumo, cruzes.

— Isso, grandão. Você trabalha com o que?

— Eu sou ajudante.

— Eu também sou. Ajudo muito a mamãe — Bruno se aproxima, coloca a mãozinha do lado de sua boca como se contasse um segredo — mas não gosto muito não.

Gael solta uma risada preguiçosa, enquanto ajuda o garoto a equilibrar um copo de

PERIGOSAS ACHERON

achocolatado e algumas bolachas de leite que eu tinha na despensa. E ele faz de uma forma tão natural que parece ter nascido pra isso, para cuidar de criança enquanto bate papo tranquilamente. A Senhora Tormenta tem, realmente, uma sorte dos diabos.

Depois do café seguimos até a sala, e enquanto meu filho levou seu “amigo *gandão*” pra sentar no pequeno sofá em frente a TV, eu me aconcheguei num pufe que tenho perto da porta e ali fiquei, observando a conversa animada. Pensei que nossa visita mal humorada logo se cansaria de ser alvo de um garotinho de quatro anos, mas me surpreendi ao ver o quão atencioso esse homem era.

— E aí eles falaram que eu tinha que ser goleiro, mas só porque eu não queria parar de fazer gol no outro menino. Ué, tio, futebol não é pra fazer gol?

— Sim, na verdade é esse o objetivo.

— O que é *betivo*?

Gael solta uma gargalhada com a pergunta inocente do meu filho, e eu congelo. Que som é esse, minha santa protetora das mães solteiras? Não

pode não... Esse homem pode ser um poço de grosseria, mas ao mesmo tempo ele é atencioso, bonito, cheiroso, inserimos outros “oso”, não pode ter uma risada que responde na boca do meu estômago desse jeito.

— Objetivo. Quer dizer intenção. Sabe o que quer dizer isso? – Bruno balança a cabeça rapidamente, negando – Por exemplo, quando você vai pro chuveiro, é porque você tem a intenção de tomar banho, não é?

— Não. Só vou porque a mamãe manda. Se pudesse eu nem ia.

Outra risada e então ele me olha. A tristeza em seu olhar ainda está ali mas agora tem uma certa leveza que me aquece o coração.

— Você está muito ferrada com esse menino.

O telefone dele toca, me impedindo de responder. Rapidamente ele se levanta, e sai pela porta indo até o portão, em busca de alguma privacidade. Penso que talvez seja sua esposa, não seria muito inteligente da parte dele atender estando dentro da casa de uma mãe solteira com um filho

tagarela. Não que eu seja esse tipo de mulher que não respeita o casamento alheio, nada disso, longe de mim. Deus me livre...

Olho Gael parado falando ao telefone, totalmente alheio a mim, tão *fodidamente* majestoso.

Deus me livre, mas quem me dera...

Enterro o rosto em minhas mãos, tentando trazer algum juízo de volta a essa cabeça de vento.

— A ligação é pra você.

Sobressalto com sua voz ao meu lado, me esticando seu aparelho de telefone. Como assim, pra mim? É essa a pergunta que eu deveria fazer, mas ao invés disso fico olhando do telefone pra cara dele, de volta ao telefone, de volta pra cara dele, até que ele balança a mão me incentivando a pegar o aparelho.

— A-alô...

— *Bárbara, é Jordie. Eu te ligaria no seu telefone, mas você acabou esquecendo-o aqui mais cedo. É... olha, me desculpe, por favor. Você poderia voltar amanhã pra trabalhar, e esquecer toda aquela confusão de hoje cedo?*

— Hoje eu devo ter batido o recorde de pessoas me pedindo desculpas...

— *Oi? Como assim?*

— Oi? Eu falei isso em voz alta? – Me viro, os olhos esbugalhados fixos em Gael, esperando que ele negue mas, que azar o meu, ele sorri e acena com a cabeça – Eu falei isso em voz alta. Meu Deus.

— *Bárbara! Foco... Você pode voltar?*

— Claro! Claro que sim! Volto, obvio que volto. Amanhã mesmo? Se quiser volto agora, eu só preciso me trocar, e preparar a mochila do Bruno... – levanto em um salto, já mentalizando o que eu preciso fazer entre sair daqui correndo e voltar pra escola.

— *BÁRBARA!* – Ela berra, e eu paro. Nem bem consegui o emprego de volta ja vou ser mandada embora novamente – *Amanhã, ok? Mesmo horário, e a bolsa do Bruno está segura.*

— Sim. Tudo bem, Jordie. E... obrigada.

Fecho os olhos, tentando controlar o ribombar do meu coração, que bate feito um louco. Ele ligou pra irmã, intercedeu por mim. Eu não

PERIGOSAS ACHERON

sabia o que eu faria a partir de amanhã e agora tudo voltou ao normal. Porque ele pediu. Foi culpa dele, claro, mas se ele fosse uma pessoa ruim não teria interferido. Que alívio, tenho meu emprego de volta!

Faço uma careta ao lembrar que o salário é o mesmo e o tanto de conta atrasada também, mas ao menos meu filho continua tendo escola e eu não preciso sair de porta em porta.

Estico o aparelho, devolvendo, e murmuro um obrigada. Ele apenas acena com a cabeça, guarda de volta o aparelho no bolso da calça e volta meu filho pro seu colo, continuando a maratona de explicação e tagarelice.

Preciso, mais tarde, lembrar minha cabeça, minha criação de borboletas estomacais, e algumas outras partes do meu corpo que o homem é casado, irmão da minha patroa, não parece ir muito com a minha cara, e eu não estou procurando encrência pra minha vida. E fazer disso um mantra diário, principalmente se ele for aparecer mais vezes na escola.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Gael

— Seu café, senhor...

A garçonete coloca a xícara de café fumegante na mesa, e sai, não sem antes deixar um daqueles sorrisinhos que eu detesto. Um daqueles que diz “se me quiser, é só chamar”. Mesmo com a aliança que eu uso na mão esquerda gritando, em caixa alta, INDISPONÍVEL.

Nunca tirei minha aliança de casamento. A de Sofi eu carrego num cordão de ouro, perto do coração. Não tem porque ser diferente, estou fechado pra balanço. Indefinidamente.

Ouçó o sino da porta tocar e, novamente, me viro pra ver se é quem estou esperando, mas ainda não é ele. Marquei de me encontrar com Samuel Alves, o investigador de polícia que estive no hospital naquela tarde. Desde aquela época tentamos provar o envolvimento dos Kyriacos na morte de Sofia e Melissa, mas sem sucesso até então. Nunca acharam sequer o motorista do carro.

Eu precisei de muito sangue frio na época e evitar não invadir aquele conglomerado e matar alguém na porrada. Não consegui ir ao velório delas, não tive sanidade, mas quando meu pai me

PERIGOSAS ACHERON

disse que o velho Kyriacos tinha aparecido no enterro foi preciso bem mais do que meu pai, Pedro, meu cunhado e mais alguns presentes pra me segurar, e me impedir de fazer alguma besteira. Samuel também estava lá, e foi a partir de então que nos tornamos amigos.

Não, amigos é muito íntimo. Nos tornamos colegas de trabalho.

Samuel é carioca, da gema e cheio de sotaque, e sempre quis ser policial. Vive na capital com sua irmã e é muito focado, sério e responsável. Talvez a sua seriedade foi o que me levou a confiar em sua palavra de que ele iria me ajudar a colocar o grego canalha atrás das grades.

A minha vontade mesmo, a princípio, era partir pro tudo ou nada. Como diz o velho Goethe, “perigoso é aquele que não tem nada a perder”. E como eu já tinha perdido tudo... era indiferente. Mas Samuel me segurou, me aconselhou, e passamos a trabalhar juntos. Há dois anos estamos investigando em silêncio, mesmo o meu caso tendo sido deixado de lado por falta de provas.

Ergo meu aparelho celular da mesa, fazendo com que a tela se acenda e mostre o papel de PERIGOSAS ACHERON

parede. Coloquei uma foto de Sofia e Melissa, uma de minhas favoritas, de quando Mel ainda dava seus passinhos vacilantes. Estávamos na praia, estava entardecendo e Sofia segurava as mãos de nossa filha, à beira-mar. Era a primeira vez que minha mulher tinha cortado o cabelo, estava curtinho e quase tive um troço quando ela apareceu em casa, dias antes, com aquele corte. Eu tinha tara em seus cabelos longos, fiquei mudo, parado no meio da sala com cara de idiota. Espertamente, ela me distraiu trazendo Mel com o rosto todo pintado, o salão que ela escolhera tinha uma equipe de pintura facial cuidando das crianças, e nossa bebê estava uma graça, parecendo uma borboleta Amazônica.

Ou “Boboieta Mazonca.”

Parece que estou ouvindo-a falar, com aquela voz fininha, tagarelando sobre todas as atividades mais radicais que ela havia feito no salão, como pular, e correr, e ser jogada pra cima.

Passo o polegar sobre a foto, sinto tanta saudade que as vezes penso que vou morrer. Que o coração vai parar de bater de repente, pra acabar de vez com esse sofrimento.

Sem controle, meu pensamento vai até aquela casinha simples da Vila Progresso. A menina valente e o garoto tagarela transformaram o meu dia ontem. Eu nunca quis contato algum com crianças depois que perdi minha Mel, mas aquele molequinho, falando sem parar, conseguiu me fazer gargalhar. E eu não sabia o que era sorrir desde que elas se foram.

E aquela garota... Não deve ser tão errado dizer que ela é muito bonita. Se eu fosse descrevê-la, qualquer um diria que é uma mulher comum. Cabelo castanho liso, olho castanho claro, pele branca. Sobrancelha bem feita, lábios grossos. Estatura mediana, peso compatível. Viu? Comum. Mas o sorriso dela pode iluminar uma via escura, tranquilamente. E o furinho no queixo, que deixa ele tão atrevido, mostra bem sua personalidade valente. E aquele olhar tem tanta doçura que eu acho que foi por isso que fiquei tão irritado. Há muito tempo não acredito em doçura, ainda mais gratuita. E, principalmente, direcionada a mim.

Babi...

Não paro de pensar no seu desabafo, dizendo que passou por muita coisa na vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

Parecia algo dolorido, que a tinha marcado. Tão nova. E aquela casa simples, pequena, vivendo sozinha, só ela e o garoto, dependendo da disponibilidade da vizinha. Ela e aquele garotinho...

— Viajando, Gael?

— Porra, Samuel, que susto do caralho!

— Foi mal... – o desgraçado ri. – Desculpe o atraso, tive uma manhã complicada.

Como eu falei, não somos amigos. Mas ainda assim, me preocupo com ele.

— Mas está tudo bem agora? Tem a ver com aquela surra que você levou?

Há alguns meses atrás, Samuel sofreu uma emboscada, junto com sua irmã. Uma surra que o deixou um bom tempo de molho mas que, felizmente, não deixou sequelas.

— Mais ou menos. Não posso abrir muito, sabe como é, mas é coisa dessas gangues de drogas. E aí, o que manda?

— Essa pergunta é minha. Conseguiu alguma coisa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu já aprendi a identificar todas as expressões desse puto. A que ele tem agora não quer dizer boa coisa.

— Nada. Seja lá quem ajuda esse grego, está fazendo um bom trabalho. — Samuel deve ter notado o meu extremo desânimo, porque chama minha atenção de imediato — Ei, eu não vou desistir, cara.

Não respondo. Não preciso. Ele sabe que eu também não irei.

Tiro meu tablet da pequena mochila de couro, e acesso com minha senha alguns arquivos que tenho na nuvem, mostrando minhas últimas anotações e coisas que venho descobrindo por acaso, e as últimas notícias que o investigador particular que contratei me passou.

— Essa informação — Samuel aponta pra uma linha, em específico, na tabela que estava em destaque — acha que pode ser confiável? Porque, se for... já sabemos o porque ele nunca é pego.

— Sabe que o investigador que eu contratei é competente. Caro pra caralho, mas competente. Você conhece esse sujeito?

PERIGOSAS ACHERON

— Conheço. Infelizmente conheço.

Acho que, finalmente, vamos acabar saindo do lugar.



Dimitrius

Ser um Kyriacos não é uma tarefa fácil, e isso eu aprendi ainda moleque. Meu pai chegou ao Brasil no início da década de 70, um rapaz ainda, mas deveras ambicioso que tinha por objetivo de vida enriquecer. E aqui, na terra das bananeiras, não era lá uma coisa muito difícil desde que você soubesse molhar as mãos das pessoas certas.

Hoje, quase cinquenta anos depois, Nicolas Kyriacos tem um império nas mãos. Fez tudo o que

podia, e o que queria, para manter o oligopólio de construção civil conosco. Educou a mim e ao meu irmão com mãos de ferro, ensinando lições básicas como “se a farinha é pouca, pegue sempre o seu pirão primeiro.” E agora, depois de velho e na minha vez de assumir os negócios, resolve amolecer e achar que exagerou na dose.

E isso tudo por causa de Adrian. O perfeito, bonzinho, sem defeitos Adrian.

Meu irmão esteve em coma por quase um ano, desde que aquele maldito abriu fogo contra o carro dele, matando minha irmã Idylla. Seu futuro noivo, um grande empresário americano, estava de passagem marcada pro Brasil e seria minha grande cartada, unindo uma empresa americana ao nosso já vasto catálogo e trazendo o conselho pro meu lado. Aquele atentado mudou tudo.

Minha mãe voltara pra Grécia, levando meu irmão com ela, buscando seu tratamento lá e também buscando deixá-lo longe de minha nefasta presença. Sim, porque agora a culpa disso tudo é minha.

A culpa não foi minha. A culpa foi daquela vadia, que se ofereceu e depois deu pra trás,
PERIGOSAS ACHERON

fazendo charme, e ainda por cima me denunciou. Maldita.

Como se não bastasse isso tudo, ainda veio aquele advogado imbecil largar o nosso caso no meio porque não seria bom para a imagem dele defender um Kyriacos em um caso de estupro de menores. Em que mundo essa pessoa vive? Foi uma bagunça... tão logo a menina me denunciou, uma jornalista de merda jogou meu nome na imprensa, e o irmão dela veio babando pra cima de mim. Indo sentar no colo do capeta em seguida.

O meu pai? A única coisa que ele disse foi: “resolva isso.”

Não me chamo Dimitrius Kyriacos à toa. Quando era pequeno, meu pai disse que esse nome havia sido escolhido a dedo. “Forte, determinado, teimoso, líder.” Eu faço o que tenho que fazer. Uma boa quantia na conta do meu homem de confiança, deixando sua família bem provida de bens materiais, e ele estava assumindo toda a culpa em meu lugar. Infelizmente – pra ele – não me lembrei das regras entre os presidiários, quando colocam um estuprador entre eles.

Bom, ao menos ele morreu deixando a
PERIGOSAS ACHERON

família amparada.

Eu não contava com o pai da garota. Pensando que seria eu naquele carro, abriu fogo matando minha irmã. Meu irmão, que esteve em coma por um ano e recluso por mais três por causa desse acidente, resolveu sumir no mundo, sem deixar rastro. E por causa disso, meu pai está aqui agora, enchendo o meu saco!

— Você não ouviu absolutamente nada do que eu falei, Dimitrius!

— *Eeeeela, pai!* Eu ouvi. Aliás, vendo ouvindo já tem uma semanas, mas o que exatamente quer que eu faça?

— Eu tenho até medo de mandar você “fazer” alguma coisa, Dimitrius. Porque desde que eu comecei a mandar você fazer as coisas que uma trilha de cadáveres começou a aparecer ao nosso redor.

— Não sei do que o senhor está falando. — Me mexo, inquieto, na cadeira, organizando uns papéis sem necessariamente olhar pro meu pai, que se mantém em pé em frente a minha mesa.

— Não me tire por imbecil, rapaz. Desde o

sumiço do Cardoso que eu venho prestando atenção em você. Pensei que não seria capaz de chegar tão longe, até você mexer com a família daquele advogado.

— Quantas vezes eu vou ter que repetir que não tive nada a ver com aquilo?

— Eu te conheço.

— Você não sabe nada sobre mim, pai! — Perco a paciência, esmurrando a mesa, me levando e vou em direção ao pequeno bar que mandei instalar dentro do meu escritório. Se eu quiser aguentar esse falatório, só mesmo acompanhado de um bom destilado — Até onde eu sei, quem ameaçou o advogado foi o senhor.

Solto a frase de forma pontual, sorvendo um gole de minha bebida maltada preferida, enquanto observo a expressão de meu pai endurecer.

— Eu nunca mexeria com uma criança. Ou com uma mulher grávida. Por quem me toma, Dimitrius?

— Por alguém que estava ensandecido pela perda de sua única filha, e culpava o advogadozinho que se recusou a lhe defender? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Dou de ombros – não sei, uma ideia, lembro de ter ouvido algo parecido entre os seus surtos.

— Eu queria fazê-lo pagar, sim. Mas acabando com a carreira dele, não matando sua mulher e filha!

— Bem, se não tem nada a ver com isso, talvez ele tenha irritado mais pessoas...

Sinto meu pai me escrutinar, tentando achar alguma expressão que denuncie sabe-se lá o que mais ele pense ao meu respeito. Vejo quando ele não encontra nada, porque solta o ar, rendido, largando os braços ao longo do corpo e os abrindo, em um pedido.

— Precisamos achar o seu irmão. Precisamos achar o Adrian.

— Não *precisamos* nada. Você precisa. Você, que não sabe viver sem o filhinho da mamãe. Sem o herdeiro favorito. Sem o escolhido, que nunca, absolutamente nunca, fez força alguma pra seguir o caminho que você nos escolheu. Diferente dele, eu tenho mais o que fazer, tenho muito trabalho.

— Dimi...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou ocupado, pai, me deixe trabalhar...

Sento novamente em minha cadeira, atrás da minha mesa, na minha sala, da minha presidência. Gosto de lembrar isso direto, mesmo que meu pai e minha mãe achem que Adrian seria mais capaz, quem está aqui sou eu. Dou o assunto por encerrado, novamente abrindo a pasta de contratos, e analisando as novas propostas que recebemos.

Meu pai parece entender que acabamos por aqui, e sai da sala em silêncio. Agora todo dia é isso, todo dia ele vem tentar me convencer a procurar o meu irmão.

O imbecil acordou um belo dia e resolveu que ser um Kyriacos era demais pra ele. Arrumou uma mochila e sumiu no mundo, sem falar nada e sem deixar rastros. Não teve nem consideração com minha mãe, que largou a família inteira aqui e foi lambar a cria do outro lado do oceano. Acho bom que meus pais aprendam uma lição, afinal de contas eu sempre estive aqui e nunca recebi metade da consideração deles.

Idiotas.

PERIGOSAS ACHERON



O telefone toca em cima da minha mesa, a luz da recepção pisca e sei que é Rômulo, meu competente secretário que atua também como cão de guarda impedindo qualquer um que não seja meu pai de entrar em minha sala sem ser anunciado.

— Senhor Dimitrius, o detetive Bastos está aqui fora, querendo lhe ver.

Merda. Quando Bastos aparece, boa coisa não pode ser.

— Mande-o entrar, Rômulo. Rápido.

Menos de dois minutos depois, vejo o policial cruzando a porta. Conheci Bastos há seis anos atrás, quando precisei de um servicinho básico e ele foi deveras prestativo. Desde então, o mantenho em minha lista de pagamentos.

Tomas Bastos é um homem acima de qualquer suspeita. Investigador da policia civil de

PERIGOSAS NACIONAIS

São Paulo, se apresenta como um sujeito bonachão, de cabelo ralo, bochechas rosadas, corpanzil começando a se tornar avantajado, e sorriso fácil. De fácil trato e bom de conversa, entra em qualquer ambiente e faz amizade com qualquer pessoa. Uma joia. Principalmente quando deixa seu lado bonachão de lado e apresenta aquele que eu mais gosto, o rigoroso.

Quem vê o homem sentado de forma espalhafatosa na minha frente não tem idéia do que ele pode fazer.

— O que faz aqui, Bastos? Já não lhe disse que é pra aparecer o mínimo possível aqui na empresa?

— Já, sim senhor. Mas achei que gostaria de saber que o advogado continua investigando o assassinato da mulher dele.

Levo as mãos até a base do nariz, e aperto procurando evitar que uma pontada incômoda se torne uma dor de cabeça insuportável.

— Como você sabe disso?

— Ele se encontrou hoje cedo com o investigador responsável pelo caso.

PERIGOSAS ACHERON

— E encontrou alguma coisa?

O homem sorri meio de lado, de uma forma totalmente arrogante, de quem sabe que é bom no que faz.

— Nem vai encontrar. Mas é aquilo que eu já falei, o doutorzinho vai ficar enchendo o saco e ele pode não saber tudo sobre o senhor, mas sabe uma coisinha ou outra. Eu posso cuidar disso, é só dizer.

De certa forma ele tem razão. Já se passaram quatro anos e esse homem continua xeretando. Mas eu prometi que ele pagaria pela morte de Idylla, e sua morte não seria castigo. Ver a forma como ele idolatrava aquelas duas foi essencial pra saber como castiga-lo.

Papai queria acabar com a carreira dele. Carregar sacos de cimento é fim de carreira o bastante?

— Deixe-o enlouquecer de tanto procurar. Se você fez o seu trabalho bem feito, como vive alardeando, vai ser como ficar correndo atrás do próprio rabo. Gosto de saber que ele sofre bastante.

O homem meneia a cabeça, meio que

PERIGOSAS NACIONAIS

concordando, mas continua sentado na minha frente.

— Desembucha, Bastos. O que quer?

— Eu encontrei essa semana um fio solto, daquele primeiro trabalho que me passou há algum tempo atrás. É mais uma coisa que o senhor não vai precisar se preocupar.

Sinto meu coração disparar no peito, se esse imbecil colocou um dedo nela que seja...

— O que você fez, Bastos?? – Fecho minhas mãos, ficando em pé e já me preparando pra socar a cara dele e jogá-lo aqui do vigésimo andar.

— Calma, doutor. Eu encontrei o assistente daquele antigo diretor da Ronda, o Cardoso. Lembra dele, né? Então. O rapaz ainda se lembrava do chefe, e, pior, lembrava de mim. Ele foi bater um papo com o antigo chefe dele.

— Assistente? – Sento novamente, sentindo minhas pernas bambearem – Não era a filha dele?

— Filha? O senhor nunca me pediu pra procurar filha de ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fecho os olhos e é como se voltasse no tempo. Eu, um garoto imaturo de vinte anos. Ela, uma garota desabrochando aos dezesseis. Meu pai tinha acabado de assumir o controle da Ronda, onde o pai dela era um dos diretores administrativos. Linda demais, atrevida demais, virou minha cabeça de tal jeito que nunca mais eu consegui me envolver seriamente com outra mulher. Foram dois anos intensos, cheios de planos.

Essa frase parece uma constante na minha vida, mas lá vai: eu não contava com o pai da garota. Xeretando em nossos negócios, coletando provas. Foi a primeira vez que tive que acionar Bastos pra me resolver um probleminha. E por causa disso, eu a perdi para sempre.

A garota desapareceu no mundo. Passamos a monitorar seus bens, o que sobraram deles. Contas bancárias, imóveis... tudo intocado. Ela simplesmente sumiu no ar.

Eu não sou um homem que aceita negativas, o que eu quero, eu pego pra mim. Ah, Babi... ainda vou te encontrar de novo, e você não vai gostar do que eu vou te preparar por causa desse sumiço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas não vai mesmo...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Babi, tá em casa? Tô entrando!

Tinha acabado de deitar, erguendo as pernas o máximo que eu conseguia, depois de um dia cheio de afazeres quando Lola berrou no portão, em sua forma costumeira, já entrando e fazendo barulho.

O dia hoje foi puxado. Meus sábados sempre são... logo cedo tive que ir até a lotérica pagar as contas de luz que estavam atrasadas. Foi a minha sorte, porque quando voltei encontrei a companhia elétrica em meu portão com a ordem de corte, prontinha esperando me pegar de calças curtas. *Hoje não, gavião!*

Em seguida peguei os troquinhos que restaram do meu vale-miséria e corri no supermercado. Já estava ouvindo ecos toda vez que abria a porta da despensa. Cheguei carregada de sacolas, com um filho faminto do lado, e me dividi entre limpar a casa, lavar a roupa, fazer almoço e distrair meu furacão mirim.

Eu merecia um descanso, não? Diz pra mim, não merecia?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, tadinha... estava dormindo? — Lola se aconchega em meu mini sofá, tirando minhas pernas do lugar e me fazendo rolar os olhos.

— Não. Esse é um privilégio que não consigo ter.

— Não nos falamos ontem. — ela ignora — E então, como foi o primeiro dia de trabalho?

— Foi ótimo, Lola. — sorrio, lembrando do nervosismo que estava ao voltar àquele lugar — Tudo normal, como sempre.

Havia deixado tudo preparado na noite anterior, acordada uma hora antes do previsto, tudo isso pra evitar qualquer contratempo. Cheguei na escola adiantada quinze minutos, e fui recebida com um sorriso enorme por Seu Claudio, me dizendo ter ficado muito triste com minha demissão, e felicíssimo por eu estar de volta. Acreditei nele, afinal nunca o tinha visto tão animado.

— Que bom, amiga. Fiquei preocupada, tá bem difícil arrumar emprego.

— Nem fala. E pior é que só aqui em casa eu fui lembrar que o Bruno estuda naquela escola e

PERIGOSAS ACHERON

se eu for demitida, ele perde a bolsa, e aí sim estou lascada.

— Você sabe que emprego não vai faltar, né? — ela segura minha mão entre as dela, e o sorriso enorme aparece em seu rosto — Dona Zulmira vai adorar ver você trabalhando lá com ela.

Lola trabalha no salão mais procurado aqui da vizinhança, o *fashion hair da dona Zu*. Achei tendência o nome. Mas a minha amiga é craque em cabelo afro e está cada dia mais procurada, o salão tem crescido bastante e Dona Zu (de Zulmira) vive procurando meninas pra trabalhar lá. Como se eu sequer tivesse qualquer talento.

— Não duvido, amiga. Mas vou fazer o que lá no salão? Porque, sabe... eu penteio meu cabelo porque não é difícil, mas poderia alimentar nós duas e o Bruno só com o tanto de bifes que eu tiro do meu próprio dedo.

— Você é muito trouxa, Babi. Certeza que Dona Zulmira deixava você lá só atendendo telefone.

— Vai sair hoje com o namorado? — Pergunto, e ela dá um suspiro, tá apaixonadinha

PERIGOSAS NACIONAIS

essa tonta.

— Nem é namorado... é só um cara aí...

— Por que não me apresenta ele?

— Porque eu te conheço, vai me passar um sermão por ele ser mais velho.

Não gosto de julgar, principalmente se não conheço a pessoa, mas quando Lola me disse que o casinho dela devia ter uns cinquenta anos, eu realmente achei que ela devia ter cuidado. Minha amiga tem a mesma idade que eu, é cheia de fogo no rabo, o que eu menos quero é que ela se perca por uma paixonite qualquer.

Sei bem do que falo, a gente pode muito bem se perder, e não ter uma boia de salvação pra se salvar.

— Só me preocupo com você, Lola...

— Eu sei. Não precisa, tá tudo bem. Agora vamos falar de coisa que interessa... viu o bonitão de novo?

Fiquei imaginando que Gael apareceria na escola novamente, não perguntei o que ele tinha ido fazer lá mas, depois de toda aquela confusão,

PERIGOSAS ACHERON

acabei nem perguntando. Mas ele não apareceu. E o meu dia terminou um pouco mais murcho que o normal.

Ela fica esperando minha resposta, ansiosa feito uma criança esperando pirulito. Balanço a cabeça, negando, ao mesmo tempo em que passo a mão pelo assento do sofá onde ele ficara sentado com Bruno uns dias antes. Tão bonito...

— Ele é o pai do Bruno?

Quando eu estava na escola, aprendi figuras de linguagem. Onomatopeia, é o nome que se dá. Você deve ter aprendido isso também. Se eu pudesse colocar em figura de linguagem o som que surgiu na minha cabeça agora, seria “SCREEECH!” ou qualquer coisa que represente bem uma freada de carro, antes de uma batida daquelas. Foi exatamente assim que eu me senti, freando meus pensamentos antes do tremendo acidente que foi a pergunta da minha amiga maluca.

— Ficou doida? De onde você tirou isso?

— Da cor dos olhos. Você me aparece aqui com um par de “zoiazul” daqueles, que quase

combinam com a cor dos olhos do teu filho... quer que eu pense o quê?

— Se cada vez que você pensar o resultado for esse, melhor nem começar. Que coisa mais absurda!

— Então ele não é o pai do Bruno...

Um sentimento esquisito me toma, de repente. Uma melancolia, uma sensação de ter perdido algo que eu nunca tive. Totalmente sem sentido, sem explicação. Ver Gael com Bruno foi diferente, meu filho nunca teve uma figura masculina pra se espelhar, e eles se deram tão bem... Como seria se ele fosse o pai do meu filho?

— Não, Lola. Ele não é...



Gael

Estaciono em frente ao estúdio de Pedro, ainda estranhando o horário que ele marcou pra nos encontrarmos. Geralmente aos sábados ele está vivendo loucamente em alguma boate, se enfiando num relacionamento sem sentido que nunca dura mais que um par de meses.

Aciono o alarme e vou em direção a porta, mas logo posso ver a figura do meu amigo parado ao pé da escada, me esperando. Pedro é fotógrafo, e o estúdio da vez fica no andar de cima de uma lanchonete, cujo gerente faz questão de colocar mesas e cadeiras bem em frente a porta que dá acesso à entrada. Na minha última visita cheguei a quebrar uma cadeira na parede, quando tentei alcançar o trinco da porta e o simpático – só que não – funcionário disse que eu não poderia mudar a cadeira de lugar.

Talvez seja por isso que Pepê resolveu me esperar na porta.

— E aí, mano? — Trocamos um daqueles abraços cheios de tapinha nas costas, logo após eu receber um beijo na bochecha. Sim, não temos frescura quanto a isso. Fomos criados juntos, porra,

PERIGOSAS NACIONAIS

somos irmãos!

— Estranhei o convite. Não quis sair hoje?
— O sigo escada acima, em direção ao grande salão onde ele tem seu equipamento fotográfico instalado.

— Sempre dá tempo, tá a fim? — Ele fala por cima do ombro, e posso ver um sorriso de quem sabe que, não, eu não vou a lugar nenhum.

Ao chegar no estúdio propriamente dito, estranho ao ver o local vazio. Olho em volta, mas tudo o que tem aqui, além de um banco longo de madeira próximo a janela, são várias caixas de papelão empilhadas perto da porta por onde entramos.

— Ué... o que aconteceu aqui?

— O de sempre... — Pedro dá de ombros, como se não fosse realmente uma tragédia.

Por “o de sempre”, ele quer dizer que se meteu em alguma confusão na região e tem que sair do local.

— Desembucha... o que aconteceu agora?

— Eu saí com uma mulher aí... não sabia

PERIGOSAS ACHERON

que o marido dela era proprietário do imóvel.

— Porra, Pepê... você vai acabar se fodendo de verdade com essa mania de sair com tudo quanto é mulher que aparece na sua frente. Um dia vai encontrar alguém cujo marido é um louco qualquer, e não quero nem pensar...

— Eu sei, cara. Tô ajuizando, juro. É que a mulher ficou pegajosa, e puta quando eu não quis mais sair com ela. Acredito que foi ela quem contou pro marido.

— Aí, tá vendo? — Esfrego o rosto, exasperado. Pedro sempre foi desse jeito, descompensado, me deixando doido — e está indo pra onde, daqui?

— Não sei ainda. Foi um mês difícil. Eu dispensei alguns trabalhos para poder viajar com a Paloma mês passado e acabei me enrolando. Perdi trabalhos, e então... já viu. Acabei nem procurando outro estúdio ainda.

— Espero que você jogue isso na cara dela, ao menos — Olho em volta e sento no banco de madeira, enquanto ele se apoia no beiral da janela. A noite está fresca e uma brisa agradável toma

PERIGOSAS NACIONAIS

conta do local. Se não fosse o (mal) cheiro de gordura que sobe, vindo da cozinha da lanchonete, esse aqui seria um ponto perfeito.

— Não a vejo tem uns quinze dias. Mas nem fale no nome dela, por favor, a Rosana não pode ouvir.

— Quem é Rosana? – pergunto, confuso.

— Minha namorada...

Relacionamentos sem sentido, lembra?

— Você e a Jordie podiam dar as mãos...

— O que? Porque? Como assim? – Pedro se agita e acaba deixando cair a long neck que ele trazia nas mãos, janela abaixo – Merda.

— Espero que não esteja passando ninguém...

— Tá vazia a rua. – Ele segue em direção ao frigobar, pegando duas cervejas, e me estica uma – Mas... porque você falou isso, de Jordie e eu?

— Ué, não está claro? Vocês poderiam ser gêmeos, dois enrolados... te falei que fui até a escola, na quinta-feira?

PERIGOSAS ACHERON

— Não... não chegou a comentar.

Conto então toda a história, desde minha chegada relembrando a implicância de Sofia com tudo até minha visita à casa de Babi, lá na Vila Progresso. Acabo me divertindo relembrando as estripulias de Bruno, o garotinho cativante e tagarela. Quando termino o relato, Pedro tem um ar divertido estampado no meio da cara.

— O que foi? Que cara é essa?

— Essa menina... Babi, certo? – Aceno, confirmando – Ela é bonita?

Me irrita um pouco com a pergunta. De tudo o que ele podia querer saber, ataca logo no visual da menina?

— Ela é comum, Pedro.

— Comum? O que você quer dizer com *comum*?

— Comum, oras... – levanto, deixando a garrafa de cerveja em cima do banco e vou até a janela, de repente parece que a brisa parou de circular deixando o local abafado – É uma menina normal, não tem nada de excepcional. Não é o tipo de menina que você viraria o pescoço pra ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu provavelmente viraria. Adoro uma menina atrevida, você sabe. Mas, e você, viraria?

— Eu não viro pescoço pra ninguém. Que conversa é essa agora, Pedro?

O idiota continua sorrindo, enquanto eu me sinto cada vez mais irritado.

— Como ela é? “Comum” é muito genérico, você sabe.

Suspiro, e decido falar um pouco sobre a personalidade de Babi. Pedro não é muito chegado nessa parte, visto o tipo de menina com quem ele se envolve, sempre as modelos de corpo perfeito e nada na cabeça.

— Babi é divertida. Atrevida, como te falei, tem resposta rápida pra tudo. É dedicada, esforçada. Gentil até com quem não merece... — sorrio, lembrando de como ela estava preocupada comigo, pensando que eu tivera uma crise de gastrite ou algo do tipo — Muito simples. Acredita que ela foi mostrar a casa onde a amiga mora, uma casa básica, sem nenhum atrativo a não ser um muro chapiscado, e ela apontou como “aquela casa bonita?” Tinha tudo pra ter caído no choro, como

PERIGOSAS ACHERON

qualquer menina que conhecemos, depois dos eventos de quinta-feira, mas não derramou uma lágrima sequer. Muito forte, muito valente...

Me viro, voltando a encará-lo, e seu sorriso aumentou ainda mais, me deixando um tanto quanto confuso.

— Estou simpatizando com essa menina. Ela fez você falar sobre ela por um bom tempo sem usar nenhum adjetivo depreciativo.

— Não seja imbecil, Pepê – fico agradecido por estar na janela, o que me permite virar de costas assim que sinto meu rosto corar, subitamente envergonhado por ter alguém tirando sarro de mim por elogiar uma mulher – A menina é gente boa. Se alguém merece ter seus defeitos enumerados, esse alguém sou eu, que fui um ogro com ela sem necessidade.

— Certo... e o garoto?

— Muito bonitinho – sorrio, instantaneamente, só de lembrar daquele tico de gente de cabelo escorrido andando atrás de mim a tarde inteira. Não sabia que ainda podia ter jeito com crianças, as evitei por bastante tempo, mas ele

me dobrou – E muito esperto. Não para de falar um minuto, vai dar um trabalho e tanto pra mãe dele.

— E pro pai dele...

— Ah não, ela é mãe solteira... – respondo automaticamente, e ouço a risada de Pedro atrás de mim, me fazendo virar e encará-lo.

— Mas não vai ficar solteira *pra sempre*, você sabe. Ainda mais se ela é esse espetáculo todo aí que você fala.

— Bárbara tem um monte de coisa com que se preocupar, Pedro. Não é igual a essas meninas que você conhece, que só procuram arrumar namorado na balada. Tem conta pra pagar, tem o filho dela, mora sozinha... – me pego tentando arrumar motivos que o convença de que ela não é qualquer uma, e nem um casinho de uma noite só.

— Mais um motivo pra ter alguém do lado dela, oras. Ou, se tem a vida toda atribulada como você diz, sair de vez em quando e espairecer a cabeça pode ser bom. Conhecer pessoas, fazer novos amigos... ela é nova, não precisa ficar em celibato.

— Você só pensa nisso, porra? – Explodo,

PERIGOSAS NACIONAIS

achando um pouco demais esse discurso todo – E porque tá rindo?

— Porque você parece um namorado ciumento não querendo que a garota saia sozinha pra se divertir.

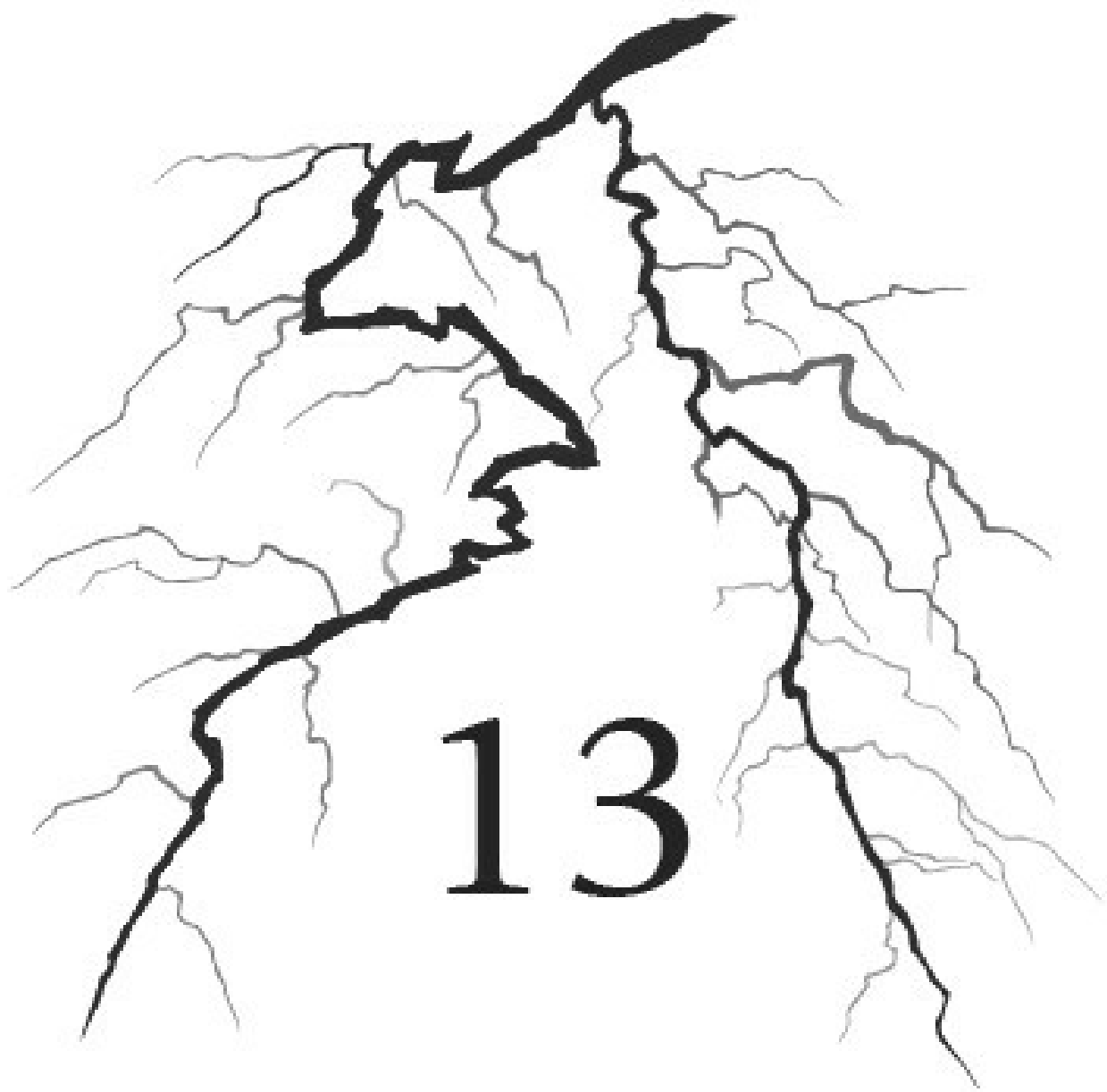
— Você só pode estar de brincadeira comigo. Eu nunca tive ciúmes nem da minha mulher, só nessa cabeça de vento mesmo pra inventar uma história dessas. Além do mais, ela é uma menina, Pedro. E eu não estou disponível, não busco relacionamento com ninguém, você sabe disso...

O sorriso desse imbecil não diminui um só instante, e eu sinto meu peito queimar quando ele diz que, já que é assim, ele tem vontade de conhecer a recepcionista atrevida. Queima tanto que eu preciso esfregar pra passar a sensação.

Falar com Pedro as vezes chega a ser estafante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

A semana começa atribulada aqui na escola, é tanto serviço acumulado que eu não sei se vou dar conta. Quero muito sugerir a Jordie que contrate alguém para uma das três funções, mas fico com medo dela contratar três pessoas e me dar a função de ficar em casa. E depois do susto da semana passada, não quero nem pensar em sair da linha.

Depois de organizar novamente os livros da Biblioteca, separar as cobranças de mensalidade por ordem de vencimento e digitalizar as novas fichas de matrícula, sento atrás do arquivo existente na sala da minha chefe e começo a catalogar as notas fiscais, antes de enviá-las à contabilidade. Estou tão confortável na minha posição que sequer dou sinal de vida quando ouço passos se aproximando rapidamente. Seja quem for, vai ouvir de mim um alô somente.

A vontade de ficar em silêncio, e passar despercebida, aumenta quando vejo que minha chefe não está sozinha, e que estão falando sobre um assunto que muito me interessa.

— Mas você acha que seu irmão vai ajudar, Jordie? Quer dizer, ele não advoga mais, né?

— Eu o chamei para isso, Carol. Não aguento vê-lo carregando saco de cimento em troca de casa e comida no final do mês! Um profissional do calibre dele não pode largar tudo assim...

Pera... ele era advogado e agora carrega saco de cimento? Volto a atenção na conversa, tentando não fazer barulho algum e interromper antes de descobrir mais sobre ele.

— É que ele se culpa, né?

— Muito. E não adianta argumentar que não foi culpa dele. Ele nunca vai ver dessa forma, mas voltando a advogar ele poderia, sei lá, conhecer gente nova. Gael cortou o contato com todo mundo que ele conhecia, não vai nem na casa de nossos pais. A única pessoa que consegue tirá-lo de dentro de casa é o Pepê.

Pepê deve ser o filho dele... Será que esse Pepê se daria bem com o Bruno? Me perco um minuto imaginando dois meninos fofos de olhos azuis correndo pelo parque e brincando juntos, quando uma frase, uma simples e inocente frase dita por Carol, quase me faz cair da cadeira.

— Ele precisa arrumar uma namorada.

— Quem, Gael? — A voz de Jordie soa como se Carol tivesse dito algo muito absurdo. Como se, sei lá, suco de pimenta fosse bom, ou fosse ok colocar passas no arroz na ceia de Natal — Isso eu já não acredito. Eu tenho pra mim que ele morreu junto com Sofia, só não se deitou ainda porque quer provar que aquele velho maldito mandou mata-las.

— Você acha que ele consegue? Provar, eu digo...

— Tomara que sim. Só dessa forma ele vai conseguir ter um pouco de paz. Viver em luto já é ruim, viver o luto e ainda por cima atormentando esperando justiça deve ser pior ainda.

— Ele mudou muito... nem parece a mesma pessoa.

— E não é. Aquele Gael animado, amigoso, simpático eu não vejo há um bom tempo. Desde que ela morreu.

— Tadinho. Era tão apaixonado por ela...

— Gael ainda AMA Sofia. Aquela era a família perfeita, sabe? Ele, Sofia, Melissa e o bebê. Nunca vai superar aquilo, e nem acho que ele vai se

permitir encontrar alguém que consiga chegar perto.

Elas saem da sala sem nem notar que eu estava ali, estática, completamente chocada. Então Gael é viúvo? Levo as mãos à boca quando a compreensão me atinge, entendendo agora a reação dele quando, no dia de nossa discussão, eu perguntei “quem tinha morrido pra deixa-lo daquele jeito.”

Quem morreu, Babi? Só a família inteira dele.

Como será que elas morreram? Sofia, era o nome dela. Melissa... e o bebê? Será que eles tinham um bebê pequeno?

Volto a repassar o dia em que ele esteve aqui, estático na recepção, olhos fechados, parecendo sentir dor quando o encontrei. Sem pensar, estou levantando e seguindo em direção à recepção, refazendo os passos até tê-lo encontrado com o olhar perdido em um ponto atrás do balcão.

Me viro, olhando ao redor, procurando algo que possa ter causado essa reação, talvez uma foto da família. É quando reparo na cadeirinha verde

que fica encostada na parede do canto, ao lado contrário da entrada. Pintado à mão no encosto de madeira tem uma gravura, cheia de borboletas em volta, escrito “Mel”.

Mel... de Melissa.

E eu achando que era dor de estômago.

Não é à toa que esse homem tem os olhos mais tristes do mundo. Uma alma atribulada, de alguém que está de luto e se culpa por isso.

Tanto tempo trabalhando aqui e nunca ouvi nada a respeito desse incidente. Meus olhos correm até o computador, aperto as mãos tentando conter a curiosidade, a vontade de ir até lá e pesquisar seu nome, com certeza teriam notícias sobre o que aconteceu, como aconteceu.

Não é da sua conta, Babi. Volte ao trabalho. Eu sou muito boa em ignorar a minha consciência, craque mesmo, mas hoje especificamente, acho bom ouvi-la. Principalmente quando ela fica sussurrando outras coisas.

“Nunca vai superar isso.”



Gael

Ouço Jeremias batendo novamente na porta do estoque, e ele se diverte tanto que chega a dar pausas entre uma batida e outra, como se tocasse uma música animadinha.

Toc, toc, toc. Toc, toc, toc. Toc, toc, toc.

— O que foi, português?! – Grito do alto da escada, enquanto organizo as caixas de ferramentas que chegaram mais cedo do que eu estava esperando.

— Visita, Gael.

Deixo a cabeça tombar pra frente, já sem paciência alguma de atender seja lá quem for. Considerando que somente Pedro e Jordie aparecem aqui, eu ainda quero chutar a bunda dele e ela continua empenhada a me fazer voltar a

trabalhar – atrapalhando o meu atual emprego, diga-se de passagem – não acho que vai ser um encontro muito animador.

Desço da escada em um salto e, limpando a mão até tirar o excesso de poeira, passo pela porta do estoque e dou de cara com Gustavo, meu ex-colega de escritório.

— Finalmente achei você! — O rapaz se aproxima, com os braços abertos pronto a me dar um abraço, mas eu declino apontando pro meu estado empoeirado.

— Fico me perguntando como. Afinal de contas, sequer nos falamos nos últimos anos...

— Sua irmã... Ela entrou em contato comigo, em seu nome, mas não soube me explicar absolutamente nada do que estava acontecendo. Então me passou seu endereço, disse que você me diria o que eu tenho que fazer.

Claro. Essa manipuladora filha da mãe.

Explico, sem nenhuma animação, o problema que ela vem enfrentando com sua ex-funcionária e Gustavo acredita que tudo pode ser resolvido facilmente, caso a documentação tenha

sido preenchida corretamente. Como sei que aquela maníaca por controle tem uma cópia de tudo na escola, dou-lhe o caminho das pedras, facilitando assim o seu trabalho.

— Você não quer ir até lá comigo? Quer dizer... sua irmã não parecia muito propensa a me dar esse caso, então, se você for junto...

Meu primeiro impulso é dizer que, não, eu não quero ir até lá. Mas sem que eu tenha controle nenhum sobre meus pensamentos, o sorriso daquela recepcionista atrevida aparece na minha cabeça e eu acabo aceitando, justificando a mim mesmo que pensei nela porque seria ótimo ter notícias do seu filho, que estava doente o dia que os visitei. Converso com Joaquim, que me libera mais cedo, afinal de contas está quase na hora de encerrar o expediente.

Avisando Gustavo que vou tomar um banho, o deixo sentado no banco do carro me esperando. Minha mãe diria que eu perdi totalmente a educação que ela me deu um dia. Acabo lançando mão de um par de jeans escuros e uma camiseta básica, branca, não sem antes perceber que estou quase sem roupas decentes.

— Para que você quer roupas decentes, Gael? — falo comigo mesmo enquanto visto o jeans pelas pernas.

O trajeto até a escola é curto e o pobre rapaz descobre, da pior forma possível, que eu não sou mais aquele homem expansivo e simpático que um dia ele conheceu. Eu poderia ter ido no carro dele, mas pra isso teria que bater papo e isso está fora de cogitação. Ao estacionar em frente a escola, encarar a porta da recepção faz com que meu coração dispare.

A passos largos, entro antes mesmo do próprio interessado na visita, já olhando fixamente pro balcão da recepção, dando de cara com Jordie.

— Gael! Oi, mas que surpresa, meu irmão!

Quem ouve sua saudação pensa, realmente, que ela está surpresa em me ver. Essa manipuladora filha da mãe. Jordie sempre foi assim, desde menina dava voltas até conseguir com que eu e Pedro fizéssemos absolutamente tudo o que ela quisesse. As coisas não mudaram muito, pelo visto.

Dou-lhe um beijo no rosto, sem mudar minha expressão de contrariedade. Ela devolve o

beijo, sem mudar a dela de satisfação.

Sinto quando o pobre rapaz se aproxima de nós, e aproveito pra fazer as apresentações, e deixar as coisas às claras de uma vez.

— Esse é o Gustavo, aquele que não precisava ter ido atrás de mim se você não ficasse inventando empecilhos. Ele vai cuidar desse caso, eu vim com ele só para ter certeza que você vai cooperar, entregando a ele tudo o que for necessário pra que ele possa te representar direito.

— Quem te ouve falando pensa que sou uma pessoa de difícil trato – ela critica.

— Quem conhece você tem essa certeza, Jordie.

Ainda séria, mas dando uma piscadinha marota devolvendo a brincadeira, vejo quando ela fecha a porta da recepção, nos indicando em seguida a entrada de sua sala. Estranho que está tudo silencioso, e acabo perguntando onde estão todos.

— Ah, o expediente acabou pouco antes de vocês chegarem. Já foi todo mundo embora...

Não entendo a decepção gigante que eu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sinto quando ela me diz isso. Esfrego o rosto, num movimento exasperado, e os sigo, querendo encerrar esse encontro de uma vez por todas.



Babi

Estranho ao ouvir uma buzina de carro soar na porta de casa, perto da hora do jantar, e meu coração quase sai pela boca quando atendo e vejo Gael parado em frente ao meu portão, vestindo um jeans básico e uma camiseta branca como se fosse um terno Armani. Esse moço podia estar desfilando por aí, ao invés de estar aqui, me fazendo quase ter uma parada cardíaca.

Desço os degraus, me esforçando ao máximo não acabar tropeçando nas minhas pernas

PERIGOSAS ACHERON

bambas, e terminar morta de vergonha – ou morta de verdade, com o pescoço torcido, nunca se sabe o que essas quedas nos reservam – sem esconder a surpresa que é tê-lo em minha casa em plena segunda-feira.

— Oi, moço – faço uma graça esticando os lábios em uma tentativa de sorriso, disfarçando o nervosismo e o coração que parece uma escola de samba descontrolada – anda perdido por aqui?

— É, então... eu... – ele passa a mão pelos cabelos, bagunçando um pouco mais do que já ficam em seu estado normal, e coloca a mão livre no bolso da calça, me esticando uma sacola que ele trazia na outra mão – Eu vim trazer pro Bruno aquele presente que eu tinha prometido.

Franzo a testa por um segundo, sem entender de qual presente ele estaria falando, até que noto o logo da loja de brinquedos estampado na sacola. Bruno tinha ido ao cinema com Lola no final da semana passada, foram assistir a um desses filmes de super-heróis que só servem pra fazer mães gastarem rios de dinheiro com brinquedos dos personagens, e ficou encantado com o herói da vez. Ficava pulando de lá pra cá, “jogando teias” e

PERIGOSAS NACIONAIS

imitando movimentos que, se eu não soubesse do que se tratava, teria pensado que ele queria ser o Tarzan.

Então, naquela tarde em que Gael passou aqui tomando café conosco, Bruno havia falado por horas do filme, e do herói, que por coincidência também era o super-herói favorito do homem, que prometeu lhe trazer um boneco de presente. Claro que eu pensei ser uma daquelas promessas vazias, que você solta somente pra criança calar a boca.

Não era.

— Você não gastou uma fortuna em um boneco... gastou?

Eu já pergunto logo porque a primeira coisa que eu fiz foi pesquisar o valor do boneco do Homem-Aranha, e quase caí de costas quando vi que era quase o valor que eu gastava no açougue do mês!

— Quer que eu seja sincero, ou quer que eu seja simpático?

— Seja simpático – respondo rapidamente, porque não sei o que a sinceridade desse homem vai me trazer.

PERIGOSAS ACHERON

— Não foi caro... — ele me dá um meio sorriso e pisca o olho esquerdo. Pisca o maldito olho esquerdo.

Quem mandou? Posso saber?

Abro o portão, o convidando entrar, e ele passa por mim deixando o rastro do perfume que não tem saído das minhas narinas o final de semana inteiro. Fiquei tentada a perguntar qual era a marca do perfume que ele usava, pensando em comprar um frasco pra mim e ficar cheirando sempre que me desse vontade, mas achei que daria muita bandeira desse jeito.

Nem bem ele chega na porta da sala, Bruno berra seu nome e vem correndo ao seu encontro. E como se quisesse deixar tudo um pouco pior, ele se abaixa e recebe o menino de braços abertos, o jogando pra cima. Como se fossem amigos pela vida toda.

Preciso me lembrar quem é esse homem, e tudo o que ouvi na escola hoje cedo, ou vou acabar me enrolando.

Bruno me emociona com a festa que faz ao ganhar o boneco, grita tanto que daqui a pouco vão

vir bater no portão querendo saber se aconteceu alguma coisa. Demora um pouco até conseguir controlar o ímpeto dele em sair pulando pela casa, como se fosse realmente um super-herói.

— Tio, a mamãe hoje ganhou uns pêssegos mortos da dona Vera, sabia?

— Pêssegos... mortos? – Gael olha pra mim com aquele ar de “o que está acontecendo?” Que eu respondo com o meu melhor ar de “não tenho a menor ideia...”

— Não tem pêssego nenhum naquela caixa, Bruno... nem vivo e nem morto! – Respondo, já seguindo em direção à cozinha, procurando vasculhar novamente a caixa de doces que dona Vera me deu hoje mais cedo, e me certificar que não tem mesmo nada morto ali dentro. Vai saber o que a criança viu...

Começo a retirar os vidros de compotas, quando pego um potinho com um conteúdo diferente: frutas secas. Levanto na altura dos olhos, lendo o que está escrito na etiqueta, e caio na gargalhada.

“Damascos secos.”

Ergo o pote, com a etiqueta virada em direção a Gael, mostrando a ele os *pêssegos mortos*, que me acompanha na gargalhada. Que aumenta quando ouvimos uma voz de um garotinho muito contrariado, de braços cruzados, resmungando.

— Que feio, ficar rindo de quem morreu...

Explico a Gael que a caixa de presentes veio de Dona Vera, esposa do segurança da escola de sua irmã. Ela fazia compotas deliciosas e, logo que fui contratada e a conheci, ganhei um pote de compota de mamão verde que me fez lamber os beiços. “Presentinho de boas vindas,” ela disse, sorridente, com o potinho nas mãos. Fiquei surpresa ao saber que ela não comercializava seus docinhos, e levou um tempo até ela ser convencida que podia ganhar dinheiro com isso. O sucesso foi tanto que ela precisou contratar uma ajudante, visto que não estava mais dando conta das encomendas por si só. Uma vez por mês ela me manda, pelo seu marido, um mimo de presente, em agradecimento.

— Não faria mesmo sentido presentear com coisa morta... — completo, como se fizesse algum sentido. Isso tudo porque ele me olha com tanto

interesse, e seus olhos estão tão azuis hoje, que eu sinto uma certa vontade de tirar a roupa e nadar nua nessa lagoa. Ainda mais depois de saber que não existe nenhuma Senhora Tormenta.

Ai meu senhor, não posso comemorar esse tipo de coisa!

Gael conseguiu me convencer a pular o jantar e sair e comer um lanche com eles. Sei que não deveria, o meu pisca alerta interno vive pulsando, mas eu realmente gosto da companhia dele. Ele não finge uma simpatia que não tem, inventando assunto pra chamar minha atenção. Pelo contrário, sua atenção é toda de Bruno. Ele escuta, brinca, ri...

Eu deveria cortar isso, afinal de contas meu filho não tem nenhuma figura masculina em que se espelhar e sempre me cobra o fato de não ter pai. Se ele se apegar a Gael, eu estou perdida. Até porque, o que esse homem ia querer comigo?

— Tem certeza que não quer outro lanche, Babi? Você come muito pouco...

Ele queria nos levar a uma dessas redes de fast-food onde você paga caro pra comer lanche

pequeno com gosto de papelão (ou minhoca, você escolhe), mas eu nunca permitiria tamanha insensatez. Não quando moramos na esquina do X-Zé, uma lanchonete que atende no estacionamento de um lava-rápido e que vende um hambúrguer com batatas fritas divino. Por isso, quando ele fala que eu como pouco, desacredito da audácia. O lanche do seu Zé é enorme, comer um é para os fortes. Comer dois, só mesmo se tiver dois estômagos e meio.

— Você deve ser maluco. Ou a solitária que você carrega na barriga deve ter contraído matrimônio e agora tem uma família de solitárias, e por isso você come feito um desesperado! — Saio reclamando, enquanto uso os guardanapos de papel pra limpar as mãos de Bruno. E o nariz. Ai meu Deus, tem mostarda na orelha dele também...

Vejo que ele abre a boca pra responder, mas interrompe seja lá o que ia dizer, segurando o olhar em algo atrás de mim.

— Oi, Babi! Quanto tempo!

Me viro e dou de cara com Junior, filho do Seu Zé e sonho de consumo de 90% das meninas da vizinhança. Ele é bonito, não vou mentir.

PERIGOSAS ACHERON

Moreno, alto, barba e cabelos bem aparados, perfume bem em dia. Mas faz o tipo bombadão, rato de academia, todo tatuado e que faz questão de exibir os muitos e enormes músculos em regatas justinhas e cavadas, e calças que me fazem ter pena de suas bolas. É basicamente uma estande ambulante de tudo o que eu não gosto visualmente em um homem. O que salva é que o rapaz é super bonzinho, muito simpático e adora o Bruno.

— Oi, Junior! Nossa, faz tempo que não te vejo! — Levanto e cumprimento o rapaz com um beijo no rosto, e volto pra apresenta-lo a um Gael que parece estar mais mal humorado do que de costume. — Gael, esse é o Junior, filho do Seu Zé.

Um leve balançar de cabeça. Espero uns dois segundos, vendo se não tem delay⁵ e ele, de repente, vai falar alguma coisa, mas quando vejo que não vem nada além disso, volto pro rapaz.

— Não tenho te visto por aqui também. Ainda está trabalhando lá naquela escola? — Junior tem um jeito todo expansivo de falar, cheio de mãos, braços e sorrisos. Fala com várias pessoas ao mesmo tempo, talvez vindo da criação de Seu Zé, que sempre lidou com público. Por isso não é de PERIGOSAS ACHERON

estranhar que, ao mesmo tempo em que fala comigo, se vira pro meu filho, balançando todo seu cabelo – E ai, garotão! A gente precisa ir jogar bola de novo!

— Tá bom, mas não hoje... – o garoto continua entretido com seu lanche.

— Comeu o X-Junior hoje, Babi? – Ele pergunta, me dando uma piscadinha marota que, na minha opinião, não tem nem a metade do charme da piscada de Gael – Te garanto que é a melhor parte do cardápio.

Ouçó um arrastar de cadeira e vejo quando Gael passa por nós, pisando duro, até o balcão da lanchonete. Ele deixa algumas notas com Seu Zé e volta, os olhos chispando.

— Estou indo embora, Bárbara. Como você tem companhia, pode ficar terminando seu lanche aí. Boa noite.

— Já vai embora? Porque? – Coloco minha mão em seu braço, mas ele puxa com rispidez, me deixando espantada. Assustada, e com lembranças que eu, realmente, não gostaria de reviver.

Como era de se esperar, abaixa e deixa um

PERIGOSAS NACIONAIS

beijo no topo da cabeça do meu filho e sai, sem olhar pra trás.

— Eita... é seu namorado, Babi? Eu não sabia, desculpa...

— Não, ele não é nada meu. Não se preocupe, é só o Senhor Tempestade dando as caras, esse grosseirão.

Estúpido. Babaca. Idiota. Grosso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Dimitrius

PERIGOSAS ACHERON

Rômulo avisa pelo viva-voz que Bastos está na recepção, querendo falar comigo. Estranho o fato dele estar aqui novamente, principalmente depois de eu pedir tantas vezes para que seja um pouco discreto, mas eu devo falar grego.

Piada intencional.

— Bastos, espero que sua visita seja algo importante.

— Você é quem vai me dizer, chefe.

Ele me joga uma pasta sobre a mesa, me fazendo erguer a sobrancelha com tamanha ousadia. O infeliz apenas cruza os braços e apoia as costas no encosto da cadeira, aguardando enquanto eu abro uma pasta com... fotos de Gael Prieto?

— Bastos, pouco me importam seus fetiches, mas não quero compartilhar deles. — Bastos é competente, mas tem o péssimo hábito de rir de qualquer merda que a gente diga, fingindo uma simpatia que ele realmente não tem — Desembucha, porque anda tirando fotos desse bunda mole?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me leve a mal, doutor. Sei que disse não ser necessário me preocupar com ele mas... sabe como é, meu nome tá nesse meio aí também. Achei que não faria mal ficar de olho no dia-a-dia do sujeito. Se conseguisse ficar acordado, claro.

— Chato assim?

— Opa. Ele basicamente acorda cedo, vai correr pela vizinhança até quase vomitar de exaustão. Depois, trabalha e a noite volta pra casa. Que fica ao lado do depósito, como já falei pro senhor, ou seja... mal sai do próprio quarteirão, sua única distração é correr. Uma vez ou outra ele visita aquele amigo fotógrafo, ou se encontra com o policial em uma lanchonete.

Bastos se estica e tira a pasta de minha mão, e me entrega uma foto em especial. O babaca está rindo, e tem um garotinho sentado em seus ombros, uma perna em cada lado do pescoço e a cabeça abaixada, talvez falando alguma bobagem, que criança adora dizer, em seu ouvido.

— Continuo sem entender. Vai me fazer perder tempo com charadas?

— Ontem ele recebeu uma visita, de um

PERIGOSAS ACHERON

mauricinho engravatado. Eles foram direto na escola da irmã, e como o fulaninho tem cara de advogado, deve ter a ver com o processo trabalhista que foi movido pela sua funcionária.

Ah, Mirela. A safada Mirela.

Conheci essa diaba em uma boate que eu costumo frequentar, a Pose, não muito tempo atrás. Faladeira, me entregou de imediato toda a sua ficha corrida. Solteira, filha única, secretária administrativa em uma escola infantil e com vontade imensa de subir na vida. Qual foi a minha surpresa ao saber que ela trabalhava para a irmã de Gael Prieto? Não precisei me esforçar muito em convencê-la a vir trabalhar pra mim e depois inventar um processo trabalhista, só pra ter certeza que o advogado estava realmente aposentado.

E ainda ganhei uma amante quente.

— Certo.

— Em seguida ele saiu da escola, sozinho, e foi até o shopping. Achei deveras estranho, se me permite a observação, porque ele nunca esteve no shopping em todo o tempo em que passei observando sua rotina.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ir ao shopping não é nada excepcional, Bastos!

— Ele foi a uma loja infantil – ele continua narrando como se eu sequer o tivesse interpelado. Sujeito insuportável – o homem mal podia ficar perto de crianças, e de repente estava em uma loja infantil. Ele não tem sobrinhos, nem seus conhecidos tem filhos.

Um único movimento com minha sobancelha é o bastante pra que ele continue esse relato tão entediante quanto a vida do alvo em questão.

— Estranhei quando, ao ir embora, ele pegou um caminho que não é o usual. O segui pela pista expressa até vê-lo ir parar em um bairro da periferia, uma casa simples, onde mora esse garotinho da foto e sua mãe.

Quando Bastos me estica a próxima foto, eu posso sentir o inferno congelar. Babi. A minha Babi.

Bastos deve ter notado o meu choque, eu nunca demonstro emoções perto dele. Consigo ouvir o barulho dele se remexendo, desconfortável,

PERIGOSAS ACHERON

na cadeira, mas não consigo tirar os olhos da fotografia.

— Essa garota mora aqui? E você me disse que... esse menino é filho dela? — O policial acena com a cabeça, confirmando, e me estica outra fotografia. Nessa, os três estão sentados em uma mesa, comendo algo parecido com um hambúrguer. Consigo então ver claramente o rosto do garoto e é como estar olhando a um dos milhares de fotos da minha própria infância, que minha mãe tem em seus ridículos porta-retratos.

Ela não poderia ter feito isso. Não poderia ter sumido no mundo, se estivesse esperando um filho meu. Poderia?

— Eles têm algum tipo de relacionamento?

— Segundo o que apurei, não. Ela trabalha na escola da irmã dele, não namora, ninguém nunca viu o pai do garoto. Foi a primeira vez que a viram conversando com alguém que não fosse da vizinhança. Acham, inclusive, que ele é o pai do menino. Por causa dos olhos, eu acho...

— Apurou? Com quem?

— Ah, doutor, sabe como é... um homem às

vezes dá sorte de caçar nos lugares certos, ainda que sem querer.

Procurei essa demônia por quase cinco anos, e ela estava trabalhando na escola dos Prieto? Como eu deixei passar isso? Inacreditável...

— Tanto tempo trabalhando pra mim, e nunca me disse que essa menina trabalhava na escola dos Prieto... e ainda quer que eu acredite que você é confiável, porra?

O homem fica claramente desconfortável, achou que estava me trazendo um presente e tudo o que eu quero é arrancar-lhe a cabeça.

— Essa menina realmente não é ninguém, doutor. Não estou ent...

— ESSA MENINA É A FILHA DO CARDOSO! Consegue captar? A filha do Cardoso metida com os Prieto? E esse tempo todo, o tanto de dinheiro que eu te pago, e não sabia disso?

A cor foge do rosto de Bastos com uma rapidez impressionante. Incompetente de uma figa... ainda tenho que aguentar ele gaguejando sobre resolver o problema.

O único que resolve problemas aqui sou eu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entenda bem o que eu vou te falar, Bastos, porque eu vou falar apenas uma vez: não mexa com essa garota. Ela é minha. E dela, cuido eu. Estamos entendidos?

— Sim senhor, claro...

Sem que me dê conta, estou fazendo um carinho na foto, no rosto bonito da minha doce Babi. Minha Babi, e meu pequeno herdeiro.



Babi

Aperto a mão da simpática mulher e me abaixo ficando da mesma altura de sua filha, uma garota rechonchuda de três anos que parece mais preocupada em correr de volta pra dentro da escola do que conversar comigo.

PERIGOSAS ACHERON

— Gostou da escolinha, Catarina?

— *Gotei*. Queria brincar.

Acho uma graça essa forma infantil de falar. Não aproveitei muito isso com Bruno, ele fala as palavras o mais correto que consegue. Claro que eu acho lindo, e até me gabo do fato, as pessoas que conversam com ele costumam achar isso mérito da mãe. *Ela deve ensinar ele direitinho*. Queria ver se eles pudessem me ouvir falando com ele, com voz tatibitate⁶, só pra levar bronca dele em seguida.

“Fala direito, mãe, que coisa feia!”

A gente tem filho e não pode nem falar com voz infantil que leva bronca.

— A próxima vez que você voltar aqui, eu te levo pessoalmente pra brincar, tudo bem? — Sorrio e busco o olhar da mãe, confirmando que não ultrapassei nenhum limite em minha promessa. Sua piscadinha me diz que temos uma próxima vez, enfim.

Temos uma boa procura de matrículas na São Prieto. Jordie tem feito um bom trabalho na área pedagógica, mesmo sua administração sendo mais confusa que minha cabeça.

Acompanho as duas até a porta da recepção, me despedindo em seguida. Hoje é um daqueles dias em que poderiam aparecer um cliente atrás do outro, e assim eu possa me distrair um pouco.

Caso queira saber, ainda estou furiosa com aquele grosseirão. Mas não tanto quanto estou furiosa comigo mesma, por deixa-lo me afetar. A minha vontade, ontem, quando o vi sair daquele jeito da lanchonete sem ao menos se despedir direito de mim, foi chorar. De decepção, talvez. Mas o mais certo era de raiva. Ficava o tempo todo relembrando a conversa que ouvi aqui mesmo na escola, sobre o seu luto eterno.

Não posso me deixar afetar dessa forma por alguém que nunca estará disponível, e que ainda por cima me faz lembrar de coisas que eu quero esquecer.

— Olá, boa tarde!

A saudação animada atrás de mim me pega de surpresa, e em um sobressalto acabo torcendo o pé. Só não caio porque a pessoa que me causou essa reação estapafúrdia segura rapidamente meu braço. Firmo os pés no chão, envergonhada, e levanto o rosto pra agradecer.

Oh, olá você!

Encontro um par de olhos claros me encarando, sorridente. Muito sorridente, aliás. O bonito rapaz loiro e musculoso tem um topete ridiculamente bem penteado combinando com uma barba por fazer. Calculadamente por fazer, devo adicionar. Balanço a cabeça, tentando voltar ao meu juízo, quando percebo que fiquei observando o rapaz por mais tempo que o aceitável.

— Obrigada. Desculpe por isso.

— Machucou? — Ele aponta o meu pé, e eu nego com a cabeça — Eu sou o Pedro, vim falar com a Jordie, ela está?

— Sim, está na sala dela. Por favor... — indico a sala, e me coloco atrás do balcão, onde ainda tenho algumas coisas pra finalizar antes de dar por encerrado meu expediente.

— E você, quem é?

— Oh, desculpe... que cabeça a minha — ofereço a mão, e ele segura rapidamente, aceitando o cumprimento e voltando a encostar na porta — meu nome é Bárbara, eu trabalho aqui na recepção.

— Ah, *você* é a Bárbara...

PERIGOSAS NACIONAIS

Junto as sobrancelhas, estranhando o comentário, mas não tenho tempo de perguntar nada. Jordie aparece, toda espalhafatosa, parando bruscamente ao ver o loiro bonito encostado na porta de sua sala.

— Oi Pepê! Que surpresa!

Ah, então ELE é o Pepê. Brigo com meu cérebro, querendo que ele ignore totalmente a ligação dessa pessoa na minha frente com aquela outra pessoa que está atualmente morta e enterrada pra mim.

Está sim. Não ouse me contrariar.

— Estava por perto e resolvi dar um pulo aqui. Faz tempo que não venho, está tudo bem diferente...

Fico organizando alguns papeis em cima do balcão enquanto ouço a interação que mais parece uma conversa de dois adolescentes que se paqueram tentando achar assunto entre uma aula e outra. “Ah, reformamos no ano passado.” “Ficou bem legal mesmo.” “Essa cor que você usou na parede está ótima!” “Quis combinar com o cartão de visitas.”

PERIGOSAS ACHERON

Solto uma risada involuntária, afinal de contas, quantos anos têm essa dupla? Passo a observá-los com um pouco mais de cuidado, e posso estar enganada, mas o que parece é que rola um interesse mútuo.

Pedro continua com o ombro encostado no batente da porta, os braços cruzados evidenciando mais os bíceps, uma das pernas levemente flexionadas o que faz com que ele pareça um pouco mais baixo. Jordie está parada bem em sua frente, as mãos não param de se mexer, seja jogando o cabelo liso de um lado pro outro, seja tocando furtivamente o rapaz no braço. E tem as risadinhas, sabe? Aquelas que a gente solta quando está de papo com o *crush*, pra deixá-lo saber que estamos bem interessadas na conversa – e em todo o resto? Pois é, ela está soltando *essas* risadinhas, enquanto ele elogia qualquer coisa ridícula que ela tenha dito.

Mas o que entrega mesmo esses dois são os olhares. De onde estou posso muito bem ver a forma como um olha pro outro. Conforme Jordie vai contando sobre sua ideia (excelente, aliás) de incluir teatro no planejamento escolar do próximo ano, ele não tira os olhos dos lábios dela.

Totalmente focado.

Será que eles já ficaram?

Um barulho no corredor de entrada chama minha atenção, a tempo de ver Gael entrando, apressado, pelo portão de acesso. O que acontece em seguida eu talvez entenda uma outra hora mas, no momento, estou ocupada demais apreciando a visão que é Gael Prieto.

Assim que nota o amigo se aproximando, Pedro rapidamente para no balcão ao meu lado, apoiando ambos os braços cruzados em cima do mesmo e passa a agir como se estivesse o tempo todo em um papo animadíssimo comigo.

— Ainda acho que você trabalha demais, devia aproveitar os finais de semana e sair mais, viajar inclusive. Aposto que seu filho ia gostar bastante.

Quando é que eu falei que tenho um filho? Que medo...

— Gael! Não sabia que você vinha aqui... — Jordie ainda parece confusa com o comportamento de Pedro, mas recepciona o irmão que lança um olhar irritado em direção ao amigo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pedro me chamou.

— Não chamei não! – Eu sinceramente nunca vi ninguém sorrir tanto na vida. Pedro aparenta ser uma pessoa extremamente simpática e de bem com a vida, e seu sorriso constante está ainda mais aberto enquanto ele se vira pra responder – Eu *avisei* que vinha, você que é xereta...

— E você é um sem noção, empoleirado no balcão, atrapalhando o trabalho da menina.

— Posso estar enganado, mas ela ainda não reclamou. – E, se virando, me pergunta com ar divertido – Eu estou te atrapalhando, *Babi*?

Meu apelido, que eu também não lembro de ter mencionado a ele antes, é dito de forma diferente do resto da frase. Fico olhando de um pro outro, e pensando em como podem ser amigos, sendo tão diferentes. Pedro parece uma tarde ensolarada no parque, leve e risonho. Gael parece uma noite de tempestade. Com raios, trovões, vento e todo aquele drama.

— Claro que não, Pedro.

— Pode me chamar de Pepê...

PERIGOSAS ACHERON

É instintivo, meu olhar vai até Jordie, que tem as sobrancelhas erguidas, talvez tentando entender o que foi que Pedro usou que começou a dar um barato tardio.

Somente aceno, e ele volta a olhar o amigo. E eu, novamente, passo a comparar os dois. Eles não têm a mesma compleição, a única coisa que se assemelha é a altura. Os dois são bem altos, devem ter com certeza perto de um e noventa, ou próximo a isso. Os meus um e setenta mandam abraços. Pedro é claramente um rato de academia, mesmo não sendo bombadão como Junior, por exemplo, seus bíceps o entregam. Já Gael é magro, mas tem braços e mãos fortes. Me peguei observando suas mãos na noite anterior, de veias saltadas e aparentemente castigadas pelo trabalho pesado. Nem sob tortura eu digo o que fiquei pensando enquanto observava suas mãos, então sigamos.

Pedro é loiro, o cabelo bem cortado e penteado. Gael tem os cabelos negros e lisos, precisando de um corte e sempre bagunçados. Enquanto um consegue manter o look “me barbeei ontem e ela já está crescendo, acredita?”, o outro brigou para sempre com o barbeador. Ainda que

vestidos casualmente, qualquer um pode notar a diferença na escolha das roupas. Enquanto Pedro usa roupas de marca, bem passadas e combinando entre si, Gael pediu emprestada a camiseta do gênio da garrafa. Só isso explica a maçaroca⁷ que se encontra essa peça de roupa.

Se bem que não passar roupa deveria ser algo natural, eu faria muita questão de ser parte da irmandade dos sem-ferro-de-passar.

Pedro é risonho, leve. Seu rosto é cheio daquelas marquinhas de expressão, quando ele sorri o seu olho se aperta, inclusive. Um fofo.

Gael quase nunca sorri. Os olhos azuis e tristes têm um furor que basta pousar em mim, reviram todo o meu interior. Tenho dificuldade em entender o que acontece comigo quando ele me olha, principalmente se não consigo saber o que se passa em sua cabeça.

E, sim, é verdade que Gael quase nunca sorri. Mas quando sorri, derrete geleiras. Ainda que não sejam direcionados a mim, os seus sorrisos são lindos e, exatamente por serem raros, sei que são sinceros.

— Posso falar com você, Babi?

E a voz... essa voz tem feito morada em meu pensamento. E em outro dia, qualquer outro dia, eu diria “na minha casa, ou na sua?” Em resposta. Mas hoje? A vontade que eu tenho é de responder “Senhorita Bárbara Cardoso, pra você.” Mas nem isso eu consigo fazer. O dispositivo que o ser humano tem entre o cérebro e a boca deve ter quebrado no momento em que Gael se aproximou, com seu maldito perfume, me chamando de Babi com essa voz rouca e esse par de olhos azuis.

E isso me deixa com raiva. Com muita raiva. Eu não sou mais aquela menina que fui um dia, apaixonada por um par de olhos azuis, ignorando qualquer grosseria direcionada a mim, perdendo tudo depois de uma piscada charmosa. Perdoei tanta coisa que tive tudo tirado de mim.

Não sou mais capacho de ninguém. Ninguém vai mais me tratar menos do que eu mereço. Não importa o quão bonito e charmoso o infeliz seja.

Isso. Esse é um bom mantra. Mantenha isso, Babi!

PERIGOSAS NACIONAIS

Ergo meu queixo, da forma como um dia aprendi que me dava nem que fosse um pingo de dignidade mesmo quando tudo estava desabando ao meu redor, e o encaro firmemente.

— Agora não posso, senhor Gael. Estou em horário de trabalho. Com licença...

Dou-lhe as costas e saio, em direção à parte interna da escola. Ainda consigo ouvir Pedro soltando uma longa gargalhada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Gael

PERIGOSAS ACHERON

A garota passa por mim, com aquele queixo erguido, sem hesitar e sem olhar pra trás, e novamente vem a sensação estranha de estar sempre fazendo tudo errado quando o assunto é Bárbara. Fico parado no meio da recepção, os olhos fixos na porta por onde ela havia saído, esperando que, por algum motivo, qualquer que fosse, ela retornasse. Para me xingar, que fosse. Mas ela não voltou.

Fui um babaca na noite anterior, pra variar. A contrariedade que senti quando a vi tão naturalmente adorável conversando com o rapaz, que parecia a conhecer bem e inclusive já ter a amizade de Bruno...

“Comer o X-Junior...”

Tive que levantar da mesa e ir embora, a vontade de socar o moleque era forte demais. Babaca abusado.

Procurei Pedro pela manhã, talvez buscando validação pelo meu comportamento. Eu tinha razão em ter ficado nervoso, afinal de contas ela é mãe de um menininho, não pode ficar por aí aceitando esses comentários, principalmente quando está ao

PERIGOSAS ACHERON

lado dele. Mas procurar meu amigo só tornou as coisas piores, ao invés de me apoiar, ele me chamou de machista ridículo e disse que viria até a escola conhecer a garota atrevida.

“Vou apresentar a ela o Pepê com chantilly.”

Disse, e veio. Mal pude acreditar quando cheguei e o vi chamando atenção, cheio de dentes, jogando charme pra cima da garota. E ela, toda solícita, enquanto pra mim... um balde de gelo.

— Tá tudo bem, Gael?

Minha irmã, preocupada, busca meu olhar, talvez estranhando eu ter aparecido sem que ela precisasse me implorar. Preciso inventar uma desculpa, não posso dizer que vim correndo porque Pedro sugeriu que ia chamar a menina pra sair.

Que motivos eu teria pra tentar impedir isso, inclusive? Porque eu estou agindo dessa forma? Sofia teria vergonha desse comportamento...

Sofia... fecho os olhos com força quando o coração aperta, puxo o cordão onde a aliança dela está pendurada, e a joia parece queimar minha pele.

Como se me recriminasse por alguma coisa. Volto a olhar pra Pedro, que agora não mais sorri, apenas acompanha o movimento da minha mão apertando o objeto com força.

Que diabos eu estou fazendo? Será possível que eu só faço merda nessa vida?

Sem dizer uma palavra sequer, saio pela porta, em direção à rua. Ainda consigo ouvir minha irmã me chamando, e Pedro dizendo que ele voltaria em breve. Passo direto pelo meu carro, a necessidade de forçar o meu corpo é mais forte.

— Onde você vai, Gael?

— O que eu tô fazendo, Pepê? Porque eu vim aqui? Eu não consigo entender...

— Toda vez que você me fizer essa pergunta, eu vou responder da mesma forma. Já fazem quatro anos, Gael. Você tem que parar de se torturar...

Balanço a cabeça com força, negando sem parar. Não posso parar, não quando tudo o que aconteceu foi por minha culpa.

— Acho que está na hora de você cair na real, e assumir pra si mesmo que você gostou dessa

PERIGOSAS ACHERON

menina.

— Não. Não é assim...

— Você tem ciúmes dela, Gael. Ficou todo alterado comigo outro dia, quando eu disse que ela ainda era nova, e podia arrumar alguém.

— Porque ela tem um filho pequeno, precisa dar atenção pra ele...

— E ontem queria socar um rapaz só por ter ido conversar com ela.

— Não, ele foi desrespeitoso, e o Bruno estava perto!

— E pra hoje, qual a desculpa envolvendo o Bruno que você vai arrumar? Não lembro de ter visto o moleque em baixo do balcão...

— Ela estava trabalhando...

Desisto de tentar explicar quando vejo o sorriso de volta no rosto estúpido. Ele vai continuar insistindo nesse papo de ciúmes, e eu não estou com ciúmes. Não posso estar.

— Não é ciúmes, Pedro. É... não sei, cuidado talvez. Eu quase ferrei a vida dela, arrumando um barraco aqui na escola, e fazendo

PERIGOSAS NACIONAIS

com que ela perdesse o emprego.

— Ahan. Sei...

Olho em volta, ainda parado na calçada, meu carro estacionado de qualquer jeito quando cheguei apressado, só querendo impedir meu amigo de fazer uma besteira qualquer.

— E ela é uma menina, Pedro. Tem dez anos de diferença. Mais até, se bobear. Nova demais pra mim, e nova demais pra você também!

Ele claramente desiste de argumentar quando leva as mãos à cintura e abaixa a cabeça, balançando como se a paciência tivesse se esvaído. Ele merece um prêmio, inclusive, por me aturar por tanto tempo.

— Certo. Tudo bem, vamos voltar lá pra dentro então, porque a sua irmã não entendeu bulhufas do que aconteceu.

Nego me despedindo e indo em direção ao meu carro. Voltar seria correr o risco de encontrar Babi de novo e piorar ainda mais a situação. Da forma como ela parecia irritada comigo, pro inferno seria o lugar mais perto pra onde ela me mandaria.

PERIGOSAS ACHERON



Babi

Jordie aparece na porta do refeitório, me analisando em silêncio. Continuo sorvendo meu copo d'água, como se fosse a coisa mais interessante que eu tivesse pra fazer no momento, esperando que ela não tivesse vindo me demitir outra vez.

Tomada por um medo repentino, coloco o copo em cima da pequena pia e me viro, já começando a me explicar.

— Não fui grosseira com ele, Jordie. Até chamei ele de senhor, não sei se você reparou.

— Reparei sim – algo parecido com um sorriso passa pelo rosto dela, mas é mais rápido do que eu falando a palavra “eita” quando me ferro. Logo ela voltava a ter aquela expressão séria e

indecifrável – Estava me perguntando se você já conhecia o Pepê.

Eita.

Claro que ela perguntaria. Eu não falei que tinha alguma coisa rolando?

— Conheci ele hoje. Agorinha, ali mesmo, na recepção, quando chegou procurando por você. Foi a primeira coisa que ele perguntou, logo que chegou... “Cadê a Jordie?”

— Sei que não somos amigas, Babi. Então eu não tenho direito de me intrometer na sua vida, mas tanto um quanto o outro são importantes pra mim. Gael é meu único irmão e Pepê é... parte da minha vida desde que eu nasci.

Ela tenta disfarçar mas eu tenho bastante experiência nessa coisa de guardar segredos. Consigo notar o suspiro que ela dá antes de explicar o que Pedro significa pra ela, e mesmo dando uma função genérica de “o cara que sempre esteve aí”, o tom de sua voz denuncia que ele é mais do que isso. Ou ela quer que ele seja.

— Não se preocupe com isso, Jordie. Eu acabei mesmo de conhecer o Pedro. E o seu irmão,

PERIGOSAS NACIONAIS

a melhor coisa que eu posso fazer é ficar bem longe dele. Preciso do meu emprego, e já percebi que não tenho muito controle da minha língua quando ele está perto, não quero te dar motivos pra me mandar embora de novo.

— Gael está difícil – ela sorri, falando com carinho do irmão – e note que eu disse que ele **ESTÁ**. Porque ele é uma das pessoas mais amorosas, carinhosas e parceiras que eu conheço. Qualquer dia sentamos e eu te conto um pouco sobre o que ele passou, dessa forma talvez você entenda esse comportamento grosseiro que ele tem hoje.

Nego com a cabeça, num pedido silencioso que não me conte. Se ela me contar, vai ser como uma obrigação pra que eu conte a minha vida também, e... não.

Ninguém pode saber, nunca.

— Eu lamento muito por ele. De verdade. Seu irmão parece ser um bom homem, mas, como eu falei, estou fugindo de confusão. Minha vida já é atribulada o bastante tendo que me preocupar com Bruno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um barulho atrás de nós denuncia que alguém está entrando, e eu sinto meu estômago revirar. E acabo ficando de novo brava comigo mesma porque não sei se fiquei aliviada ou decepcionada quando Pedro entrou sozinho, os olhos procurando por Jordie.

— Ele foi embora...

— Você chamou ele mesmo pra vir?

— É... — ele sorri — digamos que sim.

Uma troca de olhares parece dizer muito mais do que eles estão realmente dizendo entre eles, mas não sou eu quem vou tentar desvendar. Peço licença e volto à minha sala, forçando minha cabeça a não pensar mais em Gael Prieto. De problemas já bastam os que eu tenho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

A semana passou num piscar de olhos, e, não me pergunte porque, deixou Jordie muito mais acessível. Ela não é uma má patroa, não me entenda mal. Só não é do tipo que para pra sentar e conversar amenidades como se fossemos melhores amigas. E essa semana ela fez isso. Bastante.

A coisa já começou estranha quando ela chegou na quarta-feira me chamando em sua sala, me informando que tinha colocado um anúncio procurando uma nova recepcionista. Não é preciso dizer que eu estava a ponto de implorar por mais uma chance, seja lá o que eu tivesse feito dessa vez, quando ela esclareceu que eu estava acumulando funções e recebendo por um cargo só, e que isso era “inconcebível.” Bem, eu também achava mas nunca quis falar nada...

Então a partir daquele dia, o meu salário seria reajustado. Eu seria promovida a secretária administrativa, e receberia um bônus referente ao trabalho que eu fazia na Biblioteca – que eu pedi pra ser mantido e nem esperava receber por isso.

Aliás, não esperava nem pela minha promoção, esperava que ela fosse contratar uma

PERIGOSAS ACHERON

substituta para a Mirela, e não a mim. E não é duvidando da minha capacidade, nesses últimos anos eu tenho feito coisas que, honestamente, não achei que seria capaz de fazer. Me superei em muita coisa, e tenho orgulho disso. Receber essa promoção é só uma prova de que eu sempre pude fazer o que eu bem quisesse. Ou o que o dinheiro desse. Enfim.

— Mamãe, a gente não ia comer pastel hoje?

— Meu amor... eu disse que íamos comer pastel qualquer dia, não necessariamente hoje.

— Você disse sábado. Que é hoje.

Sabe aquela velha conversa de mãe, o “na volta a gente compra”. Ou o “tal dia eu faço isso”, aquelas velhas promessas que a gente faz à criança pra que ela esqueça um assunto e te deixe em paz?

Então, com o Bruno isso não funciona.

Uma vez por semana, nos dias de feira livre, somos obrigados a descer em um ponto de ônibus que fica ao lado de uma banca de pastel. Claro que eu podia descer um ponto antes, ou um depois, mas isso me faria andar alguns metros a mais com uma

criança de humor matinal terrível, bolsa, sacola, salto alto. Não é algo que eu realmente procuro fazer...

Bruno geralmente não se importa com essas coisas, nunca é de ficar pedindo comida na rua mas esse dia, especificamente, ele quis pastel. E eu estava atrasada. E não tinha dinheiro. O que eu falei? Isso mesmo, “no sábado a gente compra.”

Sábado é hoje. E eu continuo sem dinheiro.

Sempre que isso acontece, eu penso em recorrer a minha “opção emergência grave”, nome que eu dei pra única coisa que trouxe da minha vida antiga: uma bolsa que fica guardada dentro do fundo falso em meu guarda roupa, com documentos importantes e meus cartões de banco.

Nunca utilizei meus cartões, nem uma vez sequer, desde que entrei naquele ônibus anos atrás e desapareci. Aprendi uma vez que isso pode ser facilmente rastreável, então, não posso dar sopa pro azar. Claro que me corta o coração cada vez que meu filho me pede alguma coisa, ou que eu passe algum aperto relacionado a dinheiro, sabendo que eu poderia resolver. Mas a segurança dele é mais importante que tudo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspiro, pensando que se um pastel não é uma emergência grave o bastante pra me fazer mexer naquela bolsa, também não é nada caro o bastante pra me deixar ainda mais falida. Depois de revirar minha bolsa e achar umas moedinhas, vou até meu furacão emburrado, que continuava procurando alguma coisa na TV que ajudasse a passar o tempo.

— Vamos lá, campeão. Vamos comprar seu pastel.



O pastel levou á praça, que levou ao parquinho, que levou a algumas horas longe de casa. Mas era uma manhã agradável e fazia tempo que eu não saia com Bruno pra essas atividades. Sempre tenho que escolher entre sair com ele ou colocar a casa em ordem, e como durante a semana tenho menos tempo ainda, não é preciso ser muito gênio para saber quem ganha.

PERIGOSAS ACHERON

Ser mãe solteira é uma barra. Já é difícil quando você tem com quem dividir as obrigações, quando você é absolutamente sozinha, as vezes chega a ser desesperador. E não falo somente da parte financeira, não. Ter alguém ajudando na educação, revezando nas brincadeiras, tomando conta enquanto outra coisa importante aparece. Ou mesmo nas bobagens do dia-a-dia.

Apesar de sabermos que, na grande maioria das vezes, ter um filho é saber que nunca ficaríamos sozinhos novamente, é um trabalho um tanto solitário.

Estranho ao ver um carro prata parado na porta de casa, e me surpreendo quando noto Jordie, distraída ao telefone, conversando com alguém.

— Estou te falando, tem quarenta e cinco minutos que estou aqui esperando e ela não aparece.

— Jordie? — abaixo na altura do vidro e a vejo se despedir de quem quer que seja, avisando de minha chegada, e sair do carro com um sorriso enorme.

— Ai menina, pensei que não ia te achar

aqui. Onde estava? Oi Bruninho, dá um beijo na tia...

Minha patroa é, geralmente, uma pessoa agitada. Acompanhá-la, no dia-a-dia, é uma aventura, e é mais ou menos assim que eu me sinto agora com ela toda empolgada, pegando Bruno nos braços e falando sem a opção de respirar inclusa no pacote.

— Como achou a minha casa?

— Você é minha funcionária, oras. Eu tenho o seu endereço...

— E não pensou em me ligar antes, pra saber se eu estava em casa ou não?

— Não tenho o seu telefone. Bem lembrado, me passa o número, deixa eu colocar na minha agenda...

Jordie fica parada, com o aparelho na mão, me olhando como se eu fosse tapada ou algo do tipo por demorar a lhe dar uma informação tão simples. E eu continuo sem entender o que ela faz aqui, mas lhe passo meu número de qualquer forma.

— O que está fazendo aqui na região,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Jordie? É meio longe da sua casa, não?

— Sim. Então... sabe o que é? Eu... preciso de ajuda. Quero comprar móveis novos para sala. Minha sala, na escola, claro. A sala da minha casa você não conhece, ainda.

— Os móveis da sua sala estão ótimos!

— Apertada. Quero algo mais dinâmico, e como você vai trabalhar lá comigo, naquela sala, achei que podia me ajudar...

Eu tenho, no exato momento, uma mulher com mais de trinta anos, parada na porta da minha casa, fazendo um beicinho ridículo e dando piscadinhas como se eu fosse afetada por esse tipo de comportamento.

— Sabe o que é, Jordie... o meu sábado é muito complicado, por causa do Bruno. É bem ruim pra mim sair e passar o dia fora. Você não tem ninguém que possa te ajudar nisso? O Pedro, talvez?

— Pedro está muito ocupado hoje. Vamos, Babi, por favor. Depois nós vamos almoçar, eu, você e o Bruno. Vai ser divertido, eu os trago em casa, não vai demorar, eu prometo!

PERIGOSAS ACHERON

Uma coisa que eu admiro: pessoas que sabem dizer não. Apesar de já ter aprendido a dizer alguns, no decorrer da minha vida, ainda não sou expert no assunto. E por causa disso, estou agora saindo de uma loja de móveis planejados depois de comprar algo que eu tenho certeza que não seria necessário, com uma Jordie muito falante dando toda a corda que Bruno não precisaria receber.

— E aí, sabe, tia, o meu amigo falou que assim que a cachorrinha dele tivesse bebês, ele ia me dar um dos filhotinhos.

— Que legal! Você gosta bastante de cachorrinhos?

— Gosto bastante. Eu quero muito ser médico de cachorrinhos quando crescer. Eu sei que tenho que ser médico de todos os bichinhos, mas eu vou deixar uns cachorrinhos passar na frente, porque eu gosto bastante deles.

— Sabia que eu conheço um rapaz que é veterinário? Mas ele trabalha numa fazenda...

— Ele é médico de vaca? – Não consigo segurar a risada ao ver a cara que Bruno faz ao receber a confirmação, a boquinha aberta em

surpresa, e a cabecinha fazendo mil conjecturas a respeito.

— E de boi, e de cavalo, e de porco. Ele mora lá em Goiás...

— E você visita ele, tia?

A mudança de humor de Jordie é nítida. O sorriso desaparece, os ombros se movimentam pra cima e pra baixo, acompanhando o suspiro que ela solta. Imagino que o amigo não deva ser mais tão amigo assim.

— Não, faz tempo que a tia não o vê. Mas e você, tá com fome? — Bruno balança a cabeça freneticamente, e com um sorriso ela se vira me pondo a par de seus planos — Vocês vão almoçar na casa dos meus pais. Eles vão adorar conhecer vocês!

Inesperados planos.

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

Quando o carro estaciona na rua calma e vazia, eu me vejo subitamente uma pilha de nervos. Obviamente eu pedi a localização primeiro, pensando que, talvez, os pais de Jordie e Gael pudessem ser um casal da alta sociedade, vizinhos de pessoas que eu não posso encontrar. Mas me surpreendi ao ver que eles moram num bairro tranquilo, de classe média, não muito afastado da escola onde trabalho, em uma casa bonita mas longe de ser luxuosa.

O sobrado amarelo tem portões altos, mas vazados, o que me permite dar uma olhada sem que precise estar lá dentro. O portão maior, da direita, dá acesso a uma rampa que eu, imagino, leva a uma garagem interna. O menor, da esquerda, dá acesso a uma pequena escada de degraus vazados que leva até o hall de entrada. Entre a escada e a rampa, um pequeno jardim bem cuidado, com palmeiras, folhagens e muitas flores coloridas.

Um senhor alto está parado no portão, com um sorriso aberto, a nos aguardar.

— Deixe seus convidados descerem e guarde seu carro lá dentro, Jordie.

Não demora muito e estamos sendo “despejados” do carro, enquanto Jordie fala sem parar brigando com o controle do portão. Imagino que deva ser o seu lado italiano.

— Você deve ser Bárbara. Seja bem vinda — o homem alto me envolve num abraço caloroso, e em seguida se abaixa, ficando mais próximo da altura de Bruno — e você é o famoso Bruno. Muito prazer, rapazinho.

— Eu sou famoso? Igual as pessoas da novela?

— Sim senhor. As suas aventuras na escola são famosas aqui em casa.

O homem deve ter notado minha expressão confusa, sem entender direito sobre quais aventuras ele estava falando. Bruno não é tão levado assim a ponto de ter fama.

— Jordie nos contou outro dia como ele confrontou a professora sobre o número dois e a forma correta de escrevê-lo.

Ah, era isso.

Uma das professoras que dava aula no colégio andava pegando no pé do Bruno. Era a

PERIGOSAS ACHERON

única criança que vivia sendo constantemente reportado para coordenação, o que vivia me deixando de cabelo em pé com medo dele perder a bolsa. Sim, a única criança, e curiosamente, a única bolsista.

Um belo dia fui chamada na sala, pela professora, porque, segundo ela, meu filho se recusava a fazer a atividade em sala. A mulher fez questão de me fazer a reclamação o tempo todo no corredor, falando alto, para que todos ouvissem.

— Eu só pedi ele desenhar o numeral dois, mamãe. Da forma como a gente sempre faz, com aquela voltinha em baixo, sabe? Mas ele se recusa...

— Se recusa?

— Sim, faz errado, de propósito.

De repente, Bruno ergueu a mão, pedindo permissão para falar. Quando concedido, decidiu dar a sua versão dos fatos.

— Eu não faço errado, mamãe. Eu faço do jeito que está na parede. Se daquele jeito está errado, então tem que pedir pra trocar a minhoquinha.

Escola infantil você sabe como é, tem informação gráfica por toda a parte. Quando eu coloquei o pescoço pra dentro, querendo ver sobre o que ele se referia, notei uma centopeia presa na parede contendo os números. E o número em questão não tinha voltinha nenhuma.

Caso encerrado.

— Ah sim, senhor. Bruno é... especial.

— Me chame de Alessandro. Entre, por favor, minha esposa está aqui dentro.

Se conhecer o pai de Jordie foi gratificante, conhecer sua mãe foi especial. Alessandro trabalhou ‘de graça’ na produção dos filhos, se formos levar em conta a aparência deles. Ele é um homem bonito, claro. Os cabelos, outrora negros, estão quase que totalmente grisalhos. Mesmo assim, de forma alguma parece um senhor de idade, muito pelo contrário, ele é extremamente jovial. Bronzeado, sorriso aberto, entrou porta adentro berrando o nome da mulher, que atendeu prontamente e me deixou paralisada.

A mulher é estonteante. Os cabelos, castanhos mas com algumas mechas avermelhadas,

estavam presos em um rabo de cavalo frouxo. Vestida com uma bermuda larguinha de sarja, uma blusa florida e uma sandália rasteirinha, veio até mim com um sorriso enorme, me trazendo pra um abraço apertado.

— Muito prazer, querida! Seja bem vinda!

Os olhos dela são do mesmo tom de azul dos olhos do filho, aquela maravilhosa lagoa azul que deixa a gente tonto. E parecem tão doloridos quanto.

— O prazer é meu, senhora. Desculpe vir sem avisar, Jordie disse que não teria problema quando resolveu nos trazer até aqui.

— Não tem problema nenhum – ela abana a mão – e, por favor, me chame de Joana, porque senhora está no céu.

Uma pequena confusão de vozes em uma porta ao lado me chama a atenção, e logo posso ver Bruno vindo sentado no ombro de Alessandro, rindo á toda altura.

— Joana, *tesoro*... conheça o super Bruno, a criança mais famosa da São Prieto!

O casal parece muito confortável tendo uma

PERIGOSAS ACHERON

criança por perto. Acabo ficando triste por um momento, ao lembrar que a criança que eles tinham perto foi-lhes tirada, violentamente.

Curiosa, olho ao redor, reconhecendo um pouco da vida dessas pessoas e, indiretamente, de Gael. Como é a sala de visitas, duas das quatro paredes estão tomadas por sofás ou poltronas. A parede maior tem uma estante que ocupa o espaço inteiro, e ela está completamente tomada por livros e porta-retratos.

— Temos fotos de todo mundo aqui... — Joana me puxa pela mão, até chegar próximo a uma prateleira que deve ter uns vinte porta-retratos — Eu sempre adorei tirar fotos, mas a parte mais divertida mesmo é mostrar essas fotos pras visitas, vinte anos depois.

Pelas fotos eu consigo reconhecer a casa, ainda é a mesma da infância deles. Jordie era uma menina linda, magrela de dar pena, e vivia pendurada em um garoto loiro que, com certeza, é Pedro. Reconheceria esse sorriso em qualquer lugar, ele realmente parece uma tarde ensolarada.

Já o garoto lindo de olhos azuis da cor do mar, que essas fotos me mostram, eu só sei que é a

PERIGOSAS ACHERON

mesma pessoa porque estou na casa de seus pais. São fotos de várias épocas, desde a tenra infância até, acredito eu, a época de faculdade. Gael sorri aberto em todas elas. Na única em que ele não está sorrindo, está abraçado a Pedro, dando-lhe um beijo na bochecha.

Tenho uma overdose de Gael. Sentado no colo do pai, atrás da direção de um fusca azul. Na praia, fazendo um castelinho de areia. Na fila de um brinquedo em um parque de diversões. Na formatura do colégio. Em todas as fotos ele está rodeado de gente, com os olhos brilhantes, e o sorriso mais lindo que eu já vi.

Saber que hoje ele é aquele homem triste e sozinho me dá subitamente vontade de chorar. Continuo olhando o resto das fotos, e percebo que não existe nenhuma foto do Gael adulto. Me pergunto porque, mas não verbalizo.

— Acho muito legal saber que vocês moram na mesma casa desde sempre...

— Nunca quis sair daqui, apesar de tudo. Foi aqui que eu construí a minha vida. Casamos e viemos direto pra cá, fomos construindo e subindo paredes morando em um quartinho ali no fundo.

PERIGOSAS ACHERON

Cada tijolinho que tem aqui tem uma história.

Não sei o quão bom foi ter vindo aqui. Não por eles, os dois são maravilhosos. Posso ouvir as gargalhadas de Bruno daqui, se divertindo com o pai deles.

A sensação de nunca ter tido isso — e perdido o pouco que tive — me mata. Uma família onde eu possa levar meu filho pra brincar, e ser recebido com carinho. Pais amorosos, me esperando ansiosos com um sorriso no rosto. Irmãos com quem contar, seja pra um passeio no final da tarde ou uma aventura sem noção como a de hoje com Jordie. Tudo isso machuca demais. Lá no fundo, dói.

Joana me convida pra ajuda-la a fazer um prato especial pro almoço. Deve ter percebido que fiquei triste em algum momento.

— Vamos lá. É científico, Babi, cozinhar deixa as pessoas felizes!

PERIGOSAS NACIONAIS



18

Gael

PERIGOSAS ACHERON

A minha intuição dizia que Pedro estava me aprontando alguma coisa. Eu nunca fui de ignorá-la, mas acordei exausto depois de uma semana dormindo mal, saindo pra correr de manhã e a noite, evitando qualquer tempo livre que me fizesse pensar.

A confusão em minha mente estava acabando comigo. Por isso, acabei deixando passar batido quando Pepê chegou em minha casa mais cedo que o normal, me pedindo pra ir com ele em uma concessionária, pois ele queria trocar seu carro. O raio do carro, que eu o acompanhei quando comprou. Há quatro meses atrás.

Também passou batido quando ele sumiu em uma das milhares de lojas que visitamos, e o peguei falando baixo no telefone. Imaginei que fosse uma das suas muitas namoradas, e que ele não quisesse me explicar ali, naquele momento.

Ignorei completamente a forma desembestada com que ele deixou o vendedor falando na última loja, logo após receber uma mensagem no telefone, dizendo que não queria comprar mais nada pois nada que tinha visto o tinha

agradado.

Não prestei atenção quando ele travou as portas do carro, e essa era a única razão que me impedia de saltar do carro em movimento, nesse exato momento, ao ver o caminho que ele estava fazendo.

— Pedro, não se atreva. Eu mato você se passar por essa rua.

— Não só vou passar, como vou entrar nela, e estacionar em frente a casa dos seus pais. Acabou essa palhaçada, Gael. Chega.

Quando ele fez a conhecida curva que dava acesso a rua dos meus pais, o ar me faltou. Sentia como se as paredes do carro estivessem se fechando ao meu redor, me impedindo de respirar.

— Para o carro, Pedro, por favor. Não faz isso comigo...

Soltei o cinto de segurança e abaixei a cabeça, incapaz de olhar pela janela. Senti quando a velocidade aumentou e, subitamente, o carro parou, mas não consegui olhar. Estar aqui era demais.

— Chegamos, estou aqui fora... – Pedro fala com alguém no telefone, tira a chave da ignição e

PERIGOSAS ACHERON

coloca a mão em meu ombro.

— Tira a mão de mim, Pedro.

— Vamos lá, mano. Tá na hora... desce comigo.

Não consigo descer. Mal consigo me mover. Pedro sai do carro e deixa a porta aberta, eu poderia pular pro banco do motorista, fazer ligação direta, e sumir daqui.

Mas eu não sei fazer ligação direta.

O aperto em meu peito começa a ficar pior, o espaço dentro do carro diminui, minha vista chega a escurecer. Já tive crises assim outras vezes, Joaquim me levou certa vez ao pronto socorro quando apaguei e disseram que era crise de pânico. Tento fazer o que me foi ensinado, inspiro e expiro lentamente, conto até dez, deito a cabeça no encosto do banco, mas nada parece melhorar. Quero socar meu amigo, mas até pra isso eu preciso estar consciente. E essa parece estar me deixando.

— Pedro...

Ele vem até mim e me ajuda a sair do carro. Encosto na lateral, e então abro os olhos. A casa dos meus pais está bem na minha frente, e um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

turbilhão de lembranças me alcança. Nasci aqui, cresci aqui, vivi aqui... e foi aqui em frente que perdi tudo.

Sinto que estou afogando, meu ouvido zune, como se estivesse em baixo d'água. Tanta dor...

— Reage, Gael. Vamos, mano...

Não vou suportar. Talvez se eu simplesmente deixar minha mente me levar, essa tortura acabe.

— TIO GAEL!!

A voz infantil me alcança, e é como se mil choques elétricos se descarregassem em meu corpo, me deixando alerta. Abro os olhos e posso ver Bruno, com os dois braços erguidos na calçada em frente de casa, ao lado de meu pai e um grande labrador amarelo.

— Mas o que... o que ele...

— Vem, tio Gael! Tem um cachorro aqui, olha, que lindo!!

Olho, ainda confuso, para o meu amigo que, com uma expressão séria que não combina com ele, somente acena com a cabeça para eu ir até o garoto.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda pareço sufocar, mas tento dar um passo à frente. Não preciso dar o segundo passo para ter um molequinho risonho pulando em meu colo.

— Ei, garotão! Como você está? Que surpresa! — Firmo as pernas no chão, ainda tentando me manter em pé, o corpo procurando se recuperar.

— Vim comer, tio Gael. A tia Joana tá fazendo comida, disse que é... — ele se perde no nome do prato, e procura por meu pai, pedindo auxílio, voltando pra repetir o que ele lhe disse — lasanha.

— Você vai adorar a lasanha dela, garoto.

Ainda com o moleque empoleirado em mim, me aproximo do meu velho, sem acreditar em quanto tempo faz que não o via, quantas vezes fingi não estar em casa, não querendo atende-los, afastando-os de mim.

— *Ciao, figlio... come stai?*⁸

— Babbo⁹... eu sinto muito...

O abraço que recebo do meu pai tem gosto, cheiro e calor de casa. É como se em um aperto ele fosse juntando todas as partes soltas, e as colocando

PERIGOSAS NACIONAIS

no lugar...

— Tá apertado... — Bruno se remexe entre nós, acabamos esquecendo que o garoto ainda estava em meu colo. Sorrio, colocando o peralta no chão, que corre de encontro ao bonito cachorro que, obedientemente, não saiu pelo portão aberto.

— E esse cachorro?

— Ganhamos do Pedro. Chama Marley.

— Quem deu esse nome pra ele?

— O Pepê... porque?

Olho em volta, procurando meu amigo *traíra*, e o encontro com aquele ar vencedor, encostado no hall de entrada, nos esperando.

— Essa falta de criatividade tinha que vir dele.

Subir as escadas foi tão ou mais difícil do que descer daquele carro. A sensação de aperto no peito ainda estava aqui, principalmente porque as lembranças de tantos anos com elas nessa casa não me abandonavam, e era como se cada passo fosse um aperto em meu pescoço, tirando o ar. O que realmente me segurava na superfície era a mão

PERIGOSAS ACHERON

pequenina grudada na minha. Ao chegar na grande sala de visitas, automaticamente meus olhos foram até a prateleira de porta-retratos, onde costumava ter uma grande foto da família inteira, exposta em primeiro plano, pra quem quisesse ver.

Agora a foto não estava mais ali. Elas não estavam mais ali.

Como se adivinhasse que a dor estava voltando, Bruno começa a puxar minha mão, e fala sem parar.

— Tio, você sabia que eu vou ganhar um cachorro? Meu amigo falou que vai me dar um, quando a mãe dele deixar ele nascer. Você acha que a cegonha vai trazer o cachorro direitinho?

— A cegonha? Trazer... quem?

— O cachorro, tio. Não ouviu? O cachorrinho vai nascer, é a cegonha que traz, não é?

Busco, meio atarantado, meu pai por auxílio mas o tratante está se acabando de rir ao lado de Pedro, sentado no sofá.

— A cegonha vai trazer o cachorro?

Bruno faz uma cara enfadonha, como se eu

fosse a pessoa mais burra que ele já conhecera na vida.

— Tio, minha mãe sempre lê um livro pra mim. Lá diz que as pessoas grandes nunca entendem nada sozinhas e que as crianças cansam de ficar explicando toda hora.

Não sei de qual livro ele está falando, mas resolvo sentar e prestar atenção nele.

— Acho que no caso do cachorro deve ser o pelicano...

— Que é isso??

— Você assistiu Procurando Nemo? — A cabecinha balança freneticamente, e eu acho uma graça como ele simplesmente presta atenção e devora tudo o que a gente explica — Então, pelicano é aquele pássaro do bico grande que ajuda o Marlin e a Dory a fugir das gaivotas.

— Ah, lembrei... nossa, tomara que não tenha água na boca do pássaro, senão vai molhar todo o meu cachorro.

Conforme a adrenalina vai baixando, me dou conta que estou na casa de meus pais, e que Bruno está aqui. Como assim, Bruno está aqui?

Olho em volta, procurando a mãe dele, sem ter coragem de perguntar. Principalmente por Pedro ser responsável por minha vinda até aqui, não quero justamente hoje saber que foi ele quem a trouxe, e o *porque* ele a trouxe. Não hoje.

Pergunto por minha mãe, estranhando o fato dela não ter aparecido na sala uma vez sequer, e subitamente me sinto envergonhado por tê-la deixado de lado por tanto tempo, e com medo de ela agora resolver fazer comigo a mesma coisa. Não fui justo com eles, os dois sempre se culpavam por tudo o que aconteceu e a minha reação deve ter feito essa sensação aumentar.

— Estão na cozinha. Vá até lá, tenho umas coisas pra falar aqui com o Pedro.

Subo Bruno em meus ombros, como já aprendi que ele gosta, e sigo o perfume inconfundível do molho de minha mãe. Paro na porta, surpreso ao ver minha mãe, Jordie e Babi em uma conversa animada enquanto montam as camadas da famosa *Lasagna di Prieto* de dona Joana.

Bárbara é a primeira que me nota, parado na porta, inerte. Nossos olhares se cruzam e,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

novamente, sinto aquela bagunça de sentimentos me arrebatando. Dura pouco, somente o tempo de minha mãe também perceber que eu cheguei e deixar cair uma colher, fazendo aquele barulho e me trazendo de volta ao meu juízo.

— Ah, Gael...

Só tenho tempo de colocar o garoto no chão, e correr apoiando minha mãe nos braços, chorosa, me abraçando apertado. Ela pede perdão, eu faço o mesmo, tentando fazer com que ela entenda que eu não a culpo de nada.



Em volta da grande mesa da cozinha, pego o prato que minha irmã me estende com uma grande fatia da melhor lasanha do universo. Bem, o segundo prato do dia.

— Eu acho que vou desmaiar quando a barriga explodir.

PERIGOSAS ACHERON

Bruno está sentado ao meu lado, o corpo todo apoiado no encosto da cadeira, a camiseta levantada e as duas mãos segurando a barriga. Foi o primeiro a sentar à mesa e só não é o último a terminar de comer porque ninguém é páreo pra mim quando o assunto é a comida da minha mãe.

— E eu vou desmaiar quando terminar de passar vergonha. Pelo amor de Deus, filho... — ouço Babi reclamando, entre as gargalhadas.

Babi...

Tenho me controlado durante o almoço inteiro, tentando não ficar encarando-a como um maldito esquisito, mas vê-la na casa de meus pais, interagindo tão livremente com eles, recebendo beijos e abraços como se fosse parte da família está me deixando uma bagunça. Posso sentir a aliança que trago na corrente queimando meu peito, como se Sofia continuasse brigando comigo por sequer cogitar olhar outra mulher.

Está tudo muito confuso pra mim. As sensações que eu tenho quando estou perto dessa menina estão me tirando do sério, e combinado com o sentimento de estar “traindo” Sofia, me deixa doido.

Assim que cheguei, e consegui acalmar minha mãe, percebi Bárbara se esgueirando pra fora da cozinha, e sem pensar duas vezes a segui. Quando a encontrei, estava tentando convencer meu pai a deixa-la ir embora, porque não queria atrapalhar um momento íntimo nosso.

A menina ainda estava chateada comigo, pelo papelão na lanchonete. Estava decidida a não me dar nenhum tipo de moral, mesmo me vendo ali ao lado dela, continuou falando com meu pai como se eu não estivesse presente. Só me dirigiu a palavra quando eu, cansado de esperar, chamei sua atenção.

— Não precisa ir embora porque eu cheguei, Bárbara. E, principalmente, não sem experimentar a comida da minha mãe.

— Desculpa, Gael. Eu realmente estou me sentindo como uma intrusa aqui no meio. Já viemos pra cá sem avisar, chegando de surpresa, e agora... — sua voz tensa, e baixa, entregara o quão realmente nervosa ela estava com a situação.

— Você veio com quem? Foi o Pedro quem te trouxe aqui? Digo... marcou com ele? Porque se foi...

Eu ia dizer-lhe que não tinha problema ter sido convidada por Pedro, mesmo isso me deixando maluco. Claro que essa parte eu não diria, mas era bom que ela soubesse que Pepê era da família e mesmo sendo um traíra sacana, qualquer pessoa convidada por ele seria muito bem vinda em nossa casa. Principalmente ela...

Mas o olhar que ela me lançou, como se soubesse um grande segredo e não iria me contar, me impediu de continuar. E nem precisei, na verdade...

— Vim com sua irmã. Ela apareceu em casa, pedindo ajuda, querendo comprar uns móveis desnecessários e depois acabou vindo direto pra cá, sem avisar ninguém.

E então a compreensão me atingiu. Aqueles dois manipuladores de bosta. Obviamente Pedro não queria comprar carro nenhum, ele queria era me deixar zonzo o bastante pra conseguir trazer-me até a casa de meus pais, coisa que não seria possível se eu estivesse alerta. Porque já tinha combinado com minha irmã de arrastar a atrevida pra cá.

— Não se preocupe, ela mora aqui. Você é
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem vinda... – Um gesto inocente, um simples toque em sua mão, somente tentando tranquiliza-la, a fazendo saber que tudo estava bem e eu falava a verdade, foi o suficiente pra me colocar em uma enrascada. Recebi uma descarga elétrica que passou pelo corpo inteiro e respondeu direto no meu pau.

Agora estou aqui, sentado á sua frente, torcendo pra repetir a sensação que senti quando a toquei. E não quero que o toque pare somente em suas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

Pela terceira vez eu corro até meu quarto, dar uma conferida no visual pelo grande espelho do antigo armário. Sem nada muito sofisticado pra vestir, e lembrando a mim mesma que é Domingo à tarde e eu vou estar acompanhada do meu filho de quatro anos, decido que um jeans básico, uma blusinha florida soltinha e sapatilhas estão de bom tamanho. A parte externa está OK, já a parte interna...

Gael me convidou pra almoçar hoje. Na verdade, ele queria jantar comigo à noite passada, quando, depois de uma breve demonstração de *quem tem o pipi maior*, ele conseguiu ficar com o carro de Pedro e me trouxe até em casa.

Foi meio estranho, ele queria se desculpar pela cena da lanchonete e eu, mesmo decidida a não lhe dar muito assunto, inventava mil desculpas a cada sugestão que ele dava. Aleguei que Bruno estava cansado, que não tinha com quem deixa-lo, que era injusto eu ir jantar fora enquanto ele ficava em casa. Essas coisas.

Aprendi que ele é bem persistente. Sugeri um almoço hoje, em que eu pudesse levar o Bruno.

Eu poderia ter inventado alguma desculpa, mas estava em uma briga interna entre afastá-lo e mantê-lo perto. Não vou mentir que foi uma briga acirrada, declinar o convite hoje era só um comichãozinho, que foi extirpado quando ele sorriu.

Anda sorridente, o moço. Inacreditável.

O dia de ontem foi uma bagunça. Confesso que não esperava nada da visita à casa de seus pais, mas a forma como fui recepcionada por eles ainda me surpreende. Alessandro praticamente adotou Bruno como seu neto de estimação, passaram o tempo todo correndo pela casa – acompanhados do cachorro, o Marley – até a hora de irmos embora. Joana me tratou como uma filha, me contando histórias de sua vida, de seu casamento, passando dicas de receitas. Coisas que eu esperava ter vivido com minha mãe, se tivesse tido tempo pra isso.

Conviver com Jordie fora do ambiente escolar é uma aventura. Ela é, definitivamente, uma adolescente de trinta anos. Eu não pensava que daria tanta risada – ou sentiria tanta vergonha alheia – ao passar um tempo com ela, a mulher é realmente uma figura.

E tem Pedro. Eu não sei se Gael percebeu, mas eu não sou estúpida – bem, não tanto – e notei que ele passou o tempo inteiro tentando provocar ciúmes no amigo. Fosse me trazendo vinho, fosse perguntando coisas aleatórias sobre a minha vida, fosse querendo saber mais dos meus gostos musicais... e sempre quando Gael estava por perto. E eu não quero ser dessas meninas cheias de si e sair dizendo que deu certo, que ele teve ciúmes de mim mas... bem, por várias vezes foi exatamente o que pareceu.

Gael...

Saí da casa de seus pais sabendo sobre sua esposa e filhos: absolutamente nada. Ninguém comentava a respeito, e eu é que não iria perguntar. Mas foi chocante saber que haviam quatro anos que ele não pisava naquela casa. A reação da mãe dele, quando o viu, se jogando em seus braços e pedindo perdão é algo que não vou esquecer tão cedo.

Ele também não estava bem, apesar de um pouco mais sociável do que estou acostumada a vê-lo. Por muitas vezes eu o peguei com o olhar perdido em algum ponto da casa, muito provavelmente se lembrando de coisas que havia

vivido ali com sua família. Estava constantemente segurando nas mãos uma correntinha, puxando o ar com força, balançando a perna com impaciência.

Queria poder tirar essa dor de dentro dele.

Uma buzina soa do lado de fora, e meu coração dispara, sem controle. Alcanço minha bolsa em cima da cama, e vou até Bruno, que já está impaciente na porta, dando pulinhos me apressando e apontando pra rua.

— Tio Gael chegou, mamãe. Vamos...

Autorizo ele a descer até a calçada, enquanto eu passo a chave na porta. Apesar de nunca ter tido problemas nessa vizinhança, sempre procuro empurrar a porta logo após trancá-la e ver se ela está firme. Já tenho pouco, se entrarem aqui e me roubarem, estarei perdida!

Quando me viro, dou de cara com Gael, e... minha nossa senhora das mães solteiras!

— Você fez a barba...

O rosto lindo, quer dizer... liso, deixa o par de olhos ainda mais impressionantes. Ele simplesmente dá de ombros, como se não fosse capaz de causar curtos circuitos por aí com esse

PERIGOSAS ACHERON

rosto.

— Quando seu amigo fica te chamando de lenhador, você não se importa. Mas quando sua mãe te dá um barbeador de presente, a coisa muda de figura.

O infeliz tem covinhas nas bochechas. Dá pra saber porque ele tem marcas de expressão, que indicam as benditas bem ali... e o maxilar dele é bem convidativo. Espero que um dia eu tenha oportunidade de dar umas mordidas ali.

Suspiro, e, com um dos meus famosos sorrisos ‘estica a boca antes que dê ruim’, aponto o portão.

— Então, vamos?



Gael

Se tem algo que eu adoro em Babi é a forma como ela é completamente transparente, mesmo achando que não. Eu imaginei que ela ficaria surpresa quando me visse de cara limpa, mas sua reação foi ainda mais deliciosa de ver. A pessoa que sempre tem algo pra dizer, qualquer coisa que seja, ficou muda.

Não menti quando disse que minha mãe me deu um barbeador. Me chamando no canto, enquanto guardava as sobras do almoço, ela ergueu as mãos até meu queixo, enchendo a mão nos pelos, e puxou, sem dó.

— *Dizem que depois dos trinta anos, não se pode mais puxar as orelhas dos filhos. Mas não falam nada da barba. Que está ridícula, aliás... anda sem dinheiro pra comprar barbeador?*

— *Não, mãe. Só não preciso mais me preocupar com isso, trabalho num estoque, lembra?*

— *Não fiz filho bonito pra ficar escondido atrás... disso aí – pegou minha mão e colocou um barbeador nela – use isso ou eu mesma vou usá-lo em você.*

Apesar de não ter perguntado, acredito que a menina gostou do resultado, porque a peguei várias vezes me olhando, analisando. E corando ao ser flagrada.

Confesso que esse jeito dela, meio expansivo e meio contido, acompanhado da tagarelice do filho, acabam me distraindo. Os trouxe para um almoço na praça de alimentação do shopping, onde temos uma variedade maior de escolhas e depois ainda podia passar um tempo com eles no Playpark. Exatamente como fazia antigamente, quando trazia Sofia e Mel para uma tarde no shopping.

E as lembranças, amigos, são implacáveis. Elas ficam ali, arranhando a superfície, querendo te empurrar de volta pro buraco de onde você tenta sair. O tempo inteiro.

— Você quer ir embora? — Bárbara me traz de volta, depois de me pegar perdido em lembranças pela, talvez, vigésima vez.

— Não. Estava só... — balanço a cabeça, ela não tem que ouvir minhas merdas — Queria levar o Bruno na Playpark, brincar um pouco com ele lá, o que acha?

— Acho que não precisa, e não quero que ele acostume com isso. Porque eu não posso trazê-lo sempre, entende?

— Entendo. Por isso mesmo eu queria aproveitar que estamos aqui. A não ser que você cansou e já queira mesmo ir.

Ela passa intermináveis segundos me olhando, em silêncio. Acredito que pesando os prós e os contras de continuar aturando minha companhia, e no final proporcionar uns minutos de diversão pro filho ganha a disputa. Quando ela concorda em ficar, acabo voltando a respirar, sendo que nem tinha notado que estava em suspenso, aguardando sua decisão.



— Tio Gael, tenho uma coisa pra te contar...

Estaciono o carro em frente ao portão da casa simples, a tarde está terminando e logo vai anoitecer. O garoto pulou e brincou a tarde inteira,
PERIGOSAS ACHERON

mas parece ainda estar ligado no 220v.

Talvez prevendo que venha alguma coisa “daquelas”, vejo a mãe do menino, sentada no banco do carona ao meu lado, levar a mão à testa e olhar pra fora.

— O que você quer me contar, Bruno? — viro o corpo, olhando pro menino enquanto espero o que ele vai dizer.

— Você é muito ruim de dirigir carro. Toda hora bate... quando eu for adulto, vou te ensinar a dirigir direito.

Fomos dar uma volta naqueles carrinhos de bate-bate, e eu sou realmente muito bom naquilo. Bom no sentido de fazer jus ao brinquedo, batendo muito e com gosto. Não fico preocupado com ele não ter gostado da brincadeira, porque depois da nossa primeira aventura, ainda voltamos ao mesmo brinquedo mais três vezes, a pedido dele.

— Ah, sou ruim mesmo né? Você não gostou então... a gente devia ter ficado no aviãozinho.

— NÃO, não! — ele rebate, rapidamente, e eu acho graça — Gostei. Quer dizer, era engraçado

ver a cara das pessoas vendo como você é ruim de dirigir, batendo neles toda hora.

— Prometo deixar você me ensinar, tudo bem?

O sorriso do garoto se expande, e a mãe arranha a garganta, num claro sinal de que está na hora de eu me mandar. Apesar do início esquisito, e dela ter decidido falar comigo o estritamente necessário, foi uma tarde ótima. A partir do minuto em que pisei na área de brinquedos, fui tomado por Bruno, seu riso fácil e sua energia interminável.

— Estão entregues – me viro, capturando o olhar da atrevida – Obrigado pela tarde. Eu estava precisando de uma dessas.

— Ah, sim? – ela me dá um olhar surpreso, como se eu realmente estivesse dizendo algo que ela não esperava. Na verdade eu não esperava me sentir tão bem na companhia deles. Sem tanta dor, sem tanto vazio.

— Sim. Foi muito bom. Obrigado mesmo.

Babi pega a bolsa, que tinha deixado aos seus pés, no chão do carro, mas para antes mesmo de tocar no trinco da porta e abri-la. Penso que ela

vai voltar pra se despedir e insistir que eu não a procure mais, sinto que ainda não me desculpou pela lambança da outra vez. Mas acabo me surpreendendo.

— Entra um pouco. Ainda está cedo.

Eu não penso duas vezes.

PERIGOSAS NACIONAIS



Dimitrius

PERIGOSAS ACHERON

Ver Babi saindo do carro daquele bunda mole, sendo seguida por ele, foi dolorido como ter um enxame de trezentas abelhas africanas atacando meu corpo. Desde que Bastos me deu seu paradeiro eu tenho ficado à espreita, observando, matando as saudades ainda que à distância, esperando o momento certo de aparecer. Ele havia me garantido que ela não tinha absolutamente nada com esse burro de carga, mas depois de vê-la saindo da casa dos pais dele, e agora indo a um passeio dominical levando meu filho junto, já não tenho tanta certeza.

Principalmente depois daquela troca de olhares, assim que ele chegou. Foi preciso muita força de vontade em continuar sentado em meu carro, enquanto via ele sendo recepcionado pelo meu moleque, e saindo com minha mulher, como se fossem uma família.

Minha mulher. Minha Babi.

Não consigo aceitar que ela teve um filho meu, e fugiu. Criou ele longe de mim. Um Kyriacos sendo criado como um qualquer. Olho em volta, no buraco onde ela se meteu, a casa pequena e pobre que ela preferiu viver ao invés de aceitar

tudo o que eu podia lhe dar.

Com certeza alguém fez a cabeça dela. Já forcei minha mente a lembrar de todo mundo com quem ela tinha contato, que poderia tê-la ajudado, mas não consigo imaginar ninguém. Eu tinha ela só pra mim, tenho certeza disso.

Me dá urticárias imaginar o tipo de influência que ele teve até aqui. Por sorte ele ainda é pequeno, terei pouco trabalho em ensiná-lo como tem que ser.

Ela está muito diferente da menina que eu conheci. O sorriso ainda é o mesmo, mas a forma como ela se porta, como ela anda, como ela fala com as pessoas... isso mudou. Naquela época ela fazia tudo o que eu queria, tudo o que eu tinha vontade.

Com os olhos fixos, vidrados na porta agora fechada, eu viajo no tempo, há sete anos atrás.

-

— *Dimi, deixa de ser safado, para com isso... – jogo a garota de riso fácil em cima de minha cama, fazendo sinal com o dedo pra que ela não faça barulho, enquanto volto trancando a*

porta com a chave.

— *Agapi mou¹⁰, não consigo ficar com as mãos longe de você. Agora que te provei, quero todo dia, toda hora...*

— *Eu sei. Me sinto igual, sabe disso. Mas ainda estou toda dolorida, você não foi muito gentil.*

— *O desejo foi maior que o cuidado – falo já puxando seu short jeans, sem poder conter a vontade de provar mais dela – ainda mais com você provocando desse jeito, com essas roupinhas curtas. – dou-lhe um tapa na bunda, forte o bastante para deixar bem marcado, e ela grita.*

— *Eu não te provoquei, não fala assim. Fica parecendo que sou uma dessas vagabundas.*

— *Claro que provocou. Olha essa bunda, acha mesmo que eu iria resistir a isso tudo andando de shorts curtos por aí? – dou-lhe outro tapa, na outra nádega, já vendo a vermelhidão se formar. Linda...*

— *Eu não gosto de tapa, Dimi. Dói, você bate com força...*

— *Você gosta do que eu te dou – seguro seu cabelo, a fazendo me olhar – e não vai começar a reclamar agora. É assim que são as coisas, Babi, quando a gente deseja, é assim, descontrolado, com força. Não pode ser meloso, isso aqui não é novela e você não é uma princesinha.*

— *Desculpa, Dimi. Eu só não sei como agir, você sabe...*

— *Sim, eu sei. Era virgem, fui seu primeiro. E vou ser o seu último.*

-

Sim, Babi. Vou ser o seu último. Nem que eu tenha que tirar qualquer outro do meu caminho. Você já devia ter aprendido que ninguém me diz não, que tudo o que eu quero, eu consigo.



Babi

Convidar Gael entrar pode parecer uma loucura, mas eu não consegui me conter quando ele confessou que a tarde havia sido boa. Dentro de mim eu queria ser capaz de oferecer-lhe um pouco a mais. Sei que no início ele ainda estava pensando no que perdeu, isso era nítido em seus olhos, na forma como ele se perdia olhando pra lugar nenhum quase como tendo uma visão da esposa e da filha andando naqueles corredores do shopping. Acredito que esse era um passeio que eles fizeram várias vezes juntos, e, exatamente por isso, devia ser lotado de lembranças.

Mas depois, quando ele entrou no Parkland com Bruno, aquela nuvem desapareceu um pouco. Ele estava mais leve, ria solto, carregando o Bruno pra lá e pra cá. Estava sendo bom pro meu filho, que se divertiu demais, mas foi bom pra ele também. Ninguém merece viver com essa tristeza toda o tempo todo.

Enquanto o deixo na sala, assistindo algum programa ruim de auditório que passa na TV, dou um banho em Bruno e o coloco na cama. O fim de semana finalmente cobrou seu preço e ele, exausto,

PERIGOSAS NACIONAIS

dormiu.

Volto à sala, dessa vez insegura como nunca estive, e o encontro encostado em meu sofá pequeno, olhando algum ponto invisível na parede à sua frente.

— Não tenho nada que não seja água para te oferecer, desculpa.

— Não tem problema. A gente comeu bastante.

Sua cabeça gira em minha direção, e subitamente, sinto o ar ficar pesado, e tenho uma certa dificuldade em engolir a saliva. Isso sempre acontece quando me pego sendo alvo do seu olhar. Como se fosse atingida por algo incontrollável, que me consome e me queima, toda santa vez. Ele não me tocou mais, desde ontem, quando um inocente encostar de pele me fez entrar em combustão. Um pedido pra ficar, e eu já não queria mais sair de perto dele, mesmo sabendo que as minhas razões são completamente diferentes das dele.

Fingindo uma calma que eu não sinto, ocupo o lugar ao seu lado, apertando as mãos em meu colo.

PERIGOSAS ACHERON

— Bruno dormiu?

— Ah, sim. Ele ficou exausto. Ele tem muita energia, sabe? E você conseguiu cansá-lo.

— Ele precisa fazer algum esporte, gastar essa energia toda. Aqui perto não tem nada que você possa coloca-lo?

— Não... — Não posso dizer que tem, mas não gratuito. Não quero que ele pense que estou jogando indiretas.

Novamente aquele silêncio incômodo paira entre nós, como se nunca soubéssemos o que dizer um ao outro ou como se ficassemos sempre buscando palavras. Até que ele vira o corpo em minha direção, e depois de um suspiro longo, posso ouvir sua voz vacilante.

— Me desculpe por aquele dia, Babi. Aliás, me desculpe por todos os dias. Eu venho sendo um idiota com você.

— Não precisa se...

— Preciso — ele me interrompe, aparentando uma exasperação, uma urgência de falar que eu não tinha visto nele antes — porque você não merece que eu seja grosseiro. Na verdade,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu venho sendo grosseiro com todo mundo, e a grande maioria dessas pessoas não merecem esse tratamento.

— Bom, você sempre foi excelente com meu filho.

É um bom argumento. Obviamente não estaríamos aqui se ele tivesse sido um grosso com Bruno, mas, pelo contrário, ele sempre o tratou muito bem. Não só ele como toda a sua família.

— Eu nunca seria grosso com o garoto. No máximo, evitaria contato, como venho fazendo há muito tempo. Mas ele tem uma coisa... vocês têm essa coisa que me impede.

— Nós? Você diz... ele e eu?

Me surpreendo, e vejo quando ele simplesmente acena com a cabeça, muito sério, os olhos fixos em mim.

— Não me pergunte o que é. Eu não vou saber responder, não consigo entender isso ainda. Eu tenho pra mim que é porque você foi muito gentil desde o primeiro dia. — ele ensaia um sorriso, tímido mas muito agradável de ver sendo direcionado a mim, sem que meu filho esteja perto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— e, apesar de eu não lidar muito bem com gentileza, sou capaz de reconhecer. E eu quase ferrei a sua vida. A vida de vocês dois. Se Jordie não tivesse revertido a demissão, eu estaria batendo minha cabeça na parede até agora.

— Eu agradeço por isso, por ter intercedido por mim. Eu fui... insensível também. Estava numa semana difícil. Mas, ei... — dou um tapinha leve em sua mão, num gesto de amizade — isso é passado agora. Estou até promovida!

Ele ergue a sobrancelha, surpreso, e percebo que ele não sabia dessa parte da história.

— Jordie me deu o cargo de secretaria administrativa — continuo explicando — e aumentou meu salário. E vai contratar uma nova recepcionista.

— Você estava trabalhando como secretária administrativa E recepcionista?

— Sim, e ainda cuido da biblioteca. Essa parte eu pedi pra fazer, adoro ler, sabe? Mesmo não tendo tempo, não é algo que eu quisesse perder...

Vejo quando sua expressão endurece um pouco, e ele balança a cabeça, contrariado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Jordie é inacreditável. Você ficou com o cargo da menina que denunciou a escola ao ministério do trabalho?

— Sim. — me preocupo um pouco, pensando que por eu ter-lhe contado isso, ele vai procurar a irmã e dar-lhe uma bronca jurídica ou algo do tipo — Mas não se preocupe. Ela está pagando tudo direitinho. Só estava um pouco atrapalhada com essa história da denúncia.

— Certo. Ela não pode, mesmo, complicar a própria situação.

— É você quem vai defender a escola nesse processo?

É aquela velha máxima da minha vida, sabe? Quando tudo estiver indo bem, Babi, abra a boca e faz uma pergunta estúpida. Posso ver como o homem se fecha em mil caracóis, voltando o corpo à posição original, a expressão se fechando e aquela nuvem pairando novamente sob a sua cabeça.

— Não, não sou eu. Eu não advogo mais.

— Desculpe... — é a única coisa que eu consigo dizer.

PERIGOSAS ACHERON

E novamente o silêncio. Mas esse silêncio de agora fala muitas coisas. Fala como eu sou burra, tagarela, insensata. E como ele está dividido entre sair porta afora, ou continuar aqui. Sei disso porque enquanto ele está sentado de cabeça baixa, olhando o chão, os cotovelos apoiados nas pernas, as mãos unidas se apertando, eu consigo ver os olhares furtivos que a porta de entrada recebe, como se calculasse em quanto tempo ele chegaria até seu carro.

— Eu perdi minha mulher e minha filha há quatro anos. — a voz dele sai como um fio, rouca e soturna, como se doesse dizer isso em voz alta — Não perdi, na verdade elas foram tiradas de mim. Eu defendia um cliente, um velho ricaço, mas seu filho acabou fazendo algo que eu me recusei a defender. Isso respingou na família dele, e ele se vingou na minha.

— Se... vingou?

— Ele mandou matar minha mulher. Melissa, minha filha, estava no carro junto com ela, e também foi atingida. Minha mulher estava grávida, e eu perdi os três.

— Você sabe se foi mesmo ele?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi ele. Só não consegui provar. Ainda.

— Por isso você se culpa? — minha voz é um fio, eu sabia que a família dele havia sido assassinada, mas ouvir assim fazia com que a história ficasse ainda pior.

— Como não me culpar? Eu podia ter feito tudo diferente, Babi. Podia ter ido viajar, tirado as duas da cidade. Podia ter denunciado as ameaças que eu vinha sofrendo. Podia, pelos infernos, sequer ter aceito representar esse canalha, pra começo de conversa! Mas eu estava muito ocupado pensando numa merda de promoção! Eu fui avisado e não dei atenção, não dei a mínima, achava que não aconteceria nada. Achava que eu conseguiria, como sempre, fazer tudo do meu jeito. Fui inconsequente, descuidado...

Seu peito sobe e desce numa velocidade impressionante, ele começa a puxar o ar com dificuldade, as mãos vão até os cabelos, puxando de forma dolorida. Tanto sofrimento, e por tanto tempo, eu não sei como ele suporta.

Eu entendo como a culpa funciona. Tenho minha dose aqui comigo, também.

PERIGOSAS ACHERON

— Não pode se culpar desse jeito, Gael. Olha pra mim, por favor – coloco minhas mãos uma em cada lado de seu rosto, fazendo com que ele me olhe fixamente. Ele não consegue segurar o olhar por muito tempo nos meus, fechando seus olhos, mas eu não largo seu rosto – Olha pra mim.

— Foi minha culpa, Babi. Sofia disse que se acontecesse qualquer coisa, a culpa seria minha. Aconteceu...

— Sofia falava demais – aperto os olhos, maldizendo minha boca grande, e tento corrigir rapidamente – ...como toda mulher. A gente fala demais, não dê muita atenção no que dizemos quando estamos bravas. – faço uma careta, odiando o meu próprio argumento, mas tento consertar – Olha só, eu entendo esse lance de culpa. Quando acontece alguma coisa grave o bastante e tudo o que a gente quer é voltar no tempo e fazer diferente. Como se pudéssemos gerir tudo a nossa volta.

Sequer noto que, conforme vou falando com ele, como eu falo com Bruno quando estou explicando alguma coisa muito importante, passo a arrumar o seu cabelo. Tiro uns fios da testa, ajeito a

lateral. Posso até mesmo ter colocado alguns fios atrás de sua orelha, não sei. Mas o cabelo macio e bagunçado chamou minha mão, e ela foi.

— Eu namorei um rapaz por um tempo. — Continuo cativando sua atenção — Eu notava o comportamento dele, sabe? Era mimado, grosseiro, possessivo. O pai dele era chefe do meu, e namorávamos escondido. Nunca que a família dele aceitaria um relacionamento como o nosso. E nem isso me fez tomar juízo.

Não sei porque, me senti segura em contar-lhe as coisas. Coisas que mantive guardada por muito tempo, mas que senti que poderia compartilhar com ele. Fazê-lo entender que ele não precisaria se martirizar mais.

— Eu não vim de família rica, mas vivíamos confortáveis. Uma boa casa, alguns imóveis. Fui criada pelo meu pai, a minha mãe morreu quando eu tinha dois anos, e ele nunca se casou novamente. Éramos só nós dois. Um dia, ele chegou até mim com um cartão bancário, e me pediu pra guardar. Disse que ali tinha uma quantia pequena, mas que eu só poderia usar em caso de emergência. Eu estranhei, porque eu tinha a minha

própria conta bancária, recebia mesada desde sempre e não gastava com nada, então, tinha uma quantia decente guardada, sabe? Mas ele me convenceu a guardar, junto com a senha do cartão, e não dizer a ninguém. Acho que foi a primeira vez que eu obedeci, e não falei a ninguém. Nem ao meu namorado.

Minhas mãos abandonam seu rosto, e voltam pro meu colo. Sei que agora tenho sua atenção, mas um tremor começou a tomar conta do meu corpo conforme as lembranças chegavam e eu precisava buscar um certo equilíbrio se quisesse continuar contando.

— Eu namorei esse rapaz por pouco mais de dois anos. Quando nos conhecemos, eu tinha dezesseis, era virgem, ingênua, e acreditava em príncipe encantado e toda essa porcaria. Então quando ele era rude comigo, quando ele... — conforme eu falo, parece que consigo sentir as mãos grosseiras de Dimi em meu pescoço, apertando cada vez que eu fazia algo que ele não gostava. Ou conforme ele me pegava, de forma violenta, na hora do sexo, sem nenhum cuidado ou carinho — Eu não tinha nenhuma forma de

comparar, sabe? Achava que era normal. Ele dizia que era amor, que... quando se amava era assim mesmo...

Sua mão alcança a minha, em um gesto de apoio, e a mantém ali, segurando a minha conforme seu polegar vai fazendo um carinho suave no dorso.

— Quando meu pai descobriu, ele ficou furioso. Ele dizia que eu não podia me envolver com esse cara, porque ele era... um bandido. Eu não acreditava, tinha na minha cabeça que bandidos eram só aqueles pobres coitados, sabe? Era tão ingênua, tão fora da minha realidade... — sorrio, sem humor — Papai tentava me impedir de sair de casa, mas não conseguia. Eu ainda assim fugia, saía escondida, queria manter o meu *romance épico*, sem me dar conta de nada que meu pai dizia.

— E o que o seu namorado dizia disso tudo?

— Eu não contei a ele a princípio. Mas quando começou a ficar muito difícil eu sair, tive que falar. Ele ficou furioso, quebrou o quarto inteiro, queria sair e arrebentar meu pai. Dizia que ele estava se metendo em tudo, xeretando em tudo, eu não entendia nada do que ele falava. Estava

PERIGOSAS ACHERON

surtado.

As palavras passaram a sair sem nenhum controle, conforme as memórias me atingiram. Eu nem sei se deveria estar falando isso a ele, mas era tão bom colocar pra fora certas coisas, depois de tantos anos em silêncio...

— Até que meu pai sumiu. Saiu um dia de manhã pra trabalhar e não voltou. Meu namorado me ajudou, foi até a polícia comigo, mas... era como se ele tivesse desaparecido no ar.

— E você ficou sozinha no mundo.

— Sim. Só eu e ele. E aí tudo começou a ficar muito estranho. Ele me tratava como uma coisa, um objeto de sua propriedade. Ele queria escolher tudo pra mim, desde as roupas até as pessoas com quem eu falava. Um dia eu respondi que ele não mandava em mim, que ele não era meu pai. Ele me deu uma surra, e disse que meu pai estava morto. E que esse seria o meu destino se comesse a bater de frente com ele.

Algumas reações às memórias são automáticas. Meus olhos marejam, instantaneamente, e eu forço as lágrimas a ficarem

exatamente no mesmo lugar. Já havia chorado muito no passado por causa desse homem, não ia repetir isso nunca mais.

— Eu engravidei desse ex-namorado. — Consigo ouvir um rosnado baixo, mas não ergo os olhos pra conferir — Quando eu me descobri grávida, soube que tinha que sair dali. Eu precisava ir embora, precisava proteger meu filho. Não queria ficar presa pra sempre a um sujeito desequilibrado e violento, e, pior, assassino. Porque ele vivia se gabando de ter dado um fim no meu pai.

— Ah, Babi...

— Eu peguei uma bolsa com o mínimo de roupa possível, documentos, e meus cartões de banco. E então lembrei do cartão que meu pai tinha me dado. Passei na agência, saquei o máximo que podia, e fui pro interior do Paraná. Foi lá que Bruno nasceu.

— Ficou na casa de parentes?

— Não. Eu não tinha ninguém que pudesse confiar. Fiquei em pousadas, hotéis. Trabalhei em troca de quarto e comida, era difícil com um bebê pequeno. Fiquei lá até o dinheiro que tinha naquela

conta acabar. Então eu voltei, imaginei que dois anos era o bastante pra ficar longe, ele era tão rico que já devia ter achado um novo brinquedinho.

— E aí conheceu minha irmã.

— Sim. — A lembrança do dia em que conheci Jordie me faz sorrir, uma mulher que não conseguia ficar quieta no lugar, sentando para ouvir todo o meu drama de mãe solteira sem emprego em silêncio — Ela deve ter sentido pena de mim, toda atrapalhada, com um filho pequeno, pedindo emprego de qualquer coisa. Eu morava na favela, num quartinho alugado que eu não sei como conseguiria continuar pagando sem trabalhar, não conseguia creche pro Bruno, não conhecia ninguém nessa cidade porque todo mundo que eu conhecia da minha “outra vida” também conhecia aquele traste, e eu tinha medo de procura-los. Pra eles, ter dinheiro era melhor do que ter decência e então, podiam achar que eu estava exagerando, e que o comportamento dele era desculpável por tudo o que ele me proporcionava. Bom, e então sua irmã me deu um emprego na escola e bolsa integral pro meu filho.

— Isso tudo... Jordie sabe?

— NÃO!! – Me mexo, impaciente, olhando novamente em sua direção – Eu nunca contei isso pra ninguém. E eu não deveria estar contanto a você também Gael, mas eu queria que você entendesse o meu ponto de vista, e sem te contar, você não entenderia.

— Como assim?

— Eu... me culpei por muito tempo pela morte do meu pai. De certa forma. Passei anos pensando que as coisas poderiam ter sido diferentes se eu tivesse confiado nele antes de me envolver tão profundamente com aquele rapaz, sabe? Ou se tivesse viajado quando meu pai me ofereceu, assim que soube do meu namoro? Ele queria ir sair do país comigo, mas eu estava “tão apaixonada” – rolo os olhos e faço aspas com os dedos, frisando a ironia – que não ouvi nada do que ele me dizia. Fui reclamar do meu pai pro meu ex, e quando ele sumiu, ainda assim eu continuei envolvida.

— Você era só uma menina, não tem culpa disso, Babi. A culpa é desse... bandido com quem você namorou.

— Exatamente. Posso te dizer o mesmo. – mais uma vez, levo minhas mãos aos seus cabelos,
PERIGOSAS ACHERON

tão lisos que vivem caindo pela testa, cobrindo seus olhos – Você não pode controlar tudo ao seu redor. A culpa não foi sua.

Ele me olha de uma forma tão fixa e intensa que eu não tenho certeza se sequer ouviu o que eu falei. Na dúvida, seguro seu queixo, o impedindo de desviar seus olhos dos meus, e repito:

— A culpa não foi sua, Gael.

E lá estava aquele par de olhos, fixos nos meus, querendo me dizer tantas coisas, quando, subitamente, mudaram de direção e desceram pros meus lábios. Foi automático, minha boca secou e minha língua correu por ela, procurando umedecê-la.

Não consigo contabilizar quanto tempo levou, mas suas mãos vieram ao meu rosto e, bem lentamente, sem desviar os olhos dos meus lábios, ele veio aproximando sua boca da minha. Meu estômago foi se apertando, o coração disparado, senti meu corpo inteiro se arrepiar em antecipação. Parecia que o mundo tinha ficado em suspenso, quando ele depositou um selinho suave em meus lábios. E depois em meus olhos. Em ambos. Meu corpo começou a formigar, porque nesse momento

PERIGOSAS ACHERON

tudo o que eu mais quero é que ele não me torture, e me beije logo.

Suavemente esfregando a ponta do nariz em minha face, ele encosta seus lábios nos meus, e passa a me dar beijos suaves, selinhos lentos, tão doces que eu podia chorar. Apesar de sentada, sinto como se flutuasse e, por isso, procuro sua camiseta, firmando minhas mãos no peito firme, buscando apoio.

Um suspiro. Um pequeno suspiro após meu toque e então ele me beija. Abro meus lábios pra receber sua língua, que chega como se já me conhecesse, em um beijo profundo e lento. Meu coração bate com tanta força, tão acelerado, que eu podia explodir aqui e agora.

Com certeza poderia explodir!

A intensidade do beijo aumenta. Sinto sua mão segurar minha cabeça, se enterrando em meus cabelos, puxando um punhado, me forçando a erguer o queixo. Sinto seus lábios carnudos devorarem os meus, e retribuo com a mesma fome, movendo minha língua de encontro a dele.

Aquele beijo calmo de reconhecimento

PERIGOSAS NACIONAIS

virou um beijo de paixão, minhas mãos em seus cabelos, trazendo-o mais perto de mim, buscando um pouco mais de contato.

E então tudo acaba. Como se liberto de um transe, ele me afasta rapidamente, ao mesmo tempo em que se distancia de mim, voltando ao seu lugar no sofá. Nunca a expressão “em um pulo” fez tanto sentido. Automaticamente sua mão vai pro pescoço, segurando a correntinha que ele usa. Sua mão esquerda, em que posso ver o brilho da aliança de casamento. Atordoada, tanto pelo beijo quanto pela súbita interrupção dele, não consigo identificar o que ele trazia ali naquela corrente. Seria um escapulário com a foto de sua família?

— Desculpe, Babi... — a voz rouca, e baixa, entrega o quão mexido ele está — Eu não devia. Eu... eu não posso.

Sem conseguir me mexer, vejo quando ele levanta e sai porta afora, sem sequer olhar pra trás.

Eu jurei a mim mesma que nunca mais ia chorar. Mas nesse momento, não consigo segurar a lágrima solitária que desce pelo meu rosto ao ouvir o som do carro se afastando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Gael

Soco o volante, o velocímetro um pouco acima do permitido, mas eu precisava sair dali. Preciso me afastar. Onde é que eu estou com a cabeça?

Eu a beijei. A beijei e continuaria a beijar não fossem as memórias que não me deixam. Eu tinha prometido à Sofia que ela seria a única. Mas que diabos?

Passo pelo farol vermelho, ouço uma buzina, alguém reclamando, mas eu preciso me afastar desse lugar, ir o mais longe que eu conseguir da Vila Progresso, o mais rápido que puder, e não voltar mais.

Isso é culpa do Pedro. Ele ficou enchendo minha cabeça com esse papo de ciúmes, e eu, trouxe, dei ouvidos. Caí direitinho no plano que ele bolou com Jordie. Ele me paga, esse tratante!

Me surpreendo ao ver o quanto rápido chego em casa. Estaciono o carro e abro o portão lateral ao depósito, subindo as escadas de duas em duas, até chegar na casa localizada nos fundos. Um local simples, quarto e cozinha, mas que me servem bem. Não preciso mais que isso.

Tiro o tênis ainda entrando pela cozinha, ele fica jogado perto da pequena mesa, e sigo pro quarto, sem pensar. Abro o armário e pego uma bermuda, troco rapidamente o jeans que estou vestindo por ela, e volto à cozinha, calçando o par de tênis novamente. Bato a porta atrás de mim, trancando a porta e colocando a chave sob o batente, e desço novamente as escadas, já seguindo num ritmo forte assim que alcanço a calçada. Preciso correr, tirar essa adrenalina toda do corpo.

Desde que tudo aconteceu que cansar meu corpo é o meu maior trunfo. Eu corro, muito, sem parar. Corri quilômetros tentando manter minha mente minimamente sã por causa de Sofia. E agora vem essa menina me fazer correr também.

Viro à esquerda, alcançando a avenida principal, onde a calçada é mais nivelada e eu consigo um ritmo constante sem precisar me preocupar com buracos. Sempre que eu chego nesse ponto eu coloco meus fones de ouvido, música sempre me ajuda a espairecer, mas hoje em particular, não vai ser assim, aparentemente.

“Tenho andado por aí sempre

*menosprezando tudo que vejo
Rostos pintados preenchem lugares que não
consigo alcançar
Você sabe que eu preciso de alguém
Alguém como você, tudo que você conhece,
e como você fala
Inúmeros amantes disfarçados na rua
Você sabe que eu preciso de alguém
Alguém como você”
Someone Like You – Kings of Leon*

Babi. Eu sabia que ela era valente, consegui notar isso quando ela ergueu aquele queixo lindo e passou por mim, logo que nos conhecemos. Mas nunca, por um minuto sequer, eu podia imaginar a vida fodida que ela teve. Relacionamento abusivo, pai assassinado, mãe solteira, sozinha no mundo.

Quem será esse maldito?

Não é da sua conta, Gael!

Babi. Seus lábios são tão doces. Ela se abriu, se despindo de sua dor, pra me fazer deixar a

PERIGOSAS NACIONAIS

minha. E fazer com que eu esqueça a minha culpa. Eu seria capaz de esquecer minha culpa?

Chega, Gael.

Aumento o ritmo, já estou sentindo meu estômago queimar, mas eu preciso forçar ainda mais. Continuo pensando e preciso correr para não pensar.

Não posso pensar.

Viro o quarteirão à direita, correndo por mais alguns metros, mas não vejo um maldito desnível na pista e acabo torcendo o pé. A dor chega rasgando, e eu solto um grito, um pouco mais alto devido à frustração. Tento dar mais um passo, mas encostar o pé no chão se torna um martírio. Faço ainda algumas tentativas, mas... impossível.

Olho em volta, devo ter corrido já uns sete quilômetros. Resignado, e mancando, volto pra casa antes que minha situação piore.



PERIGOSAS ACHERON

Viro de um lado pro outro na cama, olhando novamente pro relógio no meu celular, constatando que ainda são 3 da manhã. Eu poderia dizer que não consigo dormir porque a porra do meu pé não para de doer, mas o que me tirou o sono foi mesmo pensar nela. A garota atrevida de olhos doces e beijo quente.

Pego novamente a correntinha, com a aliança de Sofia pendurada. Você podia me ajudar nessa, minha loira. Ao invés de só ficar mandando o fogo do inferno fazendo essa corrente queimar meu peito o tempo todo e me lembrando que ela está aqui. Que você ainda está aqui...

Bato com o punho fechado em meu peito, nesse coração maldito que podia parar de bater de uma vez.

Dou um pulo na cama quando o celular toca. Ainda é de madrugada, e sabe como é aquele velho ditado sobre ligações a essa hora. A sensação piora quando eu vejo o nome de Jordie piscando na tela.

— Jordie! Aconteceu alguma coisa?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me diga você, seu babaca insensível. O que fez com a menina?

— Como é? Que... do que...

— Não me diga que não sabe, seu idiota. Recebi há pouco uma mensagem da Babi avisando que não vai trabalhar amanhã porque não está se sentindo bem. Ela estava muito bem no sábado quando saiu daqui e até onde eu sei, vocês iam almoçar ontem.

— Como você sabe que a gente ia almoçar ontem?

— Porque o Pepê telefonou, a chamando pra sair, mas ela disse que já tinha um marcado com você. O que você fez, Gael?

Aquela queimação no peito volta, ao saber que o imbecil, idiota, traíra, estúpido do Pedro telefonou, chamando-a pra sair.

— Porque o Pedro a chamou pra sair?

— Porque eu não sei. Mas vou te falar uma coisa, Gael... se ele quiser sair com ela, eu vou dar a maior força. Papai vai dar a maior força. Mamãe vai dar a maior força. E sabe porque? Porque você é um imbecil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não consigo sequer responder porque ela bate o fone na minha cara. Desliga. Simplesmente assim. Disco seu número de volta, ela não pode simplesmente me ligar dizendo que a menina não está bem e que o Pedro vai chama-la pra sair com o apoio inteiro da minha família e desligar na minha cara.

Desligado.

Filha da puta.



Babi

Eu já deveria estar conformada que a família Prieto é cheia de pessoas malucas e/ou invasivas, mas acho que vou sempre me surpreender com eles. Como estou agora, nesse momento, ao ver que Joana e Alessandro estão

PERIGOSAS ACHERON

parados na minha porta, em plena segunda-feira às dez da manhã.

— Joana. Que surpresa.

— Minha querida, esse seu sorriso curto quer dizer “que diabos vocês estão fazendo na minha porta a essa hora?”, então não precisa tentar disfarçar.

— Ou isso... – ela me desarma, totalmente. Abro o portão e recebo um abraço caloroso, mas ela logo está me afastando, alisando meus cabelos, puxando-os pra trás enquanto analisa meu rosto.

— Está tudo bem? Jordie nos falou antes de sair pro trabalho que você não estava se sentindo bem...

— Sim. Foi só um mal estar... não precisava se preocupar. – Estranho ver Alessandro aqui também, afinal de contas é dia útil – E o senhor, hein? Atrapalhando sua rotina só pra vir até esse fim de mundo?

— Hoje é ponto facultativo, então não tenho aula. Está tudo bem. – ele me responde com um sorriso amável.

Alessandro é professor de matemática, dá
PERIGOSAS ACHERON

aulas para alunos do ensino médio em uma escola estadual durante o dia, e à noite leciona em um colégio particular. Um mártir, devo dizer. Por dar aulas para adolescentes e por entender bastante de matemática a ponto de lecionar.

Joana me disse que trabalhou por um bom tempo dando aulas de História, mas que parou de lecionar há quatro anos atrás. Um casal de professores, não é à toa que Jordie quis abrir uma escola.

— Eu vou convidá-los a entrar, mas por favor, não reparem. Minha casa é bem simples e eu não tenho nada para oferecer a vocês a não ser um café. Gostoso, meu café é gostoso.

— Querida — ela me dá uma tapinha na bunda — vim aqui pra te ver, e não comer. Onde está nosso menino?

Passei uma manhã maravilhosa em casa na companhia deles, e Bruno, obviamente, adorou. Fico emocionada em saber que eles se apegaram ao meu filho, chegando a sair da casa deles pra virem aqui checar como estamos e se ele precisava de alguma coisa, pelo fato de pensarem que eu estava doente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Bom, dor de amor não é doença, certo? Apesar do meu peito apertar a ponto de o ar faltar cada vez que eu lembro de Gael saindo da minha casa ontem, sem nem olhar pra trás, pedindo desculpas por ter me beijado. Arrependimento por beijo é um clichê, mas é um clichê dolorido quando só uma parte se arrepende.

— Eu não sei o que aconteceu entre vocês, mas eu quero que saiba que estou na torcida. — Joana aparece de repente, enquanto estou na cozinha lavando a louça do almoço que ela fez questão de cozinhar.

— Joana... — suspiro, engolindo seco o sentimento de rejeição — não torça. Porque eu não tenho espaço ali, você sabe.

— Porque acha isso, querida?

— Você sabe... ele não esqueceu a mulher, e não QUER esquecê-la. — a imagem de sua mão esquerda aparece em minha mente, aquele brilho da aliança passou a me assombrar — Ele sequer tirou a aliança de casado. Eu não tenho chance...

— Querida... — Joana suspira fundo — eu não sei o quanto você sabe sobre a história inteira.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele me falou o básico, Joana. Do cliente dele, e que foi uma vingança. Não acho que ele consiga falar mais do que isso.

Com toda a paciência – e dor, que o assunto traz – ela me conta tudo o que aconteceu. Consigo entender o porquê aquela casa não tem uma foto do Gael adulto, e isso porque ele basicamente entrou na vida adulta ao lado da mulher. Esse sim fora um romance épico, tirado da vida dele violentamente. E também entendo o porquê ele tinha ficado quatro anos sem pisar na casa dos pais. Nunca imaginei que elas tinham sido emboscadas bem ali na frente da casa deles. A pessoa que fez isso foi de uma crueldade doentia.

— Por quatro anos nós tentamos trazer de volta o nosso Gael. Mas aquele homem sombrio, grosseiro e distante tinha tomado posse do corpo dele, e não conseguíamos ver um vislumbre sequer do menino que conhecíamos... até você e seu filho aparecerem.

— Eu? Não, eu não...

— Alessandro me falou que Gael estava a ponto de ter uma crise de pânico em frente de casa. Ele tem essas crises, sabe? Quando as memórias

PERIGOSAS ACHERON

atingem um nível que ele não suporta, ele simplesmente apaga. O patrão dele é amigo nosso de longa data e tem tomado conta do meu menino, e ele... bem, meio que nos informa o que está acontecendo, sabe? Gael foi parar no pronto socorro mais de uma vez, ele simplesmente apaga. E estava tendo uma crise, no sábado, quando ouviu a voz do Bruno. E isso o trouxe de volta.

— Eu não tinha ideia...

— Ele não fala com ninguém sobre isso. Se fechou em uma redoma e não se abre. Não conversa, não... — Joana solta um suspiro dolorido — Ele tinha parado de se importar, consigo mesmo e com os outros. Mas aí ele ligou pra Jordie, pedindo por você. Correu até a escola quando Pepê disse que ia lá só pra te ver.

Meus olhos se arregalam a ponto de doerem. Pedro gosta da Jordie, eu tenho certeza disso. Balanço a cabeça, negando, mas ela me interrompe antes mesmo que eu comece minha defesa.

— Pedro é como um filho. Cresceu na minha casa, junto com meus filhos, é nosso afilhado. E conhece Gael melhor que todo mundo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acho que ele foi o primeiro que percebeu que tinha alguma coisa diferente rolando. E resolveu partir pra ação, provocando ciúmes no amigo, vendo se ele reagia. Bem... deu certo.

— Espero que seja só isso mesmo, porque o Pedro, ele... é...

— Eu sei. Eles pensam que me enganam. Na verdade, eles enganam a si mesmos. Mas mães sabem dessas coisas, não sabem?

Sabem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



22

Babi

PERIGOSAS ACHERON

Minha semana foi considerando algumas coisas e ignorando outras, perfeita. Na escola me mantive o tempo todo ocupada treinando a nova recepcionista, que começou na terça-feira. Logo no primeiro dia Cecília já havia aprendido todo o serviço mas, louca por controle, Jordie me pediu para acompanhar a garota durante toda a semana, caso ela tivesse algum tipo de dúvida ou dificuldade. O que foi excelente, pois eu precisava ocupar meu tempo e minha cabeça.

Trabalhar na recepção da escola sempre foi muito solitário, ora porque Mirela, a antiga secretária, não era muito de conversa, ora porque eu tinha aquela distância auto imposta, que não me deixa aproximar muito das pessoas. Apesar de ser responsável pelo primeiro atendimento, é um contato mais frio e profissional. Ter agora uma nova – e falante – companheira de trabalho me mostrou o quanto eu sentia falta disso.

Outra coisa que mudou bastante foi o fato de ter Joana muito mais próxima de mim. Todos os dias ela fazia questão de me telefonar, querendo saber do meu dia, ou se eu precisava de alguma

coisa. Obviamente que eu tenho tentado manter os pés no chão, porque existe sempre aquele lado infernal dentro da gente soprando misérias. Nesse caso, meu demônio interior diz que ela só quer uma substituta pra nora perfeita. Substituta, essa, que eu nunca serei. Mas claro que era especial tê-la buscando contato, principalmente pra alguém como eu, que cresci sem a presença da mãe e Joana sendo tão carinhosa, cuidadosa...

Uma batida na porta e levanto a cabeça, passei a tarde organizando a planilha de contas a pagar da escola de uma forma que eu conseguisse entender, e vejo quando Carol acena, trazendo Bruno pela mão.

— Acabamos por hoje, Bárbara. Posso deixá-lo aqui?

— Claro! – estico os braços, chamando meu pequeno que parece exausto – Vem aqui com a mamãe, já estou terminando aqui e vamos embora, tudo bem?

O pequeno vem se arrastando, e se aconchega em meus braços, com um muxoxo.

— Tô cansado, mamãe. Hoje foi muito

difícil...

— Ah, sim? — olho em direção à Carol, que revira os olhos, talvez já esperando pela reclamação — O que aconteceu de tão difícil?

— Aconteceram exercícios, mamãe. Muitos deles. — ele se senta no carpete, praticamente se jogando, como se estivesse muito sem forças pra sequer manter-se vivo.

Jordie tem feito um trabalho incrível na São Pietro na parte pedagógica. E incluiu várias atividades complementares pra bombardear as crianças: arte (incluindo música, teatro, e artes plásticas), ecologia (com horta, reciclagem de lixo e até um minhocário), culinária, inglês, e o terror do Bruno: exercícios. Fora educação física, as crianças têm aulas de yoga, judô, balé e capoeira. E hoje foi o dia da capoeira, que sempre o deixa em petição de miséria.

— Exercícios são bons, Bruno. Você vai crescer forte e lindo.

— Estou cansado, mamãe. Depois eu respondo isso.

Consigo entender essa linha de raciocínio,

quando estou cansada mal quero falar, quem dirá argumentar. Sorrio, arrumando o cabelinho liso que já está precisando de um novo corte, tirando a franja comprida da frente dos olhos, e ouço um barulho de risadas vindo da recepção. Ao reconhecer as vozes de Pedro e Alessandro, deixo meu pequeno estatelado no tapete, ao lado da minha mesa, e sigo até a recepção, encontrando a família *quase* inteira reunida.

Sou recebida com abraços calorosos, perdida por um instante entre uma enxurrada de perguntas. Querem saber como estou, onde está Bruno, o que tenho feito, essas coisas. Como é final de expediente, acabo ficando ao redor, encostada no balcão da recepção, ouvindo a roda de conversa animada. E acabo me surpreendendo quando Pedro conta que Gael passou a semana de molho por conta de uma entorse no tornozelo esquerdo.

Passei os últimos dias dividida entre não querer vê-lo pintado, e torcer pra que ele aparecesse de repente, fosse aqui na escola, fosse em minha casa. Isso não aconteceu, apesar da estranha sensação de estar sendo observada, principalmente à noite, próximo da hora de dormir. Minha mente

viajava, pensando que talvez Gael pudesse estar por perto, mas sem coragem de se aproximar e, por isso, nos observava de longe. Mas, pelo visto, esse não era o caso, já que Pepê descobriu que ele só voltou a trabalhar ontem.

— Mas ele ficou a semana inteira de molho? — Jordie, solta, exasperada.

— Sim, parece que torceu o pé no Domingo, enquanto corria.

— Como assim, “parece”? — Joana, que não perde um detalhe, atenta na escolha de palavras.

— Ele não quis falar comigo, madrinha. Quem me contou foi o velho portuga.

Me preocupo por um momento, lembrando da conversa sobre ciúmes que sua mãe me dissera na segunda-feira. Tudo o que eu menos quero é ser o motivo de alguma rusga entre eles. Melhores amigos, de infância, sua mãe tinha me dito. Me pego encarando Pedro, tentando ver em seu rosto alguma expressão que denuncie que eles ainda estão brigados, quando ele se vira em minha direção, abrindo o sorriso largo e piscando o olho. Não sou muito boa em ler pessoas, então acabo não

sabendo o que isso significa.

Decidida a não alimentar nada com o qual não possa lidar depois, volto a minha sala, buscando finalizar meu trabalho e finalmente poder ir embora. Acabo me deparando com Bruno dormindo no tapete, o que me faz sentar no chão, ao seu lado. Levo as mãos ao seu cabelo liso, acariciando meu bebê cansado, lembrando de todas as dificuldades que passamos nesses últimos anos.

Nada tinha sido fácil. E, se levar em conta a vida confortável que eu tinha, a filha mimada que eu sempre fui, parecia bem mais complicado. Meu pai não media esforços e me dava tudo o que eu queria. Um sapato que eu nunca usaria? Toma. Uma agenda personalizada? Toma. O brinco de pérola vindo direto da Malásia pra minha boneca Barbie que eu sequer brincava? Claro, porque não? E, obviamente, eu queria poder fazer o mesmo pro meu bebê. Cada não que eu era obrigada a dizer me cortava ao meio.

Eu sempre me lembrava do dinheiro que ainda tinha em minha conta bancária, mas que morria de medo de mexer e havia jurado a mim mesma que só usaria se fosse pra sumir no mundo,

novamente. “Essas coisas são rastreáveis, Babi,” meu pai dizia sempre quando eu queria sair à noite, e ele achava que eu dava uma localização básica e o despistava, que ele talvez não gostasse muito. Se é rastreável, está fora de cogitação.

— Um dia as coisas vão ser melhores, meu pequeno. Eu juro.

Uma batida na porta me traz de volta à realidade. Realidade, essa, que me atinge em cheio ao ver meu visitante, lindo, parado na porta.

— Oi, Babi. Posso entrar?

Fico parada, estática, sentada no meio do tapete do pequeno escritório, o coração disparado parecendo um cavalo de corrida. Gael tem o cenho franzido, talvez estranhando o fato de estarmos esparramados no tapete, talvez esperando uma resposta que eu, surpresa, esqueci de dar.

— Tá tudo bem com o Bruno?

Ele tenta novamente, apontando pro menino dorminhoco e eu volto à realidade, acenando com a cabeça e me erguendo do chão, voltando pra minha cadeira.

— Claro, entra. Sim, ele está bem, só está

PERIGOSAS ACHERON

cansado. O dia foi... difícil, segundo ele mesmo.

Solto o ar aos poucos, quando ele senta na cadeira em frente à minha mesa, evitando ofegar quando seu perfume me alcança. Lindo, tão lindo... o rosto já não está lisinho como no final de semana, a sombra escura dos pelos cobrindo seu maxilar e descendo pelo pescoço acaba deixando-o ainda mais sexy. Mas são os olhos, de um azul profundo, que me levam à lona.

— Vim te convidar pra jantar comigo. Enfim, você sabe, sou um idiota, preciso me desculpar...

Gael sorri meio de lado, como todo bom arrogante sabe fazer com maestria. É basicamente como se ele tivesse a certeza que basta um desses e eu estou entregue, fazendo tudo o que ele quer. Eu já fui assim, não sou mais. Não posso mais.

— Pedro disse que você machucou seu pé?
— Tento levar as coisas para o lado casual, e pela sua expressão, ele deve ter entendido que aqui não é padaria onde você entra, pede o pão e é atendido na mesma hora.

— Torci enquanto corria. Mas já está bom,

só precisei de uns dias de molho – Posso ver quando ele bate o pé no chão duas vezes, um gesto automático, talvez, mostrando que a torção está curada.

— Ah, que bom que não foi nada sério.

Volto meus olhos para a tela do computador, fingindo uma indiferença que estou bem longe de sentir.

— E então... vai jantar comigo?

Ele estica a mão, alcançando meu antebraço que está pousado em cima da mesa. Seu toque me causa um arrepio, e me faz desviar os olhos da tela do computador diretamente pra sua mão. E isso não foi uma boa ideia no final das contas, porque a maldita aliança está ali, brilhando, me lembrando quem ele é e o que eu não posso ter.

— Não vai dar – recolho o braço, fugindo do seu toque – Bruno está cansado, tá vendo? Mortinho, vai ser difícil até leva-lo pra casa hoje.

Sinto raiva por estar negando sem querer negar na verdade. Por me sentir uma boba, querendo migalhas, me esforçando para afastar-me quando devia ser uma coisa natural. Mal consigo o

olhar novamente, mantenho-me firme olhando pra tela do computador, mas sem sequer enxergar o que ela me mostra.

— Olha Babi...

Antes que ele continue, Joana bate na porta já entrando, um sorriso no rosto ao ver Bruno jogado no tapete, dormindo a sono solto.

— Bem que você falou que ele estava cansado, coitadinho.

— Hoje foi dia de capoeira – explico, voltando minha atenção pro dorminhoco – e ele sempre fica exausto. Só é ruim porque ele dormindo agora vai acordar no meio da madrugada. Ainda bem que amanhã é sábado.

Volto minha atenção até Joana, e posso notar quando ela e Gael estão trocando um olhar silencioso. Longo e silencioso. Não sei muito sobre o relacionamento deles como mãe e filho, mas sei bem que Joana deve ser o tipo de mãe que todo filho merece ter.

— Vocês vão direto daqui, pra jantar? – ela pergunta, “inocentemente”, e Gael somente abaixa a cabeça, em silêncio, fazendo com que sua mãe se

vire, esperando que eu a responda.

— Não posso ir, Joana, eu já o avisei. Como pode ver, Bruno está apagado e... não posso.

Já devo ter dito que a família dele é formada por malucos invasivos, certo? Pois é. Em meio segundo Joana já estava chamando Alessandro, ele levantando Bruno no colo, dizendo que ia leva-lo pra casa dela, ficar de babá porque adorava meu filho, e assim nós poderíamos jantar em paz. E enquanto o velho italiano saía da sala levando meu filho, ficávamos eu e Gael mudos, estáticos, só vendo como tudo se desenrolava. Claro que a nossa mudez não tinha a mesma fonte. Enquanto ele estava ansioso, aguardando uma negativa, eu estava em um semi desespero ao ver todas as minhas desculpas sendo tiradas de mim.

Segui Alessandro em silêncio, conforme ele saía da sala com o garoto nos braços, quando senti um aperto firme em meu ombro. Ao me virar, dou de cara com Pedro, me dando um sorriso encorajador, como se dissesse: ‘sim, eles são assim mesmo.’

“Relaxa,” posso ler em seus lábios quando ele fala, sem som. Puxo o ar, porque estou tudo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

menos relaxada. Estou insegura, estou nervosa, estou... perdida. Olho ao redor, buscando Gael e o encontro parado, encostado na porta da sala onde estávamos, muito sério, olhando de mim pra Pedro. Posso ler todas as perguntas silenciosas que seus olhos me lançam. “Vocês têm alguma coisa?” “Vai jantar comigo?” “Está chateada?”

Malditos olhos azuis.

— Bárbara! — Jordie berra de dentro da sala
— Vem pegar sua bolsa, temos que ir embora!

Suspiro e, rendida, vou buscar minha bolsa. Rezando silenciosamente pra tudo quanto é santo me proteger essa noite.

PERIGOSAS ACHERON



Gael

Eu já fui uma pessoa muito boa em relações pessoais. Tanto que tive um certo sucesso em minha antiga carreira, era rodeado de amigos, e nem mesmo precisei fazer muito esforço pra conquistar minha esposa. Isso tudo agora parece muito distante, muito difícil de ser feito, quando estou há quase quinze minutos sentado aqui, ainda tentando achar as palavras corretas pra me desculpar com Babi.

É nítido que ela não queria estar aqui. Veio por se sentir acuada, talvez. Por não saber como dizer não pra minha mãe. E, sim, confesso que usei o poder de persuasão da minha velha, quando vi que a menina mal me olhava, bastou um olhar pedindo ajuda e lá estava dona Joana resolvendo tudo, como de costume.

Eu devia deixar a menina em paz. Cheguei a ver uma troca de olhares entre ela e Pedro, e isso causou aquele velho aperto em meu peito, um sentimento estranho, que não consigo dominar ou entender. Podia facilitar as coisas, mas eu simplesmente não consigo.

Aquele beijo, aquele maldito beijo que dei

nela no Domingo tem povoado meus sonhos. Sinto um comichão só de lembrar disso, uma vontade de repetir, de jogar tudo pro alto e simplesmente... não pensar. Tentei ficar longe, fazer de conta que nada tinha acontecido, mas a sensação de tê-la magoado ao sair correndo estava me corroendo.

A trouxe até uma cantina italiana que conheço, não muito longe da escola. Um lugar agradável, que vende uma comida gostosa e dentro do meu orçamento, mas que por ser sexta-feira está um pouco mais cheio do que eu gostaria. Pedi uma mesa mais ao fundo, em que pudéssemos conversar sem sermos atrapalhados pela barulheira dos jovens sentados na área externa.

Fiquei observando como ela era agradável com todos, desde o atendente que nos trouxe à mesa, até o garçom que anotou nosso pedido. Pude notar que ela realmente devia vir de uma família com posses, porque pronunciou perfeitamente o nome do prato, coisa que nem o garçom conseguiu fazer, mas nem isso a fez trata-lo diferente, com desdém. Foi simpática, atenciosa com todo mundo. Menos comigo.

Não fui merecedor de sua atenção uma vez

PERIGOSAS NACIONAIS

sequer, como se algo a repelisse de me olhar.

— Eu fui bem babaca, não é?

— Como assim? – Ela remexe a comida em seu prato, sem olhar em minha direção.

— Você mal me olha, Babi. Deve estar bem brava comigo dessa vez.

Um suspiro longo, e lentamente ela levanta os olhos, me encarando. Me analisando, como decidindo se eu seria merecedor de alguma justificativa.

— Eu não entendo você, Gael – ela diz, depois de um tempo – Uma hora você é gentil, na outra me deixa falando sozinha.

— Eu passei muito tempo sozinho, Babi... – dou de ombros, como se isso justificasse minha falta de educação – Acabo que não sei mais como lidar direito com as pessoas.

— Entendo... – ela desvia o olhar novamente, talvez analisando o que eu acabara de dizer – mas eu te contei algumas coisas aquele dia, Gael. E eu fugi porque não queria ter que lidar com algo que não conseguia controlar.

PERIGOSAS ACHERON

— Você fugiu de um relacionamento abusivo, Babi! – Me ofendo, por ser comparado, nem que seja minimamente, com o seu ex-namorado.

— Eu fugi da falta de segurança, Gael. Eu estava assustada, sim. Ele era abusivo, sim. E eu nunca sabia o que esperar dele. Jurei a mim mesma que nunca mais eu iria me sentir dessa forma. – Sua voz é baixa, firme, eu tento interromper e me justificar novamente, mas ela não permite, levantando a mão em minha direção, me fazendo calar – Eu me sinto assim a seu respeito, Gael. Não sei o que esperar. Ora você é super amigável, ora mal quer conversar. Ora está sorrindo, ora fecha a cara e vai embora sem sequer se despedir direito.

— Sobre aquele dia...

— Eu não quero que me justifique. Não preciso disso. Somos adultos, e tanto eu quanto você passamos por muita coisa. Foi um erro, e tudo bem.

Ouvir que nosso beijo foi um erro é como um soco no estômago. E me deixa confuso, afinal de contas eu venho me dizendo a mesma coisa desde domingo. Se eu posso dizer isso, com toda a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

certeza em meu peito, porque parece tão errado ela pensar o mesmo?

— Não queria que ficasse com raiva de mim.

— Não estou. Eu só... não quero lidar com isso. Se é que me entende.

Entender eu não entendo. Porque não consigo entender nada que está acontecendo aqui em meu peito agora. Uma sensação de finitude que está acabando comigo.

Não entendo, mas respeito. E é por isso que atendo seu pedido de leva-la de volta pra casa, não sem antes buscar Bruno na casa de meus pais.



— Você mora aqui perto? — A menina curiosa assume a vaga da mulher indiferente quando, ainda dentro do carro, seguimos pelas ruas escuras até a casa de meus pais.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, mais ou menos. Vamos passar em frente, eu te mostro onde é.

Na verdade não iríamos passar em frente coisa nenhuma, mas agradeço a curiosidade, que me dá oportunidade de passar um pouco mais de tempo com ela. Fazendo a curva no quarteirão adiante, sigo em frente evitando a rua onde eu morava antes. Algumas quadras depois e estou estacionando em frente ao depósito, agora fechado.

— É aqui. Trabalho aqui, nessa porta de aço grande, e moro subindo as escadas, na casa dos fundos.

— Um depósito de material de construção? — ela pergunta, surpresa, e eu somente confirmo acenando com a cabeça. A menina volta a me olhar, analisando, e quando a pergunta sai vem em um tom ainda mais baixo — Porque?

A resposta é simples. O entendimento das pessoas é que não é tão simples assim.

— É uma conversa um pouco longa pra se ter dentro do carro. Tenho pó de café lá em cima, que tal?

A resposta demora a vir, e quando eu penso

PERIGOSAS NACIONAIS

em desistir e me desculpar pelo convite, ela pega a bolsa, abrindo a porta e me deixando sem reação, como sempre.

Saio do carro olhando em volta, vendo a rua agora vazia, uma rua residencial onde o depósito sempre pareceu deslocado. Joaquim tinha montado seu negócio onde antes era sua casa, e mesmo com a implicância de alguns antigos vizinhos, ele bateu de frente e o mantêm no mesmo local por, agora, trinta anos. Babi me espera ao pé da escada, em frente ao portãozinho lateral, e com um gesto a incentivo seguir em frente.

Consigo ver o olhar curioso da menina ao subir a escada apertada, de lajotas vermelhas, espremida entre duas paredes. Ao chegar no topo, ergo a mão e alcanço a chave que sempre deixo no batente, e abro a porta.

— Você deixa a sua chave aí? Não tem medo? — Ela estaca em frente a porta, apontando pro batente, numa careta que deixaria dona Joana morta de orgulho.

— Do que teria medo?

— De entrarem na sua casa, oras!

PERIGOSAS ACHERON

Abro um pouco mais a porta, dando-lhe espaço até que entre na cozinha apertada, fechando a porta atrás de mim.

— Como pode ver, não tem nada aqui pra ser levado.

Felizmente não tenho muita coisa que possa deixar a casa uma zona, e também fui educado a limpar minhas coisas, por isso está tudo relativamente arrumado. Vejo quando ela segura a bolsa em frente ao corpo, passando o olho pelo cômodo pequeno. Não é muito diferente da casa onde ela mora, ao menos da parte que eu conheço. Uma cozinha pequena com uma pia minúscula, um fogão de quatro bocas, uma geladeira velha e um armário de cozinha de seis portas cobrem as paredes. No centro, uma mesa quadrada e três cadeiras. A janela basculante, em frente à pia, traz a visão de lugar algum. Seu olhar corre até a porta do quarto, onde pode-se ver uma cama de casal — arrumada, por sorte — e a parte que não se consegue ver daqui consiste em um armário de solteiro, de duas portas.

— O que tem ali? — ela aponta para a pequena porta de madeira, com a tintura

PERIGOSAS NACIONAIS

descascando, localizada ao lado da pia, na direção oposta à porta de entrada.

— Qualquer coisa parecida com uma lavanderia, – abro a porta, mostrando que não tem nada além de um corredor com chão de cimento batido, um pequeno tanque de lavar roupa, e um varal, onde acabo de lembrar que deixei algumas camisetas penduradas, secando – nada muito sofisticado.

Indico uma das cadeiras pra que ela se sente, enquanto eu vou abrindo os armários, pegando os utensílios, fazendo o café que prometi.

— Alguém te ajuda aqui? Digo, na limpeza? – ergo a sobrancelha, numa pergunta silenciosa, e compreendendo, ela continua – Está tudo bem arrumadinho.

— Dona Joana fez um bom trabalho ensinando, e eu fiz um bom trabalho aprendendo. Fora que a casa é pequena, então é tranquilo...

Me sento na cadeira em frente à que ela está, e coloco as mãos cruzadas em cima da mesa. Noto que, instantaneamente, ela desvia o olhar e estranho.

PERIGOSAS ACHERON

— Você ia me contar porque trabalha num depósito...

— É um trabalho como outro qualquer, não?

— Sim, mas... — A garota se remexe na cadeira, buscando a melhor forma de se expressar sem, talvez, me ofender. — não me leve a mal, Gael. Você é estudado, pelo que ouvi era um advogado muito bom.

— Mas trabalhando aqui — aponto pro chão, indicando o depósito que fica no andar de baixo — eu não machuco ninguém. E sim, eu sei o que você me disse, mas... é complicado.

— E como você começou a trabalhar aqui?

Me levanto, indo em direção ao fogão, terminando de passar o café. Falar dessa época é sempre difícil, mas cumpro o que prometi, relatando tudo desde o início. Ela solta uma risada longa quando conto a semana que passei morando com Pedro, e o inferno que era lidar com suas manias, barulhos e agitação. Devo ter carregado um pouco nas tintas, exagerando de propósito o comportamento bagunceiro dele, mas isso pareceu

diverti-la ainda mais. Terminei o relato deixando uma xícara de café fumegante em sua frente, e vejo quando ela ergue o cenho, aprovando o sabor.

— Seu café é melhor que o meu...

— Alguns anos a mais de prática, eu diria.

E então, sem pensar muito, começo a contar a ela a época em que meus pais passavam mais tempo fora de casa, trabalhando feito camelos dando aulas, e aquela casa enorme ficava sob meus cuidados. Teoricamente, meus e de Jordie, mas pelo pouco que você sabe dela, deve imaginar que não seria muito seguro dar-lhe tamanha responsabilidade. Por causa disso eu aprendi a cozinhar, lavar roupa, limpar a casa. Meus pais nunca tiveram empregados domésticos e, no tempo em que passei casado com Sofia, também não tive. Uma pessoa deve ser capaz de limpar seu próprio banheiro.

Nosso papo continua leve, descubro um pouco mais sobre a menina atrevida, que tinha sonhos de ser dentista e viajar pelo mundo com uma mochila nas costas. E que tem quase nenhuma memória de sua mãe, a única que tinha estava em uma fita VHS que, na pressa de fugir do

PERIGOSAS ACHERON

companheiro abusivo, havia deixado pra trás. Essa fita continha uma gravação que seu pai fizera de seu aniversário de um ano, em que a mãe cantava pra ela uma canção dos Beatles, “Blackbird.”

— Não consigo ouvir essa música até hoje, porque acabo não me perdoando por ter esquecido a fita, sabe?

— Nunca pensou em voltar lá, na casa que morava antes?

— Não. Eu não quero nada daquela vida.

— Você então consegue me entender... — abro os braços, como se mostrando o local onde estamos — o Gael que eu fui não existe mais, e eu não quero nada dele. Tudo o que eu tinha daquela época, eu deixei pra trás.

Enquanto eu falo, ela concorda, balançando a cabeça em silêncio, mas subitamente o seu semblante cai. Ela se coloca em pé, segurando a bolsa, mal me olhando, passando por mim em direção à porta.

— Preciso ir embora. Já está ficando tarde.

Automaticamente alcanço seu pulso, antes que ela chegue até a porta, confuso com seu

PERIGOSAS ACHERON

inesperado rompante.

— O que foi? O que eu falei agora?

— Nada. Me leva pra casa, por favor?

Fico perdido por um instante, tentando entender o que eu fiz que possa tê-la deixado triste. Porque, sim, ela ficou triste.

— Eu levo. Mas me fala, por favor, o que eu falei de errado?

Ela puxa o braço que eu estava segurando, se virando em direção à porta. Nervoso, eu a seguro com mais força e a trago de encontro a mim, mantendo-a presa, impedida de sair.

Não quero que ela vá embora, ainda mais brava comigo, porque isso pode leva-la a nunca mais querer me ver e pensar nisso me deixa doente.

— Me solta, Gael! – Tenta se soltar, se debatendo, mas sou mais alto e mais forte, e não tenho a menor intenção de deixa-la ir sem saber o que aconteceu.

— Só quando você me disser o que eu fiz de errado.

— O QUE VOCÊ QUER DE MIM? – sua

voz sai alta, exasperada, enquanto ela se debate – Você não deixou nada pra trás, Gael. Não deixou, e nem vai deixar. Então para de me confundir, por favor.

— Confundir? Eu...

— Eu não preciso disso. – ela continua falando, sem dar tempo sequer de respirar – De você aparecendo de repente, me chamando pra jantar, invadindo meus sonhos, tirando meu sossego, me fazendo pensar em coisas que você não pode me dar!

Conforme ela ia se debatendo, reclamando, socando meu peito, eu a apertava cada vez mais, a trazia cada vez mais perto, como se isso fosse possível. Eu só conseguia prestar atenção nesse queixo atrevido, erguido, me enfrentando, os olhos rasos d'agua, e ela tentando se afastar de mim. E eu não podia deixá-la se afastar. Não pensei, apenas a empurrei até a porta, a encurralando. Vi quando arfou, arregalando os olhos, surpresa.

— Chega, Babi... – me surpreendi com a rouquidão de minha voz, meu peito subindo e descendo, como se tivesse corrido uma maratona. Senti quando amoleceu o corpo, rendida entre meus

PERIGOSAS ACHERON

braços, presa em meu olhar. Solto minha mão direita de sua cintura fina, fazendo um caminho tortuoso subindo pela lateral de suas costelas, a ponta dos dedos passando por seu braço, sentindo a maciez de sua pele, sua clavícula, até chegar em sua nuca, onde a pego com firmeza, imobilizando-a. Quando entreabriu os lábios, eu vi que estava perdido.

Não foi um beijo suave. Seu sabor tinha ficado na minha cabeça, martelando, confundindo, me fazendo querer mais, então só tomei sua boca, com volúpia e paixão, me embriagando dela. Que retribuiu da mesma forma, envolvendo os braços em volta do meu pescoço, me puxando mais perto, como se fosse possível estarmos ainda mais colados do que isso.

Eu estava fervendo. Há quanto tempo eu não sentia meu corpo tão vívido quanto agora? Meu quadril parece ter vida própria, moendo de encontro à sua barriga, procurando algum alívio. O corpo todo doendo por antecipação, mas, de repente, um pouco de sensatez me atinge. A maldita queimação em meu peito. Não posso fazer isso, seria ultrapassar uma linha que não estou pronto pra

cruzar.

Quebro nosso beijo, descansando minha testa contra a dela. Arfantes, grudados um no outro. Quando abro meus olhos, e encontro os dela, é quase como tomar um soco.

— Ah, Babi...

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

Mal consigo respirar direito. Sua mão continua firme em volta da minha cintura, enquanto a outra, que me manteve cativa sem poder desviar, acaricia meu rosto, de forma suave, com os nós dos dedos. Não sei se ele entende o que está fazendo no momento, mas nem eu sei também, então estamos quites.

Eu podia decepar sua mão esquerda, se ela não tivesse tanta pegada quanto a direita. Ou se não achasse tão sexy o fato dele ser canhoto. Ouvir o seu discurso de ter deixado tudo pra trás enquanto a grossa aliança dourada brilhava em sua mão foi enervante. Obviamente eu sabia do que ele falava, o que não aliviou a raiva que eu senti. E como me senti patética, com ciúmes de uma mulher morta. Eu só queria bater nele, bater e sair correndo.

— Vai me dizer o que eu fiz errado agora?
— sua voz é uma carícia rouca, ele faz questão de falar bem perto do meu ouvido, como se soubesse que isso bastaria pra me derreter.

— Você está fazendo certo... — decido ser sincera, então inflo o peito, buscando um pouco de equilíbrio, e ergo meu rosto, firme — e é por isso

que está tudo tão errado, Gael. Eu coloco firme na minha cabeça que eu preciso te ignorar, e então você vem, todo charmoso, me fazendo mudar de ideia toda vez.

— Todo charmoso? — Ele sorri, sua sobrancelha se mexe num movimento divertido, e não sei se ele tem a dimensão do charme natural que carrega. Quando ele sorri preguiçoso, levantando o canto esquerdo da boca primeiro — porque, sim, eu reparei, sempre começa pelo canto esquerdo primeiro — posso sentir uma bateria de escola de samba inteira em meu peito. Ou quando ele ergue o braço jogando o cabelo liso pra trás, merecia até uma ode a esse gesto. Porque ele ergue os braços e então, olá bíceps. As mãos fortes passam pelo cabelo, jogando-os para trás e, geralmente, fazendo com que o rosto se erga um pouco. E então os olhos tomam conta da cena inteira. Juro que nunca vi olhos num tom de azul tão lindo.

— Para de zombar de mim. Eu falo sério, Gael.

— Não estou zombando... — e como se quisesse provar, novamente ele segura meu rosto,

com as duas mãos dessa vez, não permitindo que eu desvie meu rosto.

Suspiro, rendida.

— A sua aliança, Gael. A sua aliança me lembra, toda vez, que eu não posso deixar isso aqui seguir em frente.

É como se ele tivesse levado, lentamente, um choque. Lentamente porque a percepção demorou a chegar, mesmo que tenham sido milésimos de segundo. Primeiro, ele franziu o cenho, talvez não entendendo direito. Depois seu olhar se arregalou um pouco, até que ele me soltou, dando um passo pra trás. Essa foi a parte mais difícil, a que ele me solta, e ergue a mão, buscando a correntinha que ele tem no pescoço.

— O que você carrega nessa correntinha?

Eu sinto que ele não vai responder, o olhar ainda dolorido, talvez culpado. Me aproximo, tocando sua mão, fechada em volta do pingente.

— Pode me dizer o que tem aí? – pergunto de novo, um tom mais comedido. E posso morrer mil mortes quando ele abre a mão e me mostra, uma aliança tão grossa quanto a sua, pendurada

numa corrente comprida. Comprida o suficiente pra chegar até a altura do seu coração. A aliança de Sofia.

— Eu... nunca consegui tirar.

O tom de sua voz é um pedido de desculpas, posso sentir isso. Mas o gosto amargo que isso traz é difícil de engolir. É uma sensação estranha, de sufocamento e de abandono.

— E eu entendo. Sua mãe me contou um pouco sobre a história de vocês... — ele tenta se afastar, mas dessa vez, sou eu quem não permito — eu consigo entender essa fidelidade sua. Mas eu não posso me permitir entrar numa história dessas, e sair machucada.

— Eu não quero te machucar...

— Sei que não. E eu quero menos ainda. Você não está livre, Gael. Seu coração não está livre. Você não deixou sua vida pra trás, você só se afastou da parte viva da sua vida. Sua profissão, seus amigos, sua família. E se trancou aqui — aponto pra sua cabeça — e aqui — coloco a mão em seu peito, na altura do coração, e deixo ela ali — junto com sua mulher e filha. Você não morreu,

mas age como se tivesse morrido.

Eu consigo ver as nuvens de tempestade se formando em seus olhos bonitos. Sua mão se fecha em volta do meu pulso, e eu penso que ele vai tirar minha mão de seu peito, abrir a porta, e me jogar escada abaixo, porque é isso que a sua feição aparenta. Mas ele fica parado, respirando fundo feito um bicho acuado, sem soltar meu pulso.

— Eu tenho vontade de morder esse seu queixo atrevido – ele diz, num tom raivoso.

— E eu de decepar sua mão. – rio do ar surpreso. E então decido por me afastar, pegando minha bolsa que eu nem tinha notado, estava jogada no chão, em um canto perto da porta – Eu preciso mesmo ir, Gael. Se não puder me levar, eu peço um taxi.

— Não vai embora não...

Sua voz me alcança e, ainda abaixada, eu fecho os olhos pedindo ajuda aos céus porque desse jeito fica difícil. Quando me viro, já pronta pra discutir, simplesmente não consigo. Gael parece um anjo caído, atormentado, perdido no Hades¹¹ e buscando alguma luz. Fico com raiva da minha

fraqueza, tentando brigar com aquela voz interior que me manda correr até ele e consolá-lo. Até abro a boca e falar alguma coisa, mas me perco no meio do caminho. A bolsa volta pro mesmo lugar onde estava, enquanto eu sigo em frente, direto pros braços dele.

Como se não acreditasse que eu estava voltando, ele fica parado, estático, os braços ao longo do corpo. Os fios lisos e teimosos de seu cabelo caiam sobre sua testa, os cílios compridos ajudavam a franja a mexer toda vez que ele piscava. Ergo minhas mãos, levando seus cabelos pra trás, os segurando entre os dedos. Ele é tão lindo... as sobrancelhas grossas, expressivas por si só, emoldurando seu rosto bonito. Os olhos, grandes, num tom de azul profundo, sua íris rodeada por um halo em um tom de azul ainda mais escuro, que eu nunca tinha visto antes. Me perdi um momento com a tormenta que esses olhos traziam. Desci o olhar pelo nariz longo e reto, subitamente tomada pelas lembranças do último domingo, em que ele usava esse mesmo nariz pra acariciar meu rosto. O maxilar quadrado, sexy, já coberto por uma penugem curta, que eu torcia pra não ficar maior que isso. E os lábios, vermelhos, grossos e

PERIGOSAS ACHERON

suculentos, tirando todo o meu foco.

Com os dedos ainda enfiados em seu cabelo, trago sua cabeça de encontro à minha, e, com os dentes, puxo seu lábio inferior, apertando um pouquinho com cuidado pra não machucar. É como libertar um bicho, um rosnado escapa de sua garganta e logo estamos naquela confusão de beijos, línguas e mãos pra todo canto.

Sinto quando ele puxa os cabelos da minha nuca, me forçando a erguer a cabeça, deixando livre meu pescoço. Sua língua úmida passa pela minha pele, traçando o caminho de minha carótida, deixando um rastro de fogo no local. E ele crava os dentes ali, bem na curva do meu pescoço, passando a língua em seguida, como um tipo de alívio. Alívio esse que estou longe de sentir.

Sou uma massa – quente e mole – de sentimentos nesse exato momento. Toda alerta, grudada em seu peito, beijando sua boca, tendo a noção que só não caí estatelada no meio de sua cozinha porque seus braços estão firmes me segurando.

Entre gemidos, meus e dele, saímos nos movendo, caminhando pela cozinha, posso ouvir o

PERIGOSAS ACHERON

barulho da pequena mesa quando ele esbarra nela, ou até mesmo a porta do quarto, entreaberta, ranger quando passamos por ela.

Quero tanto isso. Tanto que posso explodir. Minhas mãos correm pelo peito firme, indecisas entre acariciar, apertar, arranhar, tirar um pedaço dele só pra mim. Fazê-lo meu, só meu. Mas sinto aquele relevo, aquele pequeno círculo dourado, e busco por um pouco de controle. Um pouco, mínimo que seja, que me dê forças pra me separar antes que seja tarde demais.

— Gael... para. Por favor... — seguro seu rosto e, com carinho, passo meus dedos em seus lábios. Seus olhos estão escurecidos, as pupilas dilatadas, a boca ainda mais vermelha. Uma verdadeira visão. — Vamos conversar um pouquinho...

— Você quer conversar? — seu peito sobe e desce, e a voz rouca fica até um pouco esganiçada — Agora?

— Por favor. Eu... preciso das coisas às claras.

— Não está claro como água o jeito como

PERIGOSAS NACIONAIS

você me deixa? – ele se afasta um pouco, os braços abertos me convidando a dar uma checada geral e... pela madrugada. O volume em sua calça está, digamos, convidativo.

— Me entende um pouquinho só. Eu... assim eu não consigo.

Seus olhos passeiam pelo meu rosto, me analisando por um instante, tal qual eu fiz com o dele minutos atrás. E, com um suspiro, me pega pela mão e sentamos na cama logo atrás de nós. Me sinto subitamente nervosa, por estar aqui, fervendo de desejo, em um quarto, em uma cama, com ele do meu lado. Olho ao redor, buscando um pouco mais de autocontrole, observando o local onde ele dorme todas as noites. Um armário pequeno, até meio torto eu diria, por conta das portas desalinhadas, se encontra na parede à nossa frente. Na parede ao lado, uma janela simples, sem cortinas, tem o vidro entreaberto, por onde passa uma brisa suave que não ameniza em nada o calor do ambiente. Na parede oposta a essa, uma cadeira – provavelmente a que faltava na mesa da cozinha – traz um ventilador pequeno, branco de pás azuis. Tudo muito limpo, arrumado e sem vida.

PERIGOSAS ACHERON

— Você não tem tevê em casa?

O sorriso de lado, arrogante até a medula, aparece novamente. Ele deve pensar que sou uma criança boba arrumando desculpas e conversas fiadas tentando fazer com que ele me deixe em paz. Bem, na verdade é mais ou menos o que eu estou tentando, não o fazer me deixar em paz, mas buscando por uma calma que estou longe de sentir.

— Não. Eu não posso gastar com TV a cabo, e não tem nada na TV aberta então... economizo tempo e dinheiro.

— Também não tem aparelho de som...

— Celular... — ele aponta pra porta da cozinha, onde deixou o aparelho, em cima da mesa.

Balanço a cabeça, tentando clarear os pensamentos, mas ele não tem muita paciência, aparentemente.

— Queria conversar sobre minhas formas de diversão, ou tem mais alguma coisa despontando dentro dessa cabecinha?

— O que você quer de mim, Gael? — disparo, direta, antes que desista de vez. Seus olhos, atrevidos, passeiam pelo meu corpo, me

PERIGOSAS ACHERON

dizendo o que ele realmente queria. Curiosamente depois que uma *certa pessoa* apareceu na minha vida eu procurei andar um pouquinho mais arrumadinha. Não que eu fosse um estrupício ambulante antes, mas inconscientemente eu me arrumava esperando ele entrar porta adentro pela recepção da escola. Hoje, por exemplo, eu fui trabalhar de vestido, uma peça simples, de malha cor de tijolo, de alças grossas e aberto de cima e em baixo por botões. Bem básico, mas que acompanhado com uma sandália bonita e algumas pulseiras me deixava mais arrumadinha. E seu olhar, no momento, parecia estar desabotoando cada um dos malditos botões, me fazendo remexer na cama, apertando as pernas buscando aliviar a sensação.

A impressão que eu tinha era que ele me mandaria calar a boca, e me jogaria pra trás, terminando o que tínhamos começado. Mas, surpreendentemente, ele solta um suspiro e se vira de frente, disposto a, finalmente, conversar comigo.

— Desculpa. Eu não quero que você pense que eu sou um ogro. É que eu não saio com ninguém há muito tempo.

— Quanto tempo? – sinto uma pontada no peito, imaginando-o contar que semana passada encontrou alguma piranha aqui mesmo nessa cama, pra se aliviar.

— Quatro anos. – sua cabeça gira em minha direção, o olhar firme me confirmando que ele estava falando sério. Então ele volta a atenção pro ponto vazio da parede, me deixando um tanto surpresa.

Então ele não saía com ninguém desde que sua esposa morrera... Começo a lembrar de sua irmã dizendo que ele nunca permitiria alguém chegar perto, de que nada iria alcançar o que eles tiveram um dia, a forma como, constantemente, ele busca apoio na aliança que carrega consigo. Minha mente é bem carrasca, vocês devem concordar. Procuro algo pra dizer em voz alta no momento, mas nada me ocorre.

— Sei o que deve estar pensando. E, se for como eu penso, você está provavelmente certa. Eu amei muito Sofia, e não me recuperei ainda, Babi.

É como ter um punhal rasgando meu peito de cima até em baixo, sou obrigada a fechar os olhos e buscar um pouco de ar, tentando aliviar o

PERIGOSAS ACHERON

que estou sentindo no momento. Porque uma coisa é você fazer conjecturas, imaginar situações. Outra coisa é você ter a certeza nua e crua daquilo que você só pensa ser verdade.

Engolindo a saliva com dificuldade, abro os olhos e vejo o par de safiras me encarando, os lábios em uma linha fina, o maxilar travado, duro. Seu corpo estava inclinado pra frente, com os cotovelos apoiados nas coxas, então ele simplesmente deixa a cabeça tombar quando vê que eu não vou dizer nada em resposta, e continua.

— Eu conheci a Sofia muito novo. Só tinha namorado uma vez, e era coisa de criança ainda. Namorinho bobo, nada sério. Mas eu sabia que com ela seria diferente. Como foi. Nos casamos depois de seis meses.

O ar fica mais pesado, e eu começo a respirar com dificuldade, porque não sei se quero ouvir ele declarar novamente o amor incondicional e infinito por sua mulher. Ex-mulher. Como eu a chamo? Não faço ideia. Não posso chamar de defunta, seria desrespeitoso. Eu acho.

— Eu pensei que seria pra sempre. Tinha essa certeza aqui dentro do peito — sua voz se

PERIGOSAS ACHERON

quebra um pouco – mas não foi bem assim que aconteceu. E eu fiquei perdido. Tinha jurado que ela seria a única, e, por isso, faz sentido trazer isso aqui comigo, pra sempre. Entende?

Ele segura a corrente nas mãos, trazendo a aliança, enquanto me pergunta se eu entendo, e eu vou dizer o que? Que não compreendo, quando eu posso ver o quanto ele gostava da mulher dele? Só balanço a cabeça, ainda impossibilitada de falar qualquer coisa que seja. Ele talvez saiba que eu estou mexida com tudo isso, porque estica sua mão, até alcançar a minha, a mantendo presa na sua.

— Eu não esperava encontrar você, Babi.

— Posso dizer que estamos quites?

— Falo sério. Eu não entendo ainda o que está acontecendo comigo. A minha intenção era simplesmente viver minha vida em paz, até aparecer você e seu queixo atrevido me tirando o sossego.

— Você tem uma fixação por queixos, moço... – brinco, usando a forma como o chamei de início, quando não lembrava seu nome.

— Queixos, não... – lentamente, sua mão

vem até meu queixo, o polegar fazendo um carinho doloroso – só o seu. Nenhum outro tem esse furinho...

— Gael... – sussurro, já sem ter a menor certeza do que eu quero ou preciso. Não é como se ele fosse indiferente a mim, posso ver, e sentir, que ele não é. Mas como mergulhar de cabeça num relacionamento sem saber se ele vai estar livre o bastante pra fazer o mesmo? Lembro-me de uma vez em que li uma frase sobre certificar que a casa está vazia antes de morar em um coração ocupado, e pode ser que eu esteja exatamente correndo esse risco. Mas e se eu pudesse morar só um pouquinho nessa casa, um tiquinho só?

Novamente sou puxada e, se aproximando lentamente, ele afasta meu cabelo, voltando a dar atenção ao meu pescoço. Indo direto a um ponto específico na parte de trás da minha orelha que faz com que meu corpo comece um pré processo de combustão combinado com um arrepio que o percorre inteiro, iniciado pela base da espinha. Frio, quente. Quente. Mais quente.

— Você é tão cheirosa... – seu nariz percorre meu pescoço, descendo pelo ombro,

enquanto suas mãos apertam minha cintura e eu passo a me perguntar porque não deito aqui e termino logo com essa angústia. Sorrateiramente ele abaixa a alça do meu vestido, beijando meu ombro, passando a língua, cheirando. Me enlouquecendo.

— Ah, meu Deus...

A sanidade vai pro espaço. Em um segundo estou sentada em seu colo, novamente perdida em um beijo avassalador. Pensar em não ter isso é quase tão doloroso quando pensar em ter pela metade. Meu subconsciente fica gritando coisas como amor próprio, valorização, vergonha na cara, mas que pra mim parecem mais palavras soltas ao vento enquanto tudo o que eu preciso é continuar recebendo sua língua experiente, vasculhando minha boca, cada canto dela.

Minhas mãos passam a explorar seu corpo, por cima da camiseta, e por Hera... ele é todo firme! Posso sentir os gominhos de seu abdômen na ponta dos meus dedos, sua cintura firme, suas costas musculosas. Instintivamente, passo as unhas nas costelas, e ele solta um grunhido, me trazendo ainda mais perto. E, dessa forma, sentada em seu

colo, de frente a ele, meu corpo já está buscando uma liberação, um alívio.

Assim como ele, não me envolvo com ninguém há um bom tempo. Tive um namoradinho assim que voltei à capital, mas nunca passou de uns rasos beijos no portão quando eu vi que tudo o que ele queria era uma forma de descarregar rapidamente seus hormônios em uma garota que vivia sozinha. Não precisar pagar motel é algo importante para alguns rapazes, aparentemente.

Mas, intimamente, meu último – e único – homem havia sido Dimi. E, exatamente por causa disso, me envolver assim com outra pessoa tinha se tornado tão complicado. E sim, eu sei, pensar nele agora parece errado, mas é inevitável a comparação. A forma como Gael me segura, ainda que com firmeza, é completamente diferente da forma como eu era tratada antes. Agora eu consigo sentir desejo, cuidado, carinho... tudo ao mesmo tempo.

— Queria muito terminar isso aqui e agora, menina, mas eu não tenho preservativos aqui...

Eu devo ter lamentado ruidosamente, porque pude ouvir uma risada, rouca e baixa, vindo

PERIGOSAS ACHERON

direto do seu peito, entre um beijo e outro. Queria dizer que não me importo, mas sabendo que não tomo pílula, agradeço mentalmente o cuidado – e o fato dele não andar pra lá e pra cá com preservativos extras.

Sei que tenho que deixa-lo, mas meu corpo ainda pede por mais. Ainda pede pelo alívio que não veio, ainda segue em chamas, e por isso me aproximo um pouco mais, roçando em seu membro ridiculamente teso. Surpreso, Gael joga o pescoço pra trás, me deixando ter uma visão um pouco privilegiada de seu pescoço sexy. Sem pensar muito, passo a língua em seu pomo de adão, e o ouço grunhir, rouco.

Sinto quando sua mão sobe pela minha coxa, por baixo da saia do vestido, em um movimento lento e tortuoso, deixando um rastro de fogo pelo caminho, em direção ao lugar mais íntimo de meu corpo. Arfo em sua boca, em expectativa, quase implorando que me toque, bem ali.

Não preciso implorar. Trêmula, sinto seus dedos roçando sob a calcinha, já molhada de excitação.

— Puta que pariu, Babi... — o tecido é, lentamente, afastado e sinto o calor de sua pele quando seu dedo me alcança. Estremeço, gemendo alto, e passo a rebolar, instintivamente, buscando mais do seu toque. Sem perceber quando, ou como, um dos meus seios está exposto, e seus lábios se fecham em meu mamilo, sugando com força. Uma sequência de sugadas, lambidas, mordidas, combinadas com seu toque firme e preciso, me tiram de órbita.

Foi como se eu entrasse em combustão. Meu corpo inteiro se contraiu, ondulando, enquanto eu me apoiava em seu peito. Gael também gemia, seu quadril se movendo de encontro ao meu corpo, quente como o inferno. Quando tudo terminou eu desabei, mole, trêmula, enquanto sua mão se afastava lentamente, e fazia o caminho inverso, em minhas costas, me segurando, acalentando.

A respiração demora a tomar seu curso natural, mas o coração disparado, esse eu tenho certeza que nunca mais vai bater normalmente. Fecho os olhos, ainda aninhada em seu peito, sentindo sua mão fazendo um carinho em minhas costas, tendo a sensação de que ele está tão

bagunçado como eu. Torcendo que esteja, na verdade.

Depois de tomar coragem, ergo meu rosto, buscando seus olhos, pedindo em silêncio que não veja nenhum arrependimento ali. E o que encontro me surpreende: um ar divertido, zombeteiro até.

— Estou todo gozado...

PERIGOSAS NACIONAIS



25

Gael

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aperto o fecho da corrente, segurando a aliança em minhas mãos, buscando dentro do peito algum sentimento contrário, tentando me acusar de algo. Não encontro nada. Passo os olhos pela mão esquerda, agora tendo somente a marca grossa no dedo anelar, e trago novamente a corrente, agora contendo duas alianças, pros lábios. Deixo um beijo, e guardo, como de costume, em baixo da camiseta.

Ainda não estou pronto pra tirar a aliança de vez, mas tomei consciência de que não preciso ficar esfregando na cara de Babi o tempo todo. Ela não me pediu que tirasse, nunca pediria, mas entender que ver a machuca deixou a escolha mais fácil.

Impulsiono meu corpo pra trás, deitando de costas no colchão, lembrando novamente da noite inacreditável de ontem. Era para ser um jantar de desculpas, e acabou exatamente aqui, nesse colchão. Parece que ainda posso senti-la se desmanchando em meu colo, fora de si. E eu, que não gozava nas calças desde que era um adolescente... sorrio, jogando o braço sobre os olhos. Que coisa maluca!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não pensei que me sentiria assim. Fiquei o tempo todo incomodado com a frieza que Babi demonstrava, querendo ganhar apenas um sorriso que fosse. Merda, um olhar enviesado seria o suficiente, mas nem isso ela dirigia a mim.

Agarrei como um maldito faminto a ideia de trazê-la pra cá. Claro que eu não tinha intenção de fazer as coisas ficarem mais íntimas, isso sequer tinha passado pela minha cabeça, mas... quando ela tentou fugir de mim, se debatendo, me empurrando, eu só conseguia ficar mais consciente do seu corpo, do seu perfume. Aquela pele macia, e, de repente, aquela rendição tiraram o foco de tudo ao meu redor. Naquela porta da cozinha, eu só queria beijá-la de novo.

Ela é só uma menina... Valente, atrevida, responsável, mas só uma menina... Lembro como senti a aliança queimar em meu peito, como sempre acontecia toda vez que eu tentava dar um passo fora dessa bolha de solidão em que eu tinha me colocado, quase um lembrete de que eu não merecia nada de bom. Eu tinha que continuar sozinho, não podia cruzar essa linha. Então a afastei, mas seus olhos tinham tanto sentimento...

PERIGOSAS ACHERON

Como pode uma pessoa como ela se interessar por um desgraçado como eu? Sem nada a oferecer?

Ergo novamente a mão esquerda, a trazendo aberta em minha linha de visão. Deveria me sentir mal por estar sem aliança agora, não? Mas a única coisa que me incomoda no momento é a sensação de não ser possível dar a Babi o que ela talvez mereça. Um corpo quente, beijos furtivos, isso não me custaria. Depois de tê-la aqui, vejo que não custaria nada mesmo. Mas sinto que não passaria disso, não sei se conseguiria mais que isso. Ela merece alguém melhor do que eu, alguém inteiro.

E pensar que ela vai me mandar à merda quando tiver essa noção me causa um incômodo ainda maior. Maldita confusão... Mas enquanto ela não me manda à merda, eu vou aproveitar sua companhia.

Me coloco em pé, já buscando a chave do carro. Depois de deixa-la em casa ontem a noite, combinei de vê-la hoje. Minha vontade tinha sido ficar por lá mesmo, principalmente depois de tê-la beijado de novo, a prensado ali mesmo na porta de sua casa, mas me vi sendo empurrado em direção ao portão, praticamente expulso. Gozando nas

PERIGOSAS NACIONAIS

calças e expulso da casa da namorada...

Namorada, Gael? Ficou maluco?

Desço as escadas, balançando a cabeça por estar parecendo um maldito adolescente.



Estaciono um pouco afastado de seu portão ao ver um carro já ocupando a vaga em frente. Desço, olhando a placa, e notando que eu não conheço o proprietário. Estranho, por saber que Babi não tem parentes – ou ao menos disse não ter – e descarto ser visitante de qualquer casa vizinha, já que é o único carro estacionado em frente as cinco casas mais próximas.

O ar me falta ao chegar no portão e ver Babi conversando com um homem, na porta de entrada da sua casa. O sujeito, mais velho, tem a mão pousada na curva da sua coluna, e fala alguma coisa em seu ouvido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O que eles conversam? Que intimidade é essa? Me pego dividido entre a vontade de virar as costas e ir embora, e a vontade de entrar e torcer a mão dele, pra nunca mais encostar nela. E ela? Porque deixa ele se aproximar assim? Quem é esse homem?

Minha mente começa em um loop interminável onde eu a beijo na sala de sua casa sem nenhum esforço, o rapaz da lanchonete faz perguntas inapropriadas e ela ri, Pedro e ela trocam olhares e sorrisinhos, e quando menos espero estou empurrando o portão, as mãos fechadas em punho, querendo socar o sujeito e chacoalhar ela até entender que ninguém pode colocar-lhe a mão.

O portão deve ter feito barulho porque seu olhar encontra o meu, e em meio à minha loucura posso enxergar um certo alívio em me ver subindo os poucos degraus.

— Gael! Você demorou...

— Espero não ter chegado cedo demais. Odiaria atrapalhar alguma coisa por aqui...

Ela estreita o olhar, e ergue o queixo daquele jeito atrevido, me deixando ainda mais

PERIGOSAS ACHERON

puto. Só então me volto ao homem a nosso lado, que tem um sorriso um tanto nojento no rosto.

— Já está indo? – Pergunto, meneando a cabeça em direção ao portão.

— Sim, claro. Só vim deixar um recadinho pra Bárbara. – E se virando, pisca o olho como se fossem muito íntimos – A gente se fala depois.

Fico acompanhando com o olhar até que ele esteja dando partida em seu carro, e quando me volto, Babi já está entrando, indo direto até sua cozinha. Sigo atrás, pisando duro, puto da vida em ter chegado aqui e encontrado outro cara junto dela.

— Quem é esse cara? – Ela não se digna a parar e sequer responder, continua o caminho só parando em frente à geladeira, que abre retirando uma garrafa d’água – Babi, eu te fiz uma pergunta!

— Que eu não tenho obrigação nenhuma de responder, ainda mais pra alguém que já tem uma resposta pré-definida.

— Como assim não tem obrigação de responder? Você marca comigo, eu venho e tem outro cara no meu lugar e...

— Viu? – ela bate, com força, o copo na pia

PERIGOSAS ACHERON

e se volta, me enfrentando – Resposta pré-definida. Na sua cabeça, você já criou a história Gael. Não preciso responder nada.

Babi me tira do sério. Não sei o que essa garota tem, que desde que apareceu, resolveu mexer com tudo o que eu tenho aqui dentro. Sinto uma raiva inexplicável, uma vontade de socar tudo em volta, de chacoalhar ela até pedir desculpas, de beijá-la inteira e marcar ela como minha garota, assim nenhum folgado nunca mais chegará perto dela.

E é com essa confusão de sentimentos que eu me aproximo, e a pego pelos braços, a trazendo mais perto de mim.

— Não me provoca, Bárbara. Quem é esse cara?

— Não interessa, Gael – ela não facilita, me afastando e saindo de perto – Agora se você já terminou o seu showzinho, pode ir embora. Vou buscar o Bruno...

Ela passa por mim, tentando se afastar, mas sou mais rápido. A menina parece uma gata brava, se debatendo, me empurrando, chutando feito um

moleque de rua.

— PARA COM ISSO AGORA!

— Não, você para com isso! Quem você pensa que é, Gael Prieto? Você chega aqui, tirando suas conclusões, como se fosse dono do pedaço? Deixa-me te contar a novidade: você não é, colega. Não é nada meu e eu não te devo satisfação do que eu faço ou deixo de fazer. Agora vai embora!

— Não fala assim...

— Não quero te ver aqui. Vai embora, Gael.

A vontade que eu tinha era coloca-la no meu colo e encher essa bunda de tapas. Ainda fervendo de raiva, e, querendo evitar fazer exatamente isso, simplesmente a largo, viro as costas e saio sem olhar pra trás.

Desço as escadas feito um raio, alcanço meu carro e entro, batendo a porta com força. “Você não é nada meu.” Não sou mesmo, moleca atrevida!

O que tem essa menina que sempre me deixa fulo da vida? Tô sempre perdendo o controle, mal me reconhecendo? Eu não sou assim, nunca fui assim. Inferno!

Conforme vou me afastando de sua casa, meu coração batendo feito louco no peito, tento me acalmar e entender que loucura toda foi essa. Pedro cansou de me dizer que eu tinha ciúmes dela... será que é isso? Eu fiquei com ciúmes?

Quem será aquele cara? “*Vim deixar um recadinho pra Bárbara,*” de que recado ele falava? Em um movimento brusco, estaciono o carro em uma rua qualquer, tentando desanuviar o pensamento. Ela estava sozinha em casa, recebendo alguém que não parecia lá estar com as melhores das intenções, então porque deixou ele entrar?

Até que uma hipótese me causa um arrepio na espinha. E se ele não pediu pra entrar? A menina viveu por anos em um relacionamento abusivo, será mesmo que ela sabe lidar com alguém forçando a situação?

Refaço mentalmente minha chegada, quando notei ele falando em seu ouvido, as mãos na cintura dela e... o olhar aliviado que ela me lançou quando eu cheguei. *Merda, Gael.*

Ligo o carro e rapidamente faço o retorno, voltando em uma velocidade talvez não muito aceitável pra pista e horário, mas dane-se. Chego na

PERIGOSAS ACHERON

metade do tempo que levei saindo daqui, e estacionando de qualquer jeito, saio do carro e não perco tempo batendo. Subo os degraus correndo, forçando a porta que se encontra encostada, torcendo pra não ter feito nenhuma merda indesculpável. De novo.

Babi está sentada no sofá, encolhida, as mãos cobrindo o rosto, soluçando. Se assusta com o barulho da porta abrindo, e eu decido não lhe dar tempo de reação. Simplesmente me ajoelho em sua frente e a tomo nos braços, em um abraço apertado, que a faz cair no choro novamente.

— Desculpa, neném... Me perdoa.

— Pensei que você tinha ido embora... — ela enfrenta, sem dar o braço a torcer.

— Você mandou, mas eu sou teimoso. Olha pra mim — eu peço, ela ergue o rosto lindo, todo molhado de lágrimas, fazendo com que eu me sinta mais culpado que nunca — Eu sou um idiota, mas isso você já sabe. O que você não sabe, mas nem eu sabia, é que eu sou ciumento. Eu fiquei com ciúmes, me perdoa.

— Ah jura que você vai mandar essa

história de ciúmes? E ainda mais ciúmes daquele nojento?

Ela parece ofendida, e acho até bonitinho. A trago mais pra perto, deixando um beijo no queixo furado, que já está aqui, provocando como sempre.

— Ciúmes de qualquer um. Nunca tive ciúmes antes, Babi. Não sei lidar com isso. Você vai ter que ter um tiquinho de paciência comigo nesse ponto.

— Como assim, nunca teve ciúmes antes?

— Nunca tive. Juro.

Uma infinidade de coisas passa pela cabeça dela, e eu queria ter o poder de ler pensamentos e saber o que tanto ela pensa. Talvez ela queira me chutar fora de novo. Talvez esteja pensando que eu sou um mentiroso filho da mãe nesse lance de ciúmes. Eu devo ter franzido o cenho sem perceber porque, sem motivo algum, ela passa a fazer um carinho com o polegar entre minhas sobrancelhas, enquanto continua me analisando.

— Existem algumas pessoas que entram naquela gaveta de “as últimas pessoas com quem você se relacionaria,” e o Éder está nessa gaveta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas se ele está nessa gaveta, porque deixou ele colocar as mãos em você, Babi?

É, eu sei, eu sei. Um idiota, confesso. Senti quando o corpo dela se retesou, tentando se afastar de mim, mas não deixei. Em um movimento rápido eu me sento no sofá, a trazendo pro meu colo, mantendo o abraço apertado.

— Porque vocês homens pensam que tudo de desagradável que acontece com uma mulher aconteceu porque ela consentiu primeiro? É sempre a mesma história, a culpa é sempre nossa, porque a gente sempre “deixou” o babaca da vez mexer com a gente, que inferno!

— Perdão. — Puxo sua cabeça e dou um selinho, para acalmá-la — Você tem razão, eu que sou um babaca que falo sem pensar. O que acha de eu nunca mais abrir a boca pra nada?

— Pra nada? Não concordo não...

O tom era zombeteiro, mas logo o ar em volta mudou. Ficou mais denso, mais difícil de respirar. Eu estava muito consciente do corpo pequeno e cheio de curvas sentado em meu colo, vestindo apenas um vestidinho frente única preso

PERIGOSAS ACHERON

no pescoço. O perfume doce que ela usa agindo como um ímã, me chamando pra senti-lo direto da fonte, na curvinha espetacular do seu pescoço. Assim que encosto meu nariz ali, e sorvo seu perfume, sinto ela prender a respiração, ansiosa, esperando meu próximo movimento.

— Senti sua falta – digo, baixinho, próximo ao seu ouvido, sentindo a respiração sendo solta, devagar, como se ela temesse soltar o ar de uma vez e algo se quebrasse.

— N-ão sei se acredito – a atrevida desafia, enquanto eu sigo cheirando lentamente seu pescoço, seu maxilar, e vendo sua pele arrepiar conforme eu subo lentamente as mãos por seus braços nus.

Querendo mostrar-lhe que, sim, eu senti muito a falta dessa diabinha, a puxo um pouco mais perto, fazendo com que sinta o meu amigo íntimo muito acordado e disposto dentro da calça.

— Acredita agora?

Ela nada responde, apenas balança a cabeça, confirmando. Sinto quando seus dedos me tocam o peito, por cima da camiseta que passa a ser um

incômodo gigante. Me policio evitando arrancá-la por cima da cabeça de imediato. O toque, a princípio tímido, passa a ser um pouco mais ousado. A mão espalmada passa a explorar, descendo até meu abdômen, passando pela cintura, subindo pelas costelas.

Tomo seus lábios num beijo sedento, explorando sua boca inteira, chupando sua língua. E ela corresponde, com a mesma paixão. Mantenho sua cabeça presa, segurando sua nuca, no ângulo perfeito pra que eu tome absolutamente tudo o que ela me oferece.

Não penso mais racionalmente, se quer saber. Minhas mãos passam pelas costas nuas, no decote do vestido, e a pele macia me tira do prumo. Sigo direto pro botão que prende a alça do vestido, soltando o infeliz, e fazendo com que a parte de cima caia livre, deixando seus seios à mostra.

Me afasto, buscando olhá-los e eu poderia me perder agora, somente com essa visão. Seus seios são lindos, apesar de pequena a menina tem os seios volumosos, redondinhos, que cabem perfeitamente na minha mão. Espalmo as mãos na lateral, apertando os dois o máximo que consigo e

deixando os bicos lindos um pouco mais arrebitados, já pensando em tudo o que eu vou fazer com eles.

— Como você é linda... — abaixo a cabeça, abocanhando um dos seios, segurando o bico nos dentes e passando a língua em seu bico. Babi solta um gemido mais alto, segurando meu cabelo, e isso é uma porra de um incentivo.

Não posso terminar isso aqui no sofá da sala. Em um movimento rápido, me levanto com ela nos braços, e enquanto ela enlaça minha cintura com suas pernas, eu já estou caminhando pela pequena sala.

— Cadê o Bruno?

— Lola. Eu falei que você vinha. Foram ao cinema.

A menina responde entrecortada, e eu saio desesperado entrando na porta do único cômodo que eu ainda não conhecia. Uma cama, é tudo o que eu preciso agora.

Gentilmente a coloco em pé no chão, e o vestido soltinho cai pernas abaixo, se amontoando sob os pés pequenos, a deixando apenas de

calcinha. Me paro por um minuto pra admirá-la. Seus cabelos, de um tom castanho mais claro, caem por cima de seus ombros. Os olhos mais escurecidos, a pupila dilatada. Os lábios, vermelhos, estão entreabertos, um pouco inchados por conta dos beijos que trocamos. O peito sobe e desce, a respiração irregular exigindo um pouco mais dele, chamando atenção para os seios lindos, os bicos intumescidos, me esperando. A barriga lisinha, leitosa, com a pele salpicada de algumas pintinhas marrons. A cintura fininha, que abre num quadril delicioso, redondo. As mãos fechadas, ao longo do corpo, demonstrando o nervosismo. E a calcinha, única peça que ela veste no momento, um pedacinho de algodão liso, branco e minúsculo. As coxas grossas se movimentam quando ela troca o peso do corpo de uma perna a outra.

— Babi... — me aproximo, lentamente, segurando sua mão pra liberá-la do vestido. Me controlando, na verdade, porque por dentro pareço um animal selvagem querendo joga-la em cima da cama e me afundar dentro dela até não conseguir mais andar depois.

Junto seus cabelos em minha mão, erguendo

seu rosto e a trago pra mais um beijo, enquanto exploro seu corpo com a mão livre. Vou direto para as suas nádegas e, por Jesus Cristo, que bunda maravilhosa.

Me afasto um pouco, tentando recobrar um certo controle, porque do jeito que estou daqui a pouco estarei todo melado, e não tenho intenção de gozar nas calças hoje. Seguro a camiseta pela barra e a tiro por cima da cabeça. Ouço um som abafado e, quando olho para a menina à minha frente, ela tem os olhos rasos d'água, olhando diretamente pro meu peito.

— Ei, o que foi?

— Você tirou... — suas mãos vão direto até a corrente que eu carrego, agora, as duas alianças e eu penso que, mais uma vez, essa aliança vai estragar as coisas. Chego a sentir um certo desespero em pensar que novamente ela vai me mandar pastar, com aliança e tudo, quando sou surpreendido sendo puxado pra um beijo.

E cada beijo que ela me dá parece que vai cavando um túnel, abrindo paredes, iluminando um espaço que era frio e sem graça, trazendo cor e som. Consigo até ouvir meu coração batendo, tão

PERIGOSAS ACHERON

forte e fora de ritmo que chega a doer.

A deito na cama, nossos olhos cravados um no outro, e me levanto novamente, pegando o preservativo na carteira, colocando ao lado do travesseiro e tirando as calças, chutando o sapato e as meias. Fico só de boxer preta, e posso ver a atrevida me analisando, enquanto eu volto pra cama.

— Você é lindo demais, Gael... — seus dedos passam pelo meu rosto, descem pelo meu peito, e combinados com seu olhar e o tom doce de sua voz, é quase como uma cantiga.

— Você que é linda, neném. Linda e me deixa doido.

Prendendo seu olhar em mim, me afasto um pouquinho e tiro sua calcinha, lentamente. Lambo meus lábios e não consigo deixar de sorrir de lado quando ela abre os seus, arfando, em expectativa. Afasto suas pernas e a vontade que eu tenho é cair de boca, imediatamente. Mas, diferente disso, encosto meu nariz, brincando com o caminho recém depilado, sentindo sua excitação, seu cheiro... Passo a ponta da língua em seu clitóris, experimentando, testando, e ela arqueja,

PERIGOSAS ACHERON

estremecendo inteira.

Coloco os braços por baixo de suas pernas, e com a mão firme faço com que abra mais as coxas. E então a abocanho, com gosto. Lambendo e chupando com toda a dedicação possível, enquanto ela se contorce sob mim, erguendo seu quadril de encontro ao meu rosto, buscando mais e mais contato.

Se eu achava o beijo dela delicioso, tenho certeza que posso ficar viciado no sabor e na textura da sua carne macia. Na forma como sua fenda engole meu dedo, quando eu a penetro enquanto continuo a sugando, bebendo seu líquido...

— Deliciosa...

Babi grita meu nome, puxa meu cabelo, ensandecida e isso faz com que urja dentro de mim um sentimento diferente. Uma vontade de possuí-la, e fazer com que ela nunca mais esqueça esse momento entre nós.

— Queria esperar mais, neném, mas não vai dar não... — me ergo rapidamente, tirando a cueca, alcanço o pacote com a camisinha, o rasgo com os

PERIGOSAS NACIONAIS

dentes e deslizo pela minha ereção, que nesse ponto está dolorida feito o inferno.

Safada, a diaba olha pro meu pau e lambe os lábios, dando um sorriso que acaba comigo. Até me preparo pra responder, mas ela só abre os braços, me chamando.

— Vem aqui, vem...

E eu vou. Me enterro nela, sentindo-me no próprio paraíso. A menina é apertada, e quente pra caralho. E me quer, tanto quanto eu a quero.

E enquanto eu me entrego, curtindo cada minuto, sequer percebo que aquele vazio imenso que eu sinto há tanto tempo está bem menos dolorido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

Estar deitada aqui em seu peito, sentindo seu ressonar suave, é quase como um sonho. Tanto que mal quero me mexer, correndo o risco de estourar a bolha e acordar sozinha no sofá da sala. Olho sua mão pousada em cima da barriga, e me emociono de novo a não ver o brilho ali. Não falamos sobre isso, mas ver que ele tinha tirado a aliança da mão, ainda que tenha colocado na correntinha do pescoço, mexe com meu coração.

E me amedronta. Porque Gael está entrando em um local que, até pouco tempo atrás, era proibido. Tomando espaços sem mesmo pedir. E eu tenho medo de não acontecer o mesmo com ele. Dele virar as costas e me deixar. E, fazendo isso, arrasar com tudo sem deixar nada pra trás.

Quando ele saiu porta afora, mais cedo, eu pensei que fosse sufocar. Esperei por ele a manhã inteira, pedi pra Lola tomar conta de Bruno o resto do dia, tomei banho e escolhi minha roupa com cuidado, queria parecer casual sem ser desleixada, tudo pra ele.

Sorrio, ainda lembrando de Lola, toda desconfiada, perguntando se eu tinha certeza que

PERIGOSAS ACHERON

ele não era o pai de Bruno. E eu, dessa vez, lamentando o dobro por ele não ser.

Ainda estava animada, logo após ver minha amiga saindo em direção ao ponto de ônibus com um saltitante moleque ao seu lado, quando Éder chegou. Com seu jeito nojento de me olhar, sem disfarçar por um minuto suas intenções.

— *Éder, eu estava de saída...*

— *Ah, que pena. Mas vamos entrar, eu tenho algumas coisas pra te falar...*

E entrou, sem nem esperar um convite, como se o fato de ser o proprietário da casa lhe desse direito de entrar quando quisesse.

— *Pode falar, Éder, mas por favor, seja rápido, porque estou realmente de saída.*

— *Eu vim te chamar pra ir num pesqueiro que tem aqui perto, Babi. Uns quarenta minutos daqui.*

— *Você já me chamou outras vezes, esqueceu? Eu não gosto de pescaria...*

— *Não precisa pescar, preciosa. Basta ficar lá, tomando uma cervejinha, comendo uns petiscos.*

O lugar é bem agradável e ainda tem um hotel, caso fique tarde demais pra voltar.

— Eu realmente agradeço, mas não tenho a menor vontade de ir.

O temor que me deu quando ele cerrou os olhos, como se não aceitasse não como resposta e fosse me pegar à força ali mesmo. Pensar nisso ainda me causa arrepios. Principalmente quando lembro que ele colocou a mão na minha cintura e eu, paralisada, não consegui reagir de imediato, e não reagir nunca é uma boa nesses casos. Eles vão sempre achar que você está de acordo.

Se reagindo já é ruim...

— Eu acho que você não tem muita consideração por mim, preciosa. Sabendo que são tantas as pessoas que procuram uma casa pra morar e que eu posso, num segundinho, pedir a casa e cobrar até mais caro de um novo inquilino do que você paga... entende?

O aperto em minha cintura, combinado com o perfume nojento, acho que da loção de barbear que ele estava usando, estava me dando vontade de chorar. E ele deve ter percebido, porque sorriu,

achando que estava ganhando terreno.

— *Não precisa muito, preciosa. Uma tarde somente, você não precisa ser tão puritana, afinal de contas já tem até filho. Já pensou o tanto de benefícios que pode ter comigo se me agradar nem que seja só um pouquinho?*

Lembrei de tanta coisa nesses minutinhos que se arrastaram parecendo horas. De todas as vezes que Dimi me encurralava, falando manso mas com uma ameaça velada, querendo que eu fizesse exatamente o que ele desejava. Era sempre desse mesmo jeito, um aperto mais forte em qualquer parte do corpo que estivesse ao seu alcance, um sorriso forçado, uma voz mansa, como se dissesse: ‘Você não perde por esperar.’

E então eu vi Gael chegando, e foi um alívio tão grande. Queria correr pros seus braços, me sentir segura novamente, protegida, acalentada. Mas quando ele falou comigo, sugerindo que eu estivesse ali com Éder, o chão sumiu sob meus pés. E, novamente, várias lembranças voltavam, onde eu era acusada de fazer as coisas, essas coisas, sendo inocente.

Queria bater nele. Queria socar ele até eu

PERIGOSAS ACHERON

desmaiar de exaustão, tamanha decepção eu estava sentindo. Gritei com ele, mandei ele embora. E ele foi, rasgando meu peito no processo. Sentei e chorei, gritei, me xinguei. Burra, idiota, jumenta, cretina. Chorei tanto que não ouvi quando ele voltou, minutos depois, abrindo a porta e me puxando para os seus braços, se desculpando, dizendo estar com ciúmes.

Ciúmes. Ele tem ciúmes de mim... É o argumento mais idiota que a gente escuta nessas horas mas ele, realmente, parecia sincero. Fiquei um tanto chocada quando ele dizia que nunca tinha sentido ciúmes antes. Como pode, foi casado há tanto tempo... e vai ter ciúmes logo de mim? Porque? É um tonto, mesmo... se ele soubesse que desde que o vi a primeira vez não consigo achar graça em mais ninguém, ele ficaria ainda mais arrogantemente insuportável do que já é.

Tento conter uma risadinha mas falho no processo, e isso acaba o despertando. Meu coração falha uma batida quando vejo seus olhos se abrindo, lentamente, procurando por mim.

— Não me olhe com essa cara, sua desalmada. Ainda estou em processo de

recuperação.

— Pelo que eu me lembre, quem estava em posição de sentido permanente era você, moço...

“Estava” não é bem verdade, porque basta um olhar furtivo e vejo que ele está novamente ali, se posicionando. Arregalo ligeiramente os olhos e, me virando novamente em sua direção, posso ver aquele sorriso arrogante que eu tanto amo.

— A culpa disso é toda sua, neném.



Já falei, mais de uma vez, que lembrar do ex nessas horas não é correto. Certo? Mas não tem como não me lembrar. Eu não tive uma transa memorável com Gael. Foram algumas, perdi as contas, mas com certeza mais de uma. Um banho muito animado. Um teste na pia da cozinha, enquanto eu tentava nos servir de água. Muitos beijos, muito carinho, vários orgasmos. E agora estou sentada no sofá, aninhada em seus braços,

PERIGOSAS ACHERON

aguardando Lola chegar com Bruno.

Eu nunca tive isso. Pode parecer mentira, afinal de contas éramos jovens, recém saídos da adolescência, e essa época é cheia dos melodramas e dos amores épicos e infinitos, mas não foi assim comigo. Dimi vivia dizendo que me amava, que era louco por mim, que eu seria sempre dele, que eu era a mulher de sua vida. Mas não tinha esses rompantes de carinho, de cuidado. Perdi as vezes em que eu saí machucada, por vezes sangrava. Nosso sexo era sujo, quase sempre violento. Ele me batia, puxava meu cabelo, apertava meu pescoço até eu quase ficar em ar enquanto me penetrava sem o menor cuidado. Forçava a fazer anal, me fez pegar nojo de oral. E dizia que isso era normal, que sexo era assim mesmo, era pra mostrar vontade, mostrar desejo.

“Você reclama demais. Que graça tem se não for assim, agapi mou?”

Não me lembro de uma só vez em que fui penetrada tendo seus olhos nos meus, como tive os de Gael hoje. Totalmente focado em mim, cativo. A lembrança de seus olhos grudados nos meus enquanto se derramava dentro de mim chega a me

arrepiar. E ele, claro, percebe.

— Tá com frio, neném? – Ele esfrega meus braços, tentando me aquecer, e eu ergo o rosto, deixando um beijo em seu maxilar.

— Não. Estava pensando.

— Pensando? No que?

— Várias coisas. – Suspiro, sem saber direito se eu devia falar sobre aquele estúpido com ele – Incluindo isso aqui... – me aconchego ainda mais em seu abraço, e ganho um beijo no topo da cabeça.

— Coisas boas, espero.

— Coisas ótimas. Obrigada, Gael. Hoje foi... especial.

— Tirando a parte que eu fui um idiota, pra variar?

— Sim. Me preocupo o dia em que você não for um idiota ao menos uma vez por dia. Vou pensar que foi abduzido, ou possuído por alguma força diferente.

Ele solta uma interjeição, fingindo revolta, e me dá uma mordida no ombro, como “punição” e

passa a língua em seguida, exatamente ali onde mordeu.

— Para, Gael. Daqui a pouco a Lola chega e vai ser constrangedor eu ter que me vestir correndo antes de atender a porta.

— Não precisaria se vestir correndo se tivesse seguido meu conselho e colocado outro vestidinho.

Ajeito meu corpo, me colocando de frente com a intenção de chamar sua atenção, pra deixar de ser insaciável. Mas fico paralisada com a intensidade que traz seu olhar. Me perco um pouco, e ergo minha mão, acariciando o rosto bonito.

— Foi especial pra mim também, neném.

Neném. Ele me chama de neném e eu nem posso começar a dizer o que ouvir isso, em sua voz rouca e baixa, causa aqui dentro do meu peito.

— Foi mesmo? – sussurro.

— Foi. Eu preciso parar por um tempo, depois, e tentar entender a bagunça que você causou aqui dentro – ele pega a minha mão e leva até seu peito, colocando em cima do coração. – Eu não esperava sentir essas coisas de novo, Babi.

Merda, eu sequer esperava sair com alguém novamente.

— Eu não esperava te ver sem aliança.

— E eu não esperava tirar. Mas não foi difícil, não como eu pensava que seria. Eu só vi que te machucava, e tirei.

Ele dá de ombros como se isso que tivesse me dito não fosse grande.

— Obrigada – eu falo, sinceramente, e ganho um sorriso, logo substituído por um olhar mais sombrio.

— Não me agradeça, neném. Eu não consigo tirar ela daqui ainda – ele puxa a corrente, tirando as alianças pra fora da camiseta, e fecha a mão em torno delas. – Eu preciso de uma finalização pra isso. Ainda vou me vingar daquele maldito, que mandou matar minha mulher. Nicolas Kyriacos não perde por esperar, eu vou acabar com ele.

Eu congelo ao ouvir o nome de Nicolas. É como se eu não pudesse me mexer, ouvir, ou ver mais nada. Por minha sorte, Bruno entra correndo sala adentro nesse exato momento, seguido por

PERIGOSAS NACIONAIS

Lola e Gael me solta um pouco, enquanto meu filho fica tagarelando, e comemorando a visita de seu amigo *gandão*.

Podia chorar, e não seria de emoção, ao ver Gael tão feliz carregando meu filho no colo. O neto de Nicolas.

— Tá bem amiga? Ficou pálida...

— Sim. Deve ser o calor.



Dimitrius

— Seu carro está com problema, senhor? — o rapaz tatuado pergunta, depois de ter batido no vidro do carro e me feito desviar o olhar do meu alvo. Se ele soubesse como detesto interrupções sairia daqui nesse exato momento.

PERIGOSAS ACHERON

— Problema algum, porque?

— Está aqui parado há tanto tempo, que achei bom perguntar...

— Você trabalha na companhia de tráfego? Veio me dar uma multa? – pergunto, já passando a mão por baixo da minha perna, onde a minha Glock fica sempre posicionada, em caso de necessidade.

— Não, senhor. Só vim perguntar mesmo se precisava de ajuda. Meu pai tem uma lanchonete ali na esquina, conhecemos todo mundo por aqui.

Isso não é uma boa notícia. Talvez eu precise dar um jeito no rapaz intrometido.

— Não preciso de ajuda não. E até onde eu estou vendo, não existe uma placa que me impede de estacionar aqui. Posso ajudar com mais alguma coisa?

O rapaz ainda pensa em dizer alguma coisa, mas desiste e segue caminho. Lanchonete na esquina... talvez seja o buraco onde esse burro de carga levou minha mulher outro dia. Tão inútil que sequer presta para trata-la como merece.

Preciso trocar de carro, esse aqui agora já ficou conhecido. Venho seguindo Babi sem parar

PERIGOSAS ACHERON

por todos esses dias, me segurando pra agir somente no momento certo, mas está cada vez mais difícil. Principalmente depois de saber que ela se deu a certas intimidades com o burro de carga. Como se já não bastasse ter me criado tantos problemas, ele ainda maculou a minha menina. Mexeu no que era meu, somente meu.

Imagino se ela nos comparou hoje. Ouvia ela gemer, entrei em seu quintal e segui os ruídos. Todas as vezes que ela chamou o nome dele foram as vezes que eu prometi a mim mesmo que ela pagaria por isso. Por permitir que seus lábios chamassem outro nome que não fosse o meu.

Sorrio, ao lembrar que não ouvi barulho de tapas. Ele tem bem a cara de ser sem graça, de fazer aquele papai-mamãe básico. Como pode, minha Babi, pensar em me trocar por ele?

Vou ter que lembra-la como realmente se faz amor. Vou ter que lembra-la de tudo. Mas antes disso preciso afastá-la desse idiota, e tem que ser rápido.

Preciso pensar como fazer isso. Bastos cansou de me dizer que daria um jeito nele, mas que graça teria? Ele ter algo, e perder, é bem mais PERIGOSAS ACHERON

divertido de se ver, bem mais gratificante.

Babi tem que ficar isolada. Dependente, sem ter a quem recorrer, tal qual da primeira vez. Não sei como ela fez pra escapar antes mas agora, com filho pequeno, não vai ser tão difícil mantê-la presa a mim.

Filho pequeno. Meu filho pequeno. Morando nesse pardieiro, convivendo com um tipo de gente que os Kyriacos nunca se envolveriam.

A porta se abre novamente e preciso me abaixar, enquanto vejo aquele babaca saindo, não sem antes dar um beijo na minha mulher. Minha mulher!

Quando você voltar pra mim, Babi, vou te amar tanto, e com tanta força, que você nunca mais vai querer experimentar outro. Vou tirar qualquer rastro de outro homem de você.

Ah, se vou...

PERIGOSAS NACIONAIS



27

Babi

PERIGOSAS ACHERON

Se tem uma coisa que eu acho injusta nessa vida é o fato de a felicidade parecer sempre efêmera. Quer dizer, não sei para as outras pessoas, mas pra mim ela parece sempre prestes a escorrer pelas mãos.

Estar aconchegada nos braços de alguém que me fizesse bem, que me olhasse com carinho, que me tratasse com cuidado, e, principalmente, que gostasse do meu filho era tudo o que eu, sem saber, procurava. E encontrei.

Gael é um sonho de companheiro. Atencioso, carinhoso, presente. Claro que o pacote externo valoriza, e muito, a mercadoria, mas conhecer um pouco mais sobre quem mora em baixo daquela casca triste faz com que gostemos muito mais de quem ele é.

Não sei se ele realmente pensa na forma como vem agindo conosco ou se simplesmente resolveu se deixar levar, mas o fato é que desde aquele sábado temos nos visto todos os dias, e tem sido os melhores dias. Menos, claro, quando eu me lembro da minha recente descoberta.

Domingo passado fomos levados até a casa
PERIGOSAS ACHERON

de seus pais. Mal consigo pensar na implicação que esse simples ato teve, afinal de contas um homem não leva qualquer pessoa a um passeio casual na casa de seus pais, certo? Muito menos se mantém quase o tempo todo de mãos dadas com essa pessoa, ou simplesmente aparecendo do seu lado só querendo saber se tudo estava bem.

A família Prieto é especial. Até mesmo o *agregado*, Pepê, se tornou importante com seu jeito desinibido e alegre. E exatamente por isso me dói demais esconder deles de quem Bruno é filho. Consegui pegar uma conversa ou outra, entre sussurros, sobre uma investigação que está sendo feita pela polícia civil, e Gael tinha tanto ódio na voz que me fez ter a certeza que ele nunca nos veria da mesma forma, caso descobrisse.

Também penso em como o mundo é pequeno. Sempre disse que o mundo é uma rede, você nunca sabe quem conhece quem. Tive tanto cuidado, por tanto tempo, e vir cair nos braços logo de quem? De alguém que odeia aquela família.

Como diria o Pequeno Príncipe, *quando a gente anda muito em frente, não pode mesmo ir muito longe.*

PERIGOSAS NACIONAIS

Se eu fosse esperta, eu faria minhas malas e sumiria. Com certeza eu faria isso. Eu deveria, mesmo, fazer isso. Mas então eu teria que mexer nas minhas economias, e...

— Anda tão pensativa, neném... — Gael sussurra em meu ouvido, enquanto estamos deitados no tapete da sala após tentar, sem sucesso, assistir a um filme depois de Bruno ter ido dormir.

— Estou feliz, Gael. Tão feliz que tenho medo disso tudo não durar.

— E porque não duraria? — ele se apoia no cotovelo, erguendo o corpo e o meu coração dispara porque a.) ele é uma visão e b.) não posso contar o que eu realmente estou pensando.

— Porque eu não sou acostumada com boas fases por muito tempo — dou de ombros — então eu acabo me preparando, em antecipação.

Seu olhar carinhoso pode me incendiar e me quebrar ao mesmo tempo. Faíscam, contendo agora outro tipo de tempestade, não mais aquela onde você quer se afogar nela pra parar de doer, mas quer se afogar nela porque é boa demais. Tão boa que eu deveria conter qualquer coisa acontecendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui dentro de mim, porque quando isso acabar, não vai sobrar muito de mim. Mas eu simplesmente não consigo.

Uma semana. Levou uma semana até eu estar totalmente rendida.

— Babi, mais do que qualquer pessoa eu entendo o medo de se machucar de novo. O medo de ter algo que é tão bom, mas tão bom, que acaba sendo bom demais pra se ter por muito tempo. Eu tenho esse medo também, não vou mentir. Esses dias têm sido especiais, nosso tempo junto tem sido incrível, e, se depender de mim, vai durar. Porque eu, honestamente, não consigo me ver mais sem ter você perto de mim.

Sinto quando meus olhos marejam, a visão embaça um pouco, e preciso piscar o olho, rapidamente, até que eu possa vê-lo com precisão novamente. Ergo minha mão e levo até seu rosto, os pelos da barba bem curtinha arranhando meu dedo e eu sigo, com a ponta dos dedos, desenhando seu semblante. Ele fecha os olhos, aceitando o carinho, se abrindo enquanto alguma coisa que eu não me atrevo a nominar nasce aqui sob esse tapete.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu devia contar a ele, certeza que ele me ajudaria. Chego a puxar o ar, buscando coragem antes de começar a contar toda a história, e então ele segura minha mão, e dá um beijo na palma, ainda de olhos fechados. Quando ele os abre, não têm dor ali. Nada... tem só carinho. Carinho por mim.

E eu me acovardo. Engulo tudo o que planejava contar, porque não vou suportar ver esse olhar tão lindo me fitando com desprezo. Com raiva.

Meu peito aperta de uma forma que chega a doer e faltar o ar. E me desespero.

Como uma louca, o puxo pra mim. Beijando sua boca como se fosse a última vez. Sugando seus lábios, sentindo seu sabor, sofrendo por antecipação, totalmente descontrolada.

— Gael... não quero te machucar. Não quero... — sussurro, mantendo os olhos fechados.

— Olha pra mim, neném... — faço o que ele pediu, e a intensidade em seu olhar chega a ser incômoda — Eu também não quero te machucar. E sei que a gente não vai fazer isso, não

PERIGOSAS ACHERON

intencionalmente.

Conte pra ele, Babi! Conte!

Levo as mãos ao seu rosto e o puxo de novo. Ele gira o corpo, sentando e me colocando em seu colo e, dessa vez, ele mantém o controle do beijo. Do beijo, somente, porque a sua respiração afetada entrega que ele está tão perdido quanto eu aqui, nesse momento. Nossas línguas se entrelaçam em um beijo quente e molhado, e quando eu gemo apenas com esse contato, sinto ele sorrir em meus lábios.

Minhas mãos têm vida própria, sei disso. Sorrateiramente elas entram por baixo da camiseta, já acostumada a tocar seus músculos, sentindo a textura de sua pele, a quentura do seu corpo. Passo as unhas em suas costelas, não sei o que esse homem tem com essa parte do corpo, mas ele sempre recebe uma descarga de tesão quando eu faço isso.

— Você tá brincando com fogo, sua atrevida. Tem um moleque dormindo bem ali no quarto ao lado.

— Um moleque com sono de pedra, e eu

estou de vestidinho...

— Eu quero muito foder você, Babi. De novo, e de novo. Mas não pode ser mansinho. — Conforme ele vai falando, sua mão entra por baixo do meu vestido, acompanhando a barra da calcinha, bem lentamente, ultrapassando o tecido, até estarmos pele contra pele — Tem que ser com força, com a força do desejo que eu estou sentindo nesse momento. E quero ouvir você gritar, neném, e gritar muito. Consegue sentir? Consegue sentir como eu estou aqui, por você?

Gael ergue o quadril, de encontro ao meu corpo, mas sequer precisaria. Conforme ele fala, e seus dedos experientes vão me acariciando, com um toque preciso e firme, eu consigo sentir seu membro pulsando em baixo de mim.

— Eu quero você, Gael. Por favor...

— Merda... — ele começa a desabotoar a calça com uma velocidade impressionante, enquanto eu me livro da minha calcinha. Não fosse o tesão e o desespero, seria uma cena engraçada de ver. Dois loucos desesperados querendo se livrar dos panos, pra apagar o fogo no rabo. Acho bonitinho que agora Gael anda com um estoque

PERIGOSAS ACHERON

particular de camisinhas, sempre em número par e nunca menos que quatro. Gosto assim. Quando ele pega o preservativo na carteira, e aproxima a embalagem da boca, eu peço...

— Me deixa fazer?

Ele geme, mas me entrega a embalagem, enquanto apoia as costas no sofá novamente, os braços seguem preguiçosos apoiados atrás da cabeça, preparado para observar.

Vou te dar o que observar, bonito...

Seguro a camisinha pela ponta, e visto a cabeça do seu pau com ela, mas não deslizo usando as mãos. Me ajoelho, entre suas pernas, empino a bunda e o visto com minha boca. Pra quem ia me fazer gritar, eu estou indo muito bem, porque o gemido que ele solta é um belo afrodisíaco.

Desde que passamos a ficar juntos eu não fiz oral nele. Ainda sentia como algo sujo, errado, resquício do meu relacionamento torto com Dimi. Não fiz, e ele nunca pediu, tampouco forçou. Tudo o que fizemos até então foi natural, e eu entendo que ele tem respeitado o meu tempo, o meu corpo, os meus medos e anseios. Talvez por isso tenha

sido tão bom.

Mas dessa vez eu queria. Por ele. Por mim. Gael me respeita, me trata bem, e tem um pau lindo. Sei que homem adora um boquete bem feito, mesmo não sendo *a experiente do rolê* ouvi muito Lola falando sobre isso. E aprendi também a reconhecer a forma como o corpo dele reage a mim, como ele fica quando eu me aproximo, quando o toco ali. Por isso, eu até queria ter feito um oral de verdade nele, mas o fato é que eu estou muito necessitada em tê-lo dentro de mim. Muito. Então somente corri meus lábios por sua extensão, enquanto deslizava a camisinha, e o fato de ser pego de surpresa o fez gemer muito alto, e muito gostoso.

— Você tá querendo me matar... — ele me puxa pela cintura, me colocando em seu colo novamente, como se eu pesasse nada. E com uma estocada, me preenche, provocando um gemido alto em nós dois, por conta do contato. Ele respira fundo, apertando os olhos, e eu sei que ele está precisando de um minutinho de controle tentando não gozar — Porra, você é muito apertada.

— E isso é um problema? — Provoco,

PERIGOSAS NACIONAIS

falando baixinho perto do seu ouvido enquanto rebolo em seu colo.

— É um problema sim. É um problema porque eu quero ir com calma, sem fazer barulho, mas você rebolando em cima de mim não tá ajudando.

Rebolo de novo, mordendo seu pescoço, quando ele joga a cabeça pra trás, as mãos firmes na minha cintura me seguram, impedindo que eu continue rebolando e acabe terminando a brincadeira mais cedo.

— Gostosa demais. Vem aqui...

Gael me ergue novamente, tirando seu pênis até deixar só a cabeça, e me soca pra baixo com força. Isso me dá uma descarga que eu não estava esperando, me fazendo gritar.

— Isso... é assim que eu quero, mas hoje não pode. Hoje tem criança em casa. — Ele fala enquanto novamente faz o mesmo movimento enquanto sobe o quadril, me encontrando no meio do caminho.

— Eu não sabia que você era barulhento, moço...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu gosto de barulho... gosto de gemidos, gosto de gritos. — Enquanto ele vai falando, eu sinto seus lábios passeando pelo meu pescoço, empurrando meu corpo pra trás enquanto ergue o quadril, intensificando o contato — Gosto de falar o quão louco você me deixa, neném. Como eu adoro quando essa boceta me engole, como ela fica molhada só de me ouvir falar.

Levo minhas mãos aos seus ombros, me apoiando, e começo a me afundar nele, rebolando enquanto suas mãos ficam indecisas entre me segurar pela cintura ou subir até meus seios, tirando eles pra fora do decote do vestido e apertando com firmeza. E ele segue falando o tempo inteiro no meu ouvido, dizendo besteiras com sua voz rouca, ditando cuidadosamente tudo o que ele vai fazer comigo quando estivermos a sós, sem empecilho de fazer barulho.

É enlouquecedor. Seu toque, sua voz, sua língua, seu pau socando dentro de mim vai me tirando de órbita. É como se estivesse flutuando em uma superfície quente, com várias agulhas me pinicando quando um orgasmo poderoso começou a se apoderar do meu corpo. O medo de perder isso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixou tudo mais intenso, então eu começo a estremecer...

— Isso... Goza pra mim, neném...

Meu orgasmo é intenso, ele toma minha boca impedindo meus gritos, meu fôlego fica em suspenso, enquanto meu corpo treme inteiro. E ele então vem junto, me apertando, gemendo rouco, molhado de suor.

Ficamos enlaçados, sem nos mover, esperando a respiração voltar ao seu curso.

— Isso foi gostoso, neném... — ouço quando ele diz, ainda deitada sob seu peito, as pernas enroscadas em sua cintura, sem querer sair daqui. Nunca mais quero sair daqui.

— Foi, né? Apesar de silencioso, pros seus padrões. — Ouço sua risada baixa, rir virou uma constante e é atualmente o meu som favorito no mundo.

Estamos construindo uma intimidade que eu não esperava, algo delicioso, mas que me deixa apavorada. Porque eu não quero, e não posso perder esse homem, não agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Gael

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os últimos dias têm sido espetaculares, como há muito tempo não eram. Tenho visto Babi todos os dias e, claro, alguns dias terminam mais quentes do que os outros. Me acostumei com ela ao meu lado, e não é mais segredo que ela me faz bem. Me faz bem e me faz agir diferente. Feito gente, de novo.

Com ela tanto faz estar trepando feito um coelho, ou simplesmente fazendo uma coisa trivial, como refogar arroz na cozinha. Voltei a fazer coisas que não imaginava que um dia eu faria, como inventar histórias pra colocar Bruno na cama. Aliás, isso virou uma das minhas coisas favoritas no mundo, ficar inventando passagens estapafúrdias no mundo dos super-heróis, para fazê-lo rir, ou argumentando, até que seus olhos vão se fechando lentamente e ele começa a rressonar, baixinho.

Podia matar e morrer só para ouvir o grito dele quando eu chego todas as noites pra vê-los, correndo seja lá de onde ele esteja me recepcionando. Me chamando de “*tio gandão*”, mesmo que a mãe o corrija milhares de vezes. Esse

PERIGOSAS ACHERON

sem vergonha conquistou a minha família inteira. Que estão exultantes, um pouquinho além do normal se me permite dizer, com nossa proximidade.

Um dia depois de nossa primeira vez eu a levei até a casa de meus pais, queria fazer um agrado a dona Joana, que adora essa marrentinha. Ainda no carro, tive um princípio de crise, assim que fiz a curva que nos levava à rua de minha mãe. Os sons ficaram mais distantes, comecei a suar frio, as mãos tremendo, a crise se apossando como se apertasse meu pescoço. Babi percebeu, já que a velocidade do carro diminuiu tanto que poderia parar. Senti sua mão na minha, enquanto ela falava comigo, carinhosamente.

— Está tudo bem, Gael. Respira, estamos aqui com você.

Assim como aconteceu quando Bruno me trouxe de volta da minha crise, eu segui sua voz e aquela sensação de estar em baixo d'água foi diminuindo. Ainda estava muito mexido, um tanto atrapalhado, quando descemos na casa de meus pais, mas constantemente sentia sua mão na minha, querendo saber como eu estava. Um toque, somente

isso, mas que tinha muito significado.

Tive que aguentar os olhares de todos em minha mão sem aliança. Não foram olhares de reprovação, obviamente, mas eu estava evitando falar sobre isso. Não queria me explicar, não queria colocar em palavras que eu estava pronto pra deixar Sofia ir. Porque eu não estava pronto, eu acho. Ainda não queria dizer adeus. Mas também não queria que Babi se afastasse. Me senti dividido.

Ver Babi com Pedro também era um desafio. Eles se davam bem, têm o mesmo tipo de humor leve, o mesmo riso fácil. Felizmente ele parou com as cantadas baratas, a provocação constante não estava mais lá, mas ainda assim eu fui obrigado a assumir pra mim mesmo que tinha ciúmes dela com meu amigo.

Eu nunca senti ciúmes. Sempre fui orgulhoso de ser assim, confiante. Tirava sarro dos amigos e colegas quando eles relatavam episódios do tipo, ria solto, achando tudo ridículo. Pra agora sentir o estômago retorcer toda vez que Pedro chegava perto da minha menina.

Minha menina. Essa possessividade que despertou em mim também é novidade. A vontade

PERIGOSAS ACHERON

de ser especial, de ser único, de fazê-la esquecer tudo o que já viveu e quem já conheceu antes de mim. O que piora quando eu pergunto mais sobre o pai do Bruno, seu ex-namorado, e ela não responde. Diz não querer falar sobre isso, estremece, fica pálida. Me deixa maluco, por pensar que ela pode ainda gostar dele, ainda esperar que ele apareça em seu portão, reivindicando seu filho e a querendo de volta.

Nem fodendo.

Chacoalho a cabeça e levanto com raiva da mesa, passando uma água rápida na xícara do café que eu bebia. Ouço o barulho da porta de ferro, e sei que Joaquim já está abrindo o depósito, sete e meia da manhã como sempre. Alcanço o celular e vejo uma mensagem de Babi, dizendo não ter ainda notícias de Lola.

Hoje completavam-se quinze dias que sua amiga chegou apressada, querendo falar com ela a sós. Estávamos na cozinha, tomando café, e a menina mal falou conosco, saiu arrastando Babi pro quarto e saiu, minutos depois, sem olhar pra trás.

Aparentemente, ela teria que fazer uma viagem que duraria alguns dias, mas que estaria

PERIGOSAS ACHERON

com o celular, caso precisasse. E eu tenho que dar razão à Babi, a forma como Lola saiu foi muito estranha. Evitava qualquer tipo de contato visual, estava nervosa, arredia. Entrou dentro de um Palio preto que saiu cantando pneus sem nos dar sequer a chance de ver o motorista.

Respondo a mensagem, dizendo a ela que já tinha avisado a Samuel, e que ele sugeriu à família dar parte do desaparecimento dela. Sem um boletim de ocorrência a polícia pouco podia fazer.

Tranco a porta, deixando a chave no local de sempre, e desço as escadas, pronto pro trabalho. Animado, como poucos dias estive em ficar trancado num estoque empilhando coisas. Mas, claro que animação não deve ser uma coisa que eu mereça muito, porque mal alcanço a calçada, posso ver a figura detestável de Madalena parada na porta, me esperando.

— Achei que seria prudente chegar no horário de abertura, já que toda vez que apareço aqui me dizem que você não está. Nem me avisarem que você mora aí em cima.

— O que você quer, Madalena? — Passo por ela, entrando no depósito e já visualizando Joaquim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atrás do balcão principal, de braços cruzados, no aguardo.

— Vim ver você. Saber como está, agora que já esqueceu minha filha.

Estaco no meio do caminho. Meu olhar não é gentil quando me volto em sua direção.

— Está falando do que?

— De você e aquela ninfeta brincando de família feliz no shopping? Sim, Gael, eu vi. Não interrompi porque estava com um amigo, e ele me impediu.

— Olha aqui, Madalena... — odeio a forma como ela diz “ninfeta,” odeio o tom que ela usa pra falar da gente, como se fosse algo sujo. Quero mandá-la sumir daqui, já não temos ligação nenhuma e não sou obrigado a aturá-la. Mas ela, como sempre, tem mais a dizer.

— Olha aqui você, Gael. Eu sempre soube que Sofia fizera um péssimo negócio se envolvendo com você. Principalmente quando tinha outros pretendentes melhores, mais capazes de cuidar dela. Não preciso nem dizer que ela ainda estaria viva se não fosse você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquele conhecido aperto no peito, que não vinha dando as caras há um tempo resolve aparecer. Demanda um certo esforço em responder.

— Você não precisa me lembrar disso, Madalena. Eu mesmo digo isso a mim mesmo há quatro anos.

— Mas já está aí, desfilando sem aliança, com uma família nova. Sua mulher e sua filha morreram por sua causa, mas isso não importa, desde que você esteja bem, certo?

Eu balanço a cabeça, negando, mas sem conseguir responder.

— Você pode se esquecer, Gael. Mas eu não vou. E estarei aqui pra te lembrar, todos os dias se possível, que a culpa da minha filha ter morrido foi sua. SUA!

Paraliso, ouvindo novamente a voz de Sofia, gélida, me acusando. Fazia tempo que ela não aparecia. Sofia costumava vir sempre, à noite, quando eu apagava as luzes antes de dormir. Ou quando eu tentava diminuir a tensão, no chuveiro, me aliviando. Até mesmo na rua, enquanto eu corria, quando eu cansava meu corpo tentando

PERIGOSAS ACHERON

manter a sanidade, eu podia ouvir a voz de Sofia, sempre, sussurrando pra mim. “É tudo culpa sua, Gael.” Ininterrupta, sem me dar paz. Ela tem razão, a culpa é minha. O que estou pensando? Que posso simplesmente viver enquanto elas não têm mais esse direito?

Sinto a mão de Joaquim apertando meu ombro, enquanto se dirige à mulher, de uma forma bem peculiar.

— Eu acho bom a senhora sair daqui sua cobra velha de merda. Gael pode ser muito educado, mas eu não sou não, e chutar alguém pra fora do meu depósito não me custa muito.

Ela sai, obviamente pelo meu estado sabe que cumpriu seu papel, que sempre foi de me infernizar. Esfrego o peito, tentando diminuir a dor que rasga enquanto continuo ouvindo a voz de Sofia na minha cabeça, me dizendo que a culpa era minha.

Olho pra minha mão, agora livre de aliança. O que foi que eu fiz? Nem um milhão de anos pedindo perdão a minha mulher seriam suficientes.

— V-ou trabalhar... — forço minha perna a

PERIGOSAS NACIONAIS

se mover, mas o português me para no meio do caminho.

— Não. Sobe pra tua casa e fica lá um pouco.

Neguei, não querendo ficar sozinho. Sabia que no estado em que eu estava, ficar sozinho ia ser devastador. Ia ficar ouvindo aquela voz me acusando, e acusando. Mas no estoque eu também ficaria, e era bem capaz de fazer alguma merda, quebrar alguma coisa. Botar fogo no local, talvez.

Me arrastando, subo as escadas sentindo a culpa me corroer por dentro, mais uma vez. Implacável.



Babi

PERIGOSAS ACHERON

— *Amiga, eu estou indo viajar por um tempo, mas você devia procurar um lugar pra você ficar. Qualquer lugar...*

— *Que lugar? Porque eu tenho que sair daqui, Lola? O que está acontecendo?*

— *Nada, não está acontecendo nada. Mas sabe como é, não sei quanto tempo vou ficar fora e você vai ficar aqui sozinha...*

— *Você disse que voltava logo...*

— *Eu volto. Mas, Babi, você precisa mudar daqui. Procura outro lugar, por favor.*

Fico repassando a conversa que tive com Lola, tentando entender o motivo dela querer que eu saia da minha casa com tanto afinco. Ela parecia nervosa, falava baixo, e a sensação de ter algo errado só aumentou quando a vi entrar num carro desconhecido, que saiu cantando pneu.

Quinze dias se passaram e ela não deu sinal de vida.

— Babi... – Jordie, que estava no telefone, chama minha atenção, parecendo preocupada.

— Oi, desculpa. Estava distraída aqui,

pensando...

— É o Gael...

Meu mundo para por um instante. Meu coração dá um salto dentro do peito, caindo disparado em seguida, feito louco.

— O que tem o Gael?

— Era o patrão dele no telefone. Ele recebeu uma visita, e não ficou bem.

— Que visita? – Estava afastando a cadeira, já me preparando pra levantar, mas estaco no meio do caminho.

— A mãe da Sofia. A mulher odeia ele, desde quando eles namoravam e... enfim. Você pode ir até lá?

— Eu? Quer dizer... você é irmã dele, então...

Me sinto subitamente insegura, em pensar que ele recebeu a visita da mãe da ex, e está agora preso num véu de saudades, curtindo seu luto. Odiaria vê-lo assim. Jordie parece entender minha hesitação, porque se levanta e, se abaixando ao lado da minha cadeira, segura minha mão.

— Bárbara, passamos quatro anos tentando tirar o Gael de um buraco onde ele se enfiou e não queria sair. A única pessoa que conseguiu fazê-lo sair de lá foi você. Meu irmão precisa de você agora...

Apesar de não ter a certeza de ser capaz, peguei minha bolsa e sai correndo em direção ao ponto de ônibus. Não era muito longe da escola até sua casa. Jordie tinha me oferecido seu carro, mas achei prudente não a deixar a pé já que meu filho ficaria na escola, e ela o levaria até sua casa no final do dia, caso eu não retornasse.

O ônibus chegou rápido, estava vazio, e passei pela catraca me sentando próximo a porta de saída. O coração disparado, pensando em Gael e no que eu encontraria quando chegasse em sua casa. O que será que a mulher falou pra ele?

Fico observando o caminho, atenta evitando perder o ponto de descida, mas sendo no mesmo bairro que a escola, ficou fácil reconhecer. Dou o sinal e desembarco, duas quadras depois estou em frente ao depósito. Um senhor alto, um tanto barrigudo, com um bigode largo, está parado na porta, parecendo preocupado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia. Eu estou procurando o Gael?

— Foi a irmã dele quem mandou você?

— Sim senhor. Meu nome é Bárbara.

— Sou Joaquim. — O homem parece aliviado — Pode subir, ele está lá em cima, na casa dele.

Subo as escadas, tentando ouvir algum som que venha de dentro, sem sucesso. Quando alcanço a porta, bato, chamando seu nome, mas não obtenho resposta.

E agora, o que eu faço?

Lembro novamente de Jordie dizendo que ele precisa de mim, mas esse medo irracional de que ele vai me mandar embora por estar invadindo um momento dele não consegue me deixar. Puxo o ar, e giro a maçaneta, notando que a porta estava apenas encostada. Esse moço não tem mesmo medo de assalto.

A primeira coisa que vejo é uma cadeira caída no meio da cozinha vazia. Giro o pescoço, em direção ao seu quarto, e posso ver suas pernas em cima da cama. Sigo pra lá, parando na porta, sentindo a garganta fechar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gael está deitado de costas na cama, sem camisa. Um braço sobre o rosto, o outro em cima do peito, apertando com força o colar em que ele traz a aliança pendurada. A respiração irregular, puxando o ar de vez em quando, me diz que ele chorou. E chorou muito.

A vontade de tirar essa dor de dentro dele é insuportável. Sentando na cama ao seu lado, coloco a mão em seu peito, chamando seu nome. Ele não me olha, mas o choro vem, com força, enquanto se aninha em meu abraço.

O abraço apertado, acalentando, acariciando seu cabelo. Beijando seu rosto, enquanto ele lamenta, chora e diz que a culpa é dele.

Perdi as contas de quanto tempo ficamos assim. O choro ainda dura um bom tempo, até que cessa, mas mesmo assim eu não o deixo. Continuo com ele em meus braços, deitado em meu peito, o silêncio sendo quebrado apenas pelo soluço que seu peito solta as vezes. E me quebra, em todas as vezes.

Tenho vontade de sair daqui, procurar essa velha dos infernos, e dizer a ela tudo o que minha boca achar que deve sair dela. Que prazer é esse de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

machucar alguém, de quebrar uma pessoa até ele ficar nesse estado?

Sinto quando seus braços apertam minha cintura, e eu fecho os olhos, implorando em silêncio pra que ele não me mande embora.

— Você veio...

— Sua irmã me avisou. — Queria dizer-lhe que estava insegura em vir, mas sei que não gostaria de estar em nenhum outro lugar no momento — Não chora mais, Gael.

— Não consigo, Babi. O que ela disse...

— Foda-se o que ela disse — ergo seu rosto com as mãos, os olhos vermelhos e perdidos focam nos meus — Eu não conheci a Sofia, mas eu tenho certeza que ela não pensaria isso.

— Ela falou isso! Ela me disse que era minha culpa. Ela sempre volta pra dizer que a culpa é minha...

— Porque estava brava. Mas depois, relevou, não foi? Estava indo embora pra te ver. Pra fazer as pazes, porque sabia que tinha falado demais, coisas que não eram verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sei se era a melhor estratégia trazer de volta o amor que a mulher dele sentia, mas eu não aguentava mais ouvi-lo soluçando. Antes de fazê-lo entender que ele podia seguir em frente, eu precisava fazê-lo se lembrar que a culpa da morte da esposa não era dele.

E assim o fiz. Lembrei das coisas que a mãe dele havia me contado, outras que Jordie tinha me dito, e passei a consolá-lo até que sua respiração estivesse novamente regular. Diferente de mim, que não calava a boca, ele não dizia uma palavra.

Meu coração doía. Me sentia diminuta, lembrando a ele o quanto a esposa o tinha amado, e o quanto ele a tinha amado de volta. Eles eram, sem dúvida, um casal modelo, e eu lamentava ser ela e não eu a dona de todo esse amor. Ainda assim, preferia lembra-lo disso a vê-lo sofrer.

E assim eu fazia. Falava de coisas que eu nem sabia direito, passagens soltas, coisas que haviam me contado, enquanto o acalentava em meus braços, acariciava seus cabelos, quase o ninando, tudo pra que ele não sofresse mais. Eu não suportava ver os olhos dele tristes daquele jeito de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu Senhor Tempestade tinha encontrado a calmaria, e não era justo ser privado dela novamente.

Quando cansei de falar, já nem tendo mais o que dizer sem me tornar repetitiva, o peguei me olhando fixo. Eu havia me sentado com as costas apoiadas na cabeceira assim que cheguei, e não tinha me movido até então. E ele, deitado em meu peito, se afastou um pouco, apoiando o corpo no cotovelo. O olho até inchado de tanto chorar, a boca ainda mais vermelha do que de costume. Quebrado, mas lindo demais.

— Eu estou louco por você...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

Controlar meu coração disparado não é uma tarefa fácil. Gael parece vidrado, em outra dimensão, alisando meu rosto e eu penso até ter me enganado, e não ter ouvido o que eu acho que ouvi. Que ele está louco por mim.

Essa seria uma boa hora pra falar alguma coisa, mas nada me ocorre, e eu também não quero quebrar o momento. Eu tento pensar racionalmente, não é possível mesmo que ele falasse de mim. Não depois desse tempo todo me ouvindo cantar em verso e prosa o quanto sua esposa o amava. Com certeza ele estava pensando alto, lembrando dela, falando dela. Com certeza.

Sinto quando sua mão sai do meu rosto e desce, em direção ao meu seio. E quando ele se aproxima, encostando sua boca na minha. Em um beijo suave, carinhoso, que me desmontou inteira.

— Gael... — suspiro, quando quebro o beijo buscando um pouco de ar, confusa ainda com esse momento.

— Vem aqui, neném — ele me puxa pelo pescoço, me trazendo de encontro ao seu corpo, e eu simplesmente vou.

Girando seu corpo pra ficar por cima, ele paira sobre mim, lento, demorado. Quando seu rosto desce em minha direção, vai direto pro meu queixo, mordendo, chupando, deixando beijos suaves, enquanto sua língua abre um rastro de fogo no percurso.

— Gael? — Falei baixinho.

— Sim? — Ele enterra o rosto em meu pescoço, deixando um beijo na curva que ele parecia tanto apreciar.

— Eu sou louca por você — beijo seu queixo, meu coração disparado — Louca...

Suas mãos seguem até a barra da minha camiseta, uma regata preta, justinha. Antes de tirá-la ele esfrega o nariz pelo vale entre meus seios, os mamilos já protuberantes sob a blusa, atijando. A levanta devagar, deslizando a boca do meu umbigo até a base dos seios, me beijando toda, cada centímetro de pele que se desnuda merecendo sua total dedicação.

— Você é perfeita — ele suspira, quase como se falando consigo mesmo.

A camiseta passa pela minha cabeça e ele a

joga por cima do seu ombro, sem desviar seu olhar do meu corpo, sorrindo ao ver que estou sem sutiã. Sua atenção passa ao cós da minha calça jeans, lentamente ele a desabotoa e vai puxando pra baixo, repetindo o mesmo processo. Desnudando e beijando.

Gael é firme e carinhoso, enquanto suas mãos me apertam, sua boca acaricia, suave e molhada. Ele murmura algo quando me vê completamente nua a sua frente, mas a nuvem de excitação me impede de entender.

Seu corpo se move em minha direção, como um felino prestes a dar o bote. Apoiado no cotovelo direito, leva sua mão esquerda até meu seio, apertando a carne, testando a rigidez.

— Você é gostosa pra caralho... — ele diz, a voz rouca, antes de abocanhar preguiçosamente o mamilo, a língua percorrendo o contorno antes de prendê-lo com os dentes, e voltar a lambe, tornando isso uma deliciosa tortura. Passa de um seio a outro, dedicado, sem pressa, enquanto eu arqueio e estremeço.

Levo minhas mãos até seus cabelos, trazendo-o mais perto de mim, e rapidamente ele

PERIGOSAS ACHERON

segura meus braços acima da cabeça, os olhos escurecidos me encaram, as pupilas tão dilatadas que de azul somente uma borda fina ao redor da estrutura negra podia ser vista.

— A senhorita vai ficar bem quietinha. Ainda não terminei de experimentar tudo isso aqui...

Gael solta meus braços e seus olhos me desafiam a me mover, o que eu não faço. Seus dedos passeiam pela minha pele, traçando um caminho pelo meu quadril, seguindo em direção à virilha, serpenteando o traçado, sem tirar seus olhos dos meus. — Lembra o que eu te falei, outro dia? — Ele pergunta, a voz rouca e pausada — O que eu ia fazer com você?

Te foder com força até ouvir você gritar.

Como esquecer isso? A lembrança é tão vívida que automaticamente eu aperto as pernas, uma contra a outra, tentando aliviar o tesão imenso que a voz dele me causa.

— Hoje não tem criança aqui, neném... vai poder gritar à vontade.

— Ah... — isso soa como um tipo de

ameaça, mas uma daquelas boas, como um castigo que você não vê a hora de sofrer. Seus dedos continuam passando pela minha virilha, alisando os pelos recém aparados, mas evitando me tocar intimamente, o que me deixa fervendo de antecipação.

— Abre pra mim... – em tom de comando, posicionado entre minhas pernas, ele me traz a certeza que se agora me pedisse pra jogar-me aqui de cima lá na calçada, eu o faria. Não tem nada que ele me peça que eu não faça, principalmente pedindo algo que eu quero tanto. Afasto as pernas, e prendendo o ar, ansiosa, vejo quando ele lambe os lábios e dá aquele sorriso torto. O *meu* sorriso torto.

Sua língua percorre meu sexo de fora a fora. Saboreando, sugando, a língua me explorando, até que dois de seus dedos encontram o caminho dentro de mim, e trabalham em conjunto com a sua boca. Me deixando ensandecida.

A sensação que eu tenho é que me relacionar com Gael é como estar à beira de um precipício. Mas diferente do normal, eu me sinto com os dois pés a beira do abismo, sem medo de cair. Muito pelo contrário, ansiando me jogar de

costas, de braços abertos, dominada pela sensação. Então não preciso muito até estar exatamente como ele queria que eu estivesse, gritando seu nome enquanto um orgasmo potente tomava conta do meu corpo.

Lânguida, vejo quando ele ergue o corpo e só então eu noto que ele ainda estava vestido.

— Tem pano demais aí, moço... vai me deixar tirar?

Um movimento rápido de sobrancelha é o bastante, me levanto, ficando apoiada em meus joelhos, as mãos espalmadas alcançam seu tórax firme e eu as deslizo sobre seu corpo, experimentando cada pedaço de pele nua, exatamente como ele fizera comigo. O peito lindo dele sobe e desce, por conta da respiração afetada, e nem mesmo a visão das alianças, penduradas no comprido cordão preso ao seu pescoço, se torna um problema pra mim agora.

— Você está com muita pressa, ou posso ter meu tempo aqui? — Eu pergunto, encostando meu rosto em seu ouvido, enquanto as mãos procuram desabotoar o jeans.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso aqui te diz algo a respeito? – Gael alcança minha mão e leva até sua calça e *minha nossa senhora do pau brasil*, acho que nunca o vi tão duro quanto agora.

E essa é a minha vez de lamber os lábios, provocando.

— Acho que vou ter que dar um jeito nisso então. Andei lendo que é perigoso ficar tão duro, que quando isso acontece a gente precisa acondicionar em local úmido e apertado.

É muito rápido. Em um movimento só ele passa um braço pelas minhas costas, o outro atrás das minhas coxas, e me impulsiona pra deitar de costas na cama. Solto um grito, surpresa, e vejo ele chutar a calça longe e deitar entre minhas pernas, rosnando baixo.

— Vou acondicionar. E fundo, tão fundo que vai fazer morada aí dentro e nunca mais você vai querer que eu saia.

— Eu já não quero, antes mesmo de você entrar...

É um sentimento engraçado que me toma, de querer pertencer. De querer que aquele lugar ali

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seja dele. E eu nem pensei no que estava dizendo, na verdade. Só vi quando ele deu um suspiro profundo e se aproximou, seus lábios tomando os meus de forma possessiva. Definitiva, eu diria. O braço que se mantinha em baixo do meu corpo me apertando contra ele, a outra mão segurando minha nuca. Era um desses beijos que alguém morre pra receber, tenho certeza disso.

Quando ele se afasta, rapidamente, buscando o preservativo, eu já sinto falta. Do seu toque, do seu sabor, do seu calor. Ele veste a camisinha rapidamente e se volta, e eu abro os braços pra recebe-lo. Lamentando todos os infinitos segundos em que ele esteve longe.

Suas mãos em meu quadril me puxam de encontro ao seu corpo, e então ele desliza pra dentro de mim, em um único impulso. Dentro de mim, ele para por um instante. Seu olhar cativa o meu e então eu percebo que não estamos transando aqui. Não é simplesmente sexo. Aqui, nessa cama, totalmente entregues, estamos fazendo amor. Uma emoção diferente toma conta do meu peito, enquanto recebo suas investidas, ondulando sob seu corpo, nossos olhos cravados um no outro. Eu estou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perdidamente apaixonada por esse homem.



Gael

Fui do inferno ao céu em questão de horas. Quando ouvi Babi me chamar, pensei estar delirando. Sentir seu toque, seu abraço, seus beijos... era como estar sendo puxado de volta pra fora do buraco onde eu tinha me jogado novamente. Esse é o poder que essa menina tem, ela me dá vida.

Lembrar de minha culpa acabou comigo. Me partiu ao meio, novamente, e me fez pensar que eu não era mesmo merecedor de nada de bom. E então essa menina chega, com seu jeito meigo, seu carinho extremo, se doando sem pedir nada em troca.

PERIGOSAS ACHERON

É de enlouquecer qualquer um.

Não menti quando disse que estava louco por ela. Nem pensei antes de dizer, na verdade, simplesmente saiu. Meu peito estava tão cheio de sentimentos que eu apenas coloquei pra fora. Fiquei muito tocado por ela estar ali, me consolando, falando comigo, me chamando de volta... eu só queria mais. Muito mais do que deitar abraçado, muito mais do que carinhos. Sentir seu calor, a textura da sua pele, o perfume do seu cabelo... foi me preenchendo.

Quando Babi ouviu o que eu disse, pareceu não entender, não acreditar. Então tive que lhe mostrar. Que eu era doido por cada centímetro daquele corpo lindo, e daquela personalidade cativante.

E ela se doou, inteiramente. Lembro de tudo o que ela me disse sobre seu relacionamento passado e como ela tinha sido tratada, sabia que tinha suas restrições, seus bloqueios. Deixei tudo na mão dela, deixei-a comandar tudo, e me mostrar até onde eu poderia ir. Me sinto um filho da puta sortudo em poder apagar, ao menos temporariamente, as experiências que ela teve antes

de mim, e construir novas.

— Não que eu esteja aqui querendo alimentar seu ego, mas você é realmente muito lindo...

A atrevida está deitada nua sobre meu peito, de bruços, traçando com a ponta do dedo um caminho tortuoso que sai do meu peito e vai até o limite do meu quadril, e subindo outra vez, lentamente.

Querendo devolver o elogio, estico o braço livre e encho a mão em sua nádega, redonda, firme e deliciosa.

— Idem. Essa bunda aqui me deixa doido.

Babi tem os lábios grossos, suculentos, lindos demais. E quando eu aperto sua bunda, ela os entreabre, me deixando aceso novamente. Meu pau responde de imediato, fazendo-a sorrir.

— Você acorda rápido, moço... — os dedos delicados continuam fazendo o traçado, mas dessa vez passando do limite do quadril, passeando por toda a minha extensão, tocando minhas bolas e subindo de novo até a glândula. É tão carinhoso, mas ao mesmo tempo tão sensual que eu acabo

prendendo a respiração, que já está ficando fora de controle.

— Você gosta de me provocar. — gemo, entre os dentes, já sentindo meu pau babar só com esse toque.

— Verbo errado... — ela se levanta, molhando os lábios — não é provocar. É provar.

Meu pau pulsa em expectativa, eu estava doente de vontade de sentir a boca dela em mim. Não quis forçar nada, sequer pedi, queria que ela estivesse pronta pra isso. Pronta pra mim.

A demônia, posicionada entre as minhas pernas e com a bunda empinada sem tirar os olhos dos meus, parece muito pronta. Lentamente ela se aproxima, e passa a ponta da língua pela minha glândula. Experimenta com a língua toda a extensão do meu pau, enquanto uma das mãos delicadas segura pela base e a outra parece brincar com minhas bolas.

Fecho as mãos, trazendo o lençol junto quando a boca molhada chega até minhas bolas, e ela intercala lambidas rápidas com chupões, colocando-as por inteiro em sua boca e soltando,

saboreando, e bombando meu pau com a mão delicada.

— Porra, Babi, voc...

Engasgo quando ela, sem aviso prévio, me abocanha por inteiro, e sinto sua boca molhada fazendo uma leve sucção enquanto sua língua roça na base. Ela segura meu pau por um tempo, no fundo de sua garganta, e depois recua, lentamente, voltando à base com força, numa sucção deliciosa.

Estou pra conhecer boca mais gostosa, puta que pariu. Precisa um certo controle, quase me desmancho de imediato, a sensação é tão boa que não quero que acabe e então puxo a respiração, mas acabo gemendo alto quando ela, novamente, suga com um pouco mais de força.

— Neném... se continuar eu... eu não vou... eu vou...

Tento controlar, mas mal consigo respirar. Mantenho sua cabeça firme, segurando seu cabelo pela nuca e meu quadril começa a ir de encontro com sua boca, a cabeça do meu pau batendo em sua garganta e ela ergue os olhos, úmidos, e como se me provocasse passa a usar sua língua como

estímulo.

Não aguento. Esporro em sua boca, urrando feito um bicho, e ela engole tudo sem tirar os olhos dos meus.

Tento controlar a respiração antes de falar alguma coisa, o corpo todo treme, entre espasmos. Acho que nunca recebi um boquete tão gostoso, e nunca fiquei tão louco e fora de mim desse jeito.

— Provei. É bom. Bem gostoso... — ela passa a língua pelos lábios, provocando, e eu só consigo fechar os olhos e trazê-la pra perto de mim.

— Você ainda vai me matar, sua safada... certeza disso.

Já com a respiração em ordem, subo minha mão até sua cabeça, e passo a acariciar seu cabelo. Como se entendesse minha intenção, querendo conversar, ela apenas arruma o corpo, posicionando de forma a ficar bem de frente.

— Madalena, mãe da Sofia, nos viu no shopping. Por isso ela veio aqui.

— Mas isso já faz tempo. Porque ela só veio hoje?

— Não entendi direito. Ela... disse que veio antes mas eu nunca estava. Deve ter dedo de Joaquim nisso, eu acho que ele não me avisava quando ela aparecia.

— Entendi... — ela deixa um beijo em meu peito, e se volta, sua mão acariciando meu rosto — e por causa disso, ela quis infernizar sua vida.

Sorrio, sem humor. Madalena sempre infernizou minha vida. Conto a ela um pouco sobre minha relação com a cobra, desde o primeiro dia em que Sofia me levou pra conhecer sua família. Falo de minha amizade com Mateus, e de como tudo seria mais fácil se ele ainda estivesse por perto, segurando os ímpetos de sua mãe.

— Mulherzinha maldita, *cascacu* do inferno — rio alto do jeito como ela resolve apelidar Madalena — Gael, você não pode deixa-la te atingir assim.

— Eu tento, neném. Juro que eu tento. Mas agora eu acho que tenho um antídoto.

— Ah, é? Que antídoto?

Tão inocente...

— Você. Meu coração para de doer quando

PERIGOSAS ACHERON

você está perto.

Vejo a menina arquejar de surpresa. Os olhos, expressivos demais, se arregalam rapidamente, e os lábios se separam, deixando um suspiro escapar. Eu não sei ainda o que é isso que eu sinto. É tudo tão diferente de tudo o que eu senti com Sofia que não quero ser leviano. Mas eu sei que passou de amizade, sei que passou de carinho, e sei que passou de desejo. Essa atrevida de bunda bonita veio se esgueirando, entrando de mansinho, ocupando um espaço que nem eu sabia que já estava vago.

— Você não pode ficar falando essas coisas, moço. Pode não parecer, mas eu sou romântica.

Eu adoro quando ela me chama de “moço,” tentando dar um tom de indiferença que eu sei que ela não sente.

— E você não gosta de ouvir essas coisas?

— Gosto. Eu só... não quero me iludir.

— E eu estou te iludindo? – me preocupo, procurando seus olhos.

— Não. É... – vejo quando sua garganta faz
PERIGOSAS ACHERON

um movimento, engolindo a seco, pensando no que dizer, enquanto os olhos buscam alguma coisa, até pousarem nos meus novamente – eu nunca tive isso, Gael. Não sei como lidar.

E novamente vem a raiva do infeliz que a teve antes de mim. Que podia ter dado o mundo a essa menina, mas preferiu trata-la como uma qualquer.

— Eu podia quebrar a cara desse moleque, sabia? Se você me falar onde eu o encontro, com certeza eu quebro a fuça dele no meio.

— Não, – ela se levanta, assustada, como se um Bunda mole como eu fosse realmente partir pra briga com alguém. Se bem que, pensando bem, eu até poderia – nem pense nisso Gael.

— Vem aqui – eu a pego, novamente, trazendo pro meu colo, do jeito que eu gosto. Embaralha um pouco o raciocínio tê-la nua sentada em cima de mim, mas vale a pena – eu não vou fazer nada. Eu sinto muito que ele tenha sido um imbecil contigo.

Não consigo entender como alguém pode ter uma pessoa como ela, dedicada e amorosa, e

PERIGOSAS NACIONAIS

tratar mal, ser violento. Babi merece ser tratada como uma rainha...

— Me deixa te falar uma coisa, neném... — os olhos curiosos focam nos meus, brilhantes, piscando e tentando controlar as lágrimas que estão despontando — por muito tempo eu pensei que não merecia nada de bom. Acho até que você é muito louca de perder seu tempo aqui comigo, logo eu que não tenho nada a te oferecer...

Ela sorri, balança a cabeça, murmura que sou bobo.

— Eu não sei direito o que está acontecendo entre a gente. Não vou nomear um sentimento só pra ter o que dizer, mas o que está acontecendo aqui — coloco sua mão sob meu peito, o coração batendo feito um doido e que com certeza ela consegue sentir — mas é muito mais do que eu tenho sentido nos últimos anos. É mais do que amizade, mais do que carinho, mais do que tesão... — e mais do que eu mereço, mas essa parte eu guardo pra mim.

— Eu me sinto assim também, Gael. Como se isso que a gente vivesse aqui fosse... certo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada nesse mundo é tão certo quando eu e você aqui, agora. Eu gosto muito de você, mesmo. Você me faz bem, e eu quero fazer o mesmo contigo.

Uma lagrima corre pelo seu rosto, e ela a enxuga rapidamente. Podia estar preocupado, se ela não tivesse sorrindo lindamente.

— Gosta de mim, moço?

— Gosto, neném. Gosto muito.

— Então me mostra o quanto você gosta...

E eu mostro. De tantas formas que poderia até cansar, se não estivesse tão satisfeito.



— Ei, o que você tá fazendo? – ouço a voz de Babi vindo da porta do banheiro, ela quis tomar um banho antes de voltar ao trabalho, mas eu não tenho muita vontade de deixa-la sair daqui, de qualquer forma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não falei que ia fazer algo pra gente comer? Não sou nenhuma Joana Prieto, mas tenho meus segredos...

Estou de costas, ajeitando uma massa ao molho branco com bacon que sempre me salva na hora da pressa, e sinto sua proximidade. Sinto quanto ela encosta o nariz delicado em minhas costas nuas, sorvendo o perfume do banho recém tomado, e deixa um beijo delicado no local, antes de se afastar e vir pro meu lado, ver o que eu estava fazendo.

— Bacon?

Estava cortando alguns cubos de bacon e paro a faca no ar, já me martirizando por não ter perguntado se ela gostava ou não do prato que escolhi preparar.

— Você não gosta? Desculpa, esqueci de perguntar antes...

— Eu *amo* bacon, Gael. Já estou salivando por antecipação...

— Salivando ainda? — solto a faca e a puxo em um abraço, enterrando o rosto no seu pescoço, adorando sentir o perfume do meu sabonete nela —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Posso resolver isso.

— Eu ia adorar, Gaelícia, mas além de estar toda assada, preciso voltar ao trabalho.

— Gaelícia? O que aconteceu com o Senhor Tempestade?

— Tá guardado, vou usar quando seu lado babaca aparecer...

A levanto no colo, em um único movimento, e ela ri, solta, passando as pernas em volta da minha cintura. E nosso encaixe é perfeito, como se ela realmente tivesse nascido pra ficar assim, comigo.

Sinto um baque no peito ao vê-la assim, risonha, corada, linda demais. Eu me apaixonei por essa menina...



PERIGOSAS ACHERON

Babi

Dizer que estou feliz é redundante. Desembarco do ônibus praticamente saltitando, indo em direção à escola, depois de um dia deveras... interessante.

Ele gosta de mim.

Podia cantar essa frase o dia inteiro, tamanho contentamento ela me causa. Meu Senhor Tempestade gosta de mim.

Apesar de Gael ter pedido – de uma forma *bem* convincente, devo dizer – pra eu ficar com ele o restante do dia, tive que deixar meu lado responsável ganhar do fogo na periquita e voltar pro trabalho. Preciso garantir meu salário e não posso ficar abusando do fato do meu... do meu...

Ai, meu Deus... o que ele é meu?

Paro no meio da rua, olhando ao redor, como se buscando alguma resposta pra algum enigma do universo. Ele é meu namorado? Meu ficante?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda estou estática no meio da rua quando um homem esbarra em mim, quase me derrubando no chão. Firmo os pés e me viro em sua direção, mas o idiota sequer se desculpa. Apenas sorri, de um jeito muito estranho, e continua andando.

Não vou dizer que o episódio não pareceu casual, e tampouco que não me causou arrepios. Principalmente se eu levar em conta que, há alguns dias, eu venho tendo a sensação de que tem alguém sempre me observando. No trabalho, em casa, até mesmo na fila do banco tive essa sensação incômoda.

Me viro, novamente tentando ver em qual direção o homem iria, e noto quando ele entra dentro de um Pálio preto, cantando pneus ao sair.

Automaticamente pego meu celular, buscando alguma notícia de Lola. Cada dia que passa eu me preocupo mais com ela, com sua falta de notícias, e com a forma esquisita com a qual ela deixou de minha casa aquele dia.

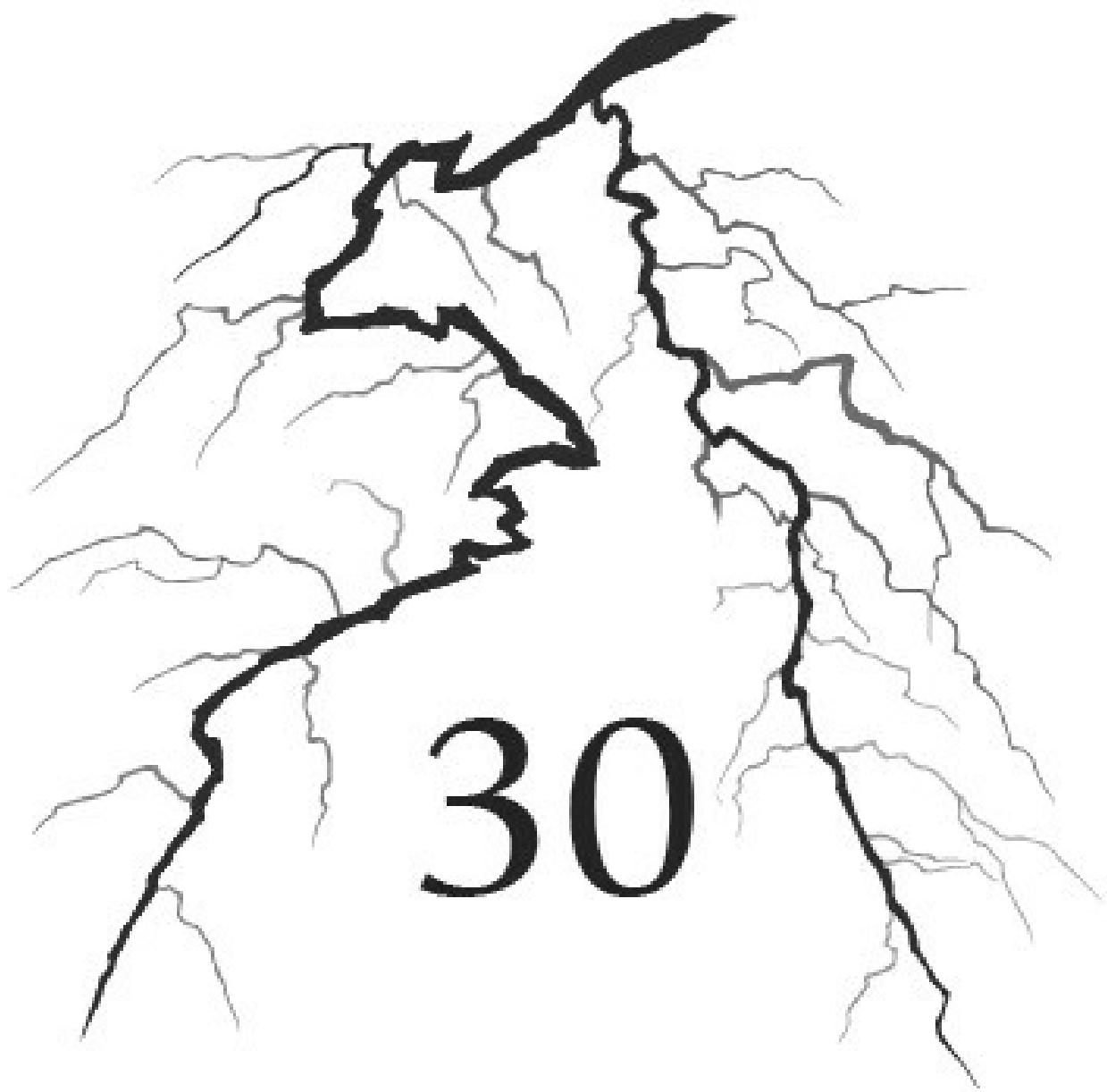
Passo pelo portão da escola, não sem antes dar mais uma olhada sobre os ombros, quando a maldita sensação de estar sendo observada volta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Gael

PERIGOSAS ACHERON

Não queria que Babi tivesse ido embora, mas a garota, devo dizer, é dura na queda. Vai ser difícil dobrar essa menina pra fazer as coisas do meu jeito, ela é quem sempre me dobra, e sem fazer esforço algum. A impressão que dá é que basta um sorriso e já estou feito besta, abanando o rabo e fazendo todas as suas vontades. Não consegui sequer deixa-la me levar até a escola, o máximo que consegui foi acompanhá-la até o ponto de ônibus e ficar feito um babaca rindo enquanto via ela se afastar, passando pela catraca do ônibus. Linda demais.

Ainda estava sorrindo feito um idiota quando sinto o telefone vibrar no bolso da calça, alertando pra uma nova chamada. Saco o telefone, e vejo a foto de Samuel piscando.

— Você me ama, fala a verdade, carioca — atendo, já caminhando de volta pro trabalho.

— *E você está animadinho... que maravilha. Andou vendo periquita verde, Gael?*

— Minha animação ainda permite bater o fone na sua cara. Diga lá, o que quer comigo?

— *Me encontre na lanchonete hoje à noite. Tenho novidades boas pra te passar.*

— Que novidades? – estaco no meio do caminho, o coração dando um salto no peito.

— *A noite, Gael. Tchau.*

Receber uma ligação de Samuel nunca é boa coisa, devo dizer. Principalmente quando ela vem em caráter de urgência. Se não tivesse passado tanto tempo com Babi mais cedo, certamente estaria bem aborrecido por ter que cancelar minha ida à sua casa mais tarde e, principalmente, por ter passado o restante do dia ansioso, tentando adivinhar o que tanto Samuel tinha pra me contar.

Vejo o exato momento em que o policial atravessa a porta da lanchonete onde geralmente nos encontramos, seu olhar duro percorre o local até me localizar.

— *Coé¹², italiano?*

— Samuel – me levanto, apertando a mão que ele me oferece – Faz um tempo que não nos falamos.

— Pois é – ele se senta, fazendo todo aquele

mistério que só é charmoso nos filmes de ação. Na vida real, é irritante pra caralho.

— Não me enrola, Samuel. Porque me ligou?

Ainda preciso aguardar a garçonete trazer o café que havia pedido, antes que ele, finalmente, desembuchasse.

— Lembra do Vicente, delegado da Polícia Federal?

Aceno com a cabeça, concordando. Não poderia esquecer, tivemos um embate memorável porque eu estava defendendo um sujeito que ele queria atrás das grades. Eu tive êxito, obviamente, e o sujeito acabou preso um tempo depois quando eu não estava mais trabalhando.

— Claro que eu lembro. Como anda aquele babaca?

— Empenhado. Entrei em contato com ele, Gael, vamos precisar da ajuda da PF e da Interpol.

— O que você descobriu?

Samuel sorri preguiçoso, se apoiando no encosto da cadeira, se deliciando com a minha

curiosidade e, porque não, com meu desespero. Lentamente, enquanto eu me reviro na cadeira em expectativa, ele saca o celular, abrindo um aplicativo qualquer.

— Seu investigador é, mesmo, muito bom.

Quando a polícia civil arquivou o caso do assassinato de Sofia e Melissa, eu não podia ficar quieto e deixar por isso mesmo. Eu poderia ter feito uma maluquice, a minha vontade mesmo era ter descarregado uma arma naquele grego maldito, mas Samuel me impediu. Um pouco mais calmo, resolvi agir com a frieza que sempre me fora peculiar, de outra forma eu nunca conseguiria provar nada.

A primeira coisa que eu fiz foi contratar um investigador particular. Durante meus anos na advocacia eu ganhei muito dinheiro, tinha sido bem-sucedido e utilizaria até o último centavo para colocar Nicolas atrás das grades. O sujeito que contratei, Estevão Marcondes, era caro pra cacete, mas bem competente. E nesses últimos dois anos conseguimos juntar um belo dossiê, desenterrando muita coisa que a polícia não parecia muito preocupada em resolver.

Estava claro como água que o perigoso ali

PERIGOSAS ACHERON

era Dimitrius, e a coisa piorou muito depois que ele se tornou CEO da Kyriacos & Co. Chantagem, venda de informação privilegiada, pagamento de propina, envolvimento com o tráfico de drogas, gente importante na folha de pagamento da empresa. Eu tinha o suficiente pra arrebentar com ele, mas eu queria mais. Queria provar que Nicolas tinha mandado matar minha esposa e quando conseguisse, ia acabar com os dois, sem dó.

— Porque diabos ele não me ligou, se sou eu quem paga seus honorários?

— Eu pedi, Gael. Não posso e não vou te falar muito, porque sei que você não bate muito bem e vai querer se meter no meio. Ele localizou Adrian, em algum lugar da Europa, e o rapaz está colaborando. Comigo.

— Se ele está colaborando, porque precisa da ajuda da Interpol?

— Porque ele sabe quem é o motorista que dirigia o carro aquela noite. E ele sabe onde o cara está.

Sinto um baque dolorido no peito, como se levasse um soco. Como se anos de espera

estivessem, finalmente, acabando.

— Samuel, você tem certeza que pode ser o cara? Que o grego não está tentando dificultar as coisas?

— Certeza eu não tenho. Até porque nunca achamos uma ponta solta que fosse, sabe disso. O *modus operandi* é apagar quem atrapalha. Mas depois de tudo o que conversamos com o moleque, temos fortes indícios que pode ser o nosso homem.

— O que eu posso fazer pra ajudar?

— Uma coisa simples, Gael: fica de fora. Eu não consigo entender o porque que ele nunca veio atrás de você então, não vamos dar sopa pro azar, ok?

Concordo, porque honestamente, essa é uma parte que eu também não entendia. Eu tenho pra mim que ele pensa que eu sou um inútil, que nunca seria páreo para ele. Talvez esperassem que eu fizesse com eles a mesma coisa que tinham feito com minha família: uma emboscada. Mas seria muito sujo, e muito rápido. Samuel me fez entender que eu não precisava pagar junto com eles. Não precisaria me tornar um justiceiro, na concepção

suja da palavra.

É bom saber que isso pode, em breve, estar no final.



Estranho quando vejo o carro de Jordie parado em frente minha casa, ainda mais a essa hora. Dez da noite, em plena quinta-feira, ela provavelmente estaria fazendo algo mais proveitoso.

— Mano! — Assim que desligo o motor e desembarco posso ouvir sua voz, saindo também do seu carro e vindo em minha direção.

— Aconteceu alguma coisa? — A abraço, preocupado.

— Eu não queria vir, achei que você estaria de cabeça cheia por causa de hoje cedo, mas Babi me garantiu que estava bem.

Apesar de preocupada, seu ar zombeteiro

me faz rir. Balanço a cabeça e a guio escada acima, até chegarmos em minha casa.

— Quer um café? Eu passo um, rapidinho.

— Não quero. — Ela se senta, jogando a bolsa de qualquer jeito em cima da mesa, e bufa, olhando ao redor — Você vai mesmo ficar morando sempre aqui, Gael?

— Me serve. Nunca chego atrasado ao trabalho... — viro uma das cadeiras ao contrário, colocando o encosto virado pra frente, e me sento, apoiando os braços nele — Me fala, o que aconteceu?

Jordie entorta a boca, um pouco contrariada pela rápida mudança de assunto, mas seu olhar logo muda e eu sei que a coisa é séria.

— A menina que nos colocou na justiça. Lembra dela, a Mirela? — aceno, concordando, e aguardo — Gustavo chegou hoje com a data da audiência, e com uma notícia extra, que não sabíamos. Ela trabalha na Kyriacos.

— Desde quando ela trabalha lá?

— Não sei dizer especificamente. Mas ele me garantiu que, quando ela deu entrada na ação, já

PERIGOSAS ACHERON

trabalhava com eles.

Me levanto da cadeira, sem conseguir ficar quieto, como se tivesse recebido uma descarga de adrenalina. Até quando esse maldito vai ficar rondando nossa vida?

— Isso não pode ser uma coincidência, pode, Gael?

— Pode. Pode sim. Mas eu não acho que seja.



Dimitrius

Se eu fosse de apostas, teria apostado alto e teria ganho como receberia a visita de meu pai hoje à noite. Pude reconhecer seu humor pela forma

como bateu a porta do escritório atrás de si, berrando meu nome.

Fui informado por Bastos, pela manhã, que talvez o seu irmão – que por acaso tinha sido motorista do carro no dia que demos um jeito no advogado – havia sido localizado. Bastos é locado na mesma delegacia que o tal Samuel Alves, o que me era demasiado conveniente porque, como agora, consigo saber de tudo, rapidamente.

Dizer que estou extremamente irritado é desnecessário. Eu sabia que manter esse homem vivo seria problemático no futuro, porque esse tipo de gente, que é pago pra fazer esses serviços menores, são completamente fáceis de se manipular. Bastava que fosse pego, um simples aperto, e ele entregaria tudo.

A minha ordem havia sido passar o cara assim que o trabalho tinha sido concluído. Pro meu azar, Bastos havia contratado seu irmão, que precisava de uma grana extra na época. Ele me garantira que o homem era de confiança, que sempre o acionava quando queria alguns serviços menores, e eu confiei na palavra dele.

Quando o caso foi arquivado pela polícia e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

soubemos que o investigador continuava fuçando por fora, achei que seria bom não deixar nenhuma ponta solta. Odiava-as, porque sempre apareciam quando menos esperávamos. Como agora. Eu sabia que o homem havia sido encontrado, mas não sabia *como*, e não saber das coisas me deixava furioso.

Ter controle de tudo é algo que eu não abro mão, nunca.

Tenho certeza que isso tem dedo daquele advogado de merda. Ele nunca parou de ficar fuçando, nunca parou de procurar. Eu devia ter acabado com ele também, mas saber que logo ele vai levar mais um baque é, particularmente, delicioso.

Vai aprender a nunca mais mexer no que é meu.

— Dimitrius, você vai afundar a empresa da família se esse motorista te implicar em qualquer coisa. Sabe disso.

Nossa casa é grande, uma das maiores mansões do Jardim América, e nunca precisei sair daqui pra me ver livre de meu pai. Depois que nossa mãe partiu, levando o imbecil do Adrian com

PERIGOSAS ACHERON

ela, a casa ficou ainda maior. Mas nem mesmo o maior número de cômodos impede que meu pai fique me seguindo pela casa, tagarelando na minha cabeça.

— Sim, pai, eu sei. Não se preocupe. Ele não vai me implicar em nada, porque eu não devo nada.

— Filho...

— Pai, eu já disse. Está tudo bem. — Caminho lentamente até o bar, porque nesse momento só mesmo uma bebida me ajudará a aturar isso.

— Eu fiz vistas grossas muitas vezes, filho. Mas agora não dá mais.

— Do que está falando?

— De todas as vezes que você fez algo contra a lei. Paguei advogados caríssimos, tentando te aliviar. Sei que jogou muitas de suas ações nas costas de seu irmão, e ele nunca te delatou, porque eu sempre ensinei que família se protege. Mas essa sua obsessão com o Prieto...

O ódio que eu sinto quando ele começa a defender esse cara, como se fosse intocável, como

PERIGOSAS ACHERON

se tivesse sido muito errado fazê-lo pagar pelos meus infortúnios, me deixa louco. Me viro, com sangue nos olhos, e jogo o copo em sua direção, o fazendo se esfaquear na parede atrás do velho.

— MAS QUE INFERNO! Toda vez a mesma coisa, pai, sempre defendendo esse homem, sempre querendo me fazer sentir culpado pelas merdas da vida dele!

Eu não gosto de perder a cabeça, porque a vontade que eu tenho, quando perco o controle, é arrasar com tudo o que eu tenho pela frente. E já venho me controlando há um bom tempo por causa de Babi e essa sua relação com aquele burro de carga. Me apoio na poltrona à minha frente, abaixo a cabeça e respiro fundo, tentando não segurar meu pai pelo pescoço e amassar a cabeça dele na parede.

— Dimi, meu filho...

— Pai, tenho muita coisa na cabeça agora. Descobri que sou pai, estou tentando me organizar e trazê-lo pra casa.

— Pai? Como assim?

— Lembra a filha do Cardoso? – Meu pai estreita o olhar, forçando a mente a se lembrar da

PERIGOSAS NACIONAIS

linda garota que vivia aparecendo aqui em casa, e posso ver quando a lembrança o atinge.

— Bárbara, certo? O seu irmão tinha interesse nela.

Era uma acusação. Correta, por sinal. Meu irmão foi o primeiro a prestar atenção na minha Babi. Chegou a comentar comigo que a única coisa que o impedia de tentar alguma coisa era a pouca idade da menina. Coisa que, para mim, nunca seria empecilho. Foi lindo ter algo que ele queria. E me pegou de jeito.

— Era minha namorada. Ficamos por bastante tempo juntos.

— Nunca nos contou nada... porque?

— Ainda pergunta? Só a sua boca retorcida em saber que eu tive um relacionamento com uma garota de classe inferior já demonstra o trabalho que eu teria tentando te convencer. Prefери poupar meu tempo.

— E essa menina engravidou de você.

Outra acusação, mas dessa vez não direcionada a mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Tenho um filho, e pelas minhas contas ele deve estar prestes a completar quatro anos.

— E como sabe que o filho é teu?

Sorrio, porque já esperava pela pergunta. Tanto que havia deixado próximo um porta-retratos com uma das fotos favoritas de minha mãe, onde eu e Adrian estávamos sentados na grande e colossal sala de nossa casa na Grécia. Estico o objeto, mostrando a foto pro velho.

— Ele é exatamente igual a mim. Quando vê-lo, vai entender.

— Quando você soube disso? E a menina, como está?

Travo o maxilar, ao imaginar *como* minha menina está nesse exato momento. Mas não vou me preocupar com isso. Não mais. Amanhã tudo se resolve.

— Está tudo bem, pai. Logo você conhecerá seu neto.

Viro as costas e sigo em direção ao meu quarto, pensando no dia seguinte. Será um evento e tanto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Gael

PERIGOSAS ACHERON

A ansiedade me corrói por dentro, tanto que eu mal consegui dormir essa noite, pensando naquele grego maldito e o porque sua empregada ter entrado com um processo contra minha irmã. Nada me ocorre, ao menos nada que faça sentido.

Sentado no banco alto do balcão de atendimento do depósito, fico olhando enquanto Pedro tamborila os dedos na madeira, tentando entender a situação, mas tão perdido quanto eu.

— Você falou que ele nunca te procurou pra nada, certo? — balanço a cabeça, confirmando — Mas ele sabe que você o investiga?

— Samuel disse que provavelmente alguém deve ter dito a ele que continuamos fuçando nas coisas, tentando achar provas que o incriminem. Sabe como é, não é difícil de achar alguém que esteja na lista de pagamentos de um cara como ele.

— E se ele quis ter certeza que você não advogava mais? Porque, sabe como é, um bom advogado pode desenterrar muita merda.

Confesso que isso nunca tinha passado pela minha cabeça. Uma vez encerrados os casos, tudo

era entregue de volta a ele, e provavelmente destruído. Nunca mais, depois daquele dia, havia pisado novamente em um fórum sequer.

— Será, Pedro?

— Um teste. Você disse que Gustavo não achou nada errado na demissão da funcionária, certo? Então seria burrice a menina entrar com um processo, sabendo que seria causa perdida. A não ser que ela quisesse apenas saber se o irmão advogado seria responsável por representar a escola.

Isso faz muito sentido. Os Kyriacos nunca mexeram comigo, mesmo imaginando que eu continuava em contato com o policial que os investigava. Talvez por saberem que eu era *café-com-leite*, que não lhes oferecia nenhum risco, trazia essa segurança.

Pedro parece saber que eu concordei com sua teoria, porque passou a sorrir feito um idiota orgulhoso. Eu ia dar-lhe uma resposta torta e tirar seu sorriso imbecil do rosto, quando ele ficou sério de repente, levantando do banco onde estava sentado. No momento em que sigo seu olhar, em direção à porta de entrada, o inferno toma conta do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu corpo, porque nada mais, nada menos que Dimitrius Kyriacos está parado, com sua pose de reizinho do mundo.

Não hesito um minuto, pulo o balcão, aos berros, só querendo torcer-lhe o pescoço e acabar de vez com esse inferno que se tornou minha vida desde que eu decidi representar sua família anos atrás.

Pedro é mais forte que eu, mas ainda assim, tem grande dificuldade em me segurar. Ele segura meus braços por trás, tentando me conter, enquanto Felipe, o garoto que trabalha conosco, se posiciona em minha frente e Joaquim apenas tenta bloquear a visão do grego, que sorri cinicamente frente ao meu ódio.

— Você costumava ser mais contido, Prieto.

— Eu vou matar você, Dimitrius. Vou matar você! – Eu berro, fora de mim, enquanto ouço os gritos de Pedro pedindo que eu me acalme.

— Outra hora, talvez. Por enquanto eu tenho algo bem sério a te dizer, e gostaria que prestasse muita atenção. Mas muita atenção

PERIGOSAS ACHERON

mesmo.

— Não quero ouvir nada do que você tenha a me dizer. A não ser a confissão que eu preciso pra te botar atrás das grades, seu desgraçado!

O aperto de Pedro aumenta, e eu começo a ficar com ódio dele também por estar me segurando, quando eu podia estar extravasando essa raiva toda na cara desse filho da puta.

— Não quer, mas vai ouvir. E só vou dizer uma vez: deixe minha mulher e meu filho em paz.

A compreensão do que ele diz passa longe. Troco um olhar com Pedro, que parece também não entender nada, e volto, tentando forçar meu braço novamente, tentando me soltar sem sucesso.

— Não tenho nada com mulher sua ou filho seu nenhum. Nunca chegaria perto da sua laia.

O sorriso que ele dá, condescendente, como se eu fosse estúpido, burro ou cego, me confunde ao ponto de eu tentar lembrar se cheguei a atender ou conversar recentemente com alguma pessoa que poderia ser relacionado com ele, sem eu saber. Mas ninguém me vem à cabeça. Então ele tira sua carteira do bolso, e a abrindo, saca uma foto, que

me mostra com uma expressão de puro deleite no rosto.

E eu poderia morrer só de ver aquela fotografia. Nela, Dimitrius está bem mais novo, um rapaz ainda, a foto parece ser datada da época em que eu ainda era advogado de sua família. Ele não devia ter mais que vinte anos. Sentada em seu colo, com a cabeça apoiada em seu ombro e a mão por baixo de sua camiseta, está Babi. A minha Babi. Uma menina ainda, adolescente, o rosto um pouco mais cheio do que é hoje, a saia curta mostrando as coxas não tão grossas, o cabelo cortado diferente e um pouco mais curto, com uma mecha colorida em tom azul.

Pedro fica tão chocado que solta meu braço e, com isso, consigo tomar a fotografia, olhar mais de perto, ter certeza que ele está falando a verdade, que aquela menina ali sentada em seu colo é a minha neném.

— Isso aqui é uma montagem... — devolvo a fotografia, as mãos trêmulas, coração acelerado, sem querer na verdade acreditar.

Ele então me estica uma outra fotografia, de Bruno. Com uma roupa diferente, toda pomposa, PERIGOSAS ACHERON

camisa de botão, sentado ao lado de um menininho muito parecido com ele. Sem entender, ergo meu olhar, e ele sorri.

— Parece com o menino, não? Esse aí — aponta o garoto mais velho da foto — sou eu.

A noção do que está acontecendo chega lentamente, como um quebra cabeça difícil de montar onde você acha as peças com dificuldade até a figura estar pronta. Dimitrius é o ex-namorado de Babi, pai de Bruno. O garoto é um Kyriacos.

E ela nunca me disse nada.

Meu olhar perdido diverte o homem à minha frente, porque ele sorri aberto, como se tivesse marcado um ponto importante contra mim. Guardando a foto de volta no bolso do blazer, ele me diz, antes de sair caminhando calmamente:

— Só os deixe em paz. Não é um pedido.

Não consigo me mexer, completamente chocado. Como se estivesse preso no lugar, congelado. Repasso todas as conversas que tive com Babi, falando sobre o que tinha acontecido, ter certeza que tinha mencionado *quem* era o responsável por toda aquela desgraça. Tenho

PERIGOSAS NACIONAIS

certeza que disse o nome de Nicolas ao menos uma vez.

— Porra...

Porque ela não me disse nada? Porque escondeu exatamente essa parte da história de mim?

A não ser que...

— Preciso ir até a escola – Joaquim não parece muito inclinado a me liberar, mas não dou a mínima.

— Você não vai a lugar algum até se acalmar, Gael.

— Tente me segurar dessa vez, Pedro. Só tente...

Ele não tenta, mas me acompanha. Eu sequer espero que Joaquim me libere, uma negativa não ia me impedir de qualquer forma. Preciso olhar pra ela enquanto pergunto se tudo era mais um plano desse grego maldito, de colocar gente conhecida ao nosso redor. Preciso que ela me diga que eu estou enganado.

Sento atrás do volante e Pedro logo está no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

banco do passageiro, prendendo o cinto porque sabe que hoje não pretendo respeitar limites de velocidade.

— Gael, só vá com calma. Escuta a menina...

— Vou escutar. Vou escutar tudo o que ela tem a dizer. Vou sim.

Em minutos estou estacionando o carro, de qualquer jeito, em frente ao colégio. Quando chego na recepção, posso ver a menina, sorridente, falando alguma coisa engraçada pra nova funcionária que ri alto. A forma intempestiva com que eu entro no local chama sua atenção.

— Oi, moço! – ela sorri, mas logo fica séria, ao ver que eu não estava tendo um bom dia – Tá tudo bem?

— Você quem vai me dizer se está tudo bem ou não. Pode começar me explicando porque não me disse que o pai do seu filho é Dimitrius Kyriacos?

A cor foge do seu rosto instantaneamente, e ela segura no balcão à sua frente, procurando algum tipo de apoio.

PERIGOSAS ACHERON

— C-omo...

— Como eu soube? Não por você, obviamente. Recebi uma visita do próprio, exigindo que eu não mexesse com sua *mulher e filho*. Imagina a minha surpresa?

Bárbara começa a chorar, imediatamente. Esfrega a mão na testa, perdida, olhando em volta, sem saber muito o que me dizer. Pedro, que está atrás de mim, chama por ela, perguntando se está tudo bem, e ela arfa, ainda sem voz. É uma mínima interação, mas isso acaba com o meu autocontrole.

— Quando ia me contar, Bárbara? – grito, e ela salta no lugar, me olhando, sem responder – Pensou que eu nunca ia descobrir o plano de vocês?

— Gael... – Pedro coloca a mão em meu ombro, mas eu tiro, irritado.

— Eu quero saber. Quero saber qual o prazer que as pessoas têm em me fazer de trouxa.

— EU NÃO FIZ NADA!

Babi grita, entre lágrimas, e Jordie aparece, assustada, querendo saber o que está acontecendo, chocada ao me ouvir falar que sua funcionária do mês é, na verdade, mulher de Dimitrius Kyriacos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Somos levados à pequena sala ao lado, que as duas dividem, e cruzo os braços, esperando-a me dizer algo que faça sentido.

— Ele não podia saber... — ela murmura, e eu explodo.

— Quem seria ele? Eu? Porque se for, lamento, mas eu soube. Da pior forma possível, recebendo a visita dele. Imagina como foi excelente saber que a menina que me fez quebrar a promessa que havia feito a minha mulher é uma maldita Kyriacos!

— Não, Gael... eu não sou. Eu... ele...

— Te contei tudo, Bárbara. — Digo o nome dela com um tom de desespero — Podia ter me dito também. Não disse porque não queria que eu soubesse, ou estragaria o plano do desgraçado.

— Que plano? — Jordie para ao meu lado, preocupada.

— Conte a ela, Pedro, o que você me disse...

— Não tem nada a ver, não era sobre ela... — Pedro começa a se justificar, e me irrita ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, que vai protege-la. Afinal de contas, tá querendo pegar, né? Tudo bem, eu falo – eu deveria encarar Jordie, mas não consigo tirar os olhos da menina que continua chorando, sentada em sua cadeira, olhando pra mim, negando tudo com a cabeça – Pedro acha que o processo contra a escola foi feito somente pra saber se eu ainda advogava. Se eu fosse o responsável pela sua defesa, ele saberia que eu seria um risco, de alguma forma.

Continuo falando, querendo entender tudo, querendo implorar que seja mentira.

— Obviamente ele iria querer mais informações da nossa vida pessoal. Qual a melhor forma de conseguir isso do que infiltrando alguém em nosso dia-a-dia? Em sua escola, na casa dos nossos pais, na minha cama? Dando a ele informações sobre a gente, que ele não conseguiria sem ter alguém muito próximo. Nem que fosse sua própria mulher.

Os ciúmes rasgam meu peito, imaginando que ela estaria com ele, que eu seria somente um passatempo, uma pecinha em um plano sórdido.

— Não é assim, Gael. Me ouve, por favor...

PERIGOSAS NACIONAIS

Babi se aproxima, seu perfume chega até mim, e sinto vontade de chorar, sentindo novamente aquela dor insuportável no peito. Eu já tinha me acostumado com a dor, só que agora ela parece dez mil vezes pior. Subitamente várias imagens pipocam em minha mente, momentos que compartilhamos juntos, onde eu pensei que recomeçar realmente era possível.

Penso em Bruno, e não posso acreditar que o meu menino é filho daquele demente.

— Me diz, por favor, com todas as letras: Bruno é filho de Dimitrius?

— Sim. — ela diz, derrotada — Mas eu posso explicar...

Não quero ouvir. Ela teve várias chances de me dizer, mas não disse, e o porque de não ter dito? Eu não quero ouvir. Porque eu fui inventar de mudar as coisas? De tentar sair daquele buraco? De achar que eu poderia seguir em frente outra vez? Lentamente eu tiro a corrente do pescoço, onde carrego minha aliança, e a coloco no dedo novamente. A menina chora, alto, sentido, mas eu não me importo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Só viro as costas e saio, sem rumo,
maldizendo a minha sorte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

Descobrir que Dimitrius sabe onde estou, e sabe que tivemos um filho, é desesperador. Não me conformo com a minha burrice, obviamente ele nos acharia. Estamos na mesma cidade onde ele vive... como não encontraria? Pensei que sua obsessão seria transferida a outra pessoa, e me sinto mal. Não servia pra mim, não vai servir para outra, obviamente. Tudo o que eu passei com ele, outra menina estaria passando. Como eu pude?

Eu fui muito estúpida pensando que poderia me esconder. E mais estúpida ainda pensando que poderia esconder isso de Gael, e que ele entenderia. Acho que foi a decisão mais infantil e sem sentido que eu já tive na minha vida. E vai me custar caro.

Eu não podia ter voltado.

O olhar que Gael me lança é exatamente o olhar que eu esperava receber quando ele soubesse que eu tinha tido um filho com um Kyriacos. Mesmo sendo da forma que foi. Seu ódio por aquela família não o deixaria pensar racionalmente, e foi por isso que eu escondi.

Eu devia ter me afastado dele, assim que soube. Tinha que ter me protegido, tinha que ter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

protegido meu filho, devia ter sumido. Pra outra cidade, longe deles. Que burrice meu Deus, que burrice!

Eu não queria perder Gael. Mas agora, vendo-o me dar as costas, depois de ter colocado de volta a maldita aliança de casamento, me diz que foi exatamente isso que aconteceu.

— Bruno é filho do Dimitrius, você sabia que ele foi responsável pela morte da Sofia e da Melissa, e mesmo assim não nos disse nada...

— Não queria que ninguém soubesse, Jordie. Não queria correr o risco, por isso não falei nada.

Pedro continua parado no meio da sala, as mãos na cintura, me observando, sério demais. Não disse mais uma palavra desde que Gael o acusou de estar interessado em mim.

— Bárbara, por favor. Pegue suas coisas, seu filho, e vá embora. Não preciso mais dos seus serviços.

— Jordie, por favor, eu...

— Não quero ter nada a ver com a sua família. Por favor... Agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sinto uma desesperança tão grande que eu só consigo curvar meu corpo e chorar, como há muito não chorava. De tristeza, de solidão, de medo. Por muitos anos Dimitrius tirou tudo o que eu tinha, e pelo visto, a coisa ia continuar assim.

Tento me acalmar um pouco e saio em direção à ala onde meu filho está, paro na porta vendo-o tão entretido no meio de uma aula de artes, coisa que ele adora. A mão cheia de massinha, fazendo uma escultura, ou algo do tipo. Fico sem coragem de chamar, de atrapalhar, sabendo que estou fazendo com que ele, mais uma vez, perca algo que ele gosta muito.

— Carol — ouço a voz de Jordie atrás de mim — a Bárbara vai levar o Bruno agora.

— Ah, ele tem consulta médica hoje? Não falou nada, Bá, ou eu nem teria deixado ele sujar a mãozinha.

Não consigo responder nada, somente me abaixo vendo o olhar decepcionado do pequeno, enquanto Carol passa um lenço em suas mãos, tirando o excesso de massinha. Quando ele vem ao meu encontro, seu olhar inquisidor machuca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tem médico, mãe, você não falou nada. Posso voltar pra massinha?

Busco Jordie com o olhar, implorando que ela deixe ao menos o menino terminar o dia na escola, mas ela está com a cabeça abaixada, olhando pra algum ponto no tapete, em outra direção. Só veio mesmo conferir que estávamos deixando o local.

— Não dá, bebê. Vamos embora, tá? — desapontado, ele somente balança a cabecinha e me estica a mão, que seguro com força.

Pego sua mochila, e volto com ele até a recepção, onde Cecília já havia colocado minha bolsa, talvez a mando de sua chefe, assim eu não precisaria mais entrar na sala dela, e ela não teria que me olhar novamente. Ninguém fala nada, não ouço uma palavra sequer.

Queria brigar com eles. Gritar meus motivos. Pedir mais uma chance. Mas novamente não faço isso. Somente engulo o ar, me despeço com um movimento de cabeça, e de mãos dadas com meu pequeno, saio em direção à calçada. Sem rumo, e sem saber o que fazer da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

Saco o celular, de forma automática, discando o numero de Lola, mas me lembro que ela ainda não me deu notícias.

— Meu Deus, o que eu vou fazer agora?

Ergo Bruno nos braços, apertando forte, apavorada. Não sei o que Dimitrius seria capaz se nos alcançasse agora. Ele ia tirar meu filho de mim, isso era certo como dois mais dois, mas o que faria comigo? Tento não me desesperar, mas o pavor me sufoca, e eu desconto tudo apertando meu filho ainda mais forte, que passa a reclamar.

— Babi...

Sobressalto ao ouvir a voz de Pedro atrás de mim, e já me preparo sabendo que terei que me defender quando noto seu ar de lamento.

— Vem, vou te levar pra casa...



O trajeto foi feito em silêncio, Pedro pediu

PERIGOSAS NACIONAIS

um carro por aplicativo e me acompanhou até em casa, quieto como eu absolutamente nunca tinha o visto.

Bruno acompanhava o clima, parecia sentir que tudo estava ruindo ao nosso redor. Em silêncio, brincava com um joguinho em meu celular.

Assim que o carro para em frente à minha casa, vejo a figura detestável de Éder, me aguardando. Devo ter soltado algum ruído, lamentando, porque chamo a atenção de Pedro, que sai do carro antes mesmo que eu me mexa, dando a volta por trás e me abrindo a porta. Agradeço a ele com o olhar, e respiro fundo, antes de alcançar o imbecil que me aguarda.

— Bárbara...

— Éder. Posso ajudar em alguma coisa?

O idiota mede Pedro de cima a baixo, talvez analisando o quanto ele apanharia se tentasse alguma gracinha. Pedro é alto, forte, e está parado ao meu lado com cara de poucos amigos, portanto, depois de alguns segundos, Éder apenas me fita novamente, sem preocupação alguma em tirar meu chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vendi os imóveis aqui da vizinhança, fiz um negócio excelente. Mas o novo proprietário tem planos pro seu terreno em particular e vocês terão que desapropriar o local.

— Como assim?

— Simples. Pela lei, você tem trinta dias pra me devolver a casa, contando a partir de hoje. Não vou cobrar o aluguel desse mês, uma cortesia, mesmo que você tenha me tratado tão mal nos últimos anos.

— Meu Deus... — é a única coisa que consigo expressar, enquanto vejo o homem saindo, com um simples “até logo,” como se nada tivesse acontecido. Tenho pra mim que ele adorou me dar essa notícia, foi como uma vingança por todas as negativas que eu lhe dei desde que mudei.

Pedro nota meu descontrole, porque pega a mochila de minha mão e abre o portão, me guiando pra dentro, com Bruno ao nosso lado.

Tudo está desmoronando à minha volta, e bem quando eu pensei que as coisas estavam dando certo. Em um dia eu tinha um bom emprego, um teto e alguém em quem me apoiar. Agora estou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

completamente sozinha, perdida, com um filho pequeno tendo que fugir novamente, sem saber como fazer isso. Ou para onde ir.

Eu preciso me acalmar. Não vou conseguir resolver nada estando descontrolada desse jeito, mas nesse exato minuto parece que um buraco está prestes a me engolir. De novo.

Não noto quando Pedro entra, vasculhando a cozinha, procurando por um copo pra me servir um pouco d'água. Me espanto ao ver ele sentar ao meu lado, esticando o copo, um sorriso curto de apoio mas que no fundo quer dizer: “você está bem ferrada mesmo.” Agradeço, mas sei que ele não vai deixar de me questionar, mesmo de uma forma mais branda que seus amigos o fizeram. E nem preciso esperar muito por isso.

— Me conta, por favor, essa história.

— Eu não sou espiã dos Kyriacos, Pê. Eu juro. — Sinto que preciso me defender, a princípio, porque senão ele não vai querer ouvir o restante.

— Eu acredito nisso, Babi. Quero entender a coisa toda, porque estou perdido, também. Como você conheceu esse cara?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Conto a ele tudo, desde o início. Como conheci a família grega, em uma festa oferecida pela empresa por conta da fusão das empresas deles, e a que meu pai trabalhava. Era uma menina deslumbrada, mimada, e totalmente ignorante no que tangia às pessoas. Achava que os ricos e poderosos eram, no geral, bons e justos, porque tinham um nome a zelar.

Conto sobre Adrian, o irmão mais novo de Dimitrius que conhecera nessa festa, que tinha servido como ponte entre nós. Era um rapaz simpático, inteligente, que conversava sobre tudo. Foi a convite dele que fui pela primeira vez à mansão Kyriacos, onde seu irmão estava reunindo alguns amigos. Não tive muitas chances aquela noite, o primogênito de Nicolas grudou no meu pé, e não sossegou enquanto não me roubou um beijo no final da noite.

Pedro muda completamente quando eu passo a relatar minha relação abusiva com Dimitrius. Aquele ar risonho e leve que ele sempre traz consigo não existe mais. Pelo contrário, o maxilar dele trava, as mãos se fecham em punho, e eu teria pena do grego se aparecesse em sua frente.

PERIGOSAS ACHERON

Mentira, não teria não.

Quando termino o relato, depois de lhe dizer tudo o que passei desde que descobri estar grávida até conseguir o emprego na escola de Jordie, me sinto vazia. Nunca pensei que contaria isso a ninguém. Eu tinha medo que vocalizar todo o meu passado o traria de volta, e parece que foi exatamente isso que aconteceu.

— Você contou isso tudo pro Gael?

— Sim. Menos o nome da família. A princípio eu não sabia, Pedro. Eu não tinha ideia de que eles estavam envolvidos na morte de Sofia ou eu nem teria aceito o emprego na escola, quanto mais me envolver com ele. Quando Gael me contou, eu me desesperei. Temia que a reação dele fosse exatamente essa de hoje. Não consegui contar. Eu devia ter ido embora...

Pedro nega, balança a cabeça, e segura a minha mão, me dando apoio. Mal ele sabe o quão importante isso é pra mim agora.

— Eu vou conversar com ele. Acho que ele ficou chocado, porque Dimitrius apareceu em pessoa, com uma foto de vocês, da época em que

estavam juntos. Gael não esperava e, principalmente, não esperava saber por ele, por isso a revolta.

— Ele não me deixou explicar. — Minha voz sai num fio, magoada, assustada.

Me magoa demais saber que, mais uma vez, Gael deixou seu lado tempestuoso vir à tona, ter dito tudo o que queria, e não ter ouvido nada em retorno. Principalmente por já ter ouvido o que eu tinha passado na mão de Dimitrius. Mesmo ele não sabendo quem era.

Eu sabia que ele ficaria bravo mas queria acreditar que ele no mínimo ouviria o que eu tinha a dizer.

— É embuste, que vocês chamam, não? — Pedro pergunta, risonho, tentando desanuviar a situação — Meu amigo é um desses.

Sorrio de volta, mas logo me preocupo com sua presença aqui, e, principalmente, o que está por trás disso.

— Porque veio me ajudar, Pedro?

— Porque você pareceu sincera em seu desespero, Babi. Porque te acho uma boa menina.

PERIGOSAS NACIONAIS

Porque amo Gael e vi o bem que você fez a ele. Porque ia odiar ver aquele imbecil estragando mais alguma coisa na vida dele.

— Não tem segundas intenções com isso não, né? O Gael disse...

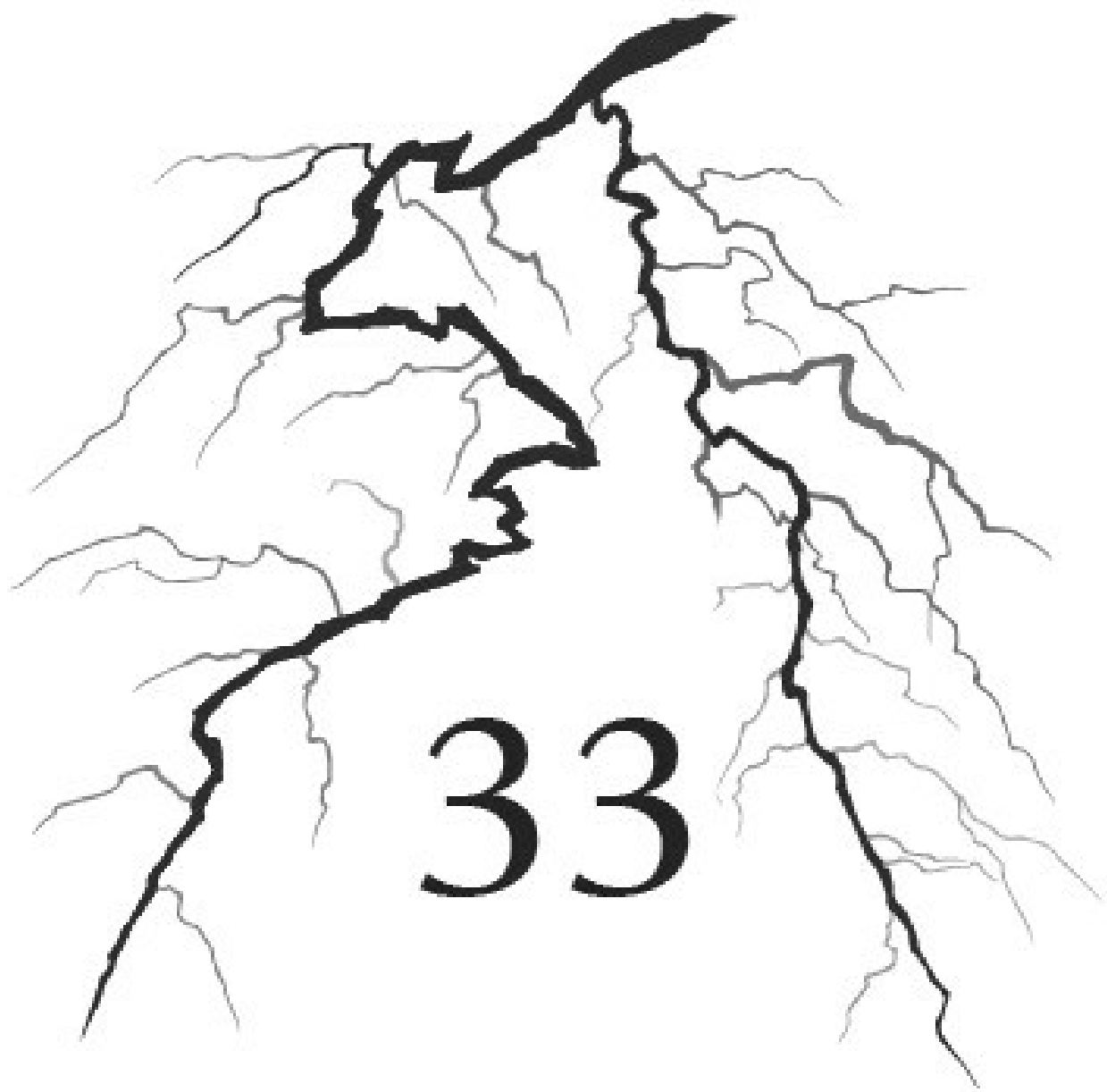
Ele dá uma risada, bem alta, se deliciando com a minha pergunta.

— Estou adorando isso, Babi. Você não tem ideia de quantas vezes o Gael tirou sarro da cara dos amigos por causa de ciúmes. “Vocês são uns idiotas inseguros,” ele sempre dizia. E agora viver dando piti uma vez por dia. – e segurando minha mão, disse de uma forma que não me dava motivos para duvidar de sua palavra – Estou aqui como amigo, Babi. Nada além disso.

Agradeço, até porque agora, sozinha do jeito como estou, um amigo é tudo o que eu mais poderia querer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



33

Babi

PERIGOSAS ACHERON

Deixo o telefone de lado, mais uma vez, depois de ter tentado entrar em contato com Lola sem sucesso, achando que talvez no primeiro horário da manhã fosse mais fácil. Procurei sua mãe, dona Zu e outras amigas dela que moram aqui na vizinhança, e nenhuma delas teve notícias desde que entrou naquele carro.

Foi Lola quem me trouxe a esse bairro. Eu morava em um barraco simples, numa favela não muito longe daqui, pois era a única coisa que eu podia pagar. Todos os outros locais que eu procurava pediam fiadores ou outras garantias que eu não tinha. Um dia, peguei um ônibus meio lotado, cheia de bolsas e com Bruno no colo, toda atrapalhada entre me manter em pé e não atrapalhar as pessoas ao redor. Foi então que a vi.

Aliás, não só eu, o ônibus inteiro a viu e ouviu. Ela começou a falar alto sobre como as pessoas eram folgadas, fingindo dormir sempre que apareciam passageiros com direito a usar o banco reservado. Falava tão alto que um homem próximo a ela cedeu seu lugar pra eu sentar.

Nesse mesmo ônibus ela me disse sobre

PERIGOSAS ACHERON

esse bairro, e como eu poderia locar uma casa direto com o proprietário. No outro dia, estava pegando minhas chaves e arrumando minha mudança. Isso fazem dois anos e, desde então, ela tem sido minha melhor amiga, a única pessoa com quem eu posso sempre contar. Imaginar que não vou vê-la mais enche meus olhos de lágrimas.

Ouçó os pezinhos de Bruno correndo pela sala, ele acordou cedo como de costume mas, diferente de todos os dias, hoje não tinha nada pra fazer. Ainda não se deu conta que não vai mais frequentar a escola, e não quero pensar o chororô que vai ser quando ele souber disso.

— Mamãe, hoje é sábado? É dia de ir no vô Alessandro?

Essa é outra parte que acaba comigo. Saber que ele se apegou tanto àquela família, e pensar que eles podem descontar em meu bebê a raiva que eles sentem de Dimitrius.

— Não querido. Alessandro foi viajar, ele vai demorar um pouquinho até voltar, sabe?

— Viajar? De *vinhão*?

— Isso, de avião. E demora bastante pra ir e

voltar.

Uma batida na porta nos interrompe e meu coração dispara com a possibilidade de ser Gael. Depois de passar a tarde aqui em casa ontem, Pedro saiu me garantindo que ia conversar com o amigo e tentar convencê-lo de vir até aqui pra que pudéssemos conversar direito. Pedro tinha certeza que ele ficou tão doido de ciúmes e por isso não conseguiu me ouvir.

Mal dormi a noite, me virando na cama o tempo todo, querendo ouvir a sua voz, querendo sentir o seu abraço. Me contendo, evitando passar uma mensagem, evitando ligar pra ele.

Ele não veio ontem, mas imaginar que pode ser ele agora faz com que eu levante em um salto e corra até a porta.

— *Agapi mou*, que saudades.

Minhas pernas amolecem quando percebo que é Dimitrius, em pessoa, parado na porta da minha casa. Instintivamente eu olho pra trás, ao notar que não tive tempo – e nem chance – de esconder Bruno de seus olhos, e os dois estão agora frente a frente.

— *Paidi mou*¹³...

Ver os dois lado a lado só me faz ter a certeza de como são parecidos. Dimi não mudou nada, apenas encorpou. Está bem mais musculoso, visto que a calça de seu terno caro parece mais marcada, e a camisa branca que ele usa, sem gravata e com os punhos dobrados até o cotovelo, está justa a ponto de deixar bem à vista seus músculos. A pele continua bronzeada, como se ele vivesse pra tomar sol todos os dias. O cabelo cheio, de fios grossos e escuros, continua cortados o permitindo moldar os cachos de um jeito charmoso. A barba bem cuidada dá uma aparência selvagem ao rosto bonito. E os olhos, de um tom azul esverdeado que tanto me enfeitiçaram um dia, continuam duros. Meu filho será um homem tão bonito quanto o pai, disso não tenho dúvidas. Mas pensar que ele pode ter o mesmo caráter, caso seja criado por ele, é o que me tira do sério.

— Oi, moço. Eu sou o Bruno e essa é a minha mamãe Bárbara.

— Olá Bruno, tudo bem? Eu sou o Dimitrius.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu garotinho franze o cenho, confuso com o nome complicado que acabou de ouvir. Dimi dá uma risada solta, talvez acostumado com a reação, e completa – Pode me chamar de Dimi.

Simpático toda a vida, observo com horror quando Bruno pega o homem pela mão e o traz porta adentro, em direção à pilha de brinquedos que ele espalhou em frente ao pequeno sofá.

— Vem aqui, olha meus brinquedos!

Dimitrius entra, não sem antes dar uma boa olhada ao redor, analisando a casa onde eu moro. Senta no chão, em frente à pequena pilha de brinquedos, e pega um carrinho de plástico, amassado e sem uma roda, nas mãos. O olhar que ele me lança é aterrorizante.

— Esses brinquedos estão quebrados, *paidi mou*. Vou te comprar uns brinquedos bem bonitos.

— Não estão quebrados, só são velhinhos.

— E qual desses você mais gosta?

O garoto dá um salto e sai correndo em direção ao quarto, voltando com o boneco do Homem Aranha em mãos.

PERIGOSAS ACHERON

— Esse aqui eu gosto. Eu até durmo com ele. Fui ver no cinema o filme e depois ganhei o brinquedo do meu tio Gael.

Dimitrius segura o boneco com tanta força nas mãos que eu temo que vá quebra-lo. Mas, depois de respirar fundo, ele se controla e o devolve, não sem antes segurar o menino pelo queixo.

— Vou te encher de bonecos assim, você nem vai lembrar desse. Vou te dar o mundo, *paidi mou*.

— Mamãe – o garoto, com um ar confuso mas sabidamente esperto pra saber que o nosso visitante não é uma pessoa que seja seguro se aproximar muito, vem até mim, que estupidamente continuo parada próxima a porta, no mesmo lugar que estava quando ele chegou – Você depois ensina o moço que meu nome não é *peidimu*? Diz a ele que é Bruno?

— Ensino sim. Agora vai lá pro quarto brincar com seu Homem Aranha, enquanto a mamãe conversa com o senhor Dimitrius, tá?

Rapidamente Bruno some de nossas vistas,

e ainda encosta a porta do quarto, o que eu preciso agradecê-lo imensamente depois. Apesar de uma vida nem sempre confortável sempre pude criar Bruno longe de qualquer tipo de violência, e não gostaria de mudar isso agora.

— Senhor Dimitrius... sabe que eu gosto como isso soa em sua voz, Babi? Nunca tinha pensado em fazê-la me chamar de senhor, mas isso agora me trouxe algumas ideias...

Estremeço, mas ergo o queixo, não querendo demonstrar o quão apavorada estou.

— O que quer, Dimitrius?

— Vejamos, o que eu quero... — ele rodeia à minha volta, sem tirar os olhos de mim — Minha mulher, essa fujona, comigo? Meu filho em baixo do meu teto?

— Não sou sua mulher.

Gostaria muito de ter soado firme nessa afirmação, mas seu olhar duro me fez estremecer. E não de uma forma boa, confortável.

— Te avisei uma vez, Babi. Minha, pra sempre, só minha. Andei sabendo que você estava se esbaldando por aí com aquele burro de carga.

Isso acaba agora. Você nunca mais vai ver aquele homem, estamos entendidos?

Como não lhe respondo, ele age da forma usual. Passa a mão pela minha cintura, e aperta, com força. A voz sai baixa, rasgada, ameaçadora.

— Vou te falar como vai ser, Babi. Meu filho vai viver comigo, em baixo do meu teto, sendo criado por mim. Não nesse barraco miserável de fim de mundo, com brinquedos quebrados e roupa surrada. Ele é um Kyriacos e vai viver como tal. — seu nariz passa pelo meu pescoço, conforme seus dedos forçam ainda mais a carne de minha cintura, me deixando a certeza que vou ficar marcada — E você vai voltar a viver comigo, como minha mulher. Não vai ser difícil já que está sem emprego, sem amigos, sem casa.

Franzo o cenho e o olho, confusa em como ele sabe tudo isso. Ele sorri, um sorriso gelado, os olhos cravados em mim, se divertindo.

— Eu comprei essa casa, minha querida. Comprei e ela vai pro chão. Só não vou demoli-la hoje porque existem leis e essa merda enche o saco. Mas a casa onde você dormiu com aquele homem — conforme ele vai falando, sua mão alcança o meu

PERIGOSAS ACHERON

cabelo, e ele puxa, me fazendo olhar pra ele sem desviar – merece virar isso, uma pilha de entulho. Emprego eu sei que você não tem. Pude ver quando saiu enxotada da escola dos Prieto. Dinheiro, menos ainda. E amigos, você nunca teve. A única que tinha lhe restado, bem...

Arregalo os olhos quando me dou conta que ele pode ter sido responsável pelo sumiço de Lola.

— Você machucou ela? Machucou a Lola?

— Não. Ainda não. Ela está bem, viajando e bem comida. Mas não posso garantir que as coisas se manterão dessa forma, caso você não colabore.

Um puxão mais forte em meu cabelo, fazendo o couro cabeludo arder, e ele me solta. Preciso me escorar na porta ou cairia no chão, tamanha tremedeira que me acomete.

— Eu volto, Babi. Em breve eu volto pra te buscar.

Paralisada, vejo ele sair pelo portão e entrar no luxuoso carro preto estacionado na porta de casa. Ao dar partida, um Pálio preto o segue, mas o motorista, por descuido ou sabendo exatamente o que fazia, me permite ver seu rosto. É o mesmo

homem que esbarrou comigo dias atrás, na porta da escola.

Relembro todas as vezes que pensei estar sendo seguida, observada, e caio em mim. Ele sempre esteve perto, só apareceu agora porque viu que eu estava me envolvendo seriamente com Gael.

Fico apavorada, com medo dele fazer alguma coisa contra os Prieto. Se vingar deles por terem entrado em minha vida. Caio sentada no chão, a porta ainda aberta, perdida, sem saber o que fazer. Sem saber a quem recorrer, a quem pedir ajuda.

Relembro o tempo em que convivia com os Kyriacos. Nicolas, o patriarca, era sempre sério, duro, colocava a empresa acima de qualquer coisa. Apesar disso, nunca pensaria nele como uma pessoa capaz de matar, principalmente por ver como ele agia com sua esposa, Agnes, e com a pequena Idylla.

A menina Kyriacos teria a minha idade hoje, não tivesse sido assassinada anos antes, em uma emboscada. Lembro do susto ao ver a notícia na TV, e saber que além dela, seu irmão Adrian também estava entre a vida e a morte no hospital.

Se Adrian ainda estivesse por aqui, seria minha tábua de salvação. Quantas brigas presenciei entre eles, quando Dimi fazia alguma coisa realmente reprovável e seu irmão o confrontava, tentava trazê-lo a razão. Mas ele sumiu no mundo, Pedro me disse que ele pegou uma mochila e foi embora, sem olhar para trás.

Não posso deixar meu filho cair nas mãos daquele doente. Não posso...



O prédio alto continua imponente como eu me lembrava. Fiquei por um bom tempo vigiando, até ver Dimitrius saindo da empresa, talvez pro seu horário de almoço. Era um chute no escuro, mas eu precisava tentar. Precisava fazer o que estivesse ao meu alcance.

Não foi fácil convencer dona Zu a ficar com Bruno, mas se eu queria protegê-lo, não poderia trazê-lo comigo. E é pensando nele que tomo

coragem e paro em frente a recepção da Kyriacos & Co., onde uma moça me olha confusa.

— Boa tarde. Por favor, eu gostaria de falar com o senhor Nicolas Kyriacos. Não tenho horário marcado, mas acredito que ele gostaria muito de me receber.

— Boa tarde, senhora. Nós não temos ordens de repassar ninguém pra diretoria sem hora marcada, me desculpe.

— Eu entendo. Mas eu peço, por favor, que reconsidere – antes de mais uma recusa, seguro sua mão – Só ligue e avise a ele que Bárbara Cardoso está no saguão e se ele pode me receber. Se ele se negar, eu vou embora, sem dar problemas.

A menina ainda titubeia, mas acaba falando com sua secretária, e logo estou sendo direcionada ao elevador de acesso. Olho minha imagem no espelho interno e eu estou realmente parecendo uma louca. Sai de casa sem mal me arrumar, vestindo apenas uma calça jeans, um par de tênis e uma camiseta básica, sem nenhum tipo de maquiagem ou bijuteria. Exausta, física e mentalmente, sabendo que a minha vida pode mudar completamente se isso não der certo

O elevador para no 22º andar e eu desço, me direcionando a uma mesa onde uma senhora de ar rígido e roupas sóbrias me aguarda.

— Senhorita Bárbara Cardoso? – Confirmo com um aceno de cabeça, e ela me aponta o corredor – Por aqui, por favor.

Nunca estive na diretoria da Kyriacos, e se tem uma palavra que defina esse lugar, essa seria “grandioso.” Mas tenho pouco tempo pra analisar mais o local porque, com duas batidas, ela abre uma grande porta de mogno e me anuncia, abrindo espaço até eu entrar.

Nicolas Kyriacos se encontra sentado atrás de uma grande mesa cheia de papéis, me olhando com olhos de falcão, a mão acariciando o rosto barbado. Envelheceu demais desde que o vi pela última vez, quando parecia um astro de cinema, todo bonito e cheio de pose. Mas, de certa forma, o rosto marcado por rugas de expressão – e de idade, – o cabelo e a barba cheia e grisalha deixam sua expressão mais branda, como se fosse realmente um bom velhinho.

— A senhorita vai ficar em pé o tempo todo?

Já a voz continua a mesma, grossa e soturna, me arrepiando dos pés à cabeça de medo.

— Me desculpe vir sem avisar, senhor Kyriacos. Mas o que eu tenho pra falar é de certa urgência e eu não tenho mais a quem recorrer.

— Bárbara Cardoso. — O homem se levanta, e, bem, isso também não mudou. Ele continua alto. Muito alto. — Sente-se, por favor. Se acomode, eu não mordo.

Ainda atrapalhada, me sento na cadeira que ele indica, bem em frente a sua mesa. O coração disparado com medo de ter feito uma burrada, ou de Dimi entrar porta adentro ao ser informado por alguém que eu me encontro aqui na empresa.

Não tinha pra onde correr. Obviamente agora que ele sabe da minha existência, e pior, sabe que tem um filho, eu estava livre, poderia usar meu dinheiro e sumir. Mas eu preciso de um tempo, e isso é o que eu não tenho. Decidi arriscar, e buscar o apoio do velho Kyriacos. Que está agora, na minha frente e de braços cruzados, me perguntando no que pode ser-me útil.

— Eu não sei por onde começar, senhor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas eu preciso de ajuda, preciso fugir do seu filho.

— Fugir do meu filho? – Começar dessa forma deve ter sido uma boa ideia, porque chamei sua atenção – Porque você quer fugir dele?

— Porque ele quer tirar meu filho de mim, e me forçar a ficar junto dele. E eu não quero isso.

— Dimitrius me disse ontem que tinha um filho.

— Sim, senhor.

— Acredito que você deve saber que nós gregos não temos por costume deixar filhos crescerem soltos, sem nossa direção e, principalmente, sem o nosso nome.

Acredito que ele deve ser a única pessoa no mundo que acredita nessa merda, mas acho melhor não contrariar o velho.

— Eu não tenho a intenção de jogar meu filho contra as suas raízes, senhor Nicolas. Apesar de não estar nem um pouco interessada em bens materiais, eu nunca falei mal de sua família paterna pra ele. Mas daí a ser criado pelo pai, existe uma diferença enorme.

PERIGOSAS ACHERON

Um longo silêncio toma conta da sala. Eu gostaria de falar abertamente a esse homem tudo o que me assombra, mas não sei até que ponto eu posso confiar nele. Principalmente depois de ouvir de Gael que ele é o responsável pela morte de sua esposa, mas algo me diz, intimamente, que o responsável é seu filho.

— Tenho medo de Dimitrius, senhor Nicolas. Tenho medo do que ele possa fazer comigo. E do que ele possa ensinar ao meu filho.

— Ele lhe fez alguma coisa? – E essa é a deixa para que eu desabafe, nem que seja um pouco.

— Eu fugi por causa disso. Nunca quis que ele soubesse que estava grávida, porque tinha pavor dele. Só queria sumir e criar meu filho em paz. Agora ele me achou, e começou a destruir tudo ao meu redor. Perdi minha casa, meu emprego, meus amigos... não sei mais o que fazer.

Minha voz falha, estou fazendo um esforço sobre-humano pra não cair em prantos aqui na frente do homem. E ele compreende, porque se senta ao meu lado, segura minha mão e me lança um sorriso acolhedor.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não posso prometer, afinal de contas o menino é seu filho de sangue e a lei o protege nesse caso. Mas vou tentar. Tudo bem assim?

Balanço a cabeça, ainda nervosa, enquanto ele me estica um cartão de visitas.

— Fique com meu número pessoal, caso precise de alguma coisa imediata. Pode me ligar a qualquer horário.

Me ergo, agradecendo, e sigo em direção à porta quando ele me chama novamente.

— Eu vou tentar, menina. Prometo.

Tentar já é uma grande coisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Gael

PERIGOSAS ACHERON

Eu pensei que nunca mais sentiria essa sensação de ter levado uma rasteira da vida. Já estava acostumado, ainda que recente, com a ideia de tudo estar finalmente indo pro seu lugar. Mas, obviamente, nada parece ser tão fácil pra Gael Prieto, não é mesmo?

Fico relembrando, em um loop infinito, Babi me confirmando que Bruno é filho de Dimitrius. Existem várias coisas que me matam nessa nova descoberta. Primeiro: Bruno ser filho de Dimitrius. Segundo: Babi ter tido um relacionamento com ele. Terceiro: ela não ter me contado. E a última parte é realmente a única que me incomoda, verdadeiramente... porque não me contou?

Será que eu não sou confiável a esse ponto?

Um barulho na porta chama minha atenção, e vejo quando Pedro entra, sem nem mesmo pedir licença, coisa que ele sempre faz quando está puto.

— O que foi, o cavaleiro reluzente já veio defender a pobre donzela?

— Eu acho que até pra ser babaca existe um

limite máximo, Gael. E tenho pra mim que você chegou no seu.

Cruzo os braços, a raiva e o ciúme me corroendo. Sei que ele foi levar Babi em casa ontem, Jordie havia me dito que ele saiu da escola junto com ela. Ele veio aqui em casa mais de uma vez desde então, evitei esse puto o máximo que eu podia, e continuaria evitando se ele não tivesse entrado sem avisar.

— Podia ter ouvido a menina, mano.

— E ela podia ter me contado antes. Eu chorei nos braços dela, Pedro, dizendo tudo o que aquela família tinha me feito. E mesmo assim, ela me fez de idiota.

— Ela não fez ninguém de idiota! Você sabe que ela tem medo dele. Sabe o porque, já que ela te contou tudo o que passou na mão dele. Ou estou enganado nisso também?

Sinto meu peito queimar, ao saber que ela confidenciou essas coisas pra ele também.

— Conversas íntimas, não?

— Hoje eu não vou achar graça disso, Gael. Hoje não. Ela está precisando de você.

— Problema dela. Pra essas coisas ela, talvez, tenha você, não?

Antes que ele me responda, o telefone toca e ele atende. Estranho quando Pedro não se retira, se mantendo em pé ao meu lado, me olhando diretamente, fazendo entender *com quem* ele estava falando.

— Oi... tá tudo bem aí? O que? Como assim? Você fez o *que*? Ele... puta merda. Olha só, relaxa... Faz o seguinte, arruma uma bolsa com suas coisas, vou dar um jeito nisso. Chego rapidinho.

Pedro se aproxima, o olhar firme, mais sério do que nunca o vi antes.

— A menina precisa de você, Gael. Ela e o furacão. Aquele...

— Não precisa me contar, – corto, antes que ele continue o relato – não conte comigo, Pedro.

O suspiro pesado que sai de seu pulmão diz que a paciência dele foi-se embora, mas eu realmente não estou interessado no que ele tem pra me dizer, considerando que estou me segurando o máximo, evitando segurar seu pescoço entre as

mãos e torcer, de raiva por ele estar tão íntimo assim de Babi.

— Eu sempre admirei você. Desde criança, você sempre foi o meu melhor amigo. O cara pra quem eu corria pedindo opinião antes de fazer qualquer coisa, porque eu sabia que, se você fosse contra, era definitivamente porque não valia a pena. Sempre foi um homem justo, honesto, correto. Amigo de todas as horas. Parceiro inestimável. O melhor amigo, o melhor filho, o melhor marido.

Me levanto, prestes a interromper o que quer que ele tenha a me dizer, mas ele está empenhado a continuar o discurso, e aumenta o tom de voz, pra que eu não possa parar de ouvir.

— Então uma vez você me disse que aquele Gael, o meu melhor amigo, tinha morrido. Que não existia nada dele. Eu achei um exagero, sabe? Achei que era só o seu luto falando mais alto. Mas... acho que você tem razão. Aquele Gael morreu mesmo. Aquele cara que eu conheci nunca deixaria uma menina à própria sorte, correndo o risco de cair nas mãos de um bandido abusivo, porque ficou magoadinho.

— Engraçado que você me fala esse monte

PERIGOSAS ACHERON

de merda, mas não leva em conta que ela mentiu pra mim!

— Claro que eu levo em conta, porra. Mas, diferente de você, eu ouvi o que ela tinha pra falar e o *porque* ela não te contou.

— Não me contou porque está junto dele...

— Não te contou porque você virou um homem das cavernas! Um ciumento ridículo que fica cego, não ouve e nem vê nada ao seu redor. Ficou tão inseguro a ponto de achar que qualquer um vai tirar sua mulher de você, e nem se toca que essas babaquices acabam magoando as pessoas. Magoando e, no caso aqui, machucando! Ela te conhece tão bem que sabia que você faria uma cena, que ia estrebuchar e não ia sequer deixar ela falar.

— Cuida dela você, caralho! — explodo.

— Vou cuidar, Gael. Mas depois você não reclama.

O desgraçado sai, batendo a porta atrás dele, e finalmente a raiva atinge seu pico. Sem nem pensar já me vejo chutando as cadeiras, virando a mesa, esmurrando a parede. Puto, nervoso,

PERIGOSAS NACIONAIS

enciumado porque ela o procurou, porque foi atrás dele. Porque confiou nele.

Quando não tenho mais nada à mão pra jogar longe, apoio o corpo na parede, tentando me acalmar. Preciso estar calmo quando conversar com ela, nunca poderia explodir desse jeito, chutando as coisas, esbravejando todos os palavrões que eu conheço.

Com certeza ela vai ter uma explicação por não ter me contado nada. Talvez porque sabia que eu seria um imbecil, que eu xingaria primeiro pra ouvir depois. Posso lidar com o fato dela ter me escondido coisas depois, uma outra hora. Agora eu preciso vê-la, preciso tirá-la daquela casa e ter a certeza de que Dimitrius nunca chegará perto do meu moleque.

Levanto, em um salto, passo a mão na minha carteira e na chave do carro, talvez eu consiga chegar na casa dela junto com Pedro. Ele nunca foi muito bom em dirigir, mesmo...

PERIGOSAS ACHERON



Babi

Ouçó o barulho do carro de Pedro, quando ele estaciona em frente de casa e saio em disparada, descendo a escada sem nem ter o cuidado de trancar a porta. Sorrio, lembrando a preocupação que sempre tive em manter tudo bem trancado pra evitar assaltos. Quero mais é que eles levem a casa inteira agora, se puderem. Jogo as malas de qualquer jeito no banco da frente e pulo com Bruno no banco traseiro, e ele dá partida, enquanto eu olho ao redor, tendo certeza que nenhum carro está à espreita ou nos seguindo.

— Tudo certo aí? — ele pergunta, já mudando de marcha, enquanto se dirige à pista expressa.

— Tudo. Pedro... você tem certeza?

— Relaxa... — vejo quando ele dá uma piscada, e um dos seus famosos sorrisos, enquanto me olha pelo retrovisor, e logo está novamente prestando atenção no trânsito.

Não tivemos muito tempo para planejar. Depois que saí da Kyriacos, estava me sentindo tão perdida e apavorada que liguei pra ele. Conteí, rapidamente, a visita que tinha recebido e a minha ideia esdrúxula de pedir ajuda ao velho grego. Ele ficou puto. Mas, apesar de puto, disse que ia me socorrer. Não sei onde ele estava, não sei o que estava fazendo, mas chegou em casa em tempo recorde, pronto pra me tirar dali e sumir comigo.

— Tio Pepê, você dirige ruim igual o tio Gael?

— Olha, eu espero dirigir melhor que ele, até porque vamos andar pra caramba de carro hoje...

— Onde a gente vai, Pedro?

— Pro litoral. Eu comprei uma casa lá não tem muito tempo, ninguém sabe dela ainda. Tem uma senhorinha que cuida da casa, e ela deu uma

limpada em tudo e encheu a despensa, pedi que deixasse comida pra uma semana.

Bruno começa a ficar impaciente, como sempre fica em viagens longas, baixo um joguinho qualquer em meu celular e lhe empresto o aparelho.

— Babi, me faz um favor. Desliga o seu celular e pega, aqui no porta luvas, um outro aparelho vermelho. Você vai ficar usando esse por enquanto.

— Porque não posso usar o meu?

— Porque ele pode ser rastreado. E se eu, que sou um bosta, consigo fazer isso, com certeza as pessoas que ajudam aquele moleque podem fazer o mesmo. Eu desliguei o meu também, nem pensei em comprar um chip novo também.

Com um pouco de dificuldade passo por cima do banco do passageiro e pego o celular indicado, dentro do porta luvas. Ligo, conferindo que está com a bateria cheia, e empresto pro Bruno.

— Quem tem esse número?

— Eu, por enquanto. Comprei quando estava indo até sua casa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sinto o vento bater em meu rosto, entrando no carro pela janela aberta, e uma melancolia insuportável me invade. Me recordo de quando fazia essas viagens ao litoral com meu pai, em nosso refúgio em Ilhabela. Sobressalto, ao lembrar que a casa ainda existe.

— Pedro, qual praia estamos indo?

— Ubatuba. Porque?

— Por nada... — recebo um olhar enviesado e decido ser sincera — Meu pai tinha casa em Ilhabela. A casa ainda está lá, e tipo, não duvido que ele vá nos procurar.

— Babi, não tive tempo de planejar isso. Eu só peguei o carro, a chave da casa, e achei que seria uma boa saída de emergência. Mas eu vou procurar o policial, amigo do Gael, assim que te deixar em segurança. Acho que ele pode ajudar melhor nisso.

— Acha mesmo? Porque Nicolas disse que a lei pode estar ao lado do Dimi nisso tudo.

Seu súbito silêncio diria muito mais do que precisava, mas mesmo assim, ele confirmou.

— E eu acredito que pode.

PERIGOSAS ACHERON



A casa é simples, mas bonita, toda cercada por muros altos, a uma quadra da praia das Toninhas. Pedro fecha o portão da garagem com o controle remoto, antes de desembarcarmos, por segurança.

— Não está terminada ainda, mas um dia ficará do jeito que eu quero.

Assim que descemos do carro, posso ver que o terreno da casa é enorme, com um espaço imenso que daria um extenso gramado e um jardim. A garagem fica logo ao lado da varanda lateral, onde também fica a porta de entrada. O teto da varanda, de madeira envernizada, tem vários filtros de sonho pendurados e um outro arranjo com diferentes esculturas de pássaros de madeira, imitando um bonito viveiro. Uma mesa redonda com quatro confortáveis poltronas deixa o lugar ainda mais aconchegante.

A porta dupla abre direto na cozinha, bem

equipada e toda decorada em marrom e amarelo. Consigo ver uma geladeira, micro-ondas, liquidificador, um balcão enorme separando a mesa de jantar da pia e fogão com vários fardos de água mineral, suco de caixinha e garrafas de leite integral. Em cima da mesa, três fruteiras com uma variedade incrível de frutas.

À direita, uma pequena sala de tevê, com um sofá de dois lugares e uma mesa redonda de madeira com tampo de vidro. Vasos de flores enfeitam todo o local, e uma cortina linda de voil¹⁴ tampa a claridade da janela maior.

Me pego apaixonada pela casa, pensando em como Pedro pode dizer que ela não está terminada ainda. Como lendo meus pensamentos, ele ri, abrindo os braços.

— A minha casa ideal seria mais estilo surfista.

— Você a comprou já decorada assim? — ele balança a cabeça, e eu penso comigo que nunca abriria mão de uma casa linda dessas.

— Vem ver o resto... — quando menos espero, ele já está me puxando pelo braço, em

direção ao corredor.

A casa tem três quartos. Um deles, com duas beliches e duas cômodas, têm um banheiro privativo e uma porta dupla que, assim como a cozinha, sai em frente à garagem. Um outro quarto, menor, fica logo após a sala de estar, com duas camas pequenas de solteiro, um armário e um pequeno gaveteiro. E o outro, maior, também com banheiro privativo e sua própria banheira, tem uma cama de casal, um armário embutido, um espelho enorme na parede e um cabideiro.

Nos fundos, ainda tem um espaço com uma churrasqueira, que está trancado à chave.

— Essa casa é um sonho, Pedro!

— Sim, eu gostei bastante. Bem localizada, grande, arejada. Vou dar uma arrumada aqui fora, quero colocar uma piscina ali na frente, fazer um jardim, deixar bonitinha.

— Você falou que ninguém sabe dela ainda?

— Não. Eu comprei tem pouco tempo, queria arrumar tudo antes de convidar o pessoal.

Eu vejo quando o seu semblante cai, fica

PERIGOSAS ACHERON

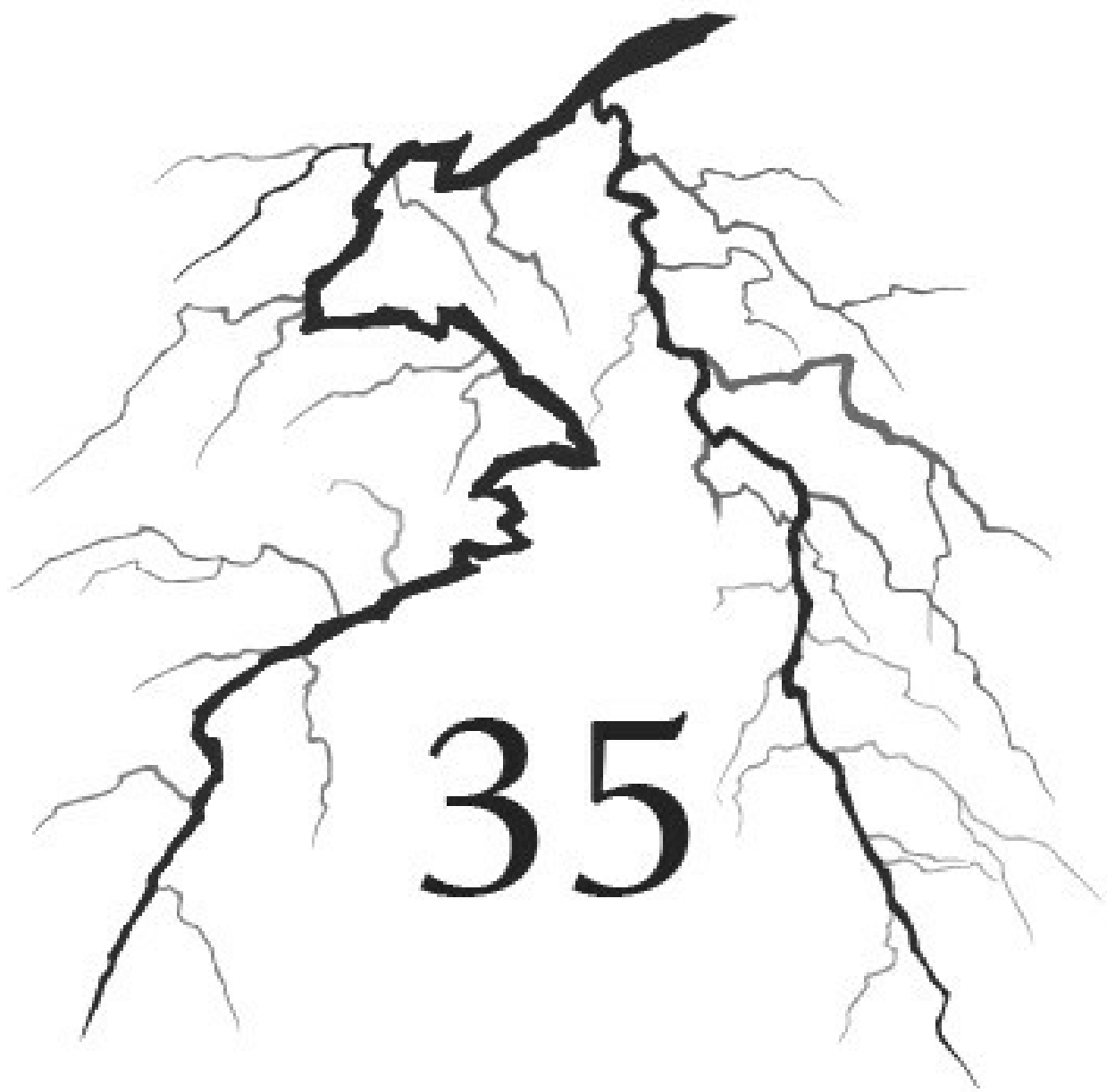
mais triste, e me sinto muito culpada. Porque imagino que quando a família Prieto souber que ele está me ajudando, vão ficar contra ele.

— Pedro, eu não quero te causar problemas.
— Seguro seu braço, assim que ele tenta passar por mim.

Como um mantra, ele pisca e me dá um sorriso, indo terminar de descarregar o carro.

— Relaxa...

PERIGOSAS NACIONAIS



Gael

PERIGOSAS ACHERON

Minha casa fica pequena pra tanto falatório. A primeira coisa que Jordie fizera, depois de demitir Babi, foi avisar minha família a respeito. Obviamente todo mundo correu até aqui, querendo tomar conta do *pobre Gael*, que foi enganado pela *ardilosa recepcionista*.

Como eu odeio isso.

Quando eu perdi Sofia eles vinham todos os dias, ficavam me olhando com aquela cara de pena, querendo tomar conta de todos os meus passos como se eu fosse um inválido. Adivinha se não é a mesma sensação nesse exato momento?

Consegui evita-los por ontem, mas hoje já não foi possível. Hoje, curiosamente, não consegui evitar ninguém.

Jordie e minha mãe estão em um falatório constante desde que chegaram, e isso já faz algum tempo. Entre “tem certeza que está bem” e “como pudemos nos enganar tanto”, elas já soltaram várias frases aleatórias, acabando com o pouco de paciência que me resta. E enquanto elas reclamam, meu pai está sério, de braços cruzados encostados na pia, somente observando.

PERIGOSAS ACHERON

Senti sua decepção quando perguntou pela menina, se ela estava aqui, e eu disse que não. Seu olhar podia me cortar ao meio. Honestamente, a essa hora, eu também estou me sentindo um pouco estúpido.

Não consegui encontrá-la. Corri o mais que pude até a casa dela, mais cedo. Quando cheguei, estava tudo vazio. A porta aberta, o quarto revirado, e nem sinal dela. Perguntei pela vizinhança, até mesmo para o tal moleque da lanchonete, ninguém a tinha visto. Tentei ligar por horas em seu celular, mas caía direto na caixa postal. E Pedro também não me atendia, não estava em sua casa, eu sequer sei pra onde eles foram.

Já estou me sentindo puto o bastante, não preciso das merdas do meu pai pra cima de mim.

Ouvimos alguém bater na porta e, quando Jordie abre, Pedro está parado do lado de fora. As mãos no bolso, muito sério, mais sério do que estava quando saiu daqui.

— Posso entrar? — a pergunta é feita diretamente pra mim.

— Entra logo, garoto — minha irmã o puxa

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo braço, forçando sua entrada e logo ele estaciona, ainda perto da porta, cumprimentando a todos mas ainda distante.

— Onde estava? Já é tarde e não te vimos hoje.

— No litoral, padrinho. Fui deixar a Babi em um lugar seguro.

— Como assim? – a voz da minha irmã sai esganiçada, enquanto a minha se perdeu em algum local da minha traqueia. Litoral?

— Não podia deixar a menina à própria sorte, Jô. – E me olhando, ele continua – Ela não tem mais onde morar. Dimitrius comprou a casa dela. Não tem mais emprego, porque vocês a mandaram embora. Não tem mais com quem deixar o filho, porque a amiga dela sumiu. E era exatamente isso o que ele queria, deixa-la sem opções de escapar dele.

— Porque está dizendo isso? – minha irmã continua.

— Porque ele foi procurá-la. Foi por isso que ela me ligou aquela hora, Gael, pedindo ajuda. Estava com medo, passou anos fugindo dele,

PERIGOSAS ACHERON

grávida, com filho pequeno, morando mal, passando aperto.

Ligou pra ele. No desespero, ligou pra ele. Abaixo a cabeça, apoiando o cotovelo nas pernas, bato as mãos na testa procurando manter o foco e não me perder em ciúmes mais uma vez.

— Ninguém garante que não era tudo uma fachada, parte do plano, tinha que parecer pobrezinha...

— Não, Jordie. Ela não é assim. Ela realmente achou que estava livre dele, ficou apavorada quando soube que ele não só sabia onde encontra-la, como sabia que eles tiveram um filho juntos. Ela agora acha que ele pode tomar o menino dela, está apavorada.

A cozinha vira uma infinidade de reclamações, com minha mãe e Jordie acusando Pedro de estar indo contra a família, e ele defendendo Babi com unhas e dentes.

Enquanto todo mundo discute, eu mal consigo me mexer. Minha cabeça fica uma bagunça, tentando racionalizar a coisa toda. Entender o porque dela não ter me ligado. A mágoa

dela não ter confiado em mim ainda pulsando. O ciúme de ser Pedro quem tomou a frente em protege-la. O medo dela se machucar no meio dessa confusão, de perder a guarda de Bruno.

— Isso, Gael, era o que eu esperava que *você* fizesse.

A voz do meu pai soa potente, bravo como nunca o vi. E eu fico envergonhado, demorei demais em tomar uma atitude, virei-lhe as costas na hora em que ela mais precisava do meu apoio. Ela e o meu raposinha...

— Pedro, me dá o endereço de onde ela está. Eu vou descer e falar com ela. Arrumar um lugar seguro onde eles possam ficar.

Posso estar enganado, mas um brilho de prazer passa pelos olhos dele, enquanto ele cruza os braços preguiçosamente, antes de me responder.

— Não. Eu não vim aqui pra isso.

— Como assim, “não”? – pergunto em um tom de voz alto, as mãos fecham instantaneamente em punho.

— Não vou te dar o endereço. Eu tenho certeza que você está sendo monitorado. Não vou

PERIGOSAS ACHERON

guiar aquele canalha até a menina, de jeito nenhum.

Em algum lugar lá no fundo, eu sei que ele tem razão. Mas qualquer coisa que envolva Bárbara me deixa irracional, sem conseguir pensar. Levanto da cadeira em um movimento brusco, fazendo com que a mesma caia pra trás, deixando um som seco no ar. Minha mãe chega a se assustar com o barulho, e minha irmã se coloca entre mim e Pedro, tentando evitar um confronto.

— Eu quero o endereço.

— E eu quero que você se foda, Gael. Eu te avisei, não foi? Falei que ia cuidar dela, e não queria reclamação. A menina estava sozinha, agora não está mais. Ela tem a mim agora. Eu vim só pegar o telefone do policial com quem você tem contato.

— Não vou te dar telefone nenhum, quero o endereço de onde ela está!

Pedro nega mais uma vez, um movimento rápido de cabeça, e é o bastante. O pego desprevenido, um soco acerta em cheio seu maxilar fazendo com que ele cambaleie pra trás. Meu pai me segura imediatamente, berrando comigo,

enquanto minha mãe e Jordie gritam e choram. Fico fora de mim, xingando Pedro, enquanto ele só segura o maxilar, sem reagir.

— Eu não acredito que mais uma vez esses gregos se meteram na nossa família pra arrebentar com tudo! — Jordie passa a berrar descontrolada no meio da cozinha — Depois de tudo, depois de tanto tempo, eles ainda conseguem se infiltrar, ainda conseguem enganar a gente.

— Jordie, filha, se acalme...

— Não, mamãe, você não vê? — minha irmã diz, chorosa — É tudo igual, tudo igual, e de novo eu é que acabei trazendo-os até nós...

Em outra situação isso até passaria batido por mim, pela raiva que eu estava sentindo agora, mas não é o caso. E talvez a noção de que eu estava perto chama a atenção de minha irmã, porque ela simplesmente congela no lugar, olhando pra mim, sabendo que falou algo que não devia.

— Termina de falar agora, Jô... — não faço um pedido, e pelo tom de minha voz, ela sabe disso.

— Filho, escuta, não é hora de falarmos a

respeito...

— Sim, é hora. Eu quero saber do que ela está falando. Em como ela trouxe eles pra nossa vida *de novo* – friso a última palavra, levantando a mão, interrompendo quando minha mãe tenta argumentar novamente.

Começou, agora quero saber. Cruzo os braços, um movimento de cabeça, erguendo o queixo, é o bastante pra Jordie entender que eu quero que ela comece a falar, e comece logo.

— Eu não sabia que ele era um Kyriacos, Gael. Eu o conheci na academia, era tão bonito... ele me dizia que era descendente de espanhol. E eu tonta, acreditei.

A voz de minha irmã é baixa, ela mal olha em nossa direção, alguma coisa nos pés dela parece mais interessantes nesse momento. Minha mãe está ao seu lado, lhe dando apoio. Meu pai voltou à sua posição inicial, braço cruzado encostado na pia, mas ao invés de olhar pra Jordie, ele tem o olhar fixo em mim. E em Pedro, que está mais pálido que o normal, procurando uma cadeira pra sentar-se.

— Eu contava a ele como eu tinha orgulho

da minha família. – Ela continua, no mesmo tom de voz choroso – Como éramos felizes e meu sonho em encontrar alguém igual à que você tinha encontrado... E quando ele perguntava das meninas, eu falava, porque eu tinha tanto orgulho, sabe? Eu contava tudo.

— Você não sabia, filha... – minha mãe acaricia seu cabelo, tal qual fazia quando éramos mais novos e Jordie fazia alguma bobagem, e acabava morrendo de medo das broncas de nosso pai.

— Você avisou a eles da minha recepção... – um soluço alto rompe o breve silêncio, antes dela confirmar.

— Eu disse que não ia poder vê-lo aquela noite porque era o coquetel de comemoração. Eu só soube quem ele era quando apareceu lá à noite... Eu fiquei tão confusa quando o vi, e então Sofia estava nervosa, falando que os Kyriacos estavam no local.

As cenas daquela noite dolorosamente aparecem na minha cabeça sem que eu tenha controle sobre isso. O coquetel, os convidados, minha família reunida, os gregos chegando, Sofia nervosa, Jordie saindo mais cedo. Jordie...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi por isso que você foi embora sem sequer se despedir?

— Eu fiquei com medo, Gael. Tinha falado demais, Sofia ficou nervosa e...

Fica difícil controlar o meu gênio, com esse bombardeio acontecendo. Meu corpo se adianta, em sua direção, e meu pai, atento, chama a minha atenção, pedindo calma.

Como diabos eu posso ter calma?

— Foi você que falou pra Sofia da ameaça.
— Aponto o dedo em seu rosto, e minha irmã só chora, de cabeça baixa – Não foi?

Eu tinha desabafado com ela e com Pedro na época, estava difícil controlar a ansiedade e guardar tudo comigo. E eu jurava que, se o segredo fosse vazar de algum lugar, seria Pepê quem daria com a língua nos dentes.

— Saiu sem querer...

— Saiu sem querer? – ri, irônico – O seu sem querer fez com que a minha mulher saísse de casa sem falar comigo. ELA MORREU SEM TER FALADO COMIGO NOVAMENTE!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gael, se acalma. Sua irmã não tem culpa daquilo. — meu pai alerta novamente, firme.

— Porque não me contou, Jordie? — Ignoro o alerta — Porque não me falou, aquela noite mesmo, que ele estava se embrenhando? Que tinha te procurado?

— Filho — mamãe, conciliadora, se aproxima — foi tudo muito rápido. Jordie não conseguiu ficar lá aquela noite. Eu então sugeri à Sofia a viagem ao litoral, talvez ela se acalmasse com isso. Mas então tudo aconteceu e...

— Pelo amor de Deus! Vocês tiveram quatro anos pra me contar! — olhei pro meu pai, implorando que ele tenha sido tão idiota quanto eu, mas isso seria pedir demais — Você também sabia, não é?

— Sua mãe me contou...

Inspiro, buscando ar que começa a faltar. Chateado, magoado que algo assim não foi me informado, principalmente depois de ter acabado com minha vida. Arrasado que todo mundo resolveu me esconder coisas, como se eu fosse um tipo de animal irracional.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha irmã se mantém murmurando, maldizendo sua vida, suas escolhas, suas amizades, seus romances...

— Fui eu quem contratou aquela menina. Fui eu quem o trouxe até nós, de novo...

— Eu pensei que nessa vida eu nunca ia ter raiva de vocês — Pedro afasta a cadeira, se levantando, e olhando firme pra cada um de nós — mas estão todos de parabéns.

— Pepê, meu filho, o que é isso?

— O que é isso, madrinha? Eu vou ignorar por um segundo que meu amigo aqui é um imbecil. Ele passou anos tentando entender como o grego chegou naquela festa, juntando mais indícios que eles eram responsáveis pela morte da Sofia. E vocês sabiam o tempo todo.

— Não tem como provar isso, Pedro. E eu não ia falar isso pro Gael, e instigar ele a buscar justiça com as próprias mãos, porque era exatamente o que aconteceria. Não quero perder meu filho, é difícil de entender?

— Sim, é. Principalmente agora, com vocês duas agindo como se Babi fosse uma enviada do

PERIGOSAS ACHERON

demo. Jordie pode ser “enganada” e ter entrado nisso inocentemente, mas a outra menina não pode? Que lógica é essa?

— Porque todo esse interesse em proteger essa menina, Pedro? — minha irmã explode, vindo em sua direção — Meu irmão tem razão, tá querendo pegar?

Segundos, que parecem horas, se passam enquanto um fica encarando o outro. Não sou só eu que estou fora de mim com essa súbita amizade de Pedro e Babi. Minha irmã parecia particularmente perturbada com a ideia de nosso amigo de infância estar posando de cavaleiro de armadura dourada. Se eu estivesse em meu juízo perfeito, estaria a essa hora fazendo mil conjecturas e achando alguma coisa além, mas, não é o caso. Não agora.

— A única coisa que eu quero pegar é o telefone do policial. — Ele me fala, muito sério, sem espaço pra brincadeiras — Me dá o número dele, Gael.

— Pepê, vai pra casa. Daqui a pouco eu passo lá com o telefone desse tal policial — meu pai resolve a situação colocando Pedro pra fora, que reluta mas acaba atendendo, e sai batendo a porta

PERIGOSAS ACHERON

atrás de si.

Tento sair da cozinha, respirar um pouco de ar — e não, não vou mentir dizendo que é puro — na minha lavanderia, mas meu pai me impede, seu corpo se interpondo entre mim e a porta.

— Quero o telefone do policial. E não vou aceitar qualquer outra resposta que não seja um papel anotado com o número.

Eu já devo ter contado a vocês que nunca havia brigado com Sofia, até o dia fatídico, certo? A mesma coisa acontece com meus pais. Em quase quarenta anos juntos, eles se gabam de nunca terem brigado. Qualquer desavença é resolvida na hora, com conversa, nem parece uma família de italianos. A expressão furiosa no rosto da minha mãe me diz que isso muda hoje.

— Alessandro Prieto. Eu *proíbo* você de se meter com essa garota, entendeu? Ela é uma grega *maledeta*¹⁵, e eu não quero ninguém dessa família envolvido com ela. Já basta o Pedro me dando essa decepção.

— *Tesoro*¹⁶... — meu pai enlaça dona Joana pela cintura, e lhe dá um beijo amoroso na testa —

eu sinto muito, mas família não se abandona. Não acho que a menina tenha culpa de nada, e sabe que não vou ficar tranquilo deixando-a, e o *bambino*, à própria sorte. É nosso bambino, não se esqueça disso. Você se casou com um homem, não com um moleque.

Sim, entendi a indireta.

Minha mãe não lhe responde, apenas pega a bolsa e pede pra que minha irmã a leve embora, sendo atendida de pronto. Isso me causa uma angústia imensa, porque parece que estou vendo Sofia saindo com Melissa, sem falar comigo, há quatro anos atrás. Pra nunca mais voltar.

— Pai, por favor, vai atrás dela.

— Vou. Mas antes... o telefone.

— Eu ligo pro Samuel, passo o telefone do Pedro. Por favor, pai.

O velho teimoso somente cruza os braços, talvez já sabendo que, agora, eu faria o que ele quisesse só pra não deixar minha mãe e minha irmã sozinhas. Anoto o telefone em seu celular, garantindo que vou eu mesmo ligar pro Samuel.



— Tenho que te dizer que seu amigo está certo, Gael. Não é uma boa ideia vocês irem até lá. Se o que ela contou é verdade, você pode mesmo estar sendo seguido também. E ela não estando mais em casa, ele vai usar isso até chegar a ela. O cara é perigoso, deixa que a gente cuida disso.

Liguei eu mesmo pra Samuel e não demorou muito até ele e Pedro estarem em minha casa. Meu amigo ainda estava ressentido por conta do soco que lhe dei, e tão puto quanto eu sobre o envolvimento de Jordie com Dimitrius. Mas, diferente de mim, ele não deixa essas coisas interferirem. Se fosse comigo era bem capaz de tê-lo mandado a merda e só aparecido no outro dia. Felizmente ele não é como eu.

Confesso que ter brigado com meu amigo era terrível, ter discutido com Jordie era péssimo, mas o que me deixou realmente fora do prumo foi Babi. De novo. Assim que eles chegaram aqui, a

PERIGOSAS NACIONAIS

pedido de Samuel, Pedro telefonou a fim de explicar a ela alguns procedimentos de precaução e alertá-la que um policial ia ficar à paisana, tomando conta deles. Era um número novo, que eu não tinha, então antes que ele desligasse, eu pedi pra falar com ela.

Ela não quis.

Só tive tempo de ouvi-la me dizer que a deixasse em paz e nunca mais a procurasse novamente, antes de bater o telefone na minha cara. Deixá-la em paz... como se isso fosse possível. Como se a maldita menina não estivesse o tempo todo na minha cabeça.

Eu compreendo a sua atitude, no entanto. Eu tenho sido, como meu pai mesmo disse, um moleque. Atitudes ridículas, infantis, completamente fora de mim.

É como se, de repente, eu tivesse esquecido tudo o que eu tinha sido um dia. Uma pessoa calma, tranquila, coerente, responsável, centrada. Como se um turbilhão de emoções tomasse conta de mim o tempo todo, bagunçando tudo, trazendo caos e estragando qualquer coisa boa que pudesse aparecer.

PERIGOSAS ACHERON

Depois que a tempestade passa, e eu coloco a mão na consciência, vejo que só fiz merda. E então preciso correr atrás e consertar as coisas, mas, dessa vez, não parece que vai ser tão fácil.

— Dê um tempo a ela, Gael. É muita coisa pra menina lidar, não precisa de ainda mais problemas.

— Eu não sou um problema, Pedro.

— Não disse que era. Só falei que ela já tem que lidar com um monte de coisa. É demais pra uma pessoa só.

Eu não quero ser um maldito problema.

E não vou ter calma. Não enquanto Dimitrius fica rodeando aqueles dois como se fosse um maldito satélite. Não posso permitir que ele encoste neles.

Ouçó quando um carro estaciona em frente de casa, esse local nunca esteve tão movimentado. Minutos depois Jordie entra porta adentro, ainda insegura, mas agindo como se tudo estivesse perfeitamente em ordem. Nos cumprimenta, se desculpando por não saber que eu tinha visita, senta ao lado de Pedro que continua estranhíssimo com

PERIGOSAS NACIONAIS

ela – e eu preciso mesmo me lembrar de conversar a respeito com ele – e passa a falar de amenidades até Samuel se despedir e sair.

— O que manda, Jordie?

— Ah... desculpa, Gael. Eu... a gente pode conversar, nós três?

Nenhum de nós dois fala nada, em uma silenciosa concordância.

— Eu não quero ficar de mal de vocês... ainda mais por causa daquele cara.

— Eu não estou *de mal* de ninguém. Mas estou bem cansado, dirigi demais o dia inteiro e preciso dormir. Vou pra casa.

Ignorando os protestos de Jordie, Pedro simplesmente levanta. Me dá um tapa no ombro, um beijo no alto da cabeça de minha irmã, e sai porta afora.

— Eu consigo ter uma resposta honesta de você hoje, minha irmã? Uma, apenas que seja, se eu perguntar, você me responde honestamente?

— Pergunte o que quiser, Gael. Eu vim aqui pra gente conversar, mesmo...

PERIGOSAS ACHERON

Eu sei que ela acha que eu vou falar sobre aquele grego maldito. Mas não é esse o meu interesse, muito pelo contrário. Estico a mão, por cima da mesa, até alcançar a dela que descansa sob o celular, e com um aperto carinhoso, lanço a pergunta que anda me atormentando há algumas horas, no mínimo.

— Você e o Pepê já tiveram alguma coisa?

A reação dela me deixa triste. Não com ela, ou com ele, mas comigo. Porque ela, claramente, entrega que alguma coisa rolou ali somente com a expressão que ela me dá. A mão sendo puxada, o salto da cadeira, indo direto até a porta da lavanderia que está aberta. Minha irmã e meu melhor amigo tiveram um lance e eu não vi. Nunca notei. Como é que eu pude ser tão cego a minha vida inteira?

— Vai me responder, conforme eu pedi, ou vou ter que ler suas reações e tirar minhas próprias conclusões? — Insisto, sem dar espaço para uma mudança de assunto.

— Nunca tivemos nada... — eu não acredito e minha expressão diz exatamente isso, e ela nega, com a cabeça, antes de continuar — Pepê é como um PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

irmão pra gente. Fomos criados juntos, esqueceu?

— E isso interfere no que? Até onde eu sei, *como um irmão e ser um irmão* são coisas completamente diferentes.

— Ah Gael... você sabe que a gente não combina.

— O que eu sei é que eu nunca te acharia um par melhor. Pepê dá um banho em qualquer cara que você nos apresentou durante os últimos anos, querida. Como aquele veterinário que você cismou que casaria... lembra?

Jordie tinha começado um namoro anos atrás, com um rapaz que cursava veterinária, e tinha o sonho de lidar com cavalos. Eu não vou dizer que ele era uma má pessoa, porque eu seria injusto, o cara era legal. E parecia apaixonado pela minha irmã, tanto que a pediu em casamento e ela aceitou de pronto, no meio do jantar de comemoração de bodas dos meus pais. Foi uma festa bacana, e que eu, agora, me lembro do fato de Pedro ter saído antes mesmo do brinde.

— Carlos era um bom rapaz, nem tente fazer a caveira dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro que era, não disse o contrário. Eu só disse que Pedro é melhor que ele. Porque não casou com o cara, se ele era tão bom?

Essa é uma conversa que nunca tive com Jordie. Ela chegou um dia simplesmente nos avisando que o casamento havia sido cancelado. Sem elencar¹⁷ motivos, sem lágrimas. Sem sujeira. Muito diferente do drama que ela costuma fazer sempre, por tudo. Sofia disse que sequer precisou consolar minha irmã...

— Ele queria mais do que eu podia dar. Queria uma casa cheia de filhos. Queria morar numa fazenda. Me queria só pra ele.

— E não teve acordo...

— Não, claro. Ele foi embora em seguida, lembra? Está lá, talvez podre de rico na fazenda em Goiás.

— Puxando agora pela memória, todos os seus ex-namorados eram ou ficaram bem ricos, não?

Minha irmã tinha uma lista até boa de namorados, pra desespero do meu pai. Um dono de uma rede de academias, outro neto de banqueiro, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais um que criou um aplicativo para celular que estourou no país, esse veterinário que parece ter se dado bem em Goiás. Fora os ocasionais, como Dimitrius... minha irmã deve ter imã de ouro nas partes baixas...

— E o que tem a ver?

— Talvez o Pepê não “se encaixe” nesse hall de riquinhos.

Era um chute. Maldoso, mas um chute. Que eu pareço ter acertado em alguma coisa, ao deixa-la sem fala, e depois tão revoltada que levantou, e passou a mão na bolsa, já se preparando pra sair.

— Senta, Jordie... você tem que aprender a ouvir as coisas sem sair correndo toda vez.

— Não quando você me ofende...

— Não queria ofender. Me desculpe se eu passei longe em meu chute. Eu só queria ouvir seus motivos.

— Não existem motivos, Gael, porque você está viajando. Eu e Pedro não temos nada. Nunca tivemos e nunca vamos ter. Ele tem o tipo de mulher certa, a rotatória dele sempre esteve segura. Somos irmãos, só isso.

PERIGOSAS ACHERON

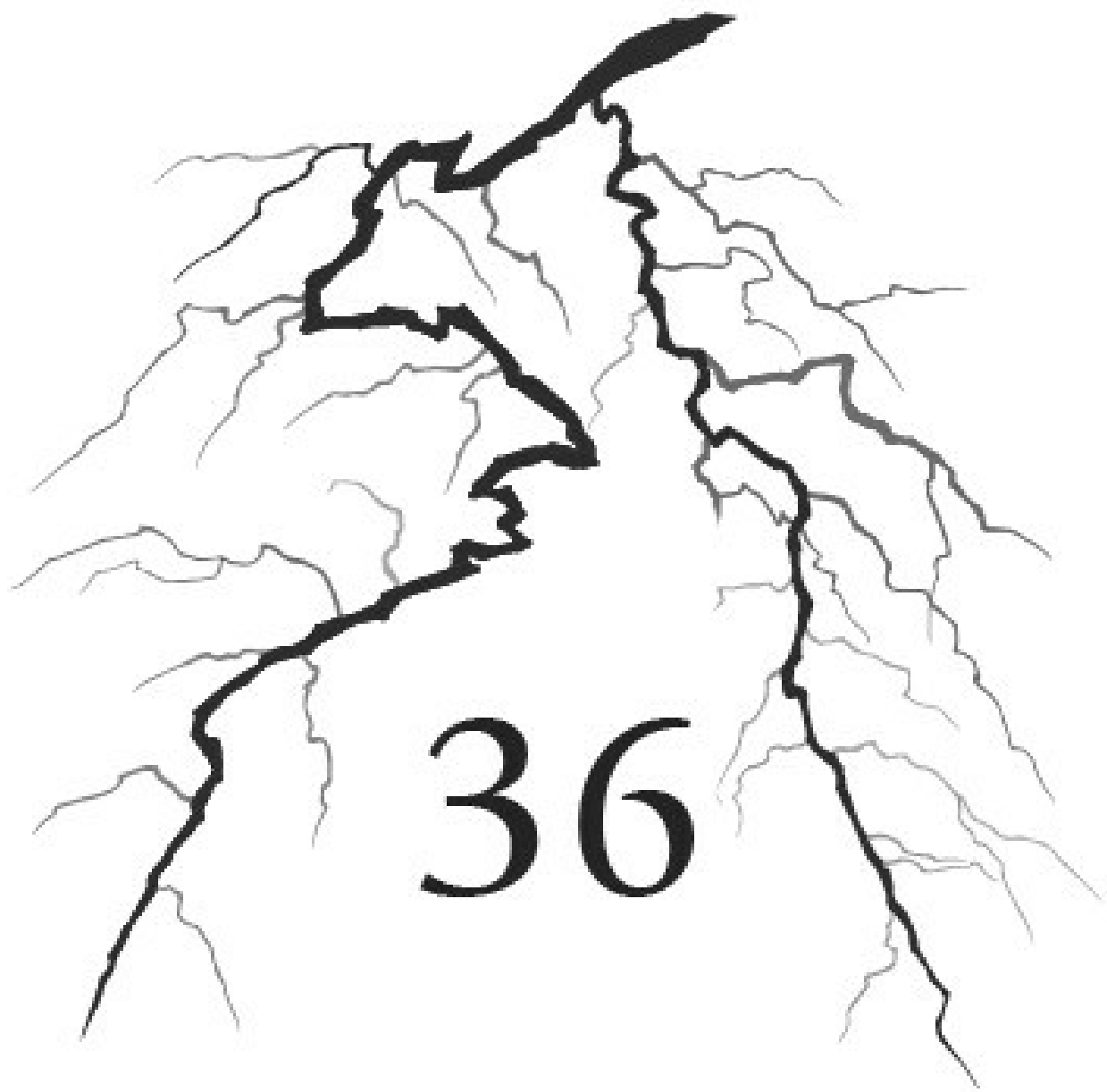
Conheço Jordie quando se exalta. Daqui a pouco ela sai porta afora, batendo os pés e cantando pneus, então apenas me levanto e a trago pra um abraço. Depois da cena que fiz à tarde, preciso dar-lhe isso.

— Não quero que se culpe por causa do grego. Você não sabia, não tinha como saber. — como se fosse apenas o que ela estava esperando ouvir, seu corpo estremece e ela cai num choro sentido — Fico feliz por você não ter sofrido nada. Tenho pra mim que ele ia te machucar, só desistiu porque achou um alvo que me mataria em vida.

— Eu ainda estou chateada com a Babi por não ter nos contado nada. Mas o Pedro tinha razão. Ele me enganou, o grego... e pode ter feito isso com ela também. Conversa com ela, meu irmão. Não a deixe escapar. Vocês se gostam...

Mal sabe ela que, talvez, eu já a tenha perdido...

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

Os dias passaram arrastados e, apesar de ter me apaixonado pela casa e de ser totalmente louca por praia, o fato de estar sozinha não contribuiu muito bem para a minha sanidade. Sim, estou com Bruno, mas não posso ter um papo cabeça com ele, tampouco desabafar sobre meus medos e minhas mágoas.

Pedro sugeriu que não entrasse em contato com ele durante a semana, só enviando mensagem se fosse estritamente necessário. Seria uma medida de segurança, então somente caso visse algo suspeito ou se ficasse sem comida. Samuel, o policial que nos ajudaria, enviou alguém que ficaria nos vigiando, e evitaria alguma surpresa desagradável. Quase uma semana depois e eu não tenho sequer a certeza de que isso tenha sido feito.

Tenho andado com Bruno pela praia, aproveitando sempre o primeiro horário, quando o local está mais vazio, tomado apenas de idosos e mães. Passo o tempo todo como uma louca, analisando todo homem que passa perto de mim, pensando que ele pode ser o tal policial. Ou um

espião de Dimitrius.

É infernal viver assim, e eu já tinha superado esse medo absurdo de viver andando olhando por sob os ombros, desconfiada até da minha sombra. Não consigo relaxar um minuto sequer, inclusive à noite, onde o silêncio se torna opressor.

— Mamãe, quando eu posso ser surfista?

— Quando crescer, Bruno, e tiver alguém que te ensine.

— Me ensina você... que tal?

— Quer morrer afogado? — Sorrio, acariciando seu cabelo, enquanto as ondas arrebatam sobre nós, desmanchando o castelinho que ele vinha tentando fazer há alguns minutos.

— Tenho saudade do tio Gael, mamãe... eu fico esperando todo dia e ele nunca chega...

Meu coração se aperta, em uma mistura confusa de saudades e decepção. E raiva, porque em todos esses dias que eu tenho passado aqui, sozinha, não consigo evitar que meu pensamento viaje até aqueles olhos azuis que me tiram o sono. Queria que fosse tudo mais fácil, que fosse rápido e

PERIGOSAS ACHERON

indolor, um estalar de dedos e o sentimento não estaria mais ali. Mas não é.

Eu sabia que Gael era complicado. Eu tinha certeza clara e absoluta que eu ia me machucar, mesmo sem querer. Só que não consegui me afastar antes disso. O que mais me dói, agora, é ver que não fui somente eu afetada por isso, Bruno também foi. Eu tinha que ter me atentado a isso, tinha que ter protegido meu filho. Ele se apegou à toda aquela família e sente falta deles. Se eu que sou adulta sinto, e acho difícil manter a distância sem quase derreter de saudades, imagina pra ele que é só um bebê?

Pedi que Gael me deixasse em paz, não consigo lidar com esse vai e volta sem saber se estaremos bem no minuto seguinte ou não. Com tanta coisa com que lidar, eu não posso ficar presa a uma pessoa que não sabe o que quer e, principalmente, que não está pronta pra viver de novo. Isso não me faz gostar menos dele, infelizmente. E sinto tanta falta dos seus beijos, do seu cheiro, até mesmo dos seus surtos.

— Eu também tenho, meu amor.

— Ele me ensinaria a ser surfista, né? Em

PERIGOSAS NACIONAIS

pé ali, igual aquele moço? Ele falou que ia me ensinar um monte de coisa legal...

Todos os dias Bruno fica observando os surfistas que chegam, logo cedo, procurando a ponta da praia pra surfar. E fica admirado, imitando gestos, querendo ser como eles. Buscando com os olhinhos curiosos uma forma de se aproximar, fazer amizade, tocar na prancha.

— Com certeza ele iria. Só a mamãe que não deixa.

— Você não me deixa viver, mamãe...

A frase, que ele deve ter ouvido em algum filme por aí, deveria ter soado como uma das muitas gracinhas de Bruno, mas cala fundo no meu coração. Tanto que decido dar por encerrado o passeio, e ir lambar minha cria dentro dos portões de casa. Lá, ao menos, eu posso chorar em paz.

Passo em frente ao quiosque, sendo observada por um grupo que, todos os dias no mesmo horário, se reúne no local. Penso em, finalmente, cumprimenta-las e iniciar uma amizade qualquer, somente pra não enlouquecer pensando abobrinha, mas lembro que sou prisioneira aqui.

PERIGOSAS ACHERON

Prisioneira das minhas escolhas. Passo direto, seguindo até a próxima quadra, onde fica a casa.

Estamos fora de temporada, apesar do calor, e todas as casas ao redor estão praticamente vazias. O tempo todo em que estive aqui não vi ninguém nas janelas, ou nos portões, como costuma acontecer quando é alta temporada e todas as casas estão ocupadas. E isso talvez tivesse me ajudado, de certa forma. Seria fácil pedir ajuda, gritar por socorro, e saber que alguém viria me acudir assim que notei Dimi parado no portão da casa amarela, encostado em seu carro, nos observando.

Ainda olho atrás, por cima do ombro, pensando que posso tentar correr até o quiosque, mas mudo de ideia no mesmo segundo. O que um grupo de senhoras pode fazer pra me socorrer nesse caso? Me culpo por ficar sempre com a cabeça longe, pensando no que eu não posso ter. Se não fosse assim, teria notado que ele estava lá, e teria corrido pra longe. Resignada, apenas suspendo Bruno nos braços, tentando dar-lhe algum tipo de segurança.

— Você anda um tanto quando rebelde, *agapi mou*. Ando cansando de ter que correr atrás

de você...

— Como me achou?

— Dei meu jeito.

Dimitrius parece ainda mais assustador quando tenta manter o controle. Sempre foi assim. Encostado na lataria do seu carro de luxo, ele veste um terno caro, feito sob medida, e observa o sapato, agora cheio de areia devido a nossa proximidade com o mar, apenas alguns metros atrás de nós. Vê-lo desencostar do carro, fechar o terno caro e se dirigir em minha direção me causa dor de estômago, de tanta apreensão.

— Olá, *paidi mou*. Papai sentiu saudades. — Dimi toma o garoto do meu colo, dando-lhe um beijo na testa enquanto me lança um olhar, como se me desafiasse a fazer qualquer coisa. E eu penso, obviamente. Olho em volta, procurando o diabo do policial que Pedro disse que estaria aqui nos observando. Volto novamente a olhar a faixa de areia, pensando que talvez alguém ache estranho um homem tão bem vestido estar aqui a essa hora da manhã. Nada.

Quando volto a olhar pro meu menino, ele

tem aquele olhar de quem vai perguntar alguma coisa. E eu torço pra não ser o que eu estou pensando. Não sou boa nesse negócio de torcida.

— Mamãe... — ele coloca a mãozinha ao lado da boca, como quem conta um segredo — porque o moço que me chama de *peidimu* disse que é meu papai?

Eu devia dizer alguma coisa. Confirmar, claro. Mas não consigo, é mais forte que eu. E sei que, de certa forma, vou me dar muito mal por isso. Apenas dou-lhe um beijo, enquanto Dimitrius me guia, com as mãos em minhas costas, até o portão.

— Abra. Vamos pegar suas coisas, estamos voltando pra São Paulo.

Volto o olhar novamente, procurando algum tipo de ajuda. Qualquer um que possa me livrar desse louco, e ele ri. Aquela risada que você dá quando uma criança faz alguma coisa realmente idiota, sabe?

— Está procurando o policial? Não devia mesmo confiar demais, minha Babi... todo mundo tem um preço, sabia disso?

Meu coração se aperta em saber que Pedro

pode estar confiando nas pessoas erradas, e, com isso, correndo perigo. É desesperador saber que minhas atitudes podem causar problemas a outras pessoas então eu somente entro, indo direto pro quarto.

Enquanto organizo as bolsas, da forma mais lenta que eu poderia, observo o grego andando pela casa, avaliando. Cada metro quadrado que ele ultrapassa é um olhar de reprovação em minha direção. Sinto que faz de propósito, sabe o que isso me causa. Nossos últimos meses juntos foram infernais, eu vivia apavorada, com medo de fazer qualquer coisa que o desagradasse. Sabia que seria punida, e evitava o máximo.

— Você foi procurar meu pai, não foi? — Ele pergunta, mas não é realmente uma pergunta, e seu tom de voz denuncia isso — Porque isso explicaria o fato dele tentar me demover da ideia de criar meu filho. Achei corajoso, apesar de estúpido.

— Eu não quero viver longe do meu filho, Dimi.

— E quem disse que irá? Vamos viver juntos, eu já tinha te dito isso. Agora, anda logo com isso. Você vai deixar um bilhete pro seu

PERIGOSAS ACHERON

amigo, se despedindo e agradecendo a hospitalidade. E vai deixar bem claro que voltou a viver comigo, seu marido, pai do seu filho. Se quiser florear pro lado dos Prieto, não me importo, desde que deixe bem claro a quem você pertence.

— Dimi, por favor...

Ele simplesmente me estende um bloco de papel, e uma caneta, não me dando outra alternativa. E eu me derramo no bilhete, lamentando ter sido tão estúpida no passado.



Quando o carro estaciona em frente à mansão Kyriacos eu sinto a bile queimar em minha garganta, tamanha apreensão. Tudo está assustadoramente igual, desde a segurança ostensiva no portão de entrada até a governanta sisuda que o espera na porta.

— Marta, por favor, coloque essas malas naquele quarto que eu pedi que deixasse arrumado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Vou providenciar coisas mais apropriadas, mas por enquanto, esses trapos devem servir.

Vejo a mulher pegar as duas malas, que resumem praticamente tudo o que eu tenho de material na vida, e subir com elas escada acima. Uma outra moça, toda vestida de branco, aguarda no pé da escada e, colocando meu filho no chão, ele o leva pelas mãos até ela.

— Bruno, essa é Karina, sua babá. Ela vai cuidar de você, tudo bem?

— Quem cuida de mim é a minha mamãe — meu menino olha de um pro outro, confuso.

— Agora quem cuida é a Karina. Vá com ela, mamãe vai estar ocupada.

Tremendo dos pés à cabeça, à beira do desespero, vejo quando a babá leva meu filho da sala. Fecho os olhos, com toda a força que consigo, porque sei que estou perdida.

— Agora nós dois...

PERIGOSAS ACHERON



Gael

Nunca um trajeto levou tanto tempo a ser percorrido. Samuel é um bom motorista, e mantém um ritmo de velocidade constante enquanto descemos a serra, em direção ao litoral norte. Ainda assim, parece devagar demais, arrastado demais. Pedro, sentado no banco do carona, continua tentando contato com Babi, por telefone. Cada palavrão que ele solta é a certeza que ela não atende.

Acordei com ele esmurrando minha porta, assustado, depois de ter recebido uma ligação de uma senhora que cuida da casa onde deixou Babi, dizendo que ninguém atendia ao portão. Ao telefonar pra Samuel, acabamos descobrindo que o policial que deveria estar cuidando da segurança

dela não havia entrado em contato na noite anterior.

Imaginar que alguma coisa possa ter acontecido com ela me deixa doente. Doente de medo. Doente de culpa. Por tê-la deixado sozinha, desamparada. Longe daqui. Longe de mim.

Cada olhar que eu recebo, seja de Pedro, seja de Samuel, ou seja de meu pai chega carregado de acusação. Ainda que não estejam me acusando de nada, é como eu os recebo.

Eu devia ter cuidado dela. Era meu papel.

Confiar a segurança deles a outras pessoas, mesmo que essas outras pessoas fossem da polícia, foi a minha maior estupidez.

Conforme chegamos a Ubatuba, passo a olhar ao redor, na esperança de vê-la caminhando despreocupadamente, ao lado do filho. Lego engano. Estacionamos em frente ao portão, e gostaria de dizer que prestei atenção no local, ou na construção, mas tudo o que eu fazia era olhar em direção à entrada, como se pudesse materializar sua presença com a força da mente.

Samuel entrou antes de nós, arma em punho, por garantia. Ao passar pela varanda,

apenas gritou que estava tudo bem, e poderíamos seguir. Devo ter alcançado a cozinha em tempo recorde, já olhando ao redor, esperando vê-la, ou ouvir o grito de Bruno vindo ao meu encontro. Mas estava tudo vazio.

— Ela saiu apressada. Algumas peças ficaram no quarto, em cima da cama. — Samuel volta, já discando no celular pra algum superior seu.

— MERDA! MAS QUE MERDA!

O grito de Pedro, vindo de uma pequena sala de estar, me deixa em polvorosa. Quando paro na porta, o vejo com um pedaço de papel na mão, o olhar perdido pra janela, segurando a nuca com força.

— O que é isso? — aponto pro papel.

— Leia você mesmo...

O bilhete, escrito com letra tremida em uma folha de papel branco, termina de esmagar o resto que sobrou do meu coração.

“Pedro,

Por favor, não fica bravo comigo. Me

PERIGOSAS NACIONAIS

desculpa por não ter te ligado, deve imaginar que não foi possível. Mas eu não podia ir embora sem te deixar um bilhete. Eu tinha que agradecer.

Obrigada por acreditar em mim. Obrigada por tentar me proteger. Por tentar me ajudar. Eu nunca vou esquecer.

Eu preciso ir com ele. Não teria paz, de qualquer forma. Ele sabe sobre mim e Gael, e essa família já lhe tirou muito. Eu não quero que eles tenham motivos pra tirar mais nada dele.

Vou ficar bem. Fique bem também, e seja feliz. Um beijo.

Babi.”

Tudo de novo. Aconteceu tudo de novo!

Mais uma vez deixei que alguém importante fosse embora brava comigo. Sofi e Mel. Babi e Bruno. E, de novo, pra cair nas garras dos gregos.

Fico furioso. Fora de mim, ensandecido.

—

AAAAAAAHHHHHHHHHHHHHHHH!!!! —
solto um grito, alto, talvez contendo todos os demônios que continuam presos no meu peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Esmurro a parede com força uma, duas, três vezes. Não pode estar acontecendo de novo, não pode! De novo, não!

Minha visão escurece por completo, e sinto quando minhas pernas fraquejam, me forçando a sentar no chão. Meu peito aperta de tal maneira que tento respirar, mas dói demais.

Ainda ouço meu pai me chamar ao longe, mas tudo o que eu consigo ouvir é Babi me pedindo pra deixa-la em paz.

“Me deixa em paz, Gael, não me procura nunca mais!”

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



37

Babi

PERIGOSAS ACHERON

Pensei que nunca mais passaria por isso. Por esse medo, e, principalmente, essa humilhação. Cada tapa que levei de Dimitrius tinha um gosto bem conhecido, me fazendo lembrar de todas as vezes que ele me machucou no passado. Tantos anos correndo dele, em círculos, foram em vão, porque acabei voltando pro início.

Vestindo apenas uma camiseta básica e uma calcinha, tento me sentar na cama, onde fui deixada há alguns dias atrás. Uma pontada na costela me faz arfar, e me joga novamente na cama, afundando nos travesseiros. Meus olhos correm constantemente até a porta, esperando que ele venha novamente terminar o que começou. Ele diz que eu serei dele, e nada vai impedi-lo.

Se meu filho estivesse em segurança, eu preferia ser morta. E confesso que tenho muito medo que ele faça o que quiser com meu corpo e acabe comigo de qualquer forma. Por isso vou lutar, igual fiz naquela noite.

“Agora nós dois...”

Assim que ele entrou no quarto, fechando a

porta atrás de si, eu corri pra longe. Mas o meu longe acabou limitado às quatro paredes desse quarto. Quando ele me alcançou, me segurando pelo cabelo, não pensei duas vezes. Gritei o tanto quanto minha garganta permitiu, me debati, esperneeí.

Dimi se excita com resistência, eu tinha me esquecido disso. Então, quanto mais eu me debatia, mais ele gostava. Quando ele conseguiu tirar meu vestido, o rasgando em dois pedaços, eu pensei que estaria realmente perdida. Foi pior ainda quando me deu o primeiro soco, na virilha, para “apagar os rastros de Gael Prieto.” Parecia irreal eu estar de volta nesse ciclo de tortura, depois de ter passado as últimas semanas no céu.

— Você nunca vai apagar ele de mim. — Eu disse, corajosa. Ou completamente maluca, mas eu não queria me render. Eu não *podia* me render. E isso o levou a perder ainda mais o juízo.

Eram bofetadas, socos, mordidas, cintadas e chutes. Tantos que em determinado momento não consegui mais me mexer. E então ele se transformou. Era novamente o homem amoroso, que chorava e pedia perdão, me colocando na cama

com cuidado, dizendo que me amava e só fazia tudo isso porque eu tirava o seu chão.

Eu cai nesse conto, inúmeras vezes. Me culpava por ser tão rebelde. Achava que ele só estava cuidando de mim, sozinha no mundo, sem ninguém. Me achava a pior namorada do mundo.

Como eu fui burra.

Quando ele viu que mesmo toda moída de pancada eu não me rendia, não me desculpava e tampouco me entregava como antigamente, ele mudou a tática. Já faziam três dias que eu estava aqui trancada, sem ver meu filho, sem poder sair, só recebendo a governanta que vinha me trazer comida e dizer que o patrão viria à noite e que eu seria dele. Queria não sentir raiva dela, uma mulher apoiando tudo o que eu estava passando, mas não conseguia. Meu lado racional dizia que ela era tão vítima quanto eu, afinal como funcionária dele tinha que fazer o que lhe era ordenado, mas meu lado emocional só queria gritar com ela. E eu gritava. Gritava muito. Mas ninguém vinha me ajudar.

Forço o corpo a levantar, novamente. Dimi não bateu no meu rosto mas, em compensação, meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo estava todo roxo. Ergo a camiseta e me olho no espelho, gemendo só com a visão da grande marca arroxeadada na lateral do meu corpo. Erguer os braços dói. Merda, passar a mão nos cabelos dói, se eu olhar pelo chão capaz de achar tufo espalhados por aí, de tanto que ele puxou e me arrastou pelo chão.

Um barulho de passos no corredor me faz desesperar. Corro perto da janela, olhando pra fora, procurando ver se, finalmente, alguém vai me ouvir e me ajudar. Minha janela fica próximo ao pátio de entrada, onde os carros ficam estacionados, e que esteve vazio todos esses dias. Hoje, há um táxi branco parado, e um outro carro, preto, que não consigo identificar, estacionado junto. Não sei quem chegou, mas preciso juntar todas as forças que eu tenho e tentar sair daqui, preciso saber do meu filho!

— Socorro! — bato no vidro, tentando fazer barulho, caso o vidro seja espesso demais — Alguém me ajude, por favor, socorro!

Grito por vários minutos, minha garganta já arde e eu sinto que ficarei sem voz quando escuto passos, e a voz nervosa da governanta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Senhor Kyriacos, por favor, me ouça!

Não! Não pode ser ele. Tinha que ser outra pessoa, alguém que me ajudasse!

Conforme perco as forças nas pernas, escorregando no chão, encolhida, vejo a porta se abrir.

— Puta que pariu!!! Marta, liga pro meu pai, agora! E não se atreva a ligar pro meu irmão ou você vai estar muito ferrada!

Adrian se aproxima, deixando a porta do quarto aberta atrás de si, e se ajoelha assim que me alcança. E eu tenho tanto medo dele ter se tornado um doente como seu irmão que só consigo tremer.

— Ei, Babi. Tá tudo bem agora. Ninguém mais vai te machucar.

Sua mão chega até o meu rosto mas, antes de tocá-lo, ele para, e fecha os punhos. É instantâneo, aperto meus olhos, esperando a porrada.

— Babi, eu não vou te bater. Vamos descer, isso aqui acabou, tudo bem?

Sua voz chega até mim, tão doce quanto eu

PERIGOSAS ACHERON

me lembrava. Abro os olhos e ele está parado na minha frente, sério demais, longe de ser aquele garoto risonho que um dia eu conheci. Os cabelos lisos e cheios penteados pra trás, a barba por fazer, seus olhos azuis apertados em minha direção.

— Adrian! — gemo, finalmente retomando o parco controle que eu tenho — seu pai disse que estava desaparecido!

— Só precisava de distância, precisava avaliar algumas coisas. Vamos sair daqui — ele se levanta e vai até o armário, alcança um lençol e me cobre com ele — Vou te carregar, você tá machucada e pode ser que doa, então me perdoa por antecedência ok?

Como ele havia alertado, ser erguida em seus braços é doloroso, mas eu não reclamo. Apenas fecho os olhos, agradecendo por um momento por saber que estou saindo daqui.

— Cadê meu filho? — Seus passos vacilam um pouco, quando eu pergunto do Bruno, e acho que nem a espera por Dimitrius me deixou tão apavorada. — Adrian..

— Eu não o vi ainda. Marta me disse que

ele tem uma babá. Vamos resolver isso tudo primeiro, é melhor que ele não te veja assim, toda machucada.

— Você tá mentindo?

— Não minto nunca pra você – ele me fala, muito sério, enquanto desce as escadas comigo nos braços. E se eu já não tivesse tantos motivos pra me arrepender, acabo encontrando mais um.

Mais um “e se” que coroa a minha vida. E se eu tivesse ficado com Adrian, quando ele claramente queria ficar comigo e só não levou adiante por causa da minha idade? Isso já teria sido um motivo suficiente pra que eu soubesse que ele era melhor que o irmão. Eu deveria ter prestado atenção nisso!

Olho pra ele, descendo as escadas com tanto cuidado, lembrando da primeira vez que o vi. Muito lindo, muito bonzinho, muito... amigo. Teria sido mais fácil se eu tivesse sentido por ele a atração que senti por Gael. Mas nada vai ser igual aquilo.

Ao chegar na grande sala, meu coração, que já não anda bem, sofre mais um baque. Pedro e

PERIGOSAS NACIONAIS

Gael estão aqui, acompanhados por mais três homens que eu não conheço. Ter Gael na minha frente agora me traz muitos sentimentos confusos. Eu sou apaixonada por ele, isso não se discute. Mas a forma como ele me tratou ainda está machucando. E, principalmente, a cena dele recolocando a maldita aliança, me dizendo que Sofia vai sempre estar entre nós.

Felizmente quem quebra o silêncio é Pedro, que se aproxima, carinhoso, alisando meu rosto.

— Sabia que meninas teimosas ficavam de castigo na minha época de criança? — Um sorriso triste brinca em seus lábios — Que susto, Babi. Quase que eu morro de preocupação.

Não penso, apenas o enlaço pelo pescoço enquanto ele me pega nos braços. E finalmente me sinto segura.



PERIGOSAS ACHERON

Pedro

Eu nunca senti tanto medo na minha vida. E raiva. A raiva por esses gregos seria justificável, mas raiva dos Prieto era uma novidade. E eu estava fervendo de raiva deles, pela injustiça que tinham feito com a menina. De certa forma eu estava culpando-os por cada porrada que ela recebera. Justo ou não, estava jogando isso também na conta deles, por terem virado as costas pra ela.

Ter o envolvimento da polícia federal nesse caso foi fundamental. Foi um alívio quando Samuel me ligou dizendo que estavam vindo até a casa dos Kyriacos, alertados sobre o paradeiro dela, e liberou que eu viesse junto. Eu já não aguentava mais estar sem notícias.

Que ninguém me ouça e se perguntar eu nego até a morte, mas eu também estava me sentindo culpado pra caralho. Carreguei a menina pro cu do mundo, longe pra cacete, a deixei lá sozinha sem nenhum conhecido perto, e ainda

aceitei a ideia estapafúrdia da polícia de deixar alguém tomando conta dela à paisana. Sério, quem foi o estúpido que tomou conta do meu corpo quando eu achei que isso seria uma atitude sensata?

Claro que eu ia posar de herói, ainda mais se isso servisse pra irritar os Prieto, queria deixá-los bem culpados, porque sou desses. Mas por dentro eu estava fervendo. Havia quase uma semana desde que saímos daquela casa de praia sabendo que ela tinha sumido, até chegar aqui hoje, e pareceu uma eternidade. Um pesadelo pela eternidade.

Eu tinha por certo que Babi não estaria bem, não teria como estar bem junto daquele animal, só que nem os meus piores pesadelos me prepararam para encontra-la toda roxa, trancada num quarto, feito prisioneira. Ver o grego descendo com ela nos braços liberou o fogo do inferno dentro de mim. Só tive vontade de protege-la e de tirar ela de perto desse grego que parece gente boa, mas não me engana não.

E ela deve saber que pode confiar em mim, mesmo eu sendo burro pra caralho, porque não pensou duas vezes em vir até mim. Seu aperto em meu pescoço é forte, e eu mal sei se posso segurá-la

da forma como estou fazendo, não sei o quão machucada ela está.

— Bárbara, certo? – O federal se aproxima, e ela estremece – meu nome é Vicente Avellar, sou delegado da Polícia Federal e esse é meu parceiro, o investigador Rodrigo dos Santos. Vim acompanhando o senhor Adrian Kyriacos até aqui. Esse aqui é o investigador Samuel Alves, da polícia civil, ele está acompanhando o caso do Doutor Prieto.

— Eu quero ver meu filho. Onde ele está?

Automaticamente tanto eu quanto Gael olhamos Adrian dando de ombros, sem saber o que dizer.

— Pê... cadê meu filho?

Babi estremece em meus braços, os olhos marejados, apavorada de terem feito alguma coisa com o moleque. E eu não sei o que está acontecendo aqui, mas não me resta muita opção a não ser resolver. Porque eu sou assim, me pedem que eu faça algo, eu vou lá e faço. Amigo meu tem problema, eu vou lá e resolvo.

Ainda com ela nos braços saio andando até

chegar na governanta, que está branca feito leite ainda que sua cara de personagem de filme ruim continue intacta.

— Aonde está o filho dela?

— Senhor, eu não tenho ordens...

— EU NÃO TE PERGUNTEI ISSO.
ONDE ESTÁ O FILHO DELA?

A mulher perde a pose e busca o *greguinho* com o olhar, que simplesmente acena com a cabeça, ordenando sabe-se lá o que for.

— Ele não está aqui. O senhor Dimitrius levou ele...

— Levou pra onde?

— Grécia, senhor...

O choro dolorido de Babi não me deixa ouvir mais nada. Minha cabeça entra num looping entre confortá-la e trazer o moleque de volta, arrebatando a cara daquele grego filho da puta no processo.

— Babi, ouve... – me sento no sofá, com ela ainda em meus braços, tentando fazer com que ela pare de chorar – vamos trazer ele de volta. Não vai

demorar, entendeu?

— Dimitrius nunca vai me devolver ele. Nunca... ele me falou que o menino era dele, que ia ser criado por ele. Eu sabia que ia perder meu filho, eu sabia...

— Ele vai devolver, Babi. Eu te prometo isso... — Gael se ajoelha em nossa frente, e estica a mão, procurando a de Babi, mas num gesto rápido ela a retira, e traz de volta pro meu pescoço.

Eu vejo o que isso causa nele. Raiva, ciúmes, dor, arrependimento. E me compadeço, porque gosto dele. Gosto muito desse imbecil, é meu melhor amigo, o irmão que a vida me deu. E, por incrível que pareça, não sabe o que é ser rejeitado pela mulher que gosta, não sabe o que é ter um amor gigante no peito e ela pouco se importar com isso, não sabe o que é querer tanto alguém e ela preferir outro.

Ou não sabia. Até hoje. Sei lá. Não vou perder tempo com isso, também, eu cuidei das feridas dele por quatro anos, agora chegou a hora dele se levantar e fazer a parte dele.

— Senhor Fontana — a voz do delegado

chega até mim, e eu simplesmente giro o pescoço – precisamos leva-la até a delegacia, pra denúncia ser formalizada. Ela vai precisar fazer exames específicos também, então seria bom darmos andamento a isso.

Sinto quando ela estremece novamente, ainda chorosa. É desesperador ter alguém nessa situação, e não saber direito o que fazer ou como agir. A vontade é sair feito um boi desgovernado arrasando tudo e todos, mas sei que não pode ser assim. Não se quisermos manter a lei do nosso lado.

— Tudo bem pra você? – Pergunto, baixo, no topo de sua cabeça, e ela só confirma com a cabeça.

— Ela vai precisar de um advogado também. Caso ela não tenha nenhum, ou não possa pagar por um, pode ser alguém da defensoria pública.

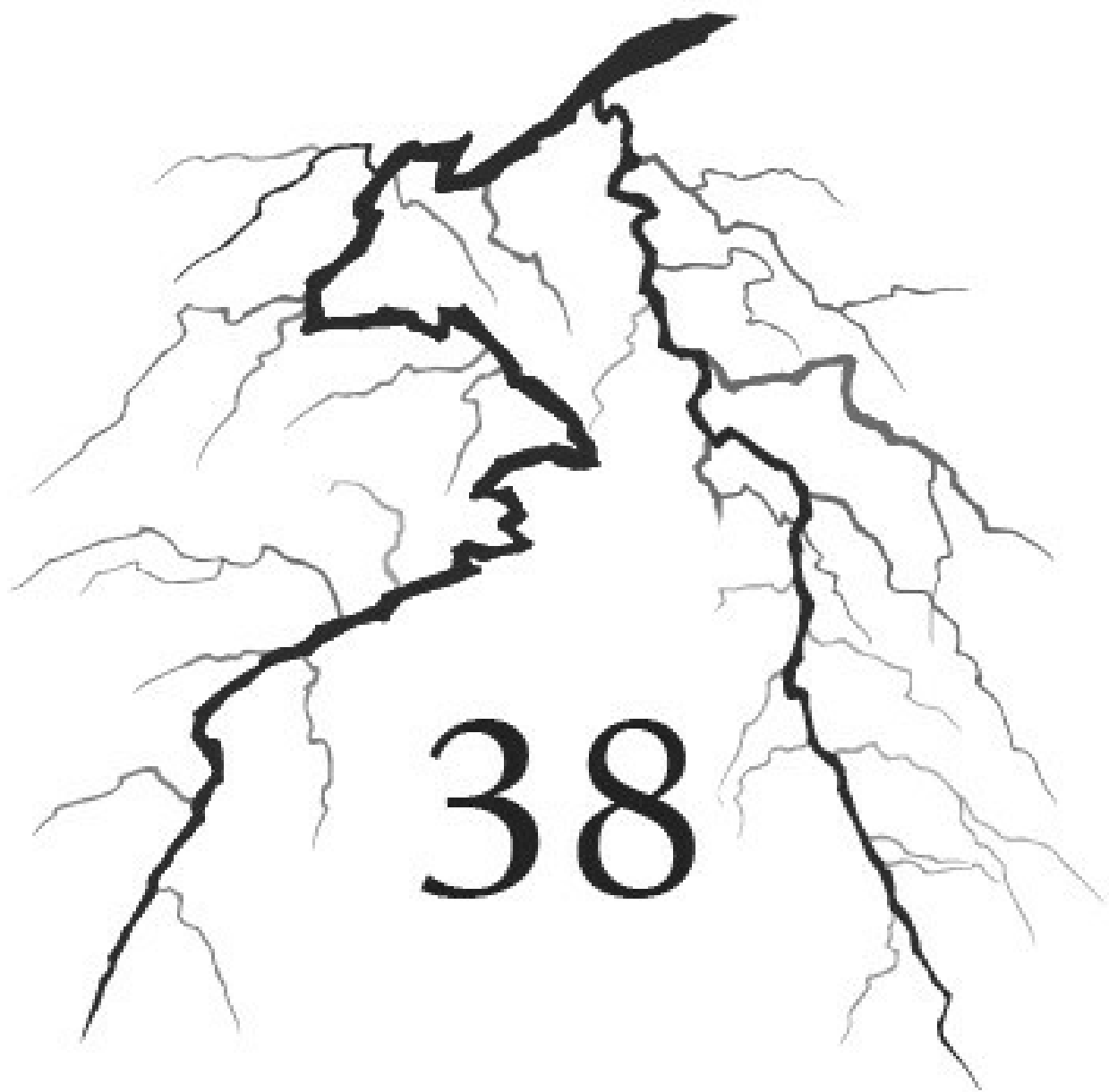
Obviamente que ela teria meu apoio nisso também, eu ia pagar o advogado, conhecia alguns advogados da época em que Gael trabalhava, mas não tive sequer tempo de dizer que não se preocupasse com isso.

— Eu vou representa-la.

Gael continuava ajoelhado, agora em uma distância segura, sem tentar tocá-la mas próximo o bastante pra marcar território. O que chega a ser engraçado, quando ele precisava ter feito isso o idiota simplesmente deu-lhe as costas.

Sempre me perguntei o que faria Gael sair de sua inércia, de sua pose de injustiçado eternamente pela vida. Faço um carinho de agradecimento na cabeça de Babi, por ser responsável por isso, e torço, internamente, que meu amigo mereça a dádiva.

PERIGOSAS NACIONAIS



38

Gael

PERIGOSAS ACHERON

Sabe quando você sente que pode enlouquecer a qualquer minuto? Essa é a minha situação atual. Eu esperava várias coisas, na verdade, na minha loucura entre sair de casa com Vicente e entrar na mansão Kyriacos. Fiz várias imagens mentais sobre o que encontraria lá. A princípio, eu esperava não a encontrar. Mesmo com Vicente dizendo ter certeza que ela estava na mansão, eu preferia pensar que ela tivesse saído da cidade, fugido pra bem longe de toda essa confusão. Pensava que iríamos revirar a casa inteira e não ter a menor pista de onde ela pudesse estar.

E eu enlouqueceria de preocupação, obvio, e passaria o resto dos meus dias procurando por ela. Mas isso é outro assunto.

Depois, eu esperava encontra-la bem. Reatada com ele, que fosse, seria desesperador saber que ela realmente era parceira dele nessa confusão toda, mas ao menos ela estaria bem. Eu iria quebrar a cara dele, arrebentar a casa inteira, ir parar na delegacia, mas ela estaria bem.

Mas não esperava vê-la toda machucada.

Não esperava vê-la sofrendo por ter perdido

PERIGOSAS ACHERON

seu filho.

E, definitivamente, não esperava vê-la me ignorar e preferir Pedro.

Doeu feito um soco quando ela puxou a mão, não me deixou tocá-la, não me olhou nem uma vez sequer desde que desceu aquelas malditas escadas. E eu queria tanto saber o que aconteceu com ela.

Doeu, mas foi merecido, afinal de contas o que eu esperava depois de ter virado as costas pra ela? Eu estava, até há pouco, ainda duvidando, ainda achando que ela poderia ter me enganado. Só me dei conta mesmo que era sério quando vi Adrian descendo com ela nos braços, toda marcada, assustada. Fiquei paralisado, sem ação, sem conseguir pensar, ou respirar que fosse.

Relembrei a conversa que tivemos onde ela relatou o tipo de relacionamento que teve com Dimitrius, e ouvir não era pior do que ver. Ela passou dois anos sofrendo esse tipo de coisa. Dois anos!

A minha raiva era grande, mas não era maior que minha vergonha. Vergonha de saber que

eu sou apaixonado por ela, e ainda assim essa paixão não foi maior que minha cegueira. Que meu coitadismo. Que tipo de cara sou eu?

Babi não me merece, e isso está claro como água. Ela merece alguém como o Pedro, que nunca duvidou dela, que sempre esteve disposto, que correu riscos por ela. E ela deve saber, afinal foi os braços dele que ela correu.

Isso não significa que vou dar as costas a ela, não de novo. Se ela precisa de um advogado, ela terá um. Nem que seja a última coisa que eu faça.

— Vamos, Gael... — Samuel bate em meu ombro, eu ainda estava abaixado no chão, arrasado por não ter recebido sequer um olhar dela, e me levanto, o seguindo em direção ao grande pátio onde os carros estavam estacionados.

— Onde vamos, agora?

— Pra delegacia, abrir um boletim de ocorrência. Depois pro IML, fazer o exame de lesão corporal. Vai mesmo ser o advogado dela?

— Você não me fez continuar pagando a Ordem, mesmo eu dizendo que não queria mais ser

advogado? Pra alguma merda isso tem que ter servido, Samuel.

— Eu lamento pelo Joaquim, somente... — ele ri, enquanto abre a porta da viatura, e eu assumo o banco do passageiro — vai perder o estoquista.

— Você é um idiota...

Seguimos pra fora do grande portão da mansão e posso dar graças que nenhum dos dois estavam aqui, nem pai e nem filho. Ia ser difícil segurar mais essa, me controlar e não acabar com eles. Tentar não socar Adrian quando o encontrei já foi uma aventura estafante o suficiente.

Trabalhar a semana inteira havia sido um sacrifício daqueles. Até tentei, na segunda-feira, mas depois de quase colocar o mezanino do estoque abaixo, Joaquim me pediu para, *por favor e se possível*, ficar na minha casa até estar com a cabeça em ordem. Essa era a parte difícil, controlar a cabeça. Ela continuava uma bagunça...

Eu passava o dia correndo pela vizinhança, forçando tanto meu corpo até quase desmaiar de exaustão e a angústia não passava de forma alguma, tão preocupado com eles e sem notícias.

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi na volta de uma dessas corridas que meu coração quase parou ao ver uma viatura preta parada na porta de casa. Fiquei tão fora de mim que sequer reconheci Vicente quando ele saiu da viatura, sério e compenetrado como ele sempre foi. Só o reconheci quando ele usou o carinhoso bordão “*e aí, babaca?*”, uma forma, digamos, amistosa que ele usava pra se dirigir a mim desde que eu defendi um canalha que ele queria atrás das grades.

Foi o próprio Vicente quem me colocou a par da investigação que estava correndo, agora que a PF tinha entrado na jogada.



Samuel me disse que talvez você teria alguma coisa boa pra me repassar, mas não quis adiantar nada. Sabe do que ele está falando? – O babaca estica as pernas, sentado na cadeira da cozinha todo esparramado, enquanto seu amigo fica batucando com o distintivo na mesa, como se fosse

PERIGOSAS ACHERON

um pandeiro ou algo do tipo. Insuportáveis.

— *Ele não adiantou nada, tem certeza?*

— *Conhece Samuel. Disse que não era serviço dele pra repassar...*

Até era, estávamos trabalhando juntos nos últimos anos, mas ele não iria, nunca, me tirar o prazer de entregar aqueles canalhas à polícia. Me levanto e vou até o quarto, buscar o meu tablet onde as informações estão na nuvem. Tenho cópias de tudo num cofre bancário, obviamente, mas não sei se o que eu tenho aqui seria de interesse deles. Depois de tanto tempo fiquei desacreditado na eficiência policial. Mesmo Samuel com toda a sua boa vontade acabava amarrado pela burocracia e corrupção do sistema.

Se vale um adendo, eu devo dizer que minha confiança na polícia não abala a confiança que eu tenho em Samuel. Só em ver como ele tem se empenhado nos últimos anos é o suficiente. Vicente também tem um caso complicado de confiança, apesar de ser delegado, tem uma história difícil envolvendo isso, mas também coloca a mão no fogo pelo carioca. Infelizmente os bons policiais acabam levando uma fama que não merecem.

O dossiê que eu montei tinha muita coisa. Datas, nomes, documentos, locais, transações. Obviamente que nada daquilo serviria como prova em um júri, mas o caminho das pedras que o delegado teria que percorrer estava desbravado. O trabalho dele, caso tivesse interesse, estaria mastigadinho.

— *Rapaz... – Vicente solta um assovio, impressionado com a sujeirada – Se conseguirmos comprovar isso tudo, vai ser uma bomba. Acha que o greguinho sabe?*

— *Não tenho ideia. Isso tudo, até onde eu apurei, foi feito nos últimos quatro anos quando Dimitrius assumiu a presidência. O moleque estava fora, então, acredito que não.*

— *Sei que não é por causa disso aqui que você quer vê-los atrás das grades, Gael. Mas vai ser de uma ajuda imensa, você sabe...*

— *Melhor por isso do que por nada.*



Não demorou muito até que ele voltasse, agora em companhia de Adrian, com a informação de que Babi poderia estar na mansão dos Kyriacos e eles estavam indo até lá verificar se estava tudo bem com ela. Ele tinha vindo como uma cortesia, somente para me avisar da operação, mas de forma nenhuma eu deixaria de ir junto. Mesmo sendo arriscado, como ele mesmo me alertou.

Uma ligação e foi o suficiente pra Pedro exigir ir junto, também. Meu amigo estava me ensinando que a gente não abre mão das pessoas, não abre mão de quem se gosta. E era uma lição bem dura, mas necessária.

O comboio para em frente à delegacia, me trazendo de volta à realidade. Samuel já havia alertado alguns policiais que fizessem a nossa segurança e eles já estavam a nossa espera.

Assim que o aviso é dado que está seguro desembarcar, vejo Babi saindo da viatura dirigida por Vicente. Amparada por Pedro, que hoje está mais parecendo um guarda-costas de filme de ação. Tá, sim, eu sei que eu deveria meter a minha cabeça no vidro do carro nesse exato minuto por

estar preocupado com isso, mas convenhamos, é inevitável. Estou morrendo de ciúmes. Morrendo.

Me apresso a sair da viatura e acompanhá-la, mesmo com sua frieza estou aqui como seu advogado.

Advogado. Claro que teria que ser essa menina atrevida a revirar minha vida inteira e me fazer voltar atrás. Não existiria outra pessoa que pudesse me virar de cabeça pra baixo.

Somos levados até a sala do delegado, que está num humor daqueles pra variar. É tanta falta de tato e de cuidado que acabo entendendo porque tantas mulheres acabam não dando sequência às denúncias de agressão física e sexual. No olhar da maioria dos homens, como a própria Babi me alertou um dia, a mulher já chega com um palmo adiante de culpa, mesmo quando ela não a tem.

— Doutor, meu nome é Gael Prieto, e eu sou o advogado da senhorita Bárbara Cardoso. Eu vou acompanhar o depoimento dela.

— Gael Prieto, ora, ora... — o filho da puta se escora no encosto da cadeira, o sorriso cínico brincando nos lábios, talvez se recordando de

alguma coisa que eu, honestamente, não faço a mínima ideia do que seja.

— Nos conhecemos, doutor?

— Talvez... — seu ar risonho vacila, mas ainda assim ele continua — só não deve ter sido tão importante, já que não se recorda.

— Podemos brincar de adivinhação mais tarde, se não se importa, doutor. No momento gostaria que ouvisse a minha cliente. Ela tem muito o que falar, e, como pode notar, precisa de um médico, de roupas limpas, não podemos ficar aqui perdendo tempo.

Enquanto eu falo, posso ouvir Samuel limpando a garganta atrás de mim, como se estivesse me alertando de algo. Mas na verdade, nesse momento, estou pouco me importando com isso. Mesmo longe do trabalho há tanto tempo, não preciso de muito pra saber o que fazer, e como agir. E, principalmente, com *quem* agir.

O depoimento de Babi é difícil de ouvir. Enfurecedor. Eu poderia matar Dimitrius com minhas próprias mãos, principalmente depois de saber que ela estava machucada, e passou dias

assim somente com a promessa que ele voltaria pra terminar seja lá o que ele tinha em mente. A coisa só não foi pior porque ele não a estuprou, mas o terror psicológico que ela sofreu pode-se dizer que foi tão terrível quanto.

O que está dizendo, Gael, desde quando você poderia saber o que é isso?

— Mas a senhorita tem certeza de que sua estadia na casa foi contra a sua vontade?

— S-sim...

Eu esperava uma das respostas atravessadas dela. Esperava ela xingar o delegado. Esperava qualquer coisa menos esse suspiro envergonhado que ela soltou. E só por isso eu podia torcer o pescoço do homem à minha frente.

— Que tipo de pergunta é essa? É dessa forma que trata as mulheres que vem até aqui procurando auxílio da justiça? Procurando proteção?

— Não é...

— Culpar a vítima não vai fazer com que o trabalho fique mais fácil, delegado. Olhe pra ela! Acha mesmo que ela parece alguém que passou por PERIGOSAS ACHERON

uma estadia divertida em algum resort grego de alta classe?

— Doutor Gael, eu...

— Ainda que ela tivesse ido até a casa dele por vontade própria, o que não foi o caso, não justificaria as agressões, o cárcere privado e a subtração do menor. Então doutor, vamos cortar o papo furado e dar sequência, que tal?

— Pra quem passou quatro anos fora, o senhor parece um tanto afiado, doutor, como era antigamente. Mas parece ter se esquecido de que eu posso lhe dar voz de prisão por desacato...

— Se me prender vai te fazer feliz e adiantar o seu trabalho, siga em frente doutor.

Foi muito rápido. Eu estava sentado em uma das cadeiras em frente à mesa do delegado, e Babi estava na cadeira ao meu lado. Assim que eu pedi pro delegado me prender, se fosse o caso, ela rapidamente segurou minha mão, como se me pedisse calma. E depois percebeu o ato falho, recolhendo a mão novamente e a levando pro seu colo.

Eu me transformei naqueles malucos

PERIGOSAS NACIONAIS

sedentos por toque, que comemoram qualquer tipo deles, até mesmo os *sem querer*, os *por engano* e os *por acaso*.

— Eu estou fazendo o meu trabalho, doutor Gael, assim como você. Eu vou encaminhá-la pra fazer o exame que constata as lesões corporais, e então podemos dar seguimento ao caso.

— E quanto ao garoto?

— Vou colocar uma equipe nisso. – seu tom amolece um pouco ao se dirigir à Babi, o que eu, internamente, agradeço – Não se preocupe, senhorita Bárbara. Vamos fazer o possível para trazer seu filho, tudo bem?

Ela só balança a cabeça, mexida demais pra reagir de outra forma. E quando se levanta da cadeira, os braços se apertam em volta do próprio corpo em uma forma de proteção e ela se dirige ao delegado, envergonhada e de cabeça baixa.

— Eu poderia mudar de roupa antes, tomar um banho? Antes do exame, eu digo...

— Eu sugiro que vá desse jeito. Vai constar no laudo também, e a senhorita pode se trocar no IML.

PERIGOSAS ACHERON

Apesar de achar desnecessário, e deixar isso bem claro, afinal de contas as marcas do corpo dela não sumiriam no período entre sair da delegacia e ir até em casa tomar um banho, entendo o que ele quer fazer. Usar ainda mais argumentos que pesem na acusação de agressão.

Vendo que Babi está pronta, passo meus braços em volta de seu ombro, dando apoio pra que não desabe, tamanha fragilidade que ela parece ter nesse momento. Seu corpo retesa, mas ela não rejeita meu apoio. Nesse momento isso parece uma benção.

Sim, me tornei um maldito sedento.

Quando a porta se abre, vemos Pedro sentado em uma das cadeiras no corredor e imediatamente ele se levanta vindo ao nosso encontro. Nem por um minuto ele me olha, sempre focado nela. E ela sequer vacila ao mover o ombro, se libertando de meu abraço, e ir ao seu encontro.

— Tudo bem? Foi tudo bem aí dentro?

— Foi, agora... tenho que fazer um exame. No IML...

— Vamos lá fazer. Vou junto, estou aqui,

não se preocupe.

Eu queria chamar a atenção dela. Mostrar que eu também estava aqui. Que eu não iria a canto algum, muito pelo contrário, ela me teria sempre perto. Mas uma movimentação na entrada da delegacia chama a minha atenção, e não tinha hora pior pra esse puto aparecer por aqui. Acompanhado por um engravatado qualquer, Nicolas Kyriacos vem caminhando, cheio de pose, em nossa direção.

— Bárbara... — ele chama por ela, que instintivamente se aconchega mais nos braços de Pedro, a essa altura parecendo mais um pitbull aguardando briga.

— Não chegue perto. — Ele alerta, fazendo o homem retroceder dois passos.

— Eu... desculpe, menina. Estive fora, não sabia...

— Engraçado como você nunca sabe de nada, não é, Nicolas?

Minha voz chama sua atenção e posso até acreditar que só então ele nota minha presença ali, tamanha surpresa em seu rosto.

— Gael Prieto.

— Vocês não cansam, não, Nicolas? Não cansam de destruir a vida das pessoas? — Seu advogado tenta falar alguma coisa, mas eu nem lhe dou chance de continuar — Eu até posso “entender” — friso a palavra com uma certa ironia — que vocês tenham me atacado, afinal de contas eu nunca fui nada além de um meio de escapar das inúmeras merdas que faziam em seu tempo livre. Mas essa mulher é mãe do seu neto. Nem seu próprio sangue escapa?

— Prieto, eu entendo a raiva que sente...

— Raiva não é nem perto do que eu sinto, Nicolas. Acredite... — atropelo suas palavras, mas ele continua falando, mesmo assim.

— Mas eu gostaria que acreditasse em mim. Eu, Nicolas, não toquei em sua família.

E eu, Gael, esqueço que sou um advogado, que estou dentro de uma delegacia, e que ele tem a idade do meu pai. Um soco atravessa sua cara, atingindo bem o osso protuberante de seu rosto, fazendo com que ele desabe. Em questão de minutos um inferno toma conta da pequena sala, com um policial enorme segurando meus braços, Samuel se colocando entre mim e Nicolas, o

PERIGOSAS ACHERON

advogado dele bradando que eu serei preso por agressão e o delegado berrando atrás de nós que encerrássemos a baderna.

— Doutor, queremos prestar queixa contra o doutor Prieto, por agressão — o advogado brada. Mas, pra minha surpresa, Nicolas interfere.

— Não vou dar queixa. Não quero confusão com você, Prieto. Vim porque soube que meu filho está aqui, desacompanhado de um advogado.

Forço meu braço, o policial ainda me mantendo preso como se soubesse que, assim que me soltasse, eu pularia no pescoço desse grego filho da puta. Me sinto fervendo, o coração galopando no peito, tudo vindo à tona só de vê-lo aqui, com essa expressão de coitado. As ameaças noturnas, minha briga com Sofia, o assassinato delas, os anos solitários, a vida sofrida de Babi em baixo dos olhos dele, a surra, o sumiço do Bruno. Vem tudo em ondas, difícil de controlar, querendo explodir. Meu corpo treme inteiro e eu continuo tentando me soltar, sem ouvir nada ao redor. Sei que as pessoas falam comigo, mas uma nuvem de torpor me envolve e não vejo e nem ouço nada, só o velho com a mão no rosto, onde dei-lhe um soco,

e as lembranças que não param de fluir.

— Gael... por favor. Eu preciso de você aqui fora, inteiro. Por favor, se controla...

Sinto o toque suave de Babi em meu rosto, sua voz me alcança e é como se a nuvem fosse se dissipando. Como se ela fosse o sol que rompe minha tempestade.

Paro de lutar, só prestando atenção nela. Em sua voz, em seu toque. O coração ainda disparado, a pressão lá no alto, o sangue correndo nas veias, a respiração fora de controle. E seu toque em meu rosto, sua voz me chamando.

— Por favor...

— Tudo bem, neném. Não se preocupe, vou me acalmar. Tudo bem...

Tento soltar meu braço, louco de vontade de acalmá-la, de trazê-la pra mim, mas o infeliz do policial continua apertando, segurando meus braços a ponto de quase deslocar meu ombro.

— Agora que já nos acalmamos, certo? — o delegado cruza os braços, sua atenção dirigida a mim — acha que podemos prosseguir? Minha delegacia não é bagunça, doutor Prieto, espero que

PERIGOSAS ACHERON

se lembre disso num futuro próximo.

— O que faz aqui, pai? — a voz de Adrian, vindo acompanhado de Vicente, demonstra um imenso desagrado em ver o pai, e isso quase me faz simpatizar com ele.

— Você está sem advogado, filho. Não sei exatamente o que está fazendo aqui, mas não pode vir sem um acompanhante legal.

— Ah, sim. É verdade... — o rapaz se vira em minha direção, que ainda estou sendo seguro pelo policial e, a essa altura, acho que ele só vai me soltar quando o velho sair de perto — Você ainda tem contato com o seu antigo escritório, Prieto? Acho que preciso de um advogado.

— Vou te passar o telefone. Só não sei se ele irá te atender...

O rapaz acena, em concordância, sabendo que o seu nome pesa, e nunca a seu favor. Ignorando o pai, ele sai, acompanhado por Vicente e o outro agente federal. O velho o segue, talvez na esperança de fazê-lo mudar de ideia e só então, como eu imaginava, a policial solta meus braços que, a essa altura, estão até meio dormentes depois

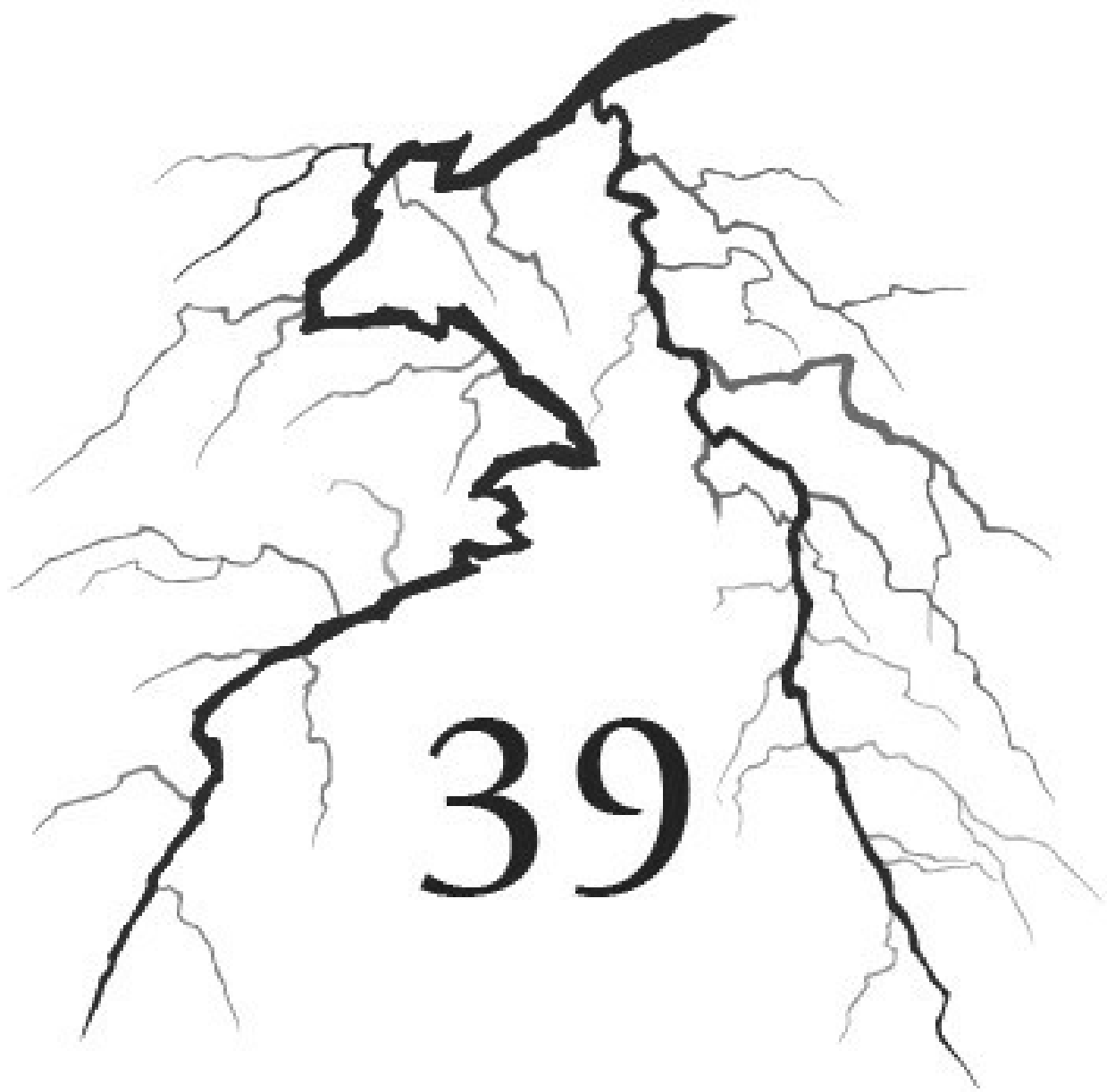
que toda a ira se abrandou.

A minha intenção era, realmente, trazer Babi pros meus braços mas tão logo eu me vi livre, ela saiu acompanhada de Pedro, amparada por ele, sem olhar para trás.

— Você vai precisar de um pouco de sangue frio, italiano. Ou não vai ganhar essa guerra aí, não... — Samuel apoia a mão em meu ombro, e aponta com a cabeça pra onde Babi e Pedro saíram.

Só aceno, concordando, achando que essa guerra vai ser muito mais difícil do que eu pensava.

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

Me senti extremamente desconfortável ao entrar na delegacia, mas era necessário fazer o boletim de ocorrência. Não estava sendo nada fácil, ainda toda suja, apavorada e, principalmente, preocupada com Bruno.

O que me acalentava era a presença de Pedro, que não saiu do meu lado um minuto sequer, segurando minha mão, dizendo o tempo todo que eu ia ficar bem. Que iríamos, eu e Bruno, ficar bem. E ele, o meu Senhor Tempestade, que mesmo sendo ignorado por mim não saiu do meu lado. Como meu advogado ficou coordenando tudo, segurando a onda na hora do depoimento, não permitindo nenhuma vez sequer que o delegado pudesse me fazer sentir culpada por tudo o que tinha acontecido.

Pude ver como ele se transforma quando assume o papel de advogado, sua voz soa firme, imperativa, não deixando margem pra que discordem do que ele fala.

Foi difícilimo vê-lo surtar quando Nicolas chegou. A forma como ele ficou, fora de si, quando ouviu do velho que ele não era responsável pela

morte de sua família, foi assustador. Por sorte o policial que o estava contendo era um dos maiores que eu já vi, e isso o impediu de partir novamente pra cima do homem.

E, claro, eu tinha ouvido quando ele falou sobre a forma displicente que o velho tratou minha estadia forçada em sua casa. Como vi sua expressão conforme eu ia contando tudo o que tinha acontecido comigo esses últimos dias. Eu vi, e ouvi. Mas minha mente, essa traidora, me bombardeava, sem pena, dizendo que ele só estava assim por causa delas. Que não tinha nada a ver comigo, que ele ainda me odiava, que me desprezava. Ainda assim, ver seu sofrimento era difícil. Nunca vou me acostumar a ver seus olhos tristes novamente, não depois de vê-los em paz.

Tive vontade de trazer ele pro meu colo, confortá-lo como já tinha feito antes. Bastou um toque, e ele se acalmou. Como se eu fosse, novamente, o antídoto que ele certa vez mencionou.

Depois de toda a confusão ter se resolvido eu segui com Pepê e toda a comitiva até o IML. Eu só tinha vestido um short de malha e pego um par de chinelos, ainda vestia a mesma camiseta com

que Adrian havia me tirado daquele quarto, por pouco não vim enrolada no mesmo lençol. Me sentia mal, suja, envergonhada, e extremamente triste por estar entrando na viatura vestida dessa forma.

Junto a isso, a preocupação com meu filho, em saber se ele estava bem, onde ele estava, e apavorada de Dimi aparecer a qualquer minuto.

A sensação de estar naquele local não era melhor do que estar na delegacia, no entanto. Estava viva, obvio, mas ser enviada pro IML depois de passar dias de agressão e medo era, realmente, assustador.

Conforme ia caminhando pelo corredor em direção à sala do médico, colocava em minha cabeça que seria apenas uma consulta, como outra qualquer. A sala em que o médico me atendeu era, realmente, parecida com um consultório médico comum. Uma mesa, uma cadeira, uma maca, computador, instrumentos...

Assim que entrei na sala, o legista pediu que eu retirasse minha roupa e, então, tive que dar razão a Gael, que havia achado desnecessário que eu viesse com os trapos que estava usando antes. Mas

PERIGOSAS ACHERON

fiz conforme foi pedido, me sentando na maca em seguida.

O exame foi minucioso e, por sorte, o legista foi sério, mas compreensivo. As perguntas eram feitas com cuidado e ele anotava tudo em um papel, logo após tirar fotos de todos os machucados. No final, ele me entregou um laudo onde listava todas as lesões que eu tinha, incluindo duas costelas fraturadas, o que explicou a dor e imensa falta de ar que eu estava sentindo.

Quando terminei o exame, já com o laudo nas mãos, encontrei Gael e Pedro me esperando do lado de fora da sala. Pepê veio ao meu encontro, com uma sacola de loja de departamentos nas mãos, mas sem o costumeiro sorriso que ele sempre tem nos lábios.

— Te comprei umas roupas. Vai até o banheiro, ali, e veste elas. As que você está coloca dentro da sacola, eu vou tacar fogo depois.

Calço as sandálias que ele me entrega, e, com uma certa dificuldade e um tanto de vergonha, vou até a porta indicada. O banheiro pequeno está limpo, e utilizo a camiseta pra forrar o vaso e poder me sentar nele, a fim de vestir as roupas que ele

PERIGOSAS ACHERON

tinha me trazido. Sorrio ao ver uma calça de tecido fino, modelo pantacourt listrada, uma camisetinha básica preta, e um par de calcinhas de algodão. Tudo muito simples e básico, mas de bom gosto. O banheiro não tinha chuveiro mas, mesmo assim, aproveitei que ele tinha colocado uma toalha na sacola e lavei meu rosto e meus braços, antes de empacotar tudo e sair, caminhando com dificuldade.

— Pronto... — entrego a sacola a ele, e novamente sinto seu abraço acolhedor, enquanto ele me diz que tudo vai ficar bem.

Nada vai ficar bem se eu não tiver meu filho comigo. Não posso viver com medo pra sempre, não de novo.

— Babi — Gael chama minha atenção — preciso te falar uma coisa. Posso?

Ele aponta para as cadeiras localizadas na sala de espera, me fazendo sentar. Com cuidado, ele pega o laudo da minha mão, passa os olhos rapidamente pelo resultado, e consigo ver seu maxilar contraído, como se ele fizesse uma força enorme para se controlar qualquer coisa que estivesse passando em sua cabeça nesse momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está com fratura... tá com muita dor?

— Suportável... o que você precisa me falar? É o Bruno? Não mente, por favor...

— Calma. Sim, é sobre o Bruno, mas é mais especificamente a respeito do que a governanta disse, sobre eles terem ido à Grécia. — Ele fala tudo pausadamente, com calma, analisando minhas reações — Eu acho que é mentira, Babi. Eles não saíram do país, não teria como.

— Porque?

— Primeiro, ele não tem o nome na certidão do Bruno, correto? — Aceno, confirmando — Então embarcar com ele seria complicado. Segundo, o menino precisaria de um passaporte, que não é algo tão simples assim. Ainda que ele embarque em um avião particular, que eu *sei* que eles não possuem, existem vários trâmites que precisam ser seguidos. Dimitrius é louco, mas ainda gosta muito da posição que ele tem na empresa, não acredito que ele faria uma estupidez desse nível e correr o risco de perder os privilégios que ele ainda acha que tem.

— Mas então onde ele está? — Pedro pergunta, exasperado — Porque a mansão foi

PERIGOSAS ACHERON

revirada, eles não estavam lá...

— Escondidos, ganhando tempo. Acredito que ele tenha mandado fazer um exame de DNA no menino. E precisa da documentação pra, nesse caso, sair do país. Fugir não está descartado, Babi, mas ele não teve tempo hábil, ainda.

Gael diz a palavra “ainda” com cuidado, mas não consigo controlar um tremor violento pelo corpo. Sou amparada por Pedro e preciso me lembrar depois de agradecê-lo como ele merece, porque desde que tudo desabou à minha volta ele tem sido meu ponto de apoio.

— Eu estou te contando porque ele já está sendo procurado por subtração de menor, Babi. Pode parecer que não, mas temos chance de achá-lo. Eu vou trazer ele de volta, confia...

Foi um pedido, ao mesmo tempo que foi uma promessa. E eu confio nele.

Samuel, o policial amigo de Gael, estava nos esperando do lado de fora do IML, para nos acompanhar de volta até a delegacia. Tudo muito cansativo, demorado e constrangedor. Mas somente quando tudo terminou é que algo me ocorreu: eu

não tinha pra onde ir.

A casa da Vila Progresso agora era de Dimitrius, minha amiga Lola continuava desaparecida, e eu continuo dura. Até mesmo minha bolsa, onde eu mantinha os cartões de banco, ficara no quarto da mansão, dentro da mala de roupas, e eu não queria pisar lá de novo.

Pedro parece notar meu desespero silencioso, porque antes mesmo de sairmos da delegacia ele me puxa pela mão, semblante preocupado.

— Que aconteceu? Que foi?

— Eu... não tenho pra onde ir.

Já devo ter comentado como Pedro é uma pessoa leve. A cara que ele faz quando eu menciono minha atual falta de residência é engraçada, é quase como se eu tivesse dito algum absurdo cômico.

— Claro que tem, você vai pra minha casa, ué. — Ele dá de ombros, e continua me puxando pela mão até chegarmos à viatura, onde Samuel e Gael estão nos esperando.

Me sento no banco de trás, junto com
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pedro, e Gael vai no banco do passageiro ao lado de Samuel, mas fica o tempo inteiro me olhando pelo espelho retrovisor. Olhando. Analisando. Implorando. Sei que ele quer conversar, sei que quer resolver o que ele acha que tem que ser resolvido, mas eu não estou pronta. Na verdade, acho que nunca estarei pronta pra ter alguém pela metade, alguém que também não está pronto. Já sabia disso, mas fui teimosa, me deixei levar. Então, procurando evitar qualquer abertura que eu não quero dar, eu simplesmente abaixo a cabeça, fixando a atenção aos meus joelhos.

— Samuel, você para em uma farmácia, vou comprar analgésicos, e depois você pode nos levar pra minha casa, por favor?

Gael fez um movimento tão rápido quando se vira que o banco até fez barulho, fazendo com que Samuel olhasse pra ele de cara feia.

— Pra sua casa porque?

— Porque sim, Gael. Esqueceu que ela não mora mais naquela casa? Não vou colocar a menina em um hotel, e meu prédio tem segurança, a portaria é vigiada.

PERIGOSAS ACHERON

— Seu amigo tem razão, italiano. A menina vai ficar segura lá...

Gael não responde. Na verdade, o único diálogo que se ouve é o de Pedro passando o endereço pra Samuel, e o direcionando em algumas vias. Eu não levanto o rosto uma vez sequer, altero entre olhar para os joelhos e para fora da viatura, a paisagem da cidade parecendo muito atraente nesse momento. E posso *sentir* o olhar de Gael queimando sobre mim, acompanhado por uma respiração mais profunda, vez ou outra, quando talvez ele canse de esperar que eu olhe em sua direção.

Não posso fazer isso. Não agora. Não no meio dessa bagunça. Preciso me manter firme.

Quando o carro estaciona em frente ao apartamento de Pedro eu fico impressionada com o prédio. Esperava que fosse um desses condomínios com mais de cinco torres, grande, popular. Mas parece que meu amigo fotógrafo ganhou um dinheirinho bom porque o prédio alto e imponente, num condomínio arborizado e bem seguro, é muito diferente do que eu estava esperando.

Quando desembarco arrisco um olhar, meio

PERIGOSAS ACHERON

de canto, até mesmo a agradecer por Gael ter ficado comigo o tempo todo desde que saí daquele inferno. Mas dessa vez quem não quer olhar é ele. Ainda consigo ver sua mão fechada em punho, por conta do braço apoiado na janela do carro, os nós brancos, como se estivesse se contendo.

Deve estar.

Nos despedimos, sem receber uma resposta, e sigo Pedro condomínio adentro, sem dizermos uma palavra. Dividimos o elevador com uma senhora simpática, que parece adorá-lo porque assim que nós chegamos no hall, ainda no térreo, ela começou a fazer várias perguntas e lamentar que ele não aparecia mais com tanta constância na academia ou na piscina do prédio. Esperta, a senhorinha.

O apartamento de Pedro fica no oitavo andar e, como eu esperava, é um apartamento de classe média alta. Como se adivinhasse o que eu estava pensando, ele logo justifica, já entrando porta adentro e abrindo a janela da imensa varanda que cobre uma parede inteira da sala de estar.

— Meu pai tem dinheiro, Babi. A única coisa que eu tenho dele, e da minha mãe, são bens

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

materiais. Eu antes era orgulhoso, não aceitava. Mas se é a única coisa que eles acham que podem me dar, eu pego. Até porque eu não poderia comprar um apartamento desses, né?

— Eu não sabia, Pê... quer dizer, que você não tinha um bom relacionamento com seus pais.

— Pais, mesmo, para mim, foram os Prieto. Dona Joana e seu Alessandro me deram tudo o que eu precisava, na infância e em toda a juventude. Por causa deles, foi menos difícil do que as pessoas pensam.

Ele continua falando enquanto sai pela casa, abrindo portas e janelas, e eu entendo que, apesar de ele dizer que esse assunto não o incomoda, atinge sim um nervo. Impossível não atingir. Me aproximo quando ele entra na cozinha, já abrindo uma porta próximo ao fogão e tirando um pote com pó de café.

— Pê... — toco em suas costas, faço ele parar e me olhar, sua expressão carregada e o cenho franzido me diz que as coisas não estão bem — eu não quero te trazer problema. Os Prieto... eles vão ficar chateados com você.

PERIGOSAS ACHERON

— Babi, se eles ficarem, só vai me provar que eu sempre estive enganado sobre eles. E se está preocupada com Gael, relaxa. Ele está com ciúmes e eu continuo achando isso sensacional.

— Não tem graça, Pedro...

— Não tem porque não foi você quem sofreu com aquele balde de gelo a vida inteira. Vou ser sempre grato por você me dar munição, Babi...

Ainda tento argumentar, mas não consigo. Sou praticamente empurrada até um dos quartos, enquanto ele animadamente explica que o separou por ser grande o bastante pra caber eu e meu filho.

— Fica aí, vai tomar um banho, tem toalha no armário e coisas de menina no banheiro. Vou buscar algumas roupas, até a gente poder pegar sua mala, tá?

— Tá.

É o que eu respondo, mas pra porta, que ele já tinha fechado atrás de si. Olho em volta, analisando o quarto, tão diferente do que eu tinha até então, mas tão parecido com a minha vida antiga. Aquela que eu tentei esconder, que eu tentei soterrar, estupidamente. Aprendi que há coisas que

não adianta tentar cavar um buraco e jogar terra em cima, porque elas voltam. Sempre voltam. Problemas existem para serem resolvidos, por bem ou por mal.

Demoro um pouco no banho, o corpo ainda castigado. Lavar o cabelo é dificultoso, porque erguer os braços me faz chorar toda santa vez e o contato do shampoo com o couro cabeludo queima. O sabonete, mesmo líquido, faz arder cada vez que eu passo por alguma região machucada, marcada pelo cinto que ele usou pra me bater.

Quando finalizo, dou sorte de ter um roupão atalhado no banheiro, e o outro par do conjunto de calcinhas que Pedro havia me dado mais cedo, junto com a roupa. Depois de razoavelmente pronta, saio do quarto em direção à sala de estar, que penso ainda estar vazia, mas me surpreendo ao ver Jordie e Pedro sentados na sala, com cara de poucos amigos.

— Babi... que bom que está bem – Jordie se levanta, vindo em minha direção, não antes de me dar uma bela medida, talvez notando que eu estou na casa de Pepê vestindo apenas um roupão.

Sim, não esqueci da impressão que eu tenho

PERIGOSAS ACHERON

sobre esses dois.

— Estou sim, Jordie. Só quero agora ter meu filho de volta, e ir viver a minha vida em paz.

— Eu estava falando pro Pedro que vim te buscar... – dá de ombros, um sorriso um tanto forçado no rosto – e te levar pra ficar lá em casa.

— Não entendi... como assim, me buscar?

— Ué, te buscar. Pegar você, sua malinha, e irmos embora. Meus pais vão adorar te receber. Estou com o carro aí em baixo e espero você se arrumar...

Da melhor forma Jordie de agir, ela não espera resposta. Simplesmente pega a sacola que estava no chão, em frente a poltrona lateral e que provavelmente foi colocada ali quando Pedro voltou da rua, e me olha, esperando uma atitude condizente com sua vontade. Mas agora, dessa vez, eu não preciso mesmo abaixar a cabeça.

— Eu não vou, Jordie. – Seus olhos se expandem, em surpresa.

— Como assim, não vai? – Ela troca um olhar com Pedro, que se mantém em silêncio, talvez esperando minha decisão – Vai sim. Você

PERIGOSAS ACHERON

não pode ficar aqui.

— Pode. — Pedro afirma, diretamente a mim
— Se quiser ficar, pode. O tempo que precisar.

— Pepê, não dificulta! — Sua voz estridente aumenta ainda um tom — Ela vai comigo. Convenci mamãe a esquecer a briga, e sabe que meu pai a adora, e é louco pelo seu filho.

“Convenceu a esquecer.”

— Jordie — chamo novamente — eu já disse que não vou. Se você precisou *convencer* a sua mãe, é sinal que ela não estava confortável. E eu também não vou ficar confortável lá.

— E aqui, você fica confortável... — não é uma pergunta, soa como uma acusação. Uma bem furiosa, pelo ranger de dentes. Troco um olhar com Pedro porque eu, realmente, não quero lhe causar problemas, principalmente com uma família que lhe é tão cara.

Nunca estragaria para alguém uma coisa que eu sempre quis e nunca tive. Não seria justo, de forma alguma. E se não faria a uma pessoa comum, imagina pra alguém já tão importante quanto ele.

— A Babi fica aqui, Jordie. Já está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

decidido, aqui é seguro e ela está protegida. Não faz sentido ela ir pra sua casa, de qualquer forma.

— O Gael não vai gostar...

— Problema dele. Já estamos conversados, eu e ele, Jordie. E seu irmão já é grandinho, não precisa de porta-voz, em todo caso. Se ele tiver qualquer problema, sabe que tem abertura pra me dizer.

— Você está fazendo de propósito! – Jordie joga a sacola no chão, como uma boa menina mimada, e cruza os braços, o enfrentando – É para me provocar, é isso?

— Eu não faria isso, Jordie. Não fiz quando tinha motivos, não é agora que eu vou fazer. Agora, por favor, se puder se comportar de acordo com a sua idade, não tem mais treze anos, acho que deve se lembrar disso.

Ela não esperava essa resposta. Na verdade, eu também não. Não vinda de Pedro, que é sempre luz e sorriso. Não com o tom de voz indiferente, e a expressão fechada que ele tem agora. Vejo quando ela abre e fecha a boca, mais de uma vez, talvez procurando o que dizer, e então desiste.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem, Pedro. Você fez a sua escolha. Fique bem com ela... — e sem esperar resposta, sai batendo a porta, deixando um silêncio incômodo na sala, que eu demoro um pouco a quebrar.

— Pê...

— Não, Babi. — Ele me corta — Não vou me curvar de novo aos mimos da Jordie. Porque foi isso que eu fiz a minha vida inteira.

— Vocês namoraram...

— Não. — Ele para um tempo, como se não fosse continuar o assunto, seu olhar corre pra um porta-retratos que só agora eu notei em cima do aparador da sala, contendo uma foto dos dois, talvez um baile ou outro evento de gala — Ela nunca me quis. Eu sempre fui o besta apaixonado que fez tudo o que ela queria, estando sozinho ou não ela sempre foi minha prioridade.

— Ela sabia do que você sentia? — Eu podia tocar na decepção que Pedro estava demonstrando, tamanha força do sentimento.

— Sempre soube. E sempre fez questão de dizer que eu não tinha importância, não dessa

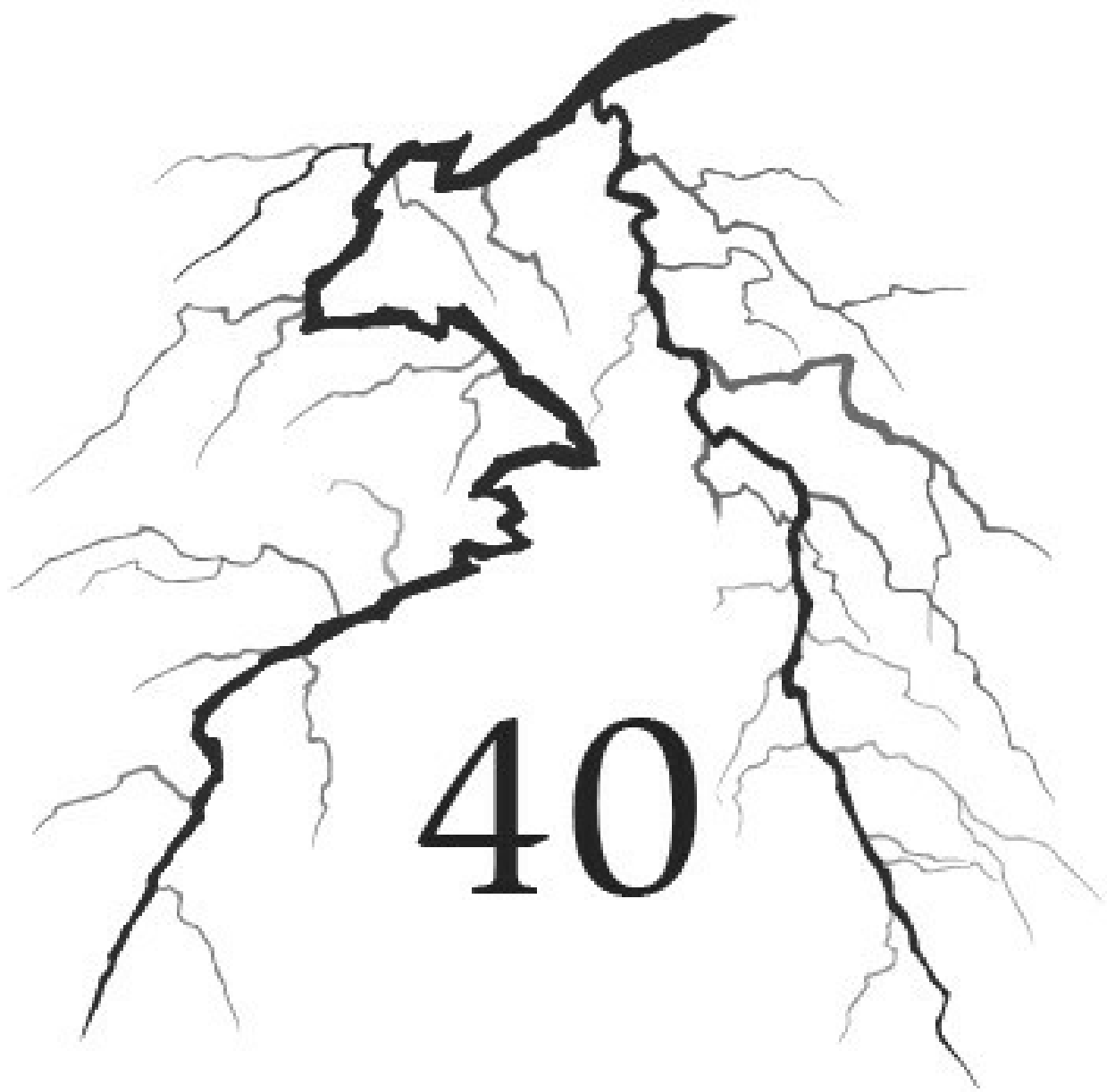
forma. Eu nunca estive à sua altura. Ela foi noiva, de um veterinário. Ficou noiva depois que eu me declarei. Ou seja, ela não se importa, nunca se importou, e eu cansei de ser um boneco dela.

Me surpreendo com essa informação, e apesar de querer saber detalhes, não pergunto. Porque o tom que ele usou não foi uma coisa legal de ouvir, logo não vai ser bom dele falar.

— Eu acho que vocês têm que conversar, Pedro. Porque essa atitude não foi de alguém que não se importa.

Ele só me lança um olhar triste, e se levanta, avisando que vai preparar algo pra gente comer. Não sei se Jordie merece o Pedro, mas ela não sabe, realmente, o que perdeu.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

A noite foi longa, passada em claro enquanto estive reunido com o detetive Marcondes, tentando achar a localização de Dimitrius. Mesmo com Samuel me dizendo pra ficar de fora, não consigo. Não mais. Não sabendo que Bruno está com ele, sabe-se lá em quais condições. Eu vou trazer esse menino de volta, ou não me chamo Gael Prieto.

A coisa se complicou quando eu recebi a visita de Jordie. Já estava ansioso, obviamente nervoso, e a coisa piorou quando a vi entrar chorando, completamente alterada, dizendo ter sido expulsa da casa de Pedro após ter pego Babi vestida somente de roupão. Ao mesmo tempo em que me recuso a acreditar que eles começaram qualquer tipo de relacionamento, a minha mente perversa fica me mandando imagens dos dois juntos, o tempo todo.

É enlouquecedor.

Sinto o telefone vibrar e, rapidamente, o saco do bolso, vendo o número de Vicente Avellar piscando na tela.

— Fala, babaca.

— *Olha, o italiano está aprendendo a ser educado. Que beleza...*

— Você é realmente amigo do Samuel. – Aponto, notando o tipo de humor semelhante – No que posso ajudar, digníssimo delegado?

— *Estou te ligando só pra informar que o inquérito vai ser aberto, Gael.* – Ele responde depois de uma longa gargalhada – *Ainda não conseguimos apurar tudo o que tem naquele dossiê, mas vai fazer um estrago bonito. Já estou com a força-tarefa preparada aqui, e o Ministério Público já foi informado.*

— Temos chances, então, de enfiar aquele desgraçado na cadeia?

— *Ele já vai responder por sequestro e lesão corporal, foi enquadrado na Maria da Penha, pelo que Samuel me passou. O restante, isso aqui que você me passou, é questão de tempo. Vamos ver agora o pai dele...*

— Certo. Obrigado por ligar avisando, Vicente...

— *Por nada. Só mais uma coisa... o nome da operação é Nêmesis*¹⁸.

Se tem algo que Vicente Avellar sabe usar perfeitamente é seu senso de humor.

A ansiedade é gritante em meu peito, ao desligar o telefone. A vontade de ter tudo resolvido imediatamente, de ter a morte das minhas meninas vingadas finalmente. De estar livre. Porque eu sei, eu sinto que enquanto isso não terminar eu não serei verdadeiramente livre.

E talvez Babi saiba disso, e por isso ela se afastou. Com toda a bagagem complicada que ela tem, ela precisa de alguém que a complete, não que a sugue. Ela precisa de alguém inteiro, e não preso em um luto infinito. Um maluco ciumento tirando seu sossego, como ela me acusou certa vez.

Nessa bagunça toda, ainda tem Joaquim. Passei a última semana inteira afastado do depósito e agora, tendo que representar Babi e no auge do caso, vou continuar afastado. Sei que ele é compreensivo, parceiro e sempre imaginou que a minha situação seria temporária, mas, mesmo assim, não gosto de deixa-lo na mão. E é nesse espírito que desço as escadas, assim que ouço o barulho da porta de ferro sendo erguida.

— Bom dia, portuga!

— Italiano. Está melhor? – O velho homem age como se fosse meu pai, bagunçando meu cabelo e dando um tapa na parte de trás da minha cabeça, me fazendo lembrar dos meus dez anos de idade.

— Estou. As coisas aos poucos vão se resolvendo.

— E a menina? Como está?

Logo após deixar Babi na casa de Pedro, vim direto pra casa. Não conseguia pensar, não conseguia respirar de tantos ciúmes e tantas saudades dela. Chateado demais, aborrecido demais. O velho portuga estava me esperando, como sempre com os ombros prontos pra eu chorar se precisasse.

Um amigo desse naipe é difícil de achar.

— Está bem. Quer dizer, está *bem*. Precisa do filho, e precisa de segurança. Mas acredito que isso acabe logo. E é por isso que eu queria falar com você.

— Está demitido, Gael. – O velho sequer pisca. De braços cruzados, sentado no banco alto recostado no balcão de atendimento, ele solta essa,

me deixando sem ação.

Eu não quero ser demitido. Eu só preciso de alguns dias. Abro os braços, ainda mudo, mas sou impedido, novamente, de argumentar.

— Você não vai voltar. Assim que você assumir o caso da menina, você vai voltar pra sua vida, sua profissão, como eu sempre esperei que fosse acontecer, e inclusive acho que demorou demais. Isso aqui era temporário, Gael, e assim como tudo o que é temporário, acabou. Boa sorte.

Dizendo isso, ele me dá um tapinha no ombro e sai, em direção ao fundo da loja, onde o telefone já está tocando.

Voltar pra minha vida. Pra minha profissão. Será que é realmente o que eu quero? Eu nunca pensei nisso, desde que comecei a trabalhar aqui no depósito, o meu objetivo era simplesmente sobreviver. Eu acordava e dormia pensando em vingar Sofia e Melissa, e só. Nada além disso.

Aliás isso foi o que sempre incomodou as pessoas ao meu redor. A minha falta de objetivos, a minha completa inércia frente a vida. Eu não buscava mais nada, não queria mais nada. Dormia

PERIGOSAS NACIONAIS

porque tinha que dormir. Me alimentava porque precisava trabalhar e saco vazio não para em pé. Não existiu, por quatro anos inteiros, nenhum motivo sequer de brilho na minha vida.

Até ela aparecer. Com seu sorriso fácil, seu jeito leve, sua alegria de viver e seu filho tagarela. Foi se embrenhando, iluminando tudo ao redor, me tirando do buraco onde eu estava. E agora, ela também é, mesmo que inconscientemente, responsável por me fazer voltar à minha profissão.

Ainda arrisco um olhar pro português ao telefone, porque mal tive chance de argumentar com ele, mas recebo somente um chacoalhão de mão em retorno, me enxotando do local.

Esfrego o rosto, exasperado, sem tempo pra isso agora. Preciso ir à delegacia, Bruno ainda está desaparecido e o tempo não está do nosso lado. Nunca está.

Saio do depósito depois de gritar a Joaquim que vamos nos falar de novo, e sigo em direção ao meu carro, estacionado um pouco mais à frente. E o dia das surpresas desagradáveis está apenas começando...

PERIGOSAS ACHERON

— Prieto...

Nicolas é um homem esperto. Parado do lado de fora de um sedan preto, estacionado bem perto do meu carro, ele está acompanhado do mesmo advogado de ontem e de dois brutamontes vestindo terno. Devo mesmo ter dado meu recado, visto a mancha roxa que ele traz no rosto.

— Você anda bem confiante, Nicolas. Ou não, visto que dessa vez veio bem acompanhado. Medo de apanhar novamente?

Um dos seus seguranças dá um passo à frente, mas é contido por ele, que estica a mão bloqueando a passagem.

— Vim conversar, Gael. Acho que precisamos nos acertar. Como adultos.

— E como adultos conversam no seu mundo? Mandam capangas metralharem veículos de mulheres indefesas?

Eu sinto novamente toda a raiva fluindo, e sei que preciso me controlar. Ele não veio acompanhado à toa e não posso fazer nenhuma besteira. Fecho as mãos em punho e viro de costas, puxando o ar. Lembrando de Babi, me pedindo

calma, dizendo que precisa de mim inteiro aqui fora pra trazer o filho dela de volta. Forço minha mente a continuar ouvindo sua voz, me pedindo calma, até que começa a fazer efeito.

— Quer falar o que comigo, Nicolas? — Pergunto entredentes, ainda de costas.

— Eu sei que meu filho errou com aquela moça, Gael. Eu não a vi, mas Adrian me contou como encontrou a menina. E eu lamento muito, porque ela foi me procurar antes, pedindo ajuda, e eu pensei que...

— Pensou que ela era mentirosa? — Interrompo, antes que ele ofenda Babi e eu perca a cabeça — Interesseira? Não estava no mesmo nível da sua família?

— Pensei. Claro que pensei, meu filho nunca foi conhecido por escolher bem suas companhias. Mas eu errei. De novo. — Seu tom faz com que eu me vire, e passe a encará-lo.

— Lamento por ser um péssimo pai, Nicolas, mas ainda não entendi o que veio fazer aqui.

Seu olhar percorre a vizinhança, talvez

esperando um convite para entrar em minha casa porque, obviamente, ele sabe onde eu moro. Mas nunca, em momento algum, eu o convidaria a subir até lá. Então ele desiste, abre a porta do carro e se senta no banco do carona, as pernas viradas pra fora.

— Sei que não acredita que não fui eu quem toquei em sua família, Gael. Porque por um bom tempo eu te ameacei. A minha intenção era fazer você voltar atrás, e somente isso. Nenhum tipo de retaliação da minha parte envolveria uma mulher grávida e uma menina. Nunca.

Eu continuo na mesma posição, braços cruzados, a uma distância segura dele garantida por seus dois leões de chácara. Não dou um pio, até porque ele parece disposto a desabafar.

— Foi difícil para mim perder minha Idylla. Sei bem o que você sentiu naquela tarde. Porque eu não perdi somente minha menina, eu perdi minha mulher, e perdi meu Adrian. Eles nunca me perdoaram por deixar nas mãos de Dimitrius a resolução do caso daquela menina.

— A menina que seu filho estuprou. Vamos lá, Nicolas... pode falar em voz alta, quem sabe

PERIGOSAS ACHERON

dessa forma você entenda que criou um bandido em baixo do seu teto!

— Isso tudo custou a vida da minha pequena. Da minha filhinha. E, no final, só tinha me sobrado ele — ele parece em outra dimensão agora, envolvido em sua própria dor, em seu próprio pesadelo. E essa parte eu consigo entender, porque me lembro muito bem de como ele falava de sua filha, era o xodó dele e, nesse ponto, independentemente de qualquer coisa, somos dos pais em luto.

— Adrian estava em coma, e depois minha mulher resolveu leva-lo embora pra Grécia. Eu tinha planos, sabia do seu potencial, de como ele poderia levar a empresa com responsabilidade. Mas então... eu não o tinha mais.

“Dimitrius é meu filho, e como tal, eu o amo. E, por amar, eu errei demais. Eu via seu comportamento mas achava que era coisa da juventude, que ele ia melhorar quando crescesse e tomasse responsabilidade. Mas tudo foi piorando. No final, eu só tinha ele, é meu filho, eu tinha que protegê-lo.”

— Encobrindo seus crimes...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada tão sério, e por isso... — quando ele fala isso, eu não aguento e explodo.

— Nada tão sério? Você se ouve? O seu filho *estuprou* uma garota menor de idade. Pagou pro segurança dele assumir o crime em seu lugar, o homem morreu na cadeia! E então tivemos anos de estelionato e corrupção, finalizando com ele espancando a mãe do filho dele. O que é sério para você, Nicolas, assassinato? Porque deixa eu te falar, ele se gabou por muito tempo de ter matado o pai da Bárbara. Você sabia disso?

Seu silêncio diz que ele sabia. Ou ao menos, desconfia.

— Para de me enrolar. Você não veio aqui se desculpar... o que você quer?

— Quero que tire as acusações. Eu faço com que ele fique longe da garota.

— Ele VAI ficar longe dela, você se metendo ou não. E eu quero o menino de volta, Nicolas. Ele foi sequestrado, e você sabe disso. Foi tirado da mãe pelo desequilibrado do seu filho...

— O menino é um Kyriacos. Isso não é sequestro.

PERIGOSAS ACHERON

— Te garanto que é. Vocês tiraram o menino da mãe sem nenhum respaldo legal.

— Ele vai ser bem criado... — seu tom de voz é quase um apelo, em nada parece o velho arrogante e cheio de si que sempre dá as cartas.

— Ele vai. Pela mãe dele. E eu vou garantir que isso aconteça. Você não vai usar esse menino como desculpa para consertar os erros que causou na criação do seu filho. Ele não é o Dimitrius e nem a sua tábua de redenção!

Aparentemente eu acertei a questão. O homem fechou tantas vezes os olhos para as coisas que o filho havia feito durante a vida inteira, que estava tentando amenizar a sua consciência educando Bruno melhor. Mas, nem por cima do meu cadáver.

— O que vai acontecer com seu filho, a partir daqui, é com vocês. — adianto — Ele já vai responder por agressão. Podemos aumentar isso, incluindo sequestro. O que acha?

O velho dá um suspiro longo, e abaixa a cabeça, quase como uma rendição. Dentro de mim, uma euforia passa a tomar conta, ainda que

precipitada.

— Entregue o menino, Nicolas. — Lembro de Sofia, anos atrás, e completo — Dimitrius tem que começar a pagar por seus crimes.

Alcanço meu carro sem olhar para trás, sento atrás do volante e dou partida. Parecendo confiante, mas explodindo por dentro de ansiedade. E medo, em pensar que o menino pode correr algum risco depois que eles perceberem que não sairão ilesos.

Pensar em perder Bruno é opressor demais. Não consigo nem pensar nisso sem sentir meu coração partir ao meio, novamente. Minha raposinha cativante...

Recordo uma conversa maluca que tivemos outro dia sobre livros e cativar raposas, eu me atrasara para o jantar e quando cheguei ele estava prestes a ir para a cama.

— *Eu estava te esperando, tio Gael mas você demorou muito e eu não gosto quando demora. Eu faço igual a raposa do livro, espero mais cedo.*

Não tinha entendido nada, e ele resolveu me

explicar, correndo até seu quarto para buscar um exemplar de O Pequeno Príncipe que sua mãe lia para ele de vez em quando. O menino ainda não sabia ler direito, mas o livro estava todo sublinhado com marca-textos, que segundo sua mãe dissera, eram as suas partes preferidas. Saiu correndo, voltou voando, empoleirando no meu colo e abrindo o livro, quase colocando no meu nariz enquanto pedia, todo orgulhoso, que eu desse atenção à sua sabedoria infantil.

— *Aqui, tio... lê.*

— *“Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três começarei a ser feliz.”*

Meu coração poderia ter se explodido aquele dia, de tanto amor que eu já tinha por esse menino, e a realização do que ele queria dizer com aquela passagem. Que ele me esperava, ansioso, todas as noites, e não era para eu me atrasar.

— *Ele está falando sobre cativar. Conhece a história desse livro, não?* — Não, eu não conhecia, mas lembrei do mural na recepção da escola, que continha uma frase dele e então passei os olhos pelas partes sublinhadas.

“— O que significa cativar? — Significa “criar laços”...”

“— Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...”

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. ”

Eu o cativei, e ele agora é minha responsabilidade. Meus olhos lacrimejam em pensar na minha pequena raposinha acompanhado daquele bandido. Acelero ainda mais o carro e sigo pela pista, em dúvida entre ir direto até a delegacia falar com Samuel, ou seguir pra casa de Pedro conversar com Babi. Puxo a gola da camiseta, incomodado, sufocado. O ar condicionado do carro não dando conta do calor, que eu acredito vir de dentro, da raiva que me toma toda vez que me sinto impotente.

Vejo a tela do celular acender, e o nome de Samuel aparecer em uma nova ligação. Entro em uma rua lateral, e estaciono, antes de retornar a chamada, que já havia caído na caixa postal.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fala, carioca. O que manda? – Um suspiro fundo e demorado é tudo o que ouço por um tempo – Samuel?

— *Gael, você conhece a amiga da Babi? A que está desaparecida?*

— Conheço. Porque?

— *Preciso que você venha ao IML comigo. Pode ser agora?*

Certa vez ouvi que tudo sempre piora antes de melhorar. Deve ser uma dessas verdades absolutas, infelizmente. Tão verdade que a impressão que dá é que um balde de merda foi jogado sobre a minha cabeça, e ainda falta um pouco até o carro pipa aparecer para me lavar. Pode parecer bem tosco isso, mas é a sensação que eu tenho agora ao ver o corpo de Lola deitado nessa mesa, aguardando a necropsia.

Visitar esse local mais de uma vez em menos de vinte e quatro horas devia ser proibido por lei.

— Quanto tempo até sair o laudo? – Pergunto ao médico legista, que não estava muito empolgado a me dar nenhuma informação até ser

PERIGOSAS ACHERON

informado que eu conhecia a vítima.

— Provavelmente amanhã, doutor. É precoce ainda dizer, mas parece que a moça foi morta por asfixia, por conta das marcas no pescoço. Uma análise superficial também apontou que o pescoço dela está quebrado mas só depois do exame é que poderemos saber se foi essa a causa da morte, ou foi algo anterior.

— E o senhor sabe dizer quanto tempo faz, aproximadamente, que ela faleceu?

— Pela rigidez do corpo e coloração, acredito que por volta de doze horas. Mas, como eu disse...

— Só depois da autópsia que teremos a confirmação, sim, eu sei.

O legista volta ao seu trabalho e eu saio pelo corredor, triste pra caralho, com as lembranças de Lola risonha, fazendo farra na casa de Babi, brincando com Bruno e me olhando de canto de olho com uma expressão divertida, como se tentasse me desvendar, como se eu escondesse algo e ela quisesse saber. Uma menina linda, nova, cheia de planos... é inacreditável. Minha neném vai ficar

PERIGOSAS NACIONAIS

devastada quando souber...

“Lola é a minha única amiga da vida toda, não sei o que teria sido da minha vida sem ela por perto.”

Coração chega a doer, só de imaginar sua reação recebendo a notícia.

Samuel está na sala de espera, ao telefone, aliás ele já chegou aqui falando ao telefone e mal explicou como o corpo da menina foi encontrado. Me sento, já preparado pra não sair daqui enquanto ele não me explicar que diabos está acontecendo.

— Tá tudo bem? – Pergunto, assim que ele desliga o telefone, o semblante abalado.

— Tá sim, eu estava falando com a minha irmã. Ela enfrentou umas barras, algum tempo atrás, e ver essa menina ali acabou mexendo comigo. Minha Sara podia ter tido o mesmo fim...

— Fico feliz que não teve. Ela está bem?

— Está. Feliz e saltitante, eu é que me preocupo além do que devia... – ele sorri, e balança a cabeça, soltando um suspiro depois. Exausto, ambos estamos.

PERIGOSAS ACHERON

— Como achou a menina? – Pergunto.

— Achamos o José... – franzo o cenho, não reconhecendo o nome – O agente, que deveria estar tomando conta da Babi, lembra? Estava se preparando para sair da cidade, demos muita sorte de estarmos na região da Dutra na hora.

— Ele ia pro Rio de Janeiro?

— Provavelmente. Quando ele foi pego, cantou feito passarinho. Foi pago pra entregar o endereço da menina no litoral, e a ordem era ficar escondido por uma semana, antes de sair da cidade.

— Uma semana? – me levanto, sabendo o que isso significava. Dimitrius tinha tudo esquematizado, sairia do país com o Bruno e essa seria a data limite.

— Calma. Estamos de olho em tudo. – Eu não serviria nunca para ser policial, essa calma monstruosa que ele demonstra está longe de me pertencer.

— E a Lola? Ele estava com ela?

— A menina estava na casa do investigador, o mesmo que o seu detetive apontou como cúmplice de Dimitrius. Demos muito azar, cara...

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele estava de licença e, infelizmente, a casa em que ela estava não era no mesmo endereço que tínhamos nos registros, ou teríamos conseguido salvá-la. Ficamos por muito tempo de tocaia, esperando-o voltar depois que soubemos da ligação deles, mas isso nunca acontecia. Porque, obviamente, ele estava indo para outro local. Por sorte o delegado, o mesmo que você não reconheceu lá ontem, é novo por ali. O antigo também estava na folha de pagamento do grego. Andamos em círculo por muito tempo por culpa dele.

Samuel me explica que o novo delegado é mais um dos muitos com quem encontrei no passado. Ele havia me livrado de ser preso por desacato quando eu o mandei à merda, anos atrás, ao ver um policial destratar uma prostituta que tinha sido presa. Foi um auê dos infernos.

A minha vida daria um livro, e não seria um muito agradável.

O tal José disse em depoimento que Lola estava tendo um caso com o investigador Bastos já tinha um tempo, e que foi uma surpresa quando souberam que ela era a melhor amiga de Babi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lembro inclusive de minha garota reclamar desse namoro, dizendo que “ele é mais velho, deve ser casado, ela vai acabar se ferrando. ” Ah se soubéssemos na época quem ele era.

Aparentemente, Dimitrius queria mesmo Babi isolada, e não pensou duas vezes em pedir pro seu cachorro de estimação dar um sumiço na melhor amiga dela. A menina ficou um tempo na casa dele, impedida de sair, e quando José foi detido, ela virou queima de arquivo.

Uma morte estúpida, mais uma pra conta daquele grego infeliz.

— O cerco está fechando em cima dele, Samuel. Tenho medo que ele desconte no menino.

Eu não vou conseguir esperar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu tenho certeza que, a essa altura, eu não tenho mais lágrimas para chorar. Meu coração dói tanto, e sinto tanto desespero, que foi difícil me conter mais cedo, quando Samuel veio me visitar e trouxe a notícia que eu tanto temia. Que minha amiga, Lola, estava morta.

Acabei sendo sedada, me deram algo pra beber que eu nem tenho ideia do que seja, e fui apagando, apagando, até tudo sumir ao meu redor. Resolveu, mas só mesmo enquanto eu estava dormindo. Nesse instante, conforme a consciência me volta, a dor vem junto. Aquela sensação de, novamente, ter sido a causa da morte de alguém. Sim, porque minha amiga estaria viva e feliz caso não fosse... bem, minha amiga.

Minhas desconfianças, no final, estavam certas. O homem com quem ela saía era, realmente, perigoso. Mas nem nos meus piores pesadelos eu imaginava que ela acabaria dessa forma. Quando eu a alertava, o meu medo era que ele estivesse brincando com os sentimentos dela, a usando como amante, e que quando se cansasse a largaria e partiria pra outra.

PERIGOSAS ACHERON

Na verdade, ele estava sim brincando com os sentimentos dela.

Ele estava sim a usando como amante.

Ele se cansou. Mas não a largou.

Foi igualmente doloroso saber que muitas das informações que Dimitrius teve a meu respeito foi através dela, que contava um pouco da minha vida pro tal amante policial. Claro que ela não sabia, quero imaginar que não. Quero pensar que a única amiga que eu tive desde que larguei tudo pra trás era, realmente, minha amiga. Vou me firmar nesse pensamento, já que nunca vou poder confrontá-la.

Ah, Lola... minha amiga querida. Eu sinto tanto, tanto... me perdoe!

Me viro na cama, o corpo ainda dolorido e a cabeça latejando, a sensação de mil belzebus tendo passado por cima dela. E me deparo com um par de olhos azuis, me olhando, em silêncio...

— Gael? O que faz aqui? — Pergunto, me levantando rapidamente enquanto passo a mão no cabelo, ajeitando-o.

O maldito homem estava sentado ao meu

PERIGOSAS ACHERON

lado, as costas apoiadas na cabeceira, os olhos chegavam a faiscar tamanha intensidade.

— Não consegui ir embora. — Sua voz é baixa, mas o olhar não se desvia um minuto sequer — Eu vim te ver, saber como você estava, e te vi tão vulnerável aqui que eu... não consegui.

— Obrigada. — Estico minha mão, em busca da dele, e trocamos um aperto. Singelo, mas cheio de significado, ao menos da minha parte. Eu gosto de tê-lo ali perto, de saber que ele está ali. Chega a ser curioso, porque desde que esse inferno retornou eu o tenho afastado, recusado contato, tentado me proteger de alguma forma. E protege-lo. Sabendo que Dimitrius continua o mesmo animal de sempre, que não mede esforços para tirar quem quer que seja de seu caminho, eu preciso mantê-lo longe.

Não suportaria se Gael fosse atingido por minha causa.

É um tipo de preservação da espécie, eu não quero me machucar mais ainda e, definitivamente, não quero ser responsável por mais ninguém morrendo ao meu redor.

— Não precisa agradecer, Babi. Eu... — vejo

quando ele puxa o ar, talvez procurando as palavras que lhe faltam – estou cansado de te pedir desculpas. E acho que você cansou também, não é?

Não, não, não, não... não pode vir falar comigo, eu não vou resistir a isso.

— Gael, eu não estou preparada para ter essa conversa agora. Não agora, com tudo isso que está acontecendo, e, principalmente, sem meu filho por perto.

— Sim, eu sei. Eu entendo, eu não... – ele passa as mãos pelos cabelos já bagunçados, um gesto que eu já aprendi que é dele quando está nervoso – Eu vou estar sempre por aqui, Babi. Independente de qualquer coisa, eu vou estar aqui.

Meu coração salta quando ele diz isso, querendo acreditar, querendo baixar a guarda. A minha cabeça, essa infeliz, fica sussurrando que ele vai embora de novo, assim que as malditas alianças queimem seu peito novamente. Aliança essa que, eu notei, não está de volta em seu dedo. Sem saber o que responder, somente aceno, em um gesto tímido, mudando de assunto.

— Eu preciso ir até a Vila Progresso.

Preciso falar com a mãe da Lola.

— Já fiz isso. Eu fui lá antes mesmo de Samuel vir aqui.

Gael então me conta o difícil encontro com dona Laura, e a tristeza que foi saber que a filha havia sido assassinada, por um policial ainda por cima. Ele se oferecera para cuidar dos detalhes do enterro, mas a mulher, orgulhosa, não aceitou. Segundo Gael, a vizinhança iria se unir para cobrir os custos. Isso me deixou ainda mais chateada, porque, para ela não ter aceito, sabendo que Gael era meu advogado, queria dizer muito mais do que seu orgulho. Queria dizer que ela me culpava.

Assim como eu.

— Não foi culpa sua... – Gael aponta, como se lesse pensamentos.

— De certa forma, foi. Ela estaria viva se...

— Se não tivesse se envolvido com Bastos, – Gael me interrompe, rapidamente – ou se tivesse te falado a verdade aquele dia, que estava indo porque tinha sido ameaçada. Ou se a polícia tivesse sido mais competente. Ou se o Dimitrius não fosse um louco. Posso te apontar mais mil universos de

PERIGOSAS NACIONAIS

motivos, e nenhum deles aponta pra você, neném.

Neném. Lá vem aquela sensação novamente que não me diz se eu devo comemorar ou correr.

— Não me chame assim, Gael.

Ele não responde de imediato. Apenas suspira, se levanta e vai em direção à janela, e eu acho graça em ver alguém que era tão intempestivo pensando no que dizer.

— Eu vou fazer o que você pedir, Babi. Já pisei demais na bola contigo, eu sei disso. Essa última foi imperdoável, e sei que tenho sorte de você estar, ao menos, olhando na minha cara.

— Para de drama, Gael. Isso nem combina com você. — Consigo ouvir sua risada baixa, nervosa.

— Certo. Eu só quero mesmo que você saiba que vou te dar o tempo que você precisa. Estou do teu lado, e não vou sair.

— Eu agradeço. No momento eu preciso mesmo de amigos. — Friso a palavra “amigos” e ele parece ter entendido, porque abaixa a cabeça e volta a olhar pela janela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preciso ir. Meu avião sai daqui a pouco, eu só precisava te ver antes de ir.

— Avião? Onde você vai? — Ele balança a cabeça, sem responder. Passa por mim, deixando um beijo em minha testa e sai, sem olhar pra trás. E um sentimento horroroso me toma, como se tivesse sido a última vez que eu o veria.



Gael

O Rio de Janeiro continua lindo. Já fazia muito tempo que eu não vinha até aqui, a última vez foi há uns seis anos, quando resolvemos sair de férias e mudar nosso roteiro praiano. Tenho tantas lembranças dessa viagem..., mas, curiosamente, hoje, elas não estão doendo. Pelo contrário, estão me motivando para fazer o que eu preciso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem certeza que o endereço é esse, Marcondes?

— Claro que eu tenho, Gael. O que eu não tenho certeza é que você realmente precise ir até lá sozinho. Podia ter avisado o seu amigo policial.

— Marcondes, eu acho que ainda tem gente ali os avisando dos nossos passos. Reparou que eles estão sempre na nossa frente? — Ele acena com a cabeça, concordando — Ele saberia que estou vindo.

— E como você vai levar o menino embora?

Eu devo ter me tornado algum estúpido durante os últimos quatro anos, porque não é possível que ninguém confie o mínimo na minha capacidade.

— Vamos lá, homem de pouca fé... — bato em seu ombro e saio andando.

Quarenta minutos depois de deixar a locadora de carros, chegamos ao nosso destino. Um condomínio de alta classe, na Barra da Tijuca, onde Nicolas e Dimitrius estavam vivendo desde quando saíram de São Paulo, há uma semana atrás. E o maldito velho ainda queria me convencer que não

PERIGOSAS ACHERON

tinha nada a ver com os crimes do filho... trouxam quem acredita nisso!

Desembarco do carro e me aproximo do porteiro, já com pena do coitado por estar todo engravatado em baixo de um sol de rachar mamona.

— Boa tarde. Eu estou procurando o senhor Nicolas Kyriacos.

— Qual o seu nome?

O plano inicial seria me apresentar como um investigador da polícia ou qualquer coisa do tipo, apenas para ter acesso ao apartamento. Mas o medo de Bruno sair machucado é maior, então se eles tiverem que ferir alguém, que seja eu.

— Gael Prieto.

Marcondes se empertiga ao meu lado, obviamente não concordando com a mudança de planos. Eu só o aconselho a ficar no carro e aguardar, caso eu demore mais de uma hora para sair do prédio, ele chamaria a polícia.

A autorização também não demora muito. Passo pela portaria em direção ao elevador, olhando ao redor, imaginando que a qualquer

PERIGOSAS ACHERON

momento algum capanga iria aparecer e dar cabo de mim. Mas não podia recuar. Já havia recuado demais e Bruno merecia que eu fosse até o final.

Quando o elevador parou no décimo segundo andar, o único barulho que se ouvia, além do alarme do próprio aparelho, eram as batidas do meu coração. Sentia como se tivesse corrido uma maratona. Ao chegar em frente a porta do apartamento, não precisei bater. Como se soubesse que eu estava me aproximando, ela abriu e me mostrou a figura do velho grego.

— Doutor Prieto. Eu não deveria estar surpreso em vê-lo aqui, mas confesso que estou. Como me achou?

— Eu continuo sendo bom no que eu faço, Nicolas. Vim buscar Bruno.

Eu não faço nenhum movimento pra entrar, e ele não faz nenhum movimento pra que eu entre. Ficamos assim, parados, um encarando o outro. Me lembro de sua pose altiva, autoritária, quando tinha que tratar de negócios com ele. Sempre tão arrogante, tão convincente no poder que ele exercia. Agora isso tudo parece lenda. O homem envelheceu, seu rosto sulcado por rugas e

PERIGOSAS ACHERON

manchado pelo tempo ainda permanece com aquele ar aristocrático que ele sempre teve, mas está bem longe de ser intimidador.

— Você dificulta as coisas para mim, Gael. Eu prometi ao meu filho que eu manteria o garoto aqui até ele voltar.

— E eu prometi para minha mulher que ia leva-lo de volta. Você me conhece o suficiente pra saber que eu não vou sair daqui sem ele.

— TIO GAEL! — O garoto parece ter ouvido a minha voz, e consigo ouvir seus passos, correndo em direção a porta. Sustento o olhar de Nicolas, para que ele saiba que não vou sair daqui de forma alguma sem o menino. Isso parece tê-lo convencido, porque ele abre a porta para que eu entre. Bem, isso, ou o moleque pulando e se chacoalhando ao seu lado, tentando sair. Assim que eu me abaixo, com os braços abertos, ele pula em meu colo.

Eu tento não me desmanchar aqui, não distrair um segundo sequer porque não estamos seguros, mas é quase impossível não estremecer o corpo inteiro pela emoção de vê-lo saltitante e sorridente como sempre.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que saudade de você, raposinha!

— Eu sou a sua raposinha? — Seu olho se expande, ficando enorme, surpreso.

— É claro que é. A única no mundo... — Ganho um abraço apertado, e o aperto de volta, beijando seus cabelos, aliviado pra cacete em tê-lo novamente em meus braços.

— Te esperei, tio Gael. Você demorou muito, onde estava viajando, hein? Da próxima vez eu vou junto...

— Com certeza você vai junto.

Alguma coisa em nossa interação parece ter amolecido o velho, que agora já não parece estar mais tão defensivo. Parece... rendido.

— Eu vou levar ele embora, Nicolas.

— Ele é meu neto, Gael. Meu único neto. Eu não quero o seu mal. Só estou tentando consertar as coisas, amenizá-las. Não quero prejudicar mais ninguém.

Vê-lo dessa forma, quase implorando, seria triste. Isso se seu interlocutor fosse outro que não eu. Eu não tenho pena. Na verdade, agora, a única

PERIGOSAS ACHERON

coisa que eu tenho é pressa.

— Ele tem documentos aqui? Eu realmente quero ir embora.

Eu queria dizer que não gostaria de encontrar o filho dele aqui, porque eu sei – e ele também sabe – que nosso encontro não traria nada de bom. Mas não tive tempo de dizer, o barulho do elevador, alertando que alguém tinha parado nesse andar, interrompeu nossa conversa.

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

Não tenho notícias de Gael desde ontem, quando ele saiu daqui sem dizer onde ia, e não sei se consigo manter minha sanidade intacta por mais tempo. Principalmente depois de ver Samuel aparecendo por aqui, puto da vida por alguma coisa que ele soube que Gael tinha feito sem retaguarda. Nessas horas eu gostaria imensamente de ter assistido a todos os filmes e séries policiais que me indicavam, ao menos os jargões eu saberia, e entenderia sobre o que ele estava falando.

Tento seu celular mais uma vez, mas chama até cair na caixa postal e eu poderia chorar se já não estivesse exausta. Exausta de chorar, exausta de temer, exausta de sempre esperar o pior. São seis anos nessa vida, e eu já não aguento mais.

De repente a porta do quarto se abre, e Pedro entra rapidamente, com um sorriso imenso no rosto, fazendo meu coração acelerar por ter a certeza que era uma boa notícia. Não tinha visto Pepê sorrir assim desde que esse inferno todo começou.

— Ele chegou, Babi. E ele trouxe o furacão de volta...

PERIGOSAS NACIONAIS

Em um salto, eu levanto da cama e saio correndo, sem nem me importar se estou vestida propriamente para receber quem quer que seja. Nessa hora a única coisa que eu consigo lembrar é que se eu quiser andar um pé tem que ir na frente do outro. Ao chegar na sala, eu o vejo. Está parado olhando para algum ponto da sala, e algo que eu faço, talvez um soluço alto, chama sua atenção.

— Mamãe! Eu voltei, olha eu!

Corro em sua direção, ele faz o mesmo, nos encontramos no meio do caminho. Meu menino, minha razão de viver. Aperto com força, beijo exageradamente, passo as mãos pelo seu rosto, cabelos, pelo corpo, meço ele inteiro vendo se não está machucado. Choro o dobro.

— Meu amor, que saudades. Você está bem? Está machucado, meu amor?

— Tá apertando, mamãe, que coisa. — Ele começa a se mexer, tentando se libertar do meu abraço de urso — Eu tô bem, eu fui na praia de novo, mas não aquela praia, outra. Mais longe, fui de carro e demorou muito.

— De carro, é? Praia?

PERIGOSAS ACHERON

— É, com aquele moço esquisito que me chamava de *peidimu*. Mamãe eu tentei ensinar meu nome pra ele – a voz abaixa um tom enquanto ele se aproxima, contando um segredo – mas eu acho que ele é meio burro.

— Ele te machucou? – Olho novamente, ele veste uma roupa bonita, provavelmente de grife, e está uma graça. Um bermudão, uma camiseta de estampa divertida e um par de tênis.

— Não, mamãe, ele só falava numa língua que eu não entendo, e aquela babá me fazia comer toda hora coisas que eu não gostava. Chuchu, cenoura, brócolis... ela é pior que você, mamãe!

— Ela era assim, carrasca?

— Sim. Aí ele foi embora, nem ficou muito. Me deixou lá com meu... não, com um outro vô, mas não era legal igual o vô Alessandro. E então o tio Gael chegou para me trazer de volta. Mas aí a gente voltou de carro de novo, não foi de avião. Eu gostei, mas demora demais...

Bruno se perde no meio de sua tagarelice, contando sobre a viagem, e eu me perco olhando Gael, parado no meio da sala, com as mãos nos

bolsos. Agradeço, em um murmúrio, por ele ter cumprido a promessa e trazido meu menino de volta.

— Nossa, tio Gael, você sabe surfar? Porque na praia eu queria muito surfar, mas a mamãe não deixou e aí depois aquele moço chegou e estragou tudo, porque eu estava esperando você pra surfar comigo...

— Não sei surfar não. Mas a gente aprende junto, que tal?

Bruno grita, comemora, ergue os braços achando essa a melhor notícia da sua vida, e eu continuo sentada no chão, sentindo meu coração tendo os pedacinhos todos colados novamente, só por ter ele aqui perto de mim outra vez.

— Preciso falar com você, Babi. — Só então eu noto que Adrian também está na sala, e mal posso acreditar que eu comemorei cedo demais.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu fui ao Rio de Janeiro, convencer meu pai e meu irmão a te devolver o menino, e evitar mais confusão na empresa. Mas o seu advogado já tinha resolvido tudo... — meu olhar vai de Adrian

pra Gael, que está agora muito sério, com Bruno nos braços mas apenas há um passo de distância – Acho que ele falou algo que convenceu meu pai.

— Seu pai?

— O velho tinha ido me procurar, Babi. Queria negociar, como ele sempre faz. Pedir que retirássemos a acusação contra Dimitrius.

— Você não aceitou isso, aceitou?

— Nunca aceitaria, Pepê. Eu só lembrei a ele que o filho é um criminoso e que manter Bruno com eles era sequestro, e eu não abriria mão de uma ação na justiça.

— Fez bem – Adrian continua – Dimitrius estava com tudo muito bem adiantado. Ele fez o exame de DNA do menino e estava tratando com alguém que iria lhe fazer documentos falsos, possibilitando sair do país com ele.

Meu olhar busca Gael novamente, porque era exatamente o que ele tinha me alertado que seria feito. Seu olhar é ferino, impassível, chega a ser até duro. Mas que suaviza quando encontra os meus, e isso me aquece o peito.

— Eu só arrisquei indo até o Rio, porque

PERIGOSAS ACHERON

sabia que isso ia acontecer e não tínhamos mais tempo. O velho ainda estava irredutível, quem o convenceu mesmo foi o Bruno. Não é, furacão?

— É, eu fiz... o que eu fiz? – Gael sorri, e o beija novamente.

— Mas agora acabou, não é? Seu pai não vai interferir novamente...

— Não vai, eu não vou permitir. Dimitrius está enrolado demais pra se preocupar com isso, e sendo bem honesto, quem queria mesmo o moleque perto da gente era meu pai. – Estremeço, imaginando se o interesse de Dimitrius ainda seria eu.

— Como ele criou um moleque de merda, queria usar o Bruno como redenção... – Gael completa, e eu sinto até pena de Adrian nessa hora, que apenas acena, concordando.

— Meu pai não vai mais se intrometer nisso, Babi, mas eu quero que as coisas sejam feitas direito. O menino é meu sobrinho, tem direitos que precisam ser preservados.

— Eu não quero nada da sua família...

— Não é pra você. É pro seu filho, direito

dele.

Fico nervosa, me levanto e meu instinto é procurar proteção direto nos braços de Gael, que continua com meu filho agora sentado em seu pescoço.

— Não acho que vá sobrar muito dessa herança depois que a polícia der um jeito em seu irmão, de qualquer forma... — Gael solta, cínico, enquanto me aperta em um abraço.

— Gael, seja razoável. Quer que assinemos um documento nos comprometendo a nunca entrar com pedido de guarda? Faremos isso, dou minha palavra. Mas o menino tem direitos. A mãe está morando de favor aqui...

— E eu não me importo com isso! — Pedro interrompe, pegando Bruno do colo de Gael e levando ele a algum outro lugar do apartamento, talvez impedindo que o menino ouça uma discussão.

— Morando de favor — Adrian continua — sendo que poderá estar em um imóvel próprio.

O que ele diz, na minha cabeça, faz muito sentido. Mas o medo que eu tenho de que eles usem

essa aproximação pra me tirar meu filho não me deixa pensar com racionalidade. Eu não quero, e não aceito nada que venha dessa família.

— Eu não quero nada, Adrian. Por favor...

— E eu não quero entrar com uma ação contra você, Babi. Mas farei, se for preciso. Porque é o certo, o menino tem direitos.

Quem encerra a conversa é Gael, dizendo que vai falar comigo depois e entrará em contato com o advogado da família e anunciar minha decisão. Assim que a porta se fecha, parece que um caminhão passou por cima de mim. Se eu não estivesse ao lado de Gael, teria desabado no chão, tamanha exaustão que me encontrava. Acho que, depois de dias de preocupação, meu corpo estava mandando a conta.

— Peguei você! — Gael diz, enquanto me ampara em seus braços — Não se preocupa com isso agora. Bruno está aqui e tudo está bem.

Bruno está aqui e você está aqui, é o que eu quero dizer, mas não digo. Apenas me deixo ser levada de volta ao quarto, e colocada na cama com cuidado. Sinto suas mãos ajeitando meu cabelo, e

em seguida puxando o lençol, me cobrindo.

— Eu vou ficar lá fora com Pepê e Bruno.
Descansa, tá?



Acordo com o quarto já na penumbra, lamentando que dormi mais do que deveria. Um corpinho quente ao meu lado indica que Bruno também não aguentou o tranco, e caiu no sono. Estico a cabeça em sua direção, cheirando seu cabelo, agradecendo a todos os céus existentes por ele estar aqui, são e salvo, de volta pra mim.

Levanto, indo até o banheiro anexo ao quarto, tendo a certeza antes mesmo de chegar lá que devo estar parecendo um zumbi. Ao olhar no espelho, vejo que o que me difere, na verdade, é a coloração. Zumbis são meio verdes, e eu estou amarela.

Ao sair do quarto, noto uma mala conhecida ao lado da cama e corro abri-la, conferindo que,
PERIGOSAS ACHERON

sim, é a minha mala que, muito provavelmente, Adrian trouxe de volta. Minha “opção emergência grave” está de volta e isso realmente é uma excelente notícia! Guardo a carteira novamente no fundo falso da mala, e pego uma troca de roupas, não posso ficar andando para lá e pra cá de roupão na casa dos outros.

Algum tempo depois, abro a porta do quarto com calma, para não acordar meu garoto furacão, e vou em direção à sala, mas paro quando ouço vozes. E não são quaisquer vozes, são Joana e Alessandro.

“Convenci mamãe a esquecer a briga” é a primeira frase que vem à minha mente quando, ainda parada no corredor, presto atenção ao que está sendo dito.

— Claro que eu fiquei chateada, meu amor. Você virou as costas para todo mundo, por causa dessa menina.

— E o que você esperava, madrinha? Sério mesmo... eu fui criado por vocês. Não é possível que a senhora acredite que eu faria qualquer coisa diferente disso.

— Eu não esperava que ficasse contra a nossa família, e nós resolvêsemos juntos. Você trocou socos com o Gael, e a Jordie não para de chorar desde que saiu daqui.

Meu coração chega a parar por um minuto quando ouço ela dizer que ele socou Gael. Desde o início a minha maior preocupação foi não causar nenhum tipo de atrito na amizade deles.

— Madrinha, eu não troquei socos com o Gael, quem apanhou fui eu. Apesar de ele ter merecido um soco e está aqui o padrinho que não me deixa mentir. E ele mesmo sabe que merecia, se ele pudesse, hoje, estaria se auto socando. — Consigo ouvir a voz rouca de Alessandro confirmando, depois de rir, divertido.

— Eu já falei isso para ela, Pepê. Mas sabe como meu *tesoro* é.

— Ô se eu sei. E quanto à Jordie, madrinha, só posso dizer que não teve a ver com Babi. Mas não sou eu quem vou explicar isso pra vocês.

Enquanto Pedro falava com ela, acabou notando que eu estava escondida no cantinho do corredor, ouvindo a conversa. Com um movimento

rápido, dei-lhe a entender que não queria conversar com eles e voltei pro quarto.

Não estou pronta, ainda, para ver um olhar de decepção no rosto de Joana. Ela tinha se tornado importante demais para mim, era realmente como se fosse uma mãe, a que eu perdi ainda muito cedo nessa vida. Só que eu não era sua filha, era somente uma garota que se meteu no meio deles, fazendo os filhos dela sofrerem, diretamente ou não. Eu entendia todos os seus motivos, mas me machucava demais.

Não demorou muito lá estava Pepê no quarto, tentando me convencer a receber os dois. Que seria bom para a gente. Que poderíamos conversar, e esquecer as mágoas. O fiz entender que não queria conversar com Joana, não depois das coisas que Jordie havia dito. Era bem infantil da minha parte, eu confesso, mas depois de tanto drama eu me dou o direito de ser infantil nem que seja por um dia. Estava cansada de ser adulta.

Mas aceitei falar com Alessandro, até porque pelo visto ele sempre esteve do meu lado.

— Espero que isso não signifique que esteja tão brava conosco que nunca mais vai aparecer em

PERIGOSAS ACHERON

casa, *bambina*.

Esse velho italiano é tão charmoso quanto o filho dele. Já entra no quarto fazendo um drama básico que me deixa com peso na consciência e sequer posso brigar com ele, porque o sorriso que ele me dá tem tanta verdade e tanto carinho que eu seria uma vaca se fizesse isso.

— Não mesmo. Eu só preciso de um tempo, e colocar minha cabeça em dia. É muita coisa...

— Eu sei. Lamento que tenha passado por tudo isso, e, principalmente, lamento que ainda tenha que esperar uma resolução. Eu não vim aqui forçar nada, *bambina*, só vim mesmo pra que você saiba que não está sozinha. Nada mudou, ainda te queremos muito bem, tanto eu quanto Joana. Não dê muita atenção às coisas que Jordie fala, ela às vezes dá defeito...

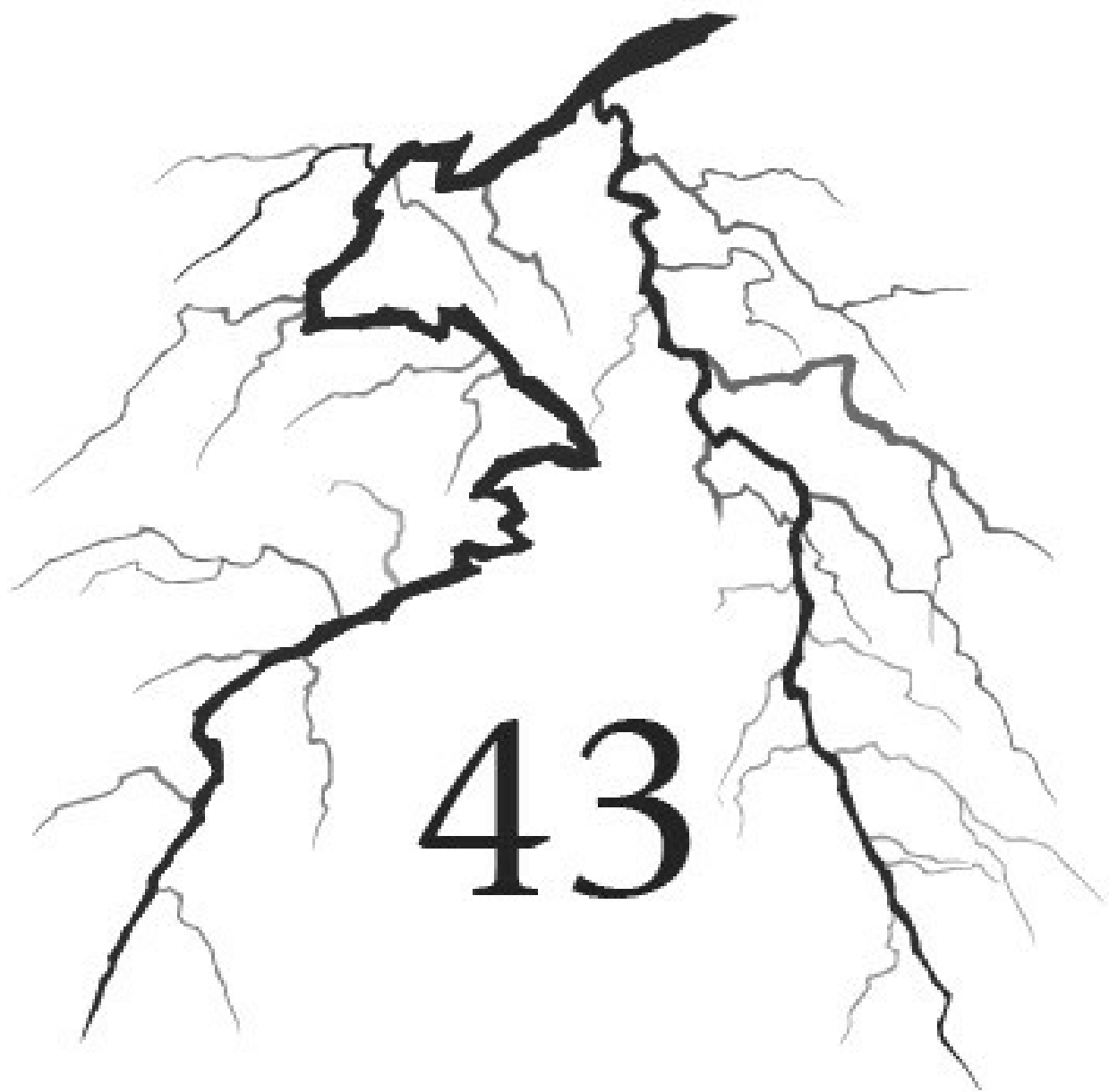
— Obrigada, Alessandro. Eu realmente gosto muito de vocês, fico feliz por serem meus amigos.

— Ah não, *bambina*. Não somos amigos. Somos *famiglia*! – Ele solta, com seu sotaque carregado que eu tenho para mim é mais forçado do

PERIGOSAS NACIONAIS

que natural, e eu me permito sonhar com um futuro onde, ainda que não seja essa, eu tenha isso. Uma família.

PERIGOSAS ACHERON



43

Gael

Quatro anos. Esse foi o tempo em que eu esperei para ter a confirmação das minhas certezas. Esse foi o tempo que eu esperei para ver o assassino da minha mulher passando por uma delegacia, algemado, e responder por isso.

E depois de quatro anos, eu não posso dizer que eu sei o que estou sentindo. Não estou realizado. Não estou satisfeito. Tampouco vingado, afinal de contas minhas meninas não voltam mais. É uma porra de um sentimento estranho.

A única coisa que eu consigo pensar é que, finalmente, a justiça vai ser feita. Ou começar a ser feita.

Vim logo cedo até a delegacia, a pedido de Vicente, porque o tal motorista que dirigia o carro no dia do atentado havia finalmente desembarcado e eles o estavam interrogando. Como o outro agente já tinha entregue muita coisa, eles não tiveram muito trabalho pra terminar de fechar o quebra-cabeças, e ter a confirmação de que fora Bastos quem atirou em Melissa e Sofia.

O policial era o *executor* de Dimitrius, e tinha carta branca, podia contratar quem fosse

PERIGOSAS ACHERON

necessário pra fazer o serviço sujo. Nesse caso, ele contratara o irmão, e o sujeito só continuou vivo por causa disso, por ser irmão dele. Mas Sofia e Melissa não foram suas únicas vítimas... além delas, de Lola, e do pai de Babi, outros executivos de empresas que Dimitrius estava adquirindo, e que lhe davam trabalho nas negociações, haviam desaparecido sem deixar rastro. Todas vítimas dessa doentia sede de poder.

Chega a dar raiva. Uma daquelas potentes, de queimar o peito e ter a vontade de sair socando tudo, quando você descobre que esse homem era bem cotado na polícia civil, e tinha uma fama excelente – bom colega, bom marido, bom pai. Bom de pontaria.

— É, rapaz... parece que o tempo fechou pro lado deles – Samuel bate em meu ombro, tão distraído mal tinha notado que ele estava ao meu lado.

— Quais as acusações? – Pergunto, sem conseguir tirar os olhos de Bastos, imaginando a ele toda sorte de malefícios.

— Associação criminosa, cárcere privado, lesão corporal, homicídio, corrupção passiva. Uma PERIGOSAS ACHERON

festinha.

— E o grego?

— O velho Kyriacos fez um acordo de colaboração com Vicente. O caso dele é mais da PF mesmo, porque envolve corrupção e tem político envolvido. A coisa é grande, como você sabe, e eu nem sei se a empresa deles vai sobreviver. Ouvi comentários que as ações da empresa despencaram.

— Não me importo com a empresa deles, sabe disso. Mas eu perguntava do outro grego, o Dimitrius.

— Ainda está desaparecido. O pai dele diz não ter notícias, mas não sei o quanto podemos confiar nele.

— Neles – o lembro do outro irmão.

— Ele parece um moleque decente, Gael. Você mesmo me disse que muita coisa que caia no nome dele era uma forma de defender o irmão mais velho. Não se esqueça que ele nos ajudou...

Nunca poderia esquecer. Os segundos que separaram ouvir o barulho do elevador e saber que não era Dimitrius chegando, e sim Adrian, foram alguns dos mais longos segundos da minha vida. O PERIGOSAS ACHERON

medo que eu senti de estar com Bruno nos braços e ser obrigado a lutar pra mantê-lo comigo foi grande demais. Só não maior do que o alívio ao ouvir o que o pequeno grego diria a seguir.

— *O senhor é rápido, doutor Gael. Eu vim resolver isso, e o senhor já está aqui?*

— *Resolver? O que você veio resolver?*

— *Eu vim levar o garoto de volta pra mãe dele e convencer meu pai a colaborar com a polícia. Mas já que você está aqui, podemos conversar sobre os direitos dele, antes de irmos, o que acha?*

Odeio a ideia de Bruno carregar o sobrenome Kyriacos, mas tenho que concordar com Adrian que ele tem direitos, e não podemos deixar nossas convicções pessoais passarem por cima disso. O trabalho todo está sendo convencer Babi.

Minha vida virou um eterno desafio depois que ela apareceu.

Desafio, aliás, está sendo aguentar sua presença na casa de Pedro. Eu pensei que trazendo Bruno de volta a aproximaria mais de mim, mas, ao contrário incrivelmente aconteceu. Sua guarda está

PERIGOSAS NACIONAIS

mais alta do que nunca, e ainda que eu vá visita-los todos os dias, não consigo ter um minuto sequer a sós com ela. Por alguns minutos eu consigo ter um vislumbre do que éramos antes, seus olhos parecem brilhar para mim, ela sorri de alguma coisa que eu digo quando estou brincando com Bruno, mas é tudo tão rápido que nem sequer dá tempo de matar as saudades.

Minha vida também virou uma eterna lamentação de saudades.

Eu tento me manter firme, não quero ser novamente aquela sombra de homem que eu fui quando perdi Sofia. Me arrastando, afastando todo mundo, querendo morrer. Mas ficar longe dela estava bem difícil, e eu sequer podia lhe dizer isso, porque não tinha abertura.

Um barulho na porta da sala de interrogação me traz de volta a realidade, e vejo quando Bastos sai, escoltado por dois policiais. Altivo, um sorriso cínico no rosto, como se realmente não se importasse com tudo o que está acontecendo. Ao passar por mim, ele ergue a sobrancelha, o sorriso se alastra, numa clara provocação tentando me tirar do sério.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Doutor...

— Não me dirija a palavra. Não tem nada que você possa dizer que eu queira ouvir.

— Eu só ia dizer que espero que a sua vida, daqui para a frente, seja mais animada. Porque, vou te falar, era chata para caralho.

— TIRA ESSE IDIOTA DAQUI! – Vicente grita, logo atrás de mim, já imaginando que o meu autocontrole não ia durar para sempre.

Eu nem percebi que estava tremendo, segurando o punho, prestes a voar no pescoço do homem, até Vicente me tirar dali e me levar até sua sala.

— Eu entendo tudo isso aí que você está sentindo, Gael. Só tenha consciência de que eles não têm nada a perder, mas você tem. Tem uma garota pra reconquistar e um moleque que te adora. Então esfria a cabeça.

— Tenho pra mim que só vou estar cem por cento frio quando eles todos estiverem condenados e presos.

— Cinquenta por cento frio já vai te ajudar. Vamos lá, *babaca*...

PERIGOSAS ACHERON



Dimitrius

Quinze dias. Isso foi o que levou para que tudo ao meu redor desmoronasse de vez. Desde que saí daquela mansão, a pedido do meu pai, levando meu *paidi mou* até o Rio de Janeiro, que nada mais fez sentido. Perdi absolutamente tudo.

Os meus aliados estão presos. Meu pai, sendo processado. Minha empresa, nas mãos de Adrian. Minha mulher, novamente envolvida com aquele advogado. Preciso agora reavaliar tudo. Me situar novamente. Reprogramar meus próximos passos. E a merda é que nem isso eu consigo fazer, preso aqui nesse hotel, escondido, acuado.

Eu fiz tudo certo. Desde sempre, fiz tudo

certo. Não é justo que as coisas agora estejam caindo sobre a minha cabeça desse jeito. Isso é culpa daquele advogado de merda, desde o começo foi assim. As coisas eram bem simples antes de ele resolver me atrapalhar, aquilo me trouxe problemas que eu nem esperava ter.

Nem meu pai faz as coisas do jeito que eu quero mais. Agora que o caçula voltou, tudo é Adrian. Todos os elogios e esforços vão pro queridinho Adrian.

Chacoalho a cabeça, exasperado. Até mesmo dar um jeito em meu irmão eu será necessário esperar. Bastos foi estúpido o bastante pra se deixar capturar, e necessito agora procurar outra pessoa que dê conta desse tipo de trabalho. Alguém menos sentimental, que não contrate parentes e nem fique se lamentando.

Ainda tenho alguns contatos na mesma delegacia onde ele trabalhava. Isso vai me ajudar um bocado, só preciso ser cauteloso.

Sinto o telefone vibrar no bolso, até isso eu fui obrigado a trocar, nem mesmo meu próprio aparelho telefônico pode ser usado porque a polícia resolveu quebrar meu sigilo. Tanto bandido solto

PERIGOSAS ACHERON

por aí, e eles enchendo o meu saco. Inacreditável.

— Alô...

— Dimitrius, é Vasco, tudo bem? Está no Rio, ainda?

— Estou. Tive uns contratempos e vou precisar ficar por aqui. Tem alguma coisa pra mim?

— Sim, por isso te liguei. Os documentos do menino ficaram prontos. Bruno Manos Kyriacos, era isso o que queria, certo?

Quando pedi a Vasco que me confeccionasse os documentos do garoto, exigi apenas o nome de minha família neles. Nada, nem uma linha referente a mãe dele. Não queria dar-lhe a opção de conseguir sair com ele da Grécia e ir para outro lugar.

— Exatamente. O passaporte está ok? Da menina também?

— Sim, como você pediu.

— Pego eles amanhã à noite.

Enlouqueci quando cheguei naquele apartamento e meu pai estava sozinho, nem mesmo a babá estava mais lá. Quinze minutos... se eu

PERIGOSAS NACIONAIS

tivesse chego quinze minutos antes as coisas seriam diferentes, o garoto ainda estaria comigo e aquele advogado já não seria um problema.

Fui muito descuidado, o deixando sobreviver enquanto vasculhava minha vida por tanto tempo, o desgraçado tinha um detetive particular me investigando. Inacreditável! Tenho que reparar esse erro imediatamente.

E tem Babi. A garota ainda não entendeu que ela não tem outro destino que não seja ficar ao meu lado. Ela é minha, desde o dia em que entrou na minha festa. Tão doce, tão inocente, tão curiosa. Tão minha, e de nenhum outro, nunca mais. Terei que fazê-la compreender que se ela não for minha garota, não vai ser de nenhum outro.



Babi

PERIGOSAS ACHERON

Um mês. Exatos trinta dias foram o suficiente pra Adrian provar que ele era a escolha certa como CEO da Kyriacos. Lembro de como seu pai tinha orgulho dele e como falava, abertamente, que o filho seria seu sucessor. O meu pai também achava que o caçula Kyriacos seria uma boa escolha, então as expectativas sobre ele estavam bem altas.

E ele correspondeu. Em apenas alguns dias ele conseguiu estabilizar as coisas na empresa, sua colaboração com a polícia estava sendo fundamental pra que a sociedade – e as empresas conglomeradas – confiassem nele.

Ele estava tendo tanto trabalho na empresa que foi uma surpresa quando atendi ao interfone, e fui avisada que ele estava na portaria, querendo falar comigo. E eu devo ter demonstrado toda a minha surpresa quando abri a porta, assim que ele tocou a campainha, porque ele franziu o cenho imediatamente.

— Está tudo bem?

— Sim... eu só não esperava você. Dia de semana, horário de expediente... — abro espaço,
PERIGOSAS ACHERON

indicando com a mão que ele pode passar.

— Está sozinha? — Ele fala, olhando em volta.

— Estou. — Respondo, cautelosa - Pedro foi trabalhar, tinha um ensaio importante hoje. Bruno tá assistindo TV no quarto e eu, realmente, não quero que ele venha aqui agora.

Ele acena, talvez descontente, mas... pouco importa.

— Eu quero resolver logo isso, Babi. Seu... *advogado* disse que ia entrar em contato, mas até agora nada.

A forma como ele falou *advogado* com um certo desdém não me passou despercebida, e eu não gostei nada disso. Seco a mão, úmida pelo nervoso em ter um Kyriacos na minha casa sem ninguém por perto, na lateral da calça e indico o sofá pra ele sentar.

— Ele não entrou em contato porque não tinha nada a te dizer, Adrian. Eu já te passei a minha posição.

— Posição equivocada, Babi. Enfim, eu vim para te dizer que ele vai ser reconhecido como um PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Kyriacos, você querendo ou não. Meu advogado vai dar entrada no processo, então, seria legal se você apenas aceitasse. Pouparia tempo e trabalho tanto pro meu quanto pro seu advogado.

— Adrian, eu... — ele ergue a mão, me impedindo de continuar.

— Aqui nessa pasta tem uma escritura, de um apartamento que eu passei para o nome dele. Era meu, pessoal, não está incluso na grande confusão que meu irmão fez, e por isso eu já fiz a transferência de contrato. É de Bruno agora... você pode usá-lo para morar, inclusive. É seguro, e não é longe daqui.

Ele me estica a pasta, onde eu posso ver a escritura em nome do meu filho, uma chave e outros documentos que eu não tenho tempo pra olhar agora. Fico apenas olhando da pasta pro rosto dele, perdida...

— Eu também sei que você está desempregada. Então, posso te arrumar uma posição na Kyriacos. Foi muita gente demitida, vou precisar de gente de confiança e como você é família...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, Adrian – interrompo, achando tudo demais pra aguentar – eu nunca trabalharia lá.

— Eu não sou ele, Babi.

— Eu sei, e é somente por causa disso que você está sendo recebido aqui. Você não é ele. Isso não quer dizer que tenho que aceitar tudo o que você está me oferecendo. Posso aceitar o que é do Bruno, mas vai ser somente isso.

Eu estava sentada ao seu lado no sofá, não vi lá grandes problemas nisso. Afinal de contas, mesmo sendo um Kyriacos, eu reconhecia Adrian como um aliado. Ele sempre me tratou bem. Ele me resgatou naquela mansão. Ele ajudou Gael a trazer meu filho. Então, mesmo nervosa, eu sabia que ainda era ele, então não vi problemas em sentar perto. E a proximidade permitiu que ele alcançasse a minha mão, e notei que estava gelada.

— Você tem a minha palavra que não vai perder o seu filho. Dimitrius é um criminoso, a justiça nunca daria a guarda a ele. Meu pai também está com problemas na justiça. E eu não tenho motivos pra brigar com você por causa disso. Brigar com você é o que eu menos quero, Babi.

PERIGOSAS ACHERON

— E eu agradeço. Eu não gostaria de brigar com você, Adrian, mas é bom que você saiba que eu não vou abrir mão do meu filho. Nem um pedaço dele que seja.

— Eu não vim brigar. Mesmo, eu falo sério quanto a isso. — Adrian não desvia os olhos dos meus nem por um instante, talvez sabendo que eu preciso vê-los pra acreditar em suas palavras — A minha intenção ao voltar para o Brasil foi limpar o nome da minha família. Eu tenho muito orgulho das minhas origens e ver as pessoas temerem quando ouvem o meu sobrenome é muito difícil. Quero mudar isso.

Acho muito digno da parte dele, inclusive. Ele poderia ter continuado na Europa, eles têm uma vida boa na Grécia, não precisava vir pro Brasil ser julgado por crimes que ele não cometeu. Isso me faz realmente ter certeza que Adrian é uma boa pessoa, apesar de ser irmão de quem é.

— E eu também quero que você saiba que pode contar comigo, Babi — seu aperto em minha mão aumenta, me deixando alerta — como sempre pôde. Eu devia ter lutado por você, devia ter enfrentado meu irmão. Muito do que te aconteceu

também foi culpa minha, por ser permissivo, omissivo, por ter caído na conversa de meu pai de que família vinha acima de tudo. Eu posso cuidar de você, posso dar um futuro digno pro seu filho, até assumir ele como meu, se você deixar.

Adrian solta tudo sem sequer respirar, o aperto em minha mão aumenta e eu não consigo prestar muita atenção no discurso todo, somente na parte em que ele diz que pode cuidar de mim e me dar um futuro digno... Esses gregos são todos malucos mesmo.

— Adrian, eu realmente agradeço por você sempre se preocupar comigo. Mas eu vou te deixar claro uma coisa: não estou aberta a nenhum tipo de relacionamento, com ninguém. Tenho muita coisa pra resolver na minha vida e homem nenhum está envolvido em meus planos.

Puxo minha mão da dele, tentando cortar qualquer tipo de contato o mais rápido que eu posso. Mas não foi tão rápido, porque deu tempo de Gael, que tinha entrado junto com Pedro, notar.

Esperava uma expressão furiosa do meu Senhor Tempestade mas, para a minha surpresa, ele só aparentou estar triste. Conformado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Gael

PERIGOSAS ACHERON

Ver Babi de mãos dadas com o grego foi muito difícil. Assim como ouvir sua resposta, de que ela não estava aberta a relacionamentos com ninguém. Já havia se passado um mês desde que ela voltara, e eu achava que vinha fazendo a minha parte. Estando presente, disponível, cedendo o espaço que talvez ela precisasse.

Era pouco, aparentemente.

Consigo entender a mágoa dela, no entanto. Ela não tinha ninguém, estava acuada, ameaçada. E não pôde sequer contar com o cara que a levava pra cama todas as noites. Mas entender não quer dizer que seja menos doloroso vê-la se afastando de mim, pouco a pouco, e vendo outros caras rodeando-a como moscas de padaria.

Não vai demorar muito até ela encontrar alguém, e isso está acabando comigo. Saber que eu não sou bom, que eu não a completo, que não sou o que ela quer é doloroso demais.

— Gael? — sua voz me alcança, me encontrando na varanda do apartamento. Talvez o único lugar onde as paredes não pareceriam tão claustrofóbicas.

— Se acertou com ele?

Não era essa a pergunta que eu queria ter feito, não assim nesse tom. Mas o ciúme acaba falando mais alto. Se existe uma característica nesse Gael atual que eu gostaria de eliminar, é essa. Fico irracional, por conta desses ciúmes, sempre fazendo merda, sempre falando merda, metendo os pés pelas mãos.

— Pode se dizer que sim. – Diferente do que eu pensava, ela não pareceu se importar com a pergunta, ou a entendeu de outra forma – Ele veio trazer a documentação de um apartamento que ele passou pro nome do Bruno.

— Apartamento? Onde fica?

— Não olhei ainda. Eles também vão dar andamento ao reconhecimento de paternidade. Eu confesso que estou com medo, ainda, mas ele me garantiu que isso vai acontecer eu consentindo ou não...

— Eles tem um certo problema com negativas, aparentemente...

— Parece que sim.

Babi se sente muito confortável aqui, na
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa de Pedro. Sem nenhuma cerimônia ela atravessa a porta da varanda, procurando o pequeno sofá de vime onde se senta, graciosamente. Como se fosse dona do lugar.

Irracional. Lembra?

— Você e o Pedro estão juntos?

Um longo suspiro precede a resposta, vinda em um tom mais ríspido.

— Gael, tem mesmo certeza que você foi criado com o Pedro? Que são amigos de infância como alardeiam? Ouvi que eram melhores amigos, você tem certeza disso?

Não entendo a pergunta, e me aborreço um pouco com o que me pareceu um desvio pra evitar responder. Mas, para minha felicidade, ela não esperou que eu dissesse qualquer coisa ainda mais estúpida.

— Não parece mesmo que vocês se conhecem há tanto tempo. A impressão que eu tenho é que você passou a sua vida inteira preocupado com o próprio rabo e nunca olhou pro lado, sem nunca prestar atenção no seu melhor amigo.

PERIGOSAS ACHERON

— Do que você está falando?

— Eu estou falando – ela se altera, arrumando o corpo numa posição defensiva – é que se você realmente conhecesse o Pedro nunca pensaria que ele seria capaz de tentar qualquer coisa comigo.

— Ele nunca me pareceu inocente, em se tratando de você. – Sou ríspido, não gostando muito da forma apaixonada como ela defende Pedro – Sempre fez questão...

— De te provocar. – Ela me corta – Somente isso. Chega a ser triste você pensar que ele poderia fazer qualquer coisa pelas suas costas. Você não tem a menor ideia de quem seja aquele que você diz ser seu melhor amigo. Não enxerga um palmo a frente do seu nariz.

Essa é uma afirmação que eu mesmo me fiz há alguns dias atrás, enquanto conversava com Jordie. Sempre me gabei de ser um cara legal, compreensivo, amigo, companheiro... e talvez eu estava somente engolido na minha própria arrogância.

Deixo cair os ombros, rendido. Nem eu

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo ando me suportando, não sei como ela ainda me ouve.

— Você tem razão. Me desculpe. Eu... — antes mesmo que eu termine o meu discurso que se tornou habitual, ela me interpela.

— Não venha me dizer que você é um idiota, Gael. Porque até mesmo isso já cansou. Você precisa saber de uma coisa: não adianta fazer merda, pedir desculpas, dizer que é um idiota, e depois continuar fazendo. Todo mundo precisa de evolução nessa vida. E você já é um homem adulto.

Eu devo ter merecido essa. Não, com certeza eu mereci essa. Vou precisar de bem mais pra derrubar o muro que ela ergueu entre nós. E considerando o quão inábil eu pareço ser fazendo essas coisas, só posso adiantar uma coisa: estou na merda.

— Você não vai me perdoar mesmo, não é? — me sento ao seu lado, a brisa me permite sentir seu perfume e eu poderia urrar de saudades.

— Eu já te perdoei, Gael... — seu tom de voz aparenta cansaço — Eu sabia o que me esperava quando você soubesse de quem Bruno era filho.

PERIGOSAS ACHERON

Podemos dizer que, nesse ponto, eu fui tão errada quanto você.

— Podia ter me confiado em mim. Eu ia ficar puto, tenho certeza, mas o efeito seria menor do que ter descoberto pela boca do próprio demônio.

— Eu sei. Cheguei perto de contar, algumas vezes, e no final me faltava coragem. — Ela sorri sem humor, buscando algo no horizonte que eu imagino seja apenas algo que a impeça de me olhar — Eu lamento que você tenha descoberto da forma como foi. Que tudo tenha se desenrolado desse jeito, atrapalhado...

Nossa conversa, essa conversa, lembra o nosso início. Quando ficávamos buscando assunto pra falar um com o outro, sem saber direito onde pisar. Quando ela soltava um assunto qualquer e eu, grosso, não respondia. Ou vice-versa. E não gosto dessa nossa versão, não quando sei que podemos ser muito melhor que isso.

— Agora já passou. Eu entendi você. Com um delay¹⁹ de vinte e quatro horas, mas entendi. No outro dia eu já queria te ver, falar com você...

Busco sua mão, mas novamente ela retira. Evitando meu toque, o que me causa dor toda santa vez. Talvez sabendo que eu não pretendo sair daqui sem que tenhamos *aquela* conversa, ela tenta postergar, levantando do pequeno sofá.

— Eu vou pegar os documentos pra você dar uma olhada, se puder...

— Babi, a gente não pode ficar sem conversar. Por favor...

Ela me dá um longo olhar, seguido por um suspiro, sabendo que está prestes a jogar meu coração pela sacada.

— Gael, a gente não vai ficar juntos.

— Você disse que tinha me perdoado...

— E também disse que você não estava pronto. Esse coração – ela aponta, em direção ao meu peito – ainda está ocupado. Eu vou te falar uma coisa... eu pensei que ia morrer. Que Dimitrius ia finalmente acabar com a minha vida. E que eu ia partir sem nunca ter tido nada bom que fosse exclusivamente meu. Sim, eu sei, eu tenho meu filho, mas esse a gente cria pro mundo, não é? Vai chegar uma hora que ele vai voar, como todo filho

PERIGOSAS NACIONAIS

voa. E eu cansei de ficar sozinha.

Como era de se esperar, o queixo erguido demonstra toda a sua determinação, apesar dos olhos marejados e a voz tremida.

— Eu não quero nada que não seja somente meu. Eu não quero nada que eu tenha que dividir com alguém, principalmente se essa pessoa não estiver em posição igualitária. Eu sequer posso disputar algo com Sofia, porque nem aqui nesse plano ela está pra competir comigo...

— Não fala absurdos, Babi. Isso nunca foi uma competição!

— Claro que não. Porque ela sempre saiu na frente. Se fosse uma competição, seria desigual...

— Fica difícil assim. Eu não sei o que fazer, Babi. Porque não é como se eu pudesse apagar Sofia das minhas memórias...

— Nunca te pediria isso, e você falando assim só me mostra que você não entende.

— Então me explica! – me levando, ficando a sua frente, tentando tocar seu rosto sem sucesso, porque ela retrocede dois passos, tomando distância.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você precisa seguir em frente, Gael. Eu não quero ser um tampão, não quero ser uma substituta. Não quero viver com medo de que você vai sair correndo quando alguma coisa te assustar ou não for do seu agrado. E, principalmente, não quero ver o meu homem apoiado numa aliança pendurada no peito, recolocando-a cada vez que ficar desapontado comigo.

Eu sabia, quando cheguei na minha casa aquela tarde, que ter recolocado a aliança tinha sido uma burrice. Eu fiquei tão enlouquecido que não pensei, apenas quis que tudo voltasse a ser como era antes. A dor que eu conhecia por ter perdido Sofia eu já estava acostumado, a dor de perder Babi era nova, e eu não queria sentir. Eu não pensei em Sofia, eu pensei na dor... mas explicar isso seria complicado.

— Eu nunca mais a recoloquei depois daquele dia. — justifico.

— Porque nunca mais ficamos juntos depois daquele dia. Nada me garante que não iríamos brigar novamente. — nego, um movimento rápido com a cabeça, e ela responde que sim, também com a cabeça — Sabe que sim.

PERIGOSAS ACHERON

— Babi... – a menina está tão distante de mim, fisicamente perto mas emocionalmente a quilômetros daqui, que eu me pego a ponto de implorar – não faz assim. Por favor, a gente pode tentar de novo. Pode dar certo...

— Hoje não daria... – o sorriso doce que ela me dá sequer combina com o momento – porque tanto eu quanto você temos coisas ainda pra resolver. Eu também não estou pronta, Gael. Eu quero fazer tanta coisa ainda, e não posso porque estou em suspenso.

E então a compreensão me acerta. Eu fui um maldito egoísta, porque o tempo todo eu pensava em mim. No que *eu* queria, no que *eu* pensava que ela queria, já assumindo que seria eu.

Arrogante pra caralho.

Parece que não aprendi nada. A vida me chacoalhou, me tirou tudo, e ao invés de evoluir, eu regredi.

Babi sequer viveu direito. Fugiu ainda uma menina, recém saída da adolescência, grávida... Mal viveu sua adolescência direito e eu aqui preocupado se ela me quer de volta ou não. Ela tem

PERIGOSAS NACIONAIS

um monte de coisa pra viver, e ela merece que eu esteja cem por cento pronto pra viver tudo ao lado dela.

— Eu vou melhorar, neném. Por nós. E quando eu estiver pronto, eu vou te reconquistar. Eu vou voltar inteiro pra cuidar de você e do Bruno.



Babi

Lidar com Gael sempre foi muito difícil, porque sempre exigiu de mim um controle que me foge quando estou perto dele. Isso desde o primeiro instante, desde o primeiro olhar. Já tinha me perguntado porque minha reação ao nosso primeiro encontro havia sido tão exagerada, e a conclusão que cheguei é porque, desde o primeiro olhar, ele

PERIGOSAS ACHERON

havia me pego de jeito.

E, por isso, dizer não ao seu pedido acaba sendo mais doloroso do que seria naturalmente.

Mas, apesar de doloroso, é necessário. Seria pior eu ficar postergando, vejo isso agora. Deixá-lo na espera de algo que, da forma como está agora, não nos daria futuro algum. Eu *sei* que ele iria correr de novo. Já fez isso tantas vezes, como não faria novamente? Como eu poderia deixar essa relação ir cada vez mais adiante, nessa insegurança toda?

Queria muito que ele tivesse gritado. Arrancado a corrente do pescoço. Dito que eu estava errada. Mas isso não aconteceu, e, de certa forma, foi bom. Porque se um dia ele voltar, se um dia ele resolver largar mesmo esse luto e lutar por mim, como ele mesmo falou, ele virá inteiro.

E enquanto isso não acontece, eu tenho uma imensidão de coisas a fazer. Uma casa nova para montar. Trabalho pra procurar. Uma vida nova para reconstruir.

E me proteger de Dimitrius.

Conforme os dias passam, eu me ocupo

cada vez mais com o novo apartamento. Não fica muito longe da escola onde eu trabalhava, o que me deixa ainda mais impressionada por ter ficado tanto tempo lá sem que Dimitrius me importunasse. Estamos no período de férias e Jordie já me garantiu que a bolsa de Bruno está garantida, só que dessa vez eu estou insegura em aceitar. Vai saber o que mais irá irritar os Prieto, e fazer com que eles nos cortem de suas vidas novamente?

Independente dessa insegurança, Alessandro e Joana cumpriram o prometido. Junto com Pedro eles me ajudaram no primeiro dia, trouxeram mantimentos, objetos pra cozinha, toalhas e lençóis novos. Ainda que meio ressabiada comigo – ou talvez envergonhada, como apontou Pedro, por ter desconfiado de mim à primeira vista – a mãe de Gael me ajudou muito nos primeiros dias. Pra mim era muito bom ter alguém com quem contar novamente, mesmo que eu, dessa vez, esteja me protegendo melhor.

Queria fazer o mesmo com meu filho, mas entendi que privá-lo de conviver com pessoas de quem ele gosta tanto seria cruel. Tão cruel quanto perde-los depois, mas então essa crueldade não

seria minha, e sim deles.

Meu furacão adorou o local que é, obviamente, maior do que a casa que morávamos na Vila Progresso. Como o apartamento já era de Adrian, felizmente veio mobiliado com alguns poucos móveis. Camas nos quartos, um sofá na sala, geladeira, fogão e máquina de lavar. Com o valor que eu tinha em banco eu conseguiria comprar ao menos uma televisão, que não permiti Alessandro me dar, e poderia me manter até que arrumasse um trabalho.

Essa, inclusive, era a minha maior preocupação. Eu não tenho medo de botar a mão na massa, o tempo que passei no Paraná me ensinou que não existe trabalho indigno, mas eu tenho um agravante: sou mãe solteira sem suporte, apoio, dinheiro sobrando ou creche.

Cheguei até a cogitar a tal novena que prometi fazer um dia, mas os céus deviam estar gostando bastante de mim quando, num sábado a tarde, recebi uma visita pra lá de inusitada. O porteiro havia anunciado que uma tal de Maria Luiza queria falar comigo, e eu obviamente não conheço ninguém com esse nome mas sofro de

PERIGOSAS NACIONAIS

curiosidade aguda. De repente nos conhecemos e eu apenas me esqueci.

— Olá! – a ruiva simpática de olhos brilhantes me saúda assim que eu abro a porta, e eu tenho certeza que, não... nunca a vira antes – Você é a Bárbara?

— Sim, sou eu... desculpe, nós nos conhecemos?

— Não. Eu sou a Maria Luiza... quem me deu seu endereço foi meu namorado, Vicente. – algo em minha expressão denuncia que eu não tenho a menor ideia de quem ela fala, a fazendo completar em seguida – O federal bonitão...

Ah, claro. Esse eu conheço, como não lembrar? Apesar de tê-lo visto somente em situações bem embaraçosas, o homem é bonito o bastante pra não ser esquecido assim tão facilmente.

— Claro... – abro a porta, dando-lhe espaço em um convite pra entrar – Desculpe, é que eu fiquei confusa com sua visita. Por favor, fique à vontade e não repare, a casa está sendo mobiliada ainda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Imagina, não tem problema. Onde está seu filho?

— Dormindo. Bruno fica muito entediado quando não tem o que fazer. Tive que cansá-lo muito no playground, acho que consegui.

— Que pena, queria conhece-lo.

A mulher tem sotaque, cara de gringa, não deve ser brasileira. Mas é bem simpática e aparenta ser amigável. O que me foge é o motivo dela ter vindo me procurar a pedido do seu namorado.

— Você disse que seu namorado deu meu endereço? Algum motivo em particular?

— Um amigo meu tem um estúdio de arquitetura, e está procurando recepcionista. Vicente me disse que você trabalhou por um bom tempo no colégio dos Prieto... eu pensei que, talvez, você tivesse interesse.

— Tenho todo o interesse do mundo! Estou sem trabalhar desde que...

Não consigo finalizar o pensamento, porque lembrar daquele dia ainda é bem doloroso para mim. E ela parece saber, porque me dá um sorriso empático, e eu decido que gostei dela.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu soube. Não costumo me meter nas investigações de Vince, mas ele e Gael são amigos e eu acabei ouvindo uma coisa aqui e ali.

Ouvir o nome de Gael me repuxa o estômago. Desde que ele saiu da casa de Pedro, dias atrás, que eu não tenho notícias decente dele. Alessandro e Joana tem sempre vindo nos ver, e a única coisa que deixaram escapar era que Gael tinha ido a um terapeuta.

— Ele está viajando... — Malu completa, como se soubesse que eu queria saber mais sobre ele, mas não quis perguntar — Eu tenho uma pousada na Escócia, e o mandei pra lá por uma semana. Aquele chato precisava de um pouco de mato, precisava relaxar.

E nessas horas eu vejo que ter ciúmes de uma mulher morta era o menor dos meus problemas. Se todas as escocesas forem bonitas e simpáticas como Maria Luiza, e sem toda a bagagem complicada que eu tenho, prevejo Gael indo passear na Europa mais vezes do que eu gostaria.

Meu coração dispara com esse pensamento. Não gostei disso, não gostei nada disso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Gael

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu pensei que esse dia nunca chegaria. Essa é mais uma das promessas que eu fiz a Sofia que acabei quebrando, na verdade: a que eu só pisaria aqui nesse cemitério quando fosse me juntar a ela.

Andar por meio desses túmulos é deprimente. Cada um deles conta uma história. Quantos amores perdidos será que existem aqui? Quantas pessoas talvez deixaram de dar seu último adeus? Com certeza eu não fui o único. Talvez tenha sido o único a fazer uma promessa imbecil, mas também duvido que tenha sido o único que quebrou uma promessa.

Avisto a lápide, e meus passos vacilam. Está bem cuidada, um vaso de flores do campo enfeita o local, certeza que é trabalho de Madalena. Uma foto linda, das duas, tirada pouco antes daquele dia infernal, toma a parte direita do tampo frontal. Na parte esquerda, a epígrafe onde se lê “Amor maior, amor eterno, amor definitivo.” Não sei se eu teria escolhido isso, mas como não estava presente, prefiro não palpitar. Tenho certeza absoluta que, naquelas condições, foi o melhor que conseguiram pensar.

PERIGOSAS ACHERON

Ajoelho em frente a fotografia, passando os dedos sobre a superfície de vidro. Ainda dói, mas agora é algo suportável. Uma saudade que nunca irá embora, mas que é compreensível, não mais aquela coisa doentia que me consumia vivo. Amar Sofia foi uma coisa boa, me manteve vivo e feliz por dez anos, eu não podia transformar isso em escuridão. Não tinha esse direito.

— Oi, minha loira. Desculpe a demora em vir te ver. Andei com alguns probleminhas de aceitação. Levou pouco, cerca de quatro anos, mas acho que consegui lidar com isso...

“Espero que você tenha me perdoado. Foi muito difícil para mim saber que você não ia mais voltar, e que tinha partido magoada comigo. Vocês duas, na verdade. Eu não esperava nada daquilo... desculpa não ter te ouvido e, principalmente, não ter protegido vocês.”

Olho em volta, um cortejo passa no corredor vizinho, bem pequeno. Uma mulher vem amparada por um homem mais velho, tão destruída quanto eu fiquei um dia. Me pego torcendo, intimamente, para ela ficar bem.

— Eu andei fazendo umas merdas, sabe?

Nada muito sério, eu não ia querer que você ficasse furiosa comigo aí onde você está. Mas eu... parei de viver. Eu não conseguia, não sem você aqui. Era tudo muito difícil, sabe? Respirar era difícil. Imagina então sendo alguém que não conseguia dormir longe saber que nunca mais ia te ver? Que loucura, né?

“Eu encontrei alguém, loira. Achei que isso nunca seria possível, mas aconteceu. E ela me salvou. Eu estava... insuportável. Afastado de todo mundo. Sem rumo. E quando menos esperava, eles apareceram. Me trazendo de volta pra luz. E eu amo tanto por isso... por ter ficado comigo, lutado por mim no meu pior. E agora é minha vez de lutar por ela...”

“Ela tem um menininho. O nome dele é Bruno, e eu sou louco por ele. Eu o chamo de minha raposinha, não sei se você vai entender, mas a Mel apostou que já está gritando, porque adivinhou o motivo. Eles iam se dar tão bem.... É errado pensar em como seriam os dois juntos, sabendo de quem são filhos? Espero que não, porque adoro imaginar isso, os diálogos seriam incríveis.”

Tiro o cordão do pescoço, e segurando na

mão, dou um beijo nas alianças antes de colocá-las no espaço em frente a fotografia.

— Tenho que deixar isso aqui, Sofi. Não vou usar mais. E não porque eu te esqueci, isso nunca vai acontecer. Mas porque eu preciso te deixar ir. Você não vai voltar e eu já tentei ir te encontrar mas parece que meu lugar é mesmo por aqui. E agora... bem, eu *quero* ficar por aqui.

“Obrigado pelos anos juntos. Por ter me dado a Mel. E, principalmente, por ter me amado.”

Meu discurso se alongou um pouco mais do que eu imaginava, então eu me levanto, já com a certeza de que essa é minha última vez nesse lugar. Ao menos, pra falar com elas.

Cada passo dado é um tanto libertador. Será que a dor que senti por todo esse tempo teria sido amenizada se eu tivesse feito isso antes? Eu passei esses últimos quatro anos sem aceitar que elas tinham ido, sem mexer em nada, somente vivendo a dor da partida, cavando um buraco que já era fundo.

Eu não conseguiria sozinho. Não sem a risada de Bruno, não sem o brilho de Babi. Foram

eles que me tiraram dali, daquela escuridão sem fim.

Os dias fora do país foram essenciais. Eu não sei se eu poderei agradecer a Vicente e Malu o suficiente. Respirar outros ares e poder pensar e colocar minha cabeça no lugar era o que eu, realmente, precisava nessa hora. De clareza em saber o que eu realmente quero, o que eu realmente preciso.

Sento atrás do volante, já me sentindo um tanto mais leve. Dou partida, e sigo em direção ao meu próximo destino, sabendo que lá também vai ser um tanto difícil. Já esperando a enxurrada de lembranças, e espero ter força de seguir em frente, e fazer tudo o que é necessário.

Assim que estaciono o carro em frente a portaria, sou recebido por seu Elias, o simpático porteiro, que já sai imediatamente da guarita e vem ao meu encontro.

— Doutor Gael! Meu Deus do céu, quanto tempo! Como o senhor está? — Eu mal tenho tempo de responder antes de ser amassado em um abraço. O homem sempre foi muito simpático com minha família e seu filho, inclusive, brincava muito com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mel no playground do prédio.

— Eu estou bem, seu Renan. Como vai sua família? Felipe, vai bem?

— Vai, tudo na mesma. O senhor... — com o polegar ele aponta pra dentro — quer dizer...

— Sim, vim limpar o apartamento. Vou colocar ele à venda. Tudo bem?

— Claro, claro... — recebo uma tapinha nas costas, enquanto ele me guia portão adentro — Está tudo bem...

— Depois você, por favor, me diga se eu tenho qualquer pendência com o condomínio?

— Seu pai cuidou de tudo, sempre. Está tudo em dia...

Claro que *babbo* cuidaria de tudo. Chega a ser até ingenuidade minha pensar que eles iam deixar minha vida ao léu, como eu esperava. E fico feliz por isso, por ter uma família que se importa. Quantas pessoas sofrem sozinhas por não ter ninguém ao seu lado?

Subir as escadas acaba sendo mais difícil do que foi entrar naquele cemitério. Parece que estou

PERIGOSAS ACHERON

ouvindo a gritaria de Mel, todo santo dia, quando chegávamos de algum lugar e ela subia as escadas correndo. Ou Sofia com seu sapato batendo no mármore, muitas vezes fazendo barulho de propósito se vingando de algum vizinho tagarela.

Alcanço a porta do nosso apartamento, número 302. Os vasos de planta que tínhamos no hall de entrada agora estão vazios, Sofia tinha uma boa plantação de espada de São Jorge na entrada, dizia ser bom para espantar o mau olhado. Aprendi que isso, ao menos na minha família, tem o mesmo resultado que um vaso de arruda.

Prendo o ar, procurando um certo controle, e coloco a chave na porta. Duas voltas, e ela se abre. O cheiro de casa fechada me atinge em cheio, já deve ter um bom tempo que ninguém aparece aqui. Alguém apareceu, isso é certo, porque os móveis estão quase todos cobertos por lençóis.

Encosto a porta atrás de mim, repetindo um costume que eu tinha quando vivia aqui: chave, carteira e celular no aparador ao lado da porta. É quase automático, de tão costumeiro...

Sigo direto à varanda e a abro, permitindo que o ar entre, acompanhado dos raios de sol. Olho

PERIGOSAS ACHERON

ao redor, sabendo que a pessoa que for limpar esse local vai ter um bom trabalho, quando meus olhos recaem sobre a espreguiçadeira, a mesma em que passei a minha última noite aqui nesse local. Instintivamente meu olhar recai pro balcão da cozinha, onde parece que estou vendo Sofia, nervosa, arrumando uma bolsa de mantimentos pra viajar. Puxo o ar com força, esfregando o peito, lembrando daquela manhã infernal.

Não posso me deixar levar. Ouço a voz da terapeuta, me aconselhando. *Chegou a hora de seguir em frente, Gael, coragem...* Saio pela casa abrindo portas e janelas, o quarto da Mel é o mais difícil. Acho que foi assim para todo mundo, porque é o único local que não tem lençóis cobrindo nada, a cama ainda desfeita, algumas roupas jogadas em cima do colchão. Quem quer que tenha vindo fechar a casa não teve coragem de entrar aqui.

Abro o armário, suas roupinhas ainda estão todas penduradas. Por sorte o perfume já se foi há um bom tempo, a única coisa que consigo sentir é cheiro de poeira, de mofo, de coisa guardada. Mel costumava usar um perfume com aroma de

PERIGOSAS NACIONAIS

morango, eu a chamava de meu pequeno moranguinho, e por mais boa vontade que eu tenho agora, não gostaria mesmo de senti-lo. Minha mão alcança sua roupa de bailarina, tão pequenina...

É impossível não desabar. Lembrar de sua tagarelice, contando sobre as aulas, repetindo os passos, ficando na pontinha das sapatilhas. Meu corpo escorrega até o chão, enquanto alcanço um porta retratos que trazia uma foto dela vestindo essa mesma roupinha. Linda, tão linda. Tão pequena e inocente.

Minha bebê teria nove anos agora. Quanta coisa ela teria vivido, quantos momentos juntos teríamos. Quanta tagarelice e aventura ela compartilharia com todo mundo a sua volta, porque ela era exatamente assim: falante, expansiva, simpática.

— Gael! — um baque na porta da frente me tira do torpor — *Figlio*, tá aqui?

— Tô aqui, *babbo*. No quarto da Mel.

Meio segundo deve ser o que levou pra ele entrar porta adentro, acompanhado de Pedro. Não seria diferente, sempre fomos os três mosqueteiros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como soube que eu estava aqui?

— Renan me ligou. O que veio fazer aqui, filho?

— Seguir em frente, pai. Limpar isso aqui, guardar o que é necessário, doar o que não é... e seguir em frente.

— Certo. Então se vai seguir em frente, precisa levantar. No chão, ninguém anda... – ele me estica a mão, que aceito, ficando em pé em seguida. Ganho um abraço assim que firmo as pernas na frente dele – Bom menino. Estava na hora, Gael. Estou orgulhoso de você.

— Fui antes ao cemitério. – posso ver a surpresa no rosto de ambos – Deixei minha aliança lá.

Pedro desembesta em minha direção, em um daqueles abraços de urso que ele está acostumado a dar, como se eu fosse alguma criança – ou ele fosse. O que seria mais certo.

— Pepê... você sabe porque estou fazendo tudo isso, não sabe?

Ele me olha, muito sério. Quase ofendido, posso dizer. Mas, de repente, seu rosto ilumina.

PERIGOSAS ACHERON

— Só me diz que você ainda vai ter ciúmes dela? Porra cara, preciso viver isso mais vezes!

Meu melhor amigo tem quinze anos. É a única explicação.

A tarde passa animada, se é que podemos chamar a avalanche de lembranças de animação. Mas com meu pai e Pedro aqui junto comigo, as coisas ficaram mais leves, o fardo menos pesado de carregar. Cada objeto vinha acompanhado de uma história, cada foto de uma lembrança. Foram dez anos de relacionamento, nove deles vivendo nesse lugar e a única memória triste que eu tinha era também a última memória que eu tinha delas aqui.

Algumas horas depois tudo estava separado em caixas que seu Renan nos trouxe. Documentos e fotos ficariam guardados comigo, roupas e brinquedos seriam doados, utensílios domésticos pro asilo do bairro, móveis seriam vendidos junto com a casa. Só tinha agora um problema, medindo 3 metros de altura por dois de largura...

— Porra, Gael... jura mesmo que a gente não tem como salvar esse painel? Poxa vida...

— Pepê, não é um painel, é uma parede.

Onde eu levaria a parede do apartamento, me diga?

— Você vai me deixar pintar a parede da sua casa nova, então, né? — o criança larga a caixa que levaria pro corredor e cruza os braços, parando na minha frente — aposto que eu e Bruno deixaremos o lugar irado.

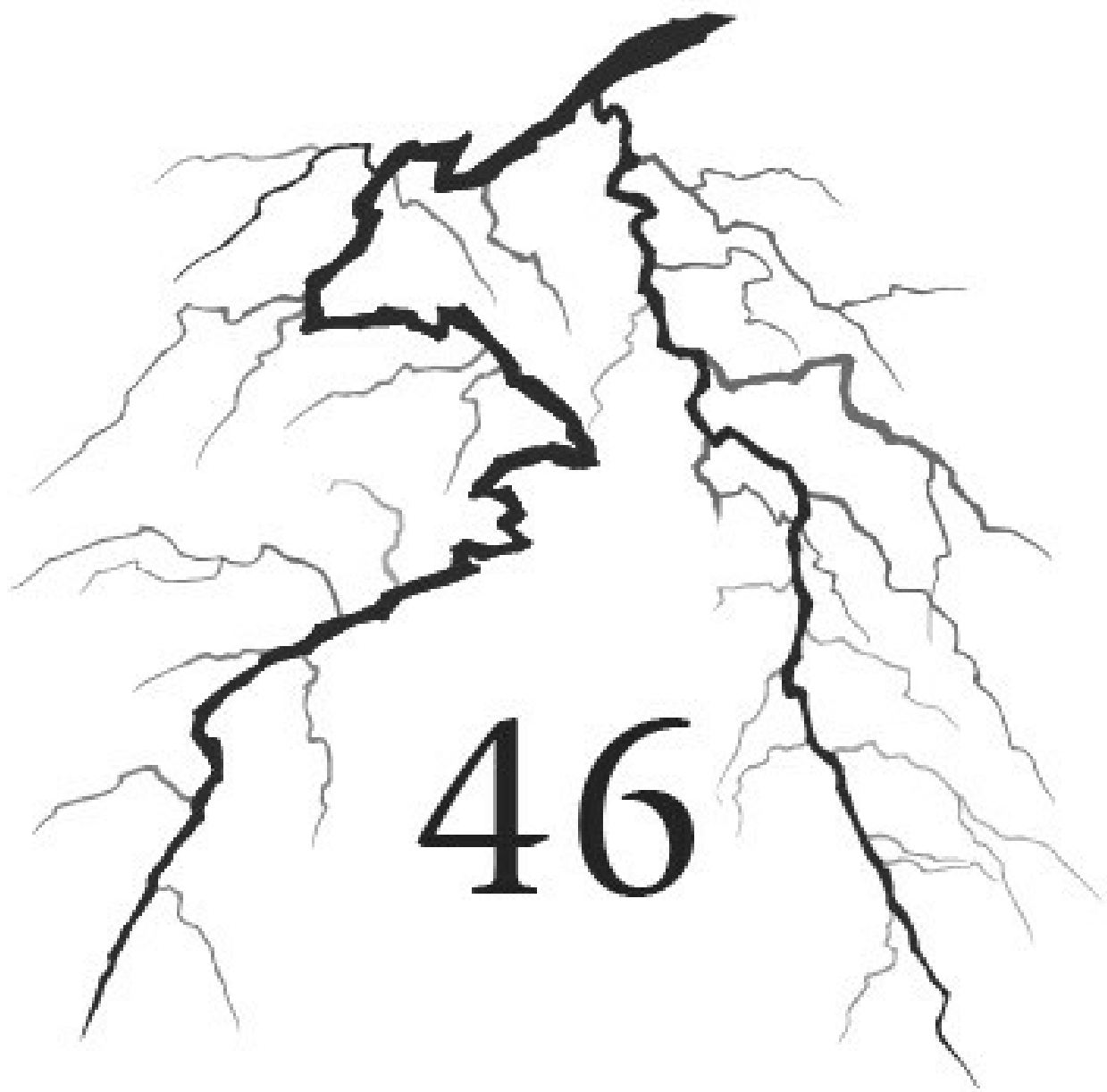
— Irado vou ficar eu se você me arrumar problema de novo por causa de uma parede, Pedro.

— Sou seu melhor amigo. E o melhor amigo *dela*. Acho que mereço um agrado, não?

— Pepê... — a campainha soa, impedindo que eu continue, e estranho, afinal de contas a não ser que seu Renan tenha avisado também minha mãe, o que eu duvido, ninguém mais saberia que estou aqui. Meu pai deve pensar o mesmo, porque também abandonou o que estava fazendo e veio ver quem estava chegando.

Com certeza nenhum de nós esperava tal visita, não aqui.

PERIGOSAS NACIONAIS



46

Babi

PERIGOSAS ACHERON

A máquina de lavar faz um barulho insuportável e eu mal consigo acreditar que nem bem mudei pra esse apartamento já vou ter que gastar dinheiro com manutenção. Não posso reclamar muito de Adrian, ele foi super gentil em ceder o apartamento parcialmente mobiliado ou eu teria um problema gigantesco em fazê-lo.

Bem, isso, ou procurar caixas de papelão na vizinhança, forrar o chão e dormir sobre elas. Eu já tenho as costas prejudicadas então, essa não é uma opção.

A lista de “coisas necessárias pra comprar quando ganhar na loteria” que pendurei na geladeira começa a crescer, e eu tenho certeza que vou me divertir muito quando finalmente puder usar minha carteira escondida e sair garimpando lojas, deixando esse local do jeito que eu sempre sonhei. Agora que já tenho um emprego, não preciso mais me preocupar em poupar demais.

Alessandro ainda me lembrou que meu pai tinha imóveis, que vão me ser úteis quando eu finalmente puder mexer com isso. Mal lembrava disso, eu realmente esqueci da minha vida anterior

mas não posso me dar ao luxo. Só espero que esses imóveis ainda existam, se eu bem me lembro eram apenas duas casas – fora a que eu vivia com ele – e uma casa na Ilha Bela. Segundo o pai de Gael, eu posso locar todas e ter uma renda mensal complementar.

Renda mensal complementar. Menino do céu, quando eu poderia dizer isso, há alguns meses atrás? Estou tão empolgada em poder gastar dinheiro, finalmente, que poderia até fazer uma música só sobre isso. “Gastar, comprar, pechinchar”, em vários ritmos. Saio rebolando a bunda pela casa, sabendo que ainda tem muito a ser feito.

— Mamãe, tem certeza que não dá pra parar essa chuva na televisão? — Bruno me interpela enquanto eu tento organizar as roupas na pequena cômoda do seu quarto. Desde cedo ele está tentando assistir desenho, mas a transmissão está horrível, deixando a imagem toda chiada.

— Filhote, depois eu converso com o moço que cuida disso. Mas olha só, dá pra enxergar... alguma coisa. Tá vendo?

— A gente devia voltar pro tio Pepê. Lá

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo menos tinha guarda chuva dentro da televisão...

Dou-lhe um beijo e volto pra cozinha, rindo da lógica infantil. Bruno me pediu lasanha no almoço e espero que os deuses das massas italianas me perdoem pelo disparate que vou servir mais tarde. E enquanto vou separando os ingredientes, o pensamento voa longe... lembrando de uma certa pessoa que levou meu coração e esqueceu de devolver.

O rádio passa a tocar uma música que eu gosto demais, mas que, nesse momento, parece mais uma sátira. Lasanha, histórias de mãe, lembranças de uma vida que passou. É bem como soa, uma piada da vida rindo de mim, mais um ponto adicional ao monte de coisas que mantém meu peito cheio de saudades, dolorido.

Álbum de fotos no balcão, suas bochechas foram ficando vermelhas

Você costumava ser uma criancinha de óculos em uma cama de solteiro

E a sua mãe está me contando histórias sobre você na liga infantil de baseball

PERIGOSAS ACHERON

*Você me contava sobre o seu passado
pensando que seu futuro era eu.*

Taylor Swift – All Too Well

A campainha soa, oportuna, me fazendo engolir o choro e atender a porta. Puxo pela memória se avisei Pedro que faria lasanha hoje, mas estranhamente não consigo me lembrar. Desde que ele me disse que Gael estava de volta que a minha cabeça parou um pouco de funcionar. Fico sempre imaginando ele vindo nos ver, eu abrindo a porta e aqueles olhos azuis me engolindo, seu sorriso arrogante de lado feliz em me ver. Esquecendo que mandei ele pastar e ir procurar a turma dele. Não com essas palavras, mas como conheço Gael, seria mais ou menos como ele entenderia.

Abro a porta, sem nenhuma precaução, algo que eu nunca tive o costume de fazer enquanto vivia na Vila Progresso. Era o tipo de coisa que me livrava de problemas e eu, burramente, esqueci do mandamento número um: tomar cuidado caso não soubesse onde Dimitrius estava.

— *Agapi mou...* — tento fechar a porta, mas

ele é mais rápido que eu, e muito mais forte. Soltando apenas um som de desagrado, enquanto meneia a cabeça, ele empurra a porta com força, passando por ela e a encostando atrás de si.

— Dimitrius, me deixa em paz. Você já tem problemas o suficiente com a polícia... vai embora, por favor.

— Nunca. Eu já estou cansado de correr atrás de você, Babi. Pensei que eu tinha sido muito claro ao dizer que você é minha, e de mais ninguém. Mas já que não foi claro o suficiente, eu vim aqui te lembrar disso.

Dimitrius parece um tigre, rodeando sua presa. Lamento demais a casa ser nova, por causa disso ela é praticamente vazia. Não tenho sequer um vaso que poderia lançar mão e acertar o meio da cabeça dele. Decido colocar a mesa da sala de jantar como obstáculo, e fico rodeando-a, tentando manter distância. Isso parece ser bem divertido.

Resistência sempre o excitou, isso é como um jogo pra ele.

— Eu não sou sua. Por favor, vá embora. — Não sei se é a melhor estratégia no momento, mas

resolvo acionar uma presença masculina imaginária na conversa – Eu estou esperando alguém...

— Espero que não seja o seu advogado. Seria triste ficar esperando por alguém que não virá, nunca mais.

Em uma situação normal, o meu cérebro talvez tivesse absorvido essa frase e dado um outro significado a ela. Mas em se tratando de Dimitrius, sua psicopatia, e sua fixação em ferrar a vida de Gael, o resultado é o pior possível. Imediatamente minhas pernas bambeiam, e meu coração dá um salto dentro do peito.

— Do... do que você está falando?

— Eu estive com seu advogado, Malu. Não faz muito tempo... – sigo sua mão, que entra no bolso do casaco que ele está vestindo, e volta com um revólver. Quais seriam as minhas chances de isso ser uma arma de brinquedo?

— Você não fez nada com ele... – meus olhos ficam cravados na arma, que ele balança despreocupadamente, como se não fosse absolutamente nada demais.

— Na verdade foram *eles*. O seu advogado

PERIGOSAS NACIONAIS

não estava sozinho, aquele rapaz que vive com ele estava junto. Dei sorte de ter levado comigo a minha amiga aqui.

Eu sinto quando as pernas perdem as forças, o corpo desaba mesmo eu tentando me apoiar na cadeira em frente a mim. Ele não pode ter feito nada com ele. Com eles. Com meu amigo, e com meu amor. Não pode...

— Você... você não...

— O que você pensou, *agapi mou*? Que eu ia deixar você livre se acasalando com aquele sujeito? Que eu ia deixar outra pessoa, qualquer outra pessoa, criar meu filho? Olha bem pra mim, Bárbara... — ele abre os braços, o semblante totalmente ensandecido — Eu sou Dimitrius Kyriacos. Eu quero, eu faço. Eu quero, eu tomo. Eu tiro da minha frente quem me incomoda.

Eu gostaria, realmente, de não acreditar em uma palavra do que ele me diz. Mas eu sei quem ele é. Sei do que ele é capaz. Senti na pele, ainda tenho marcas que me provam que Dimitrius é o monstro que ele alardeia ser. E isso me causa tanta dor que eu mal consigo respirar.

PERIGOSAS ACHERON

Esse homem me tirou tudo. Tirou meu pai, tirou minha juventude, tirou meu sossego, tirou meus amigos e agora tirou meu amor. Eu gostaria muito de, nesse momento, poder deixar sair toda a dor que eu estou sentindo ao imaginar que Gael está ferido, precisando de mim, mas eu não posso. Porque ele pode ter me tirado tudo, mas eu ainda tenho meu filho, e eu preciso protegê-lo.

— Tudo bem, Dimitrius. — ergo as mãos, numa posição de rendição, que ele aparenta gostar bastante — O que você quer?

— Você vai pegar nosso filho, e vamos sair daqui. Estou com um carro aqui em baixo, vamos pra Argentina e de lá, daremos um jeito de seguir até a Grécia. Eu gostaria de fazer as coisas de uma forma mais rápida, mas vocês me foderam tanto que nem no meu dinheiro eu posso mexer mais.

Gosto bastante de saber que ele está sem dinheiro e sem poder. Sempre foi seu ponto fraco, foi por causa disso que ele matou meu pai, foi por isso que ele fodeu a vida de Gael. Gosto mais ainda de saber que, muito provavelmente, meu Senhor Tempestade foi responsável por isso. Queria sorrir, mas não seria seguro, então somente mantenho o

foco no que é importante: ele quer sair do país nos levando junto.

— Bruno não tem passaporte...

Dimitrius ri da minha tentativa inocente de protelar nossa saída. Colocando novamente a mão dentro do casaco, ele me estica o documento, um prazer doentio vendo meu rosto retorcido ao não ver meu sobrenome. Ele mudou o nome do meu filho, e trocou seu sobrenome.

— Você não acha que eu facilitaria pra você fugir com ele, acha, *agapi mou*? Agora vá lá pegar o moleque, não precisamos de malas, já tenho tudo preparado. Ande logo, a viagem daqui até a Argentina é longa.

— Mamãe?

Bruno está parado, no meio da sala, de olhos fixos em Dimitrius. Ele demorou um tempo até se abrir sobre a semana em que passaram juntos, mas quando começou a falar, havia deixado bem claro que tinha odiado todos os incontáveis minutos que ficou na companhia do... *pai*.

“Ele é chato, mamãe. Só falava de você, o tempo todo, que eu ia levar você de volta pra ele. E

PERIGOSAS NACIONAIS

falava em machucar o tio Gael, o tempo todo machucar o tio Gael.”

— Oooh, veja quem está aqui. Vem aqui, *paidi mou*. Vem com o papai.

— Eu não vou e você não é meu pai. Você é burro e nem sabe falar meu nome direito. Não quero que você seja meu pai, quero que o tio Gael seja o meu pai!

Precisei de muita força nas pernas pra sair correndo de onde eu estava e chegar até onde meu filho já era encurralado, no canto da parede, prestes a levar um tapa.

— NÃO ENCOSTA NELE! — Me coloquei na frente, amortecendo o tapa e sentindo o ardor na lateral do rosto. Esse tapa seria nele, e Dimitrius bateu com tanta força que seria impossível não machucar o menino.

A mulher, qualquer mulher, quando sofre violência, sempre tem pesadelos com essa cena. Sei disso porque por muito tempo passei acompanhando comunidades online, lendo sobre vítimas de violência doméstica. E era sempre o maior pavor, de todas elas: que isso atingisse os

PERIGOSAS ACHERON

filhos. Nenhuma mulher gostaria de chegar ao ponto extremo em que o seu filho presencie tamanha violência.

Mas, assim como acontece na grande maioria dos casos, aqui eu também não tive muita opção. Sou arrastada pela sala, levada pelos cabelos, enquanto Dimitrius grita uma sorte de improperios em português e grego, a arma em punho apontada pra mim, e eu lamentando estar em um local onde ninguém me conhece, e eu não conheço ninguém.

— Eu tento, sabe, Babi? Tento mesmo... se você fosse boazinha, se tivesse sido boazinha desde o princípio, não estaríamos nessa confusão. Você fugiu de mim, levou meu filho pra longe, se escondeu por anos. Quando voltou, foi se envolver com uma pessoa que quis me prejudicar, deliberadamente. Fugiu de novo, armou pelas minhas costas com meu pai, ajudou meu irmão a tomar o meu lugar na empresa. Ah Babi, eu queria te tratar bem, mas você não ajuda!

Ele age como se fosse uma pessoa bondosa que fora injustiçada pela vida, e eu fosse a sua grande vilã. Lamenta, reclama em voz alta, e cada

palavra proferida é um tapa que eu recebo. Bruno, espertamente, corre pra baixo da mesa de jantar e fica lá, gritando pra ele me soltar.

Não consigo contabilizar quanto tempo passou entre o primeiro tapa e o último. E esse acabou sendo o último porque, num rompante, a porta se abriu como se alguém a tivesse chutado.

— LARGUE A ARMA, DIMITRIUS!

Em um instante, minha sala estava repleta. Vicente estava posicionado próximo a entrada da cozinha, com sua arma em punho apontada pra Dimitrius. Ao lado dele, dois outros homens que não consegui reconhecer. E, atrás deles, Pepê e Gael. Meu Gael. Vivo, inteiro, e com um olhar mortal, como se estivesse prestes a correr e matar Dimitrius com suas próprias mãos.

— Tio Gael! Você veio, tô aqui!

Eu não sei se Dimitrius havia notado que Gael tinha entrado, também, junto com a polícia. Mas o fato de Bruno tê-lo chamado, e erguido os braços o buscando foi o bastante pra enfurecê-lo. Mas não foi aquela fúria ruidosa que sempre esperamos, quando alguém grita e esperneia todos

PERIGOSAS NACIONAIS

os seus dissabores. Essa foi silenciosa. O seu rosto se contorceu de ódio e, sem pensar duas vezes, ele mirou em Gael, e atirou.

Tudo aconteceu muito rápido. Eu continuava no chão, aos berros dessa vez por conta dos estampidos. Nunca tinha ouvido um tiro, ao vivo, em toda a minha vida e o barulho é pior do que qualquer outro que eu tenha imaginado. Vi quando Dimitrius caiu ao meu lado, e rapidamente um dos policiais se aproximou, tirando a arma de perto dele. Vi quando Bruno chorava, por ter caído no chão, no meio da confusão. Vi quando Gael ficou perdido sem saber para onde olhava. Se pra ele, chorando. Se pra mim, apavorada. Ou se pra Pedro, caído no chão, ensanguentado.

— Mande uma ambulância, temos um ferido! — Vicente grita ao celular, suas mãos fazendo pressão no abdômen de Pedro que puxa o ar com dificuldade.

Eu me sinto perdida. Corro ao encontro de Bruno, que está aos prantos no colo de Gael, e sou amparada por ele.

— Você está bem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele falou que tinha matado vocês dois...
— falo, entre lágrimas, ainda sem conseguir raciocinar direito, perdida entre ver se meu filho estava bem e se Gael estava inteiro, se estava ferido.

— Agora acabou... — ele me aperta, ainda mais forte, em seus braços — Acabou, neném.

Só vou entender o que ele quis dizer com “acabou” quando vejo um dos policiais declarando que Dimitrius estava morto. Vicente havia dado um tiro certo, no meio de sua testa, mas infelizmente não fora rápido o bastante impedindo que ele atirasse também.

Ouçó quando Pedro geme e largo tudo para me abaixar ao seu lado. Suas mãos, sujas de sangue, estão geladas mas, por incrível que pareça, o ar animado não o abandona nunca.

— Pê, você não vai parar nunca de me assustar? — Passo a mão em seu rosto e ele sorri, antes de franzir o cenho, numa expressão de dor.

— Dizem que antes da gente morrer temos que plantar uma árvore, escrever um livro e levar um tiro. Preciso escrever um livro, Babi...

PERIGOSAS ACHERON

— Você é muito idiota...

— A ambulância chegou. Vamos lá... — Vicente avisa, e logo os paramédicos entram na sala, já cuidando de Pedro e o levando para o hospital.

Fico sentada no mesmo lugar, o corpo ainda tentando se recuperar da descarga de adrenalina que sofrera. Gael consola Bruno, tentando acalmá-lo e lamento tanto, tanto, que ele tenha presenciado isso tudo. Por muito tempo o meu maior orgulho foi tê-lo criado sem presenciar nada do tipo e agora, em minutos, todo meu esforço havia sido em vão.

— A senhorita está bem? — Uma moça, acredito que veio com a ambulância, me pergunta e eu apenas balanço a cabeça, confirmando. Bem, bem, eu não estou. Mas vou ficar.

Como Gael disse, agora acabou.

Gael! Me sobressalto e meu olhar procura pelo dele, o vejo sentado no canto, embalando meu filho, tentando distrai-lo da confusão que se tornou a minha casa.

Ele podia ter morrido! Morreria sem saber o quanto eu gosto dele, o quanto ele me faz falta.

PERIGOSAS NACIONAIS

Será que ele voltou para cuidar de nós dois?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

A sala de espera de um hospital deve ser um dos locais menos queridos de toda a existência humana. Ficar sentado nesse local, aguardando notícias que nunca chegam, é exasperante.

Junte isso ao desespero das pessoas que aguardam notícia, e pronto, você tem um daqueles combos indesejáveis. Jordie está inconsolável desde que chegou, chorando nos braços da mãe e se culpando – sabe-se lá o porquê – pelo destino de Pedro.

Eu tentei saber, através dele, o que realmente tinha acontecido entre eles. Mas meu amigo nunca quis me dizer. O máximo que consegui tirar dele foi que Jordie sempre soube que ele a amava, e sempre o desprezou.

Ah se ele visse a mesma coisa que estou vendo agora...

“Eu sou estúpida, infantil e mimada. Qualquer coisa ruim que acontecer comigo é bem feito, mas com ele não. Não pode acontecer nada com ele...”

Da minha cadeira escuto meu filho tagarela

conversando com Gael. Desde que saímos de casa eles não desgrudaram um minuto que seja, e isso, de certa forma, me deixa feliz. Ainda que Gael não queira um relacionamento, ainda que ele nunca mais esteja livre para amar novamente uma mulher, eu sei e vi que tem amor o bastante ali pro meu filho. Não sei como será meu futuro daqui em diante, mas sei que se depender dessa família, o meu menino será muito amado.

— Você está bem? — A voz doce de Joana me traz de volta, e noto como ela ainda está ressabiada em falar comigo, quando o assunto é Dimitrius.

— Sim. Aliviada, de certa forma. Finalmente isso acabou.

— Eu não consigo acreditar que ele foi, novamente, atrás de você...

— Dimitrius era doente, Joana. — Noto quando ela puxa o ar, um pouco mais fundo, como se estivesse me recriminando. Não, na verdade ela estava, sim, me recriminando. Seguro sua mão, torcendo que ela me ouça e entenda o meu ponto de vista — Eu não estou falando isso pra que tenha pena dele, ou nada do tipo. Não. O fato de eu dizer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele era doente não quer dizer que não era culpado pelos crimes que cometeu. Mas ele precisava de um tratamento, eu acho. Ele sempre foi desse jeito, desde moleque.

Em todos os anos que passei fugindo de Dimitrius eu sempre me recordava da forma como o seu comportamento era tratado pelos demais. “Ele tem gênio forte”, “ele tem opinião,” “homem é assim mesmo” e outras imbecilidades que usam pra justificar essa masculinidade tóxica que afeta algumas pessoas. Desde novo Dimitrius foi mimado, violento, machista. Nunca aceitou ser contrariado, e nunca, nem por uma vez que eu tenha visto, tinha sido recriminado ou corrigido por causa disso. Eram sempre as mesmas desculpas esfarrapadas, todo mundo achava que ele era apenas forjado pra ser um bom líder, um grande empresário, um amante quente.

Homem com H, eles diziam.

— Talvez se o pai dele tivesse se atentado a isso, tivesse o levado a fazer um acompanhamento, as coisas teriam sido diferentes. É só isso, Joana...

— Sim, eu sei. Eu... é ruim sentir alívio? Saber que ele morreu?

PERIGOSAS ACHERON

— Se for, estamos ferradas. Porque eu não consigo sentir nada a não ser alívio.

Eu sempre me gabei de ser uma pessoa empática. O meu pai costumava dizer que eu tinha um “probleminha”, toda vez que eu tentava defender ou amenizar alguma situação. Aparentemente Dimitrius me quebrou, eu não consigo sentir empatia, não consigo lamentar. Foram tantos anos de escolhas erradas que eu não achava que seu destino seria outro que não esse mesmo.

— Família de Pedro Fontana?

Me viro em direção à voz, um médico parado entre a porta de acesso olha em volta, entre as pessoas no aguardo de notícias e, de repente, é *engolido* por uma chuva de perguntas e interjeições. O coitado mal consegue falar. Eu imagino como deve ser difícil essa família estar aqui novamente, Samuel me disse que foi nesse hospital que Mel fora trazida após o atentado, e eles tinham ficado exatamente nessa sala.

— Gente, por favor! — A voz de Gael ultrapassa a barulheira — Estamos num hospital, vamos manter o silêncio e deixar o médico falar.

— Obrigado. — O pobre homem agradece, antes de se voltar aos demais — O senhor Pedro Fontana está bem, estável. O projétil não atingiu nenhum órgão, e ele já está no quarto, a sedação já passou, inclusive.

O alívio que me toma é imenso. O ideal seria ele sequer ter sido machucado, mas com certeza Pedro vai transformar isso em um evento daqueles.

— Quando podemos vê-lo? — A pobre Jordie está tão ansiosa que eu não duvido ela se declarar para ele ainda hoje. Torço por isso, aliás. Mesmo que não dê em nada, mesmo que eles não fiquem juntos, um precisa saber dos sentimentos do outro.

— A senhorita é Bárbara? Ele pediu pra vê-la.

Trezentos pares de olhos se viram instantaneamente me olhando, e eu juro que vou mandar Pedro pro centro cirúrgico novamente.

— Vá, Babi... — a garota passa por mim, um misto de tristeza e decepção, e sua mãe sai em seu encalço. Instintivamente, eu procuro o olhar de

PERIGOSAS NACIONAIS

Gael, que tem a mesma expressão da irmã.

Sigo o médico pelos corredores, até chegarmos a um quarto da enfermaria. A outra cama está vazia, e Pedro, apesar de pálido, está parecendo animado demais pra quem acabou de levar um tiro.

— Eu me pergunto o que seria capaz de tirar o seu bom humor. Você sabe que quase morreu, não sabe? — Me sento na cadeira ao seu lado, já buscando sua mão, e seu sorriso aumenta.

— Foi um tirinho de nada. Já estou imaginando a mulherada toda empolgada me achando um herói.

— Porque me chamou primeiro, Pê? A Jordie ficou tão triste...

Seu sorriso vacila, mas seu aperto em minha mão aumenta.

— Eu te chamei antes de vocês fazerem ainda mais merda. Eu estou querendo criar um ranking do tanto de merda que você e Gael podem fazer, está bem disputado, eu devo dizer.

Fico um tempo confusa, tentando decifrar sobre o que ele está falando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gael está tentando, Babi. Hoje mais cedo fomos até o apartamento dele. Empacotar tudo, limpar aquilo...

Meu coração dispara no peito, como se fosse uma corrida de cavalos e o alerta de início houvesse sido dado. Devo ter perdido a cor também, porque senti o corpo todo gelado, trêmulo. Em expectativa...

— Ele se despediu, Babi. Da vida antiga dele... por você. Mas ele não vai te falar, não até você dar a entender que ele pode. Você pediu um espaço, e ele está dando, mas eu não entendo muito essa coisa de espaço quando se gosta. De precisar ficar longe para crescer e conquistar as coisas, quando se pode fazer isso junto.

— Eu... ele não estava pronto, Pê.

— Não estava mesmo. Mas você abriu a janelinha, Babi. Aí passou uma perninha... depois passou outra perninha...

O tom que ele fala isso soa ridículo, como se estivesse contando uma história pra alguma criança, e me faz rir.

— Tonto...

PERIGOSAS ACHERON

— ... sentou a bundinha na cama dele...

— PÁRA, PEDRO!

Nossa crise de riso cessa quando ele sente uma pontada de dor, e daqui a pouco é capaz de entrar uma enfermeira aqui e me tirar aos pontapés.

— Dimitrius não mirou em Gael, Babi. Você tinha razão em dizer que ele era doente. Caso contrário ele teria se vingado em Gael mesmo, e não ido buscar a Melissa e a Sofia. O que ele gostava mesmo era de ver a pessoa destruída.

Sei que Pedro falou um monte de coisas, mas o meu cérebro parou ainda na primeira parte. Eu o vi mirando em Gael. Assim que Bruno chamou seu nome, ele mirou e...

— Ele não mirou em Gael?

— Ele ia atirar no furacão, Babi, ele mirou na mesa. Gael pulou na frente, protegeu o menino. Era pro tiro ter sido nele, e pela posição que ele estava, abaixado com o corpo em cima do Bruno, não sei se ele sobreviveria.

— E como você foi atingido? — tento relembrar a cena, mas minha mente continua uma confusão, só recordando dos estampidos —
PERIGOSAS ACHERON

Consegue se lembrar?

— Foi muito rápido. Eu acho que quando ele levou o tiro, perdeu o foco da arma e ela disparou em qualquer lugar. Acabou acertando em mim.

Dimitrius conseguia ser pior do que a mais baixa percepção de ser humano que eu tinha. Sua vontade de ferir aqueles que não cediam aos seus desejos era tamanha que ele não se importava em machucar outras pessoas inocentes, apenas buscando atingir seus objetivos. Da mesma forma como ele não se importou em ferir Melissa, somente querendo ver Gael afundar ainda em vida, ele não se importaria em ferir Bruno. Desde que isso fizesse com que Gael voltasse ao seu estado de luto eterno.

Doente. Tenho até pena de Satanás, vai perder o trono.

— Vai lá falar com ele. Dar abertura, talvez. E não vem com esse papo de estar pronto, porque estamos falando de relacionamento, não de almoço! E eu estou ainda em jejum...

— Não se preocupe, Pê. Daqui a pouco

chega alguma comida ruim e sem gosto...

Saio do quarto rindo quando ele me acerta o travesseiro, bem na hora em que uma enfermeira estava entrando no quarto. Não haviam passado nem duas horas que ele estava nessa ala, a maior parte dela ainda sedado, e já tinha conquistado toda a parte feminina dela.

Quando volto à sala de visitas, ela está quase vazia. Apenas Alessandro continua sentado, com Bruno dormindo em seu colo.

— Cadê todo mundo?

— Ah... por aí. — Ele bate a mão no banco, ao seu lado, enquanto arruma o corpo ajeitando Bruno que, apesar de ser pequeno para colo tão grande, está todo desconjuntado. — Jordie quis ir embora e Joana foi atrás dela, tentando trazê-la de volta. Estão na lanchonete, comendo alguma coisinha. Já, já elas voltam.

Eu sinto quando ele dá uma pausa, talvez esperando ver se eu vou perguntar daquela outra pessoa, mas eu me mantenho calada, em expectativa.

— Samuel tinha que voltar pro trabalho, e o

Vicente foi jantar com sua patroa...

— Malu não é minha patroa, o amigo dela quem é... – corrijo.

— Vocês jovens pensam que enganam a gente. Não dou muito tempo pra ela estar de volta ao Brasil, duvido que ela consiga ficar nesse vai-e-volta.

Malu mora na Escócia, e conheceu Vicente quando veio passar um mês aqui no Brasil. Se apaixonaram perdidamente, mas cada um tem sua vida em seu respectivo país. Ele tem uma investigação de dez anos para terminar por aqui, e ela tem uma pousada pra administrar por lá. Assim como Alessandro eu não sei, também, como eles conseguem ficar junto estando tão longe.

— E Gael foi embora... – ele completa, ao ver que eu não iria perguntar – Disse que voltaria mais tarde e falaria com Pedro.

— Onde ele foi, Alessandro? – Pergunto, torcendo que ele me dê a localização e eu possa finalmente resolver isso, de uma vez por todas. Mas o olhar que ele me devolve é um lamento só.

— Não sei, bambina. Acho que ele pensa

PERIGOSAS NACIONAIS

que você e Pedro se acertaram. Igual essa outra tonta aí atrás...

Me viro encarando Jordie, que havia voltado com a mãe e estava me olhando furiosa. Bem, talvez não furiosa, mas amistosa também não era.

— Eu já estou bem cansada da burrice dos irmãos Prieto, se vocês me permitem dizer — aponto diretamente pra Joana, e depois Alessandro — Vocês podem ser professores, mas criaram dois burros, estúpidos e cegos!

O meu rompante chama a atenção, porque os três paralisam, os olhos arregalados, talvez sem entender direito o que tinha acontecido.

— Explique... — Jordie tenta manter a pose arrogante, mas agora que a conheço melhor vejo que é realmente só fachada. Como se fosse uma capa de proteção, só me escapa DO QUE ela estaria se protegendo.

— Eu e Pedro nunca teríamos nada, Jordie. Já seria o suficiente por eu não querer, eu *amo* o Pedro, — friso bem o sentimento, a olhando bem firme e vejo quando ela balança, mesmo eu já tendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começado dizendo que nada aconteceria – mas amo como um amigo. Ele é um amigo querido que eu pretendo levar pra vida, mas é apenas isso.

Suspiro, ainda a encarando, esperando para ver se ela argumentaria de alguma forma. O que não acontece, então eu continuo.

— E ainda tem a parte de Pedro. Que nunca ficaria comigo. Ele ama demais vocês para se permitir qualquer sentimento que os magoe. Ele nunca magoaria Gael deliberadamente. E nunca magoaria você deliberadamente. E me deixa puta ver que vocês dois não reconhecem isso.

— Não me magoaria? – Oh, aparentemente de tudo o que eu disse, ela entendeu apenas isso.

— Você é idiota, Jordie. Agora eu não sou mais sua funcionária e posso te dizer isso sem temer ser demitida. Vá conversar com o Pedro e pare de arrumar confusão. E de ficar jogando álcool na fogueira do Gael, ele já é estourado o bastante sem precisar de ajuda.

Eu poderia ter jogado tudo na cara dela aqui e agora, adoraria ver sua expressão ao saber que, assim como ela, Pedro também mataria e morreria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por seu amor. Mas não é algo meu pra contar, se alguém tem que fazê-lo é aquele tonto hospitalizado.

Joana parece ter gostado muito do que eu falei, a expressão que ela me lança é de puro deleite. Me recordo de quando ela disse que “pais sempre sabem” e agora tenho certeza que ela sempre soube que esses dois idiotas se gostam.

Queria saber mais sobre essa história, e poder jogar na cara do Pedro de volta os conselhos que ele me deu. Bestão.



Gael

É engraçado como algumas coisas são... há cerca de quatro anos eu me via fazendo um caminho parecido com esse. Tinha saído da mesma PERIGOSAS ACHERON

sala de espera da emergência, decidido a andar pra aliviar o peito, ou qualquer coisa do tipo. E aqui estou eu de novo, mais uma vez gastando sola de sapato para tentar me livrar da angústia que uma determinada situação me traz.

Hoje o dia foi complicado demais. Reviver todas aquelas emoções, tanto no cemitério quando no meu apartamento, já seria desgastante o suficiente. Mas saber que Babi e Bruno corriam perigo foi enlouquecedor.

Foi engraçado saber que eu estava sendo monitorado pela Polícia Federal, e que Vicente não tinha me dito absolutamente nada a respeito. Obviamente ele sabia que Dimitrius voltaria, ainda mais depois de perder tudo o que ele prezava. Eu também sabia, só não me preparei pra isso. Era tanta coisa na cabeça que simplesmente... não lembrei.

Por sorte Vicente lembrou. Não só de mim como de Babi, também. O fato dela morar num prédio que havia sido de Adrian a deixou ainda mais vulnerável, porque Dimitrius tinha passagem liberada na portaria. Ao ser alertado que ele estava na região, o delegado não pensou duas vezes e me

procurou, garantindo que esse problema acabaria hoje.

Seguimos junto com ele, Pedro e eu, porque eu não perderia esse canalha sendo preso, de jeito algum. Mil promessas de não me meter, de não atrapalhar, de tomar cuidado foram feitas, seria tudo muito tranquilo. Ele entraria, daria voz de prisão, levariam Dimitrius até a delegacia... tudo dentro dos conformes. Estávamos preparando os coletes, que eles nos forneceriam antes de entrar no apartamento, quando começamos a ouvir gritos e aí ninguém mais me segurou. Tínhamos que entrar, sequer esperei um dos policiais abrir a porta, eu mesmo a escancarei... e estaquei logo em seguida.

Ver Dimitrius encurralando Babi, com uma arma apontada pra ela, foi surreal, para dizer o mínimo. Eu teria me jogado em cima dele – e morrido no processo, aposto – se não tivesse mantido o sangue frio entre ver a cena, e Vicente dar-lhe a ordem de soltar a arma. Nenhum movimento em falso seria perdoado naquela hora, mas você não tem controle, numa situação dessas, sobre uma criança de quatro anos.

Quando Bruno me viu, os seus olhos eram

esperançosos, ele estava assustado mas ficou realmente aliviado ao ver gente conhecida dele ali, que ajudaria sua mãe. O alívio dele, ao meu ver, era o mesmo que o meu, ao vê-lo inteiro e bem. Mas o alívio só durou até Dimitrius notar que o garoto me chamava, de braços levantados esperando que eu fosse até ele, e mirar no menino. Ele era tão psicótico que não hesitaria matar seu próprio filho se isso lhe servisse de alguma coisa.

Eu não podia aceitar isso. Não podia deixá-lo machucar o meu menino. Fiquei tão apavorado que eu só pulei e fiquei lá, esperando que algo me atingisse e quando não aconteceu, me desesperei achando que tinha sido tarde demais, que eu tinha pulado tarde demais, que eu tinha, novamente, perdido meu coração.

Eu morreria de verdade dessa vez.

Suspiro, já cansado de andar, e me sento em um banco, numa praça tranquila. A noite acabara de cair, a temperatura está fresca e o local está relativamente vazio. Posso ver uma criança correndo atrás de um cachorro de um lado, um casal de namorados do outro, e uma senhora que está andando em volta da praça, como se estivesse

perdida, disputando corrida com sua própria mente.

Conheço bem esse sentimento, corri muito, foram quatro anos correndo em busca de um alívio. E o único alívio que eu busco agora, parece longe de me alcançar.

Puxo o celular do bolso e levanto a tela, que se acende mostrando a foto de fundo. Tirei essa foto a última vez que fui buscar Babi na São Prieto, o furacão estava impossível esse dia, contando suas aventuras na aula de culinária. Ela sentou-se no banco que fica em frente a uma das várias árvores plantadas logo na entrada do colégio, rindo solta de tudo o que o filho contava. Seu sorriso era tão aberto, tão lindo, que eu precisei fotografar. E depois que tudo acabou, era o que iluminava os meus dias.

— Bonita moça... — dou um pulo sentado, estava tão absorto que mal vi a mulher se aproximar. A mesma mulher que estava dando voltas ininterruptas na praça.

— Sim, ela é... — Guardo o celular no bolso novamente, e paro para prestar atenção na mulher. Ela deve estar tendo um dia difícil. As bolsas, em baixo dos olhos, entregam que ela deve ter chorado

PERIGOSAS ACHERON

bastante. Mas o nariz vermelho e os lábios inchados também fazem um bom trabalho de dedo-duro. A postura derrotista também fala muito sobre a mulher, e eu subitamente me pego interessado no que teria deixado-a tão mal – A senhora está bem?

— Está bem na cara, não é? – Ela sorri, fraco, e eu apenas dou de ombro. Não quero que ela pense que eu estou, de forma alguma, desdenhando do que seja lá for o seu problema.

— Eu já tive dias bem ruins mesmo, senhora. Não sei o que aconteceu, mas as vezes desabafar faz bem...

— Eu venho desabafando por três anos já, meu filho. Falar não vem ajudando.

— Sinto muito – sou sincero – Às vezes falar não resolve bosta nenhuma mesmo. Mas se quiser soltar os cachorros, eu escuto. Estou acostumado.

Ela sorri um pouco mais aberto, dessa vez. Ainda não alcança os olhos, mas já é alguma coisa.

— Eu sei que assim que eu falar você vai embora. Parece um bom moço, de família, não vai querer perder tempo com gente da minha laia.

— acredite em mim, senhora... nem todo mundo que parece de família é confiável... — meneio a cabeça, incentivando-a.

— Meu filho está preso, meu rapaz. Ele tem vinte e dois anos, e foi preso aos dezenove, em uma dessas manifestações que ocorreram contra o governo. Ele estava carregando um vidro de desinfetante, e foi apreendido.

— Desinfetante? Numa manifestação? Porque?

O olhar da mulher caiu um pouco, como se soubesse que tinha me perdido já nessa parte da história. Mas eu, realmente, só queria entender.

— Ele não estava na manifestação. Ele estava indo levar um vidro de desinfetante na casa da prima, moramos em uma comunidade próxima ao local onde estava tendo essa passeata. Eu pedi para ele levar pra mim, estava ocupada com os afazeres de casa. É tanta coisa, sabe, moço?

“Moço...”

— Estava tendo alguma bagunça por lá, não sei. Alguns jovens foram presos, e meu menino foi pego no meio da confusão. Eles acharam que o

líquido seria usado pra fazer bomba caseira.

— Certo. E o que mais aconteceu?

— Aconteceu que meu filho é preto e mora em comunidade. Não teve advogado de partido político interessado no caso dele. Não teve grupo de internet fazendo campanha. Ele só tinha uma mãe desesperada, sem conhecimento das leis e sem dinheiro nenhum.

— Ele não teve um julgamento? — Aquele bichinho que me levou a fazer direito anos atrás começa a pulsar, sem que eu tenha controle.

— Teve, sim. Ele foi condenado por porte de objeto incendiário. Acho que é assim que eles chamam. Há três anos que eu tento provar que ele é inocente, ou ao menos trazê-lo pro semiaberto, mas não consigo.

— Quem é o advogado do seu filho? — Pergunto, já achando absurdo terem condenado o menino somente por isso.

— É defensor público. Não é má pessoa, nem incompetente, mas está todo atolado de trabalho, então... a gente nunca espera precisar dessas coisas, sabe? — A mulher se encolhe, como

se jogasse para si a culpa de não poder pagar um advogado para o seu filho.

E assim como ela, muita gente sofre na dependência da defensoria pública, que por sua vez sofre com o excesso de trabalho, sobrecarregados e mal pagos.

Nas últimas semanas eu venho me perguntando se eu poderia voltar a exercer o Direito. Essa sempre foi a minha vocação, sempre foi o que eu quis fazer. Babi havia acendido a fagulha, novamente, e agora as labaredas parecem ter aumentado.

— Eu sou advogado, senhora. Talvez eu possa ajudar...

Os olhos da mulher dobram de tamanho, assim como sua postura corcunda muda um pouco, conforme ela endireita o corpo ao me olhar.

— Eu não vou ter como pagar o senhor.

— Não precisa. Vamos colocar assim: a senhora precisa do que eu tenho, e eu preciso do que a senhora tem. Faremos uma troca, que tal?

Posso ver quando lágrimas escorrem em seu rosto marcado, mas dessa vez, elas parecem de

PERIGOSAS ACHERON

alívio.



— Gael! Garoto, quanto tempo...

— Marcos, tudo bem? – Pulo uma das caixas de papelão espalhadas em meu quarto, já todas preparadas pra serem levadas até a casa de meus pais amanhã cedo, e vou em direção à lavanderia. O calor anda insuportável esses dias – Quanto tempo...

— Fiquei bem surpreso por você ter me ligado. Já faz um tempo mesmo...

— Sim. Eu andei meio... difícil. – Ouço a gargalhada do outro lado, já sabendo o que virá de volta.

— Meu amigo, você nunca foi fácil. – A voz abaixa um pouco, conforme o assunto entra num ponto sombrio pra ambos – Vi no noticiário agora há pouco. Finalmente, hein?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estava na hora. Os federais te procuraram?

— Você não sabe o prazer que eu tive em falar com eles. Foi lindo. Mas, me fala meu querido... não foi para ouvir minha bela voz rouca que você me ligou.

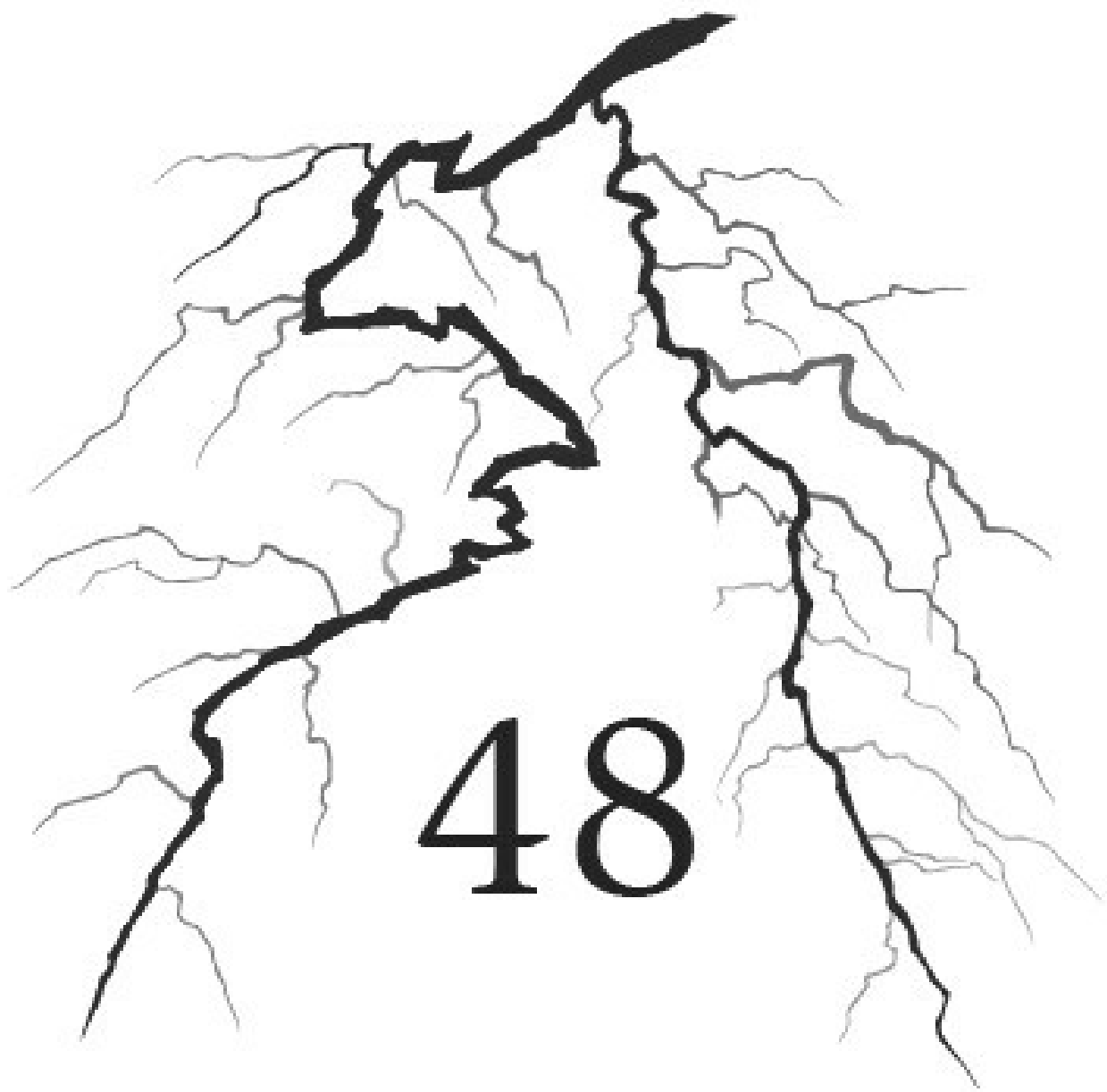
— Até porque ela não é rouca, é bem fina, diga-se de passagem... — gargalho — Me diga uma coisa, você ainda faz pro bono²⁰?

— Nunca parei de fazer. Tem um caso pra mim?

— Não. Tenho um caso pra mim...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

Eu sempre me gabei de ser uma pessoa decidida. Claro que eu vivia com medo, era natural isso, mas nunca fui uma garota cheia de não-me-toques. E me orgulhava disso. Por isso estranho tanto ser essa pessoa parada na esquina, encostada num poste de luz, indecisa entre seguir adiante ou voltar atrás.

Sai de casa bem cedo, aproveitando que Joana tinha se oferecido pra cuidar de Bruno ontem à noite, e vim até a casa de Gael. Eu havia passado um bom tempo no hospital, fazendo companhia a Pedro mas no fundo tinha a esperança dele voltar, conforme Alessandro tinha dito que faria. Bem, isso não aconteceu. E precisamos conversar, não quero adiar mais.

Só que eu tenho muito medo. Dele me dizer que não é o que ele quer. Que *eu* não sou mais o que ele quer.

Chacoalho a cabeça, afastando os pensamentos, e olho novamente em direção ao depósito. Já estava aqui, plantada, quando o português levantou as grossas portas de ferro, ficava fitando a escada pensando que talvez eu

veria Gael chegando pra trabalhar. Mas isso já faz algum tempo, um longo tempo, e ele não apareceu.

Puxo o ar, tentando buscar um pouco de coragem junto com ele, e sigo em direção ao estabelecimento. Sequer preciso entrar, logo sou interpelada pelo português bonachão, que estava saindo com o que me parece um mostruário de PVC de algum produto que ele vende aqui.

— Ah, olá... eu conheço você, não?

— Sim, bom dia. Eu sou a Bárbara... estou procurando o Gael?

— Olha, eu não sei quando ele vai aparecer aqui. Ele está de mudança, e não trabalha mais aqui.

— Ah... — fico sem saber o que dizer, e principalmente sem saber onde procura-lo. Ele está de mudança e se ele fosse mudar para a casa de seus pais, acredito que Joana teria me dito — Obrigada, então. Bom, caso ele apareça, só... diga que eu vim, tudo bem?

— Pode deixar, eu aviso.

Apenas aceno, e saio, indo em direção ao ponto de ônibus. Perdida, sem saber o que fazer. Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha tudo esquematizado na minha cabeça, fui praticamente uma youtuber criando um vídeo na minha cabeça de como tudo seria... o que eu iria dizer, o que ele responderia. Nosso sexo de reconciliação naquele banheiro apertado. Eu tinha gostado do resultado, e agora nem lá ele mora mais...

Pego o primeiro ônibus que passa, sento em um dos bancos perto da porta de saída, olhando a paisagem pela janela sem realmente enxergar muita coisa. A minha vida estava começando agora, e dessa vez sem a sombra ridícula de Dimitrius pra me atrapalhar. Eu tinha um emprego, tinha uma casa, poderia finalmente cursar faculdade. Teria chances de viajar pelo mundo, como eu sempre quis. Soa injusto demais eu conquistar tudo isso e não ter Gael dividindo isso comigo.

Vejo pela janela a estrutura do shopping se aproximando, e resolvo descer. Dou o sinal, distraída, e mal vejo que estou um ponto adiantada. Eu ia avisar ao cobrador, mas a cara dele de poucos amigos me convenceu a descer ali mesmo e seguir a pé. Já passei por muita merda, não vai ser uma... três quadras que vão me derrubar. Eu espero.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O ar condicionado dos corredores é bem providencial. Eu não esperava esse calor infernal, nem vestida pra isso eu estava. Eu tinha saído tão cedo de casa que estava com uma malha de linha, quente como o diabo, e um par de jeans. E salto alto, deixando tudo ainda mais divertido. Acha exagero meu? Ande três quadras e meia com um salto desse tamanho, e depois me diga.

Olho em volta, ainda é cedo e o shopping mal abriu. Algumas lojas ainda estão fechadas, funcionários vão e vem, cada um seguindo o seu destino, e eu sigo caminhando pelos corredores, os pés me guiando sem direção específica. Eu nem consigo sentir cansaço, apesar de saber que quando eu sentar, meus pés irão me cobrar a taxa extra.

Quando menos espero, estou em frente ao PlayPark. Meus pés nem esperaram eu me sentar, decidiram me dar uma lição guiando-me até aqui, só pra me ver sofrer. Uma saudade desmedida me toma em cheio, por lembrar daquela tarde de Domingo. Gael ainda era meu Senhor Tempestade, tão quebrado que mal conseguia sorrir. Merda, se ele conseguisse falar, seria muito. E aqui ele sorriu, brincou, e deixou um pouco de lado aquele peso

PERIGOSAS ACHERON

que carregava. Esse seria um dos muitos dias em que eu sempre me lembraria com carinho.

— Babi?

Me viro em direção a voz, imaginando que talvez seja minha cabeça me pregando peças, e me deparo com Gael na minha frente. Lindo, carregando uma sacola e um ponto de interrogação imaginário no alto da cabeça. E eu poderia nesse momento correr até ele e me jogar em seus braços. Poderia, mas não faço.

— Oi... – minhas pernas ficam bambas e eu chego a olhar pros lados, procurando um banco onde possa sentar. Mas não encontro nenhum.

— Tudo bem? – Ele parece tão surpreso quanto eu. Se for ver bem, quais seriam as chances de nos encontrarmos aqui, num horário totalmente aleatório, e longe de casa?

— Tudo... – aponto as sacolas – Foi fazer compras?

— Precisava de um novo terno, e algumas camisas... – ao ver minha expressão surpresa, ele explica – Começo no escritório na segunda-feira.

Naquela confusão toda de ontem eu não tive
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

oportunidade de *reparar* em Gael. Não o via desde que ele saíra da casa de Pedro, semanas atrás, dizendo que iria me dar o tempo que eu tinha pedido. E se aquele Gael já pouco lembrava o moço que eu conhecera na recepção da São Prieto, esse de agora não parece em nada. Ele realmente parece outra pessoa...

— Vai voltar a advogar... – sorrio, feliz – Que bom, Gael. Eu vi como você age, enquanto trabalha. Você nasceu pra isso.

Eu gostaria de ser uma mosca para saber o que ele está pensando. Bem, eu imagino que ele esteja pensando alguma coisa, porque está esquadrinhando meu rosto, como se tentasse me ler de alguma forma. E então eu me lembro do que Pedro me disse: esperando um sinal. Ele está esperando um sinal meu.

— Você tem um tempo para um café? – Sorrio – Esse sapato realmente está me matando, eu queria sentar um pouquinho...

O sorriso que ele abre é devastador. Meu coração fica até pequeno para tanto amor que eu sinto por esse homem...

PERIGOSAS ACHERON

— Tenho tempo até pra dois... — prendo a respiração quando ele coloca a mão na base da minha cintura. Ele o fez para me guiar até o café mais perto, sei disso, mas senti-lo assim tão perto me faz ter siricuticos²¹.

Sem cerimônia alguma eu me sento e tiro os sapatos, pisando no chão frio e fechando os olhos, apreciando o alívio que é estar descalça. Preciso me lembrar de jogar esses sapatos fora, de nada adianta serem tão bonitos. Quando eu abro os olhos, Gael sustenta uma expressão divertida.

— Tá bom, aí? — ele faz um movimento rápido com a cabeça, apontando pra baixo da mesa.

— Desculpa... meus pés estavam realmente me matando — conto a ele a saga do ponto de ônibus, me sentindo bem só em poder dividir esse tipo de coisa com ele novamente.

— Só você mesma pra sair a essa hora da manhã com um salto tão alto e um solado tão fino.

E então chega a hora de parar de joguinhos. Eu nem gosto disso, na verdade, sempre fui bem direta em tudo o que eu quis. Tampouco posso me esquecer que nos separamos também porque eu

PERIGOSAS NACIONAIS

escondi coisas dele, e corri o tempo todo evitando uma aproximação.

— Eu estava com pressa... fui até sua casa. Quer dizer, sua antiga casa.

— Você foi até o depósito? Quando?

— Amanheci lá na porta. Vi quando Joaquim abriu o depósito, achei que ia te encontrar descendo pra trabalhar...

Sorriso, me achando realmente boba por ter feito isso, e comemoro ao ver aquele sorriso lindo, torto, brincando nos lábios dele.

— Joaquim me mandou embora logo que você voltou. Ele sabia que eu seria seu advogado, então nem me deixou voltar pro meu trabalho...

— Credo. Como você se virou esse tempo todo? – ele dá de ombros

— Tenho algum dinheiro guardado, não foi grande coisa. Não sou esbanjador.

— E além de te mandar embora, ele pediu a casa de volta?

— Não, essa é por minha conta mesmo. Acho que estava na hora de sair daquela casa.

PERIGOSAS ACHERON

— Vai voltar pro seu apartamento antigo...
— sinto um aperto no peito, novamente essa besteira de sentir ciúmes de Sofia, mas não consigo controlar. Ele me dá um sorriso lindo, antes de responder.

— Não, esse vai ser vendido. Eu estive lá ontem, limpei tudo, enfim... Vou pra casa dos meus pais.

— ELES SABEM? — minha voz sai mais alta que o necessário, mas imaginar que aqueles tratantes poderiam saber e não me falaram nada me irrita um bocadinho.

— Eles convidaram. Vão saber que eu aceitei quando chegar lá. — Gael busca a minha mão, por cima da mesa, e entrelaça nossos dedos. A essa altura, meu peito já está doendo tal a velocidade que meu coração está batendo. É uma miríade de sentimentos que eu não consigo controlar. Amor, saudades, vontade, curiosidade — E você? Como está?

Entendo que ele quer falar de ontem, e por mais que eu não tenha um pinga de vontade de conversar sobre Dimitrius, é outro assunto que eu preciso deixar pra trás.

— Agora estou bem. Nem posso acreditar que finalmente eu posso respirar tranquila, sabe? Quando ele ontem... ele me falou que tinha matado você. Eu fiquei tão assustada... porque ele era o tipo de pessoa que *realmente* faria isso. Eu não duvidei por um minuto que pudesse ser mentira.

— Ele mataria o Bruno. – seu olhar escurece, e seu maxilar faz um movimento duro, acompanhando a sobrancelha que se junta numa careta de pura raiva – O próprio filho...

— Você o salvou...

— Não... – a expressão suaviza, ele sorri novamente, o polegar passa a fazer um carinho em minha mão – ele me salvou. Vocês me salvaram, Babi.

— Ele enfrentou Dimitrius. – relembro o acesso que Bruno teve, nervoso, irritado, e chamando Gael de pai – Por você. Foi por isso que Dimi explodiu daquele jeito. Ele queria que Bruno o chamasse de pai, e ele se recusou. Não quis...

— O menino é esperto, sabia o traste que era aquele cara. Felizmente agora acabou.

— Porque você foi embora ontem? – seguro

sua mão com força, querendo impedir que ele fuja e não responda, sem nem me tocar que ele mal se mexeu – Eu pensei que você voltaria pra falar com o Pedro.

— Eu precisava pensar, Babi. Foi um dia muito intenso, desde cedo... quando a adrenalina baixou, eu precisava espairecer. Mas foi bom, por causa dessa espairecida eu conheci alguém.

Foi automático. Ele falou isso e eu puxei a mão, e se estivesse de sapatos teria saído correndo. E Gael é tão ridículo que ainda fica rindo.

— Tá rindo do que, palhaço?

— De você, me imitando... – o sorriso aumenta e eu tenho vontade de jogar o café que eu sequer bebi na cabeça dele – Pode terminar de ouvir primeiro? Até onde eu sei, quem surta primeiro e ouve depois nessa relação, sou eu.

Ele então me conta do encontro que teve com uma senhora, que estava triste e desabafou com ele. E essa conversa o fez entender que ele poderia voltar a advogar, dessa vez favorecendo pessoas que não poderiam pagar por um advogado. E que ficou até tarde conversando com Marcos, seu

ex-quase-sócio, organizando sua volta ao escritório onde ele trabalhou sua vida inteira.

Obvio que eu me sinto ridícula por ter ficado com ciúmes antes, mas não sou eu quem vou assumir isso aqui.

— Sua vida então está voltando pro lugar...

— Sim, está... só falta mesmo uma coisa.



Gael

Eu não esperava encontrar Babi aqui no shopping. A minha intenção era descarregar meu carro na casa da minha mãe e ir até ela mais tarde, mas encontra-la aqui tinha sido perfeito.

É incrível como a vida pode ser madrasta,
PERIGOSAS ACHERON

mas ao mesmo tempo pode ser mãe. Um dia difícil pode terminar sendo excelente, mas eu tenho noção de que se eu ainda fosse aquele cara sótno, teria perdido a chance. Aquela cara nunca iria parar pra ouvir uma senhora triste em uma praça a noite.

Mas aquele cara não existe mais, felizmente, e essa menina precisa saber disso. E precisa saber que ele não existe mais porque ela não merecia ele, e ela é tudo o que eu quero.

— Me falta você, Babi.

Me pego lamentando ter uma mesa entre nós, mas minha mão na dela vai ter que bastar. E deve ter bastado, porque a menina solta o ar, que estava prendendo, e desembesta a falar, acredito que tudo o que estava preso na garganta desde então.

— Eu senti tanto a sua falta, Gael. Tanto que haviam dias em que eu queria largar tudo e correr até você. Eu sei que fui eu quem te pedi pra ir embora, eu estava assustada e magoada...

— Você fez o certo. Eu realmente não estava pronto e aquela nossa conversa me fez ver isso. Eu sou todo errado, neném. Mesmo antes de

tudo acontecer, quando era casado... eu era todo torto. E não vou dizer que já sou um sujeito iluminado, que achou a redenção e deixou de ser um babaca, mas... estou melhorando. Só tenha em mente que eu ainda sou todo errado. – ela balança a cabeça, negando, toda fofa – Eu sou. Mal sabe você como me abriu os olhos. As vezes a gente erra sem querer, sem nem perceber que está fazendo merda. Machuca as pessoas, porque é egoísta demais.

“Eu devia ter ouvido você. Mas estava inseguro, talvez por não achar que não merecia nada de bom, eu acreditava que te perderia no minuto seguinte. E isso refletiu na forma como eu agia.”

— Nos seus ciúmes... – ela sorri, achando graça.

— Na terapia, porque sim, estou fazendo terapia... – sorrio de volta – eu estou aprendendo a identificar essas coisas. A não ser um ciumento patológico, porque isso me transformaria num doente. Talvez por eu nunca ter sentido ciúmes antes, eu não sabia lidar com isso...

— Mas você ainda tem ciúmes. Seu pai disse que saiu ontem do hospital por causa disso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não foi por isso, eu entendi o que você disse sobre o Pedro. Eu fui bem cego quanto a ele, também. Mas... sim, eu tenho ciúmes. Não vou mentir não.

— Eu também tenho ciúmes, Gael. E, no meu caso, é bem mais ridículo, porque eu tenho ciúmes da Sofia. Quem, em sã consciência, tem ciúmes de alguém que nem está aqui?

— Isso também é culpa minha. Eu alimentei isso em você, Babi. Me recusando a seguir em frente, a largar meu passado, carregando as alianças comigo, usando-as como uma muleta.

Seus olhos passam a vagar pelo meu pescoço, pela camiseta, procurando por alguma coisa, que não é tão difícil de saber o que seria. Eu entendi que, no momento em que tinha colocado a aliança de volta, estava assinalando que nosso caso estava terminado. Pra ela, aquela aliança seria sempre um pesadelo.

— Eu não ando mais com elas... – puxo a gola da camisa, assim ela pode ver que o pescoço está livre de qualquer correntinha – devolvi ontem pra Sofia.

PERIGOSAS ACHERON

— Co-como assim, devolveu?

— Eu fui ontem ao cemitério. Nunca tinha ido... sei lá, precisava me despedir delas. Eu deixei a correntinha lá, acho que fazia sentido. Na minha cabeça fez sentido, ao menos.

Eu já devia estar acostumado com os rompantes de Bárbara. Mas ela sempre me surpreende. Em um minuto ela estava sentada, com os olhos brilhando, na cadeira à minha frente. No outro estava pulando no meu colo, em um abraço que eu esperei pelo que parecia uma eternidade.

— Não acredito que você tirou...

— Eu realmente tinha planejado contar isso tudo de outra forma, Babi. Mas não seríamos você e eu se as coisas fossem planejadas, certo? — me arrumo na pequena cadeira do café, sabendo que as pessoas ao redor já estão nos olhando, e levo minhas mãos ao seu rosto, não quero que ela não desvie o olhar um minuto sequer. Preciso ver todas as suas reações — Eu estou inteiro aqui. Todo seu, neném. Vim cuidar de vocês. Eu te amo, Babi.

Ela não desvia o olhar, e é lindo. O brilho que eles têm. As lágrimas que estavam ali, na

beiradinha, abrindo espaço. A respiração irregular, de quem está segurando o choro. O queixinho tremendo. Porra, que saudades eu estava desse queixo atrevido.

— Eu amo você, neném... — repito, não quero nenhuma dúvida quanto a isso. Vejo seus olhos brilhando, lindos demais, então a trago pra um beijo.

Eu poderia lembrar do nosso primeiro beijo. Aquela coisa louca, na sala da casa dela, quando parecia que um imã estava me puxando. Ou quando eu me rendi, na porta da minha cozinha, totalmente inebriado pelo seu perfume, apavorado em pensar que ela poderia ir embora e nunca mais olhar na minha cara novamente. Ou até mesmo os vários beijos que trocamos depois, desde os inocentes até os dados em meio a nossa loucura. Poderia, mas nenhum deles chega sequer perto desse. Esse beijo tem gosto de volta ao lar, ao mesmo tempo que seu sabor é de novidade. De liberdade. De preenchimento.

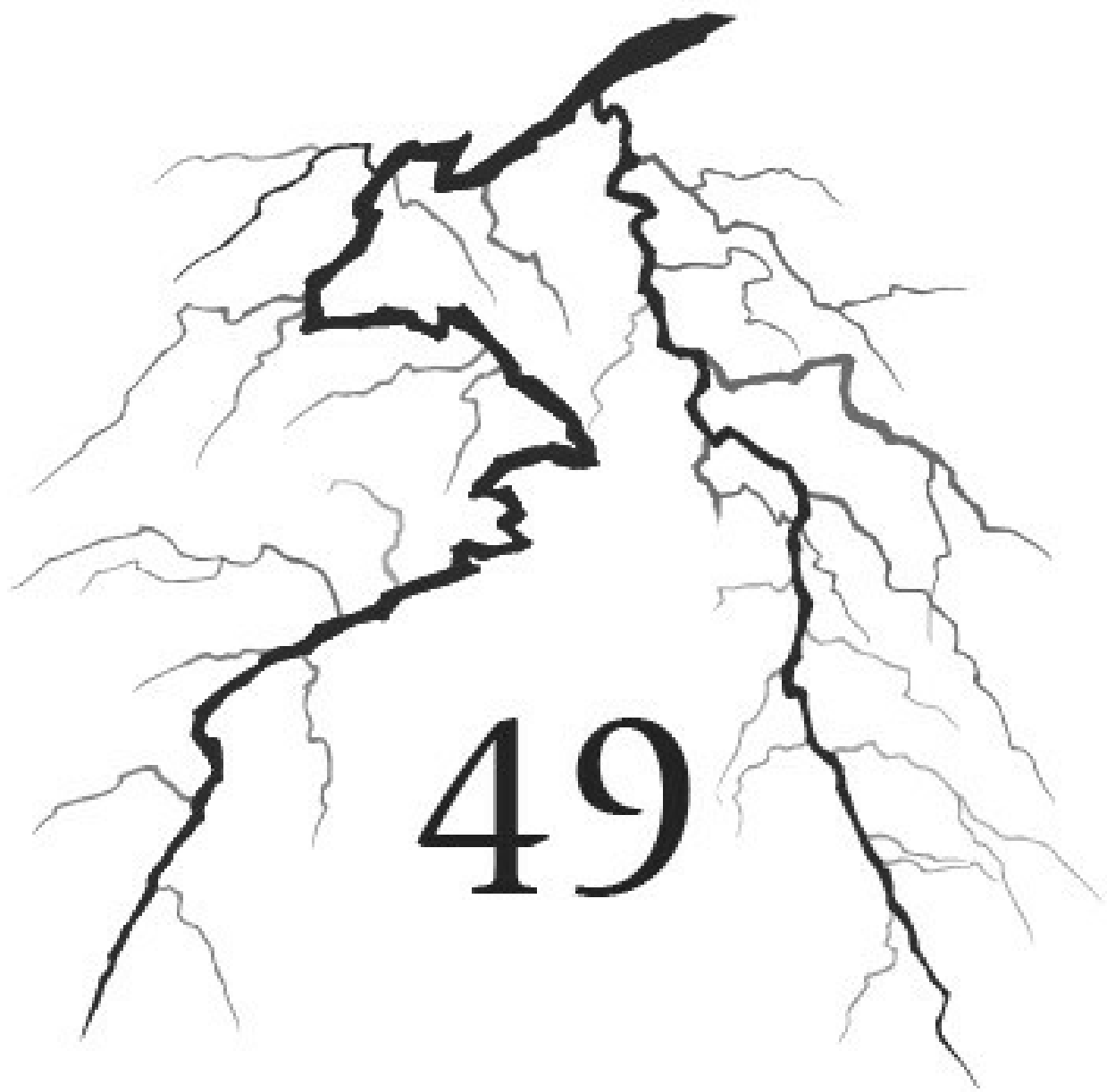
Passo a língua em seus lábios, buscando seu gosto, bebendo sua saliva, sugando sua boca como um maluco desesperado. Acho que nem cem beijos

desse vão ser suficientes para matar toda a saudade que eu tinha dessa boca.

Um barulho de talher caindo em algum lugar nos traz de volta, e não posso esquecer que estamos no shopping, na praça de alimentação. Não posso, mas bem que mal me lembrava disso. Mantenho minha testa encostada na dela, os olhos fechados, ainda tentando voltar ao normal. E quando os abro, posso ver aquele sorriso lindo de novo.

— Eu amo você, moço...

PERIGOSAS NACIONAIS



Babi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nesses últimos meses eu tenho aprendido várias coisas. Por exemplo, aprendi que a vida dá voltas, e por diversas vezes ela vai acabar parando no mesmo lugar, permitindo que você tenha oportunidade de consertar algo que deixou pendente lá atrás. Também aprendi que devemos sempre valorizar as pessoas que amamos, porque nunca sabemos quando elas irão embora e nunca mais voltarão.

Aprendi que as pessoas podem estragar alguém por tanto amor. Mas também aprendi que o amor cura. Aprendi que nem tudo nessa vida tem solução, mas isso não quer dizer que temos que ficar presos numa conta matemática infinita quando existem várias outras matérias tão satisfatórias quanto.

Aprendi a nunca sair de casa calçando o sapato errado. Aprendi a nunca abrir a porta sem olhar quem está batendo. Aprendi a fazer lasanha sem passar vergonha.

Mas a melhor coisa foi ter aprendido – bom, ao menos nesse momento – a subir escada correndo, atracada com outro ser humano, sem sair

PERIGOSAS ACHERON

rolando.

Saímos do shopping correndo, porque com certeza não ia demorar muito até vir um segurança e nos passar um pito daqueles, no mínimo. Eu me sentia uma adolescente, puxando-o pelos corredores do shopping, rindo alto cada vez que alguém nos olhava como se tivéssemos algum probleminha.

Quando alcançamos seu carro, não tínhamos ideia de onde ir. O apartamento que eu vivia, depois do dia de ontem, era sem condições. A sua casa não era mais sua. E a casa dos seus pais, bem... do jeito que os Prieto são, bem capaz de entrarem todos no quarto, com pompons, pra comemorar.

Não precisamos pensar muito, na verdade. Uma olhada um pouco além do estacionamento do shopping e vimos uma placa escrito “MOTEL”. Vou te falar, eu não tenho muita experiência com motel barato, e acredito que Gael também não tenha, mas naquele exato momento tudo o que a gente precisava era uma cama. Quatro paredes e uma cama.

Quem eu quero enganar? Um lençol no

PERIGOSAS ACHERON

chão já resolveria, desde que tivessem quatro paredes ao redor.

Quando ele estacionou o carro na vaga privativa da suíte, e abaixou a porta eletrônica que nos dava privacidade, eu já estava facilitando a minha vida tirando o sapato horroroso dos pés e saindo do carro, com uma pressa que não era minha. E então notei que o acesso ao quarto passava por uma escada, estreita, de uns oito degraus mais ou menos.

Me virei, divertida, pronta pra mostrar a ele mas mal tive tempo, fui agarrada em um rompante. Seus braços me rodearam por trás e sua boca já veio direto em meu pescoço, naquele cantinho que eu sei que ele adora, deixando uma mordida, seguida por uma chupada que me fez apertar as pernas.

— Que saudade de você, neném... que saudade do teu cheiro, do teu gosto, do teu toque... — suas mãos alcançaram a barra da minha blusa e saíram puxando, me desnudando. Eu apenas ergui os braços e senti o tecido passar por eles e sumir, segundos depois. Suas mãos ansiosas tomaram os meus seios, ainda por cima da renda do sutiã,

acariciando, apertando... enquanto ele se mantinha atrás de mim beijando meu pescoço, minha nuca, puxando o lóbulo da minha orelha com os dentes.

Foi um verdadeiro ataque que me deixou alerta e mole ao mesmo tempo. Seu braço direito veio por cima do meu ombro, me deixando presa enquanto sua mão passeava por meu seio, entrando por baixo da renda, brincando com o bico dolorido. Já a mão esquerda, essa danada experiente que felizmente eu não havia decepado, escorregou por dentro do cóis da calça, desbravando o caminho, matando as saudades.

— Eu sabia que essa boceta ia estar molhada me esperando.

Deitei a cabeça em seu ombro, quando seus dedos tocaram minha carne encharcada, e sua boca me tomou em um beijo faminto. Minha cabeça rodou e se alguém me perguntasse ali qual o meu nome, eu não saberia dizer.

Mal notei quando ele me deitou em cima do capô do carro, ali mesmo na garagem, e afastando o sutiã liberando meus seios, passando a brincar com eles daquela forma enlouquecedora que somente ele sabia fazer. E meu corpo o reconhecia. Ansiava

PERIGOSAS ACHERON

por ele, na verdade... era como se flamejasse cada vez que seus dedos, sua língua, seus lábios passassem por minha pele, lhe dando boas vindas. E implorando que ele nunca mais partisse.

— Cama... agora... — ele me disse, entre beijos, e saímos agarrados, esbarrando pelos cantos, subindo as escadas mal nos atentando se iríamos nos arrebentar caso tropeçássemos.

Não vou dizer que prestei atenção no lugar, estava vidrada naquelas piscinas, outrora azuis mas que agora estavam completamente enegrecidas.

Sei que naquele vídeo mental que eu havia feito mais cedo, a cena seria romântica. Roupas tiradas com cuidado, lentamente, lábios tocando cada espacinho do meu corpo tendo todo o tempo pra degustar. Mas aparentemente a minha youtuber interna não sabe muito bem o que é matar as saudades, enlouquecida de tesão. Não demorou muito e estávamos quase nus, sua camiseta sendo jogada pra um canto, minha calça pra outro, os dois grudados e arfantes.

Minhas pernas tremiam, com certeza eu iria desabar a qualquer minuto. E Gael, como se soubesse, me agarrou e jogou-me na cama, vindo

PERIGOSAS ACHERON

por cima de mim, rosnando baixo.

— Se eu não matar as saudades de você logo, eu sou capaz de explodir. — ele disse, a voz rouca, enquanto tirava minha calcinha com pressa — Abre pra mim, neném, me deixa matar as saudades do seu gosto.

Sem me dar tempo de respirar, ele imobiliza as minhas pernas, vindo com tudo, me abocanhando com vontade. Eu poderia gozar só com esse primeiro contato, tamanha ânsia que continha cada chupada que ele me dava. Gael grunhia a cada movimento que ele fazia, faminto, desesperado. Ergui o quadril, buscando ainda mais contato, e ele passou as mãos por baixo de mim, me mantendo erguida, arreganhada, conforme ele me tomava ainda mais, esfregando o rosto em mim, sugando com força. O jeito como sua língua entrava, firme, em mim para logo em seguida ele se apossar do meu clitóris era...

— AH! — Grito alto quando um orgasmo potente me atinge, meu corpo todo trêmulo, desesperado.

— Parece que você ficou ainda mais gostosa... — Gael me puxa pelas pernas, me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encaixando em seu quadril – Preciso te comer agora, neném, ou vou explodir aqui.

Mal ele termina de falar, me penetra com uma estocada firme. Seu rosto vem direto pro meu pescoço, enquanto ele puxa o ar, e posso sentir seu pau pulsando dentro de mim.

— Gael... – minhas mãos sobem por suas costas, indo direto para o seu cabelo, e minhas pernas o envolvem pela cintura, buscando mais contato.

— Eu te amo, neném... – com o corpo apoiado nos cotovelos, ele começa a se mover, rebolando de um jeito enlouquecedor, se enfiando cada vez mais fundo, e sem tirar seus olhos dos meus. Seus gemidos vão ficando cada vez mais altos, e eu passo a segui-lo com os quadris, enquanto o ritmo das estocadas aumenta. Posso sentir seu pau batendo lá no fundo, pulsando dentro de mim, é como se eu estivesse em outra dimensão e só sentisse ele me tomando, me engolindo.

O quarto fica pequeno pra nós dois. Nossos gemidos aumentam a medida que Gael mete mais forte, e mais fundo, e eu o acompanho. Enlouquecidos, completamente entregues.

PERIGOSAS ACHERON

Explodo junto com ele, assim que o sinto liberar seu gozo. Ele desaba sobre mim, buscando ar ao mesmo tempo que seu rosto acaricia o meu, se esfregando como se fosse um gato no cio, nosso suor se misturando.

— Isso foi meio louco... — eu digo quando o vejo se levantar, e retirar a camisinha. Eu mal vi quando ele a colocou, tamanho estado de torpor eu me encontrava.

— Foi... — ele volta para a cama, me levando pra um abraço, ainda suados e completamente exaustos — Quer tomar um banho?

— Quero, daqui a pouco. Agora eu não conseguiria ficar em pé nem que tivesse que lutar pela minha vida.

Fecho os olhos e ouço a risada baixa vinda direto do seu peito. Acho estranho, e me viro, buscando seu olhar, pra entender do que ele está rindo. A sobrancelha zombeteira se mexe, e quando eu sigo seu olhar, posso vê-lo já em posição de semi-sentido.

— Você só pode estar de brincadeira comigo, Gael Prieto!



Já estava anoitecendo quando estacionamos em frente a casa dos seus pais, e por mais que eu saiba que sou bem-vinda naquele local, a ansiedade estava me corroendo. Gael achou que não seria necessário avisá-los e eu, nesse minuto, imaginava a maior sorte de reações contrárias vindas da minha sogra.

Minha sogra. Quão doido é isso? Gael fez questão de me pedir em namoro, entre uma estocada e outra naquele motel que, depois de passada a loucura inicial, vimos que era um lugar bem... peculiar. Como se soubessem que a única coisa que as pessoas procuram ali é mesmo uma cama com colchão e um chuveiro.

Se estou reclamando? Nunca. Voltaria naquele quarto ruim de motel mil vezes se isso me trouxesse ele de volta.

Mal abrimos o portão e já conseguíamos

ouvir as gargalhadas altas de Bruno, provavelmente correndo com Alessandro e Marley no quintal interno. Ele era completamente maluco por esse cachorro, e Joana me disse que o cão, tecnicamente, era dele. Pedro havia comprado depois que Jordie explicara a ele que o menino gostava de cachorros. Quando ainda planejavam nos juntar.

— Vocês se encontraram... — Joana nos recepciona na porta de entrada, um sorriso que não cabe no rosto ao ver nossas mãos unidas.

— No shopping. Como estão as coisas aqui, mama? — Gael abraça a mãe, beijando seu rosto, e até essa mínima interação entre eles eu já posso ver que está diferente. Ele está verdadeiramente mais leve.

— Como podem ouvir, tudo bem. Bruno perguntou muito de você, filho... ele ficou realmente com saudades.

O rosto de Gael se ilumina ao ouvir isso. E, okay, eu sei que ninguém nunca vai lhe substituir a Melissa, assim como eu não estou aqui substituindo a Sofia. Mas é claro como água que meu furacão preencheu um espaço ali dentro que estava vazio e dolorido. Não tem como não notar que Gael agiu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como pai de Bruno desde o início. Sempre foi presente, sempre foi atencioso. Fazia de tudo pra deixar o menino feliz. Horas ao lado dele, seja brincando ou contando histórias. E por duas vezes ele podia ter morrido ao tentar salvar meu filho. Eu não escolhi engravidar de Bruno, mas se eu pudesse escolher seu pai, mil vezes seria Gael.

— E cadê a minha raposinha? – Ele pergunta, já entrando porta adentro e indo ao encontro das risadas no quintal. O quão fofo é ele chamar meu filho de “raposinha”, só por causa do livro favorito dele?

Do *nosso* livro favorito, eu meio que bombardeei Bruno com essa leitura de tanto que eu gostava, foi uma das poucas coisas que eu levei que minha mãe havia me deixado quando fugi de casa. Ver Gael adotando uma parte da minha vida é tão emocionante...

— TIO GAEL! Nossa, que demorado!

— Perdão, garoto. Prometo nunca mais me atrasar. – Gael me estica a mão, num convite pra que eu me junte a eles – Mamãe e eu queremos te contar uma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

Ai não acredito...

— Oi filho... ficou tudo bem aqui, brincou bastante? Comeu? — Noto que a irritante mania de Gael, de levantar uma das sobrancelhas quando eu falava alguma coisa que não era exatamente o que ele queria ouvir, havia sido herdada por Bruno. Ele fez exatamente o mesmo movimento. Como pode?

— O que quer me contar, mamãe? Já comi, já...

O sorriso de lado aparece, e eu o encaro, afinal de contas quem inventou de contar coisas foi ele...

— Você sabia que eu agora sou o namorado da mamãe?

As reações de Bruno são sempre hilárias. Geralmente quando ele gosta da notícia, elas vem acompanhadas com uma boquinha aberta em formato de O, seguida por uma risadinha, ou um “eba” bem barulhento. Eram essas reações que eu estava esperando. Mas elas não vieram.

Meu menino puxou o ar, fundo. As mãozinhas foram deslizando pela barba de Gael — que, felizmente, continuava bem curtinha — até que

PERIGOSAS NACIONAIS

os bracinhos envolveram seu *amigo gandão* em um abraço apertado. Eu não entendi. Gael não entendeu. Seus pais não entenderam. Não até o menino abrir a boca.

— Então agora você é meu papai de verdade? Porque eu já chamava você de papai, aqui na minha cabeça.

Gael precisou puxar o ar, um pouco além do necessário, antes de conseguir responder ao menino que estava realmente ansioso aguardando a resposta.

— Se você me quiser como seu papai de verdade, e a sua mãe deixar, eu posso ser, sim.

— Ah, tio Gael, claro que ela deixa... ela já tinha falado pra tia Lola que era uma pena você não ser meu pai. – e, me olhando, ele ergue os braços, o rosto iluminado num sorriso imenso, a comemoração que eu esperava – CONSEGUIMOS, MAMÃE!

Além de fofoqueiro, ainda faz com que pareça que isso era um plano maligno de dominação. Estou na merda, mesmo...

PERIGOSAS ACHERON



O jantar estava delicioso, como sempre, mas hoje tinha um sabor especial. Não era somente uma comida gostosa em volta da mesa com pessoas que eu gostava. Era a minha família reunida na mesa do jantar.

Era a primeira vez que eu os recebia em minha casa. Não naquela casa onde eu estava morando, não tive coragem de voltar naquele lugar, com certeza iria ver o fantasma de Dimitrius por lá e, sinceramente? Estou cansada de defuntos enchendo o meu saco. Aluguei um apartamento simples, perto da escola, e me mudei com Bruno.

Não sem antes ter uma discussão daquelas com Gael, que achava pertinente e completamente normal a ideia de eu ir viver com ele. Na casa dos pais. Sujeito maluco, deus me livre. Pro seu azar, eu não sou tão dobrável. É muito mais fácil eu conseguir com que ele faça o que eu quero, o homem é fácil demais. Amado demais...

Uma gargalhada explode quando Pedro fala alguma coisa com Bruno, que faz Gael reclamar. É sempre assim, os dois se grudam decididos a tirar o meu Senhor Tempestade do sério.

— Neném, escuta isso... Pedro está marcando com Bruno de pintar as paredes da sala...

— Um mural, Babi! Eu sou bem talentoso, como você sabe.

— Eu sei que você faz fotografia, Pedro. Nunca vi seus quadros...

— Sou um artista nato... – ele diz, sendo acompanhado das gargalhadas de todos, menos de Jordie.

A relação dos dois nunca mais fora a mesma desde que ele soube que ela tinha tido um caso com Dimitrius. Tentei por várias vezes fazer com que ele entendesse que, na época, ela pensava que ele era um espanhol qualquer, mas foi inútil. A cumplicidade que um dia eu tinha visto entre eles havia sido quebrada de vez.

Curiosamente, Pedro tinha sossegado na galinhagem. Gael me contara que ele sempre estava com uma mulher diferente por semana, ou as

namoradas relâmpagos que nunca duravam mais que um mês. Desde aquela época que ele não comenta nada sobre suas saídas noturnas, suas baladas malucas. Era como se ele tivesse desistido de Jordie, e só saía com tantas mulheres antes para provoca-la. E isso, agora, não tinha mais necessidade.

Pode parecer bobeira, afinal de contas nunca os vi juntos. Mas torço para que se acertem, se reencontrem, ou ao menos achem um novo amor. Não é possível que o roteirista dessa história seja tão carrasco.

— Papai, você me leva pra pular de paraquedas?

Gael tem alma aventureira. Quem o via sério, carrancudo e chutando latas na rua mal podia imaginar como ele é realmente. Mês passado fomos ao litoral, ele quis aprender a surfar pra ensinar Bruno. Quando completamos um mês de namoro, me levou a um passeio de balão. Os planos que ele faz com nosso filho – sim, ainda que o menino tenha o nome de Dimitrius em sua certidão, ele é filho de Gael – são sempre radicais. Pular de paraquedas é, talvez, o plano mais “comum” da

lista maluca deles.

— Quando você for mais velho, Bruno. Lembra o que a mamãe disse?

— Lembro, mamãe... “você não tem idade nem tamanho pra ir na montanha russa” – ele fala com uma voz fina, imitando a minha, e a sala novamente explode em gargalhadas.

Quando eu imaginava a minha vida, anos atrás, grávida e sozinha trabalhando num restaurante de beira de estrada em troca de cama e comida, era algo desse tipo que eu imaginava.

Meu filho feliz e saudável. Um companheiro que me amasse e me fizesse feliz. Amigos com que pudesse contar. Uma família reunida em volta da mesa, num almoço de Domingo.

Quando aquela chuva caiu em cima da minha cabeça, meses atrás, eu pensava que era azar. Mas, não era não. Era só a dona chuva me dando uma forcinha. As vezes a vida está nos dando algo bom, só precisamos olhar mais atentamente. Parece conselho de livro de autoajuda, mas não é não.

Eu poderia ter tido o meu coração

endurecido. Afinal de contas foram tantos os motivos que eu tive para que assim fosse. Mas eu sabia que alguma coisa ia brilhar pra mim, mais cedo ou mais tarde. Não tinha ideia que seria um raio de tempestade, mas eu sabia que viria.

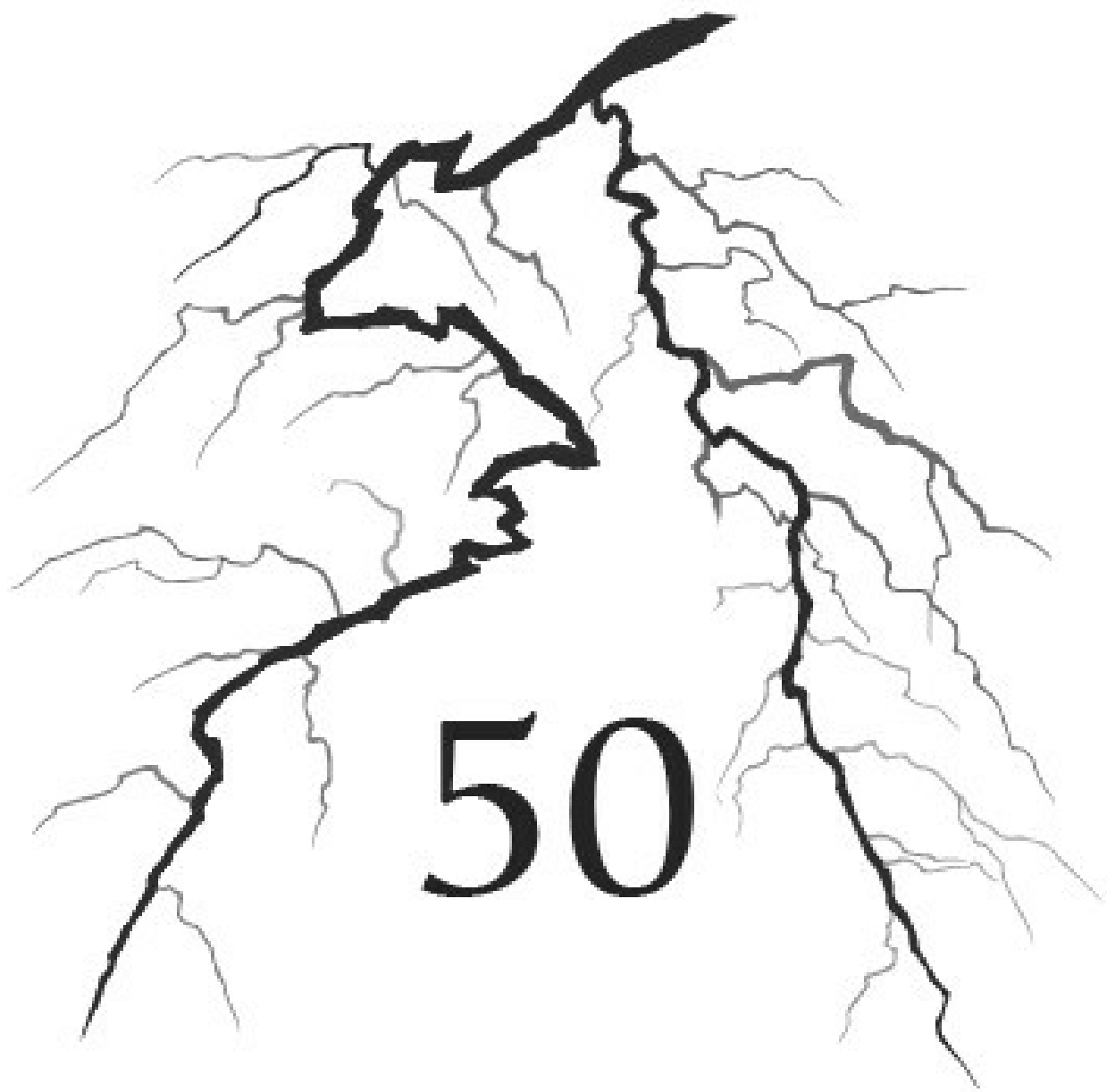
— Eu ia oferecer um real pelos seus pensamentos, mas tenho certeza que eles devem valer mais que isso... — Gael sussurra em meu ouvido, depois de me dar um beijo no pescoço, ao passar carregando os pratos da mesa que eles já começaram a recolher.

— Estava pensando em como eu te amo.

Ver seus olhos faiscarem sempre, como agora, é tudo o que eu mais quero nessa vida.

— Não mais que eu, neném...

PERIGOSAS NACIONAIS



50

Gael

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpe, senhor... — o garoto passa apressado, esbarrando em todo mundo, e eu até poderia achar ruim se não visse pra *onde* ele estava correndo. Uma garota estava esperando, encostada na lateral de um carro, e abriu um sorriso imenso assim que viu o rapaz saindo pelo portão da universidade.

Até eu que sou mais bobo correria pra minha neném se ela estivesse me esperando com um sorriso daquele tamanho.

Combinei de vir buscar Babi hoje na saída da universidade, afinal de contas não é todo dia que se comemoram dois anos de namoro. E eu tenho várias surpresas pra ela essa noite...

— Oi, moço! — sua voz suave me alcança e eu arrumo o corpo, abrindo os braços recebendo-a. Coração disparado como se fosse a primeira vez que a estivesse vendo.

— Oi, neném... tudo bem por aqui? — Pergunto, depois de dar-lhe um beijo.

— Tudo... quase cheguei atrasada hoje, acredita? Tive que sair mais tarde do estúdio, e o

trânsito estava infernal.

Babi ainda estava trabalhando no estúdio de arquitetura, o mesmo que Malu Bittencourt a havia indicado. Mas seria seu último ano, e, por isso, ela sempre procurava fazer tudo o que aqueles folgados pediam.

— Mas você não tem horário? Eles não podem ficar te segurando até tão tarde...

— Logo eu vou sair procurando estágio, amor... não custa fazer uns agradinhos.

A primeira coisa que Babi fez, assim que nos acertamos, anos atrás, foi se matricular na universidade. Ela tinha o sonho de cursar odontologia e trabalhar com crianças, e assim seria. Ainda estava no início da sua caminhada, cursava o segundo ano, mas aprendemos que de passo a passo, chegamos ao longe.

— Mamãe vai ficar com o Bruno hoje. — Seu pescoço chicoteia em minha direção, eu disse que viria busca-la mas não tinha falado sobre meus planos — A noite hoje é de comemoração.

— Ui, já estou curiosa. Empolgada. Ansiosa. Molhada...

Gargalho alto e dou partida, seguindo em direção ao bairro que agora nos é tão caro. O mesmo bairro em que mora minha família, onde fica a escola de Jordie, e onde ela estava vivendo depois de ter saído do apartamento que Adrian lhe cedeu. Sim, como pode imaginar, não tinha condições de continuar naquele lugar depois de tudo o que aconteceu. Mas, como esperado, Babi não é uma pessoa fácil. A minha intenção era carrega-la, junto com Bruno, pra viver comigo na casa de meus pais até eu comprar um lugar nosso. Parece que estou ouvindo essa atrevida falando...

“Eu amo você, Gael, com toda a minha vida. Mas não tenho a menor intenção de me enfiar na casa dos seus pais, e tampouco me ‘casar’ com você tendo apenas um dia de namoro. Se orienta!”

Ajudei-a a escolher um apartamento pequeno, próximo à escola onde ficaria fácil pra ela deixar Bruno pela manhã e busca-lo em casa à noite, quando chegasse do trabalho. E, apesar de não morarmos juntos, ficar separados era algo que, realmente, não acontecia com frequência.

— Eu vi a Madalena hoje mais cedo... — Babi me alerta e fico, de certa forma, chateado.

Essa mulher sempre foi um pé no saco, nunca gostou de mim ou me deixou em paz. Até, claro, encontrar com Babi. Minha menina nunca tinha perdoado aquela visita que a mulher me fizera, e, na primeira oportunidade, soltou-lhe os cachorros. Parece que estou vendo Babi arrastando a velha pelos braços em sua primeira visita ao seu apartamento, quando a mulher tentou fazer um escândalo e nos jogar um contra o outro.

“Existem algumas coisas que meu pai me ensinou, e a primeira delas foi: não seja uma filha da puta. Você foi tão baixa que passou pela minha cabeça que estivesse de conluio com o assassino da sua filha. É assim que você quer ser confundida? Como alguém capaz de fazer esse tipo de coisa?”

A mulher só não apanhou esse dia porque Babi tem mais juízo que eu. Mas saiu escorraçada e acabou sumindo. Pouco depois, ficamos sabendo que ela tinha, de fato, enlouquecido. As vezes ainda a encontramos caminhando pelas ruas, acompanhada por uma cuidadora, totalmente alheia à realidade.

— Ela te reconheceu? — Babi somente nega com a cabeça, o assunto não é realmente algo do

qual falamos com frequência mas eu sempre me preocupo de Madalena voltar a aparecer com seus escândalos e maledicências.

— Como foi no fórum hoje? — Sua pergunta muda o rumo dos meus pensamentos, e meu sorriso aberto já lhe diz que o dia foi excelente.

— Absolvido. Conseguimos provar que o rapaz era inocente.

Continuo trabalhando na “Santos Neto Advocacia”, como advogado associado. Marcos tentou me convencer a ser seu sócio, mas eu aprendi que não preciso disso, mesmo. Continuo atendendo os clientes graúdos —escolhendo detalhadamente caso a caso — mas o que me completa profissionalmente são os casos *pro bono*. Pessoas simples, sem condições, com casos complicadíssimos, que, assim como aconteceu dois anos atrás com dona Rosa, fazem pulsar aquela veia justiceira.

O caso de hoje foi de um rapaz acusado de estupro seguido de morte. Um caso horroroso que me faria passar direto, não fossem todas as evidências que mostravam que o rapaz era inocente. Acabei conseguindo provar que, na hora

PERIGOSAS ACHERON

do crime, ele estava trabalhando num posto de gasolina localizado ao extremo oposto de onde a garota havia sido morta. Depois de passar tanto tempo ajudando gente escroque²² fugir da justiça, era um prazer conseguir ajudar gente inocente.

— Ninguém pode com o Senhor Tempestade... – Babi solta com uma voz teatral.

— Ué, eu pensei que esse apelido seria usado somente quando eu fosse um babaca!

— E é... mas então você precisa *ser* um babaca, amor. Como você não é nunca, eu preciso de um motivo pra usar, ué...

Me estico dando-lhe um beijo, assim que estaciono o carro em nosso destino. Babi olha em volta, e sorri aberto, reconhecendo o lugar.

— Ia ser tão legal se hoje estivesse chovendo...

— Seria, não? – Pisco, antes de sair do carro. Dou a volta e abro a porta do passageiro, fazendo com que ela saia bem na frente de onde estaria o ponto de ônibus.

— O muro chique... – ela aponta. Babi me

contou que tinha escolhido esperar em frente essa casa por causa do muro, porque a lembrava de seu pai. O ponto de ônibus ficava agora na quadra de baixo, mas as heras subindo o muro continuavam aqui, bem cuidadas inclusive, se levar em conta que a casa tinha ficado à venda por tanto tempo.

— O muro chique... — a trago para um abraço, instintivamente meu rosto vai até seu pescoço, em busca do seu perfume — e você sabia que tem um jardimzinho bem bonito aí?

O pescoço, obviamente, busca a casa que é toda fechada. O caminho de heras do muro alto é interrompido por dois portões de ferro grandes, pintados de branco. O movimento de suas sobrancelhas entrega que ela não tem ideia de como eu sei disso, e não demora muito até que a pergunta venha.

— Andou pulando o muro, Gael?

— Não. É alto e já tô quase nos quarenta. Mas digamos que eu fui convidado a entrar...

Alguns diriam que eu estou brincando com a sorte. E não vou mentir não, se Babi brinca assim comigo eu fico puto. Ainda morro de ciúmes dela, a

única diferença é que hoje eu não pareço um boi bravo querendo torcer o pescoço de todo mundo.

— Vai explicar, ou vou ter que perguntar?

A trago para mais um abraço, e aproveito pra morder o queixo furadinho e atrevido, antes de sair puxando-a pro portão menor. Quando eu abro o portão, a casa está toda iluminada e o caminho de pedras que segue do portão até a varanda está tomado por pequenas velas acesas e tremulantes, dentro de pequenos castiçais de vidro. *Valeu, Jordie!*

— O que é isso, amor? Está tendo uma festa aqui?

— Digamos que sim... – seguro sua mão e sigo adiante, já sabendo que a porta da sala está apenas encostada – vem comigo.

A casa ainda está vazia, sem móveis. Malu queria cuidar de tudo e me entregar pronta, mas eu não quis tirar esse gostinho de Babi. Quando vi que a casa estava à venda, eu não pensei duas vezes, ela tinha que ser minha. Que ser nossa.

Diferente de Sofia, que detestava casa térrea e achava que o prazer da vida era viver em

apartamentos, Babi gosta de espaço. Notei como ela fica na casa dos meus pais, correndo com Bruno atrás de Marley parecendo ter quinze anos de idade. Ao ver o tamanho do espaço externo que essa casa tinha, eu sequer precisava olhar o espaço interno pra saber que era aqui que viveríamos juntos.

— Gael... essa casa está pra alugar? – Suas mãos passeiam pelas paredes recém pintadas, seguindo o caminho que leva até a cozinha, grande e espaçosa.

— Não... infelizmente eu acho que o proprietário vai querer morar nela. Porque, quer que eu converse com ele?

Com passos vacilantes ela volta até a mim, os braços envolvem a minha cintura e, na ponta do pé, deixa uma mordida no meu maxilar.

— Fala pra sua neném, que lugar é esse?

E é assim que ela me dobra, toda santa vez.

— Digamos que eu tenha pensado em algo, que na minha cabeça fazia muito sentido. Jordie não quis me vender a escola dela, sabe? Ela é muito apegada aquele lugar, chega a ser irritante...

— Comprar a escola?

— Sim... eu queria viver no lugar onde eu tinha te visto pela primeira vez. Claro que teria que aumentar o balcão da recepção, lá não caberia um colchão de casal, mas... — Ganho um tapa no braço e puxo sua mão, trazendo pra um beijo — enfim, ela não quis. Aí me sobrou o muro.

É uma gracinha de ver sua expressão conforme ela compreende o que estou dizendo. O vinco entre as sobrancelhas somem, o olho aumenta consideravelmente de tamanho, e lacrimejam um pouquinho. A boca, deliciosa, abre e fecha querendo dizer algo que as palavras escapam.

— Eu comprei essa casa porque foi aqui que o sol voltou a brilhar pra mim, Babi. Apesar da chuva infernal que estava caindo aquele dia, foi aqui que ele brilhou. Ali, naquele muro, ensopado igual um preá fofo, em baixo de um guarda-chuva torto e com um mau humor do cão. Mas brilhou pra mim, e me salvou.

— Eu amo você, Gael.

— Espera... não terminei ainda. — Tiro a caixinha do bolso, a aliança está comprada há meses só esperando um momento especial. Não acho que preciso esperar outro mais especial que

PERIGOSAS ACHERON

esse — Eu espero que seu dedo continue igual há meses atrás.

Quando eu me ajoelho na frente dela, as lágrimas já estão correndo por seu rosto bonito. E o sorriso poderia iluminar o caminho inteiro no lugar daquelas velas.

— Casa comigo, Babi? Me deixa ser seu marido?

— Tudo isso é só pra poder dormir lá em casa toda noite?

— Nossa, até que enfim você entendeu. Não aguentava mais ser chutado pra fora toda noite... — mal consigo terminar de falar, e ela já está pulando em meus braços. Com o impulso eu caio de costas e ela vem por cima, me enchendo de beijos.

— Vai demorar muito pra gente casar?

— Agora você está com pressa? Quando eu te pedi pra morar comigo com cinco horas de namoro você correu, como se eu fosse algum psicopata maluco...

— Iam pensar que eu era fácil demais, meu amor. Mas eu pensei que você ia perguntar novamente quando completássemos seis horas, só

PERIGOSAS ACHERON

que você nunca mais perguntou...

— Eu estava esperando você pedir.
Demorou demais...

Seguro sua mão direita e deslizo a aliança, tão delicada quanto ela. Não era a minha primeira escolha, mas Pedro ficou enchendo o meu saco dizendo que a outra parecia uma roda de carreta. Só porque era *um pouco* grossa.

— Gostou? — Pergunto quando vejo ela analisando os detalhes da aliança.

— É linda... — sua mão sai procurando ao redor, até encontrar a caixinha onde estava o anel. Ela abre e fecha a cara quando vê que está vazia. — Cadê a sua?

— Eu preciso de aliança?

— Pode ser uma coleira também, aí você escolhe...

E depois eu é que sou o ciumento... Arrumo o corpo e busco, no outro bolso da calça, a segunda caixinha com a minha aliança. A moleca dá um sorriso de satisfação quando coloca o anel no meu dedo. O pensamento dela parece ir longe, enquanto ela passa o dedo na aliança, talvez pensando que

PERIGOSAS ACHERON

agora ELA é a dona desse brilho na minha mão.

E dona do meu coração também.

— Feliz dois anos, neném... — a trago para um beijo, minha mão já criando vida própria procurando a fenda da blusa, quando ela me empurra.

— Eu ainda preciso dar o meu presente, seu assanhado.

— Ah, o presente não é isso aqui, não? — Aperto sua virilha, e ela arfa, muito safada. Ela então pega a minha mão a traz pro seu estômago, a deixando ali. Um sorriso enorme no rosto, os olhos marejados...

— Não. O presente tá aqui. Feliz dois anos, papai.

Levo alguns segundos até entender o que ela quis dizer. Fico trocando o olhar, entre observar o sorriso enorme, as lágrimas caindo, a mão sob a barriga... minha garganta fecha imediatamente, o coração dispara, eu mal consigo falar.

— Você...

— Um mês... e ele é bem bonzinho, porque

nem enjôo eu estou tendo, acredita?

— Quando soube? Quando...

— Fiz o exame tem três dias. Eu já estava desconfiada, mas eu queria ter certeza e depois... queria te contar hoje. No nosso dia.

— Um bebê... — tomo sua boca e beijo com tudo o que eu tenho. Eu não pensava que poderia ser ainda mais feliz. Eu já tinha tudo o que eu queria, tudo o que eu precisava, e como sempre ela continuava me dando mais. — Eu não sabia que você tinha parado com as pílulas.

— Eu não ia parar... acabei esquecendo de tomar, naquela semana em que Agnes esteve aqui.

Sinto quando ela estremece, ainda lembrando de todo o estresse. Agnes, mãe de Dimitrius, veio da Grécia especialmente pra conhecer o neto. O “*bástardo*”, como ela fazia questão de dizer. Achava absurdo que um filho concebido fora do casamento tivesse sido reconhecido, e era herdeiro da fortuna Kyriacos. Na cabeça maluca da mulher, o ideal seria casar minha Babi com Adrian. Depois desse tempo todo, você já me conhece. A imagem mais “tranquila” que eu

tinha feito do greguinho trazia a cabeça dele pendurada numa estaca enfeitando a fachada da empresa. Mas, como em todas as outras vezes, o garoto surpreendeu.

Adrian tinha conseguido limpar o nome da família e agora, apesar de num tamanho mais modesto, a Kyriacos & Co. figurava entre as companhias mais idôneas do país. Demorou bastante, mais de um ano até conseguir regularizar tudo, eles perderam muito dinheiro pagando multas, mas da forma como está hoje, não dou uma década até que eles tenham o mesmo tamanho que já tiveram um dia... e dessa vez, corretamente.

Seu pai, Nicolas, sequer chegou a ser preso. Quando foi decretada a sua prisão preventiva, poucos dias após da morte de Dimitrius, ele se suicidou. E Agnes nunca mais tinha pisado no Brasil, até esse dia, exigindo o casamento de seu filho com minha mulher.

O moleque não arredou pé de manter Bruno como herdeiro, e ainda colocou a mãe de volta em um avião, rumo a Grécia, com passagem somente de ida. Que vá com as pulgas gregas!

— Podemos dizer então que a visita
PERIGOSAS ACHERON

desagradável teve uma coisa boa... — faço um carinho em seu rosto, querendo apagar as lembranças de vez. Depois de anos sofrendo por causa dessa família, ela não merece passar por nada disso novamente.

— É... e a propósito, Senhor Tempestade, eu não quero casar barriguda, viu? Sempre sonhei com um vestido lindo, então... já sabe.

Vou em direção a sua barriga, deixando um beijo onde ele agora cresce, e encosto meu rosto pra conversar melhor com ele.

— Oi bebê... é o papai. Você está escutando a sua mãe? Ela é bem mandona, eu acho que você vai estar muito ferrado quando sair daí...

— Gael! Não pode falar *ferrado* pro bebê. Não vai ficar ensinando besteira igual você faz com o Bruno!

— Ouviu, bebê? A Senhora Tormenta é brava que só... — ouço ela gargalhar, o estômago se mexe em baixo da minha cabeça — Fica quieta, Babi, me deixa falar com o bebê...

— Você acha que o Pedro vai aceitar ser padrinho do bebê? Ele ficou triste quando demos o

PERIGOSAS NACIONAIS

Bruno pros seus pais batizarem.

— Se eu acho? Neném, é capaz dele sequestrar você e só devolver se eu tiver com um padre esperando...

— Quem sabe agora ele volta da Escócia, né? Vai querer marcar terreno e não correr o risco de acharmos outro padrinho pro nosso filho.

Pedro saiu de férias permanentes ano passado, inventou de ser fotógrafo de paisagens e como nós conhecemos a Malu, ele não pensou duas vezes. A intenção era ser um período curto, de um mês, mas está perto de completar um ano que ele se foi. Ao menos foi um benefício e tanto pra sua carreira, que deu uma alavancada, suas fotografias ficaram famosas e foram parar em várias revistas de viagens.

Quem continua triste com isso é Jordie. Assim como Babi, eu não acredito que eles nunca tiveram nada, é muita mágoa para um simples “amigos”.

— Espero que sim. O lugar dele é aqui, e ele tem muitos lugares no Brasil pra fotografar, não precisa ser lá do outro lado do mundo.

PERIGOSAS ACHERON

Deito novamente em sua barriga, mal vendo a hora de ir às consultas. A primeira vez que eu ouvi o coração da Mel eu quase desmaiei, sem brincadeira nenhuma. A sensação só foi comparada com o dia em que Bruno me chamou de papai pela primeira vez, depois do anúncio de nosso namoro. Ele simplesmente ergueu a mãozinha e disse: “posso dormir com você hoje, papai?”

E agora vem essa coisinha, pra me fazer desmaiar também. Porque ela vai, tenho certeza. E se eu for muito sortudo, mas bem sortudo mesmo, vai vir uma menina, tão atrevida quanto a mãe.

Fico imaginando a loucura que vai ser aquela casa quando eu chegar anunciando que vamos nos casar, e que ela vai me dar um filho. Eles vão enlouquecer, com certeza!

Não sei se pelo fato de ser sozinha, de não ter família e ter perdido a mãe muito cedo, Babi se tornou o xodó da minha mãe. Me emociona ver como elas se dão bem, agindo como se fossem mesmo mãe e filha. Tanto que várias vezes Jordie dá defeito, reclamando com ciúmes.

E pensar em Jordie me faz lembrar que Bruno vai ter um irmão mais novo. Ele vai pirar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com essa história de bebê, aposto. Outro dia estava tagarelando como o seu melhor amigo tem “*três irmãos, papai, e eu não tenho nenhum!*”, me fazendo engasgar.

Houve um dia, alguns anos atrás, que tudo o que eu queria era que meu coração simplesmente parasse de bater. Ansiava por isso. Xingava ele todas as manhãs, por continuar me mantendo em pé. Olhando em volta, agora, acho que devo agradecer. Tenho a mulher que amo nos braços, estou falando do meu filho, meu menino, meu moleque... e dando as boas vindas a mais um bebê.

Meu coração estava morto, e agora está cheio de vida.

— Eu amo você, Gael... — sua mão faz um carinho gostoso em meu cabelo e eu ergo o rosto, buscando seu olhar. Minha neném, o raio de sol que invadiu minha tempestade. A mulher que me fez querer viver de novo.

— Não mais que eu, neném...

FIM.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Seis anos depois

PERIGOSAS ACHERON

Eu definitivamente estou ficando velho. Não pensava assim até o relógio bater nove da noite e eu torcer, intimamente mas com muito afínco, pra que os convidados fossem embora. Babi resolveu fazer a festa de Bianca aqui no jardim e eu prometo nunca mais ceder àquele “faz isso pra sua neném” que sempre me deixa idiota, aceitando coisas desse tipo.

— Cinco anos, hein? Daqui a pouco ela está com namoradinho... — Samuel tirou o dia pra encher meu saco com essa história de namorado. Não é possível que só eu pense ser cedo demais pra surtar com isso.

— Você podia encomendar o seu... a sua namorada tem cara de quem adora crianças...

— Ela realmente adora. Só vamos esperar um pouco, a pâtisserie dela ainda está no início...

Raquel, namorada dele, abriu uma pequena pâtisserie junto com a mãe. O negócio estourou de tal forma que ela vive tendo convites, buscando expansão e franquias. Até o momento, ela se mantém firme.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cara, você é mais novo que eu... — Vicente se aproxima, já se esparramando no gramado — nem eu estou tão destruído quanto você.

— Sua hora ainda vai chegar, *babaca*.

— A minha vai. A sua vem vindo correndo aí, se prepara...

Nem bem ele termina de falar e já ouço os gritos de Bruno, correndo atrás de uma Bianca linda vestida de abelha, desesperado exigindo que ela lhe devolva algo.

— Papai! Papai! Ele não quer me emprestar o *gaminho*...

— É meu celular, Bianca! Não é um *gaminho*. Papai, pede pra ela, por favor, me devolver?

Levanto a pequena abelhinha no colo, a bochecha corada pela corrida e a carinha safada de quem só queria, mesmo, importunar o irmão.

— Papai já explicou que tem coisas que não são brinquedo, e não pode pegar, lembra? — os olhinhos arregalam, por conta do tom firme que eu uso com ela. — Devolve agora...

PERIGOSAS ACHERON

Bianca obedece, se desculpando, e eu acho uma graça. À primeira vista, podem pensar que eles não se dão bem. São seis anos de diferença, Bruno está em outra fase agora, não é mais aquele molequinho tagarela. Mas ele consegue ser ainda mais protetor dela do que eu era de Jordie. Por isso não me surpreendo quando ele estica os braços, chamando a irmã, como se a livrasse de um problema daqueles.

— Vou cuidar dela, papai. — Ele anuncia, orgulhoso, e sai jardim afora de mãos dadas com a irmã.

— Ele parece muito você, moço... — Babi me enlaça pela cintura, linda demais em um vestido soltinho e florido.

— Ele vai gostar de saber que é bem bonito.. — busco meu lugar favorito, a curvinha do pescoço que parece concentrar mais o seu perfume — que horas vai servir o bolo? Já cantou parabéns faz tanto tempo, neném...

— Nossa, Gael, que distraído... o bolo foi servido faz tempo!

— E porque eu ainda não comi nenhum

PERIGOSAS NACIONAIS

pedaço? É bolo de chocolate com morango, neném, não me judia...

— O seu pedaço – ela esclarece com a voz baixa, bem no pé do meu ouvido – eu vou te servir mais tarde, em um pratinho especial.

Que jogo baixo...

— Que horas essas pessoas vão embora mesmo?

— Ah, meu amor... não seja assim mau educado. Vamos voltar lá, está todo mundo entretido ouvindo as histórias do Pepê...

Meu amigo estava mais empolgado que nunca. Mas também pudera, depois que ele...

Não, acho melhor deixar que ele conte o que realmente aconteceu depois daquela viagem à Escócia.

— Gael! – Antes mesmo de chegar já ouço a voz de Pedro, como sempre o rei da festa, rodeado de gente com Pietra nos braços. – Te juro que não foi minha ideia, foi o Bruno quem sugeriu, mas sabe que eu gostei? Ele viu uma propaganda de curso de mergulho, isso a gente não fez ainda...

PERIGOSAS ACHERON

Se antes eu fazia minhas aventuras com Pedro, agora temos mais um companheiro. Obviamente nem tudo o que planejamos pode ser feito – ainda – mas saber que Bruno é tão ou mais aventureiro que nós, é realmente um deleite. Não que a mãe dele concorde com isso, vivo levando beliscões a cada proposta que faço ou aceito, mas no final sei bem que ela gosta de ver nossa cumplicidade.

— E tem idade mínima? – Pergunto, já notando os olhos de Bruno faiscando de felicidade.

— Pra nossa sorte, o mínimo é dez anos. Olha só que furacão sortudo!

— E eu, padrinho?

— Abelha não nada... – Pedro agarra ela com facilidade, a segurando com o braço livre enquanto beija sua carinha emburrada.

— Que injusta essa vida de criança...

As horas vão passando e os convidados, finalmente, começam a nos prestigiar com sua partida. Não, eu não fiquei antissocial, eu honestamente adoro reunir meus amigos em casa. Samuel e Raquel, Rodrigo e Sara, Vicente e Malu,

PERIGOSAS NACIONAIS

Gustavo e Helena, Pedro, Jordie, meus pais... é difícil passar um final de semana sem que ao menos um deles não esteja por aqui. Ainda tem o pessoal do escritório, ou os amigos de Babi, do consultório. Mas entre preparar, organizar, receber e curtir a festa, eu já estava pedindo socorro. Socorro, um banho, uma massagem e... meu pedaço de bolo.

Sento na cama, tirando os sapatos e esticando os braços, alongando os músculos antes de ir pro chuveiro. Podia sentir por antecipação a água quente batendo nas costas e...

— Amor, coloca a Bianca na cama enquanto eu tomo um banho?

— Babi, eu já estou a meio caminho do chuveiro! – Respondo, indignado e vejo quando ela coloca a cabeça dentro do quarto, vestida com um roupão de banho, e me dá uma piscada.

— Faz isso pra sua neném, por favor...

É, pensando bem ela está mais a *meio caminho do chuveiro* do que eu. Resignado, levanto e sigo pro quarto de Bianca, que tinha acabado de tomar banho e estava linda, num pijama... verde limão?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bebê, que roupa é essa?

— Bonita, né, pai? Padrinho quem me deu, aqui do lado tem um astronauta, olha só. Ele falou que era pra eu poder ver que ele me ama daqui até a lua...

Pepê não perdoa nem a afilhada com essas cantadas baratas, impressionante.

— Eu pensei que era *eu* quem te amava daqui até a lua.

— Não, bobo. Eu te amo daqui até Netuno, que é mais longe...

Sei bem de quem ela herdou essa facilidade em me dobrar. Me perco entre histórias e falatórios até que ela finalmente apaga, e no caminho de volta passo no quarto de Bruno, que ainda está acordado, deitado na cama lendo mais um capítulo de algum livro novo que sua mãe lhe deu, com Marley deitado aos pés da sua cama. Companheiros inseparáveis desde que nos mudamos.

Uma saudade absurda de quando ele era pequeno, e saía correndo pela casa com um exemplar de “O Pequeno Príncipe” nos fazendo ler infinitas vezes até decorar todas as linhas, me toma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha raposinha cativante, crescendo tão rápido, queria ser capaz de segurar o tempo.

Entro quarto adentro, me sentando na beira de sua cama como tantas vezes fiz, bagunçando seu cabelo, e posso ver a mesma briga diária que seus olhos azuis travam pra se manterem abertos mais um tempo.

— Oi, papai...

— E aí, furacão. Gostou da festa?

— Foi legal. A Bi se divertiu bastante, mais do que quando vocês fazem no buffet.

— Quer a sua aqui, também?

— Ah, não. A gente podia viajar quando for comemorar o meu. Ia gostar muito de estar só a gente. Tenho vários roteiros que eu montei, papai. Alguns bem radicais mas esses eu acho que a mamãe não vai gostar muito.

Mal sabe ele que, assim como eu, só vê-lo feliz já faz bem a ela. Acaricio seu cabelo enquanto ele adianta um pouco os seus roteiros e, assim como sempre foi, vejo os olhos vacilando, fechando... até ele estar ressonando, tranquilo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Volto pro quarto, a luz já está apagada, só o abajur aceso iluminando o local. E na cama, vestindo uma indecente camisolinha branca, Babi me espera com um pedaço de bolo de chocolate com morango nas mãos.

— Vem com sua neném, vem...

E eu me sinto o homem mais feliz do universo.

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Ao meu marido, e meus filhos, pelo apoio incondicional que me deram.

João, pelas dicas de enredo e músicas da playlist – e inspiração pra um certo furacão.

Bruna Cristina, minha artista favorita, meu raio de sol, pela capa linda.

As amigas autoras Lilly Baker e JS Pereira pelo empurrão logo no início das postagens, que clarearam minhas ideias e me deram a confiança pra continuar o trabalho.

A amiga e leitora Leila Maia, minha beta querida, por toda a força, leitura crítica e revisão.

PERIGOSAS NACIONAIS

A amiga e leitora Val Gonçalves pelo “*up*” promocional do livro, quando ainda estava caminhando, escondidinho entre tantos títulos.

Ellen Scofield, pelo book trailer fantástico!

April Kroes, pela diagramação linda!

Aos meus amados leitores do Wattpad, que acompanharam capítulo por capítulo, surtando e se emocionando com esse casal.

E a você, leitor, que está prestes a conhecer essa história, feita com muito amor e carinho.

Gratidão, sempre!

PERIGOSAS ACHERON

Sobre a Autora

Lucy Foster é paulistana, inacreditavelmente mãe de dois adolescentes, casada e tem paixão por leitura desde a infância, onde se perdia nas leituras de contos de fadas e gibis em quadrinhos. Já sua paixão pela escrita se deu ainda na adolescência mas somente agora decidiu compartilhar suas histórias.

Trabalha com atendimento ao público, e escreve nas horas vagas. Adora filmes e séries românticas, mocinhos protetores e mocinhas independentes. E isso acaba se refletindo nos mundos que cria.

PERIGOSAS NACIONAIS

Redes sociais:

Instagram:

<https://instagram.com/autoralucyfoster>

Facebook:

<https://facebook.com/autoralucyfoster>

Wattpad: <https://my.w.tt/VWny3UKB2T>

PERIGOSAS ACHERON

Notas

[[←1](#)]

Traduzido do inglês significa: *Verificado*

[←2]

Insulfilm, película de proteção para vidros de
carro

[←3]

Em italiano: Bebê, menino

PERIGOSAS NACIONAIS

[←4]

Olá, pai! (italiano)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[←5]

Demora (no inglês)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[←6]

Que ou aquele que, ao falar, troca certas consoante; Que ou aquele que gagueja, que tartamudeia.

PERIGOSAS ACHERON

[←7]

Roupa desalinhada, amassada....

[←8]

Oi filho, como vai você? (italiano)

PERIGOSAS NACIONAIS

[←9]

Pai (italiano)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[[←10](#)]

Meu amor (grego)

PERIGOSAS ACHERON

[[←11](#)]

É o deus grego do submundo, do reino dos mortos, e na mitologia romana, ele é chamado de Plutão. Também é chamado de deus da riqueza porque possui todos os metais preciosos do planeta. Reside e governa o lugar mais sombrio da Terra, para onde vão as almas dos mortos.

[←12]

Contração da expressão "qual é", mas pode-se dizer que é gíria carioca.

[←13]

Meu Filho (grego)

[←14]

Voil é um tecido especial, feito para cortinas e forros, que é diferenciado por se tratar de uma mistura de vários materiais, como algodão, mesclas de poliéster, elastano ou outros.

[[←15](#)]

Maldita (Italiano)

[←16]

Tesouro (Italiano, expressão usada como forma de carinho)

[←17]

significa enumerar, catalogar, compor uma lista

[←18]

Deusa da vingança e da justiça distributiva

[[←19](#)]

Significa atraso e representa a diferença de tempo entre o envio e o recebimento de um sinal ou informação em sistemas de comunicação.

[←20]

É quando os advogados atendem clientes que não podem pagar, fazer o bem sem olhar a quem

[←21]

Estar com *siricutico* significa estar ansioso(a), nervoso(a), curioso(a) ou as 3 coisas ao mesmo tempo.

[←22]

Aquele que se apodera de bens alheios por meios ardilosos e fraudulentos.

Table of Contents

[Dedicatória](#)

[Epigrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

PERIGOSAS ACHERON